

ANNAES
DA
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A ADMINISTRAÇÃO
DO
DIRECTOR GERAL

RODOLFO GARCIA

*Litterarum seu librorum
negotium concludimus hominis
esse vitam.*
(Philobiblion, Cap. XV).



1927

VOLUME XLIX

SUMMARIO: I. — Historia de la Fvndacion del collegio de la capi- tania de Pernanbuco	5
II. — Antonio Rodrigues, soldado, viajante e jesuita portuguez na America do Sul, no seculo XVI.	55
III. — Livro de Denunciações do Santo Officio na Bahia.	75
IV. — Actas da Camara de Villa Rica. (1711 - 1715)	199
V. — Informação sobre alguns periodicos da Bibliotheca	393
VI. — Gonzagueana da Bibliotheca Nacional	417

RIO DE JANEIRO
BIBLIOTHECA NACIONAL

1936

ANNAES
DA
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

ANNAES
DA
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A ADMINISTRAÇÃO
DO
DIRECTOR GERAL

RODOLFO GARCIA

*Litterarum seu librorum
negotium concludimus hominis
esse vitam.*
(Philobiblion, Cap. XV).



1927

VOLUME XLIX

SUMMARIO: I. — Historia de la Fvndacion del collegio de la capi- tania de Pernambuco	5
II. — Antonio Rodrigues, soldado, viajante e jesuita portuguez na America do Sul, no seculo XVI.	55
III. — Livro de Denunciações do Santo Officio na Bahia.	75
IV. — Actas da Camara de Villa Rica. (1711 - 1715)	199
V. — Informação sobre alguns periodicos da Bibliotheca	393
VI. — Gonzagueana da Bibliotheca Nacional	417

RIO DE JANEIRO
BIBLIOTHECA NACIONAL

1936

**Historia de la Fvndacion
del collegio de la capitania
de Pernanbuco**

Os **Annaes da Bibliotheca Nacional**, vol. XIX (1897), ps. 75/144, estamparam a **Historia dos Collegios do Brasil**, conforme manuscrito pertencente á Bibliotheca Nacional de Roma.

Essa **Historia** comprehende a fundação dos Collegios da Bahia de Todos os Santos e do Rio de Janeiro, e leva a narrativa dos successos de ambos até o anno de 1574.

A Historia do Collegio de Pernambuco, talvez por que não existisse na Bibliotheca de Roma, não foi publicada. Saiu mais tarde na **Coleção de Manuscritos da Biblioteca Municipal do Porto**, vcl. VI (1923), com uma introdução de J. Lucio de Azevêdo.

O manuscrito utilizado pela Bibliotheca portuense encontrava-se em máu estado de conservação, de modo que muitas palavras, algumas vezes linhas completas, não puderam ser decifradas e foram na publicação substituídas por pontos. Mercê da bôa vontade e grande gentileza do erudito historiador portuguez, Rev. Padre Dr. Serafim Leite, S. I., um exemplar dessa edição foi confrontado com o manuscrito completo e bem conservado do Archiv. S. I. Roman., **Brasilia 12**, ff. 60/76 v). Afôra umas tantas divergencias de orthographia, que não valem a pena modificar, preencheram-se todas as omissões e corrigiram-se todos os erros de leitura, alguns graves, existentes na publicação do Porto.

Reeditanto a Historia do Collegio de Pernambuco, assim revista e concertada, como complemento á dos outros collegios, sobre a qual avança mais dois annos, pois termina em Outubro de 1876, os **Annaes da Bibliotheca Nacional** pretendem prestar bom serviço ás letras patrias.

Da autoria do infra assignado são as ligeiras notas ampliativas ou explicativas do texto, que vão appostas ao final dos capitulos.

RODOLFO GARCIA

CAPITULO PRIMERO

De los primeros padres que fueron a Pernanbuco

En el año de M.D.XL.IX. embio nuestro padre Ignacio de buena memoria al Brasil al padre manuel de nobrega primer provincial del Brasil con los padres Antonio peres y leonardo nuñes y Ju^o Alpiscueta nabaro y dos hermanos Vicente rodrigues y Diego Jacome (1) los quales despues de se aver ocupado en la Baía por espacio de dos años en la conversion de la gentilidad i en el bien spiritual de los portugueses que ay residian como cōsta de la historia de la fundacion de la baya como el deseo de manifestar la sancta fé Por todas las partes era en ellos tan grande procuro tambiem el padre de dar remedio a las Otras Capitancias que no estaban menos necesitadas que la Baya i assí fue con el padre Antonio peres en el ano de mil y quinientos y cinquenta y uno para pernanBuco (2) siendo Governador del Brasil thome de sosa y Capitan y governador de aquella Capitania Duarte cuello fueron todos muy bien reçevidos y luego comemenzaron de dar remedio a las almas de los blancos con sermones y confesiones y exercitando los mas ministerios de la compañia Avia mucha gente amancebada con las proprias esclavas y indias que los serviam. (3) Por medio de los padres muchos destos se casaron con ellas mesmas para se apartar del pecado otros las dejaban otros avia mas duros de corazon en quien hazia poca ynpresion la palabra de Dios Tambien inpedian los muchos robos y saltos que se hazian en los gentiles y como ninguno de los padres sabia la lengua del Brasil no podian tan de proposito occuparse en la conbersion de la gentilidad por que era mucha mas pusieron Mucha diligencia para los ayudar por ynterprete y fue desta manera Auia allí una muger honrada Virtuosa casada por nonbre maria de la rosa, (la qual despues fue religiosa de la horden de s. frã-

cisco) esta era grande lengua y servia al padre de interprete en las platicas y confesiones en alguna neçesidad y pera enseñar a los esclabos y yndios por ella las cosas de su salbacion.(4) Por esta via se Dio remedio a muchas almas con el baptismo y confesiones y noticia de nuestra santa fé y Una yndia de la tieria servia de ayuntar A todos los esclabos y yndios por su deboçion para qu el padre les enseñase la doctrina la qual enseñaban los padres todos los dias perseverando en este ministerio el padre algun tienpo fue necesario dar la buelta a la Baya (5) y asi lo hizo dexando alli al padre Antonio Perez cuya Virtud y sanctidad era muy conocida de todos y el fue conseruando lo qu el padre nobrega avia comenzado y para este efecto el Governador Duarte cuello le dio una hermita de Nuestra senora de gracia (6) ou el avia edificado con deseos de traer alli Religiosos de la horden de St. agustin estaba situada en un monte alto donde agora esta edificado el colegio El pe. Antonio perez como era hombre de muchas fuerzas y para mucho trabajo nunca estaba ocioso y el tienpo que le sobraba de los ministerios spirituales tomava pera allanar aquel monte y ansSi lo allano cavando el mismo en persona con algunas personas que lo ayudaban y Junto de la hermita hizo el mismo unas caSas de tapia en que se recogio por que deseava mucho por ser hombre de mucha Oracion y poco afficionado A gastar tienpo con hombres seculares tener Este recogimiento religioso estando alli le encomendo el primer obispo del Brasil Don pero fernandez que visitase por el aquella Capitania(7) lo qual el hizo con mucha prudencia dando Remedio a muchas almas y enbio la besita que avia hecho a el obispo de lo qual el quedo muy sactisfecho y agradecido a el padre y despues de aver estado ay algunos años se vino para la Baya (8) por ordem de la obediencia sin quedar alla ninguno de la compania solamente Un hombre virtuoso y devoto quedava guardando la yglesia y la casa. Este fue el principio de la Residencia de pernanBuco

NOTAS

(1) — Essa primeira leva de Jesuitas veio em companhia do primeiro governador geral do Brasil, Thomé de Sousa, que partiu de Lisboa a 1 de Fevereiro de 1549, e chegou á Bahia a 29 de Março, com oito semanas de viagem, Manuel da Nobrega, *Cartas do Brasil*, 71, Rio, 1931.

(2) — Na carta do Padre Antonio Pires aos Irmãos da Companhia, de 2 de Agosto de 1551, lê-se: "... desta Capitania de Pernambuco, onde haverá poucos dias que o Padre Nobrega e eu somos chegados", — *Cartas avulsas*, 75. Rio, 1931, (annotadas por Afranio Peixoto). Adiante escreve Antonio Pires: "O Padre Nobrega e eu partimos, haverá 15 dias ou 20, para esta Capitania de Pernambuco, onde ha 6 ou 7 dias que somos chegados", *ibidem*, 82. Com esses dados pôde fixar-se a primeira entrada dos Jesuitas em Pernambuco, entre 27 e 28 de Julho de 1551. — Conf. Nobrega, *Cartas do Brasil*, citadas, 113.

(3) — "Os clerigos desta terra [Pernambuco], têm mais officio de demonios que de clerigos: porque, além de seu máu exemplo e costumes, querem contrariar a doutrina de Christo, e dizem publicamente aos homens que lhes é licito estar em peccado com suas negras, [as indias], pois que são suas escravas...", Nobrega, *Cartas do Brasil*, citadas, 116. — "Os mais aqui tinham indias de ha muito tempo de que tinham filhos e tinham por grande infamia casarem com ellas"... *ibidem*, 119. — "Os que estão amancebados com suas mesmas escravas, fazemos que casem com ellas, e, por ser costume novo, os seus senhores hão medo que casando lhes fiquem forras", *ibidem*, 121.

(4) — Maria Rosa era mulher do capitão Pedro Leitão. Della diz o Padre Antonio Pires, em sua carta de Pernambuco, de 5 de Junho de 1552: — "Depois que lhes digo missa, á tarde, ensino-lhes doutrina, e ás vezes lhes prégo. O interprete é uma mulher casada, das mais honradas da terra e das mais ricas, e não vos espanteis, Irmãos, em vos dizer as condições por que em ser tal parece andar bebedeira daquelle mosto de que os Apostolos se embebedaram, pois faz o que muitos homens linguas se não atreveram fazer pela mortificação que nisso sentiam... Com essa mulher confesso algumas Indias cristãs, e creio que é melhor confessora que eu, porque é mui virtuosa. Encomendae-a muito a Nosso Senhor" — *Cartas avulsas*, 124.

Seu marido, cerca de 1560, foi nomeado mamosteiro dos captivos na Capitania de Itamaracá, Varnhagen, *Historia Geral do Brasil*, I, 189, 4ª edição.

Enviuvando, Maria Rosa tomou o habito de irmã terceira da Ordem de São Francisco, á qual doou em vida muitos bens, e foi a fundadora do Recolhimento da Conceição em Olinda, Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão, *Novo Orbe Serafico Brasilico*, II, 135, 386, Rio, 1858.

— A confissão da gente da terra por meio de interprete estava admittida desde o principio da catechese jesuitica; mas, com a chegada do bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, se moveram algumas duvidas, que o Padre Nobrega communicou ao Padre-mestre Simão, em carta da Bahia, de 1552, para que as puzesse em disputa entre os letrados, *Cartas do Brasil*, 141-142 — Como a pratica continuasse, é de suppor que o voto dos letrados lhe fosse favoravel.

(5) — Nobrega saiu de Pernambuco em Janeiro de 1552, — informa Antonio Pires, em carta de 5 de Junho daquelle anno, *Cartas avulsas*, 122; chegou á Bahia no começo da quaresma, diz o Padre Francisco Pires, *ibidem*, 127; em Março,—escreve o Padre Antonio Franco, *Vida do Padre Manuel da Nobrega*, in *Cartas do Brasil*, 38.

(6) — “Fundando os Padres da Companhia na Cidade de Olinda o seu Collegio, lhe deram principio em huma antiga Ermida de Nossa Senhora com o titulo da Graça; que se entende ser fundada no tempo, em que seus fundadores começaram a povoar a Cidade, os quaes a dedicarão á Mãe de Deos, para que ella lhes alcançasse a graça de seu soberano Filho, sem a qual nada persevera, nem vay adiante. E assim tiverão aquelles Padres por bom annuncio este favor, que a cidade lhes fazia; porque só com a assistencia da Senhora da Graça poderião segurar naquella Cidade a sua persistencia, e tambem muitos favores”. — Fr. Agostinho de Santa Maria, *Santuário Mariano*, IX, 319.

(7) — “O Bispo determina occupar-nos na visitação das Capitâneas, e agora neste navio encarrega ao Padre Antonio Pires, que está em Pernambuco, até elle ir visitar; e considerando eu a obediencia que lhe devo ter, e não nos occupar mais que inquerir e admoestar, a não julgar ninguém nem tomar conhecimento de coisas, e a falta disso ha de homens, e assim esta primeira vez ha de ser tudo por amor, me determino faze-lo por me parecer muito serviço de Deus Nosso Senhor; se Vossa Reverendissima lhe não parecer bem, escreva-lhe que no-lo mande; porque diz que Vossa Reverendissima lhe disse que nós o ajudariamos nisto”. — Carta de Nobrega para o Padre Provincial de Portugal, de 1552, *Cartas do Brasil* citadas, 129.

(8) — Em 1555 Antonio Pires já estava na Bahia. “... Um dia destes fez as pazes do Bispo e do Governador, e seu filho, que estavam muito differentes e eram cabeças de partido e occasião de muitos odios e tumultos; e conseguiu que se visitassem e que o filho do Governador fosse pedir perdão ao Bispo, o que foi não pequena cousa, pois o jovem fazia disso questão de honra”. — Carta do Padre Ambrosio Pires, de 15 de Junho de 1555, *Cartas avulsas*, 142-143.

CAPITULO SEGUNDO

De los Padres Que fueron a continuar la residencia De pernambuco

Despues qu el padre Manuel de nobrega Vino de Pernambuco fue para san Vicente y hordenó nuestro padre Maestro Laynez de buena memoria qu el padre luis de grãa tuviese el cargo de esta provinCia fue esto en el año de 1560 y deseando el pe. que no se perdiese el buen principio que estava dado em PernanBuco enuio para ella a el pe. Gonzalo de olivera lengua con otro padre (1) para que uno dellos acudiese a los yndios que eram muchos y otro a los blancos y ansi exercitaron los ministerios de la compañía con Vnos y con otros con mucho fructo el pe. Gonzalez de Olibera hazia la doctrina a los esclavos dos beçes al dia por la mañana se juntavan hasta seis cientos la de la noche era para los esclavos pescadores estos con algunos otros serian obra de quatro cientos en este tienpo se procuro de ayuntar una aldea de indios trez leguas de Pernanbuco dondel pe. Gonzalo de Olivera les hazia la doctrina todos los dias y tenia el cuidado de ellos que se acostunbra tener en las aldeas mas no se atrevia a Batizallos por no estar seguros y temer que se fuesen para sus parientes gentiles solamente se baptizó una crianza que se fue luego para el cielo. Edificose en esta aldeia una yglesia de S. Francisco visitava tambien muchas Haziendas Comarcanas y hazia en ellas mucho fructo confesando i Baptisando los esclavos el otro pe. predicaba asi en la Villa como en las otras poblaciones los domingos y fiestas. A muchas almas se dio remedio avia alli un hombre poderoso amancebado muchos años avia y por medio de los padres dexo la manceba y se caso. Las confesiones que oyan eran muchas y muy continuas por que casi todos se cõfesavan con los nuestros Acrecentaron tambien las casas que estaban conmenzadas y hizieron quatro cubiculos terreros estarian obra de dos años y medio ocupados en estos ministerios hasta que por horden de la obidenzia tornarom para la Baya.

En el año de 1562, fue enbiado el pe. Ju° de mello por superior de aquella casa con otro padre lengua (2) hallaron la tieRa muy rrebuelta y bandos en ella entre el Gobernador y la demas gente principal de la tierra (3) mas por medio de los padres en breve tienpo se conçertaron con les sermones y confesiones del pe. yva la deboçion del pueblo en crecimiento sustentavanse de limosnas de que eran bien proueidos en este tienpo se hizo la yglesia que agora tienen de nuestra señora de gracia de piedra y cal es pequeña mas bien acavada Hizieronse muchas amistades entre personas discordes y dióse remedio a muchas almas assi de blancos como de indios desta manera se conserbo aquella residencia hasta el año de 1567 En que por orden de la obediencia torno el padre Juan de mello a este collegio sin dexar ninguno en aquella capitania de lo que el pueblo quedo muy sentido Hasta que en el año de 1568 torno el pe. ygnacio de azevedo de sancta memoria al collegio de la baia despues de aver visitado las capitancias de abajo y no pudiendo el ir en persona a visitar a la CaPitania de Pernambuco como deseava por se aparejar para ir a dar cuenta al padre General de su visita como el le avia hordenado y tambien por aver sido eclecto por procurador para ir a Roma en la primera congregacion provincial que se hizo en la baya el mes de junio del dixo año ordeno que fuese el pe. luis de la graña provincial con algunos de la compaña para conservar la residencia que alli estava ia comenzada y anssi vinieron para esta capitania en el mes de Julio de 68 el padre luis de la graña y el pe. Rodrigo de fretas (4) y el padre Amaro Gonzales con otros dos despues de aver estado alli el pe. luis de la graña ocupado en predicar y confesar consolando asi los blancos como los indios y esclavos se torno para El Colegio de la Baia dexando por superior al padre Rodrigo de freitas Entonces comenzo el padre Amaro gonzalez a predicar con mucho fruto y a enseñar a leer y escrevir a los niños despues envio del Reino el pe. ignacio dazebedo al pe. Alonso gonzalez y al hermano Juan martinez y luego el padre Alonso Gonzalez se encargo de la clase de los niños y el padre amaro Gonzalez comeso a leer una clase de latin y como el numero de los nuestros era maior asi era El fruto que se hazia mas grande assi en esta Villa Dolidá como deitamaraca y garuçú y por los yngenios acudiendo sienpre a las necesidades de la Esclaveria que en aquel tienpo era mucha.

EN El año de 1571 siendo Vice-provinçial el padre Antonio perez de buena memoria yendo el Obispo don Pedro

leitaon a Visitar aquella Capitania (5) fue el padre luis de la grana en su conpañia por horden de la obediencia a visitar los nuestros que avia muchos dias que padecion Vna grande persecucion Leuanto esta tenpestad Un sacerdote por nonbre Antonio de goVea que algun tienpo fue de nuestra conpañia (6) este sin ningun temor de Dios publicaba qu el padre Amaro Gonzalez predicaba heregias y por tal lo acusava y sobre esso se hicieron grandes procesos que fueron al reino y era tan mañoso que daba a entender a la gente principal lo mismo y assi favorecido de duarte Cuello Gouvernador de la Capitania higo de doña beatriz muger de lo primero governador deesta Capitania muy virtuosa y tambien lo faboresia el cuñado del Gobernador por nonbre don geronimo de mora y casi todos eran contra los paDres y los muy amigos ya se apartaban de ellos Mas nuestro señor los defendia y como savia su inoçençia de ay a pocos dias se manifesto para esto aiudó mucho el favor del Obispo y la ida del padre luiz de la grana El obispo mando prender por la sancta ynquisiçion al clerigo por graves delictos que se le provaron y enbiolo al Reino (7) el padre luis de la graña declaro al pueblo como lo que el padre avia predicado era verdad y ansi quedo libre de la infamia que le avian puesto y con mucho maior credicto de lo que antes tenia duro este trabajo dos años Vna persona noble por aber sido alguna causa del en la ora de su muerte dio buena sactisfacion enbio a llamar al padre y pediole perdon del mal que le avia hecho y delante de todos los presentes lloro tantas lagrimas con dolor y sentimiento que mojo el almohada con ellas y a aunque en la vida perseguio a los nuestros en la muerte se aiudó muchos de ellos Otro caso acontecio en el mesmo tienpo de mucha edificacion un hidalgo honrado daquela tierra con falsas ynformaciones que tenia de su muger determino de matarla y a Un hijo suio bastardo con que la culpaban sabido esto por ella de noche acogiose por los matos y vino para nuestra casa y estubo algunos meses en la casa donde los niños tenian escuela que estaba fuera de la porteria Con su padre y madre aconpañada y aguardando cada dia por la muerte por los parientes del marido Atisar mucho este negocio El hijo no se pudo acoger tan depriesa qu el padre no lo uviese primero a las manos y amarrandolo lo enterro tres beses bivo mas nuestro señor fue serVido que no muriese y metiendo El hobispo y el padre Luis de la grana mano muy de proposito en este negocio y mostrando la inoçençia de anbos

alcanzaron puesto que Con mucha dificultad que tornase a llevar la muger a casa y el hijo se fue para el reino y quedaron muy bien casados y dai adelante entranbos se confesaron con los nuestros y dai a poco se torno el padre Luis de la grana para el colegio de la baya en conpañia del Obispo.

NOTAS

(1) — “Ao presente residimos o Padre Gonçalo de Oliveira, o Padre Ditio e eu nesta Capitania de Pernambuco. A causa de nossa vinda a esta terra foi escreverem a Senhora D. Beatriz, Governadora desta Capitania e o mais povo ao Reino, estando nós ainda lá, e pedirem com muita instancia que para sua consolação e doutrina, da qual careciam havia dias, lhe mandassem alguns da Companhia, e por que o Padre Luis da Grã determinou de prover primeiro a esta, pois com mais instancia o pedia, e por que já havia nella principio de casa e egreja por nella haverem algum tempo residido o Padre Nobrega e em especial o padre Antonio Pires”. — Carta do Padre Ruy Pereira, de 6 de Abril de 1561, *Cartas avulsas*, 281-282. Os padres saíram a 14 de Outubro de 1560, á tarde, e com tormentosa viagem só chegaram a Pernambuco a 19 de Janeiro de 1561. — O Padre João Ditio foi a Pernambuco, como viêra do Reino á Bahia, em busca de melhoras á sua saúde, attingida de doença antiga, de que não devia sarar, já desenganado do medico, diz Ruy Pereira, *ibidem*, 257. — De Pernambuco, voltou ao Reino sem as melhoras procuradas.

(2) — Com o Padre João de Mello veio o Padre Antonio de Sá, em Setembro de 1562, *Cartas avulsas*, 380-381.

(3) — Entre o segundo donatario Duarte Coelho de Albuquerque, seu tio Jeronymo de Albuquerque e Felipe Cavalcanti, genro deste, havia graves dissensões, que se não acalmaram com a intervenção do Bispo, e de outras pessoas principaes. Foi o Padre João de Mello que conseguiu que se falassem e fossem amigos, embora entre Duarte Coelho e Felipe Cavalcanti ainda a amizade não estivesse assentada inteiramente, na data em que o Padre Antonio de Sá escrevia aos Padres e Irmãos de Portugal, isto é, a 8 de Setembro de 1563; mas o Padre tinha posto esses negocios em bons termos, e esperava que cedo tudo se acalmaria. — Conf. *Cartas avulsas*, 401.

(4) — O padre Rodrigo de Freitas estava em Pernambuco desde 1568; em fins de 1573 foi para a Bahia com o Dr. Antonio de Salema e dahi seguiu para Lisboa, levando em sua companhia o indio Ambrosio Pires (não Rodrigues, como se lê na *Narrativa epistolar*, de Fernão Cardim, ps. 16, da edição Varnhagen e reedições posteriores, exceptuada a dos *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, ps. 292, Rio, 1925). Voltou ao Brasil com o visittador Christovão de Gouvêa e Fernão Cardim, em 1583.

(5) — Conf. *Historia dos Collegios do Brasil*, in *Annaes da Bibliotheca Nacional*, XIX, 86. — Um irmão do Bispo, Gonçalo Mendes Leitão, casou em Pernambuco com uma filha de Jeronymo de Albuquerque, Fr. Vicente do Salvador, *Historia do Brasil*, 200, 3ª ed. — Chamava-se D. Antonia de Albuquerque, era filha da Arcoverde, e ainda vivia em 1593, quando assignou uma escriptura, feita a 24 de Abril, da qual consta que já era viuva. — Esse Gonçalo Leitão foi o que fez a primeira capella de Santo Antonio de Paratibe, e diz a tradição que seu irmão a sagrara. — Conf. Borges da Fonseca, *Nobiliarchia Pernambucana*, in *Annaes da Bibliotheca Nacional*, XLVIII, 356 e 405.

(6) — O caso do Padre do Ouro é por demais conhecido. Veja a nota additiva a Fernão Cadim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, 276-277, onde se resume a bibliographia a respeito.

(7) — Preso na rua Nova de Olinda, nas pousadas de Anrique Affonso, juiz ordinario, a 25 de Abril de 1571, foi internado a 10 de Setembro no carcere de Lisboa, aonde em 30 de dezembro de 1575 pedia em audiencia aos membros do Tribunal o quizessem despachar ou lhe dar culpas que contra elle tivessem, para se defender e livrar dellas. — Conf. Capistrano de Abreu, *Um visitador do Santo Officio*, 4, Rio, 1922.

CAPITULO TERCERO

De las cosas de edificacion que sucedieron En esta Capitania en el año de 1572

En este año en El mes de abril a 23 por orde de nuestro pe. general francisco de borja vino a la baya El padre ygnacio tholosa por provincial del brasil con algunos padres y hermanos(1) vino a visitar a los desta capitania En el fin de Junio de 72 traiedo consigo al pe. Luis de la grana y al padre Antonio daranda lengua con dos hermanos tuvieron muchos peligros en el camino de los quales nuestro sr. los libro (2) todos así de casa como de fuera se alegraron mucho con su venida y en poco mas de dos meses questuvo alli el padre se ocupo sienpre en predicar los domingos por la manana y en hazer las dotrinas a la tarde con mucho fructo del pueblo el qual se pareçio bien en las confesiones que estonçes hubo por que aviendo seis padres todos tenian que hazer dieronse muchas limosnas y gruesas así para la misericordia como para nuestra casa los años pasados vivian los padres desta capitania parte de limosnas y parte de la renta del colleGio de la Baya Hordenó el padre provincial entonçes que viviesen solamente de limosnas aunque fuese menester pedir las hostiatim mas eran tantas las que Continuamente enviavan que no era menester pedir las y hiendo Una vez el padre luis de la grana a pedir limosna mas por mortificación que por necesidad vino para casa vien proueito y todos decian quellos tenian la culpa de andar el padre por las puertas este año vino del Reyno Una lanpara de plata que Vna persona debota dio de limosna que baldra treinta mil maravedis En casa avia mucho cuidado en la guarda de las reglas y todos assi el superior Como los demas se recogieron a tomar exerciçios con mucho aprovechamento alGunas amistades se hizieron de mucha ynportancia Un mancebo hijo de un hombre honrrado y de los principales y mas rricos desta villa deshonoró una hija de otro hombre honrrado y

aliende desto mando dar publicamte. Una bofetada a una cunada de la mosa Un dia de fiesta saliendo de la yglesia y por algunas cosas que le avian dixo temiam se muertes de hombres por tener la mosa muchos parientes y ser agraviada con dos tan grandes ynjurias y El mancebo no querer en ninguna manera Casar se con Ella metieron mano en esto los padres y alcansose perdon de la bofetada y el casamiento se acabo para lo qual ayudo mucho El doctor Antonio Zalema que en esto entrevino El qual estaba ay por presidente de alzada (3) y desta manera se atajaron tantos males Al principio dotubro torno el padre provincial con El padre Luis de la grana y El hermano Diego nuñes para El colegio de la Baya (4) y quedaron siete en esta capitania quatro padres y trez hermanos El padre Amaro gonzalez por superior y el padre Rodrigo de freitas por procurador general del brasil y como el numero era maior assi lo era el fructo que se hazia en las almas con los sermones y confessions anssi en esta billa como en las Comarcanas y por las haciendas y tambien se acudia a las necessidades de los presos y del ospital yendo los hermanos a hazer las camas a los pobres.

NOTAS

(1) — Foram os Padres: Christovão Ferrão, Antonio Ferreira, Gonçalo Leitão, Belchior ou Melchior Cordeiro e Martim ou Martinho da Rocha, segundo a *Synopsis Annalium Societatis Jesu in Lusitania*, de Antonio Franco. Foram os Irmãos: Manuel de Castro, Domingos Ferreira, Pedro Novaes, Bastião Gonçalves, Antonio da Cruz e Augusto de Mattos, que vieram parte da ilha da Madeira, parte de Lisboa, para serem recebidos no Brasil, *Historia dos Collegios*, in *Annaes* citados, 93.

(2) — No principio do mez de Julho partiu o Padre Provincial Ignacio de Tolosa para Pernambuco, levando por companheiro o Padre Luis da Grã e o Padre Antonio de Aranda, lingua, e os Irmãos Antonio Velloso e Manuel Pires, *Historia dos Collegios*, in *Annaes* citados, 96.

(3) — O Dr. Antonio de Salema veiu a Pernambuco a syndicar sobre alguns casos, entre os quaes é provavel estivesse o do Padre do Ouro, *supra* alludido, Capistrano de Abreu, nota a Varnhagen, *Historia Geral*, I,

454, 4ª edição. Ahi se demorou até fins de 1573, quando embarcou para a Bahia com o Padre Rodrigo de Freitas, *infra*, Capitulo quinto, nota 3, e da Bahia para o Rio de Janeiro, a assumir o governo da divisão do sul.

(4) — Chegaram á Bahia a 9 de Outubro o Padre Provincial, os Padres Luiz da Grã, Pedro da Costa, Antonio da Rocha, Vicente Rodrigues e quatro noviços, *Historia dos Collegios*, in *Annaes*, 99.

CAPITULO QUARTO

De las Cosas de edificación que succedieron en esta capitania en el año de 1573

En este año Residieron En esta casa quatro padres y los mas hermanos huvo muchas confesiones y comuniones los dias de los gubileos algunas de ellas generales de veinte treyta quarenta cincuenta años en las quales se dio remedio a muchas almas que estaban perdidas confesose tambien mucha Jente del mar que de diversas partes vinieron para esta capitania por estar hordenado que no se diese despacho a ninguno para partir del puerto sin estar confesado. (1)

Un hombre aviendose ia confesado con dos confesores mas como eran ygnorantes dandoles cuenta de su conciencia ninguno caso le hisieron de una obligacion que tenia Grande de rrestitução. acerto este de se confesar a uno de los nuestros y dando le cuenta del caso dio le el padre a entender la obligacion en que estaba y como no restituyendo perdia su alma quedo El determinado a lo hazer y despues dezia a este padre debo quanto bien tenGo otro onbre avia que tenia fama de onsenero no con poco escandalo del pueblo y por medio de los nuestros se dio remedio a su alma y enbio un escrito por todas las parroquias que publicasen los curas diciendo que todos los que del estuviesen agraviados fuesen a hablar con los padres de la compania y que el Restituiria lo que ellos mandasen Este año murieron ahorcados por Justicia siete esclabos de ginea por andar alevantados salteando a muchos y fueron los nuestros a acompañarlos y a yudarlos a bien morir y a Un que por falta de interprete fueron muy dificultosas sus confesiones todavia pusieron tanta deligencia a los padres que fueron Confesados y mostraron tanto dolor y arepentimiento De sus Pecados que a todos los presentes hisieron admiracion y movieron a compasioñ viendo las lagrimas que derramaban y porque

avian de padecer donde avian cometido el delicto fueron los padres dos leguas con grandissimo calor aconpañandolos y porque dos de ellos avian de ser ahorcados mas adelante dieronles una imagen que llebasen adelante de si y quando querian ahorcar al uno enbio la imagen al otro que estaba apartado del diciendole que se encomendase mucho en aquella ymagen lo qual causo mucha consolacion y edificacion a todos. Al principio de las ferias se puso la lista de las mortificaciones y el superior fue el primero que fue a la cocina y cada uno pedia las mortificaciones que mas le podian ayudar para su prouecho spiritual Dia de la purificacion de nuestra señora se dio principio a los Estudios con tanto aparato y concierto que dijo el doctor Antonio Zalema que se hallo presente que En una universidad no se Podia hazer mejor hubo se Una oracion en loor de las ciencias i Un dialogo premios y enigmas y hizo el padre superior la profision de la fé por auer de ser el maestro conforme al conçilio tridentino y edifico mucho a la gente por ser cosa que nunca auian uisto. Hallo se presente toda la gente principal de la uilla y de las haziendas comarcanas despues que hordenó el padre provincial que uiuiesen de limosnas eran tantas las que se dauan que pasauan mejor que quando tenian alguna rrenta y prouision del colegio e Dieron Vn ornamento para la yglesia muy bueno otro dio cien crusados y otro cinquenta y otras limosnas semejantes

En la esclaueria se hizo grande prouecho con las doctrinas y confesiones. Todos los domingos y dias sanctos acabando de comer tienen dotrina y despues que dan muchos para confesar fueron tanBien Por algunos ingenios a Exercitar los ministerios de la compania donde confesaban a unos y Batisaban a otros que parece no aguardaban sino por Esta medicina pasando Un padre por una hazienda pregunto acaso al señor si tenia algun esclabo enfermo y diciendo que si entro el padre a confesarlo y luego dio el alma a su criador En el mes de outubre Vinieron para esta casa del collegio de la baya El hermano manuel de castro (2) para leer la clase de latin con El hermano panchtaleon Gonzalez lengua para enseñar a los yndios pasaron en el camino grandes trabajos porque por tener uiento Contrario no pudo la náo llegar y así les falto el agua y El mas mantenimiento era les forçado El comer que comian cosello en agua salGada y por espacio de hocho dias no beuia cada uno mas agua de lo que podian caber En Vna cascara de hueuo y era tan Corrueta que solo la neçesidad le dava algun sabor.

Viendo que no podian pasar adelante Salieron en tierra quedando solos los marineros En la náo mas era tierra donde auia muchos contrarios. En aquella misma parte auian comido los indios al primer obispo del brasil quando dio alli a la costa con mucha gente de la Baya puestos en tierra tuuieron grandes peligros salieron obra de cuarenta leguas de pernambuco y fueron todo este camino a pie pasando grandisimos Rios a nado y lleuauan tan poca harina que no auia mas que un puñado para cada uno y aUn esta les faltó y ansi comian de las fructas que hallaban por los montes acertaron a comer Una manera de hierba y luego les dio tan grande dolor destomago que si la naturaleza no se ayudara Con bomitos todos murieron los Rios que pasarian en este tienpo serian hasta sesenta y algunos tan grandes que estaban Un dia en pasarlos o a nado o en Jangadas que se hazen aJuntandó ciertos palos atandolos Unos con otros ansi eguales Veian delante de si muchas vezes andar los Tuberones y otros peçes grandes que en breue tienpo suelen despedasar Un hombre pasando el hermano Manuel de Castro Uno destos rios a nado le dio tan grande desmayo de la mucha flaqueza que traía que penso acabar alli y fuele neçesario dexar Un poco de su hato que llevaba sobre la cabeza y ansi escapo por los caminos beyan muchas bezes huesos de hombres y calaveres que era señal estar Alli cerca indios de los que comiam carne humana y como yuan descalzos llevaban los pies hechos Una llaga y como los calores eran grandes y ellos yban casi desnudos yVan todos asados del sol en todos estes trabaxos les daba nuestro Sr. grande alegria y consolaçion biendo que por obediencia los padeçia y con su alegria dauan animo a los conpañeros que serian por todos treinta Exhortando los que Por amor de dios y en penitencia de sus pecados sufriesen aquellos trabajos y muchos afirmaron que si no fuera por la Compania de los Hermanos muchos quedaron muertos por aquellos desyertos Algunas leguas antes de llegar Apernambuco supieron algunas personas debotas Como Venian tan mal tratados y fueron les al camino Con algun rrefresco y cabalgaduras lo mismo hizo El padre amaro gonzalez En saViendo que Venian fue tanta la alegria de los hermanos en uiendo a los padres y la caridad con que los rreceuian anssi los nuestros como los de fuera que En brebe tienpo conbaleçieron

NOTAS

(1) — Depois se tornou obrigatorio trazerem os navios Capellães e não poderem sem elles navegar, por força das provisões de 24 de Janeiro de 1681, 27 de Março de 1688 e 10 de Fevereiro de 1691, que alludem ás ordens anteriores sobre as confissões dos navegantes, *Annaes da Bibliotheca Nacional*, XXVIII, 156-157.

(2) — O irmão Manuel de Castro entrou para a Companhia no Brasil, *supra*, Capitulo terceiro, nota 1 — Em 1584 já era padre e ainda estava em Pernambuco, Fernão Cardim, *Tratados*, 321, que o considerava um dos melhores pregadores que havia na provincia.

CAPITULO QUINTO

De las Cosas de edificacion que sucedieron en esta casa en El año De 74

Este año rresidieron en esta casa diez de la compaña El pe. Rodrigo de freitas se partio para la Baya en el fin del año pasado Con El doctor Antonio Çalema que fue por governador del rrio de Janeiro (1) En El mes de Julio de 74. Vino del collegio de la Baya para esta casa el padre Melchor corde-ro(2) para superior de ella huVo mucha alegria ansi en los de casa Como en los de fuera porque de todos era muy amado y Como el numero era mayor asi lo era el concierto y diligencia que AVia en casa en la guarda de las rreglas Comenzaronse los estudios al principio de hebrero con la fiesta que se acostunbra y los estudiantes dieron muestra de mucha Virtud Confesabanse muchas vezes y iban a seruir a los presos y llebabanles agua seruian tambien en nuestras obras por su debocion por que en sintiendo Venir los caros por las calles se iuan detras de ellos para los ayudar a descargar y lleuaban a cuestas el ladrilo teja y madera. Las hobras de casa fueron en mucho creçimiento hizieronse algunos aposentos para los nuestros todo de limosnas Dieronse tanVien para la yglesia muchos hornamentos de limosna llegaron las limosnas que este año se dieron hasta trecientos mil marabedis.

Con los sermones y confesiones se hizo Grande fructo en las almas Hubo muchas confesiones generales y en ellas se dio remedio a muchas almas que estauan perdidas Auia Una persona que uiuia en mal estado mouiola nuestro señor a confesarse con Uno de los nuestros y despues emendo su uida y diose muy de proposito a Dios siendo Una bes tentada y probocada a hazer Una ofensa de dios respondio Con grande zelo Como hablais en ofender a dios no sabeis bos que me confieso yo ya a los de la compaña. Sabiendo Una persona que otra

andaba para se ahorcar por Un pecado qu el demonio le traia a la memoria dio desto cuenta a hum padre el qual hablandole la mouio a que se confesase Dos personas que nunca se auian confessado con los nuestros quedaron tan consoladas despues de la confession que decian que nunca quedaron confesadas sino daquela Vez y loauan mucho a dios por auer traído padres de la conpania a esta tierra Una persona que era asonbrada muchas Vezes y espantada del demonio, fue Un padre a su casa y diciendole algunas oraciones y haziendole los exorcismos se hallo uien y confesandose generalmente quedo quieta Otra persona auia Veinte años que se confesaba y comulgaba en pecado mortal, hoiendo un sermon de Un padre En que trataba quam neçessaria era la buena Confesion yendo para casa con alguna inpresion perplexa estando de noche en la cama (como ella dixo) dispierta la tomaron por Una mano y la reprehendieron ynstigandola y mouiendola que se uiniese a confesar a aquel padre y no Pudiendo dormir toda la noche se uiuo por la mañana Aconfesar con el mismo padre y desPues de la confession quedo bien diferente de lo que antes estava. Una muger honrrada con huna hija suia Vino a esta tierra y uiendose conbatida de muchas personas Con dones y dadivas dio cuenta A un padre de su ida y animola a uiuir en Virtud y temor de dios sin pecado Enuióle hun dia hun hombre cincuenta cruzados en oro y que se uiese con el en çierta Parte mas ella los despreçio como çisco diçiendo que queria antes morir de hanbre con dios que tener a todo el mundo con el diablo Una muger casada uiuo a esta tierra desterada del rreiNo y Estaba amanzebada Con hun hombre casado con mucho escandalo de la tierra y por ser El poderoso Consentia ella mas en el peccado por miedo que por voluntad sauiedo esto Un padre metio las manos de preposito En este negoçio y mediante la gracia del sr. alcanzo que se apartasen y confesasen anbos y a ella dio nuestro sr. Una dolencia En que bien se cnoçio de los peccados y herores pasados y anssi despues uiuió uirtuosamente. recogiendo en casa de huna muger honrada. Algunas amistades se hicieron de mucho serVicio de Nuestro señor auiedo en esta tierra contienda de muchos años entre Un padre y hun hijo el qual por huna dispensaçion de Roma estava ligitimado por ser el bastardo mas el padre por demanda queria defender que no estava y no solamente. El hodio era entre El padre i el hijo mas tambien entre hijos y hijas muchos Mamallucos por que todos estauan a fuego y a sangre contra el bastardo y el padre

era demais de nouenta años de edad y pruvabasele que en todo este tienpo auia uiuido mal de lo qual se segia ynfamia suya y de todos sus parientes habian hablado muchas personas en este conçierto mas nada se podia acabar habloles Un padre y conçertolos a todos con mucha consolacion suya y edificacion del pueblo hallandose presente el oidor general Hernando de silba con otras Personas honrradas desta Villa. Un hombre auia dias que andava Para matar su muger o irse fuera desta capitania para el rreyno para Nunca mas la uer de sus ojos porque cassãdo con ella no la hallo con su onestidad en estas angustias andaba muy atribulado y confesandose con un padre lo ayudo Nuestro señor mucho determinando Por amor de Dios se quietar y hazer Vida con ella. Otro secretamente daba muy mala uida a su muger aun que en lo exterior no lo daba a entender por auerle hecho ella traycion no guardando la fidelidad que deuia al marido por esta causa el no se confesaba mouiolo nuestro sr. en hun sermon y uino a dar cuenta de si al padre y descubriole su corazon manifestandole muchas cosas que lo tenian fuera de la amistad y gracia de dios y ansi quedo esta alma quieta y Remediada.

El oydor generaal Hernando de silba Vino este ano Por horden del Gobernador luis de britto a Visitar esta capitania y por auer hecho los yndios de la parayba grandestrago en un ingenio (3) matando casi toda la gente del fueron con mucha gente de pie y decaballo a darles guerra mas ellos sauiedo que yban los blancos En su busca desanpararon sus aldeas y huieron pera la sierra y por ser cosa peligrosa yr alla contentose Con quemalles las aldeas y aRancarles El mantenimto. que tenian para que los francezes alli uiniesen no hallasen nada Ala buelta le hizo Una persona poderosa y principal desta una grande ynJuria Assi para el como para las personas que aVian ydo en su compaña que fue poner en el camino Una rrueca con un huso para dar a entender que eran para poco huVo desto alborotos en el pueblo y hizieronse grandes avtos de parte de la Justiçia de que hubiera de resultar mucho trabajo acudio a esto el padre superior y ayütolos en esta casa donde los hizo amigos y el que hauia hecho la inJuria pidio perdon al hoidor y le puso Una caña que traia en la mano diciendo que su merçed le perdonase que bien mereçia q' le diese con ella quedaron todos muy edificados desto. Un hombre dio a otro una bofetada y por ser entranbos honRados timiendose algunos peligros habloles Un padre que los confessaua anbos y aCabo Con el

ynJuriado que le perdonase y quedaron grandes amigos Algunas personas nobles andaban muy de quiebra y hablando a Uno de ellas Un padre no acabo nada con ella mas antes se desmando en dezir algunas palavras desconçertadas contra El pe. a otro dia torno con humildad y pidio perdon diziendo al pe. que haria todo lo que le mandase y anssi quedaron todos en paz Dos personas que antes estauan discordes en vn sermon las mouio Nuestro sr. tanto que se hizieron amigos y uno fue a comer a casa del otro Un hombre de los principales de la tierra saliendo del sermon del mandato que se hizo en nuestra yglesia Recibio a su amistad Un hijo del qual estaba Agrauiado por se auer casado fuera de su gusto. Otros muchos que estaban en odio quedaron deste sermon mouidos a ser amigos Estando esta tiera Rebuelta cerca de la semana sancta por estar las cabezas que gouernaban discordes Entre si Entendio Un padre en esto y apaziguose y quietose todo dos hombres principales y antiguos en la tiera tuvieron entre si ynJuriosas palabras de las quales uno quedo mas agrauiado y con grande hodio y porque era biejo deçia deseaba agora ser manzebo para me bengar con mi propia mano hablolle vn padre y amonestole que pues estava en aquella edad no quisiese perder las buenas obras que auia hecho y meterse en el ynfierno traindole por exemplo la paciencia que Cristo tuvo en todas las ynJurias que le hizieron quedo tan mouido questando antes mas duro que hun diamante se torno blando como una çera y comenzo con grandes sollozos a llorar pesandole de lo que auia hecho. En el mesmo dia hablo el Pe. con el otro ynJuriado pediendole que no se acordase mas de lo que auia pasado y Con mucha humildad cruzo las manos diciendo pe. aqui estou pera hazer todo lo que quisieredes por que no Puede dexar de ser muy bien hecho quiero ser su amigo y ansi se abrazaron y quedaron despues grandes amigos Otros dos Hombres honrrados rrinieron de que quedaron en hodio hablando a Uno de ellos Un padre Respondio que bastaua hablar en esso Un padre de la compaõia para elle pedir perdon y hecharse a sus pies y ansi se hizieron amigos un hombre por algunas Ruines ynformaciones queria matar su muger y por mº de Un pe. se aparto de su Ruin proposito Otro hombre honrrado deboto de esta casa haziendole su muger Un maleficio por su buena Conciencia y uirtud aViendole ya antes perdonado otras bezes mas antes mando luego a esta Casa en Busca de los padres para se aconsejar con ellos y dejar el Mundo. A los pobres y neces-

sitados se busco Remedio con toda diligencia pusible dos mozas huérfanas vinieron de la baya bien necesitadas y desanparadas luego se les busco remedio para quitar el peligro en que estan semejantes personas pusieronse por m^o de los padres en una casa honrada donde fueron proveidas de lo necesario hestando un hombre en la cadena para ser degollado por Justicia fue muchas vezes animado y esforçado de los nuestros y confesado y saliendo de la carzel a padeçer dio muestras de quan bien estaba aprovechado de las pláticas de los padres y arrependido del mal que auia hecho hizo Una plática a los presos exhortandolos que no Jugasen y que enseñasen bien a sus hijos por que el Juego le auia hecho tanto mal y auia traydo a aquel estado acompañolo sienpre por el camino el pe. superior con otros de casa y yba sienpre llamando por el nonbre de Jhs. y entrandole ya el guchillo por la garganta no dejaba aquel santo nonbre de la boca y ansi murio otras dos huérfanas se anpararon por medio de los Padres Una de ellas vino de la Baya por dar alla mucho trabajo Un hombre honrado a su muger por causa de ella y El dia que llevo luego la casaron con Un maestro de un yngenio muy buen hombre la otra caso con un hombre rico acudio tambien en todo tiempo a los enfermos que estaban para morir Algunas personas que toda la vida rrecelaban de se confesar con los de la compañía Viniendo a enfermar y temiendo la muerte enbiaron a llamar a los nuestros y se confesaron generalmente y conoçieron quan herrados andauan En huir de los nuestros. Una muger honrada y virtuosa fue muchas bezes consolada En su enfermedad del pe. superior y tambien ayudada en su transito con horaciones y letanias de manera que deçian los que se hallaron presentes que uien aventurada era la persona que en su muerte tenia a los de la compañía a su cabecera El credito y amor que todos tienen a los de la compañía es muy grande y todos a una boca dicen que si no fuera por ellos todos fueron perdidos y ansi los aman como a sus padres. Sauiendo la Jente de la uilla qu el pe. superior estaba muy enfermo y oyendo de noche tañer las campanas corrio nueva por todos que era senal que se hazia por el padre y hubo grande sentimiento y lagrimas en todos otros uenian a la portería con grande sentimiento. a uer si era ansi y sauiedo despues que no toda la tristeza se les conuertio en alegria EN los estudiantes se hizo mucho fructo confessauanse frecuentemente y Resaban cada dia El Rosario de nuestra señora, Algunos Visitavan la cadena y hazian lo que les mandauan los presos

por amor de dios y les llebaban agua para beber es tanto el ferbor en seruir en las hobras de casa que Con se lo proibir El padre superior no ay quien los Pueda quitar desso echan mano de los cantaros y otras basijas y traenlos en la cabeza llenos de agua de nuestro pozo para amasar el lodo los dias de assueto despues de oyr misa se uienen a combidar diciendo que quieren trabajar que les den en que acarrear agua y esto con mucha alegria y muchos deseauan entrar en la conpañia. Uno abia muy bien ynclinado y andando aun en la escuela pidio a la madre sotana y bonete diciendo que queria ser de la conpañia y que los otros bestidos auia de dar por amor de dios la madre se lo concedio y ansi destribuyo los otros bestidos que tenia por los niños pobres de la escuela A este acuso otro de huna falta que auia hecho Por la qual le mando el maestro dar Unos pocos azotes fue tan agradecido al que le acuso que lo llebo a su casa y dixo A la madre, este mozo me acuso y azotaronme dal de alguna cosa. y con liçencia de la madre le dio Unos zaragüeles y Un jubon de seda quedando el con la sotana sobre la camisa Al prinçipio de los estudios se tubo una Egloga pastoril muy graciosa de que todos quedaron sactisfechos Acabada ella se dieron muchos premios de prosa y berso y huuo muy buenos libros que se repartieron pusieronse tambien trez enigmas y aun que se dieron diuersos sentidos no se adiunaron tambien quando uino el hoidor general a Visitar los estudios se le hizo un buen Reçeuimto. con muchos epigramas y horaciones con tanta graçia que hizieron llorar a muchos e uer niños de tan poca edade ser tan bibos y diestros y determinaron de embiar algunos sus hijos al estudio. Fueron muchas bezes Apredicar y confesar a las Villas de ygaruçú y a la isla de tamaraca y a dibersos ynJenios y no se va vez fuera que no se de Remedio a muchas almas anssi de blancos como de yndios y esclabos confesando a Vnos y baptizando a otros haziendo casamientos a si en lei de graçia como de naturaleza, teniendolos primero uien instruidos en las cosas de nuestra sancta fee y sienpre acontecen cosas de mucho loor de nuestro sr. Vna hindia estando enferma se baptiso y luego en la noche siguiente se fue pera su criador estando otra yndia doliente uino de cinco o seis leguas a confesarse y despues se torno muy alegre y consolada otra india se baptiso estando tambien doliente y luego se fue para el cielo. Otro murio luego despues de confesado y estando ya propinco a la muerte cantaba Vna cançion que tenia este sentido: no me nonbres otracosa sino Ihs y Maria y

ansi espiro estando Vna yndia enferma dixole otra quieres que te trayga Vn page (que en su lengua quiere decir hechisero) Respondio ella con grande zelo no creo en page sino en lo que me enseñaron los padres de Jesus no quiero que me lo traygas. outros muchos se confesaron y baptisaron que luego fueron pera el cielo Como fue Vn hindio mordido de Vn Tuberon que en baptisandolo luego murio. Vna hindia no se podia confesar por auer muchas confessions de manera que nunca hallava Vez y por esso se hiua llorando para casa de sus señores de manera que fue el amo forçado a uenir a decir como ella yba triste por no se auer confessado y luego la confessaron y quedo muy alegre otro yndio enbiandolo su sr. a pescar deciale como ei yo de tomar pesca si aun no me confesse Vn principal en Vn ynGenio tenia dos mugeres diciendole el padre que no podia tener mas de huna sola dejo luego Vna y caso con la otra. Muchos Vienen de seis y siete leguas a confesarse a esta casa y a partes fueron los padres que parece que no aguardaban otra cosa sino el baptismo y confesion para irse al cielo

NOTAS

(1) — Veja *supra*, Capitulo terceiro, nota 3.

(2) — O Padre Melchior Cordeiro veiu da Bahia em companhia do Ouvidor Geral, Fernão da Silva, de quem adiante se fala, *Historia dos Collegios*, in *Annaes* citados, 119.

(3) — Fernão da Silva já estava no Brasil em 20 de Novembro de 1566, Balthazar da Silva Lisboa, *Annaes do Rio de Janeiro*, I, 313. Era Ouvidor Geral e Provedor-mór da Fazenda da Bahia, e por morte de Men de Sá ficou governando interinamente até á posse de Luis de Brito de Almeida, Varnhagen, *Historia Geral*, I, 440, 4ª ed. — Sobre sua vinda a Pernambuco, por mandado de Luis de Brito, a fazer alardo de gente e a pôr cobro pelas armas ás ameaças dos indios da Parahyba, *ibidem*, 461.

— O engenho que gentio assolou era de um Diogo Dias, lavrador muito rico, *Revista do Instituto Historica*, XXXVI, parte 1ª, 15.

CAPITVLO SEXTO

De las Cosas de edificación que sucedieron en este collegio este año de setenta y çinco

Este año Residieron diez en esta Capitanía tres Padres y los mas hermanos casi todos enfermaron mas fue nuestro sr. servido de les dar salud para se ocupar en los ministerios acostunbrados le la compañía y así el fructo que se hizo con los sermones y confesiones fue muy Grande Vbo muchas confesiones generales de personas que tenían sus almas muy llagadas y a todo se dio Remedio A Muchos causo grande temor Vna muerte subita y desastrada que acaçio a hun hombre honrrado desta tierra que todos tuuieron para si ser castigo de dios Por andar amañebado y fue desta manera diole un grande dolor y cayeronle las tripas todas abajo y quando en el biente tenía y sign boz y fama la noche antes auia estado con su manzeba no duro mas de nueve horas y en ellas a penas se pudo confesar a Vn clérigo que se hallo presente en el tiempo quel pidio confesion y así murio miserablente. Sin hazer testamento y dexando toda su hazienda que era grande bien enmarañada por tener ofisio del Rey y ser mucha de ella del mesmo El pe. Superior tomando ocasion desta muerte hizo Vn sermón del qual quedaron muchos moidos y atemorizados pera mudar la uida uiendo el pago que el mundo daua y así dos hombres principales grandes amigos del muerto dixerón en voz alta El caso es io me hire a Jesus y no me saldre de Jesus hasta que no quede uien con Jesus y anssi lo hizieron Viníendose a confessar a esta casa muy de proposito y huno de ellos quedo deseioso de servir a Dios en nuestra compañía Esta muerte fue tambien medio para que la muger con quien pecaba tuuiese uida en su alma hablandole Vn padre y dandole a entender el escandalo que daba al pueblo Con su estragada uida

Por que por esso auia sido desterrada del Reyno. Fue nuestro sr. Seruido mouer le El corazon y ansi sse confiesa muchas bezes y esta muy rrecogida En casa de huna muger honrrada y la misecordia se encargo de la sustentar por quitarle la ocasion de pecar tuuose mucho cuidado de amparar los Huerfanos y neçesitados buscando les rremedio a sus neçesidades. Por m° de un pe. se amparo Vna huerfana que hauia pasado Vn peligro y casi estaba en otro maior procurandole sesenta mil marabedis a fuera otras cosas que la mesericordia y otras personas honrradas buscaron y casose con Vn oficial otra mosa huerfana se anparo por m° de un padre con hun hombre que la auia deshonorado y despues no auia Remedio de quererse casar con ella mas hablandole el pe. acabo con el que la Reciuiese por mujer y ansi lo hizo y El casamiento que con ella le dieron por amor de Dios llegaba a Mil crusados tanben se ampararon otras dos o tres huerfanas entreuiniendo los padres de que se seruio mucho nuestro señor por que por este medio se evitaron muchas offensas suyas hizicieronse muchas amistades entre personas discordes Vn hombre hirio a otro grauemente en la cabeza y antes que huuiese lugar de benganza acabo un pe. con el herido que no querellase del otro mas antes le perdonase de corazon Otro hombre mando por sus esclabos herir muy mal a Vn enemigo suyo los quales de tal manera cumplieron el mandado de su sr. que lo degaron por muerto mas quiso dios dar le uida y por m° de hun pe. se acabo que perdonase la yn-Juria que le auian hecho, otra amistad de mucha ynportancia se hizo entre dos hombres honRados que de contino andaban armados y a cauallo para matarse mas tanto que un pe. nuestro metio la mano luego lo pacifico todo y hizo que todos Juntos comiesen Vn hombre honrrado Estaua mal con hun pariente suyo muy llegado y çercano y este hodio se acreçentaba y en-zendia por cartas que se escreuian huna a otro Sauiendo esto Vn padre hablo con el que tenia mas Razon destar agrabiado y quedo luego tan Rendido y suJeto que dixo aqui estoy padre para hazer quanto mandaredes yo sere el primero que le hablare y lo Receuire con mis entrañas y anssi quedaron muy conformes. Otro hombre principal tuvo un enojo consumujer del qual uino a darle de palos y a Echarla fuera de casa y tan furioso estaba y enoJado que no se podia aplacar para tornalla a reçeuir fue Un pe. a hablarle y acabo luego con el que la reçiuiese. Acabos tambien con hun hombre de los principales de la tierra señor de Un ynJenio que no Acusase a su muger por

auer caydo en Vna graVe falta de honrra mas antes le diese la mitade de la hazienda que era grande y biuiessen ya que ansi anbos lo querian apartados lo qual el hizo y ella uiuio despues con huna hermana suya muy rrecogida fue esta obra de mucho seruiçio De nuestro sr. y edificaçion de toda la tiera otro hombre casado tenia a su muger presa y cusabala fuertemente por auelle hecho adulterio y tantas bezes insto Vn padre con el que con el fabor diuino hizo que la dexase de acusar y luego la soltase y que quisiese tornar a hazer uida con ella otro hombre honrrado sr. de un ynJenio y de los principales de la tiera tenia Vna hija para casar y casi estaba el casamto. concertado con Vn hombre principal muy honrrado mas primer que esto uiniese a efecto el demonio como es mañoso urdio de manera que la moza fue deshonrrada por otro hijo de otro hombre honrrado de lo qual el padre de la moza quedo muy triste y comenzaron de nacer grandes odios y temianse de Vna parte y de otra muertes. Sauiendo esto un pe. pusose de proposito a dar Remedio y aun que fue con costarle mucho trabajo quiso nuestro sr. que los concertase y acabo con el pe. de la moza que la cazasse con el manzebo que la auia deshonrrado dotandola toda su hazienda qu es muy grande otras muchas amistades se hizieron de mucho Seruiçio de nuestro sr.

EN Casa Ubo mucha diligencia en la guarda de las rreglas Renouaranse los votos en los tienpos acostumbrados. tambien se fue a los presos y hosPital a consolarlos en el señor. dia del nascimto. fue el pe. superior a llebar de comer a los presos con Vn compañero bestido de rropetas pardas biejas hizoles Vna platica de la fiesta con que mucho se consolaron y edifico esto tanto a la gente que los bio yr daquela manera que dijeron algunas personas honrradas que no se espantaban mas que se confundian de uer los sierbos de dios Que en los tienpos que ellos hazen sus fiestas del mundo con muchos uestidos y uanidades nos otros, por el contrario entonces andamos mas rrotos y despreçiados como quien de verdad ymitaba al niño naçido pobre en paJas. soltaron a algunos presos hablando por ellos los padres y a muchos se dio Remedio en sus necessidades Quando los hermanos uan al hospital a barer y hazer las camas a los dolientes y enfermos leuantan las manos diciendo loado sea nrõ señor que tanta uirtud dais a buestros sierbos que Con tanta alegria andan alimpiando y concertandonos las camas hediondas y enojosas hazeseles tambien plasticas espi-

rituales con que se ayudan mucho en sus dolencias y enfermedades en el tiempo de las ferias y bacaciones en que se pone la lista de las mortificaciones todos muy de proposito se exercitan en los officios bajos y en otras mortificaciones. Lo material deste collegio fue en mucho crecimiento an se dado muchas limosnas pera las obras Murio Vn hombre llamado pedro fernandes de los principales de la tierra muy deuoto de la compania de quien en su uida se rriçiuio grandes limosnas fue de los nuestros muy ayudado en su uida se rriçiuio grandes limosnas fue de los nuestros muy ayudado en su muerte dexo de limosnas en su testamento para este collegio tres mil ducados Acostunbraba el de dar azeite para la lanpara del sanctissimo sacramento y Con su muerte sentiase falta en esto Por no lo auer en la tierra la muger del difunto sin le hablar nadie de casa enuio a deçir que enbiasen Como de antes abuscar el azeite necessario para la lampara porque no queria que la costunbre sancta de su marido muriese con el que enquanto ella Viuiese lo aVia de llebar al cabo. En el mes de abril llego a esta capitania el pe. Gregorio serrano (1) El qual siendo electo en el Collegio de la Baya por procurador general para yr a rroma por horden del pe. prouinçial Vino de camino a uisitar los de esta casa con cuya uisita asi los de ella como los de fuera se consolaron mucho en el señor los estudiantes le hizieron Vn buen rrecebimento y todo se resumio que asi en Roma como con El Rey negoçiasse que en pernanbuco hcuuiese un collegio bueno de la compania por ser muchas las neçessidades de la tierra y pocos los padres pera suplir a tanto los de la camara escriuieron al Rey sobre lo mismo partiose para el Reyno el mes de Junio dia de sto. Antonio fue nuestro señor serbido de darle muy buen biage y librarlo de muchos peligros Porque algunos nabios que partieron antes que el y otros despues fueron Robados de los francezes y tuuieron grandes tempestades en la mar y el de Vno y de otro fue libre Negoçio con el Rey en brebe tiempo la donaçion deste collegio Con mil ducados de Renta para beinte de la compania y otras muchas cosas para el bien desta probincia y de los yndios (2) Muchos de los estudiantes le pidieron que los Reciuiese en la compania mas a Vno solamente rreçiuio que enbio para el collegio de la Baya y muchos se quisieron yr con el para ser receuidos en portugal mas no lo consintio mas algunos de estos se uinieron huidos para la Baya en Vn barco y Vno de ellos se rreçiuio Muchos de ellos estudiantes de entranbas las classes acostunbram de tomar diciplina secretamente El mes de agosto

Vino el hermano grabiell Gonzalez a leer la classe de latim en lugar del hermano Manuel de Castro dieronse las bacaciones en el tienpo acostunbrado y en fin de los estudios se Represento Una muy buena traJedia sobre la istoria del Rico abariento y la-zaro pobre (3) hizo se con grande aparato, causo mucha debocion en todos honbre huuo que tanto entro en si con la RePresentacion desta obra que prometio de dar cada año por amor de Dios mil ducados Recelandose que le aconteciese lo que al Rico abariento dieronse Tanbien muy buenos premios en las classes.

NOTAS

(1) — Sobre o Padre Gregorio Serrão veja Fernão Cardim, *Tratados*, 378-379, nota de quem escreve esta linha.

(2) — Na *Revista do Instituto Historico*, LVII, parte 1ª, 92-98, lê-se a resolução assignada pelo Bispo D. Antonio Barreiros, pelo Ouvidor Geral Cosme Rangel e pelo Padre Gregorio Serrão, sobre os injustos capti-veiros dos Indios, na qual se criticam as determinações nesse sentido tomadas pelos governadores Luis de Brito e Antonio de Salema, e se indicam os remedios para o augmento e conservação do estado do Brasil e de seus habitantes indigenas, cujos prestimos se encarecem.

(3) — Conf. F. A. de Varnhagen, *Florilegio da Poesia Brasileira*, I, introdução, ps. XXI.

CAPITULO SIETE

De las cosas de edificación queste año suçedieron entre los yndios

Como lo principal que truxo la conpañia al Brasil fue para dar rremedio a las almas de los yndios que con berdad se puede deçir questan en extrema necesidad procurose acudir mas de proposito este año a sus neçesidades fue grande la frequençia de sus confesiones ansi de indios como de yndias a los dias sanctos por no aber mas de hun pe. lengua que confesase muchos se quedauan por confesar y yndio uuo que aguardo quinze dias hasta alcanzar uez enseñaseles la doctrina nueva y Responden ya muy bien a las preguntas estando Vna yndia en la dotrina le dieron de parte de un hombre algunos Reales de plata para que en saliendo fuese a cierta parte donde el estaba aguardando mas ella oyendo El Recado y biendo el dinero todo lo despreçio con mucho herbor despiritu amenaçando a quien le traya El Recado siendo llamado Vn pe. Para Confesar Vna yndia que estaba para morir pregunto el padre si estaba Baptisada y dijeron los señores que si ella en tanto q' oyo esto llamo al hermano aparte y le dixo secretamente que no era xpiana de que los señores quedaran espantados porque la tenian por tal Baptisola el padre despues de aparejada y fuese a gosar de su criador con el nonbre de Ihs en la boca Aconteçio estando Vn yndio doliente en una hazienda questando en la Rede sentio Grandes albarotos en El tejupar donde estava solo y que le bulian y maneaban la Red el tanto que oyo esto aun que no era Xpiāno se levanto y se cerco todo al Rededor de cruses y desPues contaba el que como se cercara de ellas luego aquello que antes lo desynquiataba lo que quiera que hera Huyera de el Vn hindio principal esclabo de un señor de ynJenio Vino de tres leguas a esta casa a pedir que lo

Baptisasen y casasen con Vna yndia manceba suya que consigo traia y despues de bien aparejada Reciuio el sancto Baptismo Con mucha alegria seria este hombre de sesenta o setenta años y de tan buen entendimto. en las cosas de dios que a todos marabillaban sus rrespuestas. Despediose de casa pidiendo a los padres que le auian de hazer christianos todos los suyos así hijos como hijas y los demas parientes para que tambien fuesen al çielo otras dos personas se baptisaron aqui en los señores tenian por christianos mas hablando acaso con ellas el pe. hallo que no lo eran vengo un pe. a predicar a huna hazienda despues de auer predicado y hoido muchas confesiones rrogole hun hombre que le fuese a confesar a Vna esclaba suya que estaba para morir yendo el padre con buen trabajo por ser de alli un grande pedazo y lo mas del camino ser de grandes lodos y aguas llego bien mojado donde ella estaba ya en lo Pos-trero de la Vida a la qual Baptiso despues de instruyda y luego murio Contauan alGunas personas que se hallaron presentes que decia ella è la hora de la muerte Jesus Jesus acordaos de dominga porque este era el nonbre quel pe. le puso y Con esto en la boca morio. Tres o quatro yndias que nunca se auian confesado pcco depues de confesadas se fueron agozar de su criador. Vn yndio aVia muchos años que deseaua ser Xpiano y lo Pedia a el señor y hiendo alla los Padres lo Baptisaron y dixo a todos los de mas esclabos em boz alta que De ay adelante ninguno le llamase por su nonbre Gentil. Otro yndio pedia lo mismo diciendo a su señor que auia miedo que biniese Vn dia Vn tuueron (porque el era pescador) y le cortase una pierna e se fuese al ynfierno. El qual tambien fue Baptisado Viniendo Vn pe. y Vn hermano de Vna mySion toparan en el camino com Vna yndia que hiba con su bordon muy doliente e deshecha asi por la doliencia como por la mucha edad que tenia no quiriendo ellos perder la ynpresa se puso El pe. a confesarla debajo de Vn arbol e sigun pareçia no podia ella escapar daquel dia u otro. Otra mission hizieron Vn pe. Con un hermano llebando consigo un estudiante lego para serVir de ynterprete, yendo muy de prisa durmieron En un yngenio qu estaba tres leguas desta uilla mas aca de donde yuan porque no pudieron llegar El señor del yngenio los rrecibio con grande alegria diciendo que nuestro señor los auia traydo por alli porque le Baptisarian Vn yndio que tenia a la muerte El qual no auia casi nada que abia enviado a decir que antes que muriese lo mandasse hazer Xpiano En oyendo ellos esto antes que cenasen se fueron luego donde El estaba

y perguntandole si queria ser christiano Respondio que si e despues de auerlo aparejado lo Baptisaron al qual tornaron despues a visitar porque estaba ya casi muriendo hallaron lo muy quieto y satisfecho y con grande dolor de sus pecados el qual luego por la mañana se fue AGoZar de su criador y los Padres pasaron adelante a cumplir su miszion en la qual dieron Remedio a muchas almas anssi de blancos como de indios. Hizieron çiento e doze Baptismos y otros tantos casamientos. Andauan tan ocupados que lo comun era yr a comer a las dos o tres horas despues de m.^o dia porque Primer querian dar el mantimientto spiritual a las almas que el corporaal a si mesmos procuran sienpre en las casas adonde van dormir dexar quien enseñe la dotrina a la esclaueria y ansi ellos lo hazian todas las bezes donde dormian los mas de los casamientos que hizieran fueron de yndios questaban amanzebados christiano con gentil y al contrario quiriendo Ellos casar un yndio Con una yndia que auia mucho tienpo qu estaban amanzebados y porque la yndia estaba muy doliente El padre los queria casar en casa Mas Respondio el yndio que no queria si no en la yglesia que no eran hermosos los casamientos hechos a escondidas y ansi se hizo esforzandose la india a yr a pie a la yglesia no consintiendo que la llevasen en la Rede outra mission hizieron Vn pe. y hun hermano lenguas en la qual gastaron cerca de un mez hizieron 156 Baptismos y 160 casamientos en ley de gracia afuera de otros muchos que hizieron en ley de naturaleza, en esta mission acontecieron algunas cosas de mucho loor de Dios como fue Vna yndia muda de mucho tienpo que ya algun tienpo abia hablado estando esta para morir hizieron mucho los padres para le sacar alguna palavra o señal en que diese a entender que queria ser bantizada y despues de estar ella algun tienPo Respondio al pe. Neim, s. Siquiero no con poca admiracion de los que la tenian por muda teniendo aquello por milagro. Baptisaronla estando ya en lo postremo. Baptisaron a otro yndio que seria de mas de sesenta años el qual despues de rreçeur el sancto baptismo lebanto las manos para el cielo quatro o cinco uezes diciendo agora haga el Señor de mi lo que quisier pues ya me lleo a ser Xpiano Otro yndio Estaba amanzebado auia tienpos hablandole los nuestros que se casase con la manzeba nunca lo quiso hazer tornaron otra uez a darle a entender la ceguedad en que estaba y como era esclabo del diablo y que se iria al ynfierno mas ni aun esto basto mas todavia el yndio despues de hidos los

padres toda la noche estuvo rrumiando en su corazon las palabras que le abian dicho y luego el dia sigiento sin mas dilacion se partio con la manzeba en busca de los nuestros y hallando los dos leguas de alli les dixo qu el benia a buscarlos para que lo casasen con su manzeua porque antes queria quedar hijo de Dios que no esclabo del diabo y ansi los casaran tambien fueron a Vn yngenio trese leguas desta Villa de un muy deboto de la conpania con grande trabajo mas el fructo que se saco fue mucho porque Baptisaron ciento y treyta y uno y hizieron cien casamientos fuera de outras muchas confessions de blancos e Hallaron aquellos gentiles muy aficionados a las cosas de dios eran diligentisimos en acudir a la doctrina dos o tres bezes al dia y a las platicas que el hermano les haçia y tanto amor mostraban a los padres que parece que los querian meter en el corazon e con mucha Simplicidad les ofrecian de lo que tenian y Vna uieja uino muy contenta con dos batatas a la yglesia y en m.º de ella las fue a dar al hermano Hallaron Vn principal que tenia dos manzebas el qual al principio se mostro duro en no querer dexar Vna de ellas mas con algunas razones que le dio el padre alcanzo que casase con huna y diese a Vn pariente suyo la otra con la qual tambien caso. Vna yndia deseaua Baptisarse mas porque estaba amanzebada los padres no la querian baptisar sino casandose, mas ella por uiuir a su boluntad no se queria obligar a la ley del matrimonio los padres le dixeron quan castigada auia de ser en el ynfierno por aquel pecado fue nuestro señor seruido que le mobio el corazon y sin ninguno mas le hablar uino de su propia boluntad a decir que ya queria casar y despues de algunos dias deseando saber su señor si era Cōstante en la birtud hyzo a Vn criado Suyo que fingiese que la acudiciaua y ella oyendo el Recado le Respondio que no auia de hazer tal cosa que ya auia pasado El tiempo en que auia sido Ruyn que los padres le mandaran que no mirase sino para su marido los Baptismos que en este tiempo se hyzieron ansi en las misiones como en esta yglesia Son por todos seiscientos y quarenta y hocho y los casamientos quinientos y treynta e dos afuera algunos hechos en ley de naturaleza.

CAPITVLO 8º

De las cosas de edificación que sucedierõ este collegio este año de 76

La mayor Parte deste año residierõ Dies en Este collegio todos ocupados en los ministerios acostunbrados de la Compañia En El mes de Mayo llego a esta capitania don Antonio Bareros obispo del Brasil. (1) Alegrose mucho toda la tierra con el fueron luego los nuestros a bisitalo a la nao alegrose mucho con ellos diciendo que Vna de las cosas que le mouio a acetar el obispado fue a ber aca padres de la compania Sabiendo quan buena ayuda le auian de dar para tan grande carga. Aposentose en nuestro collegio por espacio de cinco dias hasta que le concertaron Vnas casas mas abajo y cerca de las nuestras para donde se paso y Pidio al padre superior le mandase hazer un camino desde su Huerto para nuestra cerca para tener por donde uenir todas las bezes que quiziese al colegio y ansi se le conçedio por ser muy deuoto de la compania y tener un hermano en ella despues de algunos dias le rreciuieron los estudiantes Con algunas oraciones en prosa e en uierso y en la lengua del Brasil con mucha sactisfacion de toda la gente que se hallo presente que fue toda la tierra Despues de las oraciones se comenso una egloga pastoril acomodada a la tierra. En el mes de Julio llego a este colegio El pe. prouincial ygnacio de tholosa con honze companeros algunos para quedaren en el e Otros para ordenarse. Alegraronse mucho con su uenida anssi los de casa como la gente de fuera por uer tanta gente para la fundacion del nuebo collegio y espeçialmente por traer Vna cabeza de las honze mil uirgines pera consolacion desta tiera (2) la qual fue rreceuida con huna procesion muy solene y El Obispo quiso por su debocion traella hasta nuestra yglesia uestido de Pontifical lo qual hizo no

costando poco trabajo por ser el camino Largo acabada la procession predico el padre Prouincial y despues dio a besar la sancta Reliquia A toda la gente y todos quedaran muy consolados por auerles traydo a su tierra tan grande tesoro Hizose en el altar mayor Vn sagrario y a una parte del se puso le sancta cabeza y a la otra una rreliquia grande que auia En este collegio de S. Blas y en medio El sanctissimo sacramento hizose tambien Vn coro bajo y mudose la porteria para que los hermanos Pudiesen mas comodamente uisitar el Sanctissimo sacramento, y las sanctas reliquias sin ser estorbados de la gente de fuera Aun antes de ser puesta la sta. rreliquia En nuestra yglesia quiso nuestro sr. mostrar las merçedes que auia de hazer a este pueblo por su intercession porque el proprio dia en que llegaron los padres que fue dia de S. pantaleon (3) sobreuino a la noche Vna grande tempestad y quebraronse las amarras de la náo donde staba la sancta cabeza y estuvo en grande rrisco de perderse porque iba a dar en unas náos que estauan cargadas en el puerto y los que lo uieron dixeron que se auia apartado de ellas como se fuera con la mano Dos hermanos que quedaron en guardia de la sancta rreliquia estauan en horacion y sintieron uien el fabor de las sanctas en aquel peligro y no menos fue para loar a nuestro señor lo que sucedio en otro nauio a donde se pasaron las sanctas Reliquias para estar mais seguras porque estando todos los marineros ocupados en Vn barco en que se trayan pera la uilla se pego fuego en la náo y en breue tienpo se encendio tanto que desde la Villa se Veia mas fue nuestro señor seruydo que no quemase mas que alguna enxarcia y parte de el lugar donde Auian estado la caxa de las sanctas Reliquias estauan alli cerca dos caxas de azucar para los fiailes de sant franco. de Viana y toda la madeira de ellas ardio Con quedar el azucar todo muy sano y Refinado todo esto se atribuyo a las sanctas reliquias Vn mercader que lleuaua en esta náo hazienda que baldria hocho o diez mil ducados Viendo la arder desde la Villa fue con grande priesa a darle rremedio y bolbiendo preguntole un padre que daño se auia hecho en la náo y si auia El perdido mucho con ella Respondio que no, dando gracias a nuestro señor por tan grande merçede y diciendole El pe. que a deser las sanctas Reliquias que en ellas estuuieron esta noche no auian de obrar alguna cosa y el que no sauia nada de eso Respondio por cierto pe. que si yo supiera eso que aun que yo lo biera arder todo desde aca que no uuiera de ir alla por-

que bastara para creer yo que no huuiera de suçeder ningun mal el Auer elas estado en ella.

En el tiempo qu el pe. prouincial estuuu en este collegio se rrecoxieron muchos a exercicios sprituales con mucho fructo tanuien los domingos predico anssi en nuestra casa como en la yglesia hazia tambien las dotrinas los domingos a la tarde mucho prouecho en todos auia muchas confesiones y como entonçes auia doze padres en este collegio a todos se daua remedio comenzo el padre pero dias que fue Vno de los que se hordenaron (4) Vna liçion de casos de conçiencia hallandose Presente El obispo con los clerigos y otra mucha gente del pueblo y mostraron deseos de aprouecharse desta liçion desPues de aber asentado el padre las cosas deste Collegio nonbro por Rector del a el Padre GreGorio serrano y mientras el uenia de Roma a donde fue por procurador desta probincia por uice-rector al pe. Agustin Del castillo y por ministro al pe. Alonso Gonzalez el qual por este año hizo los botos de coadiutor formado precediendo lo que en la compaña se acostunbra predico el pe. prouincial dando a entender el instituto de la compaña y quedaron todos muy satisfechos y con mayor afiçion a los nuestros y despues de auer estado aqui poco mas de dos mezes se bolbio para el colegio de la Baya dexando en este collegio treze: seis padres y siete hermanos llebando Consigo algunos de los que uenian para ordenarse y algunos de los de este collegio y otros de nuestros estudios que auia muchos años que pedian la compania para la casa de la probacion de la Baya.

Por medio de los sermones y confesiones se hizo grande serViçio a Dios y muchos emendaron sus uidas y se apartaron del mal estado en que estauan huuo muchas confesiones Generales de 20, 30, e 40 Años en las quales se dió Remedio a muchas almas questaban perdidas por mº de los nuestros se hizieron muchas amistades en esta capitania como fue una que se hizo entre la gouernadora y un cauallero los quales no se hablaban auia muchos dias y puesto que por ueses se yntento ponerlos en pas a cabo de muchos meses plugo al señor que se concluese hallandose presente un pe. que en esso andaba el qual acabo con Vna de las partes que pusiese en la mano a otra Vna cana de uengala poniendose de Rodillas pediendole que lo castigase como le pareciese quedo con hesto la parte contraria muy blanda y day adelante se uisitaron y hablaron lo qual resulto en mucha gloria de Dios y edificaçion de toda la tierra. Otra amistad muy mas ynportante se acabo con la uenida del

padre Prouincial en la qual auia muchos meses q' andaban los nuestros y El obispo en persona Sin poder concluir nada la origen desta disension fue bolber a la tierra un hijo bastardo de Vn caballero de los mas principales de la tierra de quien se hizo menzion en el capitvlo sigundo y con su benida torno el demonio a meter grande zizafia entre El hidalgo y su muger rrefrescando las cosas pasadas de manera que ni se ueyan ni se hablaban afuera de eso andaban Con deseos de matar al hijo fue nuestro sr. seruido que se acabase con el Estando el obispo presente con el pe. prouincial que se olvidase de todo y se confesase lo que no auia hecho por esta caVsa mucho tienpo auia y day adelante uiuieron Con mas pas y alegria que nunca y no solamente Recibio el hijo e su amistad si no aVn le dio el casanto. que le negaba y tieras para granjear hazienda.

Con los estudiantes se hizo mucho fructo por dia de carnes tolendas hizieron Vna procession muy solene en canto de horgano donde fueron muchos diciplinandose y causo en la tierra mucha deboçion y acudio a ella mucha gente hesta se continuo por toda la quaresma mudandose day adelante para los miercoles destas y otras cosas senseJantes nace mucho credito y amor a los de la compania hestando vna bez vna rrueda de hombres honrrados dixo Vno de ellos no se como hombre que conbersa con los padres de la conpañia hosa ofender a Dios.

El cuydado de los nuestros acerca de los pobres fue grande por su industria Se anpararon algunas mugeres huerfanas que andaban herradas Alcansando limosna parte de la misericordia parte de los hombres honRados para Su remedio Vna destas Estaba amanzebada publicamente con hun hombre y por medio de los padres se acabo que casase con ella otra muger principal y honRada uiuda se anparo por m° de los nuestros con hun hombre honrrado señor de Vn yngenio las limosnas que se hizieron este año fueron grandes en dinero darian mas de setenta mil marabedis a fuera unos candeleros de plata y vna firma para El Reyno para comprar Vn encensario y vna custodia y otras muchas cosas que dan para sustentacion de los de casa lo qual se mostrou uien EN el tienpo que aqui estubo el pe. prouincial que con rresidir bēyte y dos En este colegio todos Se sustentaron de limosnas en abundancia la quaresma tuuieron los nuestros mucho trabaxo por ser pocos y muchas las confesiones y sermones hizieronse los officios de la semana sancta y un munumento muy bien consertado que causo a todos mucha deboçion lo material del colegio fue en crecimto.

de los hermanos y para este efecto diola gobernadora doña Beatris vna legua de tieRa muy buena A fuera otra que estaba ya dada. (5)

NOTAS

(1) — D. Antonio Barreiros esteve segunda vez em Pernambuco, vindo na armada de Diogo Flores de Valdez, que partiu da Bahia no primeiro de Março de 1584, e chegou a 20. Entre Julho e Outubro falleceu em Olinda D. Brites, viuva do velho Duarte Coelho. Nas pomposas exequias que lhe fizeram no Collegio de Olinda, a oração funebre foi pronunciada pelo Bispo — Fernão Cardim, *Tratados*, 401.

(2) — Segundo Anchieta, *Cartas, Informações, Fragmentos historicos e Sermões*, 328, Rio, 1933. (Notas do saudoso Antonio de Alcantara Machado) havia em todo o Brasil, até 1584, seis cabeças das Onze Mil Virgens, que se distribuiam assim: tres no Collegio da Bahia, uma no Rio de Janeiro, uma em Pernambuco; quanto á restante estaria talvez em Piratininga. Naquelle anno foi criada na Bahia a irmandade das Onze Mil Virgens, á qual o Bispo D. Antonio Barreiros dispensou valiosos favores e prometeu dar perpetuamente a cêra para o altar. — Conf. Fernão Cardim, *Tratados*, 380-381.

(3) — A festa de São Pantaleão celebra-se a 27 de Julho.

(4) — Em Agosto de 1576. Outro foi o Padre João Soloni, natural do bispado de Lérida, na Catalunha, que em companhia do Padre Luis Mesquita e do Irmão Manuel Dias, embarcára em Lisboa, a 19 de Fevereiro de 1574, chegando á Bahia a 2 de Maio. Da Bahia foi para Pernambuco com o Padre Provincial Ignacio de Tolosa, *Revista do Instituto Historico*, XXVI, parte 1ª, 241. — O Padre João Soloni foi um dos cinco sacerdotes mandados á catechese dos indios do Paraguay pelo Provincial do Brasil, que era então Joseph de Anchieta, a pedido do Bispo de Tucuman, D. Fr. Francisco Victoria; os outros foram os Padres Leonardo Arminio, napolitano, que ia por superior, Manuel Ortega e Estevão da Grã, portuguezes, e Thomaz Filde, irlandez. Embarcando no Rio de Janeiro, ao chegarem á embocadura do Rio da Prata foram tomados pelos piratas inglezes de Cavendish. Nessa occasião o Padre Ortega ficou gravemente ferido e os outros bastante maltratados. Depois de algum tempo de prisão foram todos largados no porto de Buenos Aires e puderam assim seguir seu destino. — Conf. Pedro Lozano, *Historia de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay*, I, 22-27, Madrid, 1754.

(5) — Borges da Fonseca, *Nobiliarchia Pernambucana*, in *Annaes da Bibliotheca Nacional*, XLVIII, 354, refere-se a uma carta de sesmaria encontrada no archivo do Collegio de Olinda, que foi dos Padres Jesuitas, "passada por D. Brites de Albuquerque, Capitão e Governadora de Pernambuco, a 24 de Julho de 1579, na qual confirma a data de uma legoa de terra em Camaragibe, que aos Padres do dito Collegio de Olinda havia dado D. Christovão de Mello, quando Capitão Governador..."

O ultimo algarismo do anno não deve estar certo, por isso que a doação da governadora vem referida no texto entre os successos de 1576, quando El-Rei D. Sebastião dotou o collegio com mil cruzados annualmente, Fernão Cardim, *Tratados*, 403.

CAPITULO 9.º

De las cosas de edificación que sucedieron entre los yndios en algunas myziones que se hizieron

CONTINUARONSE las dotrinas que se hazen a los yndios y esclaueria de la tierra con mucho aprovechamiento y porque lo comum era ninguno deestos oyr missa los domingos y dias sanctos ordeno el pe. prouincial que beniesen a la pa. missa auisando a los señores en Vn sermon de la obligacion que tenian para esto y luego se sentia fructo deesto por que ya bienen muchos todos los domingos y dias sanctos a oyr la missa E ella aCabada se les enseña brebemente la dotrina tambien este año Se dio principio a la dotrina de los negros de Guinea que son muchos y estan sin ninguna dotrina hizoseles todos los domingos y dias sanctos en la yglesia principal con mucho aprobechamto. las cosas particulares que entre los yndios AContiçieron son muchas vn hindio pagano estaua Amanzebado Con vna yndia Xpiana la qual Estando para morir Vino a este a Pedir a los padres que lo hizieron christiano y que lo casasen cõ ella que para esso la llevaria a la yglesia como lo hizo llevandola cõ otras a Cuestas. Estando vna yndia para morir pedio confesion y quiriendo el senor llamar un clerigo de fuera digo altas voces que no queria clerigo sino vn padre de la compania de Jesus y ansi se confeso con quien pidio con mucha consolacion suya y del confessor pregunto vn pe. a Vna yndia qu estaua confessando si hurtaba rrespodio ella no hurto porque me acuerdo sienpre que he de morir. Dando hun hombre una carta a vna yndia para que la diese de sua parte a vna hija de su señora y entendiendo la yndia la malicia fue tan discreta que la fue a meter en el fuego y preguntando despues por la rrespuesta Respondio que el fuego la tenia. Otra yndia no queriendo consentir ã Vna ofensa de dios fue

arrastada y Rascañada e assi escapo de las manos del diabo y uino luego a dar cuenta de si a los padres con el rostro todo herido estando hun yndio muy enfermo de calenturas no se podia socegar ni menos tenia lugar para confesar se por estar muy ynquieto Uiendolo vn padre desta manera entendio que aquillo era engano del demonio y haziendole vna breve amoestacion diziendole que confiase en dios y que se esforzase a se confesar que muchas bezes el demonio buscaba desinquitaciones al honbre para que no se llegase a dios y que algunas bezes la enfermedad del cuerpo proçedia de la dolenzia del alma animandose el con estas palavras y quietandose se confeso y dandole la absolucion ceso luego la calentura que tenia Allando una vez los nuestros una yndia muy doliente le pregunto El hermano lengua como estaua Respondio ella que mala aconsejola el hermano que llamase sienpre por el nonbre de Jesus que luego se auia de hallar bien de ay a algunos dias le torno al hermano a preguntar lo mesmo Respondio ella des que llame por aquel nonbre que me dixiste me hallo uien.

Algunas miziones se hizieron por las uillas y ynge-nios en las quales se dio rremedio a muchas almas. Un pe. y un hermano lenguas fueron a Vna hazienda donde hizieron doçientos y dos baptismos y ciento y cincoenta y seis casamientos porque estando alli corrio luego la fama y benian de diuersas partes vnos de dos otros de tres leguas a oyr la palabra de dios y a baptizarse y a casarse y algunos destos de- Jaban las muchas mugeres que tenian Vn pe. con hun hermano fueron a la ysla de tamaraca y afuera el fructo que se hizo en la gente blanca q' fue grande questaban sin misa y sin sermon no fue menor el que se hizo en la esclaueria era para loar a nuestro sr. como corian de muchas leguas a la confesion y aguardaban en la yglesia mucho tienpo por ser la gente mucha y porque se le acabo el tienpo de su mission quedaron algunos por confesar vn yndio destos se fue tras los padres y se embarco con ellos en el harco y ansi se fue a confesar de alli a Vna legua. Otro padre con hun hermano fue a predicar a lla uilla de yguarasu desde alli fueron uisitando algunas haziendas predicando y confesando en ella Unieron a Vna donde el pe. baptiso 35 yndios y caso 36 en llegando a esta hazienda le dieron nuebas questaba un yndio biejo para morir que no era Xpiano al qual aUia ya Preguntado el cle-rigo de la hazienda si queria ser Xpiano a lo qual el rrespon-dio que no que primero se determinaria y tomaria consejo

mas luego quel padre lleo alli y le dio Cuenta de su uenida lo mobio nuestro sr. y pidio el sancto baptismo, pusose luego el pe. a aparejarlo y chatequizallo en las cosas de la fé y ansi lo baptiso y dai a pocas horas se fue gozar de su criador en esta misma hazienda confeso el pe. a algunas cinqta. o sesenta personas daqui se fueron luego para otra hazienda donde les dieron Rebate que aUia poco tienpo que Vna culebra auia mordido a Vn yndio y que estaba de la picadura para morir acudiendo ellos luego con la medicina spiritual y con la corporal que era un poco de vnicornio fue nuestro sr. seruido de darle salud en el cuerpo y en alma hallaron Junto deste yndio Vn esclabo para morir que les pidio confesion despues de la qual no biuio mas que dia y m^o uiniendose ya Predico el padre de pasaJe en Vna hazienda y confeso dies o dose personas adonde le dieron nuebas que estaba de alli a Vn buen pedaso por El monte adentro Vna yndia para la muerte partieron luego a socorrer accetando vna cabalgadura para El camino y Pasando Vn rrio la bestia se dejo caer en el agua y fue el pe. forzado a andar bestido y calzado por dentro de las aguas y ansi moJado fue y confeso a la yndia y luego aquel dia se fue a gozar de dios y desta hazienda fueron a la ysla de tamaraca donde predico el padre y confeso a muchas personas de la isla se partieron para la banda del norte quatro o cinco leguas donde estaban muchos moradores y fueron con asaaz de peligro y Risco de los contrarios Pitiguares los quales despues de los padres bolber a El collegio dieron alli cerca en huna hazienda y mataron diesysiete personas blancas y destruyeron la hazienda en esta mission padeçieron muchos trabajos por ser ybierno ansi de hanbre como de frio por dormir algunas bezes en las portadas de las casas bien mojados hizieron en esta yda quatro o cinco amistades entre personas de mucho tomo otra bez fueron dos padres a la Uilla de yguarasu Vno de ellos se ocupo en predicar y confessar a los blancos otro que era lengua en dar Remedio a las almas de los yndios oyeron muchas confessions de mucha ynportancia hizieron mas de cinquenta Baptismos y ciento y uinte casamientos en los quales se dio Remedio a muchas personas questaban amanezadas fueron llamados los nuestros de vna yndia honRada muger de un hombre blanco questaba muy doliente cinco leguas desta uilla fueron a Remediarla con mucho trabajo por ser tienpo de mucha agua y El camino de grandes lodos andando de noche Vna legua o legua y m^a y fuera de se confesar la yndia con

mucha consolacion suya Confesaron mas otros dos Dolientes y a la buelta les daban gallinas y muchos Reales de plata y edificaronse mucho biendo que nada querian Por su trabajo otras muchas bezes fueron los nuestros a diuersas partes en las quales se baptisaron otros muchos y casaron en ley de gracia y hoyeron muchas confessiones y muchos acabados de confessar y otros acabados de Baptisarse se yban a Gosar de su criador otra yndia Uino de hocho leguas solamente a confessarse a este Collegio y no pudiendo estonzes Vn pe. lengua oyrla por las muchas ocupaciones se torno pera la casa donde moraba llorando muchas lagrimas y queJandose a la s.^a de casa diziendo que no haUia benido a otra cosa sino a sse confessar y que no le Pudiera alcanzar la muger biendo su buena boluntad se uiNo Con ella a este Collegio a RoGar al padre que la confesase y ansi se confeso Con mucha consolacion Suya hasta hesto fue lo que sucedio en este colleGio hasta El mes de octubre de 76.

Antonio Rodrigues, soldado, viajante e jesuita portuguez na America do Sul, no Seculo XVI

Com introdução e notas

do

PADRE SERAFIM LEITE, S. I.

Uma cópia da carta do Irmão Antonio Rodrigues para os irmãos de Coimbra foi gentilmente offerecida á Bibliotheca Nacional pelo Sr. Professor Afranio Peixoto, que a recebeu do erudito Padre Serafim Leite, S. I. Trata-se de uma communição feita ao XXVI Congresso Internacional de Americanistas, reunido em Sevilha, a 18 de Outubro de 1935.

Para commemorar o IV Centenario da primeira fundação de Buenos Aires (Fevereiro de 1936) a Universidade daquella capital platina publicou essa carta em espanhol, com o titulo — **Un cronista desconocido de la conquista del Rio de La Plata — Antonio Rodrigues (1536 - 1553).**

Como o assumpto tambem interessa á Historia do Brasil, os **Annaes da Bibliotheca** lhe dão merecida acolhida, juntamente com a introdução e as notas que sobre o importante documento escreveu o benemerito investigador da Historia da Companhia de Jesus no Brasil, ao qual, bem como ao illustrado Professor Afranio Peixoto, ficam aqui expressados os mais calorosos agradecimentos.

R. G.

INTRODUÇÃO

Entre os documentos inéditos para a história da Companhia de Jesus no Brasil aparecem com frequência alguns, cujo alcance transcende os limites daquela história. Um deles é uma carta do Irmão Antonio Rodrigues, português, e natural de Lisboa, segundo Simão de Vasconcelos.

Ao entrar Antonio Rodrigues na Companhia, em S. Vicente, no ano de 1553, ordenou-lhe o seu Superior, P. Manuel da Nóbrega, que resumisse as vicissitudes da sua vida. E isto com o fim, confessado, de avivar o zelo dos estudantes de Coimbra para o apostolado entre os Índios da América.

Sem atribuir a este documento valor sensacional, cremos todavia que, tratando um assunto relacionado com o Rio da Prata e suas nações ribeirinhas, a cujas origens traz alguma coisa de novo, não será fora de proposito dá-lo a conhecer num Congresso Internacional como este. Tanto mais que as referencias, que faz á primeira fundação da grande cidade de Buenos-Aires, têm o relevo circunstancial de celebrar-se agora o seu quarto centenario.

Antonio Rodrigues foi durante 18 anos soldado dos exércitos de Espanha na América do Sul. Como tal assistiu á fundação das cidades de Buenos-Aires e Assunção, acompanhou Irala através do Chaco, e foi, com Ribera, pelo Rio Paraguai ao centro do Brasil. E' portanto uma época importante, talvez a mais decisiva da conquista do Rio da Prata, desde 1536 até 1553.

Depois que Antonio Rodrigues entrou na Companhia de Jesus, a sua vida é relativamente conhecida. Foi um dos fundadores de S. Paulo e o instituidor mais eficaz das célebres aldeias jesuíticas da Baía de Todos os Santos. Com a sua habilitade para o canto, com a sua arte maravilhosa de tocar flauta, atraia os índios e se lhes impunha com a sua autoridade antiga de soldado e o seu conhecimento prático da lingua tupi-guarani.

Morreu o já Padre Antonio Rodrigues no ano de 1568 no Rio de Janeiro, que acabava de se estabelecer, e a cujos combates definitivos contra Franceses e Tamoios ainda assistiu e talvez dirigiu com a sua experiencia militar.

A crónica sumaria, que nos deixou, era ignorada até hoje; e acrescenta aos factos, divulgados por outras vias, por menores novos; e difere, no seu espirito, de todas as relações conhecidas.

A mais célebre dentre elas é a de Ulrico Schmidel, alemão de Taubinga, que embarcou, com Antonio Rodrigues, em Sevilha na armada de Dom Pedro de Mendoza. Existem outras informações menores, que Lafone Quevedo reuniu nos "Apêndices" da sua edição de Schmidel, sendo as mais importantes as Francisco de Villalta, Pero Hernández e Martim Gonzáles. Todas elas têm um fim particular. Schmidel prefere o que poderia causar admiração aos seus conterraneos alemães. O próprio titulo da primeira edição é claro: propõe-se narrar "os perigos, pelejas, escaramuças entre eles e os nossos, tanto por mar como por terra, acontecidos de uma maneira extraordinária, assim como da natureza e costumes horivelmente singulares dos antropófagos, que nunca foram descritos noutras historias ou crónicas."

E' evidente o empenho em ressaltar o pitoresco da paisagem e amplificar o aparato bélico. E amplifica-o tanto, que os seus quadros militares nos fazem sorrir hoje um pouco.

Villalta sente-se preterido na repartição dos empregos publicos: olha os funcionarios com certa inveja. Mas também, por isso dá noticias pessoais preciosas.

Martim González, e, sobretudo, Pero Hernández, inimigos ambos de Irala, pintam com cores sombrias a administração do Governador, carregando o mau e omitindo o bom.

Antonio Rodrigues coloca-se acima de semelhantes paixões.

Escreve em geral dos costumes dissolutos, sem especificar ninguém; e quando assinala determinadamente a pessoas, como faz com João de Salazar, é para dizer que era valente capitão.

Fala também, evidentemente, da cobiça do ouro, e insiste nisso. E' um facto histórico indiscutível. Ainda que repelimos a ideia de certa escola social que tudo põe em função do económico, todavia, ontem como hoje, ninguém abandona o lar e a patria senão por alguma compensação positiva. O missio-

nario tem que colocar-se, por definição, em categoria á-parte. Se queremos encorporar os factos particulares, que narra Antonio Rodrigues, aos já conhecidos, e que foram as ideias directrices da conquista, encontramos, por exemplo, no que toca ás qualidades dos Indios, um critério objectivo para classificá-los. São bons os que recebem bem os conquistadores; são maus os que os recebem mal e os antropófagos, como os Carijós, em extremos crueis, e os Pagais, que mataram a gente de Ayolas por achá-la desprevenida e em condições de inferioridade, doentes, e perdidos os bergantins. Para Antonio Rodrigues, os Indios são não exclusivamente bons, nem exclusivamente maus: bons e maus, segundo as circunstancias, que é o meio termo da verdade. Se me fora permitido invocar a minha pequena experiencia pessoal, com os indios pouco civilizados dos confins amazónicos do Brasil, Colombia e Venezuela, onde vivi alguns anos, antes de entrar na Companhia (um pouco como Antonio Rodrigues) diria, sem hesitação, que o homem branco está de mais entre os indios, no dia em que mostra fraqueza; — que é precisamente o caso de João de Ayolas, narrado por Antonio Rodrigues.

O presente documento encontra-se no Arquivo Geral da Companhia de Jesus (Arch. S. I. Roman., "Bras. 3 (i)," 9lv - 93v-. E' uma copia da época. Antonio Rodrigues como de português a portugueses te-lo-ia escripto em sua lingua materna. Ao ser enviado a Roma a Santo Inacio, traduzir-se-ia ao castelhano. Este facto de ser tradução e cópia explica suficientemente um erro de data, troca de números, 1523 em vez de 1535, ano em que Dom Pedro de Mendoza saiu de Sevilha. Não são para admirar tais deslizes. Schmidel fá-lo sair também erroneamente em 1534. Naqueles tempos a cronologia era secundaria; o essencial, os factos que se narravam.

Esta carta de Rodrigues acha-se intercalada com outras que se guardam como uteis para a historia da Companhia no Brasil, em sua maioria desconhecidas e inéditas. A que se segue a esta é uma do P. Manuel da Nóbrega, o primeiro jesuita que pôs pé em terras americanas, dirigida ao Padre Luis Gonçalves da Camara, confidente do Santo Fundador da Companhia e pouco depois confessor de El-rei D. Sebastião de Portugal. Dá-se a coincidência de ser escrita em S. Vicente, no dia 12 de junho de 1553, véspera da chegada de Ulrico Schmidel. Trata igualmente de assuntos relacionados com o interior da América do Sul e dos desejos e tentativas dos Jesuitas para ir lá.

Esta carta de Antonio Rodrigues apresenta-se como um incentivo á juventude do Collegio de Coimbra. Dá portanto importancia a certos factos que os outros crónistas do Rio da Prata preteriram ou consideraram de modo diverso. Atende, de preferencia, ás qualidades morais dos indios, se são antropófagos, e ás condições económicas do seu viver, como que insinuando a facilidade ou dificuldade de estabelecer missões entre eles.

Antonio Rodrigues escreve já como missionario. O seu testemunho ao falar dos maus costumes dos colonizadores pode padecer de encarecimento. Tem, sob este aspecto, que ser confirmado por outros testemunhos, não quanto á veracidade dos factos senão quanto á sua generalização ou intensidade. Mas vemos certamente os mesmos factos confirmados e até sobrecarregados nos referidos cronistas do tempo, Francisco de Villalta, Martim González e Pero Hernández.

Devemos considerar também tais factos como quasi moralmente inevitaveis. E convém observá-los não á luz das nossas preocupações modernas. Já lá vão quatro séculos. E tanto peca por anti-critico o que olhe para a América só através dos conquistadores, como só através dos missionarios. A realidade é que da conjunção de uns e outros surgiu a obra imensa da Colonização da América, com todos os seus erros e com todas as suas grandezas. E, somando tudo, o resultado é de signo positivo e alto. E nisto consiste a gloria de Espanha; ou, para incluir-me modestamente na conta, toda a gloria luso-espanhola, que soube vincular ás nossas linguas de Cervantes e Camões, e á nossa religião e cultura, a maior parte do grande e glorioso Continente Americano.

Lisboa — Sevilha, Outubro de 1935.

SERAFIM LEITE, S. I.

CÓPIA DE UMA CARTA DO IRMÃO ANTONIO RODRIGUES PARA OS IRMÃOS DE COIMBRA.

De S. Vicente, do último de maio de 1553.

“Pax Christi.” — Ainda que até agora, com muitos perigos, andei navegando por este mar do sul, onde há tantas tormentas, que poucos navios escapam, contudo confesso, Caríssimos Irmãos, até agora ter navegado por outro mar mais perigoso, que é o deste mundo e suas vaidades, onde tantos se perdem, do qual Nosso Senhor me livrou por meio do Padre Manuel da Nobrega, recebendo-me na Santa Companhia de Jesus, trazendo-me já Nosso Senhor movido para entrar nela, vendo quanto tempo e com quantos perigos tinha sido soldado no mundo, com tão pouco proveito, e que entrando nela entrava em melhor batalha, que é de almas, e com tão grande premio, que é a remuneração eterna.

Mandou-me o Padre que eu vos desse conta da minha vida, e das mercês, que Nosso Senhor me tinha feito, e por eu ter ido daqui do Brasil ao Peru', por terra e tornado (1); vos escrevesse também dos gentios que por essas terras há, esperando ser ajudados de vós para a sua salvação, e o aparelho que têm para receber a nossa santa fé; e para vos dar esta conta vos quero escrever desde o princípio da minha vinda a estas partes.

E é que eu e outros Portugueses, assim por vaidade como por cobiça de ouro e prata, no ano de 1523 (2), partimos de Sevilha em uma armada, que fazia Dom Pedro de Mendoza, na qual éramos 1.800 homens (3); e todos carregados de nossa cobiça, chegamos, com próspero vento, ao Rio da Prata, e entramos pelo rio com as naus 60 leguas (4).

Logo quiseram ir em terra todos para edificar uma cidade: e os primeiros seis que saíram para ver o lugar onde se podia fazer mataram-nos as onças bravas (5). Nem por isso se deixou de edificar ainda que cada dia as onças matavam homens. Prouve a Nosso Senhor castigar a nossa cobiça e pe-

cados, que soldados comumente fazem; permitiu vir tanta fome ao arraial que não davam a comer a cada um, cada dia, senão seis onças de pão. E, porque a gente por esta causa, com a fraqueza, não podia trabalhar, era muito castigada dos officiaes da ordem da guerra, porque lhes davam com paus, e assim morriam cada dia 4 ou 5. Ainda que não deixou Nosso Senhor a estes, que castigavam aos outros, sem castigo, porque vieram os gentios um dia de Corpus Christi e mataram 40 dos mais nobres e esforçados (6).

Aconteceram nesta fome, com que Nosso Senhor nos castigou por nossos pecados, coisas semelhantes ás que aconteceram aos judeus em Jerusalem, no cerco de Tito e Vespasiano. Porque enforcando-se a dois soldados, lhes comeram as barrigas das pernas; e um homem matou em sua casa a um seu primo e comeu-lhe a assadura. Acabando de a comer o acharam que estava para morrer, permitindo Deus por seu justo juízo que o matasse a comida com que a morte do primo procurou. Aconteceu também comerem uns o excremento que outro depois de ter comido deitava, ainda que pela corrupção dos corpos era aquilo tão peçonhento que quem o comia logo morria (7). E, desta maneira, uns com fome, outros por os matarem as onças, e outros os gentios, morreram neste tempo, que se fez a cidade, 600 homens.

O Governador, vendo ir a gente desta maneira, voltou para a Espanha, o qual morreu no caminho; e deixou em seu lugar a João de Ayolas, o qual em bergantins subiu pelo rio 350 leguas, deixando a cidade sepultura de mortos; e praza a Deus que não seja o inferno sepultura das almas e não sejam lá castigadas como foram cá seus corpos. Digo isto, Carissimos Irmãos, porque claramente se vê ter Nosso Senhor permittido tantos males por nossos pecados. Porque ali renegavam e blasfemavam de Deus, ali os falsos testemunhos, ali as injustas justiça e vinganças, ali os officiaes da ordem da guerra diziam:

— Bem é que morram, porque não haverá ouro para tantos!

Estes morreram ainda mais miseravelmente, porque os seus corpos careceram até de sepultura.

Deixando isto, andando as 350 leguas, achamos uns gentios que chamam “Timbos” (8), os quais são muitos. Não comem carne humana, antes se afastam disso. São muito piedosos, porque indo nós muito sumidos e os dentes e beiços negros, levando figura mais de homens mortos que vivos, nos le-

varam nos braços e nos deram de comer e curaram-nos com tanto amor e caridade, que era para louvar a Nosso Senhor ver, em gente apartada da fé, tanta piedade natural, que com tanta mansidão e amor tratavam a gente estrangeira, que não conheciam. Achamos ali um espanhol, e sabia bem a lingua deles, a qual tem muitas palavras latinas (9).

Há muitas terras povoadas deste género de gentios, os quais obedecem a seus principais, e neles há grande disposição para se fazerem cristãos. Praza a Nosso Senhor de mandá-los visitar, porque a nossa, porque não era para ganhar as suas almas senão para ver se tinham ouro, não lhes fez nenhum proveito na fé.

Há, adiante destes gentios, outros que chamam "Corumna, outros "Aquilocos" e "Chenatimbos" e "Queuvas" selvagens e "Guirandas" e "Chandues" e "Garinas." E estes Garinas têm guerra com todos os vizinhos e comem-nos; e se captivam meninos fazem-nos á sua maneira. Estes nos mataram muita gente.

Deixamos alguma gente entre os Timbos e fomos cerca de 60 homens em bergantins, que fizemos, com a nossa coíba ás costas (10), pelo rio acima a serviço da avareza, a buscar o governador João de Ayolas, o qual tinha subido, com tres bergantins e 160 homens, pelo rio 380 leguas. E, deixando os bergantins com 30 homens, foi-se pela terra dentro com a outra gente em busca dos gentios chamados "Carcara", que têm ouro e prata. E, antes que chegassem lá, houve muita prata, a qual não se sabe quanta era. E voltando para tornar com mais poder para sujeitar aqueles gentios, adoeceu a gente que trazia á volta; e, não achando os bergantins no porto, foi ali toda a gente sem ficar nenhum, mortos por uns gentios chamados "Pagaes." (11)

Muito de considerar é, carissimos irmãos, os trabalhos que os homens levam pelas cousas deste mundo e quão poucas vezes são galardoados mesmo destas cousas baixas dele; porque communmente os prémios dos trabalhos tomados pelo mundo são outros maiores trabalhos nele, deixando o perigo que tem de cair em pena eterna; e todavia há tais que os sigam e tanto sofram por elle; e por Deus que dá premio eterno e até "centuplum in hac vita" não há quem faça nada. E aqueles que especialmente se dedicam a seu serviço são tão excedidos dos do mundo, que têm farta matéria de confusão em ve-los correr mais depressa á morte do que eles á vida.

Indo nós em busca do Governador passamos por muitos gentios que seria longo contar. Somente direi alguns, a saber: Os "Mearetas," que nos carregavam os bergantins de peixe curado ao sol, e muita manutenção, porque disto se mantêm. E' gente que não come carne humana: tratam muito bem os cristãos; são também piedosos como os Timbos, que nos receberam em suas casas; e os "Mepenes," que são muitos e da maneira destes, e os "Cuchamecas" e os "Agazes". Todos estes gentios não comem carne humana.

Chegamos á terra dos "Carijós," que são gentios muito poderosos e grandes lavradores, e naquele tempo em extremo cruéis, que comiam carne humana. Chegamos com muita fome e falta de mantimentos, por haver seis meses que a remos tínhamos caminhado, sem ter um só dia vento de vela. Ia por nosso capitão um homem chamado João de Salazar, muito capaz na guerra, o qual como nos via ir cansados de caminhar, tomou conselho do que seria bom fazer, e conclui-se que se fizesse ali fortaleza. E assim saltamos em terra as tres partes da gente, ficando os bergantins apercebidos para a guerra no rio. E um homem, que levávamos, que sabia a lingua, começou a dizer áqueles gentios (que quando nos viram eram tantos sobre nós que cobriam a terra), que nós éramos filhos de Deus, e que lhes trazíamos nossas cousas, cunhas, facas e anzóis; e com isto folgaram e nos deixaram em paz fazer uma fortaleza muito grande de madeiras muito grandes. E assim pouco a pouco fizemos uma cidade aonde trouxemos toda a gente que vinha atrás, e outra que o Imperador depois enviou, de maneira que se juntaram nela 600 homens (12). Os quais vieram a tanta cegueira, que pensaram que o preceito "crescite et multiplicamini" era valioso. E assim dando-lhes os gentios as suas filhas encheram a terra de filhos, os quais são muito habéis e de grande engenho.

Estando nesta cidade, chamada de Nossa Senhora da Assunção, por ser começada neste dia (13), nos livrou Nosso Senhor, daí a algum tempo, no mesmo dia, de umas traições, que os gentios nos fizeram; e prouve a Nosso Senhor que foram vencidos. E daí em diante começaram a temer-nos muito (14).

Desta cidade fomos mais adiante a conquistar terras e subimos mais acima 250 leguas e chegamos perto do Maranhão e das Amazonas. Chegamos aos "Parais," gente lavradora, muito amigos dos cristãos; têm um principal a quem obedecem que em sua lingua chamam "Cameri." Não comem carne

humana. Perto destes estão os “Barbacães,” os “Sabacoces,” os “Saicoces,” todos gente lavradora de muitos mantimentos, e docil para receber a fé de Cristo. Passamos por outros gentios, de que não fizemos caso, por não serem lavradores, a que chamam “Pagais,” os quais mataram a nosso governador João de Ayolas. Estes são pescadores e caçadores. Achamos também outros gentios chamados “Gaxarapos,” mui ruim gente, e outros que chamam “Gatos.”

E não achando nesta saída prata nem ouro, tornamos a nossa cidade, cansados e em excesso trabalhados (15).

Neste tempo os Carijós tomavam muito bem a doutrina de Cristo, como abaixo contarei.

Fomos outra vez no ano de 1548 (16), que entramos caminho do poente, buscando a gentilidade “Carcara,” que tem puro e prata. Fomos vinte de cavalo e 250 de pé e 3.000 Carijós, homens de guerra. E assim caminhamos pela terra dentro 70 leguas e chegamos a uns gentios, chamados “Maias,” que são seis povoações e uma e meia (sic) onde estava o seu principal. E’ gente de muitos mantimentos e grandes lavranças. Não comem carne humana. E vendo-nos não ousaram esperar-nos e fugiram desamparando as suas casas. Mas o principal nos enviou um presente de certas peças de prata e muitas mantas de algodão, que suas mulheres fiam e tecem (17). Têm entre si uns, a que chamam “Taonas,” e a estes dão a comer os seus inimigos, quando os tomam.

E, deixando estes, fomos adiante sempre por povoado, e achamos outra muita gente, a saber: os **Laenos, Quichaqueanos, Soporeanos, Madpenos, Canes**, todos gente lavradora, de muitos mantimentos. Achamos também outros chamados **Cororés** (18). Estes nos esperaram para pelejar, mas os de cavalo os desbarataram. Tinham uma povoação de bj (sic) casas com praças no meio, bem feitas e poços de beber, muito fundos, por não haver rios por toda aquela terra. E logo achamos outros chamados “Caporés,” os quais tinham uma povoação de 300 casas. Estes nos enviaram muitos avestruzes e outras carnes, porque isto é o que mais há naquela terra. Achamos logo adiante outros, chamados “Severis”; é povoação mais pequena. Deram-nos também do que tinham, e nos deram notícias da gente que tinha ouro e prata, que se chamava “Carcara.” E assim passamos aos “Corcorones,” boa gente; e depois a outros, que não nos esperaram por terem medo. Toda esta gente é boa e não come carne humana.

Dali passamos um despovoado de 50 leguas, mas sempre por bons caminhos; e chegamos a umas "salinas," coisa muito para ver, porque são cerca de meia legua de comprimento, onde há sal branco e limpo e em muita abundancia e está longe do mar 400 leguas. E há muitos povos ao redor destas salinas, de que me esquecem os nomes.

Chegamos, depois de tão grande deserto, a uns gentios chamados "Morianos" (19), e sem ter que comer, com muita fome e trabalho; e achamos mantimentos de favas e outros legumes, patos e galinhas.

Depois fomos adiante aos "Bracanos" e aos "Paicunos," e estes somente achamos comer carne humana, porque lhes encontramos as panelas ao lume com metade e pes e mãos de homens. E dai fomos aos "Morganos," que nos esperaram de guerra, e nos mataram um homem e feriram XX (20). E depois fomos a outra povoação destes, que também nos esperaram, mas a todos cativamos, excepto os que fugiram.

Dai fomos aos "Brotoquis" e "Cevichococis," "Oricicocis," "Tarapacocis," todos em uma terra muito boa, que não comem carne humana. As mulheres fiam e tecem muito bem, nem se ocupam noutra coisa, porque os homens têm cuidado das roças que são as suas lavranças. Há destes muitas povoações em X e XII leguas em roda.

Aqui tivemos noticias dos "Carcaraes." E fomos adiante, com homens que sabiam a terra, por um deserto de 55 leguas; e chegamos aos "Tamachoois," que tinham muitos cães de Espanha. E ali soubemos estar perto do Perú, e que aqueles gentios por não estar sujeitos aos Cristãos, fugiram para aquela terra (21). E assim, enviando lá 4 homens, que chegaram daí a 90 leguas, aonde estava um cavaleiro chamado Dom Pedro (22), nos voltamos muito tristes, por não achar ouro nem prata, a nossa cidade, querendo ainda o Governador seguir o caminho do norte.

Isto vos digo, Carissimos Irmãos, para que vejais quanta gente se perde por falta de operarios, que sem dúvida se os houvesse toda esta gente se converteria facilmente á nossa santa fé; e para que vos espanteis do que os homens do mundo sofrem por uma esperança vã das coisas dele, para que assim vos animeis em trabalhar e aperfeiçoar as vossas almas e vir ajudar esta gente tão desamparada.

Tornado a nossa cidade, achamos admiravel fruto feito com os gentios, porque um Padre, chamado Nuno Gabriel, dei-

xando uma capelania que tinha na igreja se deu de todo a doutrinar estes gentios; e tomava os principaes deles e os filhos dos principaes e os tinha em uma casa grande e ali os ensinava a ler e escrever e sabiam o Pater Noster e Avé-Maria, Credo e Salve-Regina, Mandamentos e finalmente toda a doutrina (23). Fez-lhes cantigas contra todos os seus vícios, a saber, para não comerem carne humana, para não se pintarem, para não matarem, etc.

Foi coisa para louvar a Deus o fruto que com estes gentios fez este Padre e a mudança que fizeram, porque sendo dantes grandes comedores de homens agora já vj leguas em roda os não comem. E' tanto o fervor que têm, que ainda não é manhã, quando se enchem os caminhos dos que vêm á missa. Melhor sabem as festas que muitos cristãos. Vem á missa um principal com toda a sua aldeia, e depois outro com a sua, e assim por diante os outros, e, muito cedo, para tomar lugar na igreja. Fazia este Padre com eles procissões e levava consigo os que doutrinava, cantando louvores de Nosso Senhor e especialmente nas procissões de Corpus Christi, cantando muitos louvores do Santissimo Sacramento; pregava-lhes cada dia; e vinham de 5 leguas as mulheres com os seus filhos ás costas, por frios grandissimos, fomes e muitos trabalhos, a baptizar-se; e ainda agora lhes parece que fazer mal a um cristão é o maior mal que se pode fazer.

Vendo o inimigo da humana geração este fruto, buscou modo para o impedir e o achou. Porque os cristãos de cá (24), que ali estão, desbaratam tudo, scandalizando muito aqueles novos cristãos, porque não deixam aos pobres indios, mulher, nem filha, nem roça, nem rede, nem cunha, nem escravo, nem cousa boa que lhes não tomem e roubem. Levam-nos como escravos até o Perú e aqui já trouxeram muitos cativos. Assim que, com o desamparo, se perdem por não haver quem os socorra (25).

Eu falei com o P. Manuel da Nóbrega que fosse ou mandasse lá um da nossa Companhia, porque ali perto há outros gentios, que não comem carne humana, gente mais piedosa e aparelhada para receber a nossa santa fé, por ter em grande estima e crédito aos cristãos.

Agora tenho desejos de ser de 20 anos e ter longa vida para ir com alguns Padres da nossa Companhia, por eu ter mais experiencia da terra e gastar as minhas forças e vida em ensinar esta gente. Vinde, pois, carissimos irmãos, pois há tanto que fazer e tanta gente se perde por falta de operários!

Acrescentou-se o desamparo daqueles Carijós, que foi agora um capitão com gente da cidade de Nossa Senhora da Assunção a buscar as Amazonas, onde dizem haver ouro e prata. E aquele Padre, que tinha doutrinado aquela gente, já enfastiado de ver tantos males dos cristãos, foi com elles; e não há agora quem tenha cuidado daquela gente senão para a destruir e assolar.

Neste estado deixei aquela terra, rogando a Nosso Senhor, me desse caminho para a minha salvação; e assim vim aqui, que são perto de 360 leguas, por uns gentios, chamados Topinaquinas e embarquei para Portugal para dar lá larga conta destas necessidades e se me quisessem receber na Companhia para fazer penitencia dos meus pecados. Mas, tornando a arribar, e, movendo-me mais Nosso Senhor, pedi ao Padre Manuel da Nobrega me recebesse; e ele me recebeu nesta santa Companhia. E assim me trouxe Nosso Senhor, depois de tantos trabalhos, a porto tão seguro e me fez tão grande mercê, qual eu nunca saberia agradecer.

Assim pois vos contei, Carissimos Irmãos, a messe que há nesta terra, tanto em todos estes gentios e Carijós, como no Perú, onde há grande necessidade de Padres da Companhia, porque afinal, os que lá vão, levam mais o seu intento no ouro do que nas almas, e mais impedem com a sua cobiça a salvação deles.

Já o caminho está feito daqui ao Perú, e a gente muito aparelhada para receber a nossa santa fé. Não falta senão que venham da Companhia, uns para as partes do Perú, outros para aqui, a colher tanta messe, até que pelo tempo, Nosso Senhor queira que se ajuntem; porque há alguns anos que foram dois frades franciscos, e entraram cerca de 50 leguas daqui desta Capitania, pela terra dentro, caminho dos Carijós, e a uma aldeia deles chamaram Provincia de Jesus, onde fizeram admiravel fruto (26).

Isto digo para que vejais a disposição desta gente, principalmente a dos Carijós, que estão desejando quem os favoreça; e muitos espanhois que ali estão o desejam.

E assim escreveu já dali um Padre ao nosso Padre Leonardo Nunes, pedindo com muita instancia que vá lá.

Nas orações dos Padres e Irmãos muito no Senhor me encomendo.

Archiv. S. I. Roman., Bras. 3 (1), 91v - 93v)

NOTAS

(1) — “Daqui do Brasil ao Peru”. Rodrigues foi de Assunção ao Peru, mas os Jesuitas consideravam então o Paraguai como parte integrante de um todo geográfico: o Brasil.

(2) — 1523, erro de cópia. A armada partiu em 1535, saindo do porto de Bonança (Sanlúcar) no dia 24 de Agosto de 1535 (Paul Groussac, *Mendoza Garay — Las dos fundaciones de Buenos Aires*, (1536-1580), 2ª, p. 60, Buenos Aires, 1916).

(3) — O mesmo, Vilalta. Schmidel dá exageradamente 2.650 (cf. Ulrich Schmidel, *Viaje al Río de la Plata* (1534-1554). Notas bibliográficas y biográficas por Bartolomé Mitre, edicion Lafone Quevedo, p. 304. 138, B. A., 1903).

(4) — “Entrante el año 1536”, Vilalta (cf. Schmidel-Lafone, 303).

(5) — Esta referencia concreta ás onças é interessante. Outros falam mais vagamente. “Los jaguares infestaban entonces esta región”, Groussac, o. c., 161.

(6) — Corpus Christi em 1536 caiu a 15 de Junho, Id. ib., 173.

(7) — Cf. Schmidel, cap. IX. A edição de Hakluyt acoima de exagerados os horrores da fome descritos pelo alemão. Rodrigues, que foi vítima dela, como Schmidel, não deixa a menor dúvida. Vilalta igualmente o confirma. (Schmidel-Lafone, 305). Confirma-o ainda mais a “Real Ordem”, que perdoa aos comedores de carne humana. Escreve Herrera: “Y como se entendió que a extrema hambre que aquellos castellanos auian padecido los auia forçado a comer carne humana, y que por temor de ser castigados, se andauan entre los Yndios, viviendo como Alárabes, el Rey los perdonó y mandó que los recibiesen sin castigarlos por ello, teniendolo por menos inconveniente, atenta la gran hambre que a ello los necesitó, que permittir que passassen la vida sin oir los divinos officios, ni hazer obras de Christianos” (Herrera, *Hist. de las Indias Occidentales, Década IV* (1613), p. 101. E’ curioso notar que Catalina de Guevara, escrevendo á princesa Da Juana, da Asunção, a 2 de julho de 1556 (tres anos depois de Antonio Rodrigues) traz a mesma nota erudita: esta fome “foi tamanha que nem a de Jerusalem se lhe pode igualar”. (Schm.-Lafone,

338. Cf. Barco Centenéra, *Argentina*, cant. IV, p. 24 ss. Lisboa, 1662.

(8) — Assim Timbos, á portuguesa, indicio de que o original também seria português. Por cima está escrito *Timbunes*. Foi descobri-los Gonçalo da Costa, morador de S. Vicente, com 16 homens, um dos quais Bartolomeu Garcia, testemunha o facto (Cf. Schmidel, *Historia y descubrimiento del Río de la Plata y Paraguay*, p. 224, ed. Pelliza, Buenos Aires, 1881).

(9) — Rodrigues não sabia latim, a não ser alguma frase solta. Aquele espanhol era Gonçalo Romero (Herrera, o. c., 310) ou Jerónimo Romero (Vilalta, Schmidel-Lafone, 307). Romero tinha ficado da armada de Sebastião Caboto.

(10) — Sairam do porto de Buenos Aires a 15 de Janeiro de 1537, escreve Pero Hernández (Schmidel-Lafone, 327).

(11) — “Nenhum deles escapou”, Schmidel, ed. Lafone, 185.

(12) — Schmidel conta o facto com a sua maneira de habitual grandiosidade. Houve luta. Morreram 16 homens dos espanhóis. Depois fizeram um tratado com os índios, comprometendo-se estes a dar 8.000 homens para auxiliar os espanhóis na guerra (Schmidel-Lafone, 176-177). A narração de Rodrigues parece mais natural. Vilalta não fala de luta. Nota apenas que os índios não queriam dar a madeira senão por *puro resgate* (ib. 313), que é o caso das cunhas, facas e anzóis de Rodrigues. Pero Hernández, por sua vez, diz que João de Salazar de Espinhosa fizera aquela povoação “em concordia dos naturais da geração Cariós” (ib., 327-328).

(13) — “La cual yo fundé el año de treinta y sete” — Carta del Capitán Juan de Salazar a El rey, del puerto de Santos y San Vicente, 25 de junio de 1553, Arch. de Indias, *México*, 168. Cf. também Schmidel-Lafone, citando o Dr. Dominguez, p. 176, e Ruiz Guinazu, *Garay, fundador de Buenos Aires*, p. CXV, Buenos Aires, 1915.

(14) — Rodrigues distingue, pois, o dia da fundação do da escaramuça, que parece ter sido, de-facto, da a algum tempo.

(15) — E’ a viagem de Fernando Ribera, enviado por Cabeça de Vaca, Lafone, pergunta se os índios Syberis (grafia de Schmidel) não serão os índios *Paracís*. *Syberis* pode-se confundir na boca de um alemão com Cameri, lendo-se Çameri. A nós parece-nos que Parais, sugere também a ideia de Parecis. Os índios Parecis vivem actualmente no Estado de Mato-Grosso, Brasil.

(16) — 1548 parece ser a data de chegada. Domingos de Irala, que era o chefe da expedição, diz em carta sua, de 24 de Junho de 1553, que saíram da Assunção, no mês de Novembro de 1546 (*Cartas de Indias*, 573, Madrid, 1877).

(17) — Segundo Schmidel ofereceu 4 coroas de prata e 6 laminas de prata das que atam á cabeça; e acrescenta que os Maias eram 20.000 e quiseram surpreender os espanhóis, mas que foram vencidos, havendo “uns 1.000 mortos da gente deles”. (Schmidel-Lafone, 250).

(18) *Cororé* significa sapo. Schmidel não fala deles ou estropeia tanto a palavra que impossibilita a sua identificação, com grande desespero de historiadores e antropólogos. Esta observação vale para outras palavras. Creio que Rodrigues lhes prestará algum serviço com a sua grafia luso-espanhola.

(19) — Martin Gonzalez escreve “Moyganos”, em Schmidel-Lafone, 477.

(20) — “Do fenescieren algunos Christianos” — Martin Gonzales, em Schmidel-Lafone, 478.

(21) — *Carcarás* “se nos declaró muy particularmente ser las Charcas y estar ganado y ocupado por los Conquistadores del Perú”, Irala, (Id. ib., 40).

(22) — Pedro Anzures, fundador de Chuquisaca, Lafone, nota a Schmidel (Id. ib., 265).

(23) — Pregunta Carlos Preyra (*Historia de América Española, IV - Repúblicas del Plata*) que resultados apostólicos se tirou da expedição de Mendoza, e responde que nenhuns. De-facto é uma novidade histórica este apostolado de Nuno Gabriel. Quem era este Padre? Com aquele nome não se encontra em nenhuma relação do Rio da Prata. Mas entre os partidários de Irala, e portanto entre os que Pero Hernández denigre em 1545, há um “Juan Gabriel de Lezcano, vecino de Valladolid, clerigo” — Schmidel — Lafone, 353. Entre a gente que foi na armada de Don Pedro de Mendoza está “Juan Gabriel de Lescano, clerigo, hijo de Juan Sanches de Lescano (y) de Catalina de Vilegas v^o del Valle de Salzedo” — Arch. de Indias, *Contratación*, 5536, L^o, 3.389. A este Nuno ou melhor João Gabriel deixou Ruiz Galán na Assunção, no ano de 1538, como raçoeiro e adjunto do P. Francisco de Andrade, português, primeiro chefe da nascente igreja (Ct. Schmidel-Lafone, 489).

(24) — Recorde-se a nota 1; trata-se dos espanhois do Paraguai, que então se considerava também Brasil; porisso diz genericamente: cristãos de cá.

(25) — “Tomamos até uns 2.000 prisioneiros, homens, mulheres, meninos e meninas, depois queimamos as suas aldeias, e lhes tiramos quanto tinham...”; matamos e cativamos homens, mulheres e meninos em número como de 3.000 pessoas. Eu tirei desta escaramuça mais de 19 pessoas, homens e mulheres, que não eram velhas, porque sempre gostei mais da gente moça, que da velha”...; nesta viagem tomamos de homens, mulheres e crianças até o número de 12.000 pessoas a quem obrigamos a ser nossos escravos; também me tocaram por minha parte umas 50 pessoas, entre homens, mulheres e meninos”. Isto diz Schmidel (o. c., 227, 251, 274). Mesmo baixando muito, fica margem bastante para o apêlo missionario e generoso de Rodrigues: perdem-se por não haver quem os socorra!

(26) — Fr. Bernardo de Armenta e Fr. Afonso Lebrón estavam na costa de Santa Catarina, quando chegou o Governador Albár Nunes Cabeza de Vaca, e com ele passaram a Assunção; o governador chegou a esta cidade no dia 11 de março de 1548. — Pero Hernandez, carta de Assunção, a 28 de janeiro de 1545, em Schmidel-Lafone, 340, 353.

**Livro das Denúncias que se fizeram na Vi-
sitação do Santo Officio á Cidade do Salvador da Bahia
de Todos os Santos do Estado do Brasil, no anno de 1618.**

Inquisidor e Visitador o Licenciado

MARCOS TEIXEIRA

INTRODUÇÃO

Depois da visitação do licenciado Heitor Furtado de Mendoça ás partes do Brasil, de 1591 a 1595, comprehendendo as Capitanias da Bahia, Pernambuco, Itamaracá e Parahiba, e cujos documentos se acham na maior parte publicados (1), teve de novo a Bahia, em 1618, a do licenciado Marcos Teixeira, proto-notario apostolico, deputado do Santo Officio, inquisidor e visitador do mesmo na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, seu Reconcavo e em Angola, por commissão de D. Fernão Martins Mascarenhas, bispo e inquisidor geral dos reinos e senhorios de Portugal.

Dessa visitação existem apenas as denúncias, que se conservam ineditas no Archivo da Torre do Tombo, códice n.º 17 (Livreria); as confissões, ratificações e demais actos relativos á visitação ainda não appareceram nos archivos portuguezes.

A mesa do Santo Officio funcçãoou, para as denúncias referidas, na cidade do Salvador, na igreja do Collegio da Companhia de Jesus, de 11 de Setembro de 1618 a 26 de Janeiro de 1619; ahi compareceram, no tempo da graça, cincoenta e dois denunciantes, que accusaram as culpas de algumas dezenas de pessoas, quasi todas infamadas de judaismo.

(1) I — Primeira visitação do Santo Officio ás Partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendoça, capellão fidalgo del Rey nosso Senhor e de seu Desembargo, deputado do Santo Officio. — Confissões da Bahia: 1591-92. — Introducção de Capistrano de Abreu. — São Paulo — Série Eduardo Prado — "Para melhor se conhecer o Brasil" — Editor Paulo Prado, 1922.

II — Ibidem — Denúncias da Bahia: 1591-93. — Introducção de Capistrano de Abreu — Série Eduardo Prado — "Para melhor se conhecer o Brasil" — Editor Paulo Prado, 1925.

III — Ibidem — Denúncias de Pernambuco: 1593 — 95. — Introducção de Rodolfo Garcia. — Série Eduardo Prado — "Para melhor se conhecer o Brasil" — Editor Paulo Prado, 1929.

A formidável vassourada da primeira visitação não fôra sufficiente para varrer todo o mal; o Brasil continuava a ser, e continuou por muito tempo, o refugio e o lugar de degrêdo dos christãos-novos: refugio para os que podiam da metropole escapar ás malhas do temeroso tribunal, degrêdo para os que, por culpas leves, saiam por elle penitenciados, — esses em menor numero do que aquelles.

A colonia vastissima, despolicia da dos zeladores do crédo official, a uns e outros permittia certa liberdade de acção, e, sem receio da repressão immediata, voltavam elles natural e instinctivamente ás crenças ancestraes.

Assim é que occorrem nestas denunciações diversas referencias á frouxidão das autoridades ecclesiasticas da Bahia a respeito de praticas de judaismo; o proprio Bispo D. Constantino Barradas, que falleceu em meio dessa visitação, no dia de Todos os Santos, vem accusado de livrar com facilidade os culpados pelo Santo Officio, e de ter particular amizade ao Padre Balthazar Ribeiro, da nação, isto é, de raça judia, que lia por uma Biblia em linguagem castelhana, da edição saída em Flandres, de quatro ou cinco mil volumes (2). Outros sacerdotes, além deste, sem embargo da carta régia de 4 de Fevereiro de 1603, que recommendava ao Bispo do Brasil provesse as igrejas de christãos velhos, pois constava que as mais dellas o estavam em novos, — tinham raça de judeu e foram denunciados perante o visitador por actos judaisantes.

Peccados de heresias e blasfemias, desacatos ás imagens santas e aos lugares sagrados, leituras de livros defesos, varios casos de sodomia e de libidinagem, completam o

(2) — Biblia En lengua Española traduzida palabra por palabra dela verdad Hebrayca por muy excelentes letrados vista y examinada por el officio dela Inquisicion. Con priuilegio del illustrissimo Señor Duque de Ferrara. — (in-fine): "A gloria y loor de nuestro Señor se acabo la presente Biblia e lengua Española traduzida dela verdadera origen Hebrayca por muy excelentes letrados: con yndustria y deligencia de Duarte Pinel Portugues: estampada en Ferrara a costa y despesa de Jeronimo de Vargas Español: en primeiro de Março de 1553". — Catalogo de Cimelios da Bibliotheca Nacional, n. 33; Catalogo das Biblias, ps. 35. — Essa é a chamada "Biblia de Ferrara"; della ha mais cinco edições, todas de Amsterdam, 1611, 1630, 1646, 1661 e 1726. — A Biblia por que lia o Padre Balthazar Ribeiro seria a de 1611, primeira edição flamenga. A Bibliotheca Nacional, além da "editio princeps", possui mais de 1630, 1661 e 1726. Sobre a de 1553, veja o erudito estudo do Sr. Clemente Ricci, *La Biblia de Ferrara*, Buenos Aires, 1922.

rol das culpas dos accusados, que, por não se encontrarem na integra as listas referentes ao periodo, não se pôde saber até onde chegaram, com relação a elles, os rigores do Santo Officio (3).

Inserem-se aqui as listas dos denunciantes e dos denunciados, com a noticia que foi possível colher, fóra do texto, a respeito dos mais notaveis.

Lista dos denunciantes:

1 — Melchior de Bragança, natural da cidade de Marrocos, converso á fé christã, doutor, que ensinára a lingua hebraica nas universidades de Alcalá e Salamanca, na Espanha, com salario, e no Collegio da Companhia em Coimbra, sem salario, casado em Lisboa e degredado para a Bahia por culpa de morte de um homem.

2 — João de Sevalhos, natural de Santa Cruz de Castanheda, arcebispo de Braga, christão velho, que havia seis annos residia na Bahia por soldado de Sua Magestade.

3 — Melchior Gonçalves Barreto, natural da ilha do Porto Santo, christão velho, cidadão e morador na Bahia.

4 — Bartholomeu de Vasconcellos, chantre da Sé da Bahia, natural e morador nessa cidade. Em 1591 tinha trinta e dois annos de idade e era conego prebendado da mesma Sé; a 20 de Agosto daquelle anno comparecia ali perante a mesa do Santo Officio, **Confissões da Bahia**, 70/72. Ao chantre refere-se Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão, **Catalogo Genealogico**, in **Revista do Instituto Historico**, LII, parte 1.^a, 157, como o sacerdote que recebeu em 30 de Maio de 1618 a D. Antonia de Menezes com Diogo Lopes Franco, na igreja de Pirajá, com licença do Bispo D. Constantino Barradas, sendo padrinhos Marcos da Costa e D. Catharina, mulher de Diogo Moniz Telles. D. Antonia era filha de Henrique Moniz Telles, o velho, e de sua segunda mulher D. Leonor Antunes. — Veja os ns. 8 desta lista e 32, 44 e 77 da dos denunciados.

5 — Pero Villela, christão velho, natural de Parada do Pinhão, termo da Villa Real, cirurgião.

(3) — Conf. J. Lucio de Azevedo, *Historia dos Christãos Novos Portuguezes*, 229, Lisboa, 1922.

6 — Paulo Affonso, christão velho, natural da Bahia e morador no Rio Vermelho.

7 — Francisco de Barbuda, natural da Bahia, juiz ordinario e capitão de uma bandeira. Filho de outro Francisco de Barbuda e de sua segunda mulher Maria Barbosa. Um assento transcripto por Jaboatão, **Catalogo** citado, 128, diz que a esse ultimo Barbuda o mandou abrir pelas costas de alto a baixo, com um machado, Paulo de Carvalhal de Vasconcellos e seu filho Bartholomeu de Vasconcellos, pela qual morte foi Paulo de Carvalhal degolado na Bahia, e ao filho lhe ficaram chamando vulgarmente por essa morte o **Má-pélle**. O velho Francisco de Barbuda era natural do Reino, passou á Bahia nos primeiros annos da fundação, foi Cavalleiro da Casa del-Rei e casou tres vezes. Tinha uma fazenda no rio Matuim, onde estava uma ermida de São Bento, Gabriel Soares, **Tra-tado descriptivo do Brasil em 1587**, 134, Rio, 1851. — Note-se que **Má-pélle** era tambem a alcunha de Manuel Vieira, n. 115 da lista dos denunciados.

8 — Henrique Moniz Barreto, christão velho, fidalgo da Casa de Sua Magestade, natural da ilha da Madeira, vereador da Camara da Bahia, senhor de engenho em Matuim. Era filho de Henrique Moniz Telles e de sua mulher D. Leonor Antunes, casado elle com D. Maria Soares, no primeiro de Setembro de 1596, Jaboatão, **Catalogo** citado, 239. — Veja o n. 4 desta lista e 32, 44 e 77 da dos denunciados.

7 — Matheus Mendes Roxo, christão velho, natural de Guimarães, no Reino, mercador e morador na Bahia.

10 — Alvaro Sanches, da nação, natural de Olivença, no Reino, escrivão da chancellaria da Bahia. Em 1591 compareceu perante a mesa do Santo Officio, **Confissões da Bahia**, 58, e logo depois foi denunciado por André Monteiro, por praticas judaicas, como a de não comer toucinho, e outras, **Denunciações da Bahia**, 414. — Veja o n. 31 desta lista.

11 — Antonio Nunes, christão velho, natural de Lisboa, o Pifano de alcunha, morador na Bahia — Sua denunciação foi interrompida por tornar-se confissão, e tomada em outro livro que ainda não appareceu.

12 — Miguel de Abreu, christão velho, natural de Guimarães, mercador e morador na Bahia.

13 — Melchior de Bragança, outra denunciação. — Veja o n. 1 desta lista.

14 — João Rodrigues, christão velho, natural do Porto e morador na Bahia.

15 — João Fernandes, christão velho, natural da ilha Terceira, morador na Bahia, onde serve de soldada.

16 — João da Costa, christão velho, natural do Porto, estudante.

17 — João Malheiro, christão velho, natural de Ponte de Lima, no Reino, morador na Bahia.

18 — Manuel Rabelo, christão velho, natural da cidade de Funchal, na ilha da Madeira, aprendiz de barbeiro, morador na Bahia.

19 — Margarida Jorge, christã velha, natural da Villa de Povos, no Reino, mulher de Diogo Simões, lavrador de roça e ambos moradores no Rio Vermelho.

20 — Gaspar de Barros, christão velho, natural da Bahia, morador em Taçoapina, da freguesia de Nossa Senhora do Socorro, e vereador da Camara. E' o mesmo Gaspar de Barros Magalhães, filho de outro de igual nome, fidalgo que veio de Portugal exterminado e foi muito rico e afazendado; casou na Bahia com Catharina Lobo de Barboça Almeida, uma das tres orfãs, que mandou a rainha D. Catharina para casarem com pessoas principaes. Foi tronco de uma das mais notaveis familias bahianas. O filho casou com D. Antonia de Gambôa, filha de Martim Affonso Moreira. Conf. Jaboatão, **Catalogo** citado, 203/205.

21 — Padre Simão Pinheiro, reitor do Collegio da Companhia de Jesus na Bahia. — Tres ou quatro annos antes estava em Pernambuco, onde Pedro Cadena, que ali servia como provedor da fazenda real, lhe confiára o caso de um crucifixo achado cosido dentro de um colchão que em certa casa deram para dormir ao seu official de diligencia. — Pedro Cadena de Vilasante, moço fidalgo da Casa Real, era natural de Lisboa e irmão mais velho de Jeronymo Cadena, senhor do engenho Tibirí, na Parahiba; casou em Pernambuco com D. Brites Bandeira de Mello, filha do primeiro Felipe Bandeira de Mello e de sua mulher D. Maria Maciel de Andrade, — Borges da Fonseca, **Nobiliarchia Pernambucana**, in **Annaes da Bibliotheca Nacional**, XLVII, 184/186. De Pernambuco passou á Bahia com o cargo de provedor-mor, assistiu o cerco que áquella praça poz em 1638 o Conde João Mauricio de Nassau e descreveu sua derrota na **Relação diaria**, que o meritório Padre Serafim Leite teve a bôa fortuna de descobrir no

Archivo Historico Colonial de Lisboa, e publicar na revista **Ethnos**, vol. I, da mesma cidade, — mais um grande serviço que lhe fica devendo a Historia do Brasil. — Veja o n. 37 da lista dos denunciados.

22 — Balthazar de Araujo, christão velho, natural de Vianna, no Reino, morador na Bahia, em casa de Pero João Landim.

23 — Belchior Fernandes de Basto, christão velho, natural do Conselho de Gouvêa, Junto a Amarante, no Reino, morador na Bahia e nella mercador.

24 — Manuel Gonçalves, christão velho, lavrador de mandioca e morador na Bahia.

25 — Diogo Baptista, mourisco de nação, cozinheiro em casa de Vasco de Sousa Pacheco, da governança da cidade; era filho de João Garcia, castelhano, mestre-sala do Conde d'Anhauer.

26 — Antonio de Azevêdo, christão velho, natural de Lisboa, sargento-mor da milicia da Bahia.

27 — Francisco de Sampaio Aranha, christão velho, juiz de ver o peso do pau-brasil na Bahia.

28 — Bernardo de Aguirre, christão velho, natural da Bahia, filho de Pedro Arias de Aguirre, capitão do forte de São Felipe, e irmão de Diogo Gonçalves Lassos, que adiante apparece. — Veja o n. 30 desta lista.

29 — Diogo Lopes de Evora, da nação, natural da cidade de Evora, morador na Bahia e senhor de um dos guindastes della; andou por Flandres, na cidade de Nostra Dama (Amsterdam), em negócios de assucares.

30 — Diogo Gonçalves Lassos, christão velho, natural da Bahia, filho do Capitão Pedro Arias de Aguirre e de D. Catharina Quaresma. Seu avô, que tinha o mesmo nome, foi mandado da Bahia por D. Francisco de Sousa, logo que lhe deram conta dos descobrimentos de minas, como administrador dellas e capitão de São Paulo, aonde chegou a 13 de Maio de 1598; já era fallecido em 8 de Maio de 1602, data de uma provisão de D. Francisco, deferindo a petição de sua viuva Guiomar Lopes para prover ao neto e homonymo do cargo de capitão de São Paulo, servindo em seu nome, emquanto não tivesse a idade, o capitão Pedro Arias de Aguirre, seu pae. Eram seus irmãos Bernardo de Aguirre, referido, Francisco Quaresma e D. Isabel, casada com o mexicano Diogo Sandoval. — Conf. Varnhagen, **Historia Geral**, II, ps.

105/106, da 3.^a edição, nota de quem esta subscreve. — De pouco prestimo é a genealogia lacunosa dos Arias de Aguirre, que vem na **Revista do Archivo Publico Mineiro**, VIII, 259/267.

31 — Bento Sanches, meio da nação, filho de Alvaro Sanches, já referido, marador na Bahia. — Veja o n. 10 desta lista.

32 — Manuel Pacheco de Brito, christão velho, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, morador na Bahia. Sua denunciação ~~não~~ foi inteiramente transcripta, porque o escriptão, pela semelhança dos nomes, a confundiu com a do seguinte.

33 — Manuel Pacheco de Sousa, licenciado, christão velho, natural da ilha de São Miguel, advogado e morador na Bahia.

34 — Padre Francisco Ribeiro, christão velho, natural da Bahia, coadjutor da Sé e Capellão da Relação. — Chegou a conego e thesoureiro da Sé; era irmão do Padre Bartholomeu Ribeiro e de Anna Ribeiro, casada com Christovão de Espinosa, Jaboatão, **Catalogo** citado, 229.

35 — Francisco da Fonseca, christão velho, natural de Pernes, no Reino, morador em Matuim.

36 — Balthazar Pedro, christão velho, natural do Porto e lá casado, residente em Paripe, feitor de Francisco de Barbuda. — Veja o n. 7 desta lista.

37 — Antonio Ferreira, christão velho, natural do Porto e lá casado, ferreiro, residente no engenho de João Ramos Pereira, em Sergipe do Conde.

38 — Sebastião Barreto, christão velho, natural da Fronteira, em Alemtejo, e morador na enseada de Jacarecanga, lavrador de cannas. — Foi casado com D. Anna da Fonseca, Jaboatão, **Catalogo** citado, 193.

39 — Magdalena de Góes, christã velha, natural da Bahia, viuva, mulher que foi de Francisco Soares de Morim, morador em Tapoã.

40 — João Garcez, christão velho, natural da cidade do Porto e cidadão della e da Bahia. Era casado com D. Victoria de Oliva, e sogro de Luis de Mello de Vasconcellos, que foi casado com D. Antonia Garcez de Oliva, Jaboatão, **Catalogo** citado, 195.

41 — Antonio de Aguiar Daltro, christão velho, natural da Bahia, morador em Matuim, lavrador de mandioca. Era filho de Pedro de Aguiar Daltro e irmão de Christovão

de Aguiar Daltro, Jaboatão, **Catalogo** citado, 255. — Ao tempo de Gabriel Soares fazia Christovão, “um morador dos principaes da terra”, um engenho de agua na ribeira chamada Agua do Menino, **Tratado descriptivo** citado, 130.

42 — Gaspar Affonso, christão velho, natural da Bahia e morador na estrada que vai para o Rio Vermelho.

43 — O mesmo Gaspar Affonso, que ratificou sua denunciação.

44 — Domingos Franco, christão velho, natural de Trocifal (sic), no Reino, mercador e morador na Bahia, junto á Sé.

45 — Pero Gonçalves, christão velho, de dezeseis annos, estudante de Grammatica, morador na Bahia, na rua de São Francisco.

46 — Pero Paes Cabral, christão velho, natural da Bahia, morador nella, acima de Aguas de Meninos.

47 — O mesmo Pero Paes Cabral, que ratificou sua denunciação.

48 — Padre Jeronymo Pinheiro, christão velho, natural de Aljubarrota, no Reino, residente na Bahia, em Maré.

49 — Maria da Grã de Mendoça, christã velha, natural de Azeitão, no Reino, viuva, moradora na Bahia.

50 — A mesma Maria da Grã de Mendoça, que ratificou sua denunciação.

51 — João Gonçalves, christão velho, natural do Funchal, na ilha da Madeira, morador na Bahia.

52 — O mesmo João Gonçalves, que ratificou sua denunciação.

Lista dos denunciados:

1 — Antonio Nunes, da nação, natural da Villa de Palmella, irmão do Padre Balthazar Ribeiro, da nação; constava que ambos estavam em Angola. — Veja o n. 18 desta lista.

3 — Antonio Mendes, de alcunha Beiju', da nação por parte de seu pae, mercador, casado e morador na Bahia.

4 — Antonio Velho, da nação, ourives de ouro, natural do Porto.

5 — Alvaro Gomes Bravo, da nação, morador na cidade do Porto, irmão de Diniz Bravo, morador na Bahia. — Veja os ns. 20, 30 e 106 desta lista.

6 — Antonio Rodrigues, natural da cidade de Evora, casado e morador na Bahia.

7 — Padre Antonio Viégas, cura da Sé da Bahia.

8 — Adão Gonçalves, christão velho, soldado do forte de Tapagipe, filho natural de Pero Gonçalves, o Torto.

9 — Antonio Neto, que foi capellão de Diogo Lopes Ulhóa, da nação. — Diogo Lopes Ulhóa acompanhou Christovão Cardoso de Barros na conquista de Sergipe e obteve ali uma sesmaria, Jaboatão, **Novo Orbe Serafico Brasilico**, I, 131, Rio, 1858. Um seu tio foi queimado pelo Santo Officio em Lisboa, **Denunciações da Bahia**, 281. Era parente de André Lopes Ulhóa. — Veja o n. 13 desta lista.

10 — Antonio Dias de Moraes, da nação, natural do Alentejo, que foi dizimeiro na Bahia, irmão de Affonso Dias Henriques, e morador em Pacé.

11 — André Lopes de Carvalho, da nação, mercador na Bahia.

12 — Antonio, negro de Guiné, captivo de André Freitas, morador na Bahia.

13 — André Lopes Ulhóa, da nação, preso pelo Santo Officio. Foi denunciado por usar formalidades do luto judaico. Morrendo-lhe uma tia muito querida, durante seis mezes tomára as refeições sobre uma caixa da India, baixa, em lugar de mesa; no tempo de nojo recebêra as visitas sentado no chão, em alcatifa. Por isso foi enviado para Lisboa, onde os inquisidores o mandaram abjurar **de levi** em auto particular. — Conf. J. Lucio de Azevêdo, **Historia dos Christãos Novos Portuguezes**, 228. — Veja o n. 9 desta lista.

14 — Antonio Pereira, natural de Lisboa, que ia por soldado para Angola.

15 — Outro Antonio Pereira, estudante de segunda classe, filho de Bento Pereira, de alcunha o Ruivo, cortador de carne.

16 — Antonio Rodrigues, irmão ou sobrinho de Francisco Ribeiro, desnarigado, morador na ilha das Fontes, na Bahia. — Veja o n. 57 desta lista.

17 — Padre Antonio Carrasco, vigario da igreja de Boipeba.

18 — Padre Balthazar Ribeiro, da nação, natural da Villa de Palmella, senhor que foi do engenho de Matuim, irmão de Antonio Ribeiro. — Vejo o n. 2 desta lista.

19 — Balthazar Leal, christão velho, natural do Reino, sapateiro.

20 — Beatriz Nunes, da nação, filha de Felipe Gonçalves e de Ruy Gomes Bravo, casada com Diniz Bravo, morador na Bahia. — Veja os ns. 5, 30 e 106 desta lista.

21 — Bento Corrêa, por alcunha Calambauzinho, da nação, natural de Vianna e morador na Bahia.

22 — Bartholomeu Barbosa, natural do Alentejo e morador em Boipéba.

23 — Padre Balthazar Marinho, vigário de Jaguaripe, na Bahia.

24 — Padre Balthazar Pita de Vasconcellos, subchante da Sé da Bahia.

25 — Belchior Vaz Mentola, da nação, sem outra noticia.

26 — Christovão Henriques, da nação, natural da Villa do Conde, alfaiate, morador na Bahia.

27 — Um clérigo prégador, por alcunha o Mouro, pessoa conhecida na Bahia.

28 — Catharina Mendes, da nação, mãe de Manuel Serrão, residente em Paraguaçu'. — Veja o n. 113 desta lista.

29 — Domingos Alvares de Serpa, da nação, natural de Portugal, que vivia de mercancias e contratos na Bahia.

30 — Diniz Bravo, da nação, senhor de engenho, morador na Bahia. Foi casado com D. Beatriz Nunes Jaboatão, **Catalogo** citado, 341. — Veja os ns. 5, 20 e 106 desta lista.

31 — Diogo de Albuquerque, da nação, meirinho, morador na Bahia.

32 — Diogo Lopes Franco, da nação, mercador, genro de Henrique Moniz Telles, que era vereador na Bahia. — Veja o n. 8 da lista dos denunciantes. Falleceu na Bahia a 19 de Julho de 1660 e foi sepultado em São Francisco, testamenteira sua mulher D. Antonia de Menezes, Jaboatão, **Catalogo** citado, 157.

33 — Duarte Rodrigues, da nação, natural de Idanhás, morador em Pacé.

34 — Duarte Alvares Ribeiro, da nação, natural de Setubal, mercador e morador na Bahia.

35 — Diogo Dias Querido, da nação, natural do Porto, que residia na Bahia, mercador. — Andára por Flandres e era sujeito abonado de bens de fortuna. De uma nau de sua propriedade chamada "São Francisco", que indo para a India arribou á Bahia, tomou o governador D. Francisco de Sousa, quando preparava a expedição conquistadora do Rio

Grande (do Norte), a quantia de trinta mil cruzados, que El-Rei mandou pagar em Portugal de sua real fazenda. — Conf. Fr. Vicente do Salvador, **Historia do Brasil**, 347, da 3.^a edição.

36 — Duarte Fernandes, da nação, natural do Porto, mercador e morador na Bahia.

37 — Denuncia que fez ao Padre Simão Pinheiro o provedor da fazenda Pedro Cadena, sobre o caso de encontrar um official da vara em diligencia fóra da cidade, em certa casa em que se agasalhára (em Pernambuco), um crucifixo cosido dentro do colchão que lhe deram para dormir. — Veja o n. 21 da lista dos denunciantes.

38 — Diogo Fernandes Elvas, da nação, mercador e morador em Lisboa.

39 — Diogo Fernandes Diamante, da nação, feitor das fazendas de Vasco de Brito Freire, e nellas morador, no Paraguaçu'.

40 — Domingos Gomes Pimentel, christão velho, que já servira de capitão do campo, e morava junto da Bahia; alcunhavam-no de Conde de Potecava. Em 18 de Janeiro de 1592 compareceu perante a mesa do Santo Officio, na Bahia, e confessou que lia a "Diana", de Jorge de Montemor, sem saber que era livro defeso, **Confissões da Bahia**, 127.

41 — Duarte Mendes, da nação, sobrinho de Luiz de Paiva. — Veja os ns. 69 e 113 desta lista.

42 — D. Isabel, da nação, filha de D. Anna Alcoforado, que foi presa pelo Santo Officio, moradora em Matuim.

43 — D. Anna Alcoforado, da nação, mãe da dita D. Isabel. Compareceu perante a mesa do Santo Officio em 11 de Fevereiro de 1592; era natural da Bahia, filha de Antonio Alcoforado, casada com Nicolau Faleiro de Vasconcellos. — **Confissões da Bahia**, 228.

44 — D. Leonor, da nação, que já fôra penitenciada pelo Santo Officio, e sua mãe queimada; era casada com Henrique Moniz Telles; cidadão da Bahia. Vem referida nas **Confissões da Bahia**, 228.

45 — Diogo da Fonseca, da nação, natural do Porto, que residiu na Bahia e estava preso pelo Santo Officio.

46 — Diogo Baptista, mourisco, captivo que foi do capitão-mor Vasco de Sousa, defunto, e agora do governador D. Luis de Sousa; era ferrado.

47 — Duarte Rodrigues, da nação, morador em Pacé.

48 — Diogo Leão, da nação, natural de Lisboa, criado que foi de Vasco de Brito Freire, mercador e morador na Bahia.

49 — Denunciação de certo caso, sem nome do denunciado.

50 — Diogo Lopes, da nação, natural da ilha da Madeira, cunhado de Salvador Pissarra, morador em casa deste, em Sergipe do Conde, manco de um pé.

51 — Francisco Lopes Brandão, da nação, natural de Lisboa, licenciado, advogado e morador na Bahia.

52 — Francisco ou Manuel de Oliveira, da nação, natural do Brasil, morador em Porto Seguro, aleijado dos pés e mãos, cunhado do capitão Manuel de Miranda. — Veja o n. 100 desta lista.

53 — Francisco Mendes Cardoso, de alcunha o Mercador das Gaitas e Cão-gato, da nação, natural do Reino, residente na Bahia, parente de Simão Nunes de Mattos. — Veja os ns. 59, 94, 102 e 130 desta lista.

54 — Fernão Mendes, da nação, natural do Porto, mercador e morador na Bahia.

55 — Francisco Tinoco, da nação, natural de Lisboa, mercador e morador na mesma cidade.

56 — Francisco Duarte Tinoco, da nação, já defuncto, morador que foi na Bahia.

57 — Francisco Ribeiro, da nação, desnarigado, natural da Villa Nova de Portimão, morador na ilha das Fontes, senhor de engenho. — Veja o n. 16 desta lista.

58 — Francisco da Silva, da nação, casado com a filha de um confeitiro em Lisboa.

59 — Francisco Mendes, da nação, natural de Lisboa, parente de Simão Nunes de Mattos, mercador na Bahia. — Veja os ns. 53, 94, 102 e 130 desta lista.

60 — Francisco Pinheiro Coutinho, natural da Bahia, morador na Potecava.

61 — Fernão Pires Manso, da nação, de alcunha o Mija-manso, morador na Bahia.

62 — Fructuoso Antunes, da nação, sapateiro, morador na Bahia.

63 — Fernão Rodrigues, da nação, irmão de Francisco Ribeiro, morador em Paraná-mirim, no Recôncavo da Bahia.

64 — Francisco Novo, negro da Guiné, escravo de Gaspar Fernandes, que serviu de juiz de orfãos na Bahia.

65 — Francisco Rabello, da cidade de Lisboa, soldado que ia para Angola.

66 — Francisco Gomes, christão velho, morador que foi em Sergipe do Conde.

67 — Francisco Ribeiro, da casa de Francisco Ribeiro, o desnarigado da ilha das Fontes. — Veja o n. 57 desta lista.

68 — Gonçalo Nunes de Lisboa, da nação, morador na Bahia.

69 — Gonçalo Rodrigues, da nação, residente na Bahia, em casa de seu tio Luis Vaz de Paiva. — Veja os ns. 41 e 133 desta lista.

70 — Gonçalo Corrêa, christão velho, vendeiro de vinhos na ilha de Taparica.

71 — Gonçalo de Almeida, da nação, natural do Algarve, solicitador dos negocios de Antonio Cardoso de Barros, pessoa conhecida na Bahia. — Esse Cardoso de Barros foi um dos tres croneis que ajudaram o Bispo D. Marcos Teixeira a depôr o Desembargador Antão de Mesquita, — D. Manuel de Menezes, **Recuperação da Cidade do Salvador in Revista do Instituto Historico**, XXII, 370. Era filho de Christovão Cardoso de Barros, o conquistador de Sergipe e governador do Rio de Janeiro, e neto de Antonio Cardoso de Barros, provedor-mór da fazenda real, comparte do primeiro bispo na tragedia de Cururipe. Possuia na enseada de Jacarecanga, entre Matuim e Mataripe, um formoso engenho de bois, com grandes edificios e uma igreja da invocação de Santo Antonio, que devia ter sido o mesmo de seu avô e de seu pae, referido por Gabriel Soares, **Tratado descriptivo**, 135.

72 — Gaspar de Oliveira, da nação, natural de Porto Seguro e ahi residente.

73 — Gaspar, natural de Vianna, sobrinho de João Alvares, ambos criados de Pero Garcia. — Veja os ns. 91 e 124 desta lista.

74 — Gabriel Baracho. — Veja o n. 82 desta lista.

75 — Padre Jeronymo de Lemos, coadjutor na freguezia de Matuim, natural da Bahia.

76 — Jeronymo Nunes, da nação, natural do Reino, sobrinho de Luis Vaz de Paiva e de Manuel Nunes Mi-plata, da nação, pessoa conhecida na Bahia. — Veja o n. 101 desta lista.

77 — Henrique Moniz Telles, genro de Anna Rodrigues, que contava oitenta annos de idade quando compareceu perante a mesa do Santo Officio na Bahia, em 1 de Fevereiro de 1592, **Confissões da Bahia**, 177/181; foi presa e levada para Lisboa, onde foi queimada, como se verifica de mais de um passo do texto. — Henrique Moniz Telles falleceu na Bahia em 20 de Fevereiro de 1620, Jaboatão, **Catálogo** citado, 151. — Veja os ns. 8 da lista dos denunciantes e 44 desta.

78 — Jeronymo da Costa, da nação, que diziam ter casa em Almeirim, lavrador de mandioca em Taparica.

79 — Henrique Fernandes Mendes, da nação, que já foi sambenitado, natural do Algarve, e morador em Sergipe.

80 — Um negro e uma negra, captivos de Gaspar Fernandes, christão velho, que serviu de juiz de orfãos na Bahia.

81 — Um filho do licenciado Ruy Mendes de Abreu, que servia de chanceler na Relação da Bahia. — Abreu, em 7 de Fevereiro de 1611, já estava na Bahia, conforme carta do governador D. Diogo de Menezes, daquella data; viera em uma caravela, com trinta e tres dias de prospera viagem, Varnhagen, **Historia Geral**, II, 126, nota 12, da 3.^a edição.

82 — Um filho bastardo de Diogo Baracho, que foi escrivão da Alfandega da Bahia, e chama-se Gabriel Baracho, natural de Lisboa.

83 — Um filho de Fulano Pimenta, que morava no Reconcavo. — Veja o n. 74 desta lista.

84 — Um filho maior de Braz da Costa Cirne, solicitador de causas na Bahia, e elle estudante. — Veja o n. 134 desta lista.

85 — Um filho de Joanna Ribeira, a Cigana, que morou na Bahia e passou para Sergipe del-Rey.

86 — Um filho de Antonio Baldaia, solicitador e morador na Bahia.

87 — Um filho mais velho de Francisco Lopes Girão, da nação, morador em Cotigipe. — Francisco Lopes Girão casou em 24 de Junho de 1584 com Maria Corrêa, e falleceu em 23 de Março de 1652, sepultado na Sé. Um seu filho de igual nome, talvez esse, foi baptisado na Sé a 22 de Abril de 1600, Jaboatão, **Catalogo** citado, 299.

88 — João da Silva, da nação, natural de Lisboa, cujo pae diziam ter um fôrno de vidro em Alcantara, e elle morador no Rio de Janeiro.

89 — João Vaz Serrão, da nação, natural da Bahia, morador na freguezia de Pirajá. — Foi casado com Leonor Rosa, Jaboatão, **Catalogo** citado, 159.

90 — João Garcia, christão velho, mestre de assucar, residente no Paraguaçu'.

91 — José, mulato de Pero Garcia, que era senhor de quatro engenhos na Bahia. — Veja os ns. 73 e 124 desta lista.

92 — João Galvão, christão velho, morador na freguezia de Nossa Senhora do Soccorro da Taçoapina da Bahia.

93 — João Barbosa, de alcunha Amargalhagua.

94 — João Nunes, da nação, irmão de Simão Nunes de Mattos, pessoa conhecida na Bahia. — Veja os ns. 53, 59, 102 e 130 desta lista.

95 — João Vaz Serrão. — Veja o n. 89 desta lista.

96 — Luis Alvares, da nação, natural do Porto, morador na Bahia, e que servia a Manuel Rodrigues Sanches, senhor de engenho. — Veja o n. 104 desta lista.

97 — Luis Lopes, da nação, irmão de Matheus Lopes, ambos naturaes do Porto, mercadores e moradores na Bahia. — Veja o n. 105 desta lista.

98 — Luis Lopes Paredes, da nação, natural do Porto, lavrador de cannas na Ipióca da Bahia.

99 — Luis de Aguiar, da nação, natural de Lisboa, escrivão do provedor da Bahia.

100 — Manuel ou Francisco de Oliveira. — Veja o n. 52 desta lista.

101 — Manuel Nunes Miplate, da nação, natural das Idanhas, morador na Bahia. — Veja o n. 76 desta lista.

102 — Manuel de Galegos, da nação, natural do Reino, sobrinho e cunhado de Simão Nunes de Mattos, assistente na Bahia. — Veja os ns. 53, 59, 94 e 130 desta lista.

103 — Manuel Cardoso de Lima, da nação, mercador e morador na Bahia.

104 — Manuel Rodrigues Sanches, da nação, natural de Porto-Alegre, morador na Bahia, senhor de engenho. — Veja o n. 96 desta lista.

105 — Matheus Lopes, da nação, natural do Porto, mercador e morador na Bahia. — Veja os ns. 97 e 120 desta lista.

106 — Margarida Diniz, da nação, mulher de Hercules Bravo, da nação, moradora na Bahia, em casa de seu filho Diniz Bravo. — Veja os ns. 20 e 30 desta lista.

107 — Manuel da Silva, da nação, natural de Lisboa, filho de um ataqueiro comediante, elle casado na Bahia.

108 — Manuel Alves Galego, da nação, já defunto, morador que foi da Bahia.

109 — Manuel Baldaya, natural da Bahia e nella morador.

110 — Manuel Homem, meio da nação, natural da ilha de São Miguel, morador na Bahia.

111 — Manuel Ferreira de Figueiredo, tem raça de judeu, natural de Tavadede, abaixo de Monte-mór o Velho, advogado na Bahia.

112 — Manuel Duarte, da nação, cirurgião, que já foi sambenitado.

113 — Manuel Gomes Victoria, da nação, morador no Paraguaçu. — Casou quatro vezes: a primeira com Catharina de Moura, filha de Pedro Fernandes de Moura e de sua mulher Leonor Martins; a segunda com Branca Serrão, filha de Antonio Serrão e de sua mulher Catharina Mendes; a terceira com outra Branca Serrão, filha de João Vaz Serrão e de sua mulher Leonor Rosa, dispensado pelo Bispo D. Constantino Barradas no grão de afinidade, por ser a segunda Branca prima da outra; a quarta com D. Maria de Menezes, viuva de Domingos Gomes Pimentel (n. 40 desta lista), e filha de Valentim de Faria e de sua mulher Felippa de Sá. Somente do segundo matrimonio houve geração. Manuel Gomes falleceu a 22 de Novembro de 1648, sepultado em São Francisco, Jaboatão, **Catalogo** citado, 159.

114 — Manuel Luis, da nação, natural do Porto, criado de Diogo da Fonseca, residente na Bahia.

115 — Manuel Vieira, christão velho, morador na freguezia de Pacé, e depois se mudou para o Camamu', de alcunha **Má-pelle**.

116 — Maria Cardoso, da nação, mulher de Diogo Lopes de Abrantes, mercador na Bahia.

117 — Manuel Dias Espinhosa, da nação, natural do Porto, estante na Bahia. Seu pae, o medico João Ródrigues Espinhosa, fôra preso pelo Santo Officio no Porto. O filho confessou em Lisboa culpas de judaismo e saiu condemnado a carcere e habito perpetuo, no auto de 5 de Maio de 1624. Não é conhecido o processo a que respondeu, que talvez elucidasse o parentesco desses Espinhosas com a familia de Abrahão Espinhosa, por esse tempo emigrada em Nantes, da qual descendeu o famoso philosopho. — Conf. J. Lucio de Azevêdo, **Historia dos Christãos Novos Portugêses**, 228.

118 — Manuel Soares, da nação, natural de Beja.

119 — Manuel Mendes Mesa, da nação, natural de Estremoz. Foi casado com D. Isabel de Faria e pae de Pedro Mendes Mesa, um dos homens mais honrados da freguezia de Paripe, senhor do engenho grande de Pirajá, que fundou á sua custa e nelle perdeu todo o capital que possuia, Jaboação, **Catalogo** citado, 222.

120 — Nicolau da Maia Mesa, da nação, natural de Lisboa, irmão de Matheus Lopes. — Veja os ns. 97 e 105 desta lista.

121 — Negros que vieram da Guiné.

122 — Pascoal Bravo, da nação, morador na Bahia. — Foi casado com Milicia Gomes, e pae de Guiomar de Menezes, mulher de Pedro de Freitas, Jaboação, **Catalogo** citado, 475.

123 — Felipe Thomaz de Miranda, da nação, licenciado, advogado, morador na Bahia.

124 — Pero Garcia, da nação por parte de seu pae, natural da ilha de São Miguel, senhor de quatro engenhos. — Veja os ns. 73 e 91 desta lista. — Pero Garcia, quando os Hollandezes invadiram a Bahia, em 1624, estava no Forte do Mar, e morreu heroicamente, com um seu criado, na defesa dessa posição. — Conf. Severim de Faria, **Historia de Portugal**, 26, Fortaleza, 1903; Fr. Vicente do Salvador, **Historia do Brasil**, 511, da 3.^a edição. — Pero Garcia havia casado com D. Maria de Araujo, viuva do capitão-mór Balthazar de Aragão, o **Bangala**, Jaboação, **Catalogo** citado, 94.

125 — Felippa Gonçalves, da nação, mulher de Ruy Gomes Bravo, da nação, que morreu no Rio de Janeiro, e ella morou em Lisboa, detraz da Trindade, na rua da Oliveira.

126 — Pero Fernandes, da nação, já defunto.

127 — Paulo de Faria, christão velho, filho de Diniz Gonçalves Varejão, que foi vereador da Camara da Bahia. — A corrigir Gabriel Soares, **Tratado descriptivo**, 136, onde vem trocado o nome desse Diniz para Luis. Era elle dono de um engenho, segundo esse autor, no cabo da terra de Pacé, no qual havia uma igreja de Nossa Senhora do Rosario. Casou com Maria de Faria, viuva de João Gonçalves São Thomé, homem preto, que tinha um engenho, Jaboatão, **Catalogo** citado, 478. Entre os filhos do casal não vem nenhum Paulo, e sim um Pedro Alvares de Faria, que casou com Maria de Araujo, ibidem, 479.

128 — Pantaleão de Sousa, da nação, natural do Porto, morador na fazenda do engenho da Imbiára.

129 — Pedro Homem de Sá, da nação, natural do Porto, mercador e morador na Bahia.

130 — Simão Nunes de Mattos, da nação, senhor de engenho e morador na Bahia. — Veja os ns. 53, 59, 94 e 102 desta lista.

131 — Simão Machado, da nação, cunhado de Simão de Leão, mercador e morador em Villa Nova de Portimão, no Algarve.

132 — Simão de Leão, da nação, contratador das dizimas dos assucares, morador na Bahia.

133 — O sobrinho de Luis Vaz de Paiva, da nação. — Veja os ns. 41 e 69 desta lista.

134 — Valentim da Costa, estudante, que tem raça de judeu, filho de Braz da Costa Cirne e de sua mulher Leonor de Sande, morador na Bahia. — D. Leonor de Sande era filha de Diogo Corrêa de Sande, natural do Reino, da casa dos Corrêas de Sá, tronco dos viscondes de Asséca, e de sua mulher D. Joanna Barbosa, Jaboatão, **Catalogo** citado, 181.

135 — Violante Pacheca, da nação, mulher de Gaspar de Almeida, christão velho, moradores em Pacé, no Recôncavo da Bahia, no engenho de Estevão de Brito Freire.

De 11 a 26 de Setembro de 1618, em duas audiências diárias, pela manhã e pela tarde, no tempo da graça, o inquisidor ouviu cincoenta e dois denunciante, que accusaram cento e trinta e quatro pessoas; em 26 de Janeiro do anno seguinte ouvia as ratificações da viuva Margarida da Grã de Mendoça e de João Gonçalves. No periodo intermedio haviam de ter proseguido as denunciações e haviam tambem de ser tomadas as confissões, que escaparam ao código agora publicado, escriptas em outro livro, que ainda não appareceu.

Na primeira monção o visitador devia ter voltado a Portugal, onde, talvez pelo bom desempenho da commissão, alcançou ser nomeado substituto de D. Constantino Barradas.

Antes, Marcos Teixeira, licenciado em Canones, fora conego arcediago de Evora, e ahi inquisidor, em 30 de Dezembro de 1578; desse cargo passou á Casa da Supplicação e á Mesa da Consciencia; a 9 de Junho de 1592 era deputado do Santo Officio. Seu nome apparece nas licenças desse tribunal: de 15 de Novembro de 1594, para se reimprimir o poema "Os Lusíadas", de Luis de Camões, Lisboa, 1597; de 17 do mesmo mez e anno, para se imprimir as "Rhythmas", ainda de Camões, "editio princeps", Lisboa, 1595; de 1 de Dezembro do mesmo anno, para "O Lyma" (vinte eclogas e trinta e tres cartas), de Diogo Bernardes, Lisboa, 1596; de 17 do mesmo mez e anno, para a "Arte de Grammatica da Lingua mais usada na Costa do Brasil", de Joseph de Anchieta, Coimbra, 1595; de 6 de Fevereiro de 1597, para os "Poemas Lusitanos", do Dr. Antonio Ferreira, Lisboa, 1598; de 8 de Maio de 1597, para as "Rimas", de Camões (segunda impressão), Lisboa, 1598; de 11 de Janeiro de 1600, para a "Historia da Vida do Padre Francisco Xavier", do Padre Joam de Lucena, Lisboa, 1600; de 25 do mesmo mez e anno, para as "Chronicas dos Reis de Portugal", de Duarte Nunes de Leão, Lisboa, 1600; de 15 de Janeiro de 1602, para a "Decada quarta da Asia", de Diogo do Couto, Lisboa, 1602; de 30 de Abril do mesmo anno, para a "Decada quinta da Asia", do mesmo autor, Lisboa, 1612; de 19 de Junho de 1606, para as "Rimas" (terceira impressão), de Camões, Lisboa, 1607; da mesma data, para "Os Lusíadas", do mesmo, Lisboa, 1609; outra edição, Lisboa, 1612; de 8 de Julho de 1608, para a "Genealogia de los Reys de Portugal", de Duarte Nunes de Leão, Lisboa, 1608; de 15 de Março de 1609, para a "Descripção do Reino de Portugal", do mesmo autor, Lisboa, 1610; de 27 de

Maio de 1609, para o poema "Affonso Africano", de Vasco Mousinho Quebedo de Castello-Branco, Lisboa, 1611; e para outras muitas, que não ficam assignaladas senão as principais, pela justa fama de seus autores.

A data de sua nomeação para Bispo do Brasil é ignorada; sabe-se que partiu a assumir suas funções em Novembro de 1622 e chegou á Bahia com prospera viagem, Severim de Faria, **Historia** citada, 23.

Ainda tinha o baculo pastoral quando a Bahia soffreu a primeira invasão hollandeza. Preso o governador Diogo Furtado de Mendonça, dispoz a resistencia aos intrusos, depoz o Desembargador Antão de Mesquita, investido do governo, assumindo-o, para entrega-lo mais tarde ao Capitão-mór Francisco Nunes Marinho, mandado de Pernambuco por Mathias de Albuquerque, que estava designado nas vias de successão para substituir Diogo Furtado.

Sem ter a dita de ver a Bahia livre dos invasores, D. Marcos Teixeira veio a fallecer a 8 de Outubro de 1624, em idade que devia passar de setenta annos bem vividos.

R. G.

Doutor Melchior de Bragança contra Domingos Alvares Serpa, Diniz Bravo, licenciado Francisco Lopes Brandão, Gonçalo Nunes de Lisboa, Pascoal Bravo, Diogo Lopes Franco e Simão Nunes de Mattos.

Em nome de Deus amen. Aos onze dias do mes de setembro de mil seiscentos e dezoito annos nesta cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos da Provincia do Brasil na igreja do Collegio de Jesu em audiencia de pella manhã no tempo da graça, estando ahi o senhor Inquisidor e Visitador o Licenciado Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Melchior de Bragança hebreo de nasção, que disse ser doutor converso a nossa Santa fee, de ydade de quarenta annos natural da cidade de Marrocos em Africa, casado na cidade de Lisboa e residente nesta, degradado pella culpa de hũa morte de homem, e disse que tivera em Hispanha por officio ensinar a lingua hebreo com exposição da sagrada escriptura, como fez na Universidade de Alcalá, e na de Salamanca, nas quais leu e ensinou em cadeira publica cõ sallario de seis çentos crusados, e no Collegio dos Padres da Companhia de Coimbra sem sallario. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão, sob cargo do qual assy o prometteo. E disse que com zello da Santa fee e por descargo de sua consciencia denunciava bem e verdadeiramente de Domingos Alvarez de Serpa da nasção, o qual não sabe elle denunciante donde he natural, mais que ser do Reino de Portugal, e ser solteiro, e viver de mercancias e contractos nesta cidade, que averá anno e meyo segundo sua lembrança, em hũ dia ás nove horas da manhã nesta cidade que tendo lhe elle denunciante pedido por dous escriptos ajuda de gasto, por ser estrangeiro, e estar falto delle, e respondendo lhe o denunciado que se visse com elle, foy elle denunciante a sua casa, que he junto do mosteiro de São Francisco desta çidade, e estando ambos soos,

lhe disse o dito denunciado Dominguos Alvarez de Serpa, que vinda era esta sua a esta terra; e elle denunciante lhe respondeu, que viera degradado por seus demeritos. Ao que lhe tornou o denunciado, que lhe não perguntava por isso, senão que sabia de certo, que elle fugira de Marrocos por quebrar do credito, e não por se vir fazer christão de vontade, por quanto a lei de Moysés era a lei verdadeira, e que por isso não podia elle denunciante deixala. E que se tinha necessidade, que se recolhesse a casa delle denunciado, e se declarasse cõ elle. O que tanto que elle denunciante ouviu, se levantou e se foy sem lhe responder muito scandalizado, e que hum criado do denunciado que se chamava Gaspar da Maya que hora he passado ao Reino, e não sabe se era da nasção, nem donde era natural, o vira sair a elle denunciante enfadado. E por dizer que não se lembrava de mais, lhe perguntou o senhor inquisidor, se havia mais testemunhas do caso? respondeu elle testemunha denunciante, que quando aconteceu não estava mais que elle, e o denunciado. E perguntado, se estava o denunciado em seu perfeito juizo ou se era falto delle ou costumava a emborrachar se, ou lhe dissera as sobreditas palavras zombando? respondeu, que o denunciado he homem de entendimento, e não costuma sair delle, como he notorio nesta cidade, e assy parece a elle denunciante que o denunciado estava em seu perfeito juizo e não zombava, segundo o negocio passou. E sendo perguntado se o denunciado era infamado de culpas de judaismo e se fora já preso e penitenciado pello Sancto Officio ou algum parente seu? respondeu que o denunciado estava muy infamado nesta terra entre homens de crédito de viver na ley de Moysés e que geralmente se diz que sua mãy foy queimada, e o denunciado e algũs de seus parentes presos e penitenciados pello Sancto Officio. E perguntado pello costume disse que o denunciado o tratava mal de palavras, dizendo que por elle denunciante ter dito mal delle ao Vigairo geral desta cidade, e que arremetera sobre isso para lhe dar com hum pau, dando-lhe a entender que por elle denunciante ter denunciado delle, como na verdade o tinha feito diante do Bispo desta cidade, servindo de Notario o Vigairo geral della, mas que elle denunciante lhe não queria mal, e tinha dito a verdade. E asy dysse mais, que bem e verdadeiramente denunciava de Dinis Bravo da nasção senhor de engenho casado e morador nesta cidade, e não sabe donde he natural, que averá anno e meyo pouco mais ou menos, que mandando lhe elle denunciante pedir per hũ escripto hũa esmolla, e respondendo lhe o denuncia-

do que fosse fallar com elle foy elle denunciante por esta causa a sua casa que he nesta cidade, a hũ dia á tarde segundo sua lembrança e estando só com elle, lhe disse o denunciado desta maneira. Vós sois, vós sois, vós sois o doutor hebreo? he possivel que ereis prégador da ley de Moysés, e desamparastela? bem dizem que a não desamparastes senão por necessidade. Ivos embora que temos cá muito a que acudir. E levantando se elle denunciante para se ir o fez o denunciado assentar, e lhe disse. Vós cuidais que todos os que comem porco são christãos? pois sabey que os que são judeus em Hispanha, são melhores judeus que os que receberão a ley de Moysés no monte Synay. Ao que elle denunciante não respondeo cousa algũa por temor de se ver na casa do denunciado que he muito rico e poderoso nesta terra, e assy se sahio callado e scandalizado do caso e com mau conceito do denunciado. E por dizer que se não lembrava de mais, lhe perguntou o senhor Inquisidor, se estava o denunciado em seu perfeito juiso, ou se costumava a sair delle, e emborrachar se? Respondeo elle denunciante que o denunciado era tido e avido geralmente por homem capaz e sezudo, e tal lhe pareceo a elle denunciante que estava quando o casso aconteceu e que não sabe que se emborrache, nem costuma a sair de seu juizo. E sendo perguntado se avia mais testemunhas do casso, e se o denunciado era de má fama, e fora ja preso ou penitenciado pello Sancto Officio ou algum de seus parentes? Respondeo, que não sabia de mais testemunhas e que he verdade que o denunciado está tido nesta terra por judeu; e que ouvira dizer que fora já preso pello Santo Officio, e muitos parentes seus. E declarou que segundo sua lembrança lhe dissera o denunciado mais, que os da nação que se queimavão em Hispanha, morrião martires polla ley de Moysés, pello que ficavão sendo melhores judeus que os que a receberão no monte Synai, o que lhe disse quando o casso aconteceu: E perguntado pello costume disse nada. E assy disse mais que bem e verdadeiramente denunciava do Licenciado Francisco Lopes Brandão da nação natural de Lisboa advogado nesta cidade casado e morador nella que averá anno e meo pouco mais ou menos que nesta cidade indo elle denunciante em dia de São Bento antre as onze horas e o meio dia, a casa do denunciado per antes muitos dias elle denunciante lhe ter dado hũa carta de favor que trouxera do reino de Gil Pereira medico casado e morador em Lisboa, e o denunciado lhe dizer que tornasse e por elle não tornar, o mandar o denunciado chamar e estando com o denunciado no seu estudo só

sem mais algũa pessoa, tirara o denunciado de antre os livros hũa Biblia e lendo nella o Psalmo sesenta e sete de David, perguntou a elle denunciante como entendia o Verso que começa, Si dormiatis inter medios cleros, E o outro Verso que começa, Rex Virtutum dilecti; e respondendo-lhe elle denunciante, que os entendia de aver Deus de tirar o çeptro de Judá para o dar aos que crerem no Mexias ja vindo, disse o denunciado que elle denunciante não sabia o que dizia, nem entendia cousa algũa e levantando elle denunciante a voz lhe respondeo; Não sey o que digo para judeus que o não querem entender, mas para christãos bem sei o que digo. Ao que o denunciado lhe disse, que fallasse baixo, que bem entendia que elle denunciante não era christão senão Judeu muy famoso, e que sabia muito bem que aquelle texto fallava mais em favor dos Judeus que em favor dos christãos: E elle denunciante lhe respondeo que quando fora judeu o entendera em favor dos Judeus, mas que depois que se converteu, o entendia em favor da igreja de Jesu Christo nosso Salvador em quem adorava e cria. Ao que o denunciado lhe tornou a dizer que não sabia o que dizia, por que o texto fallava em favor do povo Hebreo, e que não andasse lizongendo, e fallasse verdade. E por a este tempo entrar Vasco de Brito Freire, se enterrompeu a pratica e não tornarão a fallar mais nisto, mas disse elle denunciante que se lembrava que antre as sobreditas palavras, lhe dissera o denunciado que fosse fallar com seu compadre Dinis Bravo, que elle o desenganaria: Do que tudo elle denunciante ficou tendo mau conceito do denunciado, e presumia que vivia na lei de Moysés. E sendo perguntado elle denunciante se ouvera mais testemunhas do caso, e se ho denunciado estava em seu perfeito juizo, ou costumava a sair delle e emborrachar se, ou se estava zombando? respondeu, que já tinha dito que estando ambos soos acontecera o caso, e que o que sabe do denunciado he ser homem sezudo, e assy lhe parece que estava em seu perfeito juizo quando o caso acconteceu, e não sabe que se costume a emborrachar. E sendo perguntado se sabia que o denunciado fora já prezo ou penitenciado pello Santo Officio, ou algum parente seu, ou estava infamado de culpas de Judaismo? disse que o denunciado não tinha boa fama nesta terra, por ser tido nella geralmente por Judeu, e do mais não sabe elle denunciante cousa alguma. E perguntado pello costume disse nada: E dizendo lhe o senhor Inquisidor que não parecia verissimel, sendo a gente da nasção tão astuta e acautellada, e a materia de tanta importancia e

perigo, se lhe manifestassem e descobrissem tanto os sobreditos denunciados, avendo antre elle denunciante e elles tão pouca conversação e amisade, e se por ventura o quererão os denunciados apalpar e saber delle se estava bem firme na fee? Respondeo, que a razão do sobredito era terem os denunciados noticia de elle denunciante aver sido rabino, e ser muy docto na ley de Moysés, e que como estavam cegos, cuidavão que quem a entendia bem a não podia deixar, quanto mais, que conforme o que passarão os denunciados com elle, bem se deixa entender que o tinham per Judeu, e alem disto como elle denunciante he estrangeiro e pobre e os denunciados são muito ricos e poderosos, não é muito que cuidassem que elle os não descobriria a conta de os aver mister, e mais sendo todos de hũa nasção. E segundo elle denunciante entendeo delles e de seu modo de fallar, não pertenderão apalpar e saber se era verdadeiramente convertido, mas determinarão de ajudar se da doctrina delle denunciante em favor da çegueira em que estão, o que se prôva bem, porque tanto que elle denunciante os enganou, logo o desampararão, e não sómente lhe deixarão de fazer bem e ajudalo como se costuma antre a gente da nasção, mas ainda pertenderão perseguido e desacreditalo por a boa reputação e credito delle denunciante ser de muito perjuizo e confusão para os erros dos denunciados, e de muita consolação e edificação para os catholicos. E assy disse mais elle denunciante, que hũa das razões por que tem os denunciados por culpados de Judaismo he, por que averá anno e meo pouco mais ou menos, que nesta cidade indo elle denunciante muitas vezes a casa de Guonçallo Nunes de Lixboa da nasção natural de Lisboa e contractador casado e morador nesta cidade porque lhe fazia bem e o favcrecia, vio e notou que de ordinario ás sextas feiras á tarde se ajuntavão em casa do dito Guonçallo Nunes de Lisboa que he na Rua de traz da Cadea, algũs homens da nasção que erão o dito Dinis Bravo, Paschoal Bravo seu irmão casado e morador nesta cidade, Diogo d'Albuquerque meirinho, o dito licenciado Francisco Lopes Brandão, o dito Dominguos Alvarez de Serpa, Dioguo Lopes Franco casado mercader e morador nesta terra, genrro de Anrique Monis Telles vreador que agora he desta cidade, e Simão Nunes de Mattos senhor de engenho casado e morador nesta cidade todos da nasção, e que na dita casa estavam todos com as portas fechadas mais de sinquo horas, porque entravão ás sete da tarde e sahião depois da mea noite o que elle denunciante disse que

sabia pello ver tres noites em que espreitou de hũ canto da rua de traz da cadea até que os via sair, alem de outras muitas vezes em que os via entrar na dita casa no mesmo dia que tem dito á tarde e fecharem-se por dentro, de que suspeitava que era para fazerem algũas ceremonias da lei velha e celebrarem a festa do Salvador. E sendo perguntado pello senhor inquisidor se por ventura irião as ditas pessoas jogar á dita casa? Respondeo que não, porque nella se joga publicamente com as portas abertas, e somente aquella noite e tarde vio sempre as portas fechadas. E perguntado elle denunciante se sabia mais de outras pessoas erradas na fee? Respondeo que das que sabia diria de outra vez, por ser agóra tarde. E sendo perguntado se fora falar com Diniz Bravo denunciado, como lhe dissera o licenceado Francisco Lopes Brandão tambem denunciado? respondeo que não. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos padres, Manoel do Couto, e o Padre Miguel Rõiz sacerdote deste Collegio da Companhia de Jesu, que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado; e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos, e assignarão aqui com o dito senhor Inquisidor e Visitador, e juntamente com o dito Melchior de Bragança denunciante Manuel Marinho o escrevi. E declarou o denunciante que dos sobreditos denunciados tinha já dado denunciação diante o Ordinario desta cidade, ao tempo que os casos acontecerão: Manoel Marinho o escrevi. Marcos Teixeira. Dotor Melchior de Bragansa. Manoel do Couto. Miguel Roiz.

João de Sevalhos contra Manuel ou Francisco de Oliveira.

Aos onze dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia da tarde no tempo de Graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira, perante elle appareceo sem ser chamado João de Sevalhos montanhes, christão velho, natural de Santa Cruz de Castanheda Valle de Torança arcebisado de Burgos, de ydade de trinta annos, solteiro que ha seis que reside nesta

cidade por soldado de Sua Magestade e mora nella junto das casas de Christovão de Barros; e sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assy o prometteo. E disse que com zello da fee e por descargo de sua consciencia denunciava de Manoel ou Francisco de Olyveira que por nome não perca da nasção natural destas partes, e morador nellas em Porto Seguro onde tem seu pay e may, e passa de ydade de vinte e sinco annos a seu parecer que he aleijado de pees e mãos, e cunhado de Manoel de Miranda capitão do dito Porto seguro, o qual denunciado ouvio elle denunciante dizer averá dous annos pouco mais ou menos geralmente no Rio de São Francisco, que pozera a bcca sacrilegamente na pureza e virgindade da Virgem Maria Nossa Senhora affirmando que parira duas vezes, segundo a lembrança delle denunciante que disse que por que tivera noticia que o Padre Manoel Nogueira sacerdote, do qual não sabia donde he natural, nem onde reside hoje, mas sabe que foy Capellão do dito Capitão Manoel de Miranda no Rio de São Francisco e ha poucos dias que esteve nesta cidade e dizem que he ido a Sergipe do Conde, se achara presente quando o caso aconteceu lhe perguntou elle denunciante a verdade delle no dito Rio de São Francisco onde succedeo; e pello dito Padre referido lhe foy dito que o caso passara assi como elle denunciante tem denunciado, mas que cõtudo se reporta ao que o dito Padre disser por ter razão de estar melhor lembrado por se achar presente ao caso, de que o vigairo que hora he de Sergipe del Rey, ou antão era, dizem que fez sumario de testemunhas, de que constará a verdade. E assy disse mais elle denunciante que Diogo Fernandes castelhano tambor mor desta cidade, casado e morador nella á porta de Santa Luzia da banda de dentro lhe disse averá quinze dias que ouvira dizer a certa pessoa que dissera hũa molher por hũ homẽ; Não basta açoutar-me a mim, senão açoutar ao Christo; E disse que a dita testemunha referida lhe dissera que a seu tempo declararia quem lhe dissera o que tem dito neste caso. E sendo perguntado pelo senhor Inquisidor. se sabia se quando aconteceu o primeiro caso era antes do jantar ou depçis, e se estava o dito denunciado Francisco ou Manoel de Olyveira em seu perfeito juizo, ou se costuma a sair delle, ou emborrachar se? respondeo que conhecia muito bem ao dito Manoel ou Francisco de Olyveira por residir tres meses no dito Rio de São Francisco onde o denunciado tambem residia averá

dous annos e meyo e sabia por essa razão que o denunciado he homem çezudo, e que não sai fóra de seu juizo, nem se toma de vinho. E perguntado se sabia se o dito denunciado fora já preso, ou penitenciado pello Santo Officio, ou algum parente seu, e se quando o caso aconteeço ouve algũas pessoas que se escandalizarão, ou approvarão o caso? disse que não sabia mais que o que tem dito, e que não podião deixar de se escandalizar sendo o caso tão grave e publico. E perguntado pello costume disse nada. E perguntado se sabia mais de algũas pessoas culpadas em erros contra nossa Santa fee? disse que não sabia de mais. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres, Dominguos Monteiro e o Padre Baltesar Fernandes sacerdotes deste Collegio da Companhia de Jesu, que tudo virão e ouvirão, e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado, e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos, e assinarão aqui com o dito senhor Inquisidor e Visitador, e juntamente com o dito João de Sevalhos Manoel Marinho a escrevi. Marcos Teixeira. Juam de Sevalhos. Balthasar Fernandes. Domingos Monteiro.

Melchior Gonçalves Barreto contra Duarte Rodrigues.

Aos onze dias do mes de Septembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Sanctos na Igreja do Collegio da Companhia de Jesu, estando ahi em audiẽcia da tarde no tempo da Graça o senhor Inquisidor e Visitador Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado, Melchior Gonçalves Barreto christão velho de ydade de quarenta e tres annos natural da Ilha do Porto Santo, cidadão, casado e morador nesta cidade na rua de Nossa Senhora da Ajuda e sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assy o prometteo. E disse, que denunciava bem e verdadeiramente por descargo de sua consciencia de Duarte Rõiz da nasção natural das Idanhas, casado, e morador em Passé, sinquo legoas desta çidade por que na

quinta feira de Endoenças á noite, da quaresma prima passada nesta cidade estando vendo a proçissão na rua junto do canto das casas d El Rey, e passando a proçissão pella porta da cadeia que está muito perto e defronte, e pedindo os presos esmola por amor de Deos Nosso Senhor Jesu Christo disse para os presos as seguintes palavras. Não vay ahi Nosso Senhor Jesu Christo, porque vos não tira da cadeia? As quais palavras elle denunciante ouvio dizer ao denunciado por estar em sua companhia pegado com elle, por o denunciado o ter hido buscar a sua casa para irem na procissão por serem amigos, e conversarem. E sendo perguntado elle denunciante, como conhecera o denunciado, se era de noite? respondeo, que polla razão que tem dito, e por aver fugareus e andarem ambos naquelle tempo. E perguntado se ouve mais testemunhas do caso, e se o approvarão ou se escandalizarão d'elle? respondeo, que Bertholomeu Pires christão velho natural das ilhas Terceiras lavrador de cana daçucar casado e morador na boca do rio de Mattoim sinquo legoas desta cidade e Melchior Gonçalves christão velho natural das ditas Ilhas, creador de gado, solteiro e morador na Pitanga, e ás vezes em Sergipe del Rey, irmão de Gaspar Gonçalves casado e morador na dita Pitanga de Sãoto Amaro sinquo legoas desta cidade, e he lavrador de mandioca, os quais hião em companhia d'elle denunciante e do denunciado, a quem ouvirão dizer as ditas palavras por estarem tambem junto d'elle, mas não o conhecerão, segundo lhe derão a entender a elle denunciante, mas o dito Bertolomeu Pires respondeo, dizendo o denunciado as ditas palavras que poder tinha Nosso Senhor para os tirar da cadeia? E a elles para lhes tapar as bocas para não, falarem semelhantes cousas, mas que era de justiça e de misericordia. E disse mais elle denunciante que era verdade que assi elle como as ditas testemunhas referidas se escandalizarão do caso, e que as ditas testemunhas sabião de outras que se acharão presentes: E que he verdade que Manoel Nunes dalcunha Miplata da nasção natural das Idanhas, solteiro, e parente do denunciado, morador nesta cidade na travessa da Misericordia sobre o mar e mercador e lavrador e muito conhecido nesta cidade hia em companhia do denunciado quando o caso aconteeço e que como estava junto d'elle não podia deixar de ouvir as ditas palavras mas não disse cousa algũa. E sendo perguntado o denunciante, se quando o caso aconteeço estava o denunciado sobre çea ou fóra de seu juizo, ou costumava a emborrachar se? respondeo que o denunciado o tinha convidado para a consoada, e era antes

della, e que o denunciado estava em seu perfeito juizo, e não costuma a sair delle, nem se dá ao vinho antes he homẽ muito çezudo, lido e curioso. E perguntado o denunciante que respondera o denunciado ao que o dito Bertholomeu Pires lhe dissera? disse que se callara e mudara o proposito. E sendo mais perguntado o denunciante se sabe que o denunciado ou algum parente seu fosse já preso, ou penitenciado pello Santo Officio ou se estava o denunciado infamado nesta terra de judeu? respondeo que não sabia mais que o que tem dito. E perguntado se tinha dado conta do caso a alguẽ, ou se sabe de outras pessoas culpadas em erros da fee, e pello costume? disse do costume que era amigo do denunciado ha sete ou oito annos e do mais disse nada. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres Dominguos Monteiro e o Padre Baltesar Fernandes saçerdotes deste Collegio da Companhia de Jesu, que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado, e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assinarão aqui com o ditto senhor Inquisidor e Visitador e Juntamente com o dito Belchior Gonçalves Barreto. E eu Manoel Marinho o escrevi. Marcos Teixeira. Domingos Monteiro. Belchior Gonçalves Barreto. Balthasar Fernandes.

**Bartholomeu de Vasconcellos, chantre da
Sé, contra o licenciado Phelippe Thomas, contra Francisco e Fulano Rodrigues.**

Aos onze dias do mez de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Sanctos na igreja do Collegio de Jesu estando ahi em audiencia da tarde no tempo da Graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Bartholomeu de Vasconcellos, Chantre da See desta cidade natural e senador della de idade de sinquenta e oito annos e sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão, sob cargo do qual assy o prometteo. E disse que sabe por se dizer geralmente nesta cidade que o Licenciado Phelippe Thomas da nasção natural do

reino donde elle denunciante não sabe, advogado casado morador nesta cidade fugio de Pernambuco para ella averá doze annos pouco mais ou menos pella morte de hum moço seu criado, o qual matou pello ter accusado de cometterem ambos o peccado nefando de sodomia. O que parece ser tanto assi que averá tres ou quatro annos ou tempo que na verdade se achar, que o denunciado se absentou e escondeo por se dizer que erão vindas as ditas culpas de Pernambuco, o que elle denunciante sabe por ser naquelle tempo vigairo geral desta cidade e lhe pedir Anrique Monis Telles christão velho e cidadão della que se as ditas culpas lhe viessem as mãos, as tivesse em segredo, e as não publicasse, as quais não vierão ás mãos delle denunciante. E disse que sabia que o denunciado se absentara pella dita causa, por o dito Anrique Monis Telles ter dito a elle denunciante que o denunciado estava escondido em sua casa pello não prenderem pella dita culpa. E sendo perguntado pello senhor Inquisidor se sabia de mais testemunhas do caso? disse que podião ser testemunhas delle Manoel Lubeira christão velho casado e morador em Pernambuco e hora assistente nesta cidade, e Antonio d Aragão christão velho natural da ilha da Madeira e assistente nesta cidade, tio de Baltesar d Aragão já defuncto que foy Capitão mór della e Manoel Pacheco christão velho natural da ilha de São Miguel solteiro, e advogado, morador nesta cidade: e Francisco Barbosa de Britto christão velho, e não sabe donde he natural e he escrivão da alçada nesta cidade e estante nella o qual tem em seu poder os autos da dita morte e caso de sodomia. E assi disse mais elle denunciante, que ouvira dizer nesta cidade averá hum mes pouco mais ou menos em sua casa a Manoel de Britto mulato forro, que hora estaa preso, casado e natural della, homem de credito, que Francisco mulato escravo do denunciado lhe contara, que huã noite pouco tempo ha, vira ao denunciado commetter o peccado nefando cõ hũ fulano Rõiz seu criado, que hoje está casado em casa do denunciado com hũa enteada de sua molher, filha de Pero Dias da nasção já defuncto: e que o denunciado tambem comettera ao dito seu mulato para o mesmo peccado, e que por isso lhe fugira para a fazenda de Antonio Cardoso de Barros onde inda estaa. E assi disse e declarou elle denunciante que não sabia mais testemunhas do caso que as sobreditas, e o Licenceado Jorge Lopes da Costa da nasção advogado e casado nesta cidade onde móra, e he natural do reino, que o contcu diante de algũas pessoas dizendo que o dito mulato Francisco se lhe queixara que o denun-

ciado o mandava estar em camisa e sem calças quando lhe escrevia de noite o que lhe ouvião contar Antonio da Castanheira, christão velho casado, cidadão e morador nesta cidade e Belchior de Saa Sottomaior christão velho, cidadão casado e morador tambem nella e Belchior Vaz Mentola da nasção tambem casado e morador nella. E sendo perguntado o denunciante se sabia de mais culpado no crime de sodomia e assi pello costume? disse que não sabia de mais culpados no dito crime, e do costume disse nada. E assy disse mais elle denunciante que averá pouco tempo que detras da See desta cidade lhe contou Antonio de Barbuda casado e morador nesta cidade junto a Pero Garcia, he solicitador de causas, que ha dias que furtando-se nesta cidade hũ escriptorio ao denunciado Phelippe Thomas se lhe achara dentro hũa Toura e que do caso tirara o Ordinario summario de testemunhas que estava em poder de Bernabé Soares, escrivão do Ecclesiastico; em o qual sumario testemunhou o dito Antonio de Barbuda. E perguntado se sabia mais testemunhas do caso? disse que o dito Antonio de Barbuda as nomearia. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres Domingos Monteiro e o Padre Baltesar Fernandes sacerdote deste Collegio da Companhia de Jesu; que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pserão suas mãos; e assinarão aqui com o dito senhor Inquisidor e Visitador e juntamente com o dito Bertholomeu Vasconcellos denunciante. Eu Manoel Marinho o escrevi. O Chantre Bartholomeu de Vasconcellos. Domingos Monteiro. Balthasar Fernandes. Marcos Teixeira.

**Pero Vilella contra Domingos Alvares de
Sarpa e João da Silva.**

Aos doze dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Baya de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu em audiencia de polla manhã no tempo da Graça estando ahi o senhor Inquisidor Marcos Teixeira, perante elle appareço sem

ser chamado Pero Vilella de ydade de sinquoentã e seis annos pouco mais ou menos, christão velho natural de Parada de Pí-nhão termo de Villa Real, solteiro e morador nesta cidade na rua do Collegio, que uza de magia: e sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos, em que pcz a mão, sob cargo do qual assí o prometteo. E disse que elle vinha a esta mesa só com zello da Santa fee, e que assi bem e verdadeiramente denunciava de Dominguos Alvares de Serpa da nasção, natural de Serpa ou de Beja, solteiro mercador e morador nesta cidade junto ao mosteiro de São Francisco, que estando elle denunciante nella averá sete ou oito annos pouco mais ou menos cõ Pero de Medina já defunto e com Gaspar da Maya christão velho, que seria de ydade de vinte e dous ou vinte e tres annos que servia ao denunciado, e dizem ser passado ao reino para dahi ir a Angolla, estando todos na casa do denunciado com elle mesmo pello costumarem assi por serem vizinhos e amigos. E tratando se antre elles de qual era maior sancto, e dizendo hum dos circumstantes que São João Baptista era o maior sancto; disse o denunciado Domingos Alvares de Serpa; que São João Baptista fora peccador como qualquer homem: E indo lhe elle denunciante á mão a isso, dizendo lhe por tres vezes que não fallasse tal palavra como aquella, porque São João Baptista fora sanctificado no ventre de sua may, pello que não podia peccar; tornou a instar e perfiar o denunciado tres vezes no mesmo que tinha dito, dizendo que fallava verdade. O que vendo elle denunciante se escandalizou muito, e não quis mais profiar, e se sahio, e as ditas testemunhas estranharão tambem o sobredito ao denunciado. E sendo perguntado o denunciante pello senhor Inquisidor, se quando o caso aconteeo estava o denunciado em seu perfeito juizo, ou se era homem que costumasse a sair delle, e emborrachar se, ou se era antes ou depois de jantar ou de cear? E se avia mais testemunhas do caso? Disse que segundo sua lembrança aconteeo o caso depois do jantar, mas que o denunciado he homem sobrio, e aprimorado, e estava em seu perfeito juizo, e não costuma a sair delle, nem a emborrachar se, o que elle denunciante sabe pello ver e tratar a muitos annos. E disse que era verdade que mais testemunhas ouvera do caso, mas que não estava lembrado quais erão. E perguntado se o denunciado fora já preso ou penitenciado pello Sancto Officio, ou algum parente seu; e se estava infamado de Judaismo? Disse que não sabia mais que dizer se geralmente nesta terra, que no reino no auto

da fee proximo passado, queimarão a mãy do denunciado. E perguntado mais o denunciante por que não denunciara logo do caso ao Santo Officio ou ao Ordinario? Disse que por não saber que pertencia ao Santo Officio, e porque o Bispo passava por semelhantes cousas condemnando os culpados em dinheiro, mas que dali a hum anno ou dous segundo lembrança denunciou do dito caso diante do Padre Anrique Guomes Provincial que antão era da Companhia e que nesse tempo estava nesta cidade, e servia de Commissario do Santo Officio, á qual denunciação disse que se reportava. E perguntado pello costume disse que era amigo do denunciado. E assi disse mais o denunciante que averá dez ou doze annos pouco mais ou menos que nesta cidade fóra das portas della no caminho de São Bento ás tres horas depois do meio dia indo elle denunciante em hũ Alardo geral e querendo João da Silva da nasção natural de Lisboa, cujo pai dizem que tem hũ forno de vidro em Alcantara, e elle he casado e morador no Rio de Janeiro, dar em hũ soldado por nome Pero Gomes ja defuncto e tendo mão algumas pessoas para que lhe não desse, olhãdo o denunciado João da Silva para o céu com muita ira disse; Arrenego da Omnipotencia Divina; o que elle denunciante sabe por se achar presente, e o ver e ouvir, como tambem o sabia polla mesma razão Francisco Luis Christão velho natural de Guimarães, alfayate casado e morador nesta cidade junto a See, homem honrado e de credito: E o deve tambem saber seu filho Bastião Luis de ydade de vinte e sinco annos ou mais que mora com o dito Francisco Luis seu pay. E sabe tambem disto pella mesma razão Domingos Cosme christão velho que desta cidade se foy casado para Angolla onde se diz que hoje vive. E João Gomes christão velho natural de Guimarães e lá casado e he ido para o reino, e outras muitas pessoas de que elle denunciante não está lembrado, e sendo perguntado pello Senhor Inquisidor se quando o caso aconteceu estava o denunciado em seu perfeito juiso, ou se costumava a tomar se de vinho? respondeo que segundo entendeo não entendeo do denunciado estar fóra de seu juizo nem tomado de vinho nem sabia que isso costumasse. E perguntado se fora alguem á mão ao denunciado quando disse as ditas palavras e se ouve escandallo della e se sabia se fora denunciado ou algũ parente seu preso ou penitenciado pello Santo Officio? respondeo, que por que o denunciado era homem terrivel e desalmado ninguem se atrevera a lhe ir á mão mas que ouve grande escandalo da palavra que disse, de modo que denunciarão logo delle

diante do bispo desta cidade Dom Constantino Barradas; e elle denunciante foy testemunha; e se reporta ao que lá tem dito e que não sabe mais do denunciado. E perguntado se sabe de algũs mais culpados em casos do Santo Officio? Disse que nesta terra ha algũs maus christãos, porque segundo se diz geralmente nella, ha quatro ou sinquo annos que amanheço hũa cruz dos Paços que está as portas desta cidade indo para o Carmo cõ hũa coroa de cornos em lugar de coroa de espinhos. E no mesmo tempo amanheceo outra cruz enforcada na forca publica desta cidade. E perguntado pelo costume, disse nada, e que tambem não sabia quẽ fizera os ditos sacrilegios. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos padres Dominguos Monteiro e o padre Baltesar Fernandes sacerdotes deste Collegio da Companhia de Jesu, que tudo virão e ouvirão, e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado, e assi o jurarão aos Sanctos Evãgelhos em que pozerão suas mãos. E assinarão aqui com o senhor Inquisidor, e juntamente com o dito Pero Villela denunciante Manoel Marinho o escrevi. Pero Villela. Domingos Monteiro. Baltesar Fernandes. Marcos Teixeira.

Paulo Affonso contra Pero Garcia e Diogo de Albuquerque.

Aos doze dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos na Igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia de polla manhã no tempo da Graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Paulo Afonso christão velho de ydade de quarenta e sete annos natural desta Bahia casado e morador no Rio Vermelho junto desta cidade: E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Santos Evãgelhos em que pos a mão sob cargo do qual assy o prometteo. E disse que por descargo de sua consciencia denunciava bem e verdadeiramente de Pero Garcia da nasção por parte de seu pay senhor de quatro engenhos natural da Ilha de São Miguel

e casado e morador nesta cidade, que nella e nas suas casas da rua Dereita junto a Nossa Senhora da Ajuda averá quatro ou sinquo annos pouco mais ou menos cometera o peccado nefando de sodomia com hum mulato forro por nome Joseph que o serve que será hoje de ydade de vinte e dous annos pouco mais ou menos. E sendo perguntado o denunciante como soubera do caso? respondeo, que duas negras do denunciado hũa chamada Inês, e outra Julianna o disserão a elle denunciante que o sabião pello ver as quais negras erão cativas do denunciado o que elle denunciante tem por ser verdade porquanto depois de algum tempo o caso acontecer, o denunciado lhe entregou as ditas negras no seu engenho da Itapitanga onde elle denunciante naquelle tempo era morador, e lhe disse com grandes encarecimentos que matasse as ditas negras com muito açoute e má vida e trabalho. E perguntando lhe elle denunciante a razão por que as tirava de seu serviço sendo lhe tão necessarias, lhe respondeu o denunciado, que por que ellas chamavão ao dito mulato Joseph sua mançeba: das quaes palavras e do que depois lhe disserão as ditas negras soube o que tem denunciado. E sendo perguntado pello senhor Inquisidor que razão avia para o denunciado se confiar tanto d'elle denunciante? respondeo que por aver muitos annos que erão mui particulares amigos. E sendo perguntado se sabia que as ditas negras erão tementes a Deos e pessoas que fallarião verdade e se sabia o que era feito dellas e aonde estavão? disse que ha muito tempo que conhece as ditas cativas e sabe pello ver que são ladinas e creadas antre gente branca e lhe pareçe que fallavão verdade por que alem do sobre-dito ouvira elle denunciante dizer a Pero Gonçalves Rotea natural de Vianna christão velho, casado e morador em Vianna, e que servio muito tempo ao denunciado nesta terra e assi tambem ouvira dizer que Manoel d Oliveira natural de Coimbra sabia que hũ moço por nome Gaspar que servia ao denunciado e hora he passado ao Reino, se lhe saíra de casa por o denunciado o cometer para o peccado nefando. E perguntado se lhe disserão as ditas cativas e declararão quantas vezes o denunciado cometera o dito peccado nefando com o dito complice e em que forma e modo? respondeo que as ditas cativas lhe contarão que o caso succedera depois do jantar nas ditas casas, e que ellas virão entrando acaso na camara do denunciado estando elle em cima do dito complice e tinha a janella da camera serrada hũa sobre a outra, e que não disserão a elle denunciante quantas vezes: e que ovio dizer que hũa das cativas chamada Ines está casada

na aldea que o denunciado tem junto ao seu engenho velho de Peraugaçu e a outra por nome Juliana está em casa do dito denunciado. E perguntado se sabia que o denunciado era homem que saísse fóra de seu juiso, ou se costumava a tomar do vinho? disse que elle sabe se dá muito ao vinho, e fica tão esquentado delle, que depois de beber fica tão diferente do que era dantes de beber como de branco a preto. E que sabe pello ouvir dizer a seus creados que algúas vezes se toma de vinho. E perguntado se sabia mais testemunhas, e do costume ou se sabia de outros culpados no mesmo peccado nefando? Disse que não sabia de mais testemunhas do caso nem de mais culpados no dito peccado, e do costume disse que o denunciado lhe faz algúas sem razões em lhe não querer pagar o que lhe deve, mas que lhe não quer mal e tem dito a verdade. E assi disse mais que denunciava de Diogo d Albuquerque da nasção meirinho desta cidade, e não sabia donde era natural mas era casado e morador nella, que ouviu dizer geralmente e he fama publica nesta terra, que averá tres annos indo o dito denunciado Diogo d Albuquerque a igreja de São Bento desta cidade a prender hũ homiziado, andara per cima do Altar mor que he onde está o Sanctissimo Sacramento, com o chapeo na cabeça e espada nua com grandissimo desacato e irreverencia revolvendo as cortinas, do que ouve grande escandalo em toda a pessoa que sabia do caso. E sendo perguntado se sabia que ouvesse alguem que reprehendesse ao denunciado quando o caso aconteceu ou se algum lho approvou? respondeu que não sabia mais do que tem dito, mas que só sabia por ser notorio de testemunhas no caso. E perguntado se o denunciado estava em seu juizo ou se costumava a sair delle ou deixar-se vencer do vinho, ou fora já reconciliado ou penitenciado pello Santo Officio ou he filho ou netto de condemnado pelo crime de herezia? respondeu que não sabe mais, que estar o denunciado infamado nesta terra de judeu, e de conversar nesta terra com outros semelhantes, o que he notorio nella. E perguntado pello costume, disse nada. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos padres, Dominguos Monteiro e o Padre Baltesar Fernandes sacerdotes deste Collegio da Companhia de Jesu que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assinarão aqui com o dito senhor Inquisidor e juntamente com o dito Paulo Afonso: Manoel Marinho o escrevi. E declarou o denunciante que o dito Manuel d Oliveira testemu-

nha referida era creado do dito Pero Garcia denunciado. Manoel Marinho o escrevi. Paulo Afonso. Balthazar Fernandes. Marcos Teixeira. Domingos Monteiro.

**Francisco de Barbuda contra Simão Nunes
de Mattos e Antonio Nunes.**

Aos doze dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia da tarde no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareço sem ser chamado Francisco de Barbuda christão velho de ydade de quarenta e tres annos casado natural desta cidade juiz ordinario e capitão de hũa bandeira e nella morador na rua de Nossa Senhora da Ajuda. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assy o prometteo. E disse, que averá mais de hũ anno e meyo que nesta cidade dissera a elle denunciante hũ Baltesar Pedro natural de Portugal e lá casado, feitor delle denunciante que hora está em sua casa e Antonio mamaluco filho de branco e de mulher destas partes, que sera de ydade de treze ou quatorze annos e estaa em casa delle denunciante que sabião pello ver e ouvir que na fazenda de Simão Nunes de Mattos christão nóvo que não sabe donde he natural e he senhor do engenho de Maré, casado e morador no dito engenho que está quatro legoas desta cidade e a dita sua fazenda que he de lenhas está no Rio de Jacuruna sete ou oito legoas daqui, ha hũa egoa do dito Simão Nunes de Mattos, á qual chamão Maria parda, como as testemunhas referidas lhe ouvirão chamar a Manoel de Galegos da nasção natural do reino, sobrinho e cunhado do dito Simão Nunes de Mattos e he solteiro, assistente nesta cidade e assi lhe ouvirão tambem chamar a Francisco Mendes Cardoso christão novo da lenha o Mercador das gaitas natural do Reino solteiro e residente nesta cidade e parente do dito Simão Nunes segundo algũas pessoas dizem. E disse elle denunciante que as ditas duas testemunhas referi-

das lhe disserão que na casa do dito Simão Nunes de Mattos e na dita sua fazenda ordinariamente chamavão todos á dita egua Maria parda e por essa era conhecida e ainda averá tres mezes ou quatro que o dito Baltesar Pedro e a outra testemunha referida lho tornarão a dizer a elle denunciante em sua casa o que era caso de grande escandalo por ser muito desacato e irreverencia da Virgem Nossa Senhora. E sendo perguntado o denunciante se sabia de mais testemunhas do caso? respondeo que Gaspar da Costa christão velho solteiro, natural do reino, vizinho da dita fazenda de Simão Nunes de Mattos que trata em mandar fazer lenhas, poderá dizer delle: e as ditas duas testemunhas referidas poderão nomear outras. E sendo perguntado, se sabia se os ditos denunciados fossẽ já reconciliados ou penitenciados pello Santo Officio, ou fossem filhos ou nettos de condemnados pello crime de heresia, ou estivessem infamados de Judaismo ou de outra infidelidade? respondeo que não sabia disto nada. E perguntado pello costume disse nada. E assi disse mais o denunciante, que averá quinze ou vinte dias pouco mais ou menos que André Gonçalves christão velho natural do reino, vendeiro, casado e morador nesta cidade na rua do Collegio, dissera nella presente elle denunciante e Antonio da Castanhera christão velho natural do Reino, casado e morador nesta cidade e presentes outras testemunhas, de que elle denunciante não está lembrado, que dizião que Antonio Nunes da nasção natural do reino pifaro dalcunha, vendeiro, casado e morador nesta cidade, quando jugava e perdia se hia para casa e açoitava hũ crucifixo que tinha. O que elle denunciante e os mais ouvindo, receberão grande escandalo. E sendo perguntado se sabia que o dito Antonio Nunes fosse já reconciliado ou penitenciado pello Santo Officio ou algum parente seu ou se estava enfamado de ser judeu? respondeo que não sabia nada disto. E perguntado pello costume e se sabia de mais culpado em erro da fee? Disse que não sabia de mais. E do costume nada. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres, Dominguos Monteiro e o Padre Baltesar Fernandes sacerdotes, deste Collegio da Companhia de Jesu que tudo virão e ouvirão e prometerão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Santos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assignarão aqui com o dito senhor inquisidor e juntamente com o dito Francisco de Barbuda. Manoel Marinho o escrevi. Domingos Monteiro. Marcos Teixeira. Balthasar Fernandes. Francisco de Barbuda.

**Henrique Moniz Barreto contra Balthazar
Ribeiro e um homem da nação.**

Aos doze dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Sanctos na Igreja do Collegio da Companhia de Jesu, estando ahi em audiencia da tarde no tempo da Graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Anrique Moniz Barreto christão velho de ydade de quarenta e sinquo annos pouco mais ou menos, fidalgo da Casa de Sua Magestade, natural da Ilha da Madeira, casado e morador em Mattoim sete, ou oito legoas desta cidade, senhor de engenho. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo, lhe foi dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão, sob cargo do qual assy o prometteo. E disse que averá oito ou nove annos pouco mais ou menos, que no engenho de Mattoim que foy de Baltesar Ribeiro e hora he de Domingos Barbosa sete ou oito legoas desta cidade, indo elle denunciante a pedir ao dito Baltesar Ribeiro da nasção natural de Palmella no reino, senhor que antão era do dito engenho e nelle morador, e que depois tomou ordens sacras nesta cidade e hora he passado ao reino e dizem que reside em Lisboa no Bairro das portas de Santa Catherina, que lhe mandasse moer as suas canas no dito engenho, achou elle denunciante ao denunciado Baltezar Ribeiro em companhia de Antonio Ribeiro seu irmão tambem da nasção natural da dita villa de Palmella, solteiro, que então era e hora dizem que estaa em Angolla, lendo por hũa Biblia em lingoajem castelhana segundo sua lembrança impressa com figuras muito finas e bem illuminadas. O qual Baltesar Ribeiro estava declarando hũa das ditas figuras ou estampas ao dito seu irmão Antonio Ribeiro, e ambos lião polla dita Biblia e mostravão as figuras da estampa. E sendo perguntado o denunciante como soubera que o livro era Biblia, e era em lingoajem? respondeo, que perque perguntara ao denunciado Baltesar Ribeiro, que livro era aquelle? e o denunciado lhe respondera, que era hũa Biblia em lingoajem e por que afora o sobredito, elle denunciante estava assentado junto do denunciado Baltesar Ribeiro, e vio as figuras delle e que era livro em lingoajem, e que as estampas erão finas e illuminadas e entendeo que era Biblia, por quanto ao tempo em que entrou achou os denunciados tratando das cousas da lei velha, com o dito livro aberto, notando-as nelle. E como o denunciado Baltesar Ribeiro lhe disse que era Biblia em

lingoajem, o creu; e depois do caso se acabou de certificar disso, por lhe dizerem Religiosos de credito que erão sahidas de Flan-des quatro ou sinquo mil volumes de Biblias em lingoajem castelhana: os quaes Religiosos forão os Padres Dominguos Monteiro, e o Padre Manoel do Couto ambos deste Collegio da Companhia, e o Padre Belchior Pires deste Collegio, e o Padre Frey Antonio da Encarnação prior que foy do Carmo desta cidade a preposito de elle denunciante lhe dar conta do caso. E sendo perguntado se o livro era de folha quarto ou oitavo e em que estava encadernado? respondeu que era de quarto, e estava encadernado em purgaminho branco já uzado. E perguntado se sabia que os denunciados fossem já reconciliados, ou penitenciados pello Sancto Officio, ou algum parente seu, e se estavam infamados de judaismo? Disse que ouvira dizer que algũs parentes seus forão já presos pello Santo Officio. E perguntado se se escandalisara do cazo; e se avia mais testemunhas delle, e como não denunciara logo diante do Sancto Officio ou do Ordinario? Disse que era verdade, que se não escandalisara quando o caso aconteceu, por não saber que o dito livro era defeso, mas que depois que o soube se escandalizara muito, e recebera roim conceito dos denunciados, e que não denunciara loguo, porque avia pouco tempo que scubera que o dito livro era defeso, e se esperava pello senhor Inquisidor e porque o Bispo desta cidade Dom Constantino Barradas livrava com facilidade os culpados pelo Sancto Officio, e era muy particular amigo do denunciado Baltesar Ribeiro. E disse que não sabia de mais testemunhas do caso. E perguntado que capellão tinha o denunciado Baltesar Ribeiro quando o caso aconteceu ou se servia de algũs christãos velhos? disse que o Capellão que antão tinha se chamava Manoel do O' que reside nesta cidade e não sabe que se servisse de christãos velhos. E perguntado que altura teria o dito livro e pello costume? Disse que teria passante de dous covados de altura e que era de letra meuda; e perguntado se sabia quem tivesse mais algũs livros defesos? disse que não e do costume nada. E assi disse mais que bem e verdadeiramente denunciava de hũ homem da nasção mercador que per nome não perca, que morava na rua direita desta cidade, que averá tres annos que sendo elle denunciante juiz ordinario desta cidade e estando em Camera com os mais officiaes della appareceo o dito denunciado e dizendo lhe os officiaes da dita Camera, que desse o rol dos azeites que lhe vierão de Portugal, e que jurasse aos Santos Evangelhos se bem e verdadeiramente tinha vendido os azeites

que dizia no dito rol, e as pessoas a quem os vendera de modo que se não achasse depois o contrario, respondera o denunciado, que tão certo era o seu rol, como as palavras que Deus dís-sera, ou outras palavras semelhantes a estas. E fazendo elle denunciante depois exame do dito azeite, calculara que faltavão dous ou tres barris; de que entendera estar o dito rol falso. E que a dita palavra do denunciado, fora muy mal dita, e escandaloza, pois comparava a palavra de Deus com tão grande falsidade, como constava ser a do sobredito rol. Pello que elle denunciante prendeo logo ao denunciado, e denunciara logo d'elle diante o Ordinario, ante o qual se diz que se livrou. E perguntado se ouvera escandalo do caso e se alguem o approvou, ou reprehendeo d'elle ao denunciado, e se depois de reprehendido instou ou aprofiou no que tinha dito? Disse que ouvera grande escandalo, e que reprehendera ao denunciado, e depois de reprehendido tornou a afirmar o que tinha dito, e ratificado. E que forão testemunhas do caso Afonso da Gama Botafogo christão velho, natural d'Elvas, casado e morador em Nossa Senhora do Soccorro sete ou oito legoas desta cidade que então era vreador: Sebastião de Covellos que antão era vreador e hora he passado ao reino e mora em Evora; Bertholomeu Pirez christão velho que antão era procurador do Conselho, casado e morador na boca do rio de Mattoim. E perguntado se o caso acontecera antes do jantar? Disse que na Camera de polla manhãa antre as dez e as onze horas. E perguntado se sabia que o denunciado estava em seu juizo ou se costuma a sair d'elle e a tomar se do vinho, e se fora já reconciliado ou penitenciado pello Santo Officio ou algum parente seu? Disse que ouvira dizer geralmente nesta cidade que lhe queimarão seus avóos, e não sabia mais d'elle. E perguntado se sabia de mais culpados em erros contra a fee, e que motivo tivera de vir fazer estas denunciações? Disse que não sabia de mais culpados, e que por descargo de sua consciencia e com zello da Santa fee tinha denunciado bem e verdadeiramente e do costume disse nada. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres, Dominguos Monteiro, e o Padre Baltesar Fernandes sacerdote deste Collegio da Companhia de Jesu, que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado; e assi o jurarão aos Santos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assignarão aqui com o dito senhor inquisidor e juntamente com o dito Anrique Monis Barreto. Manoel Marinho o escrevi. Domingos Monteiro. Baltesar Fernandes. Anrique Monis Barreto. Marcos Teixeira.

Matheus Mendes Roxo contra Fernão Mendes, Luis Alvares e Duarte Alvares.

Aos doze dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia da tarde no tempo da graça o senhor Inquisidor Marccs Teixeira, perante elle appareceo sem ser chamado Matheus Mendes Roxo christão velho, solteiro, de ydade de vinte oito annos natural de Guimarães, filho de Gaspar Mendes, mercador, já defunctos. E elle denunciante mercador e morador nesta cidade na rua deste Collegio: e sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assy o prometteo. E disse que por descargo de sua consciencia e zello da Sancta ffee denunciava bem e verdadeiramente de Fernão Mendes da nasção natural da cidade do Porto, solteiro, mercador e morador nesta cidade na mesma rua do Collegio, porque averá quatro ou sinquo mèses, ou tempo que na verdade se achar que ouvindo elle denunciante na mesma rua a Luis Alvares da nasção natural da cidade do Porto, solteiro que serve a Manoel Rõiz Sanches, tambem da nasção, mercador, casado e morador nesta cidade, e homem muito conhecido, gabar hũ livro intitulado Belial a Jeronymo Rõiz da nasção que diz ser natural de Evora ourives do ouro casado e morador nesta cidade estando fallando ambos á porta do dito ourives que he na sobredita rua, dizendo lhe o dito Luis Alvarez que tratava o livro de hua demanda que o Diabo pozera a Christo. E tendo elle denunciante ouvido a outras pessoas de que não está lembrado fallar no dito livro, e tendo noticia que era do dito Fernão Mendes seu vizinho, fora a sua casa desejando de ler por lho terem gavado e lho pedio emprestado; e mostrando se duvidoso em lho emprestar o não quiz fazer sem elle denunciante lhe dar de penhor hũa cadea de ouro que pezava onze mil rs., e com isso lho emprestou. E abrindo elle denunciante o dito livro em sua casa, em algũas partes pello meyo, foy dar em hua heresia que era negar o Purgatorio, e em outra que dizia que peccar com o pensamento não era peccado mortal e achando elle denunciante o sobredito, acaso acertou de passar polla rua o Padre frey Manoel dos oculos por alcunha pregador do Mosteiro de S. Bento desta cidade, e por ser seu amigo, o chamou elle denunciante a caza, e lhe mostrou o dito livro contando lhe o que tinha lido

nelle, e o dito Padre lho pedio e o levou para o Mosteiro para o ver, e lhe cotou algũas heresias que tinha e lho tornou a dar dahi a quatro ou sinquo dias dizendo lhe que o fizesse queimar por que era heretico e que elle o não acabara de ler, por entender que assi como lhe achara aquellas heresias, lhe acharia mais. E elle denunciante via as cótas que o dito Padre pozera no livro. E por o dito denunciado Fernão Mendes lhe ter em penhor do dito livro a sua cadeia como tem dito, lho levou mostrando lhe as ditas cótas e dizendo lhe que o queimasse, senão que avia de denunciar delle; e o denunciado lhe respondeo que o levaria ao Padre Jeronymo Peixoto religioso deste Collegio. E perguntando elle denunciante ao dito Padre dahi a poucos dias se lhe levaria o denunciado o dito livro, soubera que lho levaria hũ tio do denunciado por nome Pedro homem da nasção solteiro, natural da cidade do Porto e morador nesta. E sendo perguntado pello senhor Inquisidor se sabia donde o denunciado ouvera o dito livro, e que mais pessoas lerão por elle, e de que materia tratava, e quem era o autor e se era em latim, se em lingoajem e de que tamanho era, se era impresso ou escripto de mão, e quantos annos avia que era feito e em que parte, e se tinha licença do Santo Officio? respondeo que não sabia mais que o dito livro ser impresso de lettra antiga em castelhano vulgar, e que a materia delle era hũa demanda que punha ho Diabo contra Christo Nosso Senhor, e de muitas cousas da lei velha, e declarações da sagrada escriptura, e que o dito Luis Alvarez da nasção o devia de ter lido pois o gavava tanto, como fez ao dito ourives, e a elle denunciante como tem dito acima, e que era verdade que Antonio Gomes christão velho natural de Guimarães casado, e morador em Sergipe do Conde oito legoas desta cidade e cidadão della, dissera a elle denunciante, perguntando-lhe se vira o dito livro, elle lhe dissera que não o vira nem o lera, mas que o dito Luis Alvares lho gabara muito: e disse elle denunciante que era verdade que algũas pessoas de que não está lembrado, lhe disserão nesta cidade que o dito livro andara por mãos de muitas pessoas della, e na freguezia de Peroaçu oito legoas desta cidade pouco mais ou menos, e que lhe parecia que pois o denunciado Fernão Mendes o trouxera do Porto, dondê veyo a esta terra ha passante de tres annos, e o gabava tanto, que tambem o devia de ter passado e lido, e que não está lembrado a que pessoa ouvira dizer que o dito livro correria tambem na cidade do Porto. E sendo perguntado se acaso lera no dito livro algũs argumentos contra o ser Christo Nosso Senhor o verdadeiro

Messias? respondeo que conforme sua lembrança o Diabo introduzido no livro tratava muito dessa materia em nome de procurador do Inferno. E sendo perguntado se avia mais testemunhas do caso, e se ouvera escândalo delle, e se o denunciado Fernão Mendes era homem de bom entendimento ou costumava a sair de seu juizo e se deixava vencer do vinho? respondeo que Miguel de Abreu Roxo christão velho, natural de Guimarães tio delle denunciante e morador nesta cidade e Pero Ferreira da Maya christão velho natural da dita villa de Guimarães casado e morador nesta cidade poderão dar razão do dito livro porque ouvirão fallar nelle, e que era verdade que elle denunciante se escandalizou muito, e se escandalizarão todas as pessoas que souberão do dito livro e tiverão noticia do que tratava, as que erão christãos velhos. E disse que era verdade que conhecia muito bem ao denunciado por homem de entendimento e que nunca o vira sair fóra de seu juizo, nem se deixar vencer do vinho o que sabe por ser seu vizinho e o tratar ha tres ou quatro annos. E sendo perguntado se o dito Luis Alvares era homem de entendimento como o denunciado, e se hũ e outro forão já reconciliados, ou penitenciados, pello Santo Officio, ou algũs parentes seus, e se elles andarão por terras de sospeita, ou conversarão com gente de suspeita? respondeo que era verdade que conhecia muito bem o dito Luis Alvarez, e que era cezudo e de entendimento, e que era notorio nesta cidade que se creou e andou muitos annos por Flandes, o que elle mesmo confessa, e louva muito aquellas partes, e que dizem que seu pay fora preso pello Sancto Officio e não sabe de mais. E perguntado por que não denunciara logo do caso ao Sancto Officio, ou diante do Ordinario? Disse que por não saber que tinha essa obrigação, e juntamente por cuidar que satisfazia com o ter dito ao Padre Jeronimo Peixoto e com se lhe dar o dito livro. E perguntado se sabia de outras pessoas que tivessem e lessem livros defesos, ou culpados em outrós erros contra a fée? respondeo que não sabia de mais, senão aver seis ou sete dias que praticando com frey Angelo de São Bento desta cidade, dizer lhe o dito frey Angelo no dito mosteiro, que na somana sancta da quaresma proxima passada fazendo se o sepulchro em Nossa Senhora da Ajuda desta cidade dissera Duarte Alvarez da nasção que dizem ser natural de Setuval mercador, casado, e morador nesta cidade na rua direita para a porta de S. Bento, pegando polla barba a hũa imagem de São Pedro; como encaixaria este villão roim em seu tempo hũa borracha quando andava pescando. Do

que elle denunciante ficou muito scandalizado e assi o mostrou estar o dito Padre. E perguntado se o dito Duarte Alvarez estava em seu perfeito juizo quando o caso aconteceu, e se costumava a sair delle ou tomar-se de vinho, e se fora já reconciliado ou penitenciado pello Santo Officio? Disse que não sabia mais que o que tem dito, e que se acuzava e pedia misericordia e perdão de ter visto o dito livro, e que o leo em algũas partes como tem dito, sem saber que era defezo, e que disto estava arrependido. E perguntado pello costume disse nada. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres, Domingos Monteiro e o Padre Francisco Pires sacerdote deste Collegio, que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fõsse perguntado, e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assinarão aqui com o senhor Inquisidor e juntamente com o dito Matheus Mendes Roxo. E declarou o denunciante que o dito livro tinha por rubricas, Processo Judiciario, e que lhe faltava o principio com quatro ou sinquo folhas. Manoel Marinho o escrevi. Matheus Mendes Roxo. Domingos Monteiro. Francisco Pirez. Marcos Teixeira.

**Alvaro Sanches contra Diogo Dias Querido
e Domingos Alvares de Serpa.**

Aos doze dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia da tarde no tempo da Graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Alvaro Sanches da nasção de ydade de mais de sessenta annos natural da villa de Olivença no reino, veuvo, escrivão da chancelaria desta cidade, e nella morador no terreiro de São Francisco: E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que com zello da santa fee e por descargo de sua consciencia denunciava em como nesta cidade averá dous ou tres meses que estando elle denunciante no Guindaste de Dioguo Lopes de Evora da

nasção que não sabe donde he natural mas he confeiteiro, solteiro e morador nesta cidade estando fallando ambos, lhe dissera o dito Dioguo Lopes, que quando fora a Flandes se encontrara lá com hum Dioguo Dias Querido da nasção, natural do Porto, que aqui residio sendo mercador o qual lhe disse folguo que venhais cá para vos salvar, porque eu de minino de oito ou nove annos era judeu porque meu pay me ensinou a sello. E que o dito Dioguo Dias Querido o comettera para lhe casar com hũa irmã, e que elle não quisera por ser judia. E sendo perguntado o denunciante porque causa se achava no dito Guindaste, e o proposito a que lhe dissera o dito Dioguo Lopes d'Evora o que tem denunciado? Disse que fora por curiosidade ver o Guindaste por se fazer naquelle comenos. E que a preposito de elle denunciante lhe perguntar das cousas de Flandes. E assi disse mais que no mes proximo passado de Aguosto estando elle denunciante ouvindo missa na igreja deste Collegio, em que estava em hum dia da somana, ao tempo de dizer o sacerdote, Domine non sum dignus, quando toda a gente estava de giolhos e batia nos peitos, vio elle denunciante a Dominguos Alvarez de Serpa da nasção natural de Serpa solteiro, mercador e morador nesta cidade, na rua aonde móra o Juiz Antonio da Fonseca, estar assentado em hum banco logo a entrada da porta principal a mão esquerda encostado a parede com hũa perna sobre outra dando e bolindo com a perna que tinha sobre a outra, sem bater nos peitos, o que elle denunciante sabe e vio por estar junto do denunciado ouvindo missa: do que tudo ficou muito escandalizado. E perguntado se avia mais testemunhas do caso, e se o denunciado he homem suspeito na fee, e se elle denunciante o reprehendeo? Disse que não ouvera mais testemunhas, por a gente que estava na igreja estar diante delles com os rostos para os altares: e que era verdade que Daniel do Lago, christão velho, sacerdote, e thesoureiro mor da See desta cidade averá tres ou quatro meses dissera a elle denunciante que passando polla porta do denunciado, lhe ouvira dizer em sua casa, Gayas Gayas, que he palavra de judeu, pello que tinha ao denunciado por tal: E que era verdade que elle denunciante se escandalizara do caso da missa, mas que não se atrevera a reprehendelo. E perguntado se sabia que o denunciado, ou algum parente seu fora já penitenciado, e reconciliado pello Sancto Officio, ou se era homem que costume a sair de seu juiso e a tomar se de vinho? Disse que não sabia nada disto, E perguntado se sabia de outros culpados em erros contra a Sancta fee, e pello cos-

tume? Disse nada. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres, Dominguos Monteiro, e o Padre Francisco Pires sacerdote deste Collegio, que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado, e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que porerão suas mãos e assinarão aqui com o senhor Inquisidor e juntamente com o dito Alvaro Sanches. Manoel Marinho o escrevi. Francisco Pirez. Alvaro Sanches. Domingos Monteiro. Marcos Teixeira.

Antonio Nunes, cuja denunciação se converteu em confissão.

Aos treze dias do mes de Septembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Baya de Todos os Santos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia de polla manhã no tempo da Graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Antonio Nunes que diz que he christão velho natural da cidade de Lisboa na rua das Flores, filho de Antonio Fernandes que foy alfayate e depois marinheiro da nao Bom Jesus que se perdeu, e de Anna Nunes sua molher que vivia á Boa Vista e era padeira e tirava seda, e falleceo o anno passado e deixou duas filhas chamadas, hũa Maria Nunes e outra Joanna Nunes ambas casadas no mesmo bairro, e hũa dellas he casada com hũ homem que agora cegou, segundo disserão ao confitente que disse ser de ydade de mais de trinta annos, ho Pifano de alcunha vendeiro, casado e moradór nesta cidade na rua Direita. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que poz a mão sob cargo do qual assi o prometeo. E disse que se accusava que estando. Não se acabou de tomar esta confissão, por pertencer ao Livro das confissões onde estaa tomada folhas quinze. Manoel Marinho o escrevi.

**Miguel de Abreu contra Fernão Mendes,
Duarte Fernandes, Antonio Mendes Beiju' e Luis
Alvares.**

Aos treze dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos na çidade do Salvador da Bahia de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia de polla manhã no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Miguel de Abreu christão velho de ydade de quarenta annos natural de Guimarães e lá casado morador nesta cidade na rua do Bispo e he mercador. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que com zello da Santa fee e por descargo de sua consciencia e sem outro respeito algũ, denunciava bem e verdadeiramente de Fernão Mendes da nasção natural da cidade do Porto no reino, solteiro e mercador, morador nesta cidade na rua Direita deste Collegio, por que sendo elle denunciante seu vizinho nesta cidade averá anno e meio segundo sua lembrança, que entrando hũa tarde na dita casa do denunciado não estando elle ahi achou hum livro de quarto encadernado em purgaminho já usado, de letra redonda antiga falto de algũas folhas no principio e tinha por rubrica, Processo Judiciario. A materia do qual livro era de hũa demanda que Belial propunha deante de Deus sobre não ser Mexias Christo Nosso Senhor e sobre isso negava mais algũas cousas e continha declarações de Profetias da lei velha: E levando elle denunciante o dito livro para sua casa, se pos a ler por elle não entendendo que era defeso; e sabendo o denunciado que o denunciante lho levaria de casa, foy ás dez horas da noite da mesma tarde a casa delle denunciante muito agastado pedir lho: e elle denunciante lho deu logo. E declarou que não lera do livro mais que tres ou quatro folhas, saltando de hũa parte em outra. E por lhe parecer que o livro não era bom e que podia ser contra nossa santa fee, o não quis ler mais, e o tomou logo ao denunciado, que nem tempo lhe deu para elle denunciante ler mais por elle inda que o quizesse ler. E disse mais que por ser vizinho defronte do denunciado, ouvira de continuo ter na mão o dito livro e ler muitas vezes por elle; o que elle denunciante tambem sabia por entrar muitas vezes em caza do denunciado, e conhecer o dito livro e ver o denunciado ler por elle de ordinario. E sendo

perguntado pello senhor Inquisidor que razão tinha para ir a casa do denunciado, e se sabia mais pessoas que lessem pello dito livro, e se avia escandalo disso? respondeo que a razão de elle denunciante entrar muitas vezes em casa do denunciado, era por ser seu vizinho muito chegado porque hum tempo viveo defronte delle e deantes disso viveo pegado com elle: E que he verdade que elle denunciante sabia pello ver e ser notorio na vizinhança que muita gente que costumava entrar na logea do denunciado, ha de mais della da nasção, lia pello dito livro e elle denunciante lho via na mão: principalmente o vio ler na dita logea por algũas vezes a Duarte Fernandes da nasção mercador que dizem ser natural do Porto, solteiro, morador nesta cidade abaixo do Bispo: e a Antonio Mendes Beiju que dizem ser da nasção por parte de seu pay, casado, mercador, e morador nesta cidade vizinho do denunciado, ho qual lhe não sai nunca de casa. E assi vio elle denunciante ler pello dito livro a Luis Alvarez da nasção natural da cidade do Porto, solteiro, e morador nesta cidade que serve a Manoel Rõiz Sanches senhor de engenho e he da nasção e mora nesta cidade a Nossa Senhora da Ajuda, o qual Luis Alvares o gavou muito o dito livro a Matheus Mendes Roxo christão velho, natural de Guimarães e a outras muitas pessoas. O qual Matheus Mendes he mercador, solteiro, e morador nesta cidade, a quem o denunciado Fernão Mendes, emprestou tambem o livro. E sendo perguntado como sabia que as ditas pessoas lerão o dito livro, e em que lugar e tempo, e das pessoas que o estavam ouvindo ler? respondeo que o sabia pello ver indo elle denunciante muitas vezes a logea do denunciado: assi de antes de lho tomar como tem dito, como depois de tempo de dous annos até que o dito livro desapareceo da logea do denunciado, que devia ser quando o denunciado segundo lhe disse, o dera ao Padre Hieronimo Peixoto deste Collegio, e não está lembrado do tempo digo do espaço de tempo em que o lerão, mas lembrasse que averá os ditos dous annos pouco mais ou menos que notava de como o lião. E assy disse que era verdade que elle denunciante vira no tempo e lugar que tem dito, que quando se o dito livro lia, o ouvia ler a gente que entrava e se assentava na logea do denunciado, mas que se não lembrava senão dos sobreditos Duarte Fernandes, e Antonio Mendes Beiju, e Luis Alvares porque estes continuavão e continuação mais a logea do denunciado, que he nesta cidade na dita rua do Collegio. E perguntado se sabia quem approvasse e louvasse o dito livro, ou quem o reprovasse e reprehendesse de se

ler, e se ouve escandalo? Disse que não vira nem sabia quem o reprovasse, salvo o dito Matheus Mendes Roxo, que diz que por via dos frades de São Bento desta cidade soubera que era defeso e que já tem dito que o dito Luis Alvares andava gavando e louvando o dito livro, e que elle denunciante depois que soube que o livro era defeso se scandalizou muito de o lerem: E que de antes pello ver ler tão publicamente não cuidara que era defeso pello que tambem deixara de reprehender a quem lia. E declarou que era verdade que depois de o frade de São Bento ter dito ao dito Matheus Mendes Roxo, que o dito livro era defeso e heretico e o dito Matheus Mendes Roxo o tornar ao denunciado, e lhe dizer que era defeso e contra a fee, o tomara elle denunciante depois disso, como tem dito na logea do denunciado: E depois disso violer muita gente por elle na dita logea, e lho vio ler a elle denunciado. E perguntado quanto tempo seria depois, e como soubera que o dito Matheus Mendes Roxo tinha significado ao denunciado que o dito livro era defeso e contra a fee? respondeo que lhe parece que serão sete ou oito dias e que soubera que já o denunciado sabia que o livro era defeso por lho ter dito o dito Matheus Mendes, por elle denunciante o ouvir dizer a algũas pessoas na rua: E porque não corria naquelle tempo com o dito Matheus Mendes seu sobrinho, o não soubera então delle. E assi disse mais que fazendo se diligencia sobre quem leu o dito livro, lhe parece se achará muita gente da nasção comprehendida no caso. E sendo perguntado se o denunciado he homem de entendimento ou se costuma a sair de si, e a tomar se do vinho ou se foy já reconciliado, ou penitenciado pello Santo Officio ou' algum parente seu? Disse que conhece o denunciado averá perto de quatro annos, e sabia por ser seu vizinho, e o tratar e conversar, que he homem de bom entendimento, e que não costuma a sair delle nem a tomar se do vinho: E que ouvira dizer que o pay e mãy do denunciado Fernão Mendes forão presos pello Santo Officio. E sendo perguntado por que não denunciara loguo do caso tanto que soube que o dito livro era defeso, e se sabia de mais testemunhas e de mais culpados no caso e em outros erros contra a fee? respondeo que não denunciara loguo porque não souberá que tinha obrigação de denunciar, senão depois de publicado o Edicto da fee: E que não sabe de mais. E perguntado pello costume? Disse que de nenhũ dos sobreditos homens da nasção que lerão o dito livro era inimigo nem avia respeito algum por onde deixasse de fallar verdade e que a tem dito em sua denunciação. Estiverão a tudo

presentes pessoas honestas e religiosos Padres, Dominguos Monteiro e o Padre Francisco Pires sacerdotes deste Collegio da Companhia de Jesu que tudo virão e ouvirão, e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos: e assinarão aqui com o dito senhor Inquisidor e juntamente com o dito Miguel d'Abreu. Manoel Marinho o escrevi. Francisco Pires. Miguel de Abreu. Domingos Monteiro. Marcos Teixeira.

Melchior de Bragança contra Manuel Rodrigues Sanches, Luis Alvares, Gonçalo Nunes de Lisboa, Pascoal e Diniz Bravo, Diogo de Albuquerque, Francisco Lopes Brandão, Diogo Lopes Franco, Domingos Alvares de Serpa e Simão Nunes de Mattos.

Aos treze dias do mes de septembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia de polla manhã no tempo da Graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Melchior de Bragança hebreo da nasção, natural de Marrocos, de ydade de quarenta annos, converso a nossa Santa fee catholica que disse ser doutor, casado na cidade de Lisboa e residente nesta degradado per culpa de morte de homem: e disse que tivera por officio em Hispanha ensinar a lingoa hebreá com exposição da Sagrada Scriptura como fez na Universidade de Alcalá e na de Salamanca, nas quais leu e ensinou em cadeira publica com sellario de seiscentos cruzados, e no Collegio dos Padres da Companhia em Coimbra sem sallario. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assy o prometteo. E disse que averá anno e meyo pouco mais ou menos que nesta cidade depois do jantar estando elle denunciante em casa de Manoel Rôiz Sanchez da nasção que dizem ser natural de Portoalegre no reino, mercador, e hora he senhor de engenho, casado e morador nesta cidade aonde fora por o denunciado o ter convidado para o jantar como fazia algũas vezes, e estando sobre mesa com mais Luis Alvares da

nasção natural do Porto, caixeiro do dito Manoel Rôiz: e tendo todos tres jantado e idos os servidores a comer, ficando todos tres soos não fallavão o dito Manoel Rôiz Sanches nem o dito Luis Alvares em outra cousa, se não no Judaismo de Flandes, inquirindo o dito Manoel Rôiz Sanches ao dito Luis Alvares, que esteve naquellas partes, de como entravão os Judeus nas Synagogas e que ceremonias fazião e o dito Luis Alvares lhe contava que ao entrar da Synagoga lavávão as mãos e punhão a mão na testa e antão beijavão a mesma mão e levantavão ambas e entravão dentro, e meneandó o corpo rezavão os psalmos de David em lingua hebreá: E depois que acabavão a reza, vinha hũ Rabinio vestido com hũa alva branca por cima do vestido ordinario e subia a hũ pulpito grande aonde dizia certas orações e respondião os demais, Amen, dando saltos para cima dizendo Cadox, Cadox, Cadox, que queria dizer, Sanctus, Sanctus, Sanctus Dominus Deus Sabaoth. E dizendo elle denunciante que as mesmas ceremonias fazião os Judeus em Berberia, porem que a fee de Christo Nosso Senhor era a que permanecia e avia de permanecer para todo sempre, lhe respondeo o dito Luis Alvares suspirando, Há que a ley scripta não se póde borrar que foy dada por Moysés no Monte Synai. E elle denunciante lhe não respondeo cousa algũa. O que vendo o dito Manoel Rôiz Sanches, disse ao dito Luis Alvares, que pois não sabia que o denunciante era dos seus, não fallasse tão claro. Do qual caso elle denunciante disse que ficara muito scandalizado, e com roim conceito dos denunciados não estarem firmes na fee de Nosso Senhor Jesu Xpo. E sendo perguntado pello senhor Inquisidor se avia mais testemunhas do caso e se os denunciados estavam em seu perfeito juizo ou se costumavão a sair delle e a tomar se do vinho? respondeo que não avia mais testemunhas, e que lhe parecia que os denunciados estavam em seu perfeito juizo e são pessoas que bebem moderadamente. E perguntado se forão os denunciados ou algũs parentes seus penitenciados ou recõciliados pello Sancto Officio? Disse nada. E do costume que era amigo do dito Manoel Rôiz por muitas vezes lhe dar sua mesa e do dito Luis Alvares o mesmo. E assy disse mais que bem e verdadeiramente denunciava de Guonçallo Nunes de Lisboa da nasção natural de Lisboa, mercador casado, e morador nesta cidade detraz da cadea della, que averá anno e meyo pouco mais ou menos, que nesta cidade indo elle denunciante a casa do dito Guonçallo Nunes a pedir-lhe o favorecesse com algũa cousa por ser pobre lhe disse o dito denunciado que se assentasse, o que elle denun-

ciante fez, e cõtando lhe suas miserias, lhe respondeo o denunciado, que não tinha para que lhas contar, porque elle denunciante tinha a culpa disso, por que antes que viesse a Hispanha tinha elle denunciado noticia do pay e may delle denunciante em Berberia, e que quem renunciara ley, pay e may, não tinha para que cá contar miserias. Ao que elle denunciante lhe respondeo, que desamparasse tudo por Jesu Christo filho de Deus vivo. As quais palavras não fez o denunciado cortesia alguma antes batendo com as mãos nas palmas disse tres vezes, Coitado de ti, desamparas a ley que se deu no monte Synai, que vós muito bem sabeis para virdes cá vernos perseguidos: se tivereis iá necessidade, de cá mandão para lá. E depois destas palavras commetteo o denunciado a elle denunciante dizendo, que quanto lhe seria neçessario para se ir desta terra: e tachando o de colerico, lhe deu hũa esmolla, dizendo lhe que lhe não queria dizer mais por antonces, e que não tinha de ver com a Inquisição. E depois dahi a dez ou doze dias nesta cidade mandara chamar o denunciado a elle denunciante por Marcos Velho alfaiate que mora defronte delle, digo lhe mandara hũ recado, em que lhe pedia que não fosse a sua casa, e que se ouvesse mister algũa cousa ou esmolla lha mandasse pedir pello mesmo Marcos Velho, e tudo isto foy a hum dia de sabbado á tarde. E assy disse mais o denunciante que se escandalizara muito do caso, e entendera que o denunciado vivia na ley de Moysés, por que alem do sobredito se ajuntavão ás sextas feiras á tarde em casa do denunciado algũs homẽs da nasção de muita suspeita, convem a saber, Paschoal Bravo, Dinis Bravo seu irmão, Dioguo d Albuquerque meirinho, o Licenciado Francisco Lopes Brandão, Dioguo Lopes Franco, Dominguos Alvares de Serpa, Simão Nunes de Mattos todos da nasção e moradores nesta cidade e nella bem conhecidos e estavão ás portas fechadas até depois da meia noite, de que elle denunciante tinha má suspeita e entendia que era para observancia do sabbado e para fazerem algũa cerimonia da ley velha, por que nos outros dias em que se ajuntavão jugavão e estavão com as portas abertas. E perguntado que razão tinha de saber do dito ajuntamento e estada até a mea noite e de ter mau conceito disso? respondeo que pello que tinha passado com o denunciado e com os mais de que tinha denunciado diante o Ordinario desta cidade, e polla má fama delles, os espreitara muitas vezes até os ver sair tão tarde e pello que sabia da lei de Moysés, entendia que se fazia o dito ajuntamento por observancia della. E perguntado se sabia de mais testemunhas, e

se o denunciado Guonçalo Nunes de Lisboa estava em seu perfeito juizo ou costumava a sair delle e a tomar se do vinho? respondeo que não sabia de mais testemunhas, e que o denunciado estava em seu perfeito juizo, e não costuma a sair delle, nem a tomar se do vinho, como he notorio. E sendo perguntado se sabia que o denunciado, ou algũs parentes fossem já reconciliados, ou penitenciados pello Sancto Officio? respondeo que ouvira dizer que o denunciado fora já preso pello Sancto Officio, e do costume disse nada. E assi disse mais que denunciava bem e verdadeiramente de Paschoal Bravo da nasção natural da cidade do Porto no reino mercador, casado e morador nesta cidade junto á hermidia de Nossa Senhora d'Ajuda que averá anno e meyo pouco mais ou menos que estando elle denunciante nesta cidade e estando visitando ao denunciado Paschoal Bravo em sua casa, hũ dia antes do jantar pouco mais, digo, segundo sua lembrança, dissera o dito denunciado ao denunciante que se queria ensinar lhe a ley de Moysés, por que folgaria muito de a saber? Ao que elle denunciante respondeo, que não ensinava a lei de Moyses senão a lingua hebreia com licença do Santo Officio. E o denunciado replicou dando castanhetas, não ha aqui Santo Officio. Do que elle denunciante se scandalizou muito, e pella má fama que o denunciado tem nesta terra de ser judeu, e pello ajuntamento das sextas feiras á tarde de que acima tem dito, o entendia ser assi. E sendo perguntado que causa avia para visitar ao denunciado como tem dito? disse que por o denunciado ser rico e elle estrangeiro e necessitado, o fora visitar como fazia a outras pessoas, para ver se o favorecia com algũa esmolla. E perguntado se avia mais testemunhas do caso? disse que não, porque estavam ambos soos. E perguntado se estava o denunciado em seu perfeito juizo, ou se costuma a sair delle e tomar se do vinho e se elle ou algum parente seu fora já preso ou penitenciado pello Santo Officio? respondeu, que o denunciado estava em seu perfeito juizo e que se não toma do vinho e que ouvira dizer que elle e algũs parentes seus foram já presos pello Santo Officio da cidade de Coimbra. E perguntado pello costume? Disse, que depois de ter o caso acontecido tres ou quatro meses, e ter já denunciado delle diante o Ordinario, se encontrara em hũa rua desta cidade com o dito denunciado e tiverão palavras pollo ameaçar o denunciado, dizendo lhe que elle lhe pagaria o que tinha feito, mas que elle denunciante lhe não quer mal e só cõ zello da Santa fee e por descargo de sua consciencia tem dado as denunciações sobreditas na verdade. E

perguntado pello senhor Inquisidor se tinha mais que denunciar nesta Mesa? Disse que sy, mas que o faria outro dia. E que já dos ditos denunciados tinha denunciado diante o Ordinario desta cidade. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres, Dominguos Monteiro e o Padre Manoel Sanches sacerdotes deste Collegio, que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado, e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assinarão aquí com o senhor Inquisidor e juntamente com o dito Melchior de Bragança: Manoel Marinho o escrevi. Domingos Monteiro. Manuel Sanches. O doutor Melchior de Bragança. Marcos Teixeira.

João Rodrigues contra Antonio Velho.

Aos treze dias do mes de Setembro de mil seis centos e dezoito annos na cidade do Salvador da Bahia de todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu, estando ahi em audiencia de polla manhã no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira, perante elle appareceo sem ser chamado João Rõiz christão velho solteiro de idade de vinte e oito annos pouco mais ou menos natural do Porto no reino, filho de Domingos Rõiz barbeiro de espadas, e de Camilia André sua mulher já defunta, chistãos velhos e elle denunciante barbeiro e morador nesta cidade na rua Dereita deste Collegio: e sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo, lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que naverá seis meses pouco mais ou menos que estando elle denunciante nesta cidade hum dia a tarde em casa de Antonio Velho da nasção natural da cidade do Porto ourives de ouro, e lá casado e morador hoje na rua da Fonte da Ourina a cuja casa elle denunciante foy, como hia muitas vezes emquanto o denunciado morou nesta terra e foy seu vizinho por razão de serem da mesma patria e serem ambos amigos. E estando na dita casa que era na dita rua deste Collegio em companhia de Guonçallo Rõiz da nasção que dizem ser natural de Villa Real e lá casado, mercador e morador nesta ci-

dade na mesma rua, tratando antre elles das prizões que se fizerão por parte do Santo Officio na dita cidade do Porto os annos passados, dissera o denunciado Antonio Velho, que prendião a gente da nasção por lhe tomarem as fazendas, porque só Deus podia saber seu coração e vontade. E indo lhe elle denunciante a mão e mais a testemunha referida, dizendo lhe que não fallasse aquellas cousas que erão mal falladas, não respondera cousa alguã o denunciado, antes parecera a elle denunciante que o denunciado ficara alcansado; e elle denunciante se sahio loguo e se foy para sua casa que estava defronte. E sendo perguntado como soubera do caso, e se estavam mais testemunhas presentes? Disse que pella razão que tem dito de se achar presente, e ouvir as ditas palavras ao denunciado e que não cuvera mais testemunhas que elle denunciante e o dito Gonçallo Rõiz. E sendo perguntado se estava ho denunciado em seu perfeito juizo, ou se costumava a sair delle e a tomar se do vinho? respondeu que o denunciado estava em seu juizo perfeito e se não costumava a sair delle nem a tomar-se do vinho, antes he homem cezudo e de bom entendimento, e nessa reputação estar tido das pessoas que o conhecem. E sendo perguntado pello senhor Inquisidor se fora já o denunciado preso e penitenciado pelo Sancto Officio ou alguns parentes seus? Disse que ouvira dizer na cidade do Porto, que a may do dito denunciado fora já presa pelo Santo Officio e que segundo sua lembrança se chamava Gracia Dias. e que tambem outros parentes seus forão já presos pello Sancto Officio. E sendo perguntado que motivo tivera para vir fazer esta denunciação, e porque não denunciara loguo ao Sancto Officio, ou ao Ordinario? respondeo que tinha denunciado diante delle senhor Inquisidor soo por descargo de sua consciencia e zello da Santa fee. E que não denunciara dantes, por não saber que era obrigado, senão depois de publicado o Edicto da fee. E sendo perguntado se sabia de mais culpados contra elle, e pello costume? Disse que não sabia de mais, e que ha muito tempo que na dita cidade do Porto e nesta, fôra sempre amigo do denunciado. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres, Dominguos Monteiro e o Padre Manoel Sanchez sacerdotes deste Collegio, que tudo virão e ouvirão, e prometterão ter segredo, e dizer tudo que lhes fosse perguntado, e assy o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos: e assinarão aqui com o dito senhor Inquisidor e junta-

mette com o dito João Rõiz. Manoel Marinho o escreveu. — João Rõiz — Domingos Monteiro — Manoel Sanchez — Marcos Teixeira.

João Fernandes contra Matheus e Luis Lopes.

Aos treze dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu, estando ahi em audiencia de polla manhã no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado João Fernandez, solteiro, de ydade de dezoito para dezanove annos natural da cidade da Ilha Terceira, filho de Antonio Fernandes já defuncto hortelão que foy na mesma Ilha, e de Catharina de Tolledo sua mulher moradora na rua Dereita da dita cidade da Ilha Terceira, e elle denunciante christão velho e morador nesta em casa de João Baptista hortelão morador detraz da cadeia a quem serve por soldada. E sendo presente parã em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que averá sete meses que nesta cidade morando elle denunciante em casa de Matheus Lopes da nasção, e de seu irmão Luis Lopes ambos solteiros naturaes de Lisboa mercadores e moradores nesta cidade na rua Dereita deste Collegio, aos quaes elle denunciante servia por soldada de tudo o que era necessario em casa, digo, declarou que tendo servido como dito tem aos denunciados por espaço de sete meses, averá sinquo meses pouco mais ou menos que o deixou de servir: e vio elle no discurso dos ditos sete meses, que os denunciados as mais das sextas feiras á noite lavavão os pees, e todo o corpo em huã caldeira grande de engenho daçucar com agoa morna, e vestião camisas lavadas, e isto fazião ordinariamente nas ditas sextas feiras á noite, não o fazendo nos outros dias assi, e que em todo o dito tempo que servio aos denunciados, lhes não vio comer carne de porco, do que tudo elle denunciante se escandalizava muito. E perguntado pelo

senhor Inquisidor que razão tivera para saber do sobredito? disse que pollos servir e estar em casa, como tem dito, e ver todos os ditos dias á tarde que acarretavão a agoa para a dita caldeira que levaria mea pipa de agoa hum seu cabra da India por nome Jacinto e huã moleca por nome Luzia que mandarão para o reino na frota passada, e hũ negro de Angolla, a quem os denunciados chamavão de alcunha o Capitão; a qual agoa via elle denunciante trazêr e aqueantar parte della em huã caldeira piquena, e em huã panella, e depois se deitava e temperava na dita caldeira grande e os denunciados fazião sair a mais gente de casa pára o quintal das ditas casas, e fechavão as portas, e se lavavão, e elle denunciante hos ouvia fallar e lavar pelo som que a agoa fazia, e por ao sabbado á tarde ver despejar a dita caldeira. E assi disse que sabia que os denunciados vestião camisas lavadas, porque em acabando de se lavarem, abrião as portas, e se metião na Camera, e chamavão hum moço seu de ydade de dez annos por nome João que hoje está nesta cidade em casa de hum ourives que dizem que ferio ao dito mulato dos denunciados por respeito do dito moço o qual lhes dava as camisas lavadas que tirava de hũa arca estando os denunciados lançados cada hum em sua cama, e elle denunciante lhas via dar muitas vezes, porque as casas não eram mais que duas, e tanto que se acabavão de lavar e abrião as portas entrava elle denunciante com a mais gente para a salla, donde polla camera ter a porta aberta, vira elle denunciante muitas vezes dar as ditas camisas lavadas e vestirem nas os denunciados, e ao sabbado polla manhã ao lavar dos rostos e mãos lhas via vestidas. E disse que sabia que os denunciados não comião carne de porco pollos ver comer á mesa e ver fazer o comer, e lho levar á mesa, e não vio nunca carne de porco. E sendo perguntado se avia mais testemunhas do caso, e se sabe que os denunciados fossem já presos ou penitenciados pello Santo Officio ou alguns parentes seus, e se sabia mais de alguns culpados contra a fee? Disse que a ama da casa, casada com hum mulato seu, por nome Maria podia ser testemunha do caso, e o dito mulato seu marido por nome Gaspar, e o dito Jacinto, e o dito moço João, e do mais disse nada, e do costume nada. E perguntado que motivo tivera para vir fazer esta denunciação? Disse que só por descargo de sua consciencia e por zelo da Sancta fee. Estiverão a tudo presentes per pessoas honestas e religiosos padres, Dominguos Monteiro, e o Padre Manoel

Sanches sacerdotes deste Collegio, que tudo virão e ouvirão, e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos, e assinarão aqui com o dito senhor Inquisidor e juntamente com o dito João Fernandes. Manoel Marinho o escrevi. — João Fernandes — Domingos Monteiro — Manoel Sanches — Marcos Teixeira.

João da Costa contra Balthazar Leal.

Aos treze dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia de polla manhã o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado João da Costa christão velho estudante natural desta cidade de ydade de vinte e tres annos, filho de Guonçallo da Costa alfayate já defuncto e de Luzia Antunes sua molher moradora nesta cidade na praya: E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que averá hum anno pouco mais ou menos que nesta cidade hum dia depois de jantar estando elle denunciante encomendando hũs sapatos a Baltesar Leal sapateirro christão velho que he do reino mas não sabe de que lugar he natural, e he morador hoje nesta cidade na rua Dereita, e quando o caso acnteceo, morava na rua de São Francisco; e tratando sobre o dia da Resurreição de Christo Nosso Senhor, dissera o dito Baltesar Leal que Christo Nosso Senhor não morrera. E dizendo-lhe elle denunciante, que nos ensinavão loguo os Padres dizendo que morreo, respondera o denunciado, que os Padres dizião isso para nos encarecer que Christo Nosso Senhor morrera, mas que elle não morreo. E com este preposito ficara o denunciado, saindosse elle denunciante de sua casa onde aconteeo o caso e ficou scandalizado delle. E sendo perguntado se avia mais testemunhas do caso, e se o denunciado estava em seu perfeito juizo e se se tomava do vinho? Disse que lhe parece que estava ahi hũa pessoa de sua casa, mas que não está lembrado do nome della, e que he verdade que

o denunciado tem fama de lhe fazer mal o vinho. E que quando o caso aconteceo, lhe cheirava a elle. E perguntado se o denunciado tinha má fama em materia de fee, e se sabia que elle fosse já por isso preso ou algum parente seu? Disse que não sabia disto cousa algũa. E sendo perguntado que motivo tivera para vir denunciar deste caso e porque não denunciara logo quando acontecera? respondeo, que só por descargo de sua consciencia denunciara diante d'elle senhor Inquisidor, e que por lhe esquecer não denunciara mais cedo. E perguntado pello costume disse nada. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e Religiosos Padres, Dominguos Monteiro, e o Padre Manoel Sanches sacerdotes deste Collegio que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado: e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos, e assinarão aqui com o dito senhor Inquisidor e juntamente com o dito João da Costa denunciante. Manoel Marinho o escrevi. João da Costa. Marcos Teixeira. Manoel Sanches. Domingos Monteiro.

João Malheiro contra o licenciado Jeronymo de Lemos.

Aos treze dias do mes de Septembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Baya de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia de polla manhã no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira, perante elle appareceo sem ser chamado João Malheiro natural da villa de Ponte de Lima no reino, christão velho solteiro de ydade de vinte e sinquo annos pouco mais ou menos morador nesta cidade detraz do Mosteiro de São Francisco, e he filho de Bento Malheiro já defuncto christão velho, e de sua molher Anna Ferraz moradora na dita villa. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo, lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que averá hũ mes pouco mais ou menos que nesta cidade estando elle denunciante em casa do Licenceado Manoel Pacheco christão velho advogado nesta cidade e solteiro natural da Ilha da Ma-

deira, á qual casa elle denunciante foy por ser amigo do denunciado estando digc, do Licenceado Manoel Pacheco dono della, que estava ahi cõ o licenciado Hieronimo de Lemos quoadjutor na freguesia de Mattoim sinquo legoas desta cidade e natural della. E perguntando lhe elle denunciante ao dito Licenceado Hieronimo de Lemos como dissera quando fizera hũa estação na d'ita Igreja, que o matrimonio era maldito quando não avia filhos? respondeo o dito Licenceado Hieronimo de Lemos, que assi o provaria polla lei velha, por que as que erão esteriles as botavão fóra do Templo. E assi disse mais elle denunciante que naquelle comenos lhe dissera o licenceado Manoel Pacheco nesta cidade que o dito denunciado Hieronimo de Lemos dissera em hũa estação, que quando São Pedro dera a cutilada a Malco estava com duas gotas. E sendo perguntado se avia mais algũas testemunhas do caso primeiro de sua denunciação, e se estava o denunciado em seu perfeito juizo, e que horas do dia erão? respondeo que sómente elle denunciante e o dito lecenceado Manoel Pacheco ouvirão as ditas palavras por se acharem presentes mas que das que o denunciado disse na estação poderia testemunhar Gaspar da Costa seu freigues e elle nomeará outras, o qual he casado, morador e lavrador na dita freiguezia: E disse que segundo sua lembrança succedera o caso antre as nove ou dez horas do dia antes do jantar e que lhe parecia que o denunciado estava em seu perfeito juizo, e que ha tres annos que o conhecia e que não sabia que o denunciado sahisse nunca de seu juizo antes ho tinha por homẽ cezudo, e sabia que era pregador. E perguntado se quando dissera as ditas palavras ouvera escandalo disso, e se alguem o reprehendera dellas, e se depois de reprehendido insistira e profiara no que antes disse? respondeo que não sabia mais que o que tinha dito. E sendo perguntado se sabia que o denunciado fora já reconciliado ou penitenciado pello Santo Officio ou algum parente seu? respondeu que não sabia mais, que o denunciado ter fama de ter raça de mouro. E sendo perguntado se sabia de outros culpados em erros da fee, ou casos do Santo Officio, e pello motivo que tivera em vir denunciar a esta mesa? Disse que não sabia de mais culpados, e que por descargo de sua consciencia e com zello da Santa fee viera denunciar, e do costume disse que era amigo do denunciado e conversava com elle e que tinha dito a verdade. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e Religiozos Padres Dominguos Monteiro e o Padre Manoel Sanches sacerdotes deste Collegio, que tudo virão e ouvirão e prometterão ter

segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado, e assi o jurarão aos Santos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assignarão aqui com o dito senhor Inquisidor e Juntamente com o dito João Malheiro. Manoel Marinho o escrevi. João Malheiro. Marcos Teixeira. Manoel Sanches. Domingos Monteiro.

Manuel Rabello contra Christovão Henriques.

Aos treze dias do mês de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia da tarde no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira, perante elle appareceo sem ser chamado Manoel Rabello natural da cidade do Funchal, da Ilha da Madeira christão velho de ydade de dezanove annos solteiro, filho de Belchior Rabello, christão velho sapateiro e de Isabel Carvalho sua molher moradores na dicta cidade do Funchal e elle denunciante morador nesta aprendiz de Manoel Fernandes barbeiro, casado, e morador nesta cidade. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que averá mes e meyo pouco mais ou menos segundo sua lembrança que nesta cidade em hũ dia de que não está lembrado se foy pella manhã se á tarde estando elle denunciante em casa de Francisco Anriques da nasção natural de Villa do Conde no reino, alfaiate casado e morador nesta cidade, vizinho delle denunciante, a cuja casa foy quando o caso acon-teceo por serem amigos e vizinhos como costumava ir muitas vezes pella mesma razão e fallando elle denunciante com Christovão Anriques tambem da nasção solteiro irmão do dito Francisco Anriques que vive em sua casa, e será de ydade de vinte e dous annos sobre se dizer que vinha Inquisidor a estas partes e que avião de queimar muitos judeus, respondera o dito Christovão Anriques, que alguns morrião martires, ou todos segundo lembrança delle denunciante que não se affirmava bem se o denunciado disse todos, se alguns, mas que estava bem lembrado que dissera ou todos, ou alguns, porque estavam ambos fal-

lando, e elle denunciante lho ouvira dizer. E sendo perguntado pello senhor Inquisidor se avia mais testemunhas do caso, e se ouvera escandalo d'elle, e se reprehenderão ao denunciado, ou ouve quem approvasse o que disse? respondeo, que forão mais testemunhas do caso Domingos aprendiz do dito Francisco Anriques que será de ydade de dezesete annos natural de Lisboa, e não sabe elle denunciante se he da nasção; e Francisco Guonçalves mulato forro, natural da Ilha da Madeira da cidade do Funchal, de ydade de dezanove annos e não sabe elle denunciante se he christão velho os quais se acharão presentes, e ouvirão muito bem as ditas palavras: E que o dito Domingos e elle denunciante reprehenderão loguo dellas ao denunciado dizendo lhe que não fallasse aquillo que era mal fallado porque os Judeus que queimavão morrião justamente por serem contra a fee; E disse que era verdade que todos tres se escandalizarão muito das palavras do denunciado. E sendo perguntado se depois de reprehendido, insistira e aprofiara no que dantes disse, e se estava em seu perfeito juizo, ou costumava a sair d'elle, e a tomar se do vinho, e se succedera o caso depois do jantar, se dantes? Disse que tanto que reprehenderão ao denunciado se callara loguo, e não se tratara mais em materia de judeus, e que lhe parecia que o denunciado estava em seu juizo, mas que as vezes não he muito avizado e se mostra tollo maliciozo, e não estava lembrado a que horas o caso succedeo. E assi disse mais que averia dous meses pouco mais ou menos que nesta cidade e dentro na dita casa dissera o dito denunciado a elle denunciante, que bebera hum pucaro de água depois da mea noite, e comungara depois, e sem fazer escrupulo se gabava disso, dizendo que não era peccado comungar depois de a ter bebido, o mesmo contou o denunciado ás testemunhas acima rerferidas como ellas o poderão dizer. E sendo perguntado a que horas dissera o denunciado as ditas palavras, e se alguem o reprehendera dellas ou lhas louvou, e se estava em seu perfeito juizo? Disse que não estava lembrado de mais que acontecer o caso de dia, e reprehender elle denunciante ao denunciado, dizendo lhe que aquillo era heresia. E que lhe parecera que o denunciado estava em seu juizo, e elle denunciante se escandalizara do caso e assy entendia que se escandalizarião as testemunhas acima referidas. E perguntado se sabia que o denunciado fosse já penitenciado ou reconciliado pello Santo Officio, ou alguns parentes seus, e se se lembrava do preposito a que dissera as ditas palavras? respondeo que não sabia mais do que tem dito. E sendo pergun-

tado por que não denunciara logo, quando os ditos casos acontecerão, e que motivo tivera para agora os vir denunciar a esta Mesa, e se sabia de outros culpados em erros contra a fee? Disse que não se lembrara de denunciar senão depois que se publicou o Edicto della e que por essa razão denunciara agora e que não sabia de outros culpados. E perguntado pello costume disse que era amigo do denunciado. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos padres, Dominguos Monteiro, e o Padre Manoel Sanches sacerdotes deste Collegio, que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos. E assinarão aqui com o dito senhor Inquisidor e juntamente com o dito Manoel Rabello denunciante. Manoel Marinho o escrevi. Manoel Rabello. Domingos Monteiro. Manoel Sanches. Marcos Teixeira.

**Margarida Jorge contra Felippa Gonçalves
e Margarida Diniz.**

Aos treze dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Baya de Todos os Santos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu, estando ahi em audiencia da tarde no tempo da graça, o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Margarida Jorge christã velha de ydade de sincoenta annos natural da villa de Poyos no reino casada com Dioguo Simões Christão velho, lavrador de roça e moradores no Rio Vermelho mea legoa desta cidade ou mais. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assy o prometteo. E disse que era verdade que averá onze ou doze annos que estando ella denunciante na cidade de Lisboa em casa de Phelippa Guonçalves da nasção que antão morava detraz da Trindade na rua da Olyveira segundo sua lembrança e era casada com Ruy Guomes Bravo da nasção que esteve em Angolla e morreo no Rio de Janeiro se concertou ella denunciante com, digo, por estar concertada ella denunciante com Breatis Nunes da nasção, filha da dita Phelippa Guonçalves, e do dito

Ruy Guomes para vir em sua companhia para estas partes do Brasil, vio ella denunciante que no dia em que a dita Breatis Nunes se recebeo na dita cidade de Lisboa com Alvaro Gomes Bravo da nasção morador na cidade do Porto, como procurador de Dinis Bravo da nasção seu irmão e marido da dita Breatiz Nunes moradora nesta cidade e natural do Porto no reino, que no dia da boda se cozeu a carne com azeite na casa da dita Phelippa Guonçalves o que ella denunciante soubera por ser de casa e se achar presente e lhe cheirar a panella a isso e pello perguntar a hûas molheres da nasção parentas da dita Phelippa Guonçalves, a quem não sabia os nomes, e ellas lhe responderem, que lançarão o azeite na carne porque se quebrara a panella, mas que Leonor Veçana christã velha, natural de Lisboa e filha de estrangeiro que de antes fora vizinha da dita Phelippa Guonçalves e por essa razão era conhecida da casa e ensinara mininas a cozer, indo para as portas da Santa Catherina da banda de dentro a mão esquerda antes que sayão dellas, e que segundo sua lembrança moravão defronte da dita Phelippa Guonçalves hûs homens da nasção por nome os Caldeiras, e declarou que quando a dita Leonor Veçana morava comb tem dito ás portas de S. Catherina, fora quando avia sido vizinha da dita Phelippa Guonçalves, porque ao tempo da boda não está lembrada ella denunciante aonde morava, mas que estava bêm lembrada que no dia da dita boda succedera o sobredito, e que depois dahí a alguns dias fora a dita Leonor Veçana á dita casa da dita Phelippa Guonçalves a visital a: E contando-lhe ella denunciante que ahi estava tambem achando se ambas sós, como se comera a carne com azeite no dia da dita boda, e estranhando lhe isto; a dita Leonor Veçana lhe respondera que o comer carne com azeite era cousa muy uzada naquella casa; E assi que algûas vezes que a ella vinha e a convidavão a não quèria comer por ser cozida com azeite. O que tudo o sobredito disse ella denunciante que sabia por estar na dita casa como tem dito, e o ver e ouvir, e por a dita Leonor Veçana e ella denunciante serem amigas comunicarão as ditas cousas: e que segundo sua lembrança lhe disserão depois que a dita Leonor Veçana era casada. E disse mais ella denunciante que indo com a dita Breatis Nunes noiva da dita cidade de Lisboa para a dita cidade do Porto, depois da dita boda, quatro mezes pouco mais ou menos digo hum mes pouco mais ou menos, e pousando na dita cidade do Porto em casa de Margarida Dinis da nasção sogra da dita Breatis Nunes por ser mãy do dito Dinis Bravo, molher de Hercules Bravo tambem da nas-

ção, que falleceo nesta cidade onde a dita Margarida Dinis he moradora em casa do dito seu filho Dinis Bravo e da dita sua nora Breatis Nunes, vio ella denunciante por algũas vezes na dita cidade do Porto e em casa da dita Margarida Dinis onde ella denunciante tambem pousara que a dita Margarida Dinis tirava a gordura da vaca antes de a salgar. E perguntando lhe ella denunciante por que tirava a gordura á carne? lhe respondera a dita Margarida Dinis, que lhe tirava as pelles, mas ella denunciante vio muito bem que era gordura e não pelles. E declarou que conforme sua melhor lembrança, o caso de tirar a gordura da carne succedera em Villa do Conde para onde se forão depois de estarem na cidade do Porto oito dias; e em Villa do Conde estiverão hum anno pouco mais ou menos, aonde morava o dito Hercules Bravo e a dita sua molher Margarida Dinis, e a dita noiva Breatis Nunes sua nora e o dito Alvaro Guomes seu filho, e ella denunciante que morava com elles. E assi disse mais que sabia pellò ver que estando como tem dito em Villa do Conde se cozia na dita casa o toucinho apartado, e a vaca e mais carne em outras panellas, e o toucinho se dava á gente de serviço e não está ella denunciante lembrada se o comião os denunciados, ainda que de continuo os via comer. E por dizer que não tinha mais que denunciar lhe foy perguntado pello senhor Inquisidor, se quando estavam em Villa do Conde, e nas mais partes em que acompanhou os denunciados, lhes vira deitar mais vezes azeite na carne, e se lhe lançavão tambem sebolla frita e se no dia da boda comera a noiva e os mais parentes da dita carne cozida com azeite? E disse que não lhe vira lançar o azeite na carne senão no dia da boda, mas que algũas vezes lhes via lançar grãos na carne e hũa vez nesta cidade em pees de boy, e que não sabia se os noivos e a mais gente da nasção que se achou na dita boda comerão nella a carne com azeite por se não achar presente a mesa que se fez no sobrado de cima, e que não attentou se lançarão tambem sebolla, por que quando meterão a carne na panella, ella denunciante estava com a noiva na igreja. E sendo perguntada que testemunhas avia dos casos de que tem denunciado e se ouvera escandalo delles? Disse que hũa moça por nome Phelippa orfãa natural de Villa do Conde, que naquelle tempo servia aos denunciados na mesma villa sabia do caso de tirar a gordura á carne e do toucinho, e que era verdade que ella denunciante estranhou o caso de lançar o azeite na carne, e que a dita moça e ella estranharão o tirar lhe a gordura. E o tirar lhe a gordura presumião que

seria algũa cerimonia da ley velha. E disse que a dita moça Phelippa ficara na dita villa do Conde ao tempo que ella denunciante veyo para estas partes que averá onze annos pouco mais ou menos: E que do lançar azeite na carne não avia outras testemunhas, mais que a gente da casa que toda era da nasção excepto a dita Leanor Vassana que tambem sabia do caso. E perguntado por que não denunciara loguo dos ditos casos e que motivo tivera para vir denunciar agora nesta mesa, e se sabia de mais culpados em erros contra a fee? respondeo que não sabia que tinha essa obrigação, senão agora que com temor da excomunhão o fez, e que não sabe de mais culpados. E do costume disse nada. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e Religiosos Padres, Dominguos Monteiro e o Padre Manoel Sanches, sacerdotes deste Collegio da Companhia que tudo virão e ouvirão, e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assy o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assinarão aqui com o dito Senhor Inquisidor e juntamente com a denunciante Margarida Jorge que fez o seu sinal por não saber escrever. Manoel Marinho o escrevi. Manoel Sanches. Domingos Monteiro. Uma cruz de Margarida Jorge. Marcos Teixeira.

Gaspar de Barros contra Manuel da Silva.

Aos treze dias do mes de septeembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Baya de todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu, estando ahi em audiencia da tarde no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Gaspar de Barros Christão velho de ydade de trinta e sinquo annos natural desta Bahia casado e morador em Tassoapina freguezia de Nossa Senhora do Soccorro e vreador da Camara desta cidade. E sendo prezente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que era verdade que averá sinquo annos que estando elle denunciante nesta cidade em casa de Antonio Alvares sacerdote christão velho que antão era capellão da Misericordia e he natural desta

Baya, aonde hoje reside a cuja casa fora elle denunciante por ser vizinho e amigo, depois de terem acabado de cear, e praticando se das necessidades da dita casa da Misericordia e dizendo Afonso d'Azevedo, que era antão official della, e tinha o habito de Christo natural do reino e hora viuvo capitão do forte de Santo Antonio e morador nesta cidade que estava a dita casa da Misericordia em tanta necessidade que determinavão vender hum ornamento: respondera hum Manoel da Silva da nasção natural de Lisboa filho de hũ Ataqueiro comediante homem conhecido na dita cidade, e elle casado nesta com Mór de Paredes da nasção, que compraria o dito ornamento para muchilla do seu cavallo. E sendo perguntado pello senhor Inquisidor se avia mais testemunhas do caso, e se ouvera escandalo delle, e quem o reprovasse ou louvasse, e se o denunciado estava em seu juizo ou fóra delle ao tempo que aconteceu? Disse que se acharão presentes ao caso Agostinho de Paredes da nasção natural da Bahia, Capitão da dita freguezia de Tassoapina, e o dito Affonso de Azevedo e o dito Padre Antonio Alvares e segundo sua lembrança esteve tambem presente ao caso Simeão d'Araujo christão velho natural destas partes e seu irmão Jorge d'Araujo tambem christão velho e ambos casados e moradores nesta cidade, e que ouve escandalo do caso, e que o dito Affonso d'Azevedo reprehendera ao denunciado dizendo lhe que o ornamento da igreja que se não vendia para servir de muchilla, e que não fallasse tais palavras que não erão bem ditas, e que o denunciado estava em seu juizo, nem costumava a sair delle. E que quando reprehenderão ao denunciado, respondera que o não dizia por tanto que estava zombando. E perguntado se sabia que o denunciado fosse já penitenciado ou reconciliado pello Santo Officio ou alguns parentes seus, e que motivo tivera para vir agora denunciar a esta mesa, e porque não o fizera loguo quando o caso aconteceu? respondeu que não sabia mais do denunciado, e que a causa da publicação do Edicto o movera para vir agora denunciar, e o não fizera mais cedo por não saber que estava obrigado a isso. E sendo perguntado pello costume e se sabia de mais culpados em erros contra a fee ou em casos do Santo Officio? Disse que não sabia de mais culpados, e do costume, que he amigo do denunciado e corre com elle em amizade. E mais não disse. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres, Domingos Monteiro e o Padre Manoel Sanctos sacerdotes deste Collegio, que tudo virão e ouvirão e prometterão ter

segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado, e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assinarão aqui com o dito senhor Inquisidor, e juntamente com o dito Guaspar de Barros. Manoel Marinho o escrevi — E declarou o dito denunciante que o que tem denunciado no caso acima dito, o sabia pello ver e ouvir e estar presente a elle como tem dito. Eu Manoel Marinho o escrevi. — Gaspar de Barros — Domingos Monteiro — Manoel Sanchez — Marcos Teixeira.

**Padre Simão Pinheiro sobre um crucifixo
achado dentro de um colchão.**

Aos quatorze dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos na igreja do Collegio de Jesu estando ahi em audiencia de polla manhã no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira, perante elle appareceo o Reverendo Padre Simão Pinheiro Rector deste Collegio de ydade de quarenta e oito annos: E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assy o prometteo. E disse que averá tres ou quatro annos pouco mais ou menos que estando elle denunciante na villa de Pernambuco no Collegio da Companhia de Jesu onde antão era Religioso, fora chamado pello Porteiro para fallar a Pedro de Cadena que antão servia de Provedor da Fazenda, e era casado e morador na dita villa, e não sabia elle denunciante donde era natural, lhe mostrara o dito Pedro de Cadena huã imagem de hum Crucifixo de vulto encarnado que teria na Cruç palmo e meio pouco mais ou menos, a qual imagem estava embrulhada em duas ou tres tiras de panno, e lhe contara o dito Pedro de Cadena, e hum official de vara que trazia comsigo, que indo o dito official fora da villa fazer hũa deligencia, e sendo agazalhado em certa casa, cujo nome nem o dito official não sabia achara a dita imagem de Crucifixo dentro em hum colchão cosido da cama que lhe derão para dormir: E elle denunciante desembrulhara loguo a dita imagem, e escandalizando se do caso,

aconselhara ao dito Provedor e seu official que fossem denunciar delle ao Vigairo que então era da dita villa, de cujo nome não estáa lembrado. E assi disse mais que depois tivera noticia que Dom Constantino Barradas bispo que foy desta cidade fizera diligencia sobre o caso, mas que não sabia em que parara. E sendo perguntado que razão tivera de saber do caso denunciado, e se ouvera mais testemunhas delle? Disse que por a razão que tinha dito de se achar presente e o ver e ouvir ás ditas duas pessoas, e que não sabe que ouvesse outras testemunhas de vista no caso. E mais não disse do dito caso. E sendo perguntado se sabia de algũs culpados mais em erros contra a santa fee catholica, ou casos do Sancto Officio? respondeo que não sabia de mais. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e Religiosos Padres, Dominguos Monteiro, e o Padre Manoel Sanches sacerdotes deste Collegio que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado, e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assinarão aqui com o dito senhor Inquisidor e juntamente com o dito Reverendo Padre Simão Pinheiro. Manoel Marinho o escrevi. — Simão Pinheiro — Domingos Monteiro — Manoel Sanches — Marcos Teixeira.

Balthazar de Araujo contra João Vaz Serrão.

Aos quatorze dias do mes de Septembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu, estando ahi em audiencia de polla manhã no tempo da Graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Balthezar d'Araujo christão velho de ydade de dezasete para dezoito annos, solteiro, natural de Vianna no Reino, filho de Gaspar Rôiz christão velho carpinteiro, e de Isabel Guonçalves tambem christãa velha moradores na dita villa de Vianna e elle denunciante morador nesta cidade em casa de Pero João Landim chistão velho, mercador e morador na rua do Collegio nesta cidade: E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi

prometteo. E disse, que o anno passado de mil seiscentos e dezasete estando elle denunciante no engenho de Dioguo Monis Telles da nasção duas leguas desta cidade a quem naquelle tempo servia de pagem, estando presente Antonio Rôiz Machado christão velho natural de Antre Douro e Minho que servia tambem ao dito Dioguo Monis e Roque de Vares tambem seu criado natural da Ilha da Madeira, e hũ sobrinho de Phe-lippe Figueira lavrador de canas em Jacaracanga casado e morador na mesma freguezia, tratando todos entre sy sobre freiras e frades, contara João Vas Sarrão da nasção natural desta terra, solteiro morador que era na freguesia de Pirajá em companhia de Antonio Guomes Victoria da nasção seu parente, lavrador que tambem era da freguesia de Piraja, que hum frade do Carmo dissera, que quando Deus tirara a costa do homẽ para criar Eva, viera hum cão e a comera, e que do que sahira pella parte trazeira do cão fizera Deus a mulher, e que assi ficara Deus fazendo a mulher da trazeira do cão e não da costa do homem. E sendo perguntado o denunciante que razão tivera de saber o que tinha denunciado? respondeo que por se achar presente quando o caso aconteceo e o ver e ouvir. E sendo perguntado se ouvera mais testemunhas do caso e se ouvera escandalo delle e se reprehendera alguem o denunciado ou lhe approvara alguem o que disse? respondeo que não ouvera mais testemunhas que as acima referidas, e que todos se escandalizarão do que ouvirão dizer ao denunciado; E depois de o ter dito duas vezes, lhe forão a mão e o reprehenderão disso, e o denunciado se callara e não respondera mais cousa alguma. E sendo perguntado a que horas acontecera o caso, se antes do jantar, se depois, e se estava o denunciado em seu juizo ou fora delle, ou costumava a sair delle, e a tomar se do vinho? Disse que estando todos em companhia ceando, dissera o denunciado o sobre dito, e que estava em seu juizo e que não costumava sair delle, nem se toma do vinho. E sendo perguntado se o denunciado fora já penitenciado pello Sancto Officio ou algum parente seu, e pella razão de saber que elle não costumava a sair de seu juizo? Disse que não sabia mais que aver dous annos que conhecia ao denunciado por ser anteadado de Manoel Guomez Victoria da nasção que era sogro do dito Dioguo Monis Telles a quem elle denunciante servia de pagem, como tem dito. E sendo perguntado por que causa se achava o denunciante no dito engenho, e se sabia elle denunciante de outros culpados em erros contra nossa Santa

fee ou em casos pertencentes no Sancto Officio? Disse que por razão do dito parentesco e por morar naquelle tempo em casa do dito Dioguo Monis Telles, e que não sabia de mais. E perguntado pelo costume disse nada. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos padres Manoel Sanches, e o padre Belchior Pires sacerdotes deste Collegio, que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado, e assy o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos, e assinarão aqui com o senhor Inquisidor, e juntamente com o dito Belchior d'Araujo. Manoel Marinho o escrevi. Digo que assinarão os ditos reverendos padres com o dito denunciante Balthazar d'Araujo e com o dito senhor Inquisidor. Manoel Marinho o escrevi. — Balthazar d'Araujo — Belchior Pires — Manoel Sanches — Marcos Teixeira.

Belchior Fernandes de Basto contra Nicolau da Maia, Simão Nunes de Mattos, Francisco Tinoco de Lisboa, Simão Machado, Francisco Duarte Tinoco e Manuel Alvares de Galegos.

Aos quatorze dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Baya de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu, estando ahi em audiencia de pella manhã no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira, perante elle appareceo sem ser chamado Belchior Fernandes de Basto christão velho natural do Conselho de Gouvea junto á Marante (sic) no reino, de ydade de trinta e tres ou trinta e quatro annos pouco mais ou menos solteiro, filho de Belchior Fernandes já defuncto e de Catherina de Basto sua molher christãos velhos, e elle denunciante hora he morador nesta cidade na rua Direita alem da praça piquena e he mercador. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que era verdade que averá dous annos pouco mais ou menos que nesta cidade, achando se elle denunciante em casa do Licenciado Phelippe Thomas da nas-

ção advogado aonde hia alguãs vezes por causa de ter demandas em que o dito Phelippe Thomas era seu advogado, lançara elle denunciante mão de hum feito que estava entre outros no estudo do dito Phelippe Thomas, e lera nelle e vira que erão hūs autos da justiça ecclesiastica, dos quais segundo sua lembrança era escrivão Bernabé Soares em que o Promotor vinha com libello contra Niculao da Maia da nasção solteiro natural da cidade de Lisboa cujos paes elle denunciante não conhecia, mas sabia que o denunciado era mercador, e irmão de Matheus Lopes solteiro mercador assistente nesta cidade, e ouviu elle denunciante dizer que sua mãe era fanqueira, na dita cidade de Lisboa, por aver cõmettido o peccado nefando com hũa Violante Vidal segundo sua lembrança, molher solteira moradora que antão era nesta cidade e depois se mudou para Pernambuco, o qual caso melhor constará dos ditos autos em que disse que se reportava. E sendo perguntado se se achárão mais testemunhas presentes, e se ouvera escandalo disso? Disse que das pessoas que se acharão presentes não se lembrava de mais que do dito Licenceado Phelippe Thomas, e de Manoel Heitor de Sousa christão velho solteiro natural do lugar do Beco no Reino, e de Bras da Costa Cirne, que dizem ter raça da nasção moradores nesta cidade, e que o caso causara muito escandalo a quem sabia delle. E assi disse mais elle denunciante, que era verdade que nesta cidade no anno de seicentos e dez, e seiscentos e onze sendo elle denunciante vizinho de Simão Nunes de Mattos da nasção natural da cidade de Lisboa, que naquelle tempo era solteiro e mercador e morador nesta cidade na rua do Sousa e hora he senhor de engenho em Maré desta Bahia e ahi casado e morador, e morando no dito tempo de dous annos passados parede em meyo com o denunciado Simão Nunes de Mattos, ouvira elle denunciante por espaço de hum anno ou mais todas as sextas feiras e sabbados assi de noite como de dia muita festa e traquinada em casa do dito denunciado, e via que nos mesmos dias principalmente vinhão jantar e cear e dormir em sua casa muitos homens da nasção, tanto que espantado elle denunciante, perguntara a hũ cabra do denunciado por nome Mañoel, que depois se absentou desta terra por ser culpado na morte de hum homem que era aquillo que não deixavão dormir a vizinhança com tanta matinada e festa, lhe respondera o cabra, que tiravão a toura dos farellos, do que elle denunciante ficara escandalizado. E sendo perguntado se sabia de mais testemunhas

do caso, e que razão tinha de saber delle? Disse que não sabia de mais testemunhas, por que antre as casas do denunciado e as de hũ vizinho da outra parte ficavão cameras em que o denunciado recolhia fazenda. E disse que a razão delle saber do caso, era por ser vizinho do dito denunciado Simão Nunes de Mattos, e ouvir a dita festa e matinada. E sendo perguntado que homens erão os da nasção que ajudavão a fazer a dita festa em casa do denunciado? Respondeo, que erão Francisco Tinoco de Lisboa mercador solteiro natural della, e agora he la morador e he da nasção, e Simão Machado mercador cunhado de Simão de Leão ambos da nasção, e contractador dos dizimos do açúcar, o qual Simão Machado he hoje morador em Villa Nova de Portimão no Algarve e Dioguo Fernandes d'Elvas tambem da nasção mercador e morador em Lisboa. E o dito Simão de Leão casado e morador nesta cidade e Francisco Duarte Tinoco e Manoel Alvares de Gallegos já defuncto e ambos da nasção, e outros de que elle denunciante não está lembrado. E declarou que tambem se achava na mesma festa e casa o denunciado Paschoal Bravo da nasção casado e morador nesta cidade e nella mercador, e natural da cidade do Porto. E sendo perguntado se sabia se o Denunciado Simão Nunes de Mattos, ou algum parente seu fosse já reconciliado ou penitenciado pelo Santo Officio, ou alguns dos mais homens da nasção de que tem denunciado, ou alguns parentes seus? Disse que ouvira dizer geralmente que Henrique Dias Millão que foy queimado pelo Santo Officio em Lisboa, era parente muito chegado do denunciado, e que não sabia de mais, nem de outros culpados em erros contra a St.^a fee. E perguntado pello costume, disse nada. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres Manoel Sanches e o Padre Belchior Pires sacerdotes deste Collegio que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado, e assi o jurarão aos Santos Evangelhos em que pozerão suas mãos, e assinarão aqui com o dito senhor Inquisidor e juntamente com o dito Belchior Fernandes de Basto. Manoel Marinho o escrevi. — Belchior Fernandes Basto — Belchior Pires — Marcos Teixeira — Manoel Sanches.

Manuel Gonçalves contra Manuel Baldaya.

Aos quatorze dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu, estando ahi em audiencia de polla manhã no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Manoel Guonçalves christão velho de ydade de mais de quarenta annos casado, lavrador de mandioca e morador nesta cidade abaixo do Mosteiro de São Francisco. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que era verdade que avera quatro annos pouco mais ou menos que estando elle denunciante nesta cidade em sua casa hum hora já da noite e Maria da Grãa christã velha veuva natural do reino e moradora nesta cidade defronte do escrivão da Camera, estando a casa alumuada com hum candea, sentira a dita Maria da Grãa abrir a porta que estava somente serrada hum sobre outra, e olhando o que era, vira meter um braço com um Crucifixo na mão de vulto, e disse: Ay meu Deus e meu Senhor. E olhando elle denunciante no mesmo instante para o que era, vio tambem o mesmo Crucifixo e o braço e dissera: Quem quer que he entre, ao qual tempo a pessoa que tinha o dito Crucifixo, recolhera o braço com elle e se fora, do que elle denunciante e a dita testemunha referida ficaram scandalizados por lhe parecer grande desacato e irreverencia que se fazia á imagem de Christo Nosso Senhor, e procurando saber quem era o culpado no caso, perguntara a hum mancebo por nome Simão Baldaya que reside em Taparica e he natural desta terra, e não sabe se he da nasção, se sabia do dito caso por ser vizinho delle denunciante, e elle lhe respondera, que fora Manoel Baldaya seu conhecido natural desta cidade que antão era solteiro, e dahi a pouco tempo se casou, e não sabe elle denunciante se era da nasção. E assi disse mais, que tanto que tivera noticia do dito culpado, loguo fora denunciar delle diante do Bispo desta cidade á qual denunciação se reportava. E sendo perguntado pelo senhor Inquisidor se se achavão mais pessoas presentes ao caso, e se o denunciado era pessoa de entendimento ou costumava a sair do seu juizo? Disse que Margarida Pinta da Fonseca sua molher se achava presente no

caso mas que por ser cega, não podera ver o que passara. E que era verdade que elle denunciante conhecia muito bem ao denunciado por ser seu vizinho mas que nunca o vira tomado do vinho, nem se sahia fora de seu juizo. E sendo perguntado se sabia que o denunciado fosse penitenciado pello Santo Officio, ou algum parente seu e se sabia de outros culpados em materia de fee ou casos do Santo Officio? Disse que não sabia mais que ser o denunciado filho de huma mamaluca desta terra, e de um Antonio Baldaya morador nella e natural do Reino. E sendo perguntado que motivo tivera para fazer esta denunciação, e pello costume, disse que denunciara pella obrigação que tinha de denunciar, e do costume disse nada. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres Manoel Sanches e o Padre Belchior Pires, sacerdotes deste Collegio, que tudo virão e ouvirão e prometerão ter segredo, e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assinarão aqui com o senhor Inquisidor e juntamente com o dito Manoel Guonçalves. Eu Manoel Marinho o escrevi. — Manoel Guonçalves — Belchior Pires — Manoel Sanches — Marcos Teixeira.

**Diogo Baptista contra Francisco Ribeiro, o
desnarigado da ilha das Fontes.**

Aos quatorze dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Bahia de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia da tarde no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Dioguo Baptista, mourisco de nasção de ydade de vinte e seis annos pouco mais ou menos solteiro filho de João Garcia castelhano christão velho mestre sala do Conde d'Anhauer e de Anna Garcia mourisca da nasção já defuntos, e elle denunciante morador nesta cidade em casa de Vasco de Sousa Pacheco que hora serve de Governador nella, a quem serve de cosinheiro e disse estar empenhado na sua mão por sesenta mil reis, e sendo presente para em tudo dizer verdade e

ter segredo lhe foy dado juramento dos Santos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que por descargo de sua consciencia denunciava bem e verdadeiramente de Francisco Ribeiro da nasção solteiro, natural de Villa Nova de Portimão, no Algarve morador na Ilha das Fontes nesta Bahia que he senhor de engenho e não tem narizes, em como averá seis ou sete annos pouco mais ou menos, que sendo elle denunciante captivo do dito denunciado e de seu irmão Fernão Rõiz Ribeiro morador em Pernammerim tudo sito nesta Bahia, lhe mandava o denunciado a elle denunciante varrer as casas de noite da porta pera dentro, e que segundo se dizia geralmente em sua casa nunca ouvira missa nem pregação, e elle denunciante assi o entendia no tempo que residia no engenho porque não faltava nelle a horas de missa. E assi disse elle denunciante que sabia pello ver e por servir de cozinheiro ao denunciado que elle comia de ordinario a galinha degolada e afogada depois com azeite, e que por seu mandado se lançava tambem azeite na panella da carne, e que era verdade que o dito denunciado em sua casa não tinha imagem nenhuma de sanctos como costumão a ter os christãos e sómente tinha alguns paineis da historia de Tobias, o que elle denunciante sabia pello ver e ser notorio, pellas quais causas elle denunciante tinha máo conceito do denunciado, e o tinha por muy suspeito a nossa Santa fee, e lhe parecia que se não enganava nisso, por que naquelle comenos foy chamado do Deyão desta See já defuncto para testemunhar como testemunha diante delle do que sabia contra o denunciado Francisco Ribeiro ao qual testemunho disse que se reportava. E sendo lhe perguntado pello Senhor Inquisidor se avia mais testemunhas do caso, e se avia escandalo, e se sabia que o denunciado ou algum parente seu fora já penitenciado ou reconciliado pello Santo Officio? Disse que Matheus Nunes christão velho que não sabe donde he natural, mas sabe que he casado e morador na dita Ilha das Fontes, e Dominguos Pires tambem christão velho barqueiro que não sabe donde he natural e he morador na praya desta cidade, pôdem ser testemunhas do sobredito, e disse que nesta terra se disse geralmente que prenderão em Portugal duas irmãs do denunciado pello Santo Officio, e que dos sobreditos casos avia escandalo no engenho do denunciado e em sua casa. E sendo perguntado se sabia de outros culpados em materia da fee, e pello costume? Respondeo que não sabia de mais culpados em materia da fee, e do costume disse que pello denunciado ter

noticia que elle denunciante denunciara delle como tem dito, o prendera e lhe mandara rapar a barba e lhe dera muito má vida, mas que nem por isso lhe quer mal, e tem dito a verdade. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres Manoel do Couto e o Padre Francisco Carneiro sacerdotes deste Collegio da Companhia que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Santos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assinarão aqui com o dito senhor Inquisidor e juntamente com o dito Dioguo Baptista que fez o seu sinal por não saber escrever. Eu Manoel Marinho o escrevi. Uma cruz de Dioguo Baptista. Manoel do Couto. Francisco Carneiro. Marcos Teixeira.

Antonio de Azevêdo contra Matheus Lopes.

Aos quatorze dias do mes de setembro de mil seiscientos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Bahia de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia da tarde no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Antonio d'Azevedo christão velho de ydade de sinquenta annos pouco mais ou menos solteiro, natural da cidade de Lisboa, e sargento mór da milicia nesta; e sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que averá sinquo ou seis meses pouco mais ou menos que nesta cidade em casa de João de Herrera Solis castelhano de nasção que não sabia donde era natural mas he morador nella estando elle denunciante nella para ver jugar o Truque, entrara Matheus Lopes da nasção, solteiro, natural de Lisboa e mercador e morador nesta cidade, e dizendo que queria jugar hum partido, repondera o dito João de Herrera, Alabado sea Dios, que quiere jugar el senhor Matheus Lopes, ás quais palavras replicara o dito Matheus Lopes, nolo bendiga tanto que no jugaré: o qual caso aconteceu ás tres ou quatro horas depois do meyo dia. E sendo perguntado elle denunciante pello dito senhor Inquisidor que razão tivera de saber o sobredito e de

cômunicar na dita casa, e se ouvera mais testemunhas e escandalo do caso? Disse que a razão de cômunicar na dita casa era por ir ver jogar o Truque como algumas vezes costumava e que por se achar presente ao caso quando aconteeo e o ver e ouvir o soubera, e que era verdade que se acharão mais presentes a elle o dito João de Herrera que logo advirtio na palavra ser mal dita, e disse a elle denunciante que avia de ir dar conta della ao Bispo, como depois fez segundo elle denunciante soube, por ir testemunhar do dito caso diante do Bispo desta cidade por ser chamado para isso, e disse que outras pessoas mais se acharão presentes, mas que não estava lembrado de quem erão e que depois que se divulgou o dito caso não faltou escandalo, por ser a palavra mal soante e o denunciado ser de suspeita. E sendo perguntado se ouvera quem reprehendesse a dita palavra, ou a approvasse e se o denunciado a esse tempo estava em seu perfeito juizo ou se costumava a sair delle, ou se fora já penitenciado ou reconciliado pello Santo Officio ou algum parente seu? Disse que não sabia mais que o denunciado não costumar a sair de si como era notorio. E que ouvira dizer a pessoas de credito que o pay do denunciado fora já prezo e penitenciado pello Sancto Officio. E sendo perguntado pello costume, disse nada. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e Religiosos Padres, Belchior Pires e o Padre Balthesar da Costa sacerdotes deste Collegio da Companhia que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado, e assi o jurarão aos Santos Evangelhos em que pozerão suas mãos, e assinarão aqui com o dito senhor Inquisidor e juntamente com o dito Antonio d'Azevedo. Manoel Marinho o escrevi. Balthasar da Costa. Belchior Pires. Antonio d'Azevedo. Marcos Teixeira.

Francisco de Sampaio Aranha contra Simão de Leão.

Aos quatorze dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Bahia de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahí em audiência da tarde no tempo da graça o senhor Inqui-

sidor Marcos Teixeira, perante elle appareceo sem ser chamado Francisco de Sãopaio Aranha, christão velho, de ydade de trinta e sinquo annos ou mais, casado e morador nesta cidade defronte das casas d'El Rey e juiz do ver do pezo do pau do Brazil. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Santos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que era verdade que estando o terceiro domingo d Agosto proximo passado na See desta cidade, e acabando de pregar o Padre Frey Angelo da Ordem e Mosteiro de São Bento desta cidade a preposito de aver poucos dias que se achara junto da dita See hum Auto da paixão de Christo nosso Redemptor que tinha hũa imagem de hum crucifixo com o rosto sujo de esterco de gente, estando o auto todo limpo, o que o dito Pregador affirmou que vira com seus olhos, e estranhou quanto devia tão enorme sacrilegio e blasfemia, dissera Simão de Leão da nasção natural de Lisboa, casado e morador nesta cidade, e contractador dos dizimos dos açucares mostrando-se muito indignado, que se estivera mais perto do dito Pregador lhe ouvera de dizer que era hum desavergonhado amancebado, o que dissera estando assentado junto da Mesa do Santissimo Sacramento em que elle denunciante estava assentado e muito bem lhe ouviu dizer o sobredito por estar muito perto d'elle, e o denunciado o dizer em voz tão alta e intelligivel que lho ouvirão tambem dizer os outros irmãos da mesma Confraria que estavam na dita meza e poderão ser testemunhas do caso, os quais, erão Dominguos Varella christão velho natural de Lamego mercador casado e morador nesta cidade, Antonio Cardoso christão velho, natural da villa de Tarouca no Reino, veuvo e morador nesta cidade no terreiro deste Collegio Bertholomeu Rõiz christão velho confeiteiro casado e morador nesta cidade, Manoel Gonçalves Barros christão velho natural da Ilha da Madeira solteiro, mercador e morador nesta cidade, Manoel Filgueira christão velho, mercador e casado em Caminha e Pero Vaz Correia da nasção natural de Lisboa, e lá casado mercador e morador nesta cidade. E sendo perguntado elle denunciante pello senhor Inquisidor se ouvera escandalo do caso, e se ouvera alguém que reprehendesse ao denunciado das ditas palavras, ou lhas approvasse, e a que horas acontecera o caso? Disse que todos os que ouvirão as ditas palavras devião ficar escandalizados dellas, e elle denunciante se escandalizou muito por que lhe parecera e parecia que não se podia tanto estranhar a sobredita irreverencia e de-

sacato feito á imagem do crucifixo que muito mais não devesse ser estranhado de quem fosse bom christão e temente a Deus, e que por o denunciado ser da nasção e estar acompanhado de gente della que nesta terra éra muito poderosa e soberba, lhe parecia que nenhum dos christãos velhos que lhe ouvio as ditas palavras se atreveria a ir lhe á mão e assi disse que acontecera o caso antre as dez e onze horas antes do meyo dia em se acabando a pregação. E sendo perguntado quantas vezes dissera o denunciado as ditas palavras, e se estava fóra de seu juizo ou costumava a sair delle e se fora já penitenciado ou reconciliado pello Sancto Officio, ou algum parente seu ou estava infamado de máo christão e de alguns erros contra nossa Santa fee? Respondeo que não sabia mais que ir se elle denunciante tanto que ouvio as ditas palavras para a capella do Santissimo Sacramento para ascender as tochas para o resto da missa e procissão, e ficar o denunciado fallando ainda como enfadado. E que havia muitos annos que o denunciante conhecia nesta cidade ao denunciado, e não sabia nem ouvira dizer que o denunciado sahisse de seu juizo, nem elle denunciante entendia que quando o caso aconteeceo estava fóra delle, e que não sabia de mais. E sendo perguntado que motivo tivera para vir fazer esta denunciação, e se sabia de mais culpados contra a fee? Disse que por descarregar sua consciencia viera denunciar a esta mesa, e que não sabia de mais, e do costume disse nada e que tinha dito a verdade. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres Belchior Pires e o Padre Balthesar da Costa sacerdotes deste Collegio da Companhia que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhe fosse perguntado, e assi o jurarão aos Santos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assinarão aqui com o dito senhor Inquisidor e juntamente com o dito Francisco de São-payo Aranha. Eu Manoel Marinho o escrevi. Diz a primeira e segunda antrelinha, Velhos, o que fiz por verdade. Manoel Marinho o escrevi. Francisco de Sampaio Aranha. Belchior Pires. Balthasar da Costa. Marcos Teixeira.

Bernardo de Aguirre contra o licenciado Felipe Thomaz de Miranda, Luis Alvares, Antonio Rodrigues e Bento Corrêa, o Calambauzinho.

Aos quatorze dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Baya de Todos os Sanctos na Igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia da tarde no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Bernardo d Aguirre christão velho natural desta cidade de ydade de vinte e hum annos casado e morador em Tapagipe, hũa legoa desta cidade. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Santos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que estando nesta cidade esta quaresma passada á porta do Licenciado Phelippe Thomás na travessa da Rua Dereita aonde morava o Capitão Pedraires d Aguirre seu pay delle denunciante passando a imagem de Christo Nosso Senhor com a cruz ás costas na procissão dos Paços dissera o dito Licenceado Phelippe Thomas de Miranda da nasção advogado nesta cidade escarnecendo com grandes risos e sem se por de giolhos, olhando para o Christo da dita proçissão, que má cara leva o Christo, e que lhe respondera Luis Alvares da nasção natural da cidade do Porto solteiro, caixeiro de Manoel Rõiz Sanches da nasção morador nesta cidade, olhando para o mesmo Christo tambem com escarnios, como leva as barbas borradas, ao que replicara loguo o dito Licenceado Phelippe Thomas que he natural da cidade de Lisboa casado e morador nesta, muito borradas as leva tudo com risinhos e escarneos, sem nhum delles se pôr de giolhos nem adorar a imagem de Christo nosso Senhor que hia no andor com a cruz ás costas, como toda a gente fazia, o que elle denunciante sabia por se achar presente em companhia dos denunciados, e ver e ouvir muito bem todo o sobredito. E sendo perguntado a razão per que se achara no lugar que tem dito em companhia dos denunciados, e se ouvera mais testemunhas do caso e se alguem se escandalizara delle ou o approvara e reprehendera aos denunciados? respondeo, que se achara na dita Rua por morar nella o dito Pedro Ayres d Aguirre, seu pay Capitão do forte São Phelippe e sair de sua casa cõ seu irmão Dioguo Guonçalves Lasso solteiro e morador em Tapagipe para verem a procissão e a acompanharem, e por causa de quererem ir no couse della lhes fora forçado es-

perar na dita travessa onde achara aos denunciados até passar a gente e terem lugar: e que o dito seu irmão e Francisco da Silva christão velho natural da cidade de Lisboa e nella morador casado com hũa filha de ourives doouro, e trata nesta cidade e em Angola estiverão presentes ao caso. E quanto ao escandalo, elle denunciante o teve e seu irmão, e o dito Francisco da Silva segundo mostrara, e que por o tempo ser de tanta devação, e os denunciados serem pessoas suspeitas e da nasção costumada a blasphemar de Christo Nosso Senhor e de seu sancto nome não ouvera quem os reprehendesse: E assi disse mais elle denunciante que não tinha bom conceito do dito Licenceado Phelippe Thomas de Miranda em materia de christandade assi pello sobredito, como por ter de costume quando lhe perguntavão que vai, ou como está, responder, Boto a Christo muita merda, e pella hostia sagrada muita merda, polla Virgem Maria muita merda, e outras cousas mal soantes nesta conformidade que costumava dizer e jurar a este preposito com que causava muito grande escandalo, o que elle denunciante sabia por aver sido seu vizinho e amigo e se recolher muitas vezes em sua casa onde se achava presente quando o denunciado dizia as sobreditas palavras, de que podem tambem ser testemunhas Dioguo de Sandoval christão velho cunhado d'elle denunciante e natural do Mexico, casado e morador nesta cidade e o dito Dioguo Gonçalves Lasso, e Dona Isabel e Francisco Quaresma todos irmãos d'elle denunciante e o dito Capitão Pedro Aires d Aguirre seu pay moradores no Reconcavo desta Bahia e christãos velhos, e declarou que da casa do dito Capitão pay d'elle denunciante por estar muito vizinha se ouvião muito bem as ditas palavras e outras semelhantes de que avia grande escandalo. E sendo perguntado se estavam os denunciados em seu perfeito juizo quando os casos desta denunciação acontecerão, ou se costumavão sair d'elle? Disse que sabe pellos ver e conhecer que os dictos denunciados não são homens que sayão de seu sizo, e assi lhe parecia que nelle estavam quando os casos acontecerão. E assi disse mais elle denunciante que era verdade que nesta terra se dizia vulgarmente que ho dito Licenceado Phelippe Thomas de Miranda comettia o peccado nefando de sodomia com hum seu criado por nome Antonio Rõiz natural da cidade d'Evora, casado e morador em casa do dito denunciado. E assi tambem commettia o mesmo peccado com Bento Correia, o Calambauzinho por alcunha, solteiro, natural de Vianna e morador nesta cidade, o qual he da

nasção. E assi dizem vulgarmente que o dito denunciado matara hum moço que o servia por ter commettido com elle o dito peccado e porque o não descobrisse, e he tão infamado deste peccado nesta terra e na de Pernambuco donde veyo para ella, que anda em proverbio antre brancos e negros, pello que, tem elle denunciante para sy que he verdade estar o denunciado comprehendido no dito peccado, principalmente por se dizer e ser notorio que elle se andava livrando do sobredito crime no Juizo secular, e por o dito Bento Correa commetter por tres vezes a elle denunciante para o dito peccado de sodomia, e a hum irmão delle denunciante por nome Dioguo Guonçalves Lasso, e assi a Pedro de Aguiar, seu cunhado christão velho, casado e morador no Toque-toque tres legoas desta cidade. E sendo perguntado se sabia se os denunciados ou alguns seus parentes fossem já penitenciados ou reconciliados pello Santo Officio, e que motivo tivera para denunciar delles, e se sabia de outros culpados em erros contra a fee ou que pertençaõ ao Santo Officio? Disse que não sabia mais que o que tem dito e fazer esta denunciação com bom zello e por satisfazer com o Edicto da fee. E perguntado pello costume? Disse que era amigo dos denunciados e os conversava, mas que tinha dito a verdade. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e Religiosos Padres, Belchior Pires, e o Padre Balthesar da Costa sacerdotes deste Collegio, que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado, assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assinarão aqui com o dito senhor Inquizidor e juntamente com o dito Bernardo d Aguirre. Eu Manoel Marinho o escrevi. Bernardo de Aguirre. Balthasar da Costa. Belchior Pires. Marcos Teixeira.

Diogo Lopes de Evora contra Manuel Homem.

Aos quinze dias do mes de septeembro de mil seiscentos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos na Igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia de pella manhã no tempo da Graça o senhor

Angolla pello caso e que fugira da prizão e se fora em hũa não flamenga para Flandes. E sendo perguntado se sabia de mais testemunhas do caso e se o denunciado ou elle denunciante tinha paes ou avós comprehendidos pello Santo Officio? Disse que não sabia mais do que tem dito. E sendo perguntado pello costume e que motivo tivera para vir fazer esta denunciação e se sabia de mais culpados em materia de fee ou casos do Santo Officio? Disse do costume nada, e que sómente por descarregar sua consciencia fizera esta denunciação e que não sabia de mais culpados. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e Religiosos os Padres, Belchior Pires e o Padre Balthesar da Costa sacerdotes deste Collegio que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos, e assinarão aqui com o dito senhor Inquisidor e juntamente com o dito Dioguo Lopes de Evora. Eu Manoel Marinho o escrevi. Belchior Pires. Balthesar da Costa. Marcos Teixeira. Diogo Lopes de Evora.

**Diogo Gonçalves Lassos contra o licenciado
Felippe Thomaz de Miranda, Francisco da Silva, Luis
Alvares, Duarte Alvares Ribeiro, Diogo Diamante
Matheus e Luis Lopes.**

Aos quinze dias do mes de Septembro de mil seisçentos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Baya de Todos os Sanctos, na Igreja do Collegio da Companhia de Jesu, estando ahi em audiencia da tarde no tempo, digo, de polla manhã no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Dioguo Guonçalves Lasso christão velho, de ydade de vinte annos natural desta cidade, solteiro filho do Capitão Pedro Ayres de Aguirre e de Dona Catherina Quaresma, já defuncta christãos velhos. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que era verdade que estando elle denunciante para ver a procissão dos Paços nesta cidade a segunda sesta feira da Quaresma proxima passada a

Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Dioguo Lopes de Evora da nasção de ydade de quarenta annos pouco mais ou menos, natural da cidade de Evora, solteiro, filho de Antonio Lopes e de Mor Lopes da nasção, já defuntos moradores que forão na dita cidade, e elle denunciante morador nesta e senhor de hum dos Guindastes della. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que era verdade que avia seis annos pouco mais ou menos que indo elle denunciante da ilha da Madeira com algumas caixas de assucar a Nostra Dama cidade de Flandes por na dita ilha não poder vender bem os ditos açucares, encontrara com o Licenceado Antonio de Velasco, castelhano, natural da Mancha, solteiro, morador em Taparica, e ahi lavrador de mandioca que he seis legoas desta cidade e com Dominguos Prestes, asturiano, ambos christãos velhos, casado em Lisboa, e que hora serve de Capitão de Peroaçu termo desta cidade os quais residião em Nostradama, e perguntando-lhe a elle denunciante se conhecia a Manoel homẽ natural da ilha de São Miguel e meo da nasção, que avia sido casado nesta Bahia, com Clara de Mendonça, christã velha, que hora estava no Rio de Janeiro, e dizendo-lhe elle denunciante que o conhecia muito bem, pello ver, nesta Baya, casado com a dita sua mulher, lhe affirmarão as ditas duas testemunhas referidas, que o dito Manoel homem apostatara da nossa Sancta fee catholica e se fizera Judeu na dita cidade de Nostra Dama, e que elles o sabião muito bem por o mesmo denunciado Manoel homem lho ter dito a elles muitas vezes e por ser cousa mui notoria naquella cidade antre as pessoas que conhecião ao denunciado, que por ser naquelle tempo fido a Amburgo, não pôde elle denunciante ver nem fallar com elle, mas que ficara muito scandalizado do caso, e assi mostravão estállo as ditas duas testemunhas referidas. E disse mais elle denunciante que tornando de Flandes a esta cidade e estando nella averá quatro annos pouco mais ou menos fora chamado do Bispo della para dizer o que sabia do dito caso por estar referido por testemunha pela dita Clara de Mendonça, molher do denunciado que delle denunciara, e diante do dito Bispo e de Bernabé Soares seu escrivão dissera elle denunciante o que sabia do dito caso a que se reportava. E assi disse mais que hum fulano, ferreira, armador de igrejas christão velho solteiro e morador nesta cidade e pessoa bem conhecida nella contara a elle denunciante que o denunciado fora preso em

porta do Licenceado Phelippe Thomas de Miranda da nasção natural de Lisboa advogado e casado nesta cidade e morador nella, passando a imagem de Christo Nosso Senhor no andor com a cruz ás costas, disserão o dito Phelippe Thomas e Francisco da Silva que dizião ser da nasção e casado em Lisboa com hũa filha de hum confeiteiro, e que hora lá residia, e Luis Alvares tambem da nasção natural da cidade do Porto solteiro e caixeiro de Manoel Rôiz Sanches da nasção morador nesta cidade rindo com sotaques e escarneos, que muito borrado vai o Christo, ou, como vai borrado, ou outras palavras semelhantes a estas em que o dito Luis Alvares não insistia tanto. E sendo perguntado pello senhor Inquisidor a que preposito dizião os denunciados as ditas palavras? Respondeo que por matraquearem ao dito Luis Alvares de não ter bem pintado o rosto da dita imagem, mas que a elle denunciante não parecera bem o sobre-dito. E não sabia se se escandalizárão disso Bernardo de Aguirre irmão d'elle denunciante, casado e morador na freiguezia de Paripe, duas legoas e mea desta cidade, e Dioguo de Sandoval seu cunhado casado e morador nesta cidade que se acharão presentes quando o caso aconteceo e o devião ver, e ouvir as ditas palavras, como elle denunciante, que estava presente vio e ouviu. E sendo perguntado á que horas acontecera o caso, e se os denunciados estavam em seu perfeito juizo ou costumavão a sair d'elle ou estavam zombando? Disse que o caso acontecera ás quatro horas e mea da tarde, e que conhecia muito bem aos denunciados e que entendia que elles estavam em seu perfeito juizo e entendimento por quanto não costumavão a sair d'elle e que já tinha dito o preposito a que se disserão as ditas palavras e não sabia da intensão dellas. E assi disse mais que sabia pello ver e ser notorio nesta cidade antre os vizinhos do dito Phelippe Thomas e antre muitas pessoas de sua conversação que o dito Phelippe Thomas e Duarte Alvares Ribeiro da nasção mercador casado e morador nesta cidade defronte do dito Licenceado Phelippe Thomas e Dioguo Pires Diamante da nasção feitor mor das fazendas de Vasco de Britto Freire, e morador nellas no Peroaçu no Rio de Capanema, e Matheus Lopes e Luis Lopes, irmãos, da nasção naturaes de Lisboa, junto do Pelourinho Velho, solteiros, mercadores e moradores nesta cidade defronte dos estudos deste Collegio, uzavão nella hum modo de fallar antre si muito escandalozo que elle denunciante lhes vio e ouviu uzar muitas vezes hũa em casa dos ditos denunciados Phelippe Thomas e Duarte Alvares Ribeiro aonde elle denunciante se

achara muitas vezes por conversação, e os mais denunciados, e outras vezes em casa do dito Capitão pay d'elle denunciante, aonde hão os denunciados muitas vezes, digo, declarou que em casa do dito seu pay não estava lembrado, mas que na do dito Phelippe Thomas e Duarte Alvares Ribeiro estava mui bem lembrado, que uzavão os denunciados a todas as horas em suas conversações o dito modo de fallar, que era perguntarem huns aos outros, que vay? e o outro respondia Pella hostia divina muita merda, ou por Jesu Christo muita merda, e outras juras nesta conformidade, o que trazião naquelle tempo entre sy mui uzado, perguntando huns aos outros, e respondendo rindo e guostando muito antre sy; e disse elle denunciante que segundo sua lembrança ouvira dizer a hum denunciado para o outro, nesta cidade e naquelle comenos, Sabeis que excellente modo de fallar traz agora Dioguo Pires Diamante? respondera o outro denunciado, que? e o outro lhe disse, perguntai-lhe que vay, e elle responde Voto a Christo muita merda. O que tudo elle denunciante pello ver e ouvir e se achar presente, e o ver e ouvir, sabia, e se scandalizara muito, por lhe soar muito mal. E sendo perguntado pello senhor Inquisidor se avia mais testemunhas do caso, e se reprehendera alguém aos denunciados, ou lhes approvara as ditas palavras e se sabia que os denunciados cu seus parentes fossem já penitenciados ou reconciliados pello Sancto Officio? Disse que Ignacio do Canto criado de Duarte Alvares Ribeiro denunciado, e Antonio Rõiz da nasção creado do dito Phelippe Thomas e casado, com huma sua anteadada poderião dizer das ditas palavras por se acharem muitas vezes presentes a ellas, e Dioguo do Sandoval cunhado d'elle denunciante casado e morador em Paripe e Bernardo de Aguirre, irmão d'elle denunciante todos christãos velhos, casado e morador na mesma freguezia, de Paripe, duas legoas e mea desta cidade. E disse que ainda que as ditas palavras erão muito scandalosas ninguem se atrevia a reprehender aos denunciados dellas por serem muito soberbos e poderosos na terra e que não sabia de mais do sobredito. E assi disse mais elle denunciante que aos oito dias deste mes presente estando no dito forte de Tapagipe sendo já de noite, dissera João Gomes, mulato forro solteiro armador de igrejas e morador detraz da hermidia de São Pedro mea legoa desta cidade em hũa roça que vira e ouvira dizer a Duarte Alvares Ribeiro denunciado estando nesta cidade na somana sancta da quaresma proxima passada na igreja de Nossa Senhora da Ajuda, olhando para huma imagem de

vulto de São Pedro, que se avia de por no Cenaculo como este villão roim apertaria hũa borracha no tempo em que era pescador. O que elle denunciante sabia por se achar presente e o ver e ouvir dizer ao dito mulato. E sendo perguntado como se achara elle denunciante e o dito mulato no dito forte? Disse que elle denunciante se achava no dito forte por de ordinario assistir nelle e que o dito mulato fora ahi ter por causa da festa de Nossa Senhora de Monserrate que se fazia junto do dito forte. E sendo perguntado que motivo tivera para fazer as ditas denunciações e se sabia de mais culpados em materia da fee e casos pertencentes ao Santo Officio? Disse que por desencarregar sua consciencia e por zello da Santa fee viera a esta mesa fazer as ditas denunciações bem e verdadeiramente e que não sabia de mais, e perguntado pello costume, disse que era amigo dos denunciados e que tinha dito a verdade. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres, Belchior Pires, e o Padre Balthesar da Costa sacerdotes deste Collegio que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assinarão aqui com o dito senhor Inquisidor e juntamente com o dito Dioguo Guonçalves Laço eu Manoel Marinho o escrevi. E declarou o denunciante que o dito Dioguo do Sandoval hera morador nesta cidade. Eu Manoel Marinho o escrevi. Dioguo Gonçalves Laço. Belchior Pires. Balthasar da Costa. Marcos Teixeira.

**Bento Sanches contra um clerigo pregador,
por alcunha o Mouco, Diogo de Albuquerque e Bar-
tholomeu Barbosa.**

Aos quinze dias do mes de setembro de mil seiscentos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Bahia de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia de polla manhã no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Bento Sanches meo da nasção de ydade de trinta e tres annos pouco mais ou menos solteiro filho de Alvaro Sanches da nasção, escrivão da chancellaria nesta cidade e nella mora-

dores. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual asi o prometteo. E disse que averia menos de seis meses que nesta cidade vindo elle denunciante hum dia á tarde do Mosteiro do Carmo em companhia do Licenceado João Alvares, Capellão da Cachoeira desta Bahia encontráráo com hum clérigo pregador que por alcunha chamão o Mouco, pessoa bem conhecida nesta terra e que morava a São Bento o qual hia para o Carmo, e olhando para as tres cruzes que estão no Campanario do mesmo mosteiro do Carmo lhe ouvira elle denunciante dizer, Tres Cruzes de tres ladrões, o que tambem lhe ouvio dizer o dito Licenceado João Alvares, segundo loguo o disse a elle denunciante espantando-se das sobre-ditas palavras. E sendo perguntado pello senhor Inquisidor se ouvera mais testemunhas do caso, e se ouvera escandalo d'elle e se alguem lhe reprehendera ou approvara as ditas palavras? Disse que não sabia mais que tanto que o denunciado dissera as ditas palavras se fora loguo pôr a fallar com tres homens marchantes que ahi estavam perto a sua porta, os quais não sabia elle denunciante se as ouvirião, e assi disse que o dito Licenceado João Alvares no instante que o caso acontecera dissera ao denunciado em modo de reprehensão, Senhor Padre, tres cruzes de tres ladrões? ao que o denunciado não respondera nada. E devia de ser por ser mouco, e não ouvir bem. E disse mais elle denunciante que era verdade que elle e o dito João Alvares se escandalizáráo das ditas palavras. E sendo perguntado se sabia o preposito a que as dissera o denunciado, e se por ventura as diria pelloos ditos tres marchantes, e se o denunciado era homem que estaria fora de seu juizo, ou costumava a sair d'elle? respondeo que não sabia o preposito a que dissera o denunciado as ditas palavras, mas que entendia que não forão por causa dos tres marchantes pois as dissera olhando para o campanario, e que segundo entendera do denunciado por elle denunciante e o dito seu companheiro fallarem loguo com elle, não estava fora de seu juizo. E assi disse mais elle denunciante que era verdade que nesta cidade averá tres meses pouco mais ou menos hum domingo á tarde á porta desta igreja fazendo-se doctrina, dissera a elle denunciante Agostinho de Gusmão castelhano morador na Capitania de São Vicente destas partes que ouvira dizer ao meirinho Dioguo d'Albuquerque da nasção casado e morador nesta cidade, que debaixo do céu fallava tanta verdade como os Evangelhos. E assi disse mais elle denun-

ciante que averia tres annos pouco mais ou menos que no Rio Vermelho perto de hũa legoa desta cidade na fazenda que foy de Manoel Gomes Victoria praticando elle denunciante com Bertholomeu Barbosa natural d'Alentejo casado e morador em Boypeba desta Bahia lhe dissera o dito Bertholomeu Barbosa, que consentir pensamentos não era peccado mortal. E sendo perguntado pello senhor Inquizidor a que proposito succedera o caso e se avia mais testemunhas d'elle, e ouvera escandalo e se alguém fora á mão ao denunciado, ou lho approvara? Disse que succedera o caso a proposito de estarem praticando em materia da confissão, e que a molher do denunciado se achara presente ao caso, e que elle denunciante dissera loguo que consentir pensamentos era peccado mortal e o denunciado não insistira mais no que tinha dito e mostrou aquietar se por elle denunciante lhe dizer que o tinhamos de fee, mas que contudo elle denunciante não deixou de ter algum escandalo cuidando depois nisso. E sendo perguntado por que razão se achara quando o caso aconteceu em casa do denunciado, e se sabia a que horas acontecera e se estava o denunciado em seu juizo ou fóra d'elle, ou costumava a sair d'elle? Disse que por ser amigo e vizinho do denunciado o fora antão visitar, e que o caso acontecera pela manhã, e que lhe parecia que o denunciado estava em seu juizo e não costuma sair d'elle, o que elle denunciante sabia pello conversar ha muito tempo. E sendo perguntado pella razão de como soubera do caso, disse que por se achar presente e o ouvir dizer ao denunciado como tem acima declarado. E sendo perguntado se sabia que o denunciado ou algum parente seu fosse já penitenciado ou reconciliado pello Santo Officio, ou se andara por terras de herejes ou conversara com elles? Disse que não sabia mais do que tem dito e do costume disse nada e que era amigo do dicto Bertholomeu Barbosa mas que tinha dito a verdade. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e Religiosos Padres, Belchior Pires e o Padre Balthesar da Costa sacerdotes deste collegio que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assinarão aqui com o dito senhor Inquizidor e juntamente com o dito Bento Sanches e eu Manoel Marinho o escrevi. Bento Sanches. Balthasar da Costa. Belchior Pires. Marcos Teixeira.

Manuel Pacheco de Brito, cuja denunciação não foi transcripta, porque o escrivão, pela semelhança dos nomes, a confundiu com a seguinte, de Manoel Pacheco de Sousa.

Aos quinze dias do mes de setembro de mil seiscentos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Baya de Todos os Santos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia de polla manhã no tempo da Graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Manoel Pacheco de Sousa, christão velho de ydade de sinquenta e sete annos fidalgo da Casa de Sua Magestade, e casado e morador nesta cidade. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento cs Santos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assy o prometteo. E disse que era verdade que por desencarregar sua consciencia e satisfazer com o mandado no Edicto da fee, e não por outro respeito algum vinha a esta mesa a denunciar bem e verdadeiramente dos casos que lhe tinham vindo a sua noticia, e em comprimento disto. Declaro que não se continuou com *esta denunciação porque ho denunciante era o da denunciação* logo abaixo escripta e pella semelhança dos nomes pareceo que o conteudo no memorial em que se tomarão as denunciações era Manoel Pacheco de Britto, sendo o Licenceado Manoel Pacheco de Sousa, conteudo na denunciação abaixo escripta. Eu Manoel Marinho o escrevi.

Manuel Pacheco de Sousa contra Pero Garcia, o licenciado Felipe Thomaz, o licenciado Manuel Ferreira de Figueiredo e o padre Jeronymo de Lemos.

Aos quinze dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Baya de Todos os Santos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia de polla manhã no tempo da Graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado o Licenceado Manqel Pacheco de Sousa christão velho, de ydade de trinta e oito annos pouco mais ou menos solteiro

natural da Ilha de São Miguel Advogado e morador nesta cidade e sendo presente para em tudo dizer verdade ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assy o prometteo. E disse que era verdade que averia tres ou quatro meses que dissera a elle denunciante hum Gaspar Afonso christão velho,, natural destas partes e morador mea legoa desta cidade para a parte do Rio Vermelho, que sabia testemunhas de como Pero garcia que dizem ser da nasção por parte de seu pay e he senhor de quatro engenhos de açúcar casado e morador nesta cidade, comettia o peccado nefando de sodomia com hum moço de quatorze ou quinze annos natural de Vianna e com hum mulato seu por nome Joseph, e declarou que isto lhe dissera o dito Gaspar Afonso aconselhando-se com elle denunciante sobre se tinha obrigação de denunciar do caso. E assi disse mais o denunciante que se dizia nesta terra comumente que o Licenceado Phelippe Thomas da nasção natural de Lisboa Advogado casado e morador nesta cidade viera de Pernambuco a ella preso pello dito peccado nefando; e que o Licenceado Manoel Ferreira de Figueiredo que dizem ter raça da nasção por parte de seu pay, e he natural de Tavarede abaixo de Montemór Velho no Reino, solteiro, advogado e morador nesta cidade commettia o mesmo peccado nefando com hum filho do Licenceado Ruy Mendes de Abreu que hora serve de Chanceller nesta Relação, ao qual elle denunciante não sabia o nome, mas sabia que se murmurava que nesta cidade commetião o dito peccado, o dito Licenceado Manoel Ferreira com o dito complice. E assi disse mais que era verdade que ouvira dizer a Gaspar da Costa christão velho casado, e morador na freguezia de Mattoim que o Padre Hieronimo de Lemos dissera em hũa estação que quando São Pedro dera a cutilada a Malco estava com duas gotas, dando a entender que estava São Pedro tomado do vinho. E assi mais que o dito Padre dissera que o matrimonio sem filhos era maldito. E sendo perguntado pello Senhor Inquisidor se sabia que os ditos denunciados fossem já presos ou penitenciados pellos ditos casos, ou por outros alguns pertencentes ao Santo Officio, e se sabia de mais culpados? Disse que não sabia mais do que tem dito. E do costume disse nada. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e Religiosos Padres Dominguos Coelho e o Padre Manoel do Couto sacerdotes deste Collegio que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão

suas mãos e assinárão aqui com o dito senhor Inquisidor e juntamente com o dito Manoel Pacheco de Sousa eu Manoel Marinho o escrevi. Manoel do Couto — Domingos Coelho — Manoel Pacheco — Marcos Teixeira.

Padre Francisco Ribeiro contra o Padre Antonio Viegas.

Aos quinze dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Baya de todos os Sanctos na Igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia de polla manhã no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser shamado o Padre Francisco Ribeiro christão velho de ydade de sincoenta annos, natural desta Baya, quoadjutor na sé desta cidade e Capellão da Rellação della, e sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo, lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que poz a mão sob cargo do qual assim o prometteo. E disse que era verdade que nesta cidade averia quinze dias pouco mais ou menos que o Padre Mathias de Borba cura da igreja da Conceição na praya desta cidade dissera a elle denunciante que ajudando a missa ao Padre Antonio Viegas cura da Sé desta Baya depois de levantar a hostia a consagrara ao tempo de a consumir, e que andava diante do Santissimo Sacramento com irreverencia notavel, e que fazia humas ceremonias extraordinarias quando consagrava e que repetia muitas vezes as palavras da consagração como que duvidava dellas, o que dava grande escandalo. E assi disse mais elle denunciante que vira fazer ao denunciado as sobreditas cousas na dita Sé desta cidade alguãs vezes, e que ainda hoje as fazia, e que ha fama nesta terra ter o denunciado raça da nasção por parte de sua mãy. E sendo perguntado pelo senhor Inquisidor se avia mais testemunhas do caso, e se o denunciado era homem de bom entendimento e se sabia se fora já denunciado pello caso ou por alguns outros? Disse que podião ser testemunhas do caso o Licenceado Daniel do Lago que dizem ser da nasção e he Thezoureiro da dita See e o Padre Pedro Leal capellão da Mise-

ricordia desta cidade e o Padre Gaspar Rõiz capellão da See e o conego Dioguo Lopez. E que sabia por conhecer bem ao denunciado que he homem de bom entendimento e agraduado em Artes, e que não sabia se fôra já denunciado pelos ditos casos. E perguntado pelo costume, disse que erão amigos e companheiros na dita See, e que com zello da Sancta fee e por descarregar sua consciencia viera a esta meza fazer esta denunciação. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres Manoel Sanches e o Padre Balthasar Fernandes sacerdote deste Collegio que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assinarão aqui com o dito Inquisidor e juntamente com o dito senhor Inquisidor e juntamente com o dito Padre Francisco Ribeiro. Eu Manoel Marinho o escrevi. — O Padre Francisco Ribeiro — Gaspar Fernandes — Manoel Sanches — Marcos Teixeira.

Francisco da Fonseca contra Jeronymo Nunes.

Aos quinze dias do mes de Septembro de mil seiscentos e dezoito annos, em a cidade do Salvador da Baya de Todos os Sanctos na Igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahí em audiencia da tarde no tempo da Graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira, perante elle appareceo sem ser chamado Francisco da Fonseca christão velho de ydade de sessenta para setenta annos pouco mais ou menos, veuvo, natural de Pernes, no Reino, e morador em Mattoim sinquo legoas desta cidade: E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Santos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que averá doze annos pouco mais ou menos que no tempo da Quaresma a hum dia pella manhã estando elle denunciante na freguesia de Passé seis ou sete legoas desta cidade e indo de sua casa para a Igreja a ouvir missa passara pelo engenho d'açucar de Luiz Vaz de Paiva da nasção que está perto do caminho por causa de chamar hum mancebo seu conhecido para

ir também á missa, achara na casa do dito seu conhecido a Hieronimo Nunes da nasção solteiro que naquelle tempo seria de ydade de vinte annos e não sabia de que parte era natural mais que ser do Reino e ser sobrinho do dito Luis Vaz de Paim natural de Serpa em Alentejo solteiro que agora dizem que he passado ao Reino e casado na dita villa de Serpa, e de Manoel Nunes Miplate também da nasção natural da dita villa solteiro pessoa muito conhecida nesta terra e morador nella; o qual Hieronimo Nunes sabe elle denunciante por se achar presente e o ver e ouvir que indo o denunciado Hieronimo Nunes em companhia delle denunciante e de seu conhecido Antonio João no mesmo dia para a dita igreja de Passé fora comendo canas de açúcar até junto da igreja e depois de entrar nella se tornara a sair pela porta travessa donde entrara e fora a casa tomar capa ou alguém lha emprestara e entrando na dita igreja por huã porta que a sancristia avia de ter para a capella môr e se pozera á mesa onde se estava dando o Santissimo Sacramento aos confessados pela obrigação da quaresma e comungara juntamente com as mais pessoas que estavam á mesa. E vendo elle denunciante e o dito Antonio João o que passava no caso, se forão ao denunciado e diante de todas as pessoas que estavam na igreja publicarão loguo como o denunciado tinha comido antes de comungar e o reprehenderão gravemente em alta voz dizendo lhe que Diabo o tomara para fazer cousa tão mal feita, e também se agastara e o reprehendera muito o Padre que lhe dera a comunhão que se chama Antonio Vaz o qual ainda hoje he vigario da dita freguesia de Passé, do qual caso ouvera grandissimo escandalo. E assi disse mais elle denunciante que segundo o dito Antonio João lhe afirmou já o denunciado tinha comido humas bananas em casa do dito Antonio João e lhe tinha dito que hia almoçado, tudo no dito dia antes de comungar. E declarou, que o dito Antonio João he christão velho e natural das partes de Vianna no reino e lá casado e hora reside nesta terra no Engenho que he de Paulo de Mesquita e de Estevão de Britto aonde vendia vinho. E sendo perguntado pello senhor Inquisidor se sabia se o denunciado estava em seu juizo quando o caso aconteceu, ou se costumava a sair delle? Disse que pollo que passara com elle no caminho e em casa do dito Antonio João na manhã em que aconteceu o caso, lhe parecia que o denunciado estava em seu perfeito juizo e sabia elle denunciante por o conhecer e tratar e ser seu vizinho, que não costumava sair do seu juizo, E en-

tendimento, quanto mais que não entrar o denunciado pella porta por onde entrava toda a gente a comungar, denotava fazello de pensado e com malicia. E sendo perguntado que testemunhas mais avia do caso e se o denunciado fora penitenciado ou reconciliado pello Santo Officio, ou alguns parentes seus e se sabia de mais culpados em erros contra a fee ou casos do Sancto Officio? Disse que muitas pessoas se acháráo presentes ao caso mas que não estava lembrado dos nomes dellas e que do sumario que o Deyão já defuncto fizera sobre o caso constaria das mais testemunhas de vista, e que não sabia de mais. E perguntado pello costume, disse nada, e que sómente por descarregar sua consciencia viera a esta mesa denunciar bem e verdadeiramente. Estiverão a tudo presentes pessoas honesta e religiosos Padres que digo Manoel Sanches e o Padre Balthesar Fernandes sacerdotes deste Collegio da Companhia que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assinarão aqui com o dito senhor Inquisidor e juntamente com o dito Francisco da Fonseca. Eu Manoel Marinho o escrevi. — Uma cruz de Francisco da Fonseca — Manoel Sanches — Gaspar Fernandes — Marcos Teixeira.

Balthazar Pedro contra Manuel de Gallegos e Francisco Mendes.

Aos quinze dias do mes de Setembro de mil seiscientos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Baya de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesus em audiencia da tarde no tempo da graça estando ahi o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Balthesar Pedro christão velho de ydade de quarenta e sinquo annos natural das Duas Igrejas de Santo Adrião de Canas bispado do Porto, e lá casado residente nesta Baya em Paripe feitor de Francisco Barbuda juiz que hora he desta cidade: e sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que elle

por descargo de sua consciencia e não com outro motivo denunciava nesta Mesa bem e verdadeiramente de Manoel de Galegos da nasção solteiro natural de Lisboa e morador nesta cidade que será de idade de trinta annos pouco mais ou menos, sobrinho de Simão Nunes de Mattos da nasção natural de Lisboa casado e morador em Maré tres ou quatro legoas desta cidade, o qual denunciado Manoel de Gallegos residio algum tempo em Jacuruna dez legoas desta cidade em huma fazenda do dito seu tio. E assim mais disse que denunciava de Francisco Mendes da nasção natural de Lisboa solteiro, parente tambem do dito Simão Nunes de Mattos, e ambos mercadores nesta cidade convem a saber os denunciados, por que sabia elle denunciante por se achar presente e o ver e ouvir que os ditos denunciados ha mais de dous annos tinham na dita fazenda de Jacuruna uma egoa côr de cinza cega de hum olho, a qual os ditos denunciados chamavão de ordinario Maria parda, e algumas vezes lhe perguntarão a elle denunciante por ella, dizendo, Vistes lá a nossa Maria parda? A que elle denunciante ficara muito scandalizado vendo que punhão o nome da Virgem Nossa Senhora a huma besta com tão grande desacato e irreverencia. E sendo perguntado elle denunciante pello senhor Inquisidor que causa tivera para se achar na dita fazenda e saber do caso e se ouvera mais testemunhas delle? Disse que por residir naquelle tempo na fazenda que foy de Gaspar Dias Cardoso já defuncto que era vizinho da fazenda onde o caso aconteceu e por a dita egoa ir pastar a fazenda do dito Gaspar Dias Cardoso, e por os denunciados que erão vizinhos a irem lá buscar muitas vezes como elle denunciante por ser vizinho hia muitas vezes á sobredita fazenda onde elles denunciados residião. E quanto ás testemunhas do caso disse elle denunciante que o poderião ser Dmoinguos Jorge christão velho, natural das Raãs bispado do Porto solteiro feitor que hora hera de Dominguos Fernandes, christão velho, casado e morador em Jacuruna e João Fernandes ferreiro christão velho flamengo solteiro e ahi mesmo morador, e Gaspar da Costa christão velho solteiro que está na dita fazenda que foy de Gaspar Dias no dito Jacuruna os quais todos erão testemunhas de credito. E sendo perguntado se sabia se os denunciados foram já penitenciados ou reconciliados pelo Sancto Officio ou alguns parentes seus ou se sabia de mais culpados em erros contra a fee, ou em casos pertencentes ao Sancto Officio? Disse que não sabia mais do que tem dito. E perguntado pelo costume e se sabia se se denun-

ciara já do caso? Disse do costume nada, e que não sabia se alguém teria denunciado já do caso. E sendo perguntado se os denunciados estavam em seu juízo perfeito quando dizião as ditas palavras ou se costumavão a sair delle, e assi que ydade teria o dito denunciado Francisco Mendes? Respondeo que os denunciados andavão em seu juízo perfeito e não costumavão a sair delle segundo elle denunciante sabia por ser seu vizinho e os ver e tratar muitas vezes e que o dito Francisco Mendes seria da mesma ydade do outro denunciado a saber de trinta annos pouco mais ou menos segundo mostravão nos aspectos. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos padres Manoel Sanches e o Padre Balthesar Fernandes sacerdotes deste Collegio da Companhia que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado, e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assinarão aquí com o dito senhor Inquisidor e juntamente com o dito Balthesar Pedro que fez o seu sinal por não saber escrever. Eu Manoel Marinho o escrevi. — Balthesar Fernandes — Manoel Sanches — Uma cruz de Balthesar Pedro — Marcos Teixeira.

**Antonio Ferreira contra Gonçalo Corrêa e
João Garcia.**

Aos quinze dias do mes de Septembro de mil seiscentos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Bahia de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesus estando ahi em audiencia da tarde o senhor Inquisidor Marcos Teixeira no tempo da Graça perante elle appareo sem ser chamado Antonio Ferreira christão velho de ydade de vinte e oito annos mais ou menos natural da Arrifana de Sousa bispa do Porto, e lá casado, e he ferreiro e residente no engenho de João Ramos Pereira em Sergipe do Conde doze legoas desta cidade, e sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foi dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que elle denunciante sabia por se achar presente e o ver e ouvir que averá dous annos e meyo pouco mais ou menos que acham-

do-se elle denunciante na ilha de Taparica nesta Baya tres legoas desta cidade em casa de Guonçallo Correia christão velho vendeiro de vinhos, na dita ilha onde elle denunciante se achara por causa de vir do engenho do dito João Ramos Pereira para esta cidade e passar pella dita ilha sendo já mea hora da noite e antes de cear, disserão o dito Guonçallo Correia e João Garcia mestre de açúcar christão velho que hora está casado nesta cidade e hora reside em Peroaçu no engenho de Belchior Brandão, que dormir carnalmente com huma mulher solteira ou com uma negra não era peccado mortal. E indo lhe elle denunciante á mão dizendo que não dissessem aquillo por que não era assi, que a fornicção simplex era peccado mortal insistirão e perfiarão os denunciados no que dantes tinham dicto affirmando o por algumas vezes sem jamais se arrependarem. E sendo perguntado pelo senhor Inquisidor se quando o caso aconteceo estavam os denunciados em seu perfeito juizo ou se costumavão a sair delle, e se ouvera mais testemunhas, ou se alguém approvara ou louvara o que os denunciados disserão, ou se scandalizara disso? Respondeo que segundo lhe parecera antão entendera que os denunciados estavam em seu perfeito juizo, e que era verdade que elle denunciante se scandalizara das ditas palavras dos denunciados por serem contra o que crê e ensina a Sancta Madre Igreja, e as testemunhas que se acharão presentes ao caso forão hum mancebo por nome João Luis, christão velho solteiro natural da villa de Guimarães que hora dizem que reside nos Ilheos trinta legoas desta cidade onde estaa por feitor de Francisco Dias da Ilha morador nesta cidade, e mais outras pessoas que elle denunciante não conhecia. E sendo perguntado se sabia se os denunciados forão já penitenciados ou reconciliados pelo Sancto Officio e se sabia de mais outros culpados em erros contra a fee, e casos do Sancto Officio, e perguntado pello costume? respondeo que não sabia mais do que tinha dicto e do costume nada. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres Manoel Sanches e o Padre Balthesar Fernandes sacerdotes deste Collegio que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assinarão aqui com o dito senhor Inquisidor e juntamente com o dito Antonio Ferreira. Eu Manoel Marinho o escrevi. — Balthesar Fernandes — Manoel Sanches — Antonio Ferreira — Marcos Teixeira.

Sebastião Barreto contra Gaspar Rodrigues.

Aos quinze dias do mes de Septembro de mil seiscentos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Baya de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia da tarde no tempo da Graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceu sem ser chamado Sebastião Barreto, christão velho de ydade de sinquoenta e nove annos natural de Fronteira em Alentejo, casado e morador na Enseada de Jacaracanga desta Baya e hi lavrador de canas e sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pôs a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que averá tres ou quatro annos segundo sua lembrança que nesta cidade estando elle denunciante na claustra do Mosteiro de São Francisco aonde fora fallar com hum frade seu confessor, entrara Gaspar Rôiz da nasção que não sabia donde era natural mas era solteiro e residia nesta cidade em casa de seu tio Luis Vaz de Paiva da nasção mercador que hora he passado ao Reino e dizem estar casado na villa de Serpa em Alentejo, e perguntando a elle denunciante se esperava por confessor, lhe respondera que si, ao que replicara o dito Gaspar Rôiz que as confissões a meudo não erão boas senão de quatro em quatro annos ou de sinquo em sinquo annos. E assi mais lhe dissera o dito denunciado fallando do bemaventurado São Francisco, que fôra o Santo humas certas legoas por ver humma molher fermosa. Ao que tudo elle denunciante lhe fora á mão e ficara scandalizado em tanto, que logo na mesma tarde fôra denunciar delle diante do bispo Dom Constantino Barradas que mandou tomar denunciação por hum seu criado que chamão João da Cunha, casado e morador nesta cidade, á qual denunciação disse que se reportava. E sendo perguntado pello senhor Inquisidor se ouvera escandalo do caso e se ouvera mais testemunhas e alguem que approvasse ou louvasse as ditas palavras do denunciado? Disse que se achara presente hum homem da Companhia do denunciado, mas que não estava lembrado do nome delle, e que na dita denunciação pôde ser que esteja, nem estava elle denunciante lembrado de mais do que tem dito. E sendo perguntado se depois que fora á mão ao denunciado, insistira no que de antes tinha dito, e se estava fôra de seu juizo ou costumava a sair delle, ou fora já reconciliado ou penitenciado pello Sancto Officio ou algum parente seu? Disse que no particular da confissão segundara o denun-

ciado depois de elle denunciante lhe ir á mão, e que não entendera do denunciado senão estar em seu juizo perfeito, e que não sabia que costumasse a sair d'elle ainda que havia tempo que o conhecia e tratava, e que do mais não sabia nada. E perguntado se sabia de mais culpados em erros contra a fee e casos pertencentes ao Sancto Officio? Disse que não sabia de mais, e do costume disse nada. E assi disse mais elle denunciante que sabia pello ver e ser notorio em toda esta Baya que os Negros que vem de Guiné fazem ao tempo que tirão o doo por alguma morte huma superstição matando alguns animaes e untando se com o sangue delles e dizendo que antão sobe a alma ao céu, o que dá escandalo e são testemunhas do caso os moradores de Jacaracanga e de Mattoim. E sendo perguntado se sabia em particular que negros erão comprehendidos no caso? Disse que ao presente não estava lembrado, mas que Simão d'Araujo christão velho casado e morador em Mattoim desta Baya daria relação do caso e de alguns culpados nelle. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e Religiosos Padres, Manoel Sanches e o Padre Balthezar Fernandes, sacerdotes deste Collegio da Companhia que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assinarão aquí com o dito senhor Inquisidor e juntamente com o dito Sebastião Barreto. Manoel Marinho o escrevi. Manoel Sanches. Balthesar Fernandes. Sebastiam Barreto. Marcos Teixeira.

Magdalena de Góes contra o Padre Balthezar Marinho.

Aos dezaseis dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Baya de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesus estando ahi em audiencia de polla manhã no tempo da Graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamada Madalena de Goes, dona vêuva christã velha natural desta Baya molher que foy de Francisco Soares de Morim christão velho já defuncto e moradora em Tapoaã

tres legoas desta cidade. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assy o prometteo. E disse que ella denunciava bem e verdadeiramente do Padre Balthesar Marinho clérigo de missa, vigairo de Jaguaripe, nesta Baya, porque averá sinquo ou seis annos segundo sua lembrança que na hermidia de São Francisco que está na fazenda que tem o Bispo desta cidade na Tapoaã sendo capellão da dita hermidia o dito Padre Balthesar Marinho e confessando se ella denunciante a elle, a commettera no acto da confissão para dormir com elle carnalmente, de que ella denunciante ficara scandalizada, e não se quizera mais confessar a elle. E assi disse mais ella denunciante que era verdade que hum seu filho por nome Manoel de Macedo, estudante averá quatro annos pouco mais ou menos que sendo de ydade de quatorze annos o commettera o denunciado para o peccado nefando de sodomia, e que averá nove ou dez annos que o mesmo denunciado commettera para o mesmo peccado a Paschoal Soares já defuncto filho della denunciante, como os ditos seus filhos contárão a ella denunciante que dos ditos casos se scandalizou muito; e delles e de outros casos semelhantes declarou ella denunciante que o Bispo desta cidade tinha feito sumario de testemunhas. E sendo perguntada ella denunciante se avia mais testemunhas dos casos que denunciou, e se quando o denunciado a commettera na confissão estava em seu juizo ou estava fóra d'elle? Disse que quando o denunciado a commettera como tem dito fóra pella manhã antes de dizer a missa que depois disse, e que a hum dos ditos seus filhos commettera depois do jantar e a outro ha noute depois de cear, e que segundo dizem, o denunciado se toma algumas vezes do vinho; e assi disse ella denunciante que era verdade que averá sinquo ou seis annos que na mesma Tapoaã disserão a ella denunciante Maria das Neves, molher casada, christã velha e Hieronima Gramaxa christã velha, e casada já defunctas moradores que forão na dita Tapoaã que o dito denunciado as commettera tambem no acto da confissão para o peccado da deshonestidade e que destas cousas poderá ser testemunha humma mulata por nome Luzia Pereira casada com Domingos Gonçalves vendeiro de vinho na Tapoaã e que não sabe de mais testemunhas. E perguntada pello costume disse nada e que só por descargo de sua consciencia tinha denunciado e dito a verdade do que sabia. Estiverão a tudo presentes pessoas

honestas e Religiosos Padres Belchior Pires e o Padre Balthesar de Serqueira sacerdotes deste Collegio que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Santos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assinarão aqui com o senhor Inquisidor e juntamente com a dita Magdalena de Goes. Eu Manoel Marinho o escrevi. Digo por a denunciante não saber escrever fez o seu sinal. Manoel Marinho o escrevi. Uma cruz de Magdalena de Goes — Balthesar de Serqueira — Belchior Pires — Marcos Teixeira.

João Garcez contra Domingos Gomes Pimentel, um sobrinho de Luis Vaz de Paiva, um filho de Antonio Baldaya, um filho de Francisco Lopes Girão, licenciado Manuel Ferreira e um filho do licenciado Ruy Mendes de Abreu.

Aos dezaseis dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Baya de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesu estando ahi em audiencia de polla manhã no tempo da Graça o senhor Inquisidor Marcces Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado João Garces, christão-velho de ydade de sessenta e quatro annos pouco mais ou menos natural da cidade do Porto e cidadão della, e desta onde he casado e morador. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento aos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que sabia por se achar presente e o ver que em dia da Ascensão pella manhã que esta proxima passada fez dous annos na freiguezia de São Bertholomeu de Pirajá desta Baya comungara na dita igreja Domingos Gomes Pimentel christão velho natural desta Baya que servio já de Capitão do Campo e morava junto desta cidade tendo almoçado antes de comungar segundo disse a elle denunciante no mesmo dia hum filho de Manoel de Miranda que por nome não perca, morador na dita freiguesia e elle denunciante loguo em acontecendo o caso disse ao denunciado que fosse aconselhar-se com o Vigario o qual assi o fez e se disse geral-

mente que o denunciado se viera acuzar diante o bispo desta cidade. E assi disse mais que era verdade que segundo sua lembrança averá nove ou dez annos que nesta cidade se disse geralmente que hum sobrinho de Luis Vaz de Paiva da nasção comera hum galinha antes de comungar e que disto se livrara diante o Ordinario desta cidade. E assi disse mais que hum filho de Antonio Baldaya, casado e morador nesta cidade e nella solicitador estivera preso pello Ordinario averá quatro ou sinquo annos segundo sua lembrança por se dizer geralmente que estava culpado em por a coroa de cornos na cruz e que fugira da cadeia; e que pello mesmo caso fora tambem preso hum filho mais velho de Francisco Lopes Girão da nasção por parte de sua mãe o qual Francisco Lopes Girão he mercador, digo, morador e casado em Cotegipe desta Baya. E declarou elle denunciante que Luis Vaz de Paiva e o dito seu sobrinho denunciado erão ambos da nasção e o Luis de Paiva fora mercador nesta cidade solteiro, e tivera engenho de açucar e são idos desta terra e dizem que para Gulfõ. E os mesmos dous denunciados se dizia geralmente nella que andarão com hum crucifixo que furtarão do altar de São Guonçallo da hermidia de Nossa Senhora da Ajuda desta cidade e andarão com elle pedindo barato por escarnio a quem estava jugando. E assi disse mais que era verdade que sabia pello ouvir dizer nesta cidade a muitas pessoas de que não estava lembrado, que o Licenceado Manoel Ferreira advogado que traz hum olho de vidro solteiro e morador nesta cidade commettia o peccado nefando de sodomia com hum filho do Licenceado Ruy Mendes d'Abreu Dezembargador desta Relação e que hora servia nella de Chanceller, e que prenderão hum mulato do dito Licenceado Manoel Ferreira por o intimarem que os não descobrissem. E disse elle denunciante que dos sobreditos casos ouvera grande escandalo nesta terra. E sendo perguntado que pessoas sabião mais delles e se os denunciados erão pessoas de entendimento e costumavam a sair de seu juizo? Disse que lhe não lembrava mais do que tem dito, e que os denunciados erão pessoas tidas e avidas por cezudas e de entendimento. E perguntado pello costume disse nada; e que era verdade que o dito Dezembargador o mandara prender a elle denunciante e meter em hum enxovia sobre o pagamento de hum quartel de seu ordenado sem ter ordem para isso, e que ficara scandalizado delle, mas que tinha dito a verdade. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres Belchior Pires e o Padre

Balthazar de Serqueira, sacerdotes deste Collegio da Companhia que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que poserão suas mãos e assinarão aqui com o dicto João Garces. Manoel Marinho o escrevi. Joam Garces — Balthesar de Sequeira — Belchior Pires — Marcos Teixeira.

Antonio de Aguiar Daltro contra Adão Gonçalves e Antonio Mendes Beiju'.

Aos dezaseis dias do mes de setembro de mil seiscentos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Baya de Todos os Santos na igreja do Collegio da Companhia de Jesus estando ahi em audiencia de polla manhã no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Antonio d Aguiar Daltro christão velho de ydade de quarenta e sinquo annos pouco mais ou menos natural desta Baya, casado e morador em Mattoim lavrador de mandioca. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pôs a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que sabia por se dizer commumente na dita freiguesia de Mattoim que hum mancebo mamaluco por nome Adam Guonçalves christão velho que hora he soldado no forte de Tapagipe desta Baya e filho natural de Pero Guonçalves por alcunha o torto lavrador nos limites de Cotegipe e ahi casado sendo creado do dito digo de Henrique Monis Telles christão velho, casado e morador no dito Mattoim, tirara por seu mandado o retrato de Anna Rõiz sogra do dítto Henrique Monis que fora queimada em Portugal por hereje apostata da nossa Santa Fee; o qual retrato tirara da porta principal da igreja do dito Mattoim aonde estava posto por mandado do Santo Officio averá segundo sua lembrança doze ou treze annos pouco mais ou menos de que ouve grande escandalo em os christãos velhos daquella freiguesia; o que elle denunciante sabia porque indo naquelle tempo á dita igreja em hum domingo polla manhã avia antre os freigueses grande murmuração de se ter tirado o dito re-

trato que ante manhã se tinha posto na porta da Igreja, de modo que quando os freigueses forão para ouvir missa já o não acharão posto e elle denunciante vio a porta da dita igreja sem elle; do qual caso disse elle denunciante que poderião ser testemunhas João Francisco casado Simão Guonçalves, casado, Sebastião Barreto, Gaspar da Costa todos christãos velhos casadôs e moradores na dita freiguesia e o Padre que antão morava, digo curava nella do qual não estaa lembrado. E disse mais elle denunciante que se dizia geralmente nesta Bahia que Antonio Mendez por alcunha o Beiju mercador casado e morador nesta cidade o qual he christão novo por nasção e por tal tido e avido nesta terra o que elle denunciante sabia por ser notorio nella e o conhecer ha muitos annos por serem ambos naturaes della, dissera que sabia mais que os Anjos, e que se soubera que tinha alguma cousa de christão velho se lançaria no mar ou a metteria no fogo? E sendo perguntado pello senhor Inquisidor se ouvera escandalo das ditas palavras e se os denunciados estavão fora de seu juizo ou costumavão a sair delle? Disse que não podia deixar de aver grande escandalo dos ditos casos, e que não sabia que os denunciados costumassem a sair fóra de seu juizo antes lhe parecia que elles peccarão mais de malicia, que por falta de entendimento. E sendo perguntado pello costume e se sabia de mais culpados em erros contra a fee e casos pertencentes ao Sancto Officio? respondeo do costume nada e que não sabia de mais culpados. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres Manoel Sanches e o Padre Balthesar de Sequeira, sacerdotes deste Collegio que tudo ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pozerão suas mãos e assinarão aqui com o dito Senhor Inquisidor e juntamente com o dito Antonio d Aguiar Daltro. Manoel Marinho o escrevi. Manoel Sanches — Balthesar de Sêqueira — Antonio d Aguiar Daltro — Marcos Teixeira.

**Gaspar Affonso contra Pedro Fernandes
Raphael, Luis Lopes Paredes, Diogo e Henrique Fer-
nandes, Diniz Bravo, Luis Vaz de Paiva, Jeronymo
Nunes, Padre Antonio Netto e Pero Garcia.**

Aos dezaseis dias do mes de setembro de mil seiscen-
tos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Baya de Todos
os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesus es-
tandô ahi em audiencia de polla manhã no tempo da graça o
senhor Inquisidor Marcos Teixeira, perante elle appareceo sem
ser chamado Gaspar Afonso christão velho de ydade de trinta
e quatro annos solteiro, natural desta cidade e morador na es-
trada que vai para o Rio Vermelho. E sendo presente para em
tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos
Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi
o prometteo. E disse que averá oito ou nove annos que corren-
do elle denunciante em mui estreita amisade com Matheus de
Sousa da nasção natural da cidade do Porto segundo sua lem-
brança, solteiro de ydade de vinte e sinquo annos que antão
morava nesta cidade em casa de seu tio Pedro Fernandes Ra-
phael da nasção já defuncto e agora era morador em Sergipe
del Rey, e dizendo-lhe a elle denunciante o dito Matheus de
Sousa que o dito seu tio fechava de noite em hũa logea sua com
Luis Lopes de Paredes tambem da nasção, e ahi estavam até
mea noite escrevendo em hum livro grande, lhe dissera elle
denunciante que seria o livro de contas que fazião, e o dito Ma-
theus de Sousa respondera, que não era senão o livro da con-
fraria dos Judeus, E sendo perguntado elle denunciante pello
senhor Inquisidor que homens erão o dito Pero Fernandes Ra-
phael e Luis Lopes de Paredes e se os conhecia bem? Disse
que os conhecia de muitos annos por ser natural desta terra e
elles serem moradores nella e pessoas mui conhecidas, e que o
dito Pero Fernandes Raphael era natural da cidade do Porto,
e vivia nesta casado tratando com seu dinheiro e deixou quatro
filhas convem a saber, Isabel d'Araujo que hora he viuva e
moradora no Rio de Janeiro e Ilena de Fontes casada e mora-
dora em Sergipe d El Rey e Catherina d'Araujo casada com
Antonio da Costa nesta cidade. E o dito Luis Lopes de Paredes
sirgheiro em Lisboa e depois foi casado e morador e merca-
dor nesta cidade, e agora era lavrador de canas de açúcar na
Hipioca desta Baya. E assi disse mais o denunciante que averá
seis ou sete annos que nesta cidade estando elle denunciante

homisiado em casa de Pero Garcia casado e morador nesta Baya e senhor de quatro engenhos de açúcar e fazendo-lhe hũas contas de sua fazenda, achara no escriptorio do dito Pero Garcia hũa carta aberta que mostra ser de Dioguo Fernandes da nasção e ser escripta a seu irmão Henrique Fernandes já defuncto tambem da nasção que fora solteiro e morador nesta cidade; a qual carta mostrava ser escripta da cidade de Piza em Italia. E dizia nella o dito Dioguo Fernandes ao dito seu irmão, que lhe pedia muito que se fosse para a dita cidade fazer o que Deus mandava porque sem fazer a dita viagem se não podia salvar, e que quando lhe escrevesse, fosse por via de Diniz Bravo, ou de Luis Vaz de Paiva ou de Francisco de Paiva seu irmão mercador e morador em Lisboa e encomendava na carta que tanto que fosse lida a queimasse. E sendo perguntado se conhecera o dito Henrique Fernandes? Disse que o conhecera por ser aqui morador muitos annos e ser pessoa bem conhecida de que dizião que testara de grande cópia de mil cruzados que deixou a Francisco Lopes Franco da nasção que he passado a Flandes. E sendo perguntado se conhecia o dito Dinis Bravo ou Luis Vas de Paiva e seu irmão Francisco de Paiva? Disse que sabia por ser publico e notorio nesta terra que o dito Dinis Bravo era da nasção natural da cidade do Porto casado e morador nesta: e pella mesma razão conhecia a Luis Vas de Paiva que era tambem da nasção e fora mercador e senhor de engenho nesta terra e depois se passara a Lisboa aonde casou e dizem que he fugido com sua molher. E sendo perguntado se avia mais testemunhas do caso e do sobredito, e porque não lançara mão da dita carta respondeo que era verdade que a amostrara a Antonio da Silva christão velho natural de Ponte de Lima, morador e mercador nesta cidade o qual no mesmo tempo estava tambem homisiado na dita casa de Pero Garcia e lera a dita carta, da qual elle denunciante não lançara mão por temer que o dito Pero Garcia a achasse menos, mas que não deixara de se scandalizar muito della, ainda que não conhecera a letra. E assi disse mais elle denunciante que averá oito ou nove annos segundo sua lembrança que nesta cidade fôra publico e notorio que o Bispo della penitenciara a Hieronimo Nunes da nasção sobrinho do dito Luis Vaz de Paiva por comungar depois de ter almoçado. E perguntado se conhecia o dito Hieronimo Nunes, e se sabia donde era natural ou que era feito delle? Disse que o conhecera muito bem por morar nesta terra em casa do dito

seu tio Luiz Vaz de Paiva, e que não sabia onde era agora lançado. E assi disse mais que sabia por lho dizer o dito Antonio da Silva nesta cidade averá quatro annos que o Padre Antonio Netto, que foy capellão de Dioguo Lopez Ilhoa da nasção solicitava molheres no acto da confissão. E assi disse mais que ouvira dizer geralmente nesta terra que Dioguo d'Albuquerque da nasção meirinho desta cidade casado e morador nella averá tres annos pouco mais ou menos andara por cima do Altar mor da igreja de São Bento desta cidade com grande desacato e irreverencia com o chapeo na cabeça e espada nua buscando hũ homisiado estando o Sanctissimo Sacramento no dito altar do que ouvera grandissimo escandalo. E assi disse mais que sabia pello ver que nesta cidade averá quatro ou sinquo annos andara o sobredito Luis Lopes de Paredes da nasção huma quaresma toda com hum vestido velho, e que na quinta feira de Endoenças se vestira de setim avelutado com manteo de abanos do que causara grande escandalo por ser em tempo em que se celebrava a morte e paixão de Christo Nosso Senhor. E assi disse mais que era verdade que averá quatro annos pouco mais ou menos que duas negras naturaes desta terra huma por nome Juliana e outra Ines sua irmãa escravas do dito Pero Garcia, que dizião que por parte de seu pay era da nasção, lhe disserão nesta cidade que virão ao dito Pero Garcia cometter o peccado nefando dentro em huma camera de hũas suas casas na travessa de Nossa Senhora da Ajuda, as quaes negras estavam hoje em Peroaçu em huma fazenda do dito Pero Garcia; e do mais que succedeo sobre o caso poderá dizer Paulo Afonso irmão delle denunciante que mora no mesmo lugar com elle. E assi disse mais elle denunciante que sabia pello ver e ser notorio nesta cidade que o dito Pero Garcia estando excomungado pello Bispo della sobre hum deposito averá sinquo ou seis annos se deixara insordescer na excomunhão por espaço de dous annos como constará dos autos feitos pello Ordinario, do que ouve muito escandalo. E sendo perguntado se ouvera mais testemunhas do caso e dos mais acima denunciados, e se sabia de mais culpados em erros contra a fee e casos pertencentes ao Sancto Officio e que o movera a vir fazer as ditas denunciações nesta meza? Respondeo que não sabia de mais que o que tem dicto, e que só com zello da santa fee tinha denunciado na verdade, e perguntado pello costume disse nada e assinou aqui com o senhor Inquisidor Manoel Marinho o escrevi. Marcos Teixeira — Gaspar Afonso.

Gaspar Affonso que ractificou sua denunciação.

Aos vinte e hum dias do mes de Janeiro de mil seiscientos e dezanove annos em a cidade do Salvador da Baya de Todos os Sanctos nas casas do senhor Inquisidor Marcos Teixeira estando em audiencia de polla manhã mandou vir perante sy a Gaspar Afonso denunciante neste Livro solteiro natural desta cidade, e sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Santos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assy o prometteo. E sendo-lhe lidas em alta e intelligivel voz as denunciações que deu e andão neste Livro folhas setenta verso, e setenta e hũa e setenta e duas, lhe foy perguntado pello senhor Inquisidor se erão aquellas as suas denunciações, e se estavam escriptas na verdade? e por elle foy dito que aquellas erão, e estavam escriptas na verdade e assi como elle as avia dito, e que nisso se affirmava ratificava, e dizia de novo sendo necessario por tudo ser verdade, e que não tinha que tirar acrescentar, mudar, nem emendar. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres que tudo virão, e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pizerão suas mãos os Reverendos Padres Manoel Sanches e Balthesar de Sequeira, sacerdotes do Collegio da Companhia de Jesus desta cidade que assignarão aqui com o dito Senhor Inquisidor e juntamente com o dito Gaspar Afonso. Manoel Marinho o escrevi — Gaspar Afonso — Balthesar de Sequeira — Manoel Sanches — Marcos Teixeira.

A' margem: Estas duas Indias aqui nomeadas se não perguntarão com parecer do senhor Inquisidor e Padres Deputados, vista a inteira confissão do denunciado, e o perigo que ellas corrião, e a infamia que de sua vinda resultaria ao denunciado. De que mandou o senhor Inquisidor fazer esta Cotta. Manoel Marinho o escrevi.

Domingos Franco contra Simão Nunes de Mattos.

Aos dezaseis dias do mes de setembro de mil seiscientos e dezoito annos em a cidade do Salvaor da Baya de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesus estando ahi em audiencia de polla manhã no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Dominguos Franco, christão velho, de ydade de trinta e seis annos, pouco mais ou menos, natural do Trocifal no Reino, casado, mercador e morador nesta cidade junto á See. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que averá sinquo meses pouco mais ou menos que nesta cidade dissera a elle denunciante Luis da Costa, christão velho natural da villa d'Alemquer casado e morador no Rio Vermelho desta Baya que averá quatro ou sinquo annos que fallecendo nesta cidade em casa de Simão Nunes de Mattos da nasção casado e morador nesta Baya hum Gaspar Dias de Moura da nasção casado e morador que foi no seu engenho de Maré desta Baya, lhe metera o dito Simão Nunes de Mattos hũa moeda de ouro na bocca, e que com ella o enterrarão na igreja do Carmo desta cidade. E sendo perguntado se sabia de algumas testemunhas do caso, ou de alguns culpados em erros contra nossa Sancta fee, e que motivo tivera para vir denunciar? Disse que não sabia de mais testemunhas, e que com zello da santa fee tinha denunciado, na verdade, e que não sabia de outros culpados. E sendo perguntado se conhecia bem o dito Simão Nunes de Mattos, e que razão tinha de o conhecer? Disse que o conhecia muito bem por morar nesta terra, e elle denunciante aver muito tempo que reside nella, e o denunciado ser pessoa muy conhecida. E perguntado pello costume disse nada, e assinou com o senhor Inquisidor. Manoel Marinho o escrevi — Domingos Franco — Marcos Teixeira.

**Pero Gonçalves contra Domingos Alvares
de Serpa e um homem da nação.**

Aos dezaseis dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Baya de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesus estando ahi em audiencia da tarde no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Pero Guonçalves christão velho de ydade de dezaseis annos natural da cidade do Funchal da ilha da Madeira filho de Francisco Gonçalves já defuncto, e de Maria de Castro sua molher; moradora na dita cidade, todos christãos velhos, e elle denunciante he solteiro, estudante de gramatica e morador nesta cidade na rua de São Francisco. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que denunciaya bem e verdadeiramente de como era verdade que averia tres meses pouco mais ou menos que estando elle denunciante na segunda classe da gramatica deste Collegio aonde anda com Amador de Lima christão velho, estudante da mesma classe que será de ydade de quinze annos natural destas partes, que não sabe o nome de seu pay, mas sabe que he cunhado de hum correeiro chamado Christovão de Leão, casado e morador nesta cidade, e com outros seus condiscipulos de que não estava lembrado, e tratando sobre os judeus dissera o dito Amador de Lima que sabia que Dominguos Alvares de Serpa da nação mercador e tratante e morador nesta cidade pessoa conhecida nella e que dizem ser natural de Alentejo, comia todo o anno carne sem exceptuar os dias em que a Santa Madre Igreja a prohibe sendo muito bem desposto como he publico e notorio nesta terra, e declarou que o denunciado era solteiro e que morava na rua de São Francisco desta cidade que elle denunciante mui bem conhecia pella razão que tem dicto de ser pessoa bem conhecida por tratante e rico e não aver outro de seu nome nesta terra. E assi disse mais elle denunciante que era verdade que hoje pella manhã saindo da dita classe lhe dissera Salvador Monteiro christão velho, estudante da primeira classe de ydade de dezaseis annos natural desta cidade filho de Salvador Monteiro, já defuncto lavrador que foy de canas, e casado e morador nesta cidade que sabia hum homem da nação que quando alevantavão a Deus na Missa, batia nos peitos fazendo figas em lugar de sarrar a

mão. E sendo perguntado se sabia de mais culpados em erros contra a fee, ou em casos pertencentes ao Santo Officio? Disse que não sabia de mais; e perguntado pello costume, disse nada, e assinou com o senhor Inquisidor Manoel Marinho o escrevi. Pero Gonçalves — Marcos Teixeira.

Pero Paes Cabral contra Francisco Pinheiro Coutinho, Antonio Dias de Moraes.

Aos dezaseis dias do mes de setembro de mil seiscentos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Baya de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesus estando ahi em audiencia da tarde no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado Pero Paes Cabral christão velho, de ydade de quarenta para sinquoenta annos, casado e morador nesta Baya acima de Agoas de Mininos junto desta cidade, natural destas partes, E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que elle denunciava de Francisco Pinheiro Coutinho seu genro natural desta cidade casado e morador na Potecava da freguesia de Passé desta Baya, que averá perto de dous annos pouco mais ou menos que se deixou andar excomungado passante de anno, absolvendo se dentro do dito anno algũas vezes, digo hũa vez ad effectum agendi com reincidencia, mas que já estava absoluto por ter pago a pena que devia por ser culpado em dormir carnalmente com sua molher antes de ser recebido em face da igreja, o que elle denunciante sabia pello dito seu genro lho dizer e o vigario geral desta cidade. E assi disse mais que o dito Francisco Pinheiro Coutinho seu genro lhe dissera que averia oito meses que Antonio Dias de Moraes da nasção natural do Alentejo que fora aqui dizimeiro e irmão de Afonso Dias Henriquez da nasção já defunto, e primo de Dioguo Lopes Franco todos christãos novos, e o denunciado Antonio Dias de Moraes lavrador de canas de assucar, casado e morador na dita freiguesia de Passé, dissera em presença do dito Francisco Pinheiro e de sua molher Dona Francisca tratando se do

dia do Juizo que não avia Juizo depois do corpo morto. E sendo perguntado se o dito seu genro era da nasção e donde era natural e se andara por terras de herejes, ou conversava com elles? Disse que era christão velho, e natural desta terra e que não saíra nunca desta terra, nem tratara com pessoa suspeita na fee. E sendo perguntado quanto tempo durara a dita absolvição com reincidencia e quanto tempo andara excomungado o dito seu genro? Disse que segundo sua lembrança tirado o tempo da dita reincidencia, lhe parecia que não andara o dito seu genro excomungado passante de anno, e declarou que tirado o tempo da dita absolvição com reincidencia, não insor-descera o dito seu genro na excomunhão passante de anno. E sendo perguntado se avia mais testemunhas dos casos de suas denunciaçãois, e se ouvera escandalo delles, e se os denunciados eram pessoas capazes de entendimento ou costumavam a sair de seu ciso? Disse que do caso do dito seu genro podião ser testemunhas, as pessoas da dita freiguesia de Passé aonde fora declarado. E que do caso do dito Antonio Dias de Moraes poderia tambem ser testemunha Francisco Fernandes, christão velho, carpinteiro de carros, que mora na fazenda do dito seu genro na Potecava que depois do caso succedido se achara presente com elle denunciante em casa do dito seu genro hum dia á tarde averá perto de hum anno estando altercando com o dito seu genro o dito denunciado Antonio Dias de Moraes e trabalhando por lhe dar a entender que o que disera acerca do juizo final fora com differente sentido, á qual altercação elle denunciante se achou presente com o dito Francisco Fernandes e a ouvirão muito bem e souberão que a causa della fora ter dado conta do caso o dito seu genro a Jorge Cabral casado e morador na dita freiguesia e que o denunciado trabalhava por confundir o negocio e assi disse mais elle denunciante: que dos sobreditos casos lhe parecia não deixaria de aver escandalo, e que os denunciados são pessoas de entendimento e não costumão a sair de seu juizo. E perguntado que razão tinha de conhecer aos denunciados e se sabia de mais culpados em erros contra a fee ou em casos pertencentes ao Santo Officio, e que motivo tivera para vir denunciar? respondeu que conhecia ao denunciado Antonio Dias de Moraes avia muitos annos e era seu compadre e pessoa mui conhecida nesta terra e conhecia ao dito seu genro por ser seu sobrinho e genro, e que sómente por descargo de sua consciencia denunciava e não sabia de mais culpados, e perguntado do costume disse nada e que era

tio e sogro do denunciado Francisco Pinheiro e compadre do dito Antonio Dias e seu amigo ainda que depois do caso succedido o dito denunciado Antonio Dias de Moraes se dá por aggravado do dito seu genro por causa do dito caso, mas que tinha dicto a verdade e assinou aqui com o dito senhor Inquisidor. Manoel Marinho o escrevi — Pero Pais Cabral — Marcos Teixeira.

Pero Paes Cabral, que ratificou sua denunciação.

Aos vinte e sinquo dias do mes de Janeiro de mil seiscientos e dezanove annos em a cidade do Salvador da Baya de Todos os Santos nas casas do senhor Inquisidor Marcos Teixeira em audiencia de polla manhã mādou vir perante sy a Pero Paes Cabral denunciante casado e morador em Agoas de Mininos junto desta cidade, e sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E sendo-lhe lidas as denunciações que deu e andão neste livro ás folhas setenta e sinquo e setenta e seis, lhe foy perguntado pello senhor Inquisidor se erão aquellas as suas denunciações e se estavão escriptas na yerdade? E por elle foy dicto que aquellas erão e que estayão escriptas na verdade assi como elle as avia dicto, e que nisso se affirmava ratificava e dizia de novo sendo necessario por tudo ser verdade, e que não tinha que tirar acrescentar mudar nem emendar. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Santos Evangelhos em que poserão suas mãos os reverendos Padres Manoel Sanches e Balthesar de Sequeira sacerdotes do Collegio da Companhia de Jesus que assinarão aqui com o dito senhor Inquisidor e juntamente com o dito Pero Paes Cabral. Manoel Marinho o escrevi — Pero Pais Cabral — Marcos Teixeira — Manoel Sanches — Balthesar de Sequeira.

Padre Jeronymo Pinheiro contra Pascoal

Bravo.

Aos dezaseis dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Baya de Todos os Sanctos na Igreja do Collegio da Companhia de Jesus estando ahi em audiencia da tarde o senhor Inquisidor Marcos Teixeira no tempo da graça perante elle appareceo sem ser chamado o Padre Hieronimo Pinheiro christão velho natural de Albarrota no Reino e residente nesta Baya em Marê. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que averia poucos dias que nesta cidade indo elle visitar a Antonio Machado o Velho christão velho morador que foi em Sergipe do Conde desta Baya e hora morava nesta cidade na rua Dereita indo para o Carmo defronte de Manoel Carvalho, e praticando com elle em cousas dos christãos novos, dissera a molher do dito Antonio Machado que estava presente, que estando em conversação de sinquo ou seis pessoas, e dizendo humas dellas que certos homens da nasção forão queimados pello Sancto Officio, respondera Paschoal Bravo da nasção natural da cidade do Porto e casado e mórador nesta que os ditos queimados morrião martires, segundo a dita molher a quem elle denunciante não sabia o nome declararia. E sendo perguntado se avia mais testemunhas do caso, e se sabia de mais culpados em erros contra a Santa fee ou em casos do Santo Officio? Disse que não sabia mais que o que tem dicto, e do costume disse nada e assinou com o senhor Inquisidor, Manoel Marinho. O escrevi — Marcos Teixeira — Hieronymo Pinheiro.

Maria da Grã de Mendoça contra um filho do Baldaya e um filho do Girão.

Aos dezaseis dias do mes de Setembro de mil seiscentos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Baya de Todos os Sanctos na igreja do Collegio da Companhia de Jesus estando ahi em audiencia da tarde no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser cha-

mada Maria da Grãa de Mendoga christãa velha; natural de Azeitão no reino, de ydade de ~~sesenta~~ annos veuva, moradora nesta cidade. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que averá quatro annos pouco mais ou menos segundo sua lembrança estando ella denunciante nesta cidade á boca da noite em casa de Mancel Gonçalves por alcunha o Parreira christão velho casado e morador nesta cidade estando tambem presente sua molher Margarida Pinta da Fonseca, e tendo a porta da rua mea aberta, vira ella denunciante que da parte de fóra da rua meterão pella dita porta hum braço de gente com hum Crucifixo na mão de vulto, e vendo ella denunciante o dito Crucifixo dissera, meu Deus e meu Senhor eu creio vos e adóro vos, e loguo recolherão o braço para a rua com o dito Crucifixo. E tornando ella denunciante a ver o mesmo Crucifixo em casa do Bispo desta cidade aonde foy a testemunhar sobre o caso dali a poucos dias conhecera que era o que se tinha mostrad^o de noite como tem dicto, e por lhe o Cura da See desta cidade dizer que era o que estava dantes no altar de São Guonçallo da igreja de Nosso Senhora d'Ajuda, caíra ella denunciante que esse era pollo ter visto muitas vezes no dito altar. E sendo perguntada ella denunciante pello senhor Inquisidor se sabia quem fora o auctor do caso? Disse que quando o caso acontecera não, por lhe não ver mais que o braço e estar a porta mea sarrada e ser já de noite e estar com candeia acesa em parte que não alumiaava na rua, mas loguo ao outro dia especulara o caso o dito Manoel Guonçalves e soubera que fôra hum filho do Baldaya solicitador de demandas nesta cidade dos quaes ella denunciante não sabe mais que dizerem ser o dicto delinquente filho do dito Baldaya e de huma mamaluca e depois ser preso pello caso no Aljube donde fugio e dizem que está agora em Pernambuco. E perguntada se ouvera escandalo do caso, e se avia mais culpados nelle, ou sabia de outros culpados em erros contra nossa Santa fee? Disse que não sabia de mais que dizer se geralmente nesta cidade que fora complice do dito denunciado hum filho do Girão e de Dona Maria da nasção, e que os ditos denunciados levarão o dito crucifixo a hũa casa de joguo dizendo day barato para este homem de que ouve grande escandalo nesta cidade e o Bispo della tinha tirado sumario de testemunhas em que ella denunciante testemunhou como tem dicto ao que disse que se reportava. E sendo perguntada que

motivo tivera para vir denunciar a esta mesa e assi pello costume? Disse que só por zello da Santa fee e por descargo de sua consciencia viera denunciar, e do costume disse nada, e assinou com o senhor Inquisidor — Manoel Marinho o escrevi — Marcos Teixeira — Maria da Gram de Mendosa.

Maria da Grã de Mendosa, que ratificou sua denunciação.

Aos vinte e seis dias do mes de Janeiro de mil seiscentos e dezanove annos em a cidade do Salvador da Baya de Todos os Santos nas casas do senhor Inquisidor Marcos Teixeira em audiencia de polla manhã mandou vir perante sy a Maria da Grã de Mendosa viuva de Belchior da Cunha Freire já defunto, e ella denunciante conteuda neste Livro ás folhas setenta e sete verso, E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Santos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E sendo lhe lida sua denunciação lhe foy perguntado pello senhor Inquisidor se era aquella a sua denunciação e se estava escripta na verdade e por ella foi dito que era aquella a sua denunciação e que estava escripta na verdade assi como ella a avia dicto. E que nisso se affirmava, ratificava e dizia de novo sendo necessario por tudo ser verdade e que não tinha que tirar, acrescentar, mudar nem emendar. Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Sanctos Evangelhos em que pizerão suas mãos os reverendos Padres Manoel Sanches e Balthesar de Sequeira sacerdotes do Collegio da Companhia de Jesus desta cidade que assinarão aqui com o dito senhor Inquisidor e juntamente com a dita Maria da Grã de Mendosa. Eu Manoel Marinho o escrevi — Balthesar de Sequeira — Manoel Sanches — Maria da Grã de Mendosa — Marcos Teixeira.

**João Gonçalves contra o Padre Balthazar
Pita de Vasconcellos.**

Aos dezaseis dias do mes de Setembro de mil seiscientos e dezoito annos em a cidade do Salvador da Bayã de Todos os Sanctos na Igreja do Collegio da Companhia de Jesus estando ahi em audiencia da tarde no tempo da graça o senhor Inquisidor Marcos Teixeira perante elle appareceo sem ser chamado João Guonçalves solteiro, christão velho de ydade de vinte e sinquo annos pouco mais ou menos, natural da cidade do Funchal da ilha da Madeira filho de Guonçalo Mendes já defuncto e de Margarida Gonçalves moradora na dita cidade de Todos, christão velho e o dito seu pay era surrador, e elle denunciante residente nesta cidade. E sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Sanctos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo. E disse que averia dez ou quinze dias que nesta cidade aonde chamão o Paço de Belchior de Saa a hum dia á tarde vindo elle denunciante de fora para sua casa o viera buscar a ella o Padre Balthesar Pita de Vasconcellos sub chan-tre na See desta cidade o qual se lhe queixara que um seu cão delle denunciante lhe sujara a casa, dizendo que o buscara e não o pudera colher, e que se o colhera o ouvera de fazer Ecce homo, do que elle denunciante ficara scandalizado. E sendo perguntado como soubera do caso e se avia mais testemunhas delle, e quantas vezes repetira o denunciado as ditas palavras. e se as dissera zombando? Disse que soubera do caso por se achar presente e o ver e ouvir, e que tambem podia ser testemunha delle Francisco Monteiro estudante, dos casos natural da Ilha Terceira christão velho o qual se achara presente e mora nesta cidade na rua de Francisco Soares e nas mesmas casas, e disse que ninguem lhe fora á mão ás ditas palavras por o denunciado ser homem terrivel e mal inclinado, e perguntado pella razão do escandalo e se estava o denunciado em seu juizo e costumava a sair delle, e que motivo tivera elle denunciante para denunciar? Disse que a razão de seu escandalo fora de lhe parecerem mal as ditas palavras, ouvindo-as applicar ao cão sendo ellas da paixão de Christo Nosso Senhor e que era verdade que o conhecia ao dito denunciado por morarem em huma casa toda huma passaria de seis meses e que algumas vezes o vira tomado do vinho e fallar desvarios, mas que não sabia quando o caso aconteceo se estava em seu çizo, e que

denunciava só com o zello da Sancta fee. E perguntado se sabia de mais culpados em erros contra nossa Sancta Fee, e assi pello costume? respondeo que não sabia de mais culpados e do costume disse nada. E declarou que segundo sua lembrança ouvira dizer ao denunciado que era natural de Abrantes no reino, e mais não disse e assinou com o senhor Inquisidor. Manoel Marinho o escrevi — Marcos Teixeira — João Gonsalves.

João Gonçaves, que ratificou sua denunciação.

Aos vinte e seis dias do mes de janeiro de mil seiscentos e dezanove annos em a cidade do Salvador da Baya de Todos os Sanctos nas casas do senhor Inquisidor Marcos Teixeira em audiencia da tarde mandou vir perante sy a João Guonçaves christão velho, solteiro, denunciante neste Livro a folhas setenta e nove e oitenta e sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foy dado juramento dos Santos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual assi o prometteo de dizer verdade e ter segredo. E sendo lhe lida sua denunciação lhe foy perguntado pello senhor Inquisidor se era aquella a sua denunciação e se estava escripta na verdade? E por elle foy dito que aquella era a sua denunciação e que estava escripta na verdade assi como elle a avia dicto e que nisso se affirmava ratificava e dizia de novo sendo necessario por tudo ser verdade e que nella não tinha que tirar, acrescentar, mudar, nem emendar, Estiverão a tudo presentes pessoas honestas e religiosos Padres que tudo virão e ouvirão e prometterão ter segredo e dizer verdade, no que lhes fosse perguntado e assi o jurarão aos Santos Evâgelhos em que pozerão suas mãos os reverendos Padres Manoel Sanches e o reverendo Padre Balthesar de Sequeira sacerdote do Collegio da Companhia de Jesus desta cidade que assinarão aqui com o senhor Inquisidor e juntamente com o dito João Guonçaves. Manoel Marinho o escrevi E declarou o denunciante que o denunciado se chamava Balthesar Pita de Vasconcellos. Manoel Marinho o escrevi — João Gonsalves — Balthesar de Sequeira — Manoel Sanches — Marcos Teixeira.

Actas

da

CAMARA MUNICIPAL DE VILLA RICA

O arraial das Minas Geraes do Ouro-Preto, a que se juntou o de Antonio Dias, foi criado villa, que tomou o nome de Villa-Rica de Albuquerque, em 8 de Julho de 1711. Para esse effeito reuniu o Governador e Capitão General Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho em junta geral, no dia citado, nas casas de morada em que assistia, as pessoas e moradores principaes do primeiro daquelles arraiaes e lhes fez presente que determinava erigir ali uma nova povoação e villa, para que seus moradores e os mais de todo o districto pudessem viver accomodados e sujeitos ás leis da justiça, como Sua Magestade mandava e desejava se conservassem seus vassallos naquella nova conquista. E como a junta se declarasse conforme com a determinação do governador, foi resolvido logo se fizesse eleição dos moradores que deviam escolher os officiaes da Camara, recaindo essa escolha no coronel Antonio Francisco da Silva, mestre de campo Pascoal da Silva Guimarães, Felix de Gusmão Mendonça Bueno, Fernando da Fonseca e Sá, Manuel de Figueiredo Mascarenhas e Manuel de Almeida Costa, que foram chamados e pelo governador juramentados e encommendados que de dois em dois fizessem rol das pessoas mais capazes para serem officiaes da Camara, a saber: dois juizes, tres vereadores e um procurador, advertindo-se que os juizes haviam de ser com tal sufficiencia que pudessem administrar justiça no districto, não só a concedida pela Ordenação aos juizes ordinarios, mas a que a necessidade e a falta de ministros letrados requeressem, o que prometteram fazer e com effeito fizeram, com as solemnidades e circumstancias que a lei dispunha. Sairam assim eleitos a mais votos para juiz mais velho o Coronel José Gomes de Mello, para juiz mais moço Fernando da Fonseca e Sá, para vereador mais velho Manuel de Figueiredo Mascarenhas, para segundo vereador Felix de Gusmão Mendonça Bueno, para terceiro vereador Antonio de Faria Pimentel, e para procurador o capitão Manuel de Almeida Costa.

No dia seguinte, 9 de Julho, prestaram esses officiaes o juramento da lei e tomaram posse perante o mesmo governador e capitão general.

Os termos da erecção da villa, da eleição dos officiaes da Camara, de seu juramento e posse foram publicados na **Revista do Archivo Publico Mineiro**, anno II (1897), ps. 84/86. A carta régia de 15 de Dezembro de 1712, que confirmou a criação de Villa Rica, vem referida por José João Teixeira Coelho, **Instrucção para o Governo da Capitania de Minas Geraes**, in **Revista do Instituto Historico**, tomo XV, ps. 261.

As actas da Camara de Villa Rica, a partir de sua primeira vereação, em 21 de Julho de 1711, até 30 de Dezembro de 1715, encontravam-se absolutamente ineditas e quasi desconhecidas, no livro original em que foram lavradas, na Secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

São os primeiros documentos da vida administrativa de Minas Geraes, depois que, pela carta régia de 9 de Novembro de 1709 a Antonio de Albuquerque Ccelho de Carvalho (in **Legislação Manuscripta**, vol. 9, s. n. de fls., no Instituto Historico), foi criada a nova Capitania de São Paulo e Minas: é bastante essa circumstancia para justificar sua publicação nestes **Annaes**, em cópia paleographica fidelissima, devida á reconhecida competencia do diligente paleographo Sr. Manuel Alves de Sousa.

R. G.

ANNO DE 1711

Juizes: — Fernando da Fonseca e Sá, José Gomes de Mello.

Vereadores: — Antonio de Faria Pimentel, Felix de Gusmão Mendonça Bueno, Manoel de Figueiredo Mascarenhas.

Procurador do Conselho: — Manoel de Almeida Costa.

Almotaceis: — Antonio Barbalho Bezerra, Ventura Ferreira Vivaz, Luiz de Almeida Ramos, Manoel Fernandes de Azevedo, Francisco da Costa de Oliveira, Sebastião Barbosa Prado.

Escrivão da Camara: — Jorge da Fonseca Freire.

Este Liuro ha de servir de asentar os acordãos de vereação o qual tem cento e oitenta e duas folhas numeradas e rubricadas pr. mim Fernd.º de Affonceca e Saá Juis Ordinario este anno com a minha rubrica q' diz "Saá" e comesaõ na folha adiante em numero hum e acabaraõ no d.º numero Duztos. digo cento e oitenta e duas.

Villa Rica de Albuquerque e Julho Dezaceis de 17ii:

Fernd.º da Fonc.ª e Ssáá

Anno de 1711

termo de uereasaõ que fizeraõ os yuizes e mais offisiaes da camara desta noua Villa Rica de albuquerque o pr.^o Dia em q' se aiuntaraõ.

Aos uinte e hũ Dias do Mes de yulho de mil e sete semtos e homze annos, nesta Villa Rica de Albuquerque, em as cazas que ao prezente seruem de Camara, se aiuntarãõ os yoizes e Vereadores e mais offisiaes do conselho, e acordaraõ se dessem o padrãõ de marco por honde o aferidor auia de aferir os marcos, por honde os pouos desta Villa e seus termos se auiaõ de gouernar; O qual padrãõ se lhe entregou e lhe emcarregaraõ naõ aferise pezos de pezar carne tousinho manteiga e queigos sem que estes fosem de ferro; e outrosim se entregou ao aferidor das medidas de pao os padrois por honde auia de aferir uara, couado, meyo algre., quarta, e prato, medida de molhado meia medida, e quarto de med^a., e pellos dos. offisiaes da Camara foi emcarregado aos ditos aferidores fãõ exsedesem os preços que no seu Regimt.^o se lhe der, e que alias seriam castigados ao arbitrio do Senado, e de como asim o mandaraõ fis este termo que assignaraõ, E eu Jorge da fonc.^a freire escriuaõ da Camara que o escreuy.

Joseph Gomes de Mello — Fernd.^o da Fonc.^a e Ssáá.
Manoel de Figrd.^o Masqs. — Ant.^o de Fr.^a Pimtel. — Felix de Gusman Mc.^a Bueno — Mel. de Almeyda Costa.

termo de eleisaõ que fizeraõ os offisiaes da Camara dos almotaseis que amde servir ate o ultimo de dezembro.

Aos uinte e hũ Dias do Mes de yulho de mil e sete semtos e homze annos, nas cazas da Camara, pellos offisiaes della foraõ eleitos os almotaseis que hãõ de servir estes sejs

mezes ate o ultimo de dezr.º e sahiraõ para o prezte. mes ate o ultimo de agosto, Ant.º Barbalho Bezerra, e Vemtura fr.ª uiuas, e para os mezes de Setembro e outubro, o Capam. Luis de almd.ª e Mel. friz' de azeuedo, e para os mezes de novembro e dezembro o Alferes Franc.º da Costa de oliur.ª e Sebastião Barboza Prado de que mandaraõ fazer este termo que assignarão. E eu Jorge da Fonc.ª freire escriuaõ da Camara que o escrevy.

Joseph Gomes de Mello — Fernd.º da Fonc.ª e Ssáa — Manoel de Figrd.º Masqs. — Felix de Gusman Mc.ª Bueno — Ant.º de Fr.ª Pintel. — Mel. de Almeйда Costa.

termo de uereasaõ q' fizeraõ os offisiais da camara em que taixaraõ o que auiaõ de leuar os offisiais de aferidores do conselho.

Aos uinte e hu Dias do Mes de yulho de mil e sete semtos e honze annos, nas cazas da camara, pellos offisiais della foi Rezoluido que porqt.º era comuente, emendar a exsorbitança que se leuauaõ os aferidores por aferir todo o genero de pezos e medidas asentauaõ que leuasem o aferidor de pezos de aferir huã balança e hũ marco de meia L.ª p.ª Riba estando de maior ou demenuto, outaua e m.ª, De aferir huã balança e hũ marco de m.ª L.ª p.ª Riba estando serto huã outaua, De aferir, huã balança de pezar carne e seus pezos ate outo Las. huã outaua, De Reuista de hũ marquo ou hũ terno de pezos ate outo Las. com suas balanças meia outaua De aferir huã uara ou couado meia pataqua; de aferir huã medida de algre. ou de qt.ª meia outaua de aferir hũ prato de medir sal meia pataqua, de aferir huã medida de m.º algre. ou de qt.ª meia outaua de aferir hũ prato de medir sal meia pataqua, de aferir hũ terno de medidas de bebidas que são medida meia medida e quarto meia outaua e desta sorte ouueraõ as ditas taixas por feitas e mandaraõ as guardasem os ditos aferidores com cominasaõ de que não o fazendo serem castigados com as pennas que as leis detreminaõ em semelhantes cazos e que deste Regimt.º tivesem treslado em pte. omde as partes o uisem, e de tudo mandaraõ fazer este termo que assignaraõ E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da camara que o escreuy.

Fernd.º da Fonc.ª e Ssáá — Manoel de Figrd.º Mas-
qs. — Ant.º de Fr.ª Pintel. — Felix de Gusman Mc.ª Bueno
— Mel. de Almeyda Costa.

termo de yuramt.º e pose que se da aos al-
motaseis que sahiraõ eleitos p.ª este mez de yulho e
agosto.

Aos uinte e dous Dias do Mes de yulho de mil e sete
semtos e honze annos nas cazas da camara desta Villa Rica
estando os offisiais della em uereasaõ mandaraõ chamar aos
almotaseis eleitos p.ª estes dous mezes de yulho e agt.º Ventura
Fr.ª Viuas, e Ant.º Barbalho Bezerra, e sendo prezemtes lhe de-
raõ pose do cargo de almotaseis p.ª que o fosem e seruiseem na
forma do seu Regimt.º e lhe emcarregaraõ debaixo de yu-
ramt.º dos santos euangelhos que bem e uerdadeirante. ser-
uiseem os ditos cargos o que prometeraõ fazer de que man-
daraõ os ditos uereadores fazer este termo que asignaraõ com
os ditos almotaseis, E eu Jorge da fonc.ª freire escriuaõ da
Camara que o escreuy.

Fernd.º da Fonc.ª e Ssáá — Manoel de Figrd.º Mas-
qs. — Fellix de Gusman Mc.ª Bueno — Ant.º de Fr.ª Pintel.
— Mel. de Almeyda Costa — Ventura Ferreira Vivaz — Ant.º
Barbalho Bezerra.

Termo de uereasaõ que fizeraõ os offisiais
da camara no qual acordaraõ o que deuiaõ levar os
offisiais sogeitos a este senado de seu salario.

Aos uinte e dous Dias do Mes de yulho de Mil e sete
semtos e honze annos, nas cazas da camara desta uilla Rica
de albuquerque estando os offisiais della em uereasaõ se deuia
aluidrar o que deuiaõ levar os offisiais sogeitos de seu salario
e Rezolueraõ, leuaria o escriuaõ deste senado de huã lisença
de uender, ou p.ª algũ official uzar de seu offisio huã outaua;

De huã prouizaõ de qualquer offiõio q' este senado prouer seis outauas e de Rezisto della ou de outra qualquer prouizaõ ou papel que nos liuros deste senado se Rezistar, Duas outauas. DE hũ termo de pose e yuramt.º que se der a qualquer offiõial de yostisa ou subordinado a este senado huã outaua; e que naõ arbitrauã termos de aRemataçãõ fianças e outros papeis por naõ ser couza que por ora fose necessaria; Rezolueraõ mais leuaria o escriuaõ de almotasaria de Rezistar hũ escrito de almotasaria ou seia de hũ genero ou de mtos. meia pataqua; e que dos prosesos que fizer parte os almotaseis leuaraõ o que costumaõ letuar os mais escriuais do yudisial. E que das condenaõs que fizerem os almotaseis na sua alsada leuaria o escriuaõ a quarta pte. e o meirinho ou alcaide outra quarta pte. e a outra outaua pte. p.ª o alcaide ou meirinho. Rezolueraõ mais leuaria o porteiro do comselho de apregoar huã acsaõ ou outro qualquer pregaõ que fizer em praça ou em leilaõ quatro uimteis de pasar huã sertidaõ p.ª aRemataçãõ ou outra qualquer meia outaua. E de sitar qualquer pessoa dentro na uilla meia outaua e de como asim o Rezolueraõ mandaraõ fazer este termo que assignaraõ E eu Jorge da fonc.ª freire escriuaõ da camara o escreuy.

Fernd.º da Fonc.ª e Ssáa — Manoel de Figrd.º Mas-
qs. — Fellix de Gusman Mc.ª Bueno — Ant.º de Fr.ª Pintel.
— Mel. de Almeyda Costa.

No mesmo Dia mes e anno declararaõ os ditos (*)

..... da sua fazenda o condenado ao seu acre-
dor, e desta Rezoluçaõ mandaraõ se fizesem editais p.ª se fi-
xarem nos lugares mais publicos desta uilla e seu termo, e de
como asim o Rezolueraõ mandaraõ fazer este termo que asi-
gnaraõ Eu Jorge da fonseca freire escriuaõ da camara que o
escreuy.

Fernd.º da Fonc.ª e Ssaa — Manoel de Figrd.º Mas-
qs. — Fellix de Gusman Mc.ª Bueno — Ant.º de Fr.ª Pintel.
— Mel. de Almeyda Costa.

(*) — O termo continuava na fl. 4, que falta ao codice. Falta-lhe
tambem a fl. 6. Um ligeiro exame na encadernação mostra que essas folhas,
quando o codice foi encadernado, nas officinas da Bibliotheca Nacional,
já estavam desaparecidas.

Termo de uereasaõ que fizeraõ os offisiais da camara em que Rezolueraõ deferir as ptes.

Aos trinta e hu Dias do Mes de yulho de mil e sete semtos e honze annos, nesta Villa Riqua de albuqe. nas cazas da camara estando prezemtes os offisiais della em uereasaõ Rezolueraõ digo em uereasaõ deferiraõ as partes de que fis este termo que asignaraõ eu Jorge da fonseca freire escriuaõ q' o escreuy.

Joseph Gomes de Mello — Frnd.º da Fonc.ª e Ssáa
— Ant.º de Fr.ª Pintel. — Mel. de Almeyda Costa.

Termo de uereasaõ

Aos tres Dias do Mes de agt.º de mil e sete semtos e honze annos, nesta uilla Riqua de Albuqe. em as cazas da camara estando prezemtes os offisiais della em uereasaõ deferiraõ as partes de que fis este termo que asignaraõ. E eu Jorge da fonseca freire escriuaõ que o escreuy.

Joseph Gomes de Mello — Fernd.º da Fonc.ª e Ssaa
— Ant.º de Fr.ª Pintel. — Mel. de Almeyda Costa.

Termo de uereasaõ que fizeraõ os offisiais da camara deste Senado.

Aos sete Dias do Mes de agt.º de mil e sete semtos e honze annos, nesta uilla Riqua de Albuquerque nas cazas da camara della estando prezemtes os offisiais della em uereasaõ deferiraõ as ptes. a todos os seus Requerimtos. de que fis este termo que asignaraõ. E eu Joge da Fonseca freire escriuaõ que o escreuy.

Fernd.º da Fonc.ª e Ssáa — Manoel de Figrd.º Mas-
qs. — Ant.º de Fr.ª Pintel. — Fellix de Gusman Mc.ª Bueno
— Mel. de Almeyda Costa.

Termo de uereasaõ que fizeraõ os offisiais da Camara deste Senado. (*)

..... bem e uerd.^a dramte. seruiseem o cargo de almotaseis guardando em tudo o seruiço de Ds. e de Sua Magde. direito as ptes. segredo de yostiça o que ouueraõ por emcaRegado e os ouueraõ por emposados de que mandaraõ fazer este termo que asignaraõ com os ditos almotaseis E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara que o escreuy.

Joseph Gomes de Mello — Fernd.^o da Fonc.^a e Ssaa — Manoel de Figrd.^o Masqs. — Ant.^o de Fr.^a Pintel. — Luis De Almd.^a Ramos — Mel. de Almeyda Costa — Mel. Frrz' de Azeuedo.

Aos seis Dias do Mes de outubro de mil e sete sentos e honze annos, nesta Villa Rica de albuquerque em as cazas donde se costuma fazer a uereasaõ ahi pellos offisiais da Camara, foi acordado o segte.

Acordaraõ que por ser nessesario mandarem se alguns mantimentos. de milho e feiũaõ p.^a sustemto da gente que destas minas foi em socorro p.^a o Rio de yanr.^o para a expulção do inimigo que naquella praça se acha se tomaraõ quantide. de m.^o e feiũaõ aos Roseiros do campo das minas gerais e porque o preço comun e geral de cada alqueire de milho he de duas outauas, e o alqueire de Feyũaõ he de tres outauas mandaraõ escreuer este acordaõ p.^a tirar a duuida que se podia mouer ao tempo do pagamt.^o para a declarasaõ do dito preço.

E por este modo ouueraõ esta uereasaõ por feita e acabada de que fis este termo em que todos asignaraõ E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da camara o escreuy.

Mello — Masqs. — Pintel. — Costa.

(*) — Falta, aqui, a fl. 6 do codice.

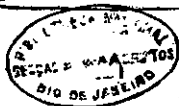
Termo de Juramt.º que se deu aos Almotas-
seis q' ande servir os mezes de novembro e Dezembro.

Aos tres dias do Mes de nouembro de mil e sete sen-
tos e onze annos, em esta Villa Rica de Albuquerque em as
pouzadas do Juis Ordinario, estando juntos os offes. da Ca-
mara em vereassaõ mandaraõ chamar aos Almotaceis que es-
taunõ eleitos para os mezes de noubr.º e dezembro o Alteres
Franc.º da Costa de oliur.ª, e Sebastião Barboza do Prado, e
sendo presentes neste Senado lhes deraõ o Juramento dos
Sanctos Evangelhos, p.ª que bem e verdradr.ªmente seruiçem
os cargos de Almotaceis, goardando em tudo o seruiçso de Ds.
e de Sua Magde. dirt.º as partes, segredo a justiça o que ou-
ueraõ por emcarregado, e os ouueraõ por empossados, de que
mandaraõ fazer este termo que assignaram com os ditos Almo-
taçeis; e eu João Peres Souto Tam. do publico Judicial, e notas,
q' o escreuy, por empedimt.º do Escriuaõ da Camara.

Joseph Gomes de Mello — Ant.º de Fr.ª Pintel. —
Franc.ª da Costa de oliur.ª — Mel. de Almeyda Costa — Se-
bastião Barb.ª Prado.

Manoel de Figre^o Masqs. — Ant.^o de Fr.^a Pintel. — Felix de
Gusman Mc.^a Bueno — Mel. de Almeyda Costa.

Joseph Gomes de Mello — Ant.^o de Fr.^a Pintel. — Franco^o da
Costa de oliur.^a — Mel. de Almeyda Costa — Sebastião Barb.^a Prado.



ANNO DE 1712

Juizes: — Manuel de Figueiredo Mascarenhas, José de Lemos e Moraes.

Vereadores: — Manuel de Almeida Costa, Domingos Rodrigues Raposo, Manuel Fernandes de Azevedo.

Procurador do Concelho: — Ventura Ferreira Vivaz.

Escrivão: — Jorge da Fonseca Freire.

Almotaceis: — Paulo Martins da Gama, Manuel Teixeira Carvalho, Manuel Corrêa Pereira, Domingos Francisco de Oliveira, João Pinto da Silva, Manuel Martins Lopes, José Duarte, Sebastião de Freitas Moreira, José Luiz Sol, Manuel de Mello e Horta, Santos Martins, Archanjo da Silva Vieira.

Thesoureiros: — Manuel de Mello e Horta, Francisco da Costa Rios.

Meirinho do Campo: — José Corrêa Jaques.

Anno de 1712

Termo de abrimt.º de pelcuro do Anno prezte.
de sete semtos e doze.

Ao primeiro Dia do Mes de yaneiro de mil e sete semtos e doze nesta Villa Rica de Albuquerque nas cazas em que se ayuntaraõ os offiçiais da Camara, Digo nas cazas aonde mora o Juis hordinario o coronel Jozeph Gomes de Mello que seruem da Camara aonde se aiuntaraõ os offiçiais della, para effeito de abrir o pelouro o qual abriaraõ que estaua fechado e lacrado e cozido con sinco pingos de lacre na forma que o Remeteu a este Senado o coRegedor da comarquã o Doutor Dezembargador Manoel da Costa de Amorim, e aberto se acharaõ na pauta sahirem p.ª yoizes o Cappitaõ Manoel de figeredo Masquarenhas e Jozeph de Lemos, e para Vereadores o Capitaõ Manoel de Almeida Costa, Domingos Rodrigues Rapozo e Manoel Friz' de Azeuedo, para procurador Vemtura frr.ª uiuas, de que mandaraõ fazer este termo, em que todos asignaraõ. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara que o escreuy.

Joseph Gomes de Mello — Manoel de Figrd.º Mas-
qs. — Ant.º de Fr.ª Pintel. — Manoel de Almeйда Costa.

Termo de pose e yuramt.º que se deu aos
offiçiais da camara q' sairaõ no pelouro.

Ao primeiro Dia do Mes de yaneiro de mil e sete semtos e Doze em as cazas donde mora o coronel Jozeph Gomes de Mello Juis ordinario desta uilla Rica aonde se aiuntaraõ os offiçiais da camara p.ª abrirem o pelouro e como se achasem presentes o capitão Manoel de figeredo Masqras. e o capam. Manoel de Almeida Costa, pello dito Juis Ordinario o coronel Jozeph Gomes de Mello foi dado pose e yuramt.º aos ditos nouos offiçiais debaixo do qual lhes emcaRegou que bem

e uerdadeiramente seruicem os ditos cargos guardando em tudo o seruico de Deos, de Sua Magde. Direito as partes, segredo as yostiças e ouue por empocado ao capam. Manoel de figeredo Masqras. no cargo de Jois Ordinario, e ao capam. Manoel de Almeida Costa no de uereador, de que mandaraõ fazer este termo que assignaraõ. Eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da camara o escreuy.

Joseph Gomes de Mello — Manoel de Figrd.º Masqras. — Ant.º de Fr.ª Pimtel. — Manoel de Almeyda Costa.

Termo de uereasaõ em q' se deu pose aos uereadores e procurador.

Aos sinco Dias do mes de yaneiro de mil e sete semtos e doze annos, nesta Villa Rica de Albuquerque em as cazas em que se aiuntaraõ os officiaes do senado da dita Villa e estando yuntos em uereasaõ deu o Juis Manoel de Figeredo Masquarenhas pose e yuramt.º aos uereadores que sairaõ em pelouro deste prezemte anno o Capitaõ Domingos Roiz' Rapozo, e Manoel de Figeredo digo Manoel Friz' de azeuedo, e ao procurador Ventura Frr.ª Viuas, como tambem ao yuis Jozeph de Lemos aos quais emcaRegou que bem e uerdadeiramente. seruitem os ditos cargos guardando em tudo o seruico de Deos, de Sua Magde., direito as partes segredo a yostiça, de que tudo mandou fazer este termo em que todos assignaraõ. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara que o escreuy.

Mancel de Figrd.º Masqs. — Jozeph de Lemos e Morais — Domingos Roiz' Rapozo — Mel. Frrz' de Azevedo — Ventura Ferreira Vivaz.

Termo de uereasaõ em que Rezoluerãõ por editais para os cortes de gados e para se tirarem licenças do Senado.

Aos sette Dias do Mes de yanr.º de mil e sete semtos e doze, nesta Villa Rica de Albuquerque em as cazas que ao prezemte seruem da Camara estando yuntos os officiaes

della em uereasão Rezoluerão por em aRecadação tudo o que pertencer a este Senado, para cuyo efeito mandarão fixar editais nas partes publicas desta Villa e seu destrito pellos quais comuocam aos creadores e mais pessoas tratantes em gados e a todos os homens' bons' e pouo desta Villa para efeito de se asemtar a melhor forma em que se hão de extabalecer os talhos, sem que os pouos e criadores de gado, Resebaõ preyoizo e este Senado tenha a Renda que todas as camaras costumão ter, e outro sim, mandaraõ fixar outro edital nas ditas ptes. para que todas as pessoas que uzarem de uender quaisquer generos tirassem lisenças e afiraõ marcos, balanças, Valras, couados e mais medidas, e mandarão por a Renda do uer na praça p.^a se aRematar a qm. mais der, e de como asim o Rezoluerão mandaraõ fazer este termo em que todos asignaraõ. E eu Jorge da Fonseca freire escriuão da camara que o escreuy.

Manoel de Figrd.^o Masqs. — Jozeph de Lemos e Morais — Domingos Roiz' Rapozo — Manoel de Almeyda Costa — Mel. Frrz' de Azd.^o — Vivaz.

Termo de uereasão em que se elegerão almotaseis para seruirem os mezes de yaneiro e feureiro.

Aos outo Dias do Mes de yaneiro de mil e sete semtos e doze, nesta uilla Rica de Albuquerque em as cazas que ao prezte. seruem de camara, estando yuntos os officiais della em uereação Rezoluerão eleger por talmotaseis a Paullo Martins' da gama, e a Manoel teixeira carualho, p.^a seruirem os dous mezes de yaneiro e Feureiro por auerem feito deixasão, o Juiz hordinario do anno prosimo pasado Jozeph Gomes de Mello, e o uereador Antonio de faria Pimentel, e de como asim o Rezoluerão e elegerão uniformemte. as mais uozes os ditos dous almotaseis p.^a seruirem os ditos dous mezes mandaraõ fazer este termo em q' todos asignaraõ. E eu Jorge da Fonseca freire escriuão da Camara o escreuy.

Manoel de Figrd.^o Masqs. — Jozeph de Lemos e Morais — Manoel de Almeyda Costa — Domingos Roiz' Rapozo — Mel. Frrz' de Azd.^o — Vivaz.

E logo no mesmo Dia Mes e Anno atras declarado sendo chamados os ditos dous almotaseis, Paullo Martins' da gama, e Manoel teixeira de carualho, a este Senado se lhe deu pose e yramento dos Samtos Euangelhos em hũ liuro delles debaixo do qual lhe emcaRegaraõ que bem e uerdadeiramte. seruisem os ditos cargos guardando em tudo o seruiso de Deus, de Sua Magde. direito as ptes. segredo a yostiça e de como se lhe deu a dita pose, e yramt.º mandaraõ fazer este termo. E como naõ ouuese mais que Rezoluer no dito acordo ouuerão a uereação por acabada e mandaraõ fazer este termo q' todos acabaraõ digo asignaraõ. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da camara que o escreuy.

Manoel de Figrd.^b Masqs. — Domingos Roiz' Rapozo — Mel. Frrz' de Azd.º — Vivaz — Paulo Miz' da Gama — Jozeph de Lemos e Moraes — Mel. Teixe.^a Carv.º — Manoel de Almeyda Costa

Termo de uereasão em q' se Rezolueu fazer tizoureiro do Senado

Aos dezaseis Dias do Mes de yaneiro de mil e sete semtos e doze nesta Villa Rica de Albuquerque nas cazas que ao prezente seruem de camara estando yuntos os offçiais della em uereasão Rezoluerão fazer thezoureiro, para Reseber a Rendas deste Senado, e por acharem sufisiemçia na pessoa de Manoel de Mello, o elegeraõ por Thezoureiro deste Senado, para cobrar as rendas delle de que mandaraõ se lhe pasase provizaõ na forma do estillo; e outrosy deferiraõ as ptes. E entre ellas as petiçois dos offçiais padaneos dos lemites, e Rezoluerão que todo aquelle a quem se fizesse a graça de lhe darem provizaõ dese huã fiança neste Senado, da quantia de sem outauas de ouro, para assim euitar os descaminhos que se podem seguir as ptes., de que mandaraõ fazer este termo, em que todos asignaraõ. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara que o escreuy.

Masqs. — Rapczo — Costa — Azeuedo — Vivaz.

Termo de uereação que fizeraõ os offiçiais da camara em que Rezolueraõ com os creadores e pessoas do pouo não por os talhos em praça e que de cada cabeça de gado pagaria qm. a matase m.^a pataca de ouro.

Aos dezouto Dias do Mes de yaneiro de mil e sete semtos e doze annos, nesta uilla Rica de Albuquerque nas cazas que ao prezte. seruem de camara, ahonde os offiçiais della se ayuntarão para por em aRecadação os cortes de gado que tocaõ a este Senado, e como para este efeito se tiuesem comuocado os criadores de gado, negociamtes delle, e Pouo desta Villa, e por todos uniformemente as mais uozes, fose dito que não comuinha uzar este Senado da Regalia que lhe he prometida em aRematar cortes, pois disso Rezultaua muito preyoizo aos creadores, negoçiamtes, e moradores desta Villa e seu termo por não estar ainda estabalecida a forma destes talhos nestas minas, e que para o Senado, não perder de algũ modo o direito que tem nos talhos querião comutar lhe o Rendimt.^o destes em pagar por cada cabeça de gado que nesta Villa e seu termo, se cortar a quarta pte. de huã outaua de ouro, o que uisto pellos ditos offiçiais da camara e considerando que de aseitarem a dita quarta parte de huã outaua de ouro, em comutação dos ditos cortes se não seguia preyoizo as Rendas deste Senado, e ao pouo, se podia de algũ modo seguir Vtilidade; Rezolueraõ uniformemente asçitar a dita quarta parte de huã outaua a que chamaõ uulgarmente meya pataca em cada cabeça de gado, que nesta Villa e seu termo se cortar não exsetuando desta comtribuição mais que os creadores, e pessoas que trataõ em gados, cu os q' os tem em seus pastos, matando estes alguã Res para gasto de suas fabricas e cazas com tal comdição que se dellas uenderem algũ qt.^o por este ficarem obrigados a satisfazer a d.^a comtribuição por em cheo, e pellos ditos creadores, negoçiamtes, e pouo desta Villa foi dito que nesta forma aseitauaõ a dita comtribuição, e se obrigauaõ de sua liure uontade á dita satisfação em Refens' do direito que este Senado tem nos cortes e que o poderião cobrar na forma que mais comueniente pareser, esta aRecadação e de como asim o diseraõ, e os ditos offiçiais da Camara asentaraõ mandaraõ fazer este termo em que asignaraõ com os ditos creadores, negoçiamtes, e Pouo. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da camara que o escreveu.

Manoel de Figrd.º Masqs. — Domingos Roiz' Rapozo — Manoel de Almeyda Costa — Manoel Frz' de Azd.º — Manoel Correa Pr.ª — Ventura Ferreira Vivaz — Dos. de Araujo Anttas — Hm.º de Ar.º Tinoco — Mel. de Mello e horta — Ignasio Ribr.º Machado — Dos. Almyd.ª de Brito — Mel. Miz' Lopes — de Silvestre † cout.º — de Estevão † da Silva — Paulo Duarte Coelho — Manoel Tavares — João de Barros — Bento Pereira Lima — Ant.º Gonsalves Gr.ª — Miguel dos Santos de Oliveira — Ant.º de Almeyda fr.ª — Manoel Roiz Leão — Dioguo Fagundes — Domingos Montr.º — Francisco da Costa Rios — Mel. Frias Castel Brc.º — Franc.º Alz Coelho — Bento Martins Marques — Mathias Frz' — Custodio do Couto Rapozo — Manoel Barboza Maciel — Domingos Machado — Domingos Alyrez — Ant.º Telles de Menezes — Manoel de Souza Pinto — Lussiano Nunes Teixr.ª — Lucas Frz' Guimaraes — Manuel Mendes Pimt.ª — Domingos Gouueia Neto — Jozeph Roiz' da Costa — Mel. Ribr.º da Costta — Mel. Nogr.ª Passos — Franc.º de Souza Costa — Jozeph Salla de Lemos — João Correia Dias — Manoel Roiz' Jetuval — Ant.º NuNes — Jozeph de Abreu Fialho — Sbam. de Freitas Mor.ª (*)

Termo de vereasaõ que fizeraõ os officiaes da camara em que Rezoluerãõ o que auia de leuar o escriuaõ dalmotasaria.

Aos dezanoue Dias do Mes de yaneiro de mil e sete semtos e doze annos, nesta Villa Rica em as cazas que ao prezte. seruem da Camara estando iuntos os officiaes della em uereação Rezoluerãõ que digo em uereação deferindo as partes por parte do escriuaõ dalmotasaria foi aprezemtada huã petição na qual Reprezemtava que consedendo lhe este Senado, pellas posturas que se fizeraõ o anno passado parte nas condenacois que os almotaseis fizesem, o coRegedor da comarqua lhas proibia por lhe não pertenserem, e que so lhe pertensiaõ o Rezisto das almotasarias pedindo se lhe prouese em cada genero o que paresese comueniente em forma que se lhe pagase o seu trabalho. O que uisto pellos ditos officiaes da cam.ª attendendo a que o dito Escriuaõ dalmotasaria não

(*) Estas assignaturas estão reproduzidas, em gravura, nas pags. 223 e 225.

Manoel de Almeida Costa
Manoel de Almeida Costa

Manoel de Almeida Costa

Manoel de Almeida Costa

Manoel de Almeida Costa

Manoel de Almeida Costa

Manoel de Almeida Costa

Manoel de Almeida Costa

Manoel de Almeida Costa

Manoel de Almeida Costa

Manoel de Almeida Costa

Manoel de Almeida Costa

Manoel de Almeida Costa

Manoel de Almeida Costa

Manoel de Almeida Costa

Manoel de Almeida Costa

Manoel de Almeida Costa

Manoel de Almeida Costa

Manoel de Almeida Costa

Manoel de Almeida Costa

Manoel de Almeida Costa

Manoel de Almeida Costa

Feb 14

O. Shering & Co. Ltd. to Mrs. Rogers & Co.

Manoel Barbosa Maciel Domingos Machado
Domingos Maciel

Donington Nov 22
Wm. Ellis & Menzies

1. *Alonso de Ercilla*
 2. *Alonso de Ercilla*
 3. *Alonso de Ercilla*
 4. *Alonso de Ercilla*
 5. *Alonso de Ercilla*
 6. *Alonso de Ercilla*
 7. *Alonso de Ercilla*
 8. *Alonso de Ercilla*
 9. *Alonso de Ercilla*
 10. *Alonso de Ercilla*
 11. *Alonso de Ercilla*
 12. *Alonso de Ercilla*
 13. *Alonso de Ercilla*
 14. *Alonso de Ercilla*
 15. *Alonso de Ercilla*
 16. *Alonso de Ercilla*
 17. *Alonso de Ercilla*
 18. *Alonso de Ercilla*
 19. *Alonso de Ercilla*
 20. *Alonso de Ercilla*
 21. *Alonso de Ercilla*
 22. *Alonso de Ercilla*
 23. *Alonso de Ercilla*
 24. *Alonso de Ercilla*
 25. *Alonso de Ercilla*
 26. *Alonso de Ercilla*
 27. *Alonso de Ercilla*
 28. *Alonso de Ercilla*
 29. *Alonso de Ercilla*
 30. *Alonso de Ercilla*
 31. *Alonso de Ercilla*
 32. *Alonso de Ercilla*
 33. *Alonso de Ercilla*
 34. *Alonso de Ercilla*
 35. *Alonso de Ercilla*
 36. *Alonso de Ercilla*
 37. *Alonso de Ercilla*
 38. *Alonso de Ercilla*
 39. *Alonso de Ercilla*
 40. *Alonso de Ercilla*
 41. *Alonso de Ercilla*
 42. *Alonso de Ercilla*
 43. *Alonso de Ercilla*
 44. *Alonso de Ercilla*
 45. *Alonso de Ercilla*
 46. *Alonso de Ercilla*
 47. *Alonso de Ercilla*
 48. *Alonso de Ercilla*
 49. *Alonso de Ercilla*
 50. *Alonso de Ercilla*
 51. *Alonso de Ercilla*
 52. *Alonso de Ercilla*
 53. *Alonso de Ercilla*
 54. *Alonso de Ercilla*
 55. *Alonso de Ercilla*
 56. *Alonso de Ercilla*
 57. *Alonso de Ercilla*
 58. *Alonso de Ercilla*
 59. *Alonso de Ercilla*
 60. *Alonso de Ercilla*
 61. *Alonso de Ercilla*
 62. *Alonso de Ercilla*
 63. *Alonso de Ercilla*
 64. *Alonso de Ercilla*
 65. *Alonso de Ercilla*
 66. *Alonso de Ercilla*
 67. *Alonso de Ercilla*
 68. *Alonso de Ercilla*
 69. *Alonso de Ercilla*
 70. *Alonso de Ercilla*
 71. *Alonso de Ercilla*
 72. *Alonso de Ercilla*
 73. *Alonso de Ercilla*
 74. *Alonso de Ercilla*
 75. *Alonso de Ercilla*
 76. *Alonso de Ercilla*
 77. *Alonso de Ercilla*
 78. *Alonso de Ercilla*
 79. *Alonso de Ercilla*
 80. *Alonso de Ercilla*
 81. *Alonso de Ercilla*
 82. *Alonso de Ercilla*
 83. *Alonso de Ercilla*
 84. *Alonso de Ercilla*
 85. *Alonso de Ercilla*
 86. *Alonso de Ercilla*
 87. *Alonso de Ercilla*
 88. *Alonso de Ercilla*
 89. *Alonso de Ercilla*
 90. *Alonso de Ercilla*
 91. *Alonso de Ercilla*
 92. *Alonso de Ercilla*
 93. *Alonso de Ercilla*
 94. *Alonso de Ercilla*
 95. *Alonso de Ercilla*
 96. *Alonso de Ercilla*
 97. *Alonso de Ercilla*
 98. *Alonso de Ercilla*
 99. *Alonso de Ercilla*
 100. *Alonso de Ercilla*

Juan de Guimaraes

Marcel Mendel Es. m. 14, Doumige, Commerce des

Joseph H. H. H.

W. H. D. C. 1871

[Handwritten signature]

Fr. de Serna y Galt

4. *Handwritten signature*

春

Soupe salade de la m...

Longoria J. - 10

Manuel Propper

Clay

Chas. F. Smith

Sept 20th 1861

[Handwritten signature]



he ligitto leuar nada nas ditas condenaçois e que o selario que se lhe arbitrou o anno passado dos Rezistros he tão tenue que com elle não pode uiuer, Rezolueraõ não tiuese nada nas ditas condenasois e ficasem para o Senado, e que nos Rezistos dos escritos dalmotasaria leuase de selario de cada genero qt.º uinteis douro e na escrita que fizesse em autos yudisiais leuase o mesmo que os taballiais, e que de cada Rezisto não Rezistase mais que hũ barril de cada genero, e de como asim o Rezolueraõ mandaraõ fazer este termo em que todos asignaraõ. E eu Jorge da fonseca freire Escriuaõ da Camara que o escreuy.

Masqras. — Rapozo — Costa — Vivaz.

Termo de uereasaõ.

Aos uinte e tres Dias do mes de yanr.º de mil e sete semtos e doze annos, nesta Villa Rica de albuquerque em as cazas que ao prezemte seruem de camara, e nella deferiraõ as partes e Rezolueraõ se puzese na praça as meyas patacas do gado por acharem ser mais comueniente a melhor aRecadação de que mandaraõ fazer este termo em que asignaraõ. E eu Jorge da fonseca freire Escriuaõ da Camara o escreuy.

Masqras. — Rapozo — Costa — Vivaz.

Termo de uereação q' fizeraõ os offiçiais da Camr.ª em q' Rezolueraõ o q' se auia de leuar dos foros que se aforarem.

Aos trimta Dias do Mes de yaneiro de mil e sete semtos e doze annos, nesta uilla Rica de Albuquerque em as cazas que ao prezemte seruem de camara estando yumtos os offiçiais della em uereação que se auiaõ de leuar digo Rezolueraõ que se deuia leuar dos foros que se fizesem neste Senado a meya outaua por cada braça de terra que oCuparem em as catas q' se fizerem nesta uilla e seu dstricto, e de como asim o Rezolueraõ mandaraõ fazer este termo em q'

todos assignaraõ. Villa Rica e Camara uinte de fer.º (*) de mil e sete semtos e doze annos eu Jorge da fonseca freire escriuaõ da Camara que o escreuy.

Lemos — Rapozo — Costa — Azeuedo.

Termo de uereação q' se fez e se Rezolueu o modo que se auia tomar p.ª se prepararem os caminhos.

Aos seis Dias do mes de fr.º de mil e sete semtos e doze annos, nesta Villa Rica de Albuquerque em as cazas que ao prezemte seruem de camara estando yuntos os officiaes della em uereação Rezoluerão a melhor forma que se achaua para se redeficarem os caminhos para a seruentia desta uilla por estarem emcapazes p.ª a condução dos mantimentos. e seruentia do bem publico se puzesem em praça a qm. com mais comueniencia os fizese, por se achar ser dificultozo o comcorrer os moradores com escrauos p.ª a feitura delles, e que estes se fintasem na forma que a hordenação do Reino dispoem em semelhantes cazos principalnte. neste que asim o dispoem, E de como asim o Rezoluerão mandaraõ fazer este termo que assignaraõ E eu Jorge da fonseca freire escriuaõ da Camara que o escreuy.

Lemos — Rapozo — Costa — Azeuedo — Vivaz.

Termo de uereação que se fes em q' se tomou pose da Sismaria.

Aos uinte e qt.º Dias do Mes de feur.º de mil e sete semtos e doze annos nesta uilla Rica de Albuquerque em as cazas que ao prezente seruem da Camara estando yuntos os officiaes della em uereação Rezoluerão que se tomase pose da sismaria que tinha este Senado dada pello Scr. gnal. Ant.º de Al-

(*) — Esta data faz suppôr que as actas nem sempre eram lavradas no dia das reuniões da Camara, visto ser este termo da sessão de 30 de Janeiro e o que se lhe segue da de 6 de Fevereiro.

buquerq' Coelho de caru.º a qual se foi logo tomar com as sole-
nidades que se costumaõ fazer em semelhantes actos; e asim
mais deferiraõ as ptes. a seus Requerimentos, e mandaraõ
fazer este termo em que todos assignaraõ eu Jorge da Fonseca
freire escriuaõ da camara o escreuy.

Lemos — Rapozo — Costa — Azeuedo — Vivaz.

Termo de uereasaõ que fizeraõ os officiais
da camara em que se elegeraõ as pessoas que auiaõ
de servir de Almotaseis.

Aos uinte e sete Dias do Mes de feur.º de mil e sete
semtos e doze annos nesta Villa Rica de Albuquerque' em as
cazas que ao prezemte seruem da Camara estando yuntos os
officiaes della em uereasaõ Resoluerã fazerem nouos almota-
seis para seruirem os mezes de Março e abril, e a mais uotos
elegeraõ ao Cappm. Manoel coRea Pr.ª, e a Domingos Franc.º
de oliueira; e asim mais deferiraõ as ptes. a seus Requerimtos.
e de tudo mandaraõ fazer este termo em que todos assigna-
raõ. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara que o
escreuy.

Masqras. — Rapozo — Costa — Azeuedo.

Termo de uereaçaõ que fizeraõ os officiais
da camara em que derã posse aos nouos almotaseis.

Aos sinco Dias do Mes de Março de mil e sete sem-
tos e doze annos, nesta uilla Rica de albuquerque' em as cazas
que ao prezemte seruem da Camara estando yuntos os officiaes
della em uereaçaõ deraõ pose e yuramt.º ao cappam. Manoel
CoRea Pr.ª e a Domingos Franc.º de oliueira p.ª seruirem de
almotases os mezes de Março e abril aos quais deu yuramt.º
o yuis Manoel de Figrd.º Masqas. em hũ liuro dos santos
euangelhos, p.ª que bem e uerdadr.ªmente seruiseu o dito
cargo guardando em tudo o seruico de Ds. de Sua Mgde., di-
reto as ptes. segredo a yostiça, de que de tudo mandaraõ fa-

zer este termo em que todos assignaraõ. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara que o escreuy.

Masqras. — Rapozo — Costa — Azeuedo — Manoel Correa Pr.^a — Dos. Franc.^o de Oliur.^a

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da camara em que Rezoluerão se não fizesem Ranchos sem se aforarem.

Aos sinco Dias do Mes de Março de mil e sete semtos e doze annos, nesta uilla Rica de Albuquerque em as cazas que ao prezenite seruem da camara estando yuntos os officiais della em uereação Rezoluerão que porqt.^o mtas. pessoas que fabricaõ Ranchos nesta uilla o fazem sem lisenca deste senado não obstante o ter se posto edital em que se lhes proibe o leuamtalos sem lisença deste senado, e aforamt.^o delle o que he em preioizo das rendas do conselho ordenaraõ que toda a pessoa que levantar Rancho sem a dita lisença seia condemnado na postura do conselho e se lhe mande botar abaixo a sua custa e o mesmo se emtenderá com os que os tiuerem prencipia-dos amtes do d.^o edital não estando Realmte. acabados, e com todos aquelles que quizerem comsertar ou redificar algũa caza das que estão feitas, p.^a que desta sorte se uaõ emdireitando as Ruas, e de como asim o Rezoluerão mandaraõ fazer este termo em que assignaraõ. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camar.^a o escreuy.

Masqras. — Rapozo — Costa — Azeuedo — Vivaz.

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da camara em que Rezoluerão aRematar a Renda das meias patacas.

Aos des Dias do Mes de Março de mil e sete semtos e doze annos nesta uilla Rica de Albuquerque em as cazas que ao prezte. seruem da camara estando yuntos os officiais della

em uereasaõ Rezolueraõ se aRematase a Renda das meias patacas por auer muitos dias que amdaua na praça e em se demorar a dita Rematação tinha mtos. descaminhos na aRecadação dellas, e outro sim Rezolueraõ que qualquer pessoa q' matase gado e ocultase ao Rendeiro da dita Renda perdese todas as Rezes que asim ocultase p.^a o dito Rendeiro e trinta Dias da cadea de q' mandaraõ fazer este termo em que asignaraõ. E eu Jorge da fonc.^a freire escriuaõ da camar.^a o escreuy.

Masgras. — Rapozo — Costa — Azeuedo — Vivaz.

Termo de uereação que fizeraõ os officiaes da camara em que Rezolueraõ as pessoas que auiaõ de seruir de almotases os mezes de Mayo e yunho deste prezte. anno.

Aos uinte e sete Dias do Mes de Abril de mil e sete semtos e doze annos, nesta uilla Rica de Albuquerque' em as cazas que ao prezemte seruem da camara estando yuntos os officiaes della em uereação Rezolueraõ fazer eleição de pessoas para seruirem de almotases os mezes de Mayo e yunho proximo, e nomearam para os ditos cargos a Joaõ Pimto da Silua, e a Manoel Martins' Lopes e de como asim o Rezolueraõ mandaraõ fazer este termo em que todos asignaraõ. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da camara que o escreuy.

Lemos — Rapozo — Costa — Azeuedo — Vivaz.

Termo de uereasaõ em q' se deu pose aos almotases que haõ de seruir este Mes de Mayo e yunho deste prezte. anno.

Aos quatro Dias do Mes de Mayo de mil e sete semtos e doze annos nesta Villa Rica em as cazas da Camara estando yuntos os officiaes della em uereasaõ deraõ pose aos nouos almotases Joaõ Pimto da Silua, e a Manoel Martins Lopes para seruirem estes mezes de Mayo e yunho, aos quais

deu o yuis ordinario Manoel de Figrd.º Masqras. o yuramt.º em hũ Liuro dos Santos para q' bem e uerdade.ªmente seruissem os dittos cargos guardando em tudo o seruiço de Deos, de Sua Magde. direito as partes segredo a yostiça de q' de tudo mandaraõ fazer este termo em que todos asignaraõ. E eu Jorge da Fonseca freire escruaõ da Camara que o escreuy.

Masqras. — Rapozo — Costa — Vivaz — João Pt.º da Silua — Mel. Miz' Lopes.

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da Camara em q' tomaraõ os sinais publicos dos tabaliais desta Villa Rica de Albuquerque.

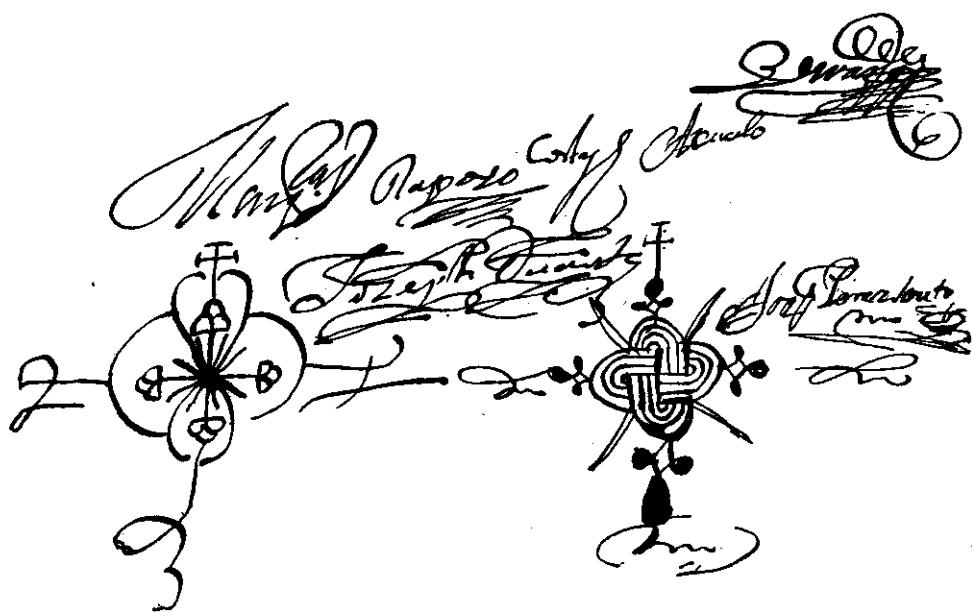
Aos quatro Dias do Mes de Mayo de mil e sete semtos e doze annos nesta uilla Rica em as cazas da Camara estando yuntos os officiais della em uereação appareceraõ Jozeph Duarte e Joaõ Peres Soto, tabaliais nesta Villa os quais uieraõ a dar fiancas neste Senado que se lhes tomou no L.º dellas e fizeraõ os seus sinais publicos, ao pe deste termo em que todos asignaraõ com os ditos tabaliais. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara q' o escreuy.

Masqras. — Raposo — Costa — Azeuedo — Vivaz — (Signal publico) Jozeph Duarte — (Signal publico) — João Peres Souto. (*)

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da camara em que Rezolueraõ que se fintassem os moradores p.ª se fazerem os caminhos.

Aos sete Dias do Mes de Mayo de mil e sete semtos e doze annos, nesta Villa Rica de Albuquerque em as cazaç que ao prezemte seruem de camara estando yuntos os officiais della em uereação, acordaraõ que para se fazerem os caminhos do destrito desta Villa era o melhor modo porem se em praça a qm. mais barato os quizesse fazer para cuyo efeito se deuiaõ fintar os moradores do destrito p.ª o que se nomearaõ as pessoas segtes. p.ª lançar a dita finta, em o Bairro do ouro

(*) Estas assignaturas e signaes vão reproduzidos na gravura da pag. 233.



Masqras. — Raposo — Costa — Azevedo — Vivaz — (Signal publico)
 Jozepn Duarte — (Signal publico) João Peres Souto.

Preto se nomeou p.^a a dita fimta, João Vellozo, e o Alferes Manoel tauares, em Antonio Dias, a Manoel de Frias e a Franc.^o de Almeida, em o morro, João da Silua, o Padre faria Domingos teixeira no coRego Ant.^o da Silua os quais foraõ chamados a este senado e se lhes declarou a forma que se auia de tomar na destribuição da tal fimta, declarando lhes que p.^a se poderem fazer com mais suauide. ditos caminhos se deitasem aos moradores con suauidade conforme cada hũ podese e as suas poses o ayudasem sendo con moderasaõ p.^a o que se elegeraõ as pessoas nomeadas as quais se lhes deu o yuramt.^o dos santos euangelhos para que repartisem pellos pellos (sic) moradores a dita fimta na forma declarada sem afeição nem dezinclinação alguã. E esta fimta se fas por esta ues somte. naõ seruindo de exemplo p.^a adiante por estar o senado ainda sem Rendas p.^a poder suprir a estas despezas, se Rezolueu na forma asima declarada. E de como se acordou o Referido mandaraõ fazer este termo em que todos assignaraõ. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara o escreuy.

Masqras. — Rapozo — Costa — Azeuedo — Franc.^o de Almeyda — Domingos teixeira da crus — Joam' da Silva Guimes. — Ant.^o da Silva — João Vellozo de Caru.^o — Manoel Tauares — Mel. de Frias Castel Brac.^o

Termo de fiança que da Hyronimo de Barros escriuaõ das execusois.

Aos sete Dias do Mes de Mayo de mil e sete semtos e doze annos, nesta Villa Rica em as cazas que ao prezemte seruem de camara apareseo Hyeronimo de Barros e por elle foi dito que uinha a dar fianca neste senado que se lhe auia mandado dar da quamtia de sincoemta outauas de ouro da seruentia do seu officio de escriuaõ das execusois para o q' ofereceu por fiador a Manoel de Miranda que se obrigou a dita fiança de que fis este termo em q' assignou com o dito fiador. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara que o escreuy.

Mel. De Mird.^a Barros — Hyeronimo de Barros.

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da camara em q' deferiraõ as ptes.

Aos uinte e sinco Dias do Mes de Mayo de mil e sete semtos e doze annos, nesta uilla Rica de Albuquerque em as cazas que ao prezemte seruem da Camara estando yuntos os officiais della em uereação deferiraõ as partes de que mandaraõ fazer este termo em que todos asignaraõ. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara o escreuy.

Masqras. — Rapozo — Azeuedo — Vivaz.

Termo de fianca que da Jozeph de Ande. Ximenes escriuaõ da uentena do districto da Hitatiaya.

Aos uinte e oito Dias do Mes de Mayo de mil e sete semtos, e doze annos, nesta Villa Rica em as cazas que ao prezemte seruem da camara estando yuntos os officiais della em uereação appareseo Jozeph de Andrade Ximenes com hua prouizaõ por onde o auiaõ feito escriuaõ da uentena do destrito da Hitatiaya ao qual mandaraõ que dese fiança para poder servir o dito offiço da quamtia de uinte outauas de ouro, e para a qual fiança ofereceu por fiador a Manoel CoRea que prezemte estaua o qual dise que se obrigaua a dita fianca p.^a o q' obrigaua sua pessoa e bens auidos e por auer de que mandaraõ fazer este termo que ambos asignaraõ. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara que o escreuy.

Jozeph de Andrade Xemenes — Manoel Correa.

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da Camara em 15 de junho.

Aos quinze Dias do Mes de junho de mil e sete semtos e doze annos, nesta Villa Rica nas cazas que ao prezemte seruem da camara estando yuntos os officiais della em uereação

caõ Rezoluerão fazer huã caza de camara para cuyo efeito a mandaraõ por em pregaõ na praça; e outrosim pello procurador do conselho foi requerido se fizesse fiscal das Rendas deste senado que por falta delle Resebiaõ preyuizo, e pello dito procurador foi mais Requerido se deuia dar cobro nos atrauesadores do milho pello preioizo que se seguia ao bem publico por cuya cauza experimentauão estes moradores alteração nos preços e que se deuia atalhar tão grauissimo dano, com as penas que yustas pareserem, asim para os ditos atrauesadores, como para toda a pessoa que os presuadir emdozindo os a que não uendaõ ditos mantimentos. senaõ por preços exorbitantes, dando lhes arbitris em dano geral de toda esta republica e sosiego comun della, o que uisto pellos ditos officiais da camara uniformemente. as mais uozes Rezoluerão e nomearaõ por fiscal das Rendas deste conselho ao Ruador e medidor Manoel de Frias Castello Branco de que se lhe deu Regimt.º p.ª melhor a Recadação das ditas Rendas e se lhe deu o iuramt.º dos santos euangelhos e de como o Resebeu assignou aqui. E que emqt.º aos atrauesadores de milho se lansase pregaõ pello qual se prohibiçe que nenhuã pessoa de qualquer cabilidade condição que fose podese atrauesar milhos, e os mais mantimentos com pena de duzentas outauas de ouro pagas da cadea para as Rendas do conselho e dous annos, de degredo para fora da comarqua, e a terça pte. p.ª o acuzador, de que tomaraõ conhesimt.º os yuizes ordinarios tirando deuaça na forma do seu regimt.º E de como asim o Rezoluerão mandaraõ fazer este termo em que todos assignaraõ e eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da camara que o escreuy.

Lemos — Costa — Azeuedo — Vivaz.

Termo de uereasaõ que fizeraõ os officiais da camara em q' Rezoluerão aRematar a caza da camara.

Aos uinte e dous Dias do Mes de junho de mil e sete semtos e doze annos, nesta Villa Rica em as cazas da camara estando yuntos os officiais della em uereação Rezoluerão que se aRematase a caza de camara que andaua em praca a qual se aRematou, no mesmo Dia; e asim mais Rezoluerão

que se noteficasem as pessoas que fazião cazas sem ~~hisenca~~ do senado e de tudo mandaraõ fazer este termo em q' todos ~~asi~~ naraõ Eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara o escreuy.

Lemos — Costa — Azeuedo — Vivaz.

Termo de uereasaõ que fizeraõ os officiaes da camara em què se lhe Requereo leuarem os aferidores mais do q' se lhe auia ordenado por seu Regimento.

Aos uinte e sinco Dias do Mes de junho de mil e sete semtos annos, digo e doze annos nesta Villa Rica em as cazas da camara estando yuntos os officiais della em uereasaõ Rezolueraõ o segte. que por queixa que se fes a este senado uarias pessoas principalmte. Franc.º Pr.ª Cazaboa, e Manoel de Freitas de lhe levar demais do Regimt.º duas outauas de ouro de Reuista de huñs marquos digo de hũ marquo de L.ª e balança; que sendo lhe dado meya outaua da d.ª Reuista lhe leuou duas outauas e o mesmo uzou com Franc.º pr.ª com hũ marquo de m.ª Liura e asim mais ficou conuencido o atilador Manoel tauares Pr.ª em hũ terno de medidas a cada hũ dos sobreditos leuando lhe em dobro do que lhe dá o seu Regimt.º e sendo mandados uir a este senado não deraõ descarga que os Releuase, o que uisto pellos ditos officiais da camara Rezolueraõ uniformemte. as mais uozes que se prendesem Ditos afiladores por se auerem neste senado com menos Respeito não admitindo as ordens' por elles empostas e os condemnaraõ em dezaseis outauas cada hũ na forma da postura deste senado que ambos fazem hũa qt.ª de ouro, e em trinta Dias de cadea cada hũ donde não seraõ soltos sem pr.º pagar a dita condenação e Restituir o que demais leuaraõ aos queixozos e de como asim o Rezolueraõ mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara que o escreuy.

Lemos — Costa — Azeuedo — Vivaz.

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da camara em que Rezolueraõ que as pessoas que pagassem foros naõ pagariaõ laudemios qd.º uendesem.

Aos trimta Dias do mes de yunho de mil e sete semtos e doze annos, nesta uilla Rica em as cazas da camara estando iuntos os officiais della em uereação Rezolueraõ o segte. que porqt.º alguñs moradores desta uilla se lhes oferesia duuida áforar ou aRendar as terras do conselho pella penção de pagar os laudemios sendõ esta huã noua creação em que deuiaõ ter a Regalia de pouoadores Rezolueraõ uniformemte. as mais uozes que p.ª comuidar os ditos moradores a uirem aforar em ordem a este senado ter mais Rendas se lhe fizesse a graça de naõ pagar laudemios; e com esta condição se lhe aforassem, e o mesmo se atenda com os que tem aforado athe aqui. E de como asim o Rezolueraõ mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da camara que o escreuy.

Lemos — Costa — Azeuedo — Vivaz.

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da camara em que Rezolueraõ as pessoas que auiaõ de seruir os cargos de almotases os mezes de yulho e agosto.

Aos seis Dias do mes de yulho de mil e sete semtos e doze annos, nesta uilla Rica em as cazas da camara estando yuntos os officiais della em uereação Rezolueraõ uniformemte. que para seruirem de almotaseis nos mezes de yulho e agt.º elegiaõ as pessoas de Jozeph Duarte e SeBastiam de freitas para seruirem os ditos cargos e de como asim o Rezolueraõ mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara o escreuy.

Masqras. — Rapozo — Costa — Azeuedo — Vivaz.

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da camara em que deraõ pose e yuramt.º aos nouos almotases.

Aos noue Dias do Mes de junho de mil e sete semtos e doze annos, nesta uilla Rica em as cazas que ao przte. seruem da camara estando yuntos os officiais della em uereação deraõ pose e yuramt.º aos nouos almotases Jozeph Duarte, e SeBastião de Freitas a quem deraõ o yuramt.º em hũ liuro dos Samtos Euamgellhos e lhe emcaRegaraõ que bem e uerda-dr.ºmte. seruiseem os ditos cargcs guardando em tudo o seruiço de Deos, de Sua Magde., direito as ptes. segredo a yustiça e de tudo mandaraõ fazer este termo em que todos asignaraõ E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara que o escreuy.

Masqras. — Rapozo — Costa — Azeuedo — Vivaz — Jozeph Duarte — Sbam. de Frtas. Mor.º

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da camara em que mandaraõ se dese comprimt.º a ordem de Sua Magde. que Ds. gde. em que ordena se extabaleça coReo nestas minas.

Aos treze Dias do mes de julho de mil e sete semtos e doze annos, nesta Villa Rica em as cazas que ao prezemte seruem da camara estando yuntos os officiais della por pte. dos procuradores do Ayudante Ant.º Alures da Costa o Capam. Manoel Dias e o Alferes Manqel da Silua Roza foi aprezentada huã petição com o treslado de huã carta da Sua Magde. que Ds. gde. em que ouue por bem confirmar a romeação que no dito ayudante Ant.º Alues da Costa fez Dona Iza-bel Cafaro como tutora e administradora da Pessoa e bens' de seu tilho Luis Vitorio de Souza Coutinho da mata, para asistente do offiço de coReo mor destas minas, e da çidade do Rio de yanr.º extabaleçido em utilidade da coRespondência dos Pouos e melhor expedição do negocio como tudo se uerificaua dos treslados autemticos q' os ditos procuradores aprezentaraõ os quais se mandaraõ Registrar dando lhe cumprimt.º em oseruancia da ordem do dito senhor o que uisto pellos ditos officiais da camara o seruir de utilide. auer coReo nestas

minas para melhor expedição do negocio dellas premsipalmente. no destrito desta uilla Rezolueraõ uniformte. se extabaleseçe nesta dita uilla CoReo na forma da ordem de Sua Magde. que Ds. guarde e de selario lhe taixaraõ por cada carta singella meya pataca de ouro que he a quarta pte. de huã outaua e os maços a esse Respt.^o como tambem os precatórios e sentenças ou outros quaisquer papeis que desta ou daquella pte. uierem Remetidos a esta uilla ou della p.^a outra pte., com declaração que as que uierem de demtro de todas estas minas para alguã uilla ou destrito della lhe taixaraõ somte. quatro uimteis que he a outaua pte. de huã outaua; concluindo que a parte da quarta pte. da outaua se emtende nas cartas que uierem de fora destas minas para esta uilla, e a parte da outaua pte. se emtende nas que p.^a ella uierem de todas estas minas. E de como asim o Rezolueraõ os ditos officiais da camara estando prezemtes os procuradores, do dito ayudamte Ant.^o Alues da Costa que como tais se obrigarão a ter prompta huã caza com sacco em que se posaõ botar as cartas com aquella segurança que nessesaria for p.^a melhor aRecadação obrigando se cada um por si a dar comta do que constar yuridicamte. poderia emportar o prosedido das ditas cartas as quais poraõ em termo de quinze Dias nestas minas, da cidade do Rio de yanr.^o e dellas em outros quinze a dita cide. sendo ao sabado Dia de coReo nesta Villa, e de como se obrigarão na forma sobredita asinaraõ aqui com os ditos officiais de que mandaraõ fazer este termo. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara o escreuy.

Masqras. — Costa — Azeuedo — Vivaz — Manoel Dias — Mel. da Silua Roza.

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da camara desta Villa e obrigação dos moradores della por seu procurador o Pe. Luis Barboza de araujo.

Aos treze Dias do Mes de julho de mil e sete semtos e doze annos nesta Villa Rica em as cazas que ao przte. seruem da camara, estando yumtos os officiais della em uereação apareseo prezemte o Pe. Luis Barboza de Arauyo como pro-

curador dos moradores desta Villa e moradores della, digo e pouo della, por procuração bastante feita na nota do tabaliam João Pires Soto, aos dous Dias do Mes de yulho deste prezemte anno, Requerendo aos dittos officais por escripto deuiaõ os seus constetuintes lograr a Regalia de pouoadores, sem que pudesem ser obrigados, nem constangidos aforar a poseção do conselho, e do que Rezoluesem se fizesse termo neste senado. O que uisto pellos ditos officiais da camara Rezolue-raõ uniformemte. que o edital deste senado se não emtendia com as cazas que se achauaõ feitas amtes da sua creação; saluo as pretendesem alargar, tomando terra da poseção do conselho; e as que de nouo se aleuantasem em terras deuolutas da mesma poseção, que estas não poderiaõ fazer; nem alargar aquellas sem pr.º aforar neste Senado; e o mesmo se emtenderá com os quimtais que ocuparem o frontespicio da Rua; ou pte. donde se pode fazer outra p.ª melhor aRuamt.º desta noua uilla Rezolução que consta do desp.º que os ditos officiais da camara puzeraõ na petição que foi aprezentada pello dito procurador, em que se detreminou fazer este termo, para q' por este senado se não posa ynouar outra couza e pello dito procurador foi dito aseitaua em nome dos ditos seus constituimtes tudo asima declarado na forma que se tinha Rezoluido pello desp.º da dita petição e se orbrigaua em nomes dos ditos seus constituintes a comprir e guardar tudo o conteudo neste termo por ser feito a seu Requerimt.º para melhor segurança dos ditos seus constetuintes e das Rendas deste Senado, na melhor forma e uia de dr.º de que mandaraõ fazer este termo em que asinou o dito Repd.º Pe. Luis Barboza de arauyo como Procurador dos ditos moradores com os ditos officiais da camara eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ E eu (sic) Jorge da Fonseca freire escriuaõ da camara que o escreuy.

Masqras. — Costa — Azeuedo — Vivaz — O Pe. Luis Barboza de Araujo.

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da camara em que fizeraõ Thesoureiro deste Senado.

Aos dezaseis Dias do Mes de yulho de mil e sete semtos e doze annos, nesta Villa Rica em as cazas da Camara estando yuntos os officiais della em uereação Rezolue-raõ fazer

se Thezoureiro do senado para Reseber as Rendas deste Senado, por Manoel de Mello e Horta, ter dado contas para o que elegerao por Thezour.^o a Franc.^o da Costa Rios para Reseber e dispender todas as Rendas do conselho e sendo chamado, se lhe ordenou, seruiçe o dito officio para o que se lhe deu o yuramt.^o dos Samtos Euangelhos para que guardase o seruiço de Deus de Sua Magde. e pello dito Franc.^o da Costa Rios foi dito se obrigaua a comta e satisfacão de tudo o q' constase auer Resebido e asinou aqui com os ditos officiaes da camara neste termo que mandaraõ fazer. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara que o escreuy.

Termo de uereasaõ que fizeraõ os officiaes da Camara em que deferiraõ as ptes. e condenaraõ as coimas que Requereo o Rendeiro.

Aos tres Dias do Mes de Agt.^o de mil e sete semtos e doze annos, nesta Villa Rica em as cazas que ao prezemte seruem da camara estando yuntos os officiaes della Rezolue-raõ deferir as ptes. despachando as peticois que por ellas fo-raõ aprezentadas.

Rezolue-raõ deferir a huã petiçaõ de Ant.^o Barbalho Bezerra fiador do comtrato das meyas patacas que aRematou Jozeph Rodrigues da Costa, na qual pedia se lhe mandase pasar aluara de correr para por elle poder cobrar o direito do dito comtrato por se auer auzemtado o dito comtratador e elle estar obrigado como fiador a satisfacão do dito comtrato. O que uisto pellos ditos officiaes da camara lhe mandaraõ pasar aluara de correr p.^a por uertude delle auer a si todo o direiro que toca ao d.^o comtratador Jozeph Rodrigues por uertude da Remataçaõ que se lhe fez uisto estar e ficar nouamte. obrigado a satisfazer a este Senado a dita Renda.

Rezolue-raõ mais deferir ao Rendeiro Manoel de Almeida que Requereo as coimas segtes. Requereo fose condenado Manoel Alures por dar prencipio ao conserto das cazas em que uiue sem lisença deste Senado, comtra os editais del-le, e que deuia ser condenado na pena inposta nos ditos editais.

Requereo Mais fose condemnado Manoel Marques por alargar a baranda das cazas em que uiue sem licença deste Senado que deuia ser condemnado na forma delle.

Requereo mais a ccima de Ant.º Gomes Crespo por acrescentar as cazas em que uiue comtra a forma dos ditos editais sem pedir lisenca a este Senado e que na pena delles deuia ser condemnado.

Requereo mais a coima de Manoel Lourenço por fazer huã cozinha sem licença deste Senado que deuia ser condemnado na pena dos editais delle.

O que uisto pellos ditos officiais da Vamara rezoluerão uniformte. condenar aos ditos quatro coimados em dezaseis outauas cada hũ delles por terem quebrantado a pustura do Senado e auerem emcoRido na penna ymposta pellos editais que se publicaraõ na praça desta uilla e mandaraõ pasar as ordens nessarias para se executarem os ditos coimados na dita quamtia em que os ouueraõ por condenados. E de como asim o Rezoluerão mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara o escreuy.

Masqras. — Azeuedo — Vivaz.

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da camara em que deferiraõ a huã petição de Ant.º barbalho sobre o comtrato das meyas patacas, e aliuiaraõ aos coimados em alguãs ptes. das coimas.

Aos seis Dias do Mes de Agt.º de mil e sete semtos e doze annos, nesta uilla Rica em as cazas da camara estando yuntos os officiais da camara e o juis o Capam. Mel. de Frd.º Masqras. uereadores o Capam. Manoel de Almeida Costa, e Manoel Friz' de azeuedo, Procurador Ventura fr.ª Viuas acordaraõ o segte.

que porqt.º auia falta de officiais de yustiça para fazer as diligencias no que tem as partes detrimt.º Rezoluerão fazer meirinho do campo e que este dese fiança na forma que a daõ os officiais padaneos de cuya occupação mandaraõ pasar prouizaõ a Jozeph CoRea yaques.

Rezolueraõ deferir a huã petiçaõ de Ant.º Barbalho em que pedia se mandase cobrar executiuamente trezentas e trinta e sinco outauas de ouro que tantas auia Resebido o comtratador das meyas patacas Jozeph Roiz' da Costa e que este se tinha auzentado e a dita quamtia pretencia a este Senado os dous quarteis uencidos da dita Renda o que uisto pellos ditos officiais Rezolueraõ uniformemente. se pasase md.º de penhora executivo p.º se fazer a aprehençaõ nos bens' do dito comtratador auzente como fazenda Rial cuya execuçaõ cometeraõ ao yuis ordinario como executor deste Senado.

Rezolueraõ mais aliuiar a Mel. Lourenço, Manoel Marques e Manoel Alures coimados pello Rendeiro na uereaçaõ pasada em des outauas a cada hũ por alegarem rezois equiualentes e se lhe comutou em seis outauas de condenaçaõ a cada hũ as quais mandaraõ se cõbrasem executiuamte. e de como asim o Rezolueraõ mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ. Eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da camara que o escreuey.

Masqras. — Costa — Azeuêdo — Vivaz.

Termo de uereaçaõ que fizeraõ os officiais da Camara em que Rezolueraõ deferir as ptes. e a uarias peticois que por ellas foraõ apresentadas.

Aos treze Dias do Mes de agt.º de mil e sete semtos e doze annos, nesta uilla Rica em as cazas da camara della estando yuntos os officiais em uereaçaõ Rezolueraõ comutar a condenaçaõ de dezaseis outauas em que foi condenado Ant.º Gomes Crespo em seis de ouro que logo mandaraõ cobrar executiuamte. cuyo abatimt.º se fes auendo Respt.º ao que em sua petiçaõ alegou das quais se mandou caRegar ao Thezour.º deste Senado a pte. que lhe toca que saõ quatro outauas e m.ª como tambem treze outauas e meya que tocarãõ ao Senado das tres condenaçois da uereaçaõ pasada; que tudo se caRegou em huã Reseita; e as seis se entregaraõ ao Rendeiro.

Acordaraõ mais prouer o offiçio de escriuaõ dalmo-tasaria na pessoa de Franc.º Pinheiro da Crus por delle auer feito deixaçaõ Manoel Roiz' Caldas;

Acordaraõ mais mandar noteficar Ant.º Barbalho Bezerra fiador da Renda das meyas patacas para que pagase o quartel uençido.

Acordaraõ mais emtregar a Prouizaõ de Meirinho do campo que se mandou pasar a uereação pasada a Jozeph CoRea yaques, com obrigação de cobrar os foros e Rendas deste Senado sem porço levar deligcas. as ptes. saluo aquelles que por Remiços se proseder comtra elles o qual se obrigou asim o fazer para o q' mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara que o escreuy.

Masqras. — Costa — Azeuedo — Vivaz.

E logo no mesmo Dia Mes e Anno, Rezolueraõ mais se publicasem editais e se fexasem nas ptes. mais publicas desta uilla para que todas as pessoas que tiuesem logeas abertas e uendagens' e todos os officiais de quaisquer officios que seyaõ nesta uilla e seu termo tirassem nouas lisenças na forma da lei do Reino e estillo obseruado na uilla do Ribeiraõ por se lhe terem completado os seis mezes de tempo que se lhe auiaõ consedido em yanr.º proximo pasado; cuyas lisenças detreminarãõ as tirassem os ditos moradores por todo este mes de Agt.º com cominação de que naõ o fazendo emcoRer nas penas deste Senado, e de como asim o Rezolueraõ mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara que o escreuy.

Masqras. — Costa — Azeuedo — Vivaz.

Termo de uereasaõ que fizeraõ os officiais da camara em que Rezolueraõ aRematar os caminhos para se consertarem e lancaraõ huã coima que Requereo o Rendr.º

Aos uinte e sete Dias do Mes de agt.º de mil e sete semtos e doze annos nesta uilla Rica em as cazas da camara estando yuntos os officiais della em uereação Rezolueraõ por na praça os caminhos para os consertarem quem melhor os fizese e mais baratos.

Rezolueraõ mais deferir a huã coima que Requereo o Rendeiro do uer comtra Mel. dos Samtos Lares a qual se mandou logo cobrar e se caRegou ao Thezour.º deste Senado.

Rezolueraõ mais deferir as ptes. despachando algumas petiçõis que se mèteraõ nelle e de tudo mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da camara que o escreuy.

Masgras. — Costa — Azeuedo — Vivaz.

Termo de uereacaõ que fizeraõ os officiais da camara em que Rezolueraõ fazer os almotases p.ª servir os mezes de setr.º e outubro.

Aos uinte e sete Dias do Mes de Agt.º de mil e sete semtos e doze annos nesta Villa Rica em as cazas da camara estando iuntos os officiais della em nereaçaõ Rezolueraõ fazer almotases para seruirem os mezes de setembro e outubro em as pessoas de Jozeph Luis Sol e Manoel de Mello e Horta como tambem deferiraõ as ptes. aos seus Requerimtos., e de tudo mandaraõ fazer este termo em que asinaraõ. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da camara o escreuy.

Lemos — Rapozo — Costa — Vivaz.

Termo de uereacaõ em que se deu pose aos eleitos almotases que se elegeraõ.

Aos tres Dias do Mes de Setembro de mil e sete semtos e doze annos nesta Villa Rica em as cazas da camara estando yuntos os officiais della em uereacaõ deraõ pose e yuramt.º para seruirem de Almotases, a Joseph Luis Sol, e a Manoel de Mello e Horta em os mezes de setembro e outubro deste prezemte anno; Rezolueraõ mais digo anno, aos quais debaixo do mesmo yuramt.º dos santos euangelhos emcaRegaraõ que bem e uerdadr.ªmte. seruisem os ditos cargos guardando em tudo o seruiço de Deus, de Sua Magde., direito as ptes. segredo a yustiça.

Acordaraõ mandar publicar hũ edital atendendo ao grauisimo preyoizo de todos os moradores desta Villa pella falta de gados que tem experimentado sendo cauza os atrauesadores que malisiozante. para alcansarem melhor preço não entra nesta uilla gado algũ e para Remediar este danno Rezolueraõ uniformemte. mandar publicar o dito edital para que nenhuã pessoa de qualquer calide. que seya que tiuer gados nesta Villa e seu termo ou q' por algũ titullo lhe pertença o dominio delle o não posa mandar cortar nem uender para fora desta mesma Villa e seu termo, amtes em termo de outo Dias peramtorios os uiraõ ou mandaraõ cortar nesta dita uilla como the o prezte. fáziaõ e no termo della como sempre fizeraõ trazendo o paulatinamte. o que nessesario for todas as sextas feiras e sabados de cada somana como sempre foi estillo sem que deuirtaõ Rés alguã das que se acharem da publicação do dito edital nos Reguengos e campos maninhos, ou pastos particulares desta mesma Villa e seu termo, com penna de perdimt.º do mesmo gado ou do ualor delle ametade para o acuzador e outra ametade para as obras do conselho e que dos gados que nesta Villa e seu termo se cortasem não leuariaõ mais os cortadores de sinco outauas por cada hũ quarto pella falta que de prezemte se esperimt.ª de gados não seruindo isto de exemplo para os tempos uindouros, debaixo da mesma penna na forma que asima se declara no que ouueraõ por Rezoluido e mandaraõ fazer este termo em que todos ásinaraõ E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara que o escreuy.

Lemos — Rapozo — Costa — Azeuedo — Vivaz — Jozeph Luis Sol — Mel. de Mello e horta.

Termo de uereasaõ que fizeraõ os officiais da camara em que deferiraõ as ptes. e a huã coima do Rendeiro Manoel de Almeida.

Aos dezasete Dias do Mes de Setembro de mil e sete sentos e doze annos nesta Villa Rica em as cazas da camara estando yuntos os officiais della em uereação, o yuis Manuel de figrd.º Masqras. os uereadores Dos. Roiz' Rapozo, e o Capam. Manoel de Almd.ª Costa, e Manoel Friz' de Azeuedo o Procurador Vemtura Fr.ª uiuas, Rezolueraõ o seguinte.

Requereo o Rendeiro Manoel de Almeida duas coimas comtra Inacio de Souza, e Andre Ramalho, por auerem emcoRido em as penas impostas pellos editais deste Senado os quaes foraõ condenados em dezaseis outauas de ouro cada hũ; a saber ignacio de Souza por leuantar hũ quimtal tendo se lhe mandado aforar, e Andre Ramalho por fincar hũ esteyo no camto das suas cazas em que uiue, sem lisença do Senado e assim mais deferiraõ as ptes. a seus Requerimtos. e de tudo mandaraõ fazer este termo em q' todos asinaraõ. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara o escreuy.

Masqras. — Rapozo — Costa — Azeuedo — Vivaz.

Termo de Rezoluçaõ que se tomou sobre hũ
Requerimt.º que fizeraõ os moradores do Pe. Faria.

E logo no mesmo Dia Mes e anno deferiraõ huã petiçaõ dos moradores do Pe. faria em que Requereraõ huã uestoria, a qual foraõ os offiçiais deste Senado fazer, e Rezolue-raõ se fizesse a pomte sobre que mouem os moradores do aRayal do Pe. faria duuida huñs com os outros, na pte. consinada no meyo Digo consinada pellos ditos offiçiais da Camara que fizeraõ a uestoria que he hindo desta Villa para baixo antes de chegar as primeiras cazas do aRayal do Pe. faria, aonde estaua prencipiada huã pomte pequena a qual seraõ obrigados a fazer capás de pasar assim gemte como tambem todo o genero de caualaria e gado e cazo que se aRuine, seraõ obrigados a Rehedificala os contendentes com os moradores do aRayal o Capam. Bertholameu Marques, Pedro Dias, e Manoel Pinto, emqt.º trabalharem nas lauras que forão cauza de se aRuina-rem a pomte amtigua, e de como assim o Rezolue-raõ em a dita uesturia mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara que o escreuy.

Lemos — Rapozo — Costa — Azeuedo.

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da camara em que se absolueu Andre Ramalho de huã condemnação e se respondeu huã carta do contratador dos quintos dos gados.

Aos uimte e noue Dias do Mes de outubro de mil e sete semtos e doze annos, Dia em que se fes a pr.^a uereação na caza da camara noua, estando yuntos os officiais della o yuis ordinario o Capam. Mel. de Figrd.^o Masqras. o Vereador o Capam. Dos. Roiz' Rapozo, o Vereador o Capam. Manoel de Almd.^a Costa, e Manoel Friz' de Azeuedo e yuntos Rezoluerão o segte. Digo de Azeuedo, por pte. do comtratador dos quintos dos gados foi aprêzentada huã carta que este Senado Resebou em a qual daua comta do estado em que estauaõ os comdutores dos gados para o não trazerem quá e que por esta Rezaõ padeciaõ os pouos, para o que nos pedia comuocassemos este, para lhes fazer prezte. dezisteria do contrato os mezes que lhe faltauaõ, mandandoo' nós assim, ao que se respondeu que dariamos comta ao sor. gnal. para q' detreminase o que emtendese comuinha ao Real seruico e bem comun dos pouos para o q' mandamos Registrar no L.^o dos Rgtos. desta Camara, huã e outra carta, por ser esta a Rezo-lução que se tomou nesta materia.

Acordaraõ mais absoluer a Andre Ramalho de huã condemnação em que tinha sido condenado por hũ pau que auia posto no camto dasuás cazas, que se achou não ser preyudicial a Rua, e de tudo mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da camara que o escreuy.

Masqras. — Rapozo — Costa — Azeuedo.

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da Camara em que fizeraõ almotases que haõ de seruir os mezes de nour.^o e dezr.^o

Aos sinco Dias do Mes de nouembro de mil e sete semtos e doze annos, nesta Villa Rica de Albuquerque' em as cazas da Camara, estando yuntos os officiais della, o Capam. Jozeph de Lemos e Morais yuis ordinario, o Capam. Mancel

de Almeida Costa Vereador segd.º, e Manoel Friz' de Azevedo Vereador mais moço que fes o cargo de Procurador do conselho que se achava doente, e todos uniformemente. Rezoluerão o segte.

Que por auerem acabado os Almotases dos mezes paçados elegião para seruirem os ditos cargos os mezes de nouembro e dezembro em as pessoas de Santos Martins', e Arcango da Silua, os quais foraõ chamados a este Senado aonde se lhes deu pose e yuranto. dos ditos cargos, em hũ liuro dos santos euangelhos e se lhe emcaRegou que bem e uerdadr.ª. mente. seruicem os ditos cargos guardando em tudo o seruiço de Deos, de Sua Magde. Direito as ptes. segredo a yustiça.

Outrosim deferiraõ a huã Petição de Ignácio de Souza na qual mostraua que a condenação que se lhe tinha feito por este senado a Requerimt.º do Rendeiro Manoel de Almd.ª tinha sido por emformação suposta pois ya tinha desp.º do Senado, em uertude do qual o ouueraõ por absoluido da dita coima.

E. De como asim o Rezoluerão mandaraõ fazer este termo em q' todos asinaraõ com os eleitos almotases. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara o escreuy.

Jozeph de Lemos e Morais — Domingos Roiz' Rapozo — Manoel de Almeyda Costa — Manoel Frrz' de Azevedo — Santos mz' — Archanjo da Silva Vr.ª

ANNO DE 1713

Juizes: — Francisco Leme da Silva, Paulo Martins da Gama.

Vereadores: — Francisco Alves Corrêa, Pedro da Rocha Gandavo, Manuel Corrêa Pereira.

Procurador do Concelho: — Estevão de Almeida.

Thezoureiro: — João Velloso de Carvalho.

Escrivão: — Jorge da Fonseca Freire.

Almotaceis: — Francisco da Silva Netto, Manuel Martins Carneiro, Antonio Martins Lessa, Estevão Ferreira de de Moraes, Manuel Gomes da Silva, Belchior Nogueira Gomes, Bartholomeu Marques de Brito, Domingos Fernandes de Brito, Domingos de Araujo Antas, Manuel Coelho Pereira, Bartholomeu Fialho de Azevedo, Antonio Ramos dos Reis.

Alcaide: — João Rodrigues da Silva.

Porteiro: — Francisco Pinheiro da Cruz.

Procurador da Camara em Lisboa: — O Padre-Mestre Frei Francisco de Menezes.

Anno de 1713

Termo de abrimt.º de Pelouro do Anno de 1713.

Ao primeiro Dia do Mes de yanr.º de mil e sete semtos e treze annos nesta Villa Rica de Albuquerque em as cazas da camara estando yuntos os officiais della o Capam. Manoel de Frd.º Masqras, yuis ordinario, e o Capam. Jozeph de Lemos e morais segd.º yuis ordinario e o Capam. Manoel de Almeida Costa Vereador segundo e Vemtura Fr.ª Viuas Procurador do conselho e yuntos todos se abriu o pelouro que mandou a este senado o coRegedor da comarqua o Dezembardor (sic) Manoel da Costa de Amorim, o qual estaua cozido e lacrado com sinco pingos de lacre e nelle se achou sairem para seruirem no anno de Mil e sete semtos e treze neste Senado; para yoizes mais uelho o Capam. Franc.º Leme da Silua, para yuis segd.º Paulo Martiñs da gama; para uereadores Franc.º Alures CoRea, segd.º Pedro da Rocha Gandauo, terseiro o Capam. Manoel CoRea Pereira p.ª Procurador Esteuaõ de Almeida Thezour.º João Velozo, e de tudo mandaraõ fazer este termo en que todos asinaraõ. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara que o escreuy.

Masqras. — Costa — Vivaz.

E logo no mesmo Dia Mes e Anno, asima declarado se deu pose e yuramt.º por se acharem prezemtes aos uereadores Franc.º alues CoRea, e Pedro da Rocha Gandauo e ao procurador Esteuaõ de Almeida a quem o yuis ordinario deu o yuramt.º dos santos euangelhos em hũ liuro delles e lhe emcRegou que bem e uerdadr.ªmte. seruisem os ditos cargos

guardando em tudo o seruico de Ds. de Sua Magde. direito as partes segredo a yustiça e de como asim o prometeraõ mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara que o escreuy.

Masqras. — Franc.º Alz' Correa — P.º da Rocha Gandauro — Esteuaõ de Almd.ª

Termo de uereação que fizeraõ os nouos officiais da camara em que deraõ pose aos yuizes e uereador que faltaua.

Aos quatro Dias do Mes de yanr.º de mil e sete semtos e treze annos nesta Villa Rica de Albuquerque em as cazas da camara estando yumtos os officiais della ahi pello Vereador mais uelho o Capam. Franc.º Alures CoRea foi dada pose e yuramt.º aos yuizes ordinarios, o Cappam. Franc.º Leme da Silua, e a Paullo Martins' da Gama por lhe aprezemtareem suas cartas de uzança e logo pello mesmo dito uereador mais uelho foi tambem dada pose e yuramt.º ao Cappam. Manoel CoRea Pereira no cargo de uereador aos quais hun's e outros deu o yuramt.º dos samtos euangelhos em hũ liuro delles sobre cargo do qual lhe emcaRegou que bem e uerdadr.ªnte. seruissem os ditos cargos guardando em tudo o seruiço de Deus de Sua Magde. Direito as partes, segredo a yustiça e de como asim o prometeraõ mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ E eu Jorge da Fonc.ª freire escriuaõ da camara o escreuy.

Franc.º Alz' Correa — Paulo Miz' da Gama — Franc.º Leme da Silua — Manoel Correa Pr.ª

E no mesmo Dia Mes e Anno acordaraõ os ditos officiais da camara estando yumtos Vniformemente fazerem os almotasés para seruirem nos mezes de yaneiro e Feuereiro, em as Pessoas de Franc.º da Silua Netto e na de Manoel Martins' Carneiro, pellos acharem capazes e ydoneos para serui-

rem os ditos cargos os quais foraõ chamados a este Senado e lhes deu o yuis ordinario Paullo Martins' da gama Posse e yuramt.º em hum liuro dos Santos Euangelhos e lhes emcaRegou que bem e uerdadr.ªmte. seruiseem os ditos cargos guardando em tudo o seruiço de Deus, de Sua Magde. direito as partes, segredo a yustiça. E de como asim o prometeraõ mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ com os ditos almotases. E eu Jorge da Fonc.ª freire escriuaõ da camara o escreuy.

Paulo Miz' da Gama — Esteuaõ de Almd.ª — Franc.º
Alz' Correa — P.º da Rocha Gandauo — Manoel Correa Pr.ª
— Franc.º da Silua Netto — Mel. Martis' Carneiro.

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da camara em q' deferiraõ as ptes.

Aos sete Dias do Mes de yaneiro de mil e sete semtos e treze annos nesta Villa Rica em as cazas da camara estando yuntos os officiais della em uereação o yuis ordinario o Capam. Franc.º Leme da Silua e os uereadores Franc.º Alures CoRea e Pedro da Rocha Gandauo e o Capam. Manoel CoRea Pereira e o Procurador Esteuaõ de Almeida e todos Vniformemente. Rezoluerãõ o seguinte.

Acordaraõ que as uaras de medir que ate aqui se uzauam nesta Villa por queixa que alguãs pessoas fizeraõ estauaõ mt.º grandes se dese nouo padraõ ao afiridor p.ª de nouo as aferir por elle p.ª o que se lhe deu huã uinda do Rio de yanr.º por onde as auia de aferir.

Acordaraõ mais dar pose ao Thezour.º deste Senado que sahiu nomeado na pauta este anno Joaõ uelozo de Carualho a qm. o Juis Jozeph Digo Franc.º Leme da Silua deu pose e yuramt.º dos Santos euangelhos em hũ liuro delles e lhe emcaRegou que bem e uerdadr.ªmte. fizese sua obrigação o qual dito Joaõ Vellozo de Carualho asinou aqui com os mais officiais.

Acordaraõ mais que se nesseçitaua de hũ porteiro para este Senado e nomearaõ para o dito cargo a Franc.º Píñheiro da Crus que serue de escriuaõ dalmotasaria e lhe aluittraraõ de selario meya pataca de ouro de cada lisença das que se tirasem nesta Villa pellas pessoas que tem logeas.

Acordaraõ mais por Requerimt.º do escriuaõ da Camara se lhe aluitrase meia pataca em cada lisenca das que tirassem para a tinta e papel que gasta e pellos termos de fianca que daõ das ditas lisencas sem embargo do termo que se ffees na pr.ª uereação do Anno de sete semtos e honze.

Acordaraõ mais mandar por em praça a Renda do uer, e deferiraõ as partes a uarias peticois que se despacharaõ e de tudo mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara o escreuy.

Leme — Correa — Gandauro — Pr.ª — Almd.ª —
Joaõ Vellozo de Carvalho.

Termo de uereação que se fes em que se Rezolueu fazemseremse (sic) yuizes p.ª os officios desta Villa.

Aos quatorze Dias do Mes de yaneiro de mil e sete semtos e treze annos, nesta Villa Rica em as cazas da camara estando yuntos os officiais della o yuis Paullo Martins' da Gama, e os uereadores o Capam. Franc.º Alures CoRea, e Pedro da Rocha Gand.º e o Capam. Mel. CoRea Pr.ª e o procurador Esteuaõ de Almeida e todos Vniformes Rezoluerão o segte.

Acordaraõ ser comueniente fazer yuizes dos offiços que ouese nesta Villa para estes com seus uotos se lhe faze-rem Regintos. que se haõ de dar a todos os officiais com tairas do que haõ de leuar pellas obras quẽ fizerem, para o que se chamaraõ todos os officiais a este Senado, dos offiços, e sendo lhe tomado seus votos se achou sahir a mais uotos p.ª o offiço de ferreiro, a Ant.º Coresma e para o offiço de carpinteiro, a Franc.º gomes; e para o de alfayate a Joaõ Franc.º e para o de sapateiro Jozeph Ribeiro. Os quais foraõ chamados a este Senado aonde se lhe deu o yuramt.º dos santos euangelhos p.ª que bem e uerdadr.ªnte. seruiseem os ditos cargos;

Acordaraõ mais aRematar a Renda do uer que andaua em praça e se aRematou a Esteuaõ da Cunha; e deferiraõ as ptes. aos seus Requerimtos. e de tudo fis este termo em que todos asinaraõ comigo escriuaõ Jorge da Fonc.ª freire escriuaõ da Camera que o escreuy.

Gama — Correa — Gandauro — Pr.^a — Almd.^a —
 Ant.^o Coresma de Andre. Lx.^a — de Joseph * Ribeiro — de
 João * Franc.^o.

Termo de uereação que fizeraõ os officiaes
 da Camera em que se deferiu as partes e se mandou
 por em praça a carserage.

Aos uinte e hũ Dias do Mes de yaneiro de mil e sete
 semtos e treze annos nesta Villa Rica em as cazas da Camera
 estando yuntos os officiaes della em uereação o yuis ordinario
 Paulo Martins' da Gama, os uereadores Franc.^o Alures Co-
 Rea, e Pedro da Rocha Gandauro, e o Procurador Esteuaõ de
 Almeida e todos uniformemente. Rezolueraõ o segte.

Acordaraõ mandar por o offiço de carsereiro na pra-
 ça para se aRematar a quem mais dese por elle para este Se-
 nado por auer uagado o d.^o offiço por auzença do carsereiro
 que seruia Damazo Franc.^o

Acordaraõ mandar por em praça a obra da Cadea
 desta Villa que se ha de fazer a quem mais barata a fizer com
 as condisois que se lhe hão de dar.

Acordaraõ mais deferir aos officiaes de carpinteiro a
 hũ Requerimt.^o que fizeraõ de que se fizesse noua eleiçaõ para
 yuis do offiço do d.^o offiço por rezois que auia que emcapasi-
 tauaõ ao que se tinha eleito; e se fes noua eleiçaõ de que sahiu
 nella pella segd.^a eleiçaõ que se fes por Juis do dito offiço a
 Manoel Glz' o qual se chamou a este Senado, a qm. deu o yu-
 rant.^o o yuis ordinario, e lhe emcaRegou fizesse sua obrigação.
 E assim mais deferiraõ as partes a seus Requerimtos.

Acordaraõ mais mandar por editais sobre os atraue-
 sadores dos gados e mais mantimtos. com pena de perdimtos.
 dos tais mantimentos quaisquer que seyaõ ametade p.^a quem
 os acuzar e de trinta Dias de cadea e a outra ametade p.^a as
 obras do conselho.

E de tudo fis este termo em que asinaraõ. E eu Jor-
 ge da Fonseca freire escriuaõ da Camera que o escreuy.

Gama — Gandauro — Almd.^a — Franc.^o Correa.

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da Camera em que deferiraõ as partes.

Aos uinte e outo Dias do Mes de yanr.º de mil e sete semtos e treze annos nesta Villa Rica em as cazas da Camera della, estando yuntos os officiais della o yuis ordinario Paulo Martins' da Gama, e os uereadores Franc.º Alures CoRea, e o Capam. Manoel CoRea Pr.ª e o Procurador Esteuaõ de Almeida e yuntos todos Rezoluerão o segte.

Acordaraõ mandar cobrar as fintas que se deuiaõ que se deitaraõ para se fazerem os caminhos, p.ª o que mandaraõ pasar mandados executiuos, e deferiraõ as ptes. a seus Requerimtos. despachando uarias peticois, e de tudo fis este termo em q' todos asinaraõ eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da camera que o escreuy.

Gama — Correa — Pr.ª — Almd.ª

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da camera em que se acordaraõ uarias couzas sobre posturas e taixas.

Aos tres Dias do Mes de Fur.º de mil e sete semtos e treze annos, nesta Villa Rica de Albuquerque' em as cazas da camera, estando yuntos os officiais della em uereação, yuis ordinario o Capam. Franc.º Leme da Silua e os uereadores o Capam. Franc.º Alures CoRea e Pedro da Rocha Gandauo, e o Capam. Manoel Pr.ª digo CoRea pereira, e o procurador Esteuaõ de Almeida e todos uniformemente. Rezoluerão o segte.

Acordaraõ ser comueniente por taixas em as couzas segtes., que se não podeseu uender em segd.ª maõ nem levar mais que as taixas aqui declaradas; por huã galinha outaua e meya; por hũ frango grande meia outaua; sendo mais pequeno meya pataca, e que pellos ouos se não uendesem menos de quatro por meya pataca que fazem dezaseis por outaua, e que nas mais couzas pertensentes e sogeitas as taixas os almotases que seruiseu as almotasariaõ conforme o tempo.

Acordaraõ que se seguia grde. Preyuizo aos moradores o muito grande preço que os officiais de todos os officios leuauaõ pellas obras que faziaõ, e que era muito comueniente o

por se lhe taixas e darem se lhe Regintos. para se gouernarem por ser da lei expreça da ordenação p.^a o que se fizeraõ Juizes dos offiços os quais foraõ chamados a este Senado donde se lhe deu o yuramt.^o sobre cargo do qual se lhes emca-Regou dessem os seus pareseres com os quais se ordenou p.^a o offiço de fereiro o Regimt.^o na forma segte.

Reginto. dos officiais de ferreiros.

Por calçar huã alabanca de ambas as pomtas dando o dono o aso para ella pataca e meya; e pondo o official o aso lhe deitara huã liura e leuara outaua e meya e de a apomtar sem aso, meya outaua.

De fazer huã almocafra pondo o official o ferro outaua e meya; e dando se o ferro pataca e meya; de apomtar huã almocafra meya pataca.

De fazer huã emxada noua pondo o official o ferro e sendo da marca leuara tres outauas e sendo emxada pequena leuara tres outauas digo duas e dando se ferro p.^a ellas pellas grandes leuara outaua e meya; e pellas pequenas huã out. e de a empenar leuara outaua e meya dando o official ferro, e dando se lhe pataca e m.^a

De feitio de hũ marraõ dando se ferro para elle sendo de meya aRoba p.^a sima seis outauas.

Por huã fouse leuaraõ tres outauas.

de calcar huã fouse pondo ferro e aso o ferreiro leuara outaua e quarto. E dando se lhe ferro leuara huã outaua.

Leuaraõ por hũ machado nouo tres outauas e de o calçar pondo aso p.^a elle o ferreiro huã outaua; e de o empenar e calçar out. e meya.

Por huã Duzia de pregos caixares m.^a out.

Por huã Duzia de pregos Ripares m.^a pta.

E que nas mais obras de meudezas se naõ fala que se deixa auença das ptes. pois se trata so das nomeadas por serem ferramtas. mineraes e desta sorte ouueraõ dito Regimt.^o por acabado que se naõ poderá alterar e se guardará na forma aqui declarada e da mesma sorte se continuou com o Regimt.^o dos sapatos.

Regimt.^o dos officiais de sapateiro.

Por hũ par de sapatos de homem de seis athe doze . pontos leuaraõ tres outauas.

Por huãs xinelas de homen sendo de MaRoqui todas com saltos do mesmo tres outauas e meya e sendo de couro comun duas outauas e meya.

Por huns' sapatos de Molher de maRoqui picados com saltos de pao quatro outauas.

Por huns' sapatos de molher lizos com saltos de sola tres outauas.

Por huns' sapatos de criança de hũ anno athe quatro outaua e meya. E de quatro annos athe dés duas outauas.

E asim se ouue por acabado dito Regimt.º deixando as mais obras ao arbitrio das ptes. por não auer nellas serteza, de que se continuou na mesma forma com o Regimt.º dos alfaiates.

Regimt.º do offiço de Alfayate

Por feitio de huã cazaca de pano sinco outauas e sendo de Baeta ou de draguete qt.º outauas

Por hũ capote de panno duas outauas e sendo baeta forrado tres outauas

Por hũ timaõ de Baeta duas outauas e sendo de seda tres outauas

Por huã saya de seda duas outauas

Por hũ guardape de seda tres outauas e sendo de serafina outaua e meya

e sendo saya Branca huã outaua

Por hũ gibam de molher de Baeta outaua e meya e sendo de seda duas outauas

Por huã Vestia Branca de molher outaua e meya e sendo de seda duas outauas

Por huã Vestia de homen duas outauas e se for de seda duas outauas e meya

Por hũ calção de homen huã outaua

e sendo de serafina meya outaua

de pano de algodão meya pataca

de hũ colete de Baeta meya pataca

Por huã Vestia Branca de homen, huã outaua

Por hũ cortinado de daMasco ou de outra qualquer seda seis outauas

De huãs cortinas p.ª portas duas outauas

De huãs Bombaxas de tafeta huã outaua

de huã carapuça de molher a estrangeira huã out.

E nesta forma ouueraõ os ditos Regintos. por acabados e que da mesma sorte se aueriaõ com os mais officios que faltauaõ e asim mais.

Acordaraõ que seriaõ obrigados todos os officiais dos ditos officios a tirar seus Regintos. na forma declarada e que estes os teriaõ em pte. publica donde todas as pesoas os posaõ uer, e que os que faltasem as posturas dos ditos Regintos. leuando mais pellas ditas obras as perderaõ e pagaraõ deza-seis outauas de ouro de condemnação e trinta Dias de cadea, e de tudo mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camara que o escreuy.

Leme — Correa — Gandauo — Pr.^a — Almd.^a

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da camera em que Rezoluerãõ Rematar a carserage.

Aos honze Dias do Mes de Fur.^o de mil e sete semtos e treze annos, nesta Villa Rica em as cazas da camera della estando yuntos os officiais do Senado em uereação o Capam. Franc.^o Leme da Silua, Juis ordinario e o Capam. Franc.^o Alures CoRea uereador mais uelho e Pedro da Rocha Gandauo Vereador segundo e o Procurador Esteuaõ de Almd.^a e todos yuntos uniformemte. Rezoluerãõ o segte.

Acordaraõ que se aRematase o officio de carsereiro que amdaua na praça por se nessesitar de se prouer pella falta de qm. tratase dos prezos e se aRematou a Dos. Monteiro, que foi o que mais lancou.

Acordaraõ ser comuente. que todas as pessoas que uzarem da arte de Medecina, ou Serurgia nesta Villa e seu termo seiaõ obrigados a uiren apresentar suas cartas de examinação peramte este Senado p.^a nelle serem Registadas e se lhe dar lisença p.^a poderem curar em dito destrito, e o mesmo se entenderá com os botricarios que tiuerem botica publica ou oculta; outrosi deferiraõ as partes despachando uarias peticois, e de tudo fis este termo em que todos asinaraõ Eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camr.^a que o escreuy.

Leme — Correa — Gandauo — Almd.^a

Termo de uereação que fizeraõ os officiaes da camera em que se Rezolueu fazerem almotases p.^a os mezes de Março e aBril e deferiraõ as mais partes.

Aos uinte e sinco Dias do Mes de Fur.^o de mil e sete semtos e treze annos nesta Villa Rica em as cazas da camera estando yuntos os officiaes della o Juis ordinario Paulo Martins Da gama, e os uereadores o Capam. Franc.^o Alures CoRea e Pedro da Rocha Gandauo, e o Capam. Manoel CoRea Pereira e o Procurador Esteuaõ de Almeida todos uniformemente. Rezolueraõ o segte.

Acordaraõ fazer almotases para os mezes de Março e aBril em as pessoas de Ant.^o Martins' Lessa. E em a de Esteuaõ Frr.^a de Moraes, por serem capazes para o dito cargo, e auerem acabado Franc.^o da Silua Netto, e Manoel Martins' Carneiro.

Acordaraõ mais mandar Rehedificar a Pomte de Ant.^o Dias que uai p.^a o Pe. Faria por ser mui comueniente.

Acordaraõ mais mandar noteficar aos capitais do Mato deste destrito p.^a que uiesem aprezemtar a elle as suas prouizois do Dia que forem noteficados a pr.^a uereasaõ que neste senado se fizer com cominação de que naõ uindo serem prezos e castigados ao arbitrio deste Senado.

E asim mais deferiraõ as partes despachando uarias peticois e de tudo fis este termo em que todos asinaraõ E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camera que o escreuy.

Gama — Correa — Gandauo — Pr.^a

Termo de uereasaõ que fizeraõ os officiaes da camera em que se deu pose aos nouos eleitos almotases.

Aos quatro Dias do Mes de Março de mil e sete semtos e treze annos nesta Villa Rica em as cazas da camera estando yuntos os officiaes della em uereação os uereadores o Cappam. Franc.^o Leme digo Franc.^o Alures CoRea, e Pedro da Rocha Gandauo, e o Cappam. Manoel CoRea Pereira, e o procurador Esteuaõ de Almeida, e yuntos acordaraõ o segte.

Acordaraõ dar pose e yuramt.º aos nouos Almotases p.ª seruirem os mezes de Março e aBril que estauaõ eleitos na uereação pasada que eraõ Ant.º Martins Lesa, e Esteuaõ Frr.ª de Morays, aos quais deu o yuramt.º dos samtos euangelhos o uereador mais uelho o Capam. Franc.º Alures CoRea, por auer faltado o yuis ordinario e lhes emcaRegou que bem e uerda-dr.ªnte. seruisem os ditos cargos guardando em tudo o seruico de Deus, de Sua Magde. direito as ptes. segredo a yustiça e de como asim o prometeraõ fis este termo em q' todos asinaraõ. E eu Jorge da Fonc.ª freire escriuaõ da camar.ª que o escreuy.

Franc.º Alz' Correa — P.º da Rocha Gandauo — Manoel Correa Pr.ª — Esteuaõ de Almd.ª — Esteuaõ Frr.ª De Morais.

Termo de uereasaõ que fizeraõ os officiais da Camera em que fizeraõ alcaide para esta Villa.

Aos uinte e sinco Dias do Mes de Março de mil e sete semtos e treze annos, nesta Villa Rica em as cazas da Camera estando yuntos os officiais della em uereasaõ o yuis ordinario Paullo Martins' da Gama e os uereadores Pedro da Rocha Gandauo, e o Capam. Manoel CoRea Pereira, e o Procurador Esteuaõ de Almeida e yuntos uniformemente Rezol-ueraõ o seguimte.

Acordaraõ fazer alcaide e fizeraõ a João Roiz' da Silua por estar uago o dito officio de que se lhe pasou prouizaõ e se lhe deu pose e yuramt.º

Acordaraõ mandar uir a este Senado a Joaõ de go-
doi p.ª se hir a fazer uestoria do caminho que o dito fes para se uer se estaua conforme a obrigaçaõ q' fes de o fazer, e despacharaõ alguãs petiçois e de tudo fis este termo em que todos asinaraõ Eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da camera que o escreuy.

Paulo Miz' da Gama — P.º da Rocha Gandauo — Manoel Correa Pr.ª — Esteuaõ de Almd.ª

Termo de uereasaõ que fizeraõ os officiaes da camera em que deferiraõ a hũ agrauo que ymtre-
pos o Rendeiro.

Ao primeiro Dia do Mes de Abril de mil e sete sem-
tos e treze annos nesta Villa Rica em as cazas da camera es-
tando yuntos os officiais della em uereasaõ o yuis ordinario
Paullo Martins' da gama, e os uereadores o Capam. Franc.º
Alures CoRea, e o Capam. Manoel CoRea Pereira, e o Procur-
ador Esteuaõ de Almd.^a e yuntos uniformemente. Rezoluerãõ
o segte.

Acordaraõ deferir a hũ agrauo que Ymtrepos a este
Senado o Rendeiro delle que agrauou do almotase por auer
condenado a Manoel das Neues em huã outaua, ao qual de-
fêriu o Senado condenando ao Supte. em outo outauas as quais
se mandarãõ cobrar Executiamente.

Acordaraõ mais prohibir a que não ouuese no destrito
desta uilla em distancia de huã legoa logea de fazenda seca ou
molhada ou qualquer uendage de nenhuã sorte pello preyuzo
que se seguia a pouoaçaõ desta uilla, e deminuiçaõ do aumt.º
della como tamben aos mercadores della, e aos lauradores do
ouro, pello preyoizo q' se lhe segue aos seus escrauos o qual
acordo se fes por Requerimt.º dos moradores desta uilla. p.^a
o que se mandarãõ publicar editais que dando se lhe hũ mes de
tempo p.^a fixarem as ditas logeas com penna de pagarem da
cadea dezaseis outauas e trinta Dias de prizaõ pella pr.^a ues e
pella segunda seraõ castigados a arbitrio do Senado. Exse-
tuando as que estiuerm no caminho de pouoado e do Ribeiraõ.

Acordaraõ que nenhuã pessoa pudese comprar boi al-
gũ em pé no curral com pena de perdimt.º do mesmo Boy e de
trinta Dias de cadea a terca pte. p.^a qm. o acuzar.

Acordaraõ mais por hũ edital p.^a que os officiais de
ferreiro, e de alfayate e sapateiro tirassem seus Regimtos.
dentro de cuto Dias os quais teriaõ a mostra em suas tendas
em parte donde fosem uistos das partes com penna de emco-
Rerem nas que ya se lhe empuzeraõ de não guardar os Regi-
mtos. no termo que diso se fes por acordo neste mesmo Sena-
do; e nesta forma deferiraõ as ptes. a seus Requerimtos. de
que fis este termo em que todos asinaraõ E eu Jorge da Fon-
seca freire escriuaõ da Camera que o escreuy.

Gama — Correa — Pr.^a — Almd.^a

Termo de uereação que fizeraõ os officiaes da camera em que se Rezoluerão mandar cobrar os foros que estivesem uensidos.

Aos dezanoue Dias do Mes de aBril de mil e sete semtos e treze annos, nesta Villa Rica em as cazas da camera, estando yuntos os officiaes della em uereação, o Cappam. Franc.º Leme da Silua yuis ordinario e os uereadores Pedro da Rocha Gandauo. e o capitão Manoel CoRea Pr.ª e o Procurador Esteuaõ de Almeida yuntos uniformemente. Rezoluerão o segte.

Acordaraõ mandar cobrar os foros que tem este Senado, e que se puzesem numeros nos Ramchos foreiros ao dito Senado, p.ª o que se pasou hordem ao porteiro deste Senado p.ª cobrar os ditos foros e poder dar Resibos.

Acordaraõ deferir a hũ Requerimt.º que fes o yuis do offiço dos sapateiros.

Acordaraõ mandar fazer huns' tamboretos e hũ Bofete p.ª este Senado e deferiraõ as partes a seus Requerimtos. de que fis este termo em que todos asinaraõ. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camera que o escreuy.

Leme — Gandauo — Pr.ª — Almd.ª

Termo de uereação que fizeraõ os officiaes da camera yuntos com o ouuidor geral, e o Mestre de Campo Pal. da Silua Ges. em q' foraõ chamados os criadores de gados e pessoas boas do Pouo sobre os cortes de gados p.ª se tomar a melhor forma.

Aos uimte e sete Dias do Mes de aBril de mil e sete semtos e treze annos, nesta Villa Rica em as cazas da camera estando yuntos os officiaes della em uereação o yuis ordinario o Capam. Franc.º Leme da Silua, e os uereadores o Capam. Franc.º Alures CoRea, e o Capam. Manoel CoRea Pereira como tamben o yuis ordinario Paullo Martins' da Gama, e o Procurador, Esteuaõ de almeida, e yuntos com o ouuidor geral desta comarqua o Dzor. Manoel da Costa de Amorim, e o Mestre de Campo Pascoal da Silua Ges. uniformemente. Rezolveraõ o seguinte.

Acordaraõ que sobre o gado que nesta Villa se corta e seu destrito pagasem as pessoas que o cortasem a quarta pte. de huã outaua de ouro a que chamaõ meya pataca por cada cabeça de gado, na forma que estaua acordado pellos Vereadores do Anno proximo pasado as quais ditas meyas patacas aseitaraõ pello direito que dito Senado tem nos tais cortes e gados, com tal clauzulla e comdição que em nenhũ tempo esta amistadel (sic) composição preiodique ao direito que este Senado tem aos tais cortes amtes sim toda a ues que for acordado o por se em outra forma os ditos talhos e cortes sera de nenhũ uigor esta composição pois por ora se fas por não inouar de prezemte outra couza e ssó será obrigado este Senado a lhe Rehedificar os currais.

Acordaraõ mais pella deficuldade que aueria em cobrar as ditas meyas patacas mandarem por em praça a Renda dellas para se aRematarem a qm. mais dese p.^a o que se pasou hordem p.^a amdar em praça.

Acordaraõ sobre hũ Requerimt.^o que fes Manoel Roiz' sobre dar se lhe pose de hũ aforamt.^o que fes a este Senado hirem yuntos os officiais delle a emposallo do dito foro em a pr.^a ocaziaõ.

Acordaraõ mais escreuer ao Procurador e Vereador mais moço do Anno pasado para uirem pegar nas uaras de Almotases estes mezes de Mayo e Junho proximo e de tudo mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camera que o escreuy.

Leme — Gama — Correa — Pr.^a — Almd.^a

Termo de uereaçaõ que fizeraõ os officiais da camera em que se elegeraõ as pessoas que haõ de seruir de Almotases cs mezes de Mayo e junho.

Aos seis Dias do Mes de Mayo de mil e sete semtos e treze annos, nesta Villa Rica em as cazas da camera della estando yuntos os officiais do Senado, em uereaçaõ o yuis ordinario Paullo Martins' da gama e os uereadcsres o Capam. Franc.^o Alures CoRea, e Pedro da Rocha Gand.^o e o Capam. Manoel CoRea Pereira e o Procurador Esteuaõ de Almeida e yuntos uniformte. Rezolueraõ o segte.

Acordaraõ fazerem almotases para os mezes de Mayo e junho, para o que elegeraõ as pessoas de Manoel Gomes da Silua, e Belchior Nogueira, os quais foraõ chamados a este Senado para se lhes dar pose e yuramt.º de que fis este termo em que todos asinaraõ E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camera que o escreuy.

Gama — Correa — Gandauo — Almd.^a

Termo de yuramt.º e Pose que se deu aos eleitos Almotases asima declarados.

Aos treze Dias do Mes de Mayo de Mil e sete semtos e treze annos nesta Villa Rica em as cazas da Camera estando yuntos os officiais della em uereaçaõ o yuis ordinario Paullo Martins' da Gama e os uereadores Pedro da Rocha Gandauo, e o Procurador Esteuaõ de Almeida e yuntos uniformemente Rezoluerãõ o segte.

Acordaraõ dar Pose e yuramt.º aos nouos eleitos almotases Manoel Gomes da Silua, e Belchior Nogueira a qm. o yuis ordinario Paullo Martins' da Gama deu o yuramt.º dos santos euangelhos e lhes emcaRegou que bem e uerdadr.^ante. seruiseem os ditos cargos guardando em tudo o seruiço de Deos; de Sua Magde., direito as ptes. segredo a yustiça e de como asim o prometerãõ fis este termo em que asinaraõ com o dito yuis ordinario eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da camera que o escreuy.

Paulo Miz' da Gama — Belchior Nogr.^a Gomes — Mel. Gomes da Silua.

Termo de uereaçaõ que fizeraõ os officiais da camera em que Rezoluerãõ mandar cobrar as meyas patacas do gado por pessoa q' elegeraõ p.^a isso.

Aos tres Dias do Mes de Junho de mil e sete semtos e treze annos nesta Villa Rica em as cazas da camera estando yuntos os officiais della em uereaçaõ o yuis ordinario

Paullo Martins da Gama e os uereadores o Capam. Manoel CoRea Pr.^a e Pedro da Rocha Gandauo e o Procurador Esteuaõ de Almeida iumtos uniformte. Rezoluerão o segte.

Acordaraõ mandarem cobrar as meyas patacas do gado que este Senado tem de Renda pois auiaõ amdado em praça e por naõ auer quem lansase nellas, se Rezolueu nomear pessoas para cobrar as ditas meyas patacas aos quais se mandou pasar mandado de coRer aos ditos nomeados e de como assim se Rezolueu fis este termo em que todos asinaraõ Eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camera o escreveu.

Gama — Pr.^a — Gandauo — Almd.^a

Termo de uereaçaõ que fizeraõ os officiais da Camera em que tomaraõ acordo mandar chamar ao Cappam. Manoel de Almd.^a Costa uereador q' foi o anno pasado por se achar abzente o Cappam. Franc.^o Alures CoRea como tamben o pdor. Esteuaõ de Almd.^a

Aos uinte Dias do Mes de Junho de mil e sete semtos e treze annos nesta Villa Rica em as cazas da camera estando yumtos os officiais della em uereaçaõ o yuis ordinario Paullo Martins' da Gama, e os uereadores, o Capam. Manoel CoRea Pr.^a, e Pedro da Rocha Gandauo e yumtos Vniformemte. Rezoluerão o segte.

Acordaraõ mandar chamar ao Capam. Manoel de Almd.^a Costa Vereador que foi o anno pasado /por auer faltado o Capam. Franc.^o digo/ por se achar abzemte o Capam. Franc.^o Alures CoRea como tamben, a Vemtura Frr.^a Viuas pdor. que foi no anno proximo pasado por se achar abzemte o pdor. Esteuaõ de Almd.^a por este ter hido a huã deligc.^a do seruico de Sua Magde. e p.^a se emxerem os lugares na falta dos ditos abzentes para se tratar e Rezoluer o que mais comuente. for ao serviço de Sua Magde. e socego comun, com a noticia de se acharem tumultuados os moradores da Villa do Carmo e com serteza emdiuidual se armavaõ comtra o Dezor. Manoel da Costa de Amorim ouuidor gel. desta comarqua e se acharem os moradores desta Villa com o cuid.^o da defença do d.^o ouui-

dor Geral; e de tudo mandaraõ fazer este termo em q' todõs asinaraõ. E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camera o escreuy.

Gama — Gandauro — Pr.^a

E logo no mesmo Dia mes e anno estando prezemtes o yuis ordinario Paullo Martins' da Gama, e os uereadores Pedro da Rocha Gand.^o e o Capitão Manoel CoRea Pereira, e o Capitão Manoel de Almeida.Costa, uereador do anno pasado, trataraõ do Remedio que se deuia dar ao estado em que se achauaõ os moradores da Villa de nossa Senhora do Carmo por estarem tumultuados, sem adimitirem administração da yustiça que o dezembargador Ouuidor Geral e coRegedor da comarca o Dtor. Manoel da Costa de Amorim queria fazer aos Reos e delinquentes que lhe rezestiraõ em huã Vesturia que a Requerimt.^o de partes foi fazer em huãs terras minerais não estando por ella amtes querendo com armas emuadir esta Villa o' ministro, e a cadea aonde estauaõ algũs escrauos dos delinquentes prezos tendo estes ya Rompido as cazas de alguns' moradores daquella Villa obrigando a huns' por forza e outros por uontade ao som de caixas a se leuamtarem e fazerem motin como temos por sertezas que cada ora chegaõ de q' Rezultou que para defença do d.^o ministro e yustiças de Sua Magde. q' Ds. gde. ameasadas pellos tumultuozos se iunta o Mestre de Campo Pal. da Silua Gimes, com todos os officiais do seu terço e os homens' Bons' do pouo e considradas as dezemquietaçois que experimentaõ os moradores desta Villa e o que se pode seguir desta dezemquietação se se atear em todas as minas, e uendo que no Senado da Camera daquella uilla tem auido a falta de solicitar a quietação e sosego daquelles pouos como deuem pellas obrigaçois de seu cargo; ao q' atendendo este Senado como a qm. emcumbe procurar o bem comun de todo este pouo e de todas estas minas. Rezolueraõ escreuer aos officiais da camera da dita Villa mandando dous emuiados da pte. deste Senado com carta p.^a efeito de lhes persuadirem a quietação daquelle pouo da qual pende a de todas estas minas, p.^a cuio efeito elegeraõ ao Capam. Manoel de Figrd.^o Masgras, e ao Dtor. Jozeph Rodrigues de aBreu por nelles comcoRerem calidades e Requezitos nessesarios p.^a semelhantes deliccas. os quais se mandaraõ chamar por cartas e sendo prezemtes se lhes emcaRegou fosem pesoalmte. da pte. deste Senado aquella Villa e desem a carta que logo se lhes entregou aos officiais da camera daquella Villa a qual fica Registada no

liuro do Regt.^o deste Senado e se emcaRegou aos ditos emuiados que com zello do seruiço de Deos e de Sua Magde. persuadisem aquelle Senado a quietação daquelles moradores e consequentemente. de todas estas minas e de como asim o Rezoluerão mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ com os dtos. Manoel de Figrd.^o Masqras. e Jozeph Roiz' de Abreu Eu Jorge da Fonseca Freire escriuaõ da Camera que o escreuy.

Paulo Miz' da Gama — Manoel de Almeida Costa — P.^o da Rocha Gandauo — M^onoel Correa Pr.^a — Manoel de Figrd.^o Masqras. — Ventura Ferreira Vivaz — Jozeph Roiz' de Abreu.

Termo de abrimt.^o de huã carta que ueio da Villa do Ribeiraõ do Carmo.

Aos uimte e dous Dias do Mes de Junho de mil e sete semtos e treze annos nesta Villa Rica em as cazas da camera estando yuntos os officiais della o Juis ordinario Paullo Martins' da Gama e os uereadores o Cappam. Manoel de Almeida Costa que foi o anno pasado, e o Capam. Manoel Correa Per.^a e Pedro da Rocha Gandauo, e os procuradores Ventura Frr.^a Viuas que foi do mesmo anno proximo pasado e Estueuaõ de Almeida que o he deste prezte. anno, e sendo yuntos os ditos officiais da camera, chegaraõ o Capam. Manoel de Figrd.^o Masqras. e o Dtor. Jozeph Roiz' de aBreu emuiados que tinhaõ hido por este senado a Villa do Ribeiraõ e aprezentaraõ huã carta dos officiais da camera da Villa do Carmo em Resposta da que tinhaõ leuado deste Senado, a qual foi aberta pello Juis ordinario Paullo Martins' da Gama em prezença dos ditos officiais da camera que lendo se pello theor della se achou Responderem a que deste Senado Reseberaõ segurando mandarem ao Procurador do conselho a este mesmo Senado com alguns' homens' Bons' daquela Republica p.^a se pautuar e concluir a pás e sosego daquelles Pouos que se achauaõ tumultuados naõ ademitindo adeministração das yustiças de Sua Magde. que Deus gde. a qual carta se mandou Registrar nos liuros do Regt.^o deste Senado, e de tudo mandaraõ fazer este termo em que todos asignaraõ. E eu Jorge da Fonseca Freire escriuaõ da camera que o escreuy.

Gama — Costa — Gandauo — Pr.^a — Vivaz — Almd.^a

Termo de uereação que fizeraõ os officiaes da camera desta Villa yumtos com os officiaes da Villa de Nossa Sr.^a do Carmo.

Aos uimte e Dous Dias do Mes de Junho de mil e sete semtos e treze annos nesta Villa Rica de Albuquerque em as cazas da camera della estando yumtos os officiaes della o yuis ordinario Paullo Martins' da Gama e os uereadores o Capam. Manoel de Almeida e Pedro da Rocha Gandauo, e o Capam. Manoel CoRea Pr.^a e os Procuradores Vemtura Frr.^a Viuas e Esteuaõ de Almeida, ahi se acharaõ prezemtes os officiaes da camera da Villa de Nosa Sr.^a do carmo a saber o yuis ordinario o Capam. Bemto Pires Ribeiro, e os Vereadores Fernando de Moraes de Madureira, e Ignacio de Saõ Payo e Almeida e o Procurador Manuel da Crus de Vasconsellos, e por elles foi dito aos officiaes desta camera que sobre o q' lhe tinhaõ escripto no Dia amtesedente sobre a quietação da Villa digo do pouo da Villa do Carmo que se achaua com as armas na mão tumultuado sobre huã Rezistencia que Bernardo Frr.^a de Macedo e Manoel Mendes e os mais que p.^a ella comcoReraõ uinhaõ Rogar a este senado que yumto com elles deprecasem ao Dzor. ouuidor geral desta comarqua o Dtor. Manoel da Costa de Amorim que perdoase aos ditos delinquentes que a elle e a seus officiaes auiaõ Rezestido e se lhes entreguase os Bens' dos ditos Reos soquestados e as terras em que laurauaõ, o que uisto pellos ditos officiaes da camera desta Villa ponderando o estado em que se achaua aquelle pouo e o dano que daquella sobleuação podia Rezultar a todas estas minas e o mais que sobre esta materia se considerou mandaraõ chamar ao Mestre de Campo Pascoal da Silua Ges. e ao Sargt.^o Mayor SeBastiaõ Calrros Leitaõ e os mais Homens' Bons' que prezemtes se acharaõ e sendo aqui prezemtes com elles Rezolue-raõ por sosegar a dita sobleuação pedir e Rogar ao dito Dzor. ouuidor gal. o Dtor. Manoel da costa de Amorim quizesse condesemder com a suplica Referida e sendo logo prezemte o Dito Dzor. nesta camera e propostas as Rezois Referidas por elle foi dito que por sosegar aquelle pouo do estado em que de prezemte se achaua p.^a que não pasase a mayor Ruina lhe mandaua entregar aos Reos os escrauos que tinha nesta cadea e lhe auia o soquesto por leuantado que laurasem com os mais soçios as terras como de amtes, e que os ademitiria a liuramt.^o pasando lhes suas cartas de seguro, o que os ditos officiaes da camera daquella Villa aseitaraõ e prometeraõ so-

segar aquelles Pouos na forma da obrigação de seus cargos, de que se fes este termo em que todos asinaraõ os que estauaõ preztes. com o dito Dzor. Ouuidor geral. Eu Jorge da Fonseca Freire escriuaõ da Camera que o escreuy.

Mel. da Costa de Amorim — Paulo Miz' da Gama — Manoel de Almeida Costa — P.º da Rocha Gandauo — Manoel Correa Pr.ª — Ventura Ferreira Vivaz — Esteuaõ de Almd.ª — Bt.º Pires Riber.º — Fernd.º de Moraes Madur.ª — Ignacio de Sampayo e Almd.ª — Manoel da Crus de uascos. — Sebam. Carlos Leitaõ — Manoel de Figrd.º Masqras. — Mel. Antunes de Azd.º — Joaõ Pt.º da Silua — Leonel da gama bello — Sebastiaõ Barboza Prado — Ant.º Martins Leça — Mèl. Mayo da Hor.ª — Bertholameu Marques de Britto — Paulo Borges daraujo — Domingos Frz' de Britto — Luis de Almd.ª Ramos. (*)

Termo de uereação que se fes e se fizeraõ os almotases p.ª os mezes de Julho e Agosto.

Ao primeiro Dia do Mes de Julho de mil e sete semtos e treze annos, nesta Villa Rica em as cazas da camera estando yuntos os officiais della o iuis ordinario Paullo Martins' da Gama e os uereadores Pedro da Rocha Gandauo, e o Capam. Manoel CoRea Pereira e o Procurador esteuaõ de Almeida e iuntos acordaraõ o seguinte.

Rezolueraõ fazer os almotases p.ª os mezes de Julho e agt.º para o que elegeraõ uniformemente. as pessoas do capitaõ Bertholameu Marques, e Domingos Friz' de Brito por serem pessoas capazes e idoneas p.ª seruirem os ditos cargos os quaes se mandaraõ chamar a este Senado para se lhes dar pose e iuramt.º o qual lhe deu o yuis ordinario Paullo Martins' da Gama em hũ liuro dos Santos euangelhos e lhes emcarregou que bem e uerdadr.ªnte. seruisem os ditos cargos guardando em tudo o seruico de Deos de Sua Magde. direito as ptes. segredo a iustica e de tudo fis este termo em que todos asinaraõ Eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camera que o escreuy.

Paulo Miz' da Gama — P.º da Rocha Gandauo — Manoel Correa Pr.ª — Esteuaõ de Almeida — Bertholameu Marques de Britto — Domingos Frz' de Britto.

(*) Estas assignaturas vão reproduzidas na gravura da pag. em frente.

3
Laubold & Goma

Al. de Costa de Almeida
Mano de Almy de Costa

M. Correa

Estaducha

Almeida de Costa
P. Top
V. G. B. B.

Maria de Almeida

José de Moraes Madureira

Ignacio de Almeida

Almeida

Almeida

Almeida

Almeida

Almeida

Almeida

Almeida

Almeida

Almeida

Almeida

Almeida

Almeida

Almeida

Termo de abrimt.º as cartas que uieraõ de Sua Magde. que Ds. gde. a este Senado.

Aos quinze Dias do Mes de Julho de mil e sete semtos e treze annos nesta Villa Rica do Pillar em as cazas da camera estando yuntos os officiaes della em uereação o yuis ordinario Paullo Martins' da Gama e os uereadores Pedro da Rocha Gandauo, e o Cappam. Mel. CoRea Pr.ª e o Procurador Esteuaõ de Almeida e yuntos todos se abrião as tres cartas de Sua Magde. que auiaõ uindo este prezente anno, as quais auiaõ uindo por ordem do gnal. Ant.º de Albuquerque' Coelho de caru.º; e sendo abertas as ditas cartas se asentou responder a ellas, e se mandaraõ Registrar ditas cartas e guardar conforme estillo, e de tudo fis este termo en que todos asinaraõ E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camera o escreuy.

Gama — Gandauo — Pr.ª — Almd.ª

Termo de uereação que fizeraõ os officiaes da camera em que Rezolueraõ por carsereiro nouo em lugar do que estaua por se achar doente e mandaraõ por aferição em praça.

Aos dezaseis Dias do Mes de Agosto de mil e sete semtos e treze annos nesta Villa Rica em as cazas da camera estando yuntos os officiaes della em uereação o Juis ordinario Paullo Martins' da Gama e os uereadores Pedro da Rocha Gandauo, e o Cappam. Manoel CoRea Pereira, e o Procurador Esteuaõ de Almeida e yuntos uniformemte. Rezolueraõ o segte.

Acordaraõ por nouo carsereiro em lugar do que estaua seruindo por este estar empedido por doemte, p.ª o que elegeraõ Joaõ Fr.ª denis ao qual mandaraõ pasar prouimt.º por se obrigar a Renda da carserage dando noua fiança neste Senado.

Acordaraõ mandar por em praça os officios de afeirador para o que se deu ordem ao porteiro que os trouse em praça para se aRematarem, e asim mais deferiraõ as partes e de tudo mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ Eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camera o escreuy.

Gama — Gandauo — Pr.ª — Almd.ª

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da camera em que fizeraõ almotases p.^a os mezes de setr.^o e outr.^o

Aos ncue Dias do Mes de setembro de mil e sete semtos e treze annos nesta Villa Rica em as cazas da camera estando iuntos os officiais della em uereação, o Juis ordinario Paullo Martins' da Gama e os uereadores Pedro da Rocha Gandauo e o Capam. Manoel CoRea Pr.^a e o procurador Esteuão de Almeida e yuntos uniformemte. Rezolueraõ o segte.

Acordaraõ fazer almotases para os mezes de setembro e outubro para cujo efeito elegeram as Pessoas do Cappam. Domingos de Arauyo damtas e na de Manoel Coelho Pr.^a os quais foraõ chamados a este Senado para se lhe dar Pose e yuramt.^o dos ditos cargos aos quais deu o yuramt.^o o Juis ordinario Paullo Martins' da Gama e lhes emcaRegou que bem e uerdadr.^amte. seruitem os dos. cargos guardando em tudo o seruiço de Deos de Sua Magde. direito as partes segredo a yustiça e de como o prometeraõ mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ com os nouos eleitos E eu Jorge da Fonseca freire escriuaõ da Camera que o escreuy.

Paullo Miz' da Gama — Manoel Correa Pr.^a — Esteuão de Almd.^a — Dos. de Araujo Antas — Manoel Coelho Pr.^a

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da camera em que se mandou fazer o sinal publico ao tabaliam Franc.^o da Silua Neto e dar fiança.

Aos quinze Dias do Mes de Setembro de mil e sete semtos e treze annos, nesta Villa Rica em as cazas da camera estando iuntos os officiais della em uereação o Juis ordinario Paullo Martins' da Gama e os uereadores Pedro da Rocha Gand.^o e o Capam. Manoel CoRea Pereira e o Procurador Esteuão de Almeida e yuntos Rezolueraõ o seguinte.

Acordaraõ que fizesse o tabaliam Franc.^o da Silua Netto o seu sinal publico como he costume e dese huã fiança de sincoenta outauas de ouro o qual estando prezente fes o sinal abaixo, e se asinou, e p.^a fianca ofereceu por fiador ao le-senseado Manoel Coelho que prezente estaua o qual dise qu

se obrigaua a dita quamtia de sincoenta outauas de ouro cazo que fose obrigado o d.º seu fiado, e de tudo fis este termo em que todos asinaraõ com o d.º Franc.º da Silua Netto, e fiador Manoel Coelho. Eu Jorge da Fonseca Freire escriuaõ da Camera que o escreuy.

(Signal publico) Gama — Pr.ª — Almd.ª — Franc.º da Silua Netto — Manoel Coelho. (*)

Termo de uereação que se fes e acordou responder ás cartas de S. Magde.

Aos uinte Dias do Mes de Setembro de mil e setesentos e treze annos nesta Villa Rica em as cazas da camera estando iuntos os officiais della o Juis Ordinario Paulo Martins da Gama e os uereadores Pedro da Rocha Gandauo, e o Capam. Manoel Correa Pereira e o Procurador Esteuaõ de Almeida e iuntos uniformemte. Rezoluerão o segte.

Acordaraõ escrever a Sua Magde. uarias cartas sobre uarios particulares as quais se Registaraõ no L.º do Regt.º das cartas do dito Senhor, como tambem Responder as que este anno Reseberaõ del Rey.

Acordaraõ ser conueniente fazer em Lisboa procurador para os negoçios em que por ora trataõ a Sua Magde. para o que elegeraõ ao Reuerendo Pe. Mestre Frey Franc.º de Menezes a qm. mandaraõ Procuraçaõ para os ditos negocios: como tambem deferiraõ ao que se Requereu neste Senado e de tudo fis este termo em q' todos asinarão Eu Jorge da Fonseca Freire escriuaõ da Camera que o escreuy.

Gama — Pr.ª — Almd.ª

Termo de Vereação que se fes em q' se acordou Rematar a Renda dos officios de aferidores q' andauaõ em praca e se aRemataraõ a Alexandre Pimto de Miranda.

Aos quatro Dias do Mes de outubro de mil e setesentos e treze annos nesta Villa Rica em as cazas da camera estando yuntos os officiais della o Juis Ordinario Paulo Mar-

(*) Veja o *fac-simile* do signal e assignaturas na pag. 281.

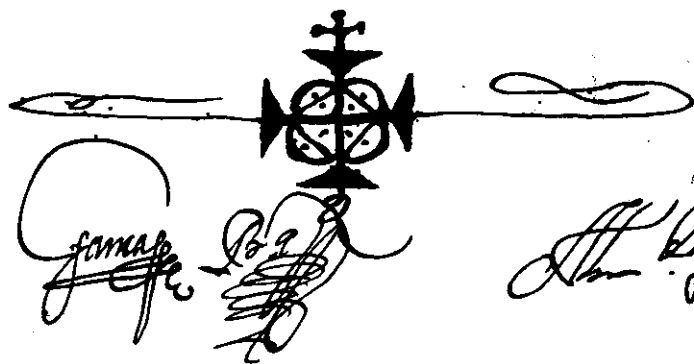
tins da Gama e os uereadores Pedro da Rocha Gandauo, e o Capam. Manoel CoRea Pereira e o Procurador Esteuaõ de Almeida e yuntos Vniformemente. Rezolueraõ o seguinte.

Acordaraõ que era conueniente Rematar os officios de aferidores que andauam em praça auia mais de hũ mes e os aRemataraõ a Alexandre Pimto de miranda que era o q' mais lancou e pello acharem ser o mais capas p.^a a dita occupaõ o qual lhe aRemataraõ com as condicois que lhe foraõ aseitas como consta do seu termo de aRendamt.^o de que se lhe mandou pasar Regimt.^o na forma das ditas condiscis e de como assim o Rezolueraõ mandaraõ fazer este termo em q' todos asinaraõ E eu Jorge da Fonseca Freire escriuaõ da camera que o escreuy.

Termo de uereação que fizeraõ os offiçiais da camera em que se acordou mandarem por editais sobre hũ procurador que aqui se acha do conde da ilha.

Aos trinta Dias do Mes de outubro de mil e sete sentos e treze annos, nesta Villa Rica em as cazas da camera estando yuntos os officiais della em uereação o Juis ordinario Paullo Martins da Gama e os uereadores Pedro da Rocha Gandauo e o Capam. Manoel CoRea Pereira e o Procurador Esteuaõ de Almeida e yuntos uniformemente. Rezolueraõ o seguinte.

Acordaraõ que porqt.^o tiuera noticia este Senado que nestas minas andaua hũ procurador que dezia ser do conde de ilha e em nome do d.^o Conde pasaua sismarias com o preteisto de donatario dellas e como este Senado não Reconhesa senhorio algũ mais que o de Sua Magde. que Ds. gde. o sor. Rey Don João o quinto de Portugal que por carta sua nos ouue por confirmada a creação della sem nos fazer auizo de que tiuese donatario algũ mandamos pasar Editais p.^a que nenhuã pessoa de qualquer calidade tire sismaria alguã pello dito procurador nem Reconheça ao d.^o Conde por donatario desta Villa e seu termo, e outrosim que nenhũ escriuaõ tabaliam, official algũ desta Villa de posse de sismaria alguã pasada pello dito procurador ou dito conde nem lhe obedecaõ em couza alguã nem em seus papeis o nomeem por Senhor, sob penna de qual-



Francisco da Silva Netto

Manoel Coelho

(Signal publico do Tabelião Francisco da Silva Netto) — Gama — Pr.^a
— Almd.^a — Franc.^o da Silva Netto — Manoel Coelho.

quer pessoa que o contrario fizer pagar sem outauas de ouro para as obras do Conselho ametade p.^a quem o acuzar e de trinta Dias de cadea.

Acordaraõ ser conueneinte fazer almotases para os mezes de nouembro e dezembro deste prezte. anno para o que elegeraõ as pessoas de Bertholameo Fialho e Ant.^o Ramos, por serem sogeitos benemeritos e sufisientes os quais foraõ chamados a este Senado aonde lhes deu pose e yuramt.^o o yuis ordinario Paullo Martins' da Gama em hũ liuro dos Santos Euangelhos e lhes encaregou que bem e uerdadr.^a mte. seruissem os ditos cargos guardando em tudo o seruico de Deos, de Sua Magde. direito as partes segredo a Justiça e de tudo fis este termo em que todos asinaraõ Eu Jorge da Fonseca Freire escriuaõ da Camr.^a o escreuy.

Paullo Miz' da Gama — Manoel Correa Pr.^a — Esteuaõ de Almd.^a — Bmeu. Fialho de Azd.^o — Ant.^o Ramos dos Reis.

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da camera em que Rezoluerão fazer nouo Regimt.^o ao aferidor Alexandre Pinto.

Aos outo Dias do Mes de nouembro de mil e sete sentos e treze annos nesta Villa Rica em as cazas da camera estando iuntos os officiais della o Juis Ordinario Paullo Miz' da Gama e os uereadores Pedro da Rocha Gandauo e o Capam. Manoel CoRea Pereira e o Procurador Esteuaõ de Almeida e yuntos uniformemente. Rezoluerão o segte.

Acordaraõ que leuaria o aferidor pellas afericois o segte. por hũ marco de meia liura p.^a sima e sua balança estando de maior ou menor outaua e meya e serto hũa outaua e de reuista tres quartos. Por hũ de quarta con sua balança estando de mayor ou menor huã outaua, estando serto tres quartos, e de Reut.^a meia outaua; Por tirar o olho a huã balança uindo ssó meya pataca, e de Reuista quatro uinteis; Por huã balança con pezos de meya pataca e qt.^o p.^a negras de taboleiro meia outaua, e Reuista meia pataca; Por hũ yogo de pezos de ferro de huã liura athe outo con sua balança huã outaua e de Reuista meya Por hũ meio alqueire ou quarta meya outaua, e de Reuista meya pataca; Por hũ prato de medir sal

meya pataca e pello meio prato o mesmo, e de Reuista quatro uinteis. Por hũ yogo de medidas huã outaua e de Reuista meya outaua; e por cada medida uindo só quatro uinteis; e de Reut.^a o mesmo; Por huã Vara meia pataca e hũ couado o mesmo, e de Reut.^a quatro uinteis; e qd.^o alguã pessoa perder o bilhete da aferição e quizer que do 1.^o lhe pase outro meya pataca e a toda a balança a q' não puder tirar o olho fazendo lhe a deligc.^a posiuel a quebrará sem por isso leuar nãda a uista de seu dono. Não aferirá balança de páo que não tenha fiel alcoba e lingoa de ferro; aferirá todos os marcos nouos que os mercadores tiuerem p.^a uender pasando lhe bilhetes p.^a qd.^o os uenderem dar elle aferidor outro a qm. os comprar sem lhe leuar couza alguã uisto estar pago do pr.^o; poderá denunciar de todas as pessoas que faltarem ás aferições e reuistas para serem condenadas na postura do Senado; E o fará tambem dos mercadores q' tiverem marcos brutos por aferir; não sera obrigado a hir as correições dos almotases e auendo alguã duuida em pezos irá as audiências p.^a desfazer a duuida e ssó acompanhara as correições gerais. E nesta forma se ouue o d.^o Regimt.^o por acabado o qual sera obrigado a ter em pte. publica donde posa ser uisto de que mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ. E eu Jorge da Fonseca Freire escriua da Camera o escreuy.

Gama — Pr.^a — Almd.^a

Termo de uereação que fizeraõ os officiais da camera em que deferiraõ a huns' agrauos.

Aos uinte e sinco Dias do Mes de nour.^o de mil e sete sentos e treze annos, nesta Villa Rica em as cazas da camara estando yuntos os officiais della o Juis ordinario Paullo Martins' da Gama e os uereadores Pedro da Rocha Gandauo, e o Capam. Manoel CoRea Pereira e o Procurador Esteuaõ de Almeida e yuntos uniformemente. Rezoluerão o segte.

Acordaraõ deferir a huns' agrauos que emtrepos o Rendeiro e a huãs aPelações de uarias pessoas que tinhaõ apelado p.^a este Senado e de tudo fis este termo em que todos asinaraõ Eu Jorge da Fonseca Freire escriuaõ da Camera que o escreuy.

Gama — Pr.^a — Almd.^a

Termo de abrint.º de pelouro que se abriu
das pessoas que haõ
Naõ teue efeito.

Termo de uereação que se fes pellos officiais
da camera.

Aos doze Dias do Mes de Nouembro digo deyr.º de mil e sete sentos e treze annos nesta Villa Rica em as cazas da camera estando yuntos os officiais della o Juis Ordinario Paullo Martins' da Gama e os uereadores Pedro da Rocha Gand.º e o Capam. Manoel CoRea Pr.ª e o Procurador Esteuaõ de Almd.ª e yuntos uniformemte. Rezoluerão o segte.

Acordaraõ por carta que tiueraõ do Gnal. Dom Bras da Silueira em que lhes daua pte. da publicação das pazes que se tinhaõ feito com França como constaua da hordem de Sua Magde. a que se fizesse huã festa e se puzesem luminarias em acção de graças das ditas pazes, e de como o Rezoluerão mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ Eu Jorge da Fonseca Freire escriuaõ da camera o escreuy.

Gama — Pr.ª — Almd.ª

Termo de abrint.º de pelouro dos officiais
que haõ de servir no anno de 1714.

Aos uinte e oito Dias do mes de nouembro de mil e sete sentos e treze annos nesta Villa Rica em as cazas da camera estando iuntos os officiais della em uereação o Juis Ordinario Paullo Martins' da Gama e os uereadores Pedro da Rocha Gand.º e o Cappam. Manoel CoRea Pr.ª e o Procurador Esteuaõ de Almd.ª e yuntos uniformemte. Rezoluerão abrir o pelouro que estaua feito p.ª os officiais que haõ de servir no anno proximo que uem o qual estaua metido em hũ cofre fechado com tres chaues que huã tinha o Juis ordinario Paullo Martins' da Gama e outra tinha o uereador mais uelho outra o Procurador e se chamou hũ menino de idade de seis annos

pouco mais ou menos o qual se mandou tirar de hũ sacco hu dos pelouros que nelle estauaõ sendo pr.º muito bem mechidos e uendo o pelouro que se abriu se achou nelle sahir por Juizes o Cappam. Manoel Antunes de azeuedo e Ventura Frr.ª Viuas e p.ª Vereadores Franc.º Maciel da Costa e Dos. Franc.º de oliur.ª e Manoel Gomes da Silua e p.ª Procurador Antonio Martins' Lessa e tezoureiro Franc.º da Costa Rios os quais foraõ auizados por cartas p.ª uirem tomar posse em o primeiro de yaneiro, e de tudo mandaraõ fazer este termo em que todos asinaraõ Eu Jorge da Fonseca Freire escriuaõ da camera que o escreuy.

Gama — Pr.ª — Almd.ª

ANNO DE 1714

Juizes: — Ventura Ferreira Vivaz, Manuel Antunes de Azevedo.

Vereadores: — Manuel Gomes da Silva, Domingos Francisco de Oliveira, Francisco Maciel da Costa.

Procurador do Concelho: — Antonio Martins Leça.

Escrivão: — Bento Cabral Deça.

Thesoureiro: — Francisco da Costa Rios.

Aimotaceis: — Paulo Martins da Gama, Manuel Dias de Menezes, Pedro da Rocha Gandavo, Manuel Corrêa Pereira, Estevão de Almeida, José da Costa Freitas, Francisco da Costa Rios, Manuel Alves de Oliveira, Manuel de Sá Casado, Francisco da Silva Netto, Rafael Vaz da Silva Telhado, Francisco da Costa Taveira.

Alcaides: — João Rodrigues, Caetano de Castro Guimarães.

Meirinho Geral do Campo: — José de Azevedo Peixoto.

Meirinhos Geraes do Campo: — José de Azevedo Peixoto, Francisco de Souza Pacheco.

Porteiro: — José Mendes.

Anno de 1714

Termo de pose e yuramt.º que se deu aos
nouveos officiaes da camera que sahiraõ eleitos p.ª ser-
uirem no anno de 1714.

Ao primeiro Dia do Mes de yaneiro de mil e sete sen-
tos e quatorze nesta Villa Rica em as cazas da camera estando
o yuis ordinario Paullo Martins' da Gama ahi por elle foy dada
a posse e yuramt.º dos Santos euangelhos em hũ liuro delles
aos Juizes ordinarios que auiaõ saido do pellouro que se abriu
p.ª seruirem o anno de sete sentos e quatorze, Ventura Frr.ª
Vivas e o Cappam. Manoel Altunes de azeuedo, por estes apre-
zentarem suas cartas de uzança pasadas pello Dtor. Dezor.
Manoel da costa de amorim como tamben deu a mesma posse
e yuramt.º aos Vereadores Manoel Gomes da Silua e Dos.
Franc.º oliueira e ao procurador Ant.º Martins' Lesa e lhes en-
carregou que bem e uerdadeiramente seruisem os ditos cargos
guardando en tudo o seruico de Deos de Sua Magde. direito
as partes segredo a Justiça, e de tudo fis este termo en que
todos assignaraõ. E eu Jorge da Fonseca escriuaõ da camera que
o escreuy.

Paulo Miz' da Gama — Ventura Ferreira vivaz —
Mel. Antunes de Azd.º — Mel. Gomes da Silua — Dos. Franc.º
de Olivr.ª — Ant.º Martins Leça.

Aos tres dias do mes de janeiro de mil e sete sentos
e catorze annos nesta villa Rica em os Pasos do conselho del-
la estando em camera os yuizes ordinarios Paullo Morais o
digo ordinarios Ventura ferreira uiuas e o Capitaõ Mel. An-
tunes de Lemos digo de azeuedo e os ueriadores Mel. gomes
da silva e franc.º masiel, e Domingos franc.º de oliveira se deu

pose ao ueriador o capitam franc.º Masiel da costa Na forma da enleisan do pelouro q' se abrio pera seruir este prezente anno; de uereador Na forma da dita enleisan e se lhe deu o yuramento e debacho delle se lhe encarregou seruir o dito cargo de uereador goardando o seruiso de deus e de sua Magestade direito as partes segredo a justissa e de tudo fis este termo em que todos assignaran. E eu franc.º da silua Neto tabalian q' o escreui por Auzensia do escriuam da camera.

Mel. Antunes de Azd.º — Ventura Ferreira vivaz — Mel. Gomes da Silua — Dos. Franc.º de Oliur.ª — Ant.º Martins Leça — Franc.º Maçiel da Costa.

E llogo em o dito dia mes e anno estando yuntos os yuizes e mais ofisiais da camera asima declarados Por Bento Cabral desa lhe foi apresentada huma sua Prouizam digo huma Prouizam do gouernador destas minas e câpitam yeneral D. Bras baltezar da silueira en q' por ella ouue por ben de o prouer No ofisio de escriuam da camera desta villa ordenando Nella Aos ditos ofisiais da camera lhe desem pose e yuramt.º na forma do estillo tendo primeiro pagos os Nouos direitos o q' visto pellos ditos ofisiais da camera a dita provizam e como constou Nas costas della ter pagos os nouos direitos e se terem carregado em Reseita ao tizoureiro delles lhe foi dada a dita pose De escriuam da Camera desta villa Rica pellos yuizes ventura ferreira uiuas e o Capitam Mel. Antunes de azevedo e os mais ueriadores e procurador, que o ouueram por emcartado No dito ofisio Na forma da dita prouizam e lhe deram o yuramento emcaRegandolhe debacho delle, o seruisso de deus e de sua Magestade gardando o segredo as partes direito a yostissa de que mandaran fazer este termo de Pose e yuramento q' todos asinaram. e eu franc.º da silua Neto tabalian do publico yudisial e Notas q' o escreuy por mandado dos yuizes ordinarios q' mandaram outrosim se comprise e se Rezistase Nos liuros deste senado Na forma Nelle ouservado sobredito o escreui.

Mel. Antunes de Azd.º — Ventura Ferreira vivaz — Mel. Gomes da Silua — Franc.º Maçiel da Costa — Dos. Franc.º de Oliur.ª — Ant.º Martins Leça — Bento Cabral Deça.

Aos tres dias do mes de Janeiro de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.^a Rica nas caza da camara e pasos do conselho desta V.^a Rica estando em camera os Juizes Ventura fr.^a Vivas e Mel. Antunes de azevedo e os veriadores Mel. Gomes da Silva Franc.^o Masiel da Costa, Domingos Franc.^o de oliveira e o procurador do conselho Ant.^o Martins' Leça, estando juntos em vereação Rezoluerão emdificar partes dar pose ao escripta da Almotasaria Franc.^o Pinheiro em vertude de huma Provizaõ em q' ouve por bem provello no dito officio e assim mais acordaraõ de dar pose do taBalliaõ digo do officio de tabaliaõ do publico judicial e notas digo mandaraõ se registase nos livros deste senado a provizaõ q' Mel. Visente avia alcansado do Gor. destastas (sic) minas e Cappm. General D. Bras Baltezar da Silveira por ter pagos os novos direitos de q' ouveraõ á veriasaõ por acabada e mandaraõ fazer este termo E eu Bento Cabral Deça escripta q' o escrevi digo escripta da Camara q' o escrevi.

Mel. Antunes de Azd.^o — Mel. Gomes da Silua — Franc.^o Maçiel da Costa — Dos. Franc.^c de Oliur.^a — Ant.^o Martins Leça.

Termo de veriação EM q' Rezoluerão mandar publicar Editais p.^a ce tirar licemças, e afilar marcos Balanças medidas, e se puzece em praça arrenda do ver.

Aos cinco dias do mes de Janeiro de mil sete sentos e catorze nas cazas da camara estando juntos os officiais della os Juizes hordinarios, Ventura Ferreira Vivas, e o Capam. Mel. Antunes de Azevedo, os veriadores Mel. Gomes da Silva, o Cappm. Franc.^o Masiel da Costa e o Procurador do conselho Ant.^o Martins' Lesa, acordaraõ vniformemente. o seguinte.

Rezolverão se mandasem publicar Editais p.^a se tirem digo para q' toda a pessoa moradores nesta V.^a e seu termo q' tivesem logis, e vendajes, viesem a tirar lisenças a este Senado, os da V.^a em termo de quinze dias, e os do termo della em vinte, com pena de seis outavas alem da postura deste Senado.

Acordaraõ mais, q' debaicho da mesma pena e no dito termo afilesem plo. afilador marcos, Balanças, varas, covados, e medidas, de qualquer jenoro que sejaõ.

Acordaraõ se puzece a Renda do ver na praça p.^a se arematar a quem por ella mais der, completado o tempo porq' foi arematada, o anno proximo pasado.

Rezolveraõ se elegecem Almotaces p.^a servirem estes dous mezes de Janeiro, e Fr.^o, e uniformes acordaraõ naõ aseitar a deichação q' o Juis hordinario Paulo Martins' da Gama, q' havia sido o anno proximo paçado, fes, antes se obrigace a servir na forma da ordenasaõ, e q' em lugar do seu companheiro Juis ordinario q' taõ bem foi o cappam. Franc.^o Leme da Silva, por se achar auzente desta comarca em pitengui morador, se Elegeçe pessoa Idonea, e benemerita p.^a servir a dita occupação de Almotacê, os ditos dous mezes por adejunto do dito Juis ordinario q' acabou.

Acordaraõ se deferice as partes, e se deçe pose aos almotaces q' se elegeraõ e o juramt.^o na forma do estillo de q' ouveraõ a veriasaõ por acabada de q' mandaraõ fazer este termo E eu Bento Cabral Deça yscrivaõ da camara q' o escrevi.

Termo de pose q' se deu aos Almotaces E Juramt.^o p.^a servirem estes dois mezes Janeiro E Fr.^o

Aos sinco dias do mes de Janeiro de mil e sete sentos e catorze annos nas cazas da camara estando juntos os officiais della os Juizes hordinarios Ventura Ferr.^a vivas, e Mel. Antunes de Azevedo, e os veriadores Mel. Gomes da Silva, e o cappm. Franc.^o Maciel da Costa, e o Procurador do conselho Ant.^o martins' leça, e achandoçe presentes o Juis ordinario q' acabou Paulo martins' Martins' (sic) da Gama, e o cappm. Mel. Dias de Menezes q' foi elleito p.^a servir de Almotaçẽ adjunto do dito Paulo Martins' da Gama, por a este lhe pertencer servir os ditos dous mezes na forma da Ordenação, e na forma della çe lhe deu pose, e plos. ditos Juizes se lhe foi dado o juramt.^o e lhe emcaregaraõ debaicho delle o servirem a dita occupação de Almotaçes, guardando em tudo o serviço de Ds. E de Sua Magde., direito as partes, e cegredo a justiça,

de q' mandaraõ fazer este termo de pose e juramt.º q' com os ditos officiais da camara asinaraõ E eu Bento Cabral Deça es-
crivaõ q' o escrevi.

Ventura Ferreira vivaz — Mel. Antunes de Azd.º —
Mel. Gomes da Silua — Franc.º Maçiel da Costa — Ant.º Mar-
tins Leça — Paulo Miz' da Gama — Manoel Dias de Mene-
zes.

Termo que se fes do ajuste e Rezolsaõ que
se tomou sobre a çegurança dos Reays quintos de
Sua Mgde. na forma que nollo hordenou o Gor. e
Cappm. Geral D. Bras Baltezar da Silveira.

Aos seis dias do mes de Janeiro de mil e sete sentos
e catorze annos estando juntos os officiais da camara desta
V.ª E os Procuradores das mais camaras de todas estas minas
S. Paulo e outu' e Homns' bons' desta Republica e governança
della E Juntos os Juizes Ventura Fr.ª Vivas e o cappm. Mel. An-
tunes de Azevedo e os veriadores Mel. Gomes da Silva Franc.º
Maciel da Costa Dos. Franc.º de Oliveira e o procurador do
concelho Ant.º Martins' Leça, E Pedro Frazão de Brito Ant.º
Faria Pimentel como procuradores da V.ª Lial do Carmo, e
como procurador da cidade de S. Paulo e outu' Franc.º Fr.ª de
Saa, e Jacinto Barboza Lopes, e como Procuradores da V.ª de
S. João del Rey Jozeph de Sequeira V.ª Forte e o Doutor Mel.
de Almeida, e Sebastião Correya de Miranda, e Franc.º Duarte
de meirelles como Procuradores de V.ª Reial do Sabera, E o
Mestre de Campo dos Auxiliares desta V.ª Pascoal da Silva
Guimaramis e o Vigario desta V.ª Jozeph de Figueredo Mas-
carenhas o Cappm. Mor da V.ª do Ribeirão Rafayel Vas da
Silva O Cappm. Mel. de matos Fragozo e outras mais pessoas
prencipais destas Minas e da governança dellas q' todos se
acinaraõ em O termo que se fes p.ª a cegurança dos Reays
(sic) quintos cuja rezulsaõ foi na forma ceguinte.

Acordaraõ Ajustaraõ e concluyram vniformemte. que
os Reais Quintos ce çuguracem por este anno prezente não fi-
cando exemplo p.ª os Annos vindoiros em trinta arobas de Ouro
As quaes se tiraçem dos moradores de todas as minas que
estão desculbertas e ce descubrirem cada huã conforme o ca-
bedal q' cada hum pequir corendo por conta das camaras cada

huma em seu distrito horcarem o que poderá cada hum dos moradores delle pagar de quinto na forma referida com condisaõ de ce llevantarem os Rezistos dos caminhos e estradas donde se acharem E poderem todos levar o seu ouro livre e como quintado que o fica sendo na forma da dita rezulsaõ e pormeça e pormeça (sic) que fes o d.º Gor. E Cappm. Gel. a este cenado, e aos procuradores dos mais: Com declaracaõ que có por este anno como fica dito se pagarya o d.º quinto na forma asima declarada e nelle durante o dito tempo dariaõ parte a S. Mgde. as camaras de todas estas minas Representando ao d.º Sor' o miseravel estado delas p.ª Rezolver o que mais acertado lhe parecer asim p.ª arecadaçaõ dos seus Reayis quintos como p.ª as vtilidades de todos estes povos e que desta Rezulçaõ para melhor cegurança deste ajuste ce faria termo na çacretaria de estado deste Governo asinado plo. dito Gor. e cappm. Gal., ministros officiais da camara desta V.ª Procuradores das mais e Homns' bons' e prencipais delas, e de como asim se ajustou e Rezolveu se mandou fazer hum termo asinado por todos digo q' todos asinaraõ q' se entregou em junta aonde os officiais deste cenado O ham por ofericido e em poder do d.º Gor. e cappm. Ger. p.ª constar a todo o tempo o referido nos livros desta vereança mandaraõ fazer este termo E eu Bento Cabral Deça escrivaõ da Camara o escrevy.

Silua — Costa — Vivaz — Azd.º — Oliur.ª — Leça.

Termo em que ce rezolveu ce escrevece a Sua Mgde. Representando lhe a Rezulçaõ q' ce tomou çobre a cegurança dos seus riais quintos.

Aos oito dias do Mes de Janeiro de mil e cete sentos e catorzê annos nas cazas da camara desta V.ª estando juntos os officiais della os Juizes hordinarios Ventura Fr.ª Vivas e o cappm. Mel Antunes de Azevedo e os veriadores Mel. Gomes da Silva e Franc.º Maciel da Costa Domingos Franc.º de Oliveyr e procurado (sic) do concelho Ant.º Martins' Leça Rezolveraõ vniformemente. os acordamos ceguintes.

Acordaraõ ce escrevece a Sua Mgde. dando lhe conta de ce ter rezolvido o segurarce por este anno as trinta arobas de ouro dos seus Reyais quintos na forma do acordam e Rezulçaõ retro proxima remetendo lhe a perposta e arbytrio

que ce consultou neste cenado com os procuradores dos mais destas minas, Homns' bons' da governança dellas cuja perposta ce entregou por este mesmo cenado ao Gor. E cappm. Ger. destas minas D. Bras Baltezar da Silveira em junta e que a dita preposta ce registace nos los. deste senado e com efeito ce registou a folhas sincoenta e huma, e ce escrevece por tres vias E por cada huma delas copia da d.^a rezulção.

Acordaraõ mais ce escrevece a F. Franc.^o de menezes, Procurador deste senado p.^a procurar as utilidades desta Respublica remetendo lhe as copias da d.^a porposta de que mandaraõ fazer este termo que todos asinaraõ E eu Bento Cabral Deça escrevaõ da camara o escrevy.

Vivaz — Azd.^o — Silua — Costa — Oliur.^a — Leça.

Termo de pose e juramt.^o que ce deu a Franc.^o Pinheiro da Crus escrevaõ dalmotaçaria em vertude de huma provizam do governador e Cappm. Ger. D. Bras Baltezar da Silveira.

Aos des dias do mes de Janeiro de Mil e sete sentos e catorze nas cazas da camara estando juntos os officiais os Juizes hordinarios Ventura Fr.^a Vivas e o Cappm. Mel. Antunes de Azevedo e os Veriadores Manoel Gomes da Silva Franc.^o Maçiel da Costa Domingos Franc.^o de Oliveira e o procurador do conçelho Ant.^o Martins' Leça; por Franc.^o Pinheiro da Crus lhe foi apresentada huma sua Provizaõ em que o Gor. e Cappm. Ger. D. Bras. Baltezar da Silveira o avia provido no officio de escrevaõ da almotacaria desta V.^a p.^a o efeito de ce lhe dar poçe em vertude dela o q' visto plos. ditos officiais da camara e ter dado fiança aos novos direitos lhe deraõ poçe do dito officio de escrevaõ dalmotaçaria em vertude da d.^a Provição, E em vertude dela os Juizes lhe deraõ o Juramento dos Stos. evangelhos e debaicho delle lhe emcaregaraõ guardace bem e verdadeiramte. o serviço de Ds. e de S. Magde. direito as partes segredo a justiça de q' mandaraõ fazer este termo de poçe e Juramt.^o q' todos asinaraõ E eu Bento Cabral Deça escrevaõ da camara q' o escrevy.

Azeuedo — Vivaz — Silua — Costa — Leça — Franc.^o Pinheyro da Crus.

Termo de vereação em que se resolveu se definir as partes e se ellegece Meirinho Geral do Campo p.^a melhor aviamt.^o das partes Na forma da comcebsaõ do Gor. e Cappm. Ger. D. Bras Baltezar da Silveira.

Aos honze dias do mes de Janeiro de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.^a Rica nas cazas da camara estando yuntos os officiais della os Juizes hordinarios Ventura Fr.^a Vivas e o Cappm. Mel. Antunes de Azevedo e os veriadores Mel. Gomes da Silva Franc.^o Maciel da Costa e o procurador do concelho Ant.^o Martins' Leça Rezolveraõ vniformemente. o seguinte.

Acordaraõ se paçase Provizaõ de Meirinho Ger. do Campo a Juzeph Peixoto digo de Azevedo Peixoto na forma da cobcesão do Gor. e Cappm. Ger. Dom Bras Baltezar da Silveira Na graça que fes a este Senado de poder criar o dito officio. E paçar Proviziam delle.

Rezolveraõ Mais na mesma oniformidade se paçace provizaõ a Jozeph Mendes escrevaõ da vara de Alcaide desta V.^a por constar ter servido o dito officio com bom procidi-
mt.^o

Acordaraõ vniformemente se não paçace Provizaõ de Meirinhos da ventena e escrivomis della, senaõ A pessoas sob cer capazes e bem porcedidas moradoras nos mesmos destritos p.^a que empretarem provizomis dos ditos officios e que estes se não provecem cem precederem as imformaçomis neceçarias.

Rezolveraõ que os ventenarios q' se provecem por este Senado e o meirinho Ger. do campo que por este Senado foi provido não faraõ dilligencias nesta V.^a nem pinhoras nella plo. prejuizo que se cegue ao Alcaide da V.^a meiRinho da co-reisaõ e seus iscrivõmis e que cada hum dos que forem providos acistiraõ nos seus distritos para o aviamt.^o das partes e darẽ conta aos Juizes e ministro dos cazos que nelles çoceder e o mesmo se entendera com o meirinho Ger. do Campo a quem se Resolveu se lhe pacaçe Rigimtos. p.^a os guardar emteirante. com a pena que por nos for arbitrada faltando as comdicomis Referidas, ou alguma dellas e que sendo os ventenarios achados nesta V.^a fazendo diligencias ou a buscallas seraõ prezos e castigados cuja exzecusaõ faraõ os Juizes hordinarios como exzicutores deste Senado meyo por onde se ivitara o prejuizo das partes plos. caminhos que individualmte. lhe pagam.

Rezolverão uniformemente ce proibicem as tavernas e cuzinhas das lavras em que ce minarar ou faiscar plo. projui-zo geral que ce cegue aos mineiros pellos descaminhos dos seus escravos e que so ceraõ premitidas tavernas nesta V.^a E estra-das publicas e q' so nesta forma ce lhes concederaõ licenças por este cenado e os que emcorerem nesta postura e proibiçaõ pagaraõ da cadeya a postura do comcelho ficando arbitrio dos Juizes ordinarios como exzecutores deste senado a exzecucaõ desta Rezulçaõ.

Acordaraõ se publicacem hiditais para que os Mar-chantes que comduzem gados a esta V.^a o faraõ duas vezes na somana sabados e terças e cortara e se matara desde o sabado athe a terça por ser asim conviniente a todos estes morado-res e se lhe ceguiem vtillidades de ce cortar na forma referida com pena de pagarem da cadeya a postura do concelho os q' cahirem na dita postura ou o comtrario obrarem de que deraõ a ve digo ouveraõ a veriasaõ por acabada de que mandaraõ fazer este termo q' todos acignaraõ E eu Bento Cabral Deça escrivaõ da camara o escrevy.

Vivaz — Azeuedo — Silua — Costa — Leça.

Termo de pose que ce deu ao Cappm. Ma-yor Hanrique Lopes de Araujo e juramt.^o em vertude de huma Patente do Excelenticimo Sõr. D. Bras bal-tezar da cilveira Cappm. Ger. digo Gor. e Cappm. Ger. de S. Paulo e minas gerais.

Aos doze dias do mes de Janeiro de mil e sete sen-tos e catorze annos nesta V.^a Rica em as cazas da camara es-tando Juntos os officiais della os Juizes hordinarios Ventura Fr.^a Vivas e o cappm. Mel. Antunes de Azevedo e os Veriadores Mel. Gomes da Silva Franc.^o maciel da Costa e o procurador Ant.^o Martins' Leça apareseu prezente elles veyo Hanrique Lopes de Araujo e por elle foi apresentada aos ditos officiais da camara huma Patente do Gor. e Cappm. Ger. D. Bras Baltezar da Cilveira em q' o tinha provido no posto de Cappm. Mayor desta V.^a Rica e sua comarca pidindo aos dos. officiais da ca-mara lhe desem pose na forma da Patente q' apresentava o q' visto plos. ditos officiais da camara lhe deraõ poce de Cap-pm. Mayor desta V.^a Rica e sua comarca e mandaraõ se regista-

ze nos livros desta camara a d.^a patente e o Juis hordinario Ventura Ferreira Vivas lhe deu o juramt.^o dos Santos Evangelhos debaixo do qual lhe encaregou q' bem e verdadeiramte. service o dito cargo de Cappm. Mayor das hordenancas desta Villa e sua comarca guardando em tudo o serviço de Ds. E de S. Mgde. direito as partes segredo a justiça de que lhe ouveraõ a dita poce por dada e mandaraõ fazer este termo q' asinaraõ com o d.^o Cappm. Mayor E eu Bento Cabral Deça escrivão da camara o escriv.

Vivaz — Azeuedo — Costa — De Hanrique † Lopes de Araujo Cappm. Mayor.

Termo de veriação em que se Rezolveu se mandacem publicar editais sobre a prohibiçaõ e posturas ceguintes.

Aos doze dias do mes de Janeiro de mil e sete centos e catorze em as cazas da camara estando yuntos os officiais dela os Juizes hordinarios Ventura Fr.^a Vivas e o cappm. Mel. Antunes de Azevedo e os veriadores Mel. Gomes da Silva Franc.^o Maciel da Costa e o procurador Ant.^o Martins' Leça Rezolveraõ os acordamos seguintes.

Rezolveraõ se mandace publicar editais p.^a a prohibicam das vendas nas lavras de qualquer genoro que fose de comestivel e bebidas na forma da Rezulçaõ q' sobre este particular se tomou ficando por postura neste cenado e os ditos editais se fexacem no pelourinho desta V.^a com a pena de dezaceis digo com pena de dezaseis oitauas de ouro pagas da cadeya p.^a as rendas deste concelho na forma da postura de nosos anteceçores ficando a noso arbitrio a segunda comdenasaõ dos que emcorerem nas penas dos ditos editais.

Acordaraõ que se dece pose ao tezoureiro das rendas deste Senado Franc.^o da Costa Rios por sair yleito no pillouro tizoureiro dellas p.^a se lhe poder entregar o ouro que se cobraçe das rendas deste concelho e de que o asim o acordaraõ mandaraõ fazer este termo em q' ouveraõ a veriasaõ por acabada E eu Bento Cabral Deça escrivão da camara que o escriv.

Vivaz — Silua — Costa — Leça.

Termo de pose ao Tizoureiro deste cenado da camara Franc.º da Costa Rios.

E logo no dito dia mes e anno asima declarado estando Juntos os dos. officiais da camara appareceu presente Franc.º da Costa Rios Tezoureiro q' tinha saído das rendas deste senado na eleisaõ do pilouro e plos. dos. officiais da camara lhe foi dado pose de tezoureiro dellas e plo. Juis hordinario Ventura Fr.ª Vivas lhe foi emcaregado que bem e verdadeiramente service a obrigasaõ de Tezoureiro das ditas rendas Recebendo as quantias de ouro que pertencerem a d.ª tizouraria e não dispende dellas couza alguma sem q' por este senado lhe seja mandado por hordem dos officiais delle por escrito e por elles asinado e nesta forma se lhe ouve a dita pose por dada que aseitou e se obrigou por sua pesoa e bens' avidos e por aver presentes e auzentes a todas as Rendas deste conselho q' se lhe caregarem em receita e de dar conta dellas pella despeza que este senado lhe mandar fazer e de como asim o dice e se ouve a d.ª pose por dada mandaraõ fazer este termo q' asinaraõ com o d.º tizoureiro E eu Bento Cabral Deça escrevaõ da camara o escrevy.

Ventura Ferreira Vivaz — Mel. Gomes da Silua — Dos. Franc.º de Oliur.ª — Ant.º Martins Leça — Franc.º da Costa Rios.

Termo de veriasaõ em que aõcordaraõ se aremataçe a renda do ver por ter andado na praça os dias da lei e se ter completado o anno q' por este Senado foi aRematada.

Aos dezasete dias do mes de Janeiro de mil e sete sentos e catorze annos em as cazas da camara estando Juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.ª Vivas e os Veriadores Mel. Gomes da Silva e os mais e o procurador do conselho Rezolveraõ o seguinte.

Rezolveraõ que se aremataçe a renda do ver por ter andado na praça os dias da lei e se ter completado o anno porq' o Rendeiro Estevaõ da Cunha tinha aRematado o anno proximo pasado por faltar hum veriador se não arematou.

Rezolverão se pase provizaõ de porteiro da Camara a Jozeph Mendes escriptaõ do alcaide desta V.^a plo. bom procedimt.^o com q' tem servido e por ser mui abto e diligente p.^a tudo.

Acordaraõ se despachacem piticomis e se defirice as parttes e por não aver mais q' despachar e que defirir ouveraõ a veriasaõ por acabada Eu Bento Cabral Deça escriptaõ da camara o escrivv.

Vivaz — Silua — Oliur.^a — Leça.

Termo que mandou fazer o Juis hordinario Ventura Fr.^a Vivas.

Aos vinte dias do mes de Janeiro de mil e sete sentos e catorze annos em as cazas da camara esta(ndo) juntos o d.^o Juis hordinario Ventura Fr.^a Vivas e o veriador Mel. Gomes da Silva p.^a o efeito de se arematar a renda do ver por estar vendido o tempo por que se arematou o anno proximo pasado e ter andado na praça os dias da lei, a qual renda se não arematou por se não ajuntarem os mais Veriadores e se achar emfermo o Procurador do comçelho e suposto se podia suprir esta falta vindo em seu lugar assistir a d.^a arematança o procurador do anno proximo pasado como não vieraõ os dos. veriadores se não arematou e p.^a a todo o tempo constar mandou o d.^o Juis fazer este termo que asinou com o dito Veriador E eu Bento Cabral Deça escriptaõ da camara o escrivv.

Vivaz — Silua.

Termo de veriasaõ em q' Rezolverão o seguinte.

Aos vinte e quatro dias do mes de Janeiro de mil e sete sentos e catorze annos em as cazas da camara estando Juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura fereira vivas e o veriador Dos. Franc.^o de oliveira e o procurador do concelho Ant.^o martins' Leça.

Rezolverão se aremataçe a renda do ver e se ce fizece termo de arematança no 1.º dellas, q' com efeito arematou Estevão da cunha Rendeiro q' foi o anno proximo pasado e se tomasem novas fianças a satisfacaõ da d.ª Renda.

Acordaraõ se puzece em praça a caçerage da cadeya desta V.ª e se dece escrito ao porteiro p.ª andar na praça os dias da ley p.ª se arematar a quem mais der por ella.

Acordaraõ se tomaçe termo de dizistencia ao álcaide desta V.ª João Roz' do d.º officio e que ce paçace Provimento do officio de alcaide a Caetano de Crasto Guimaromis por estar provido nelle dando lhe pose e deferindo lhe o Juramt.º

Rezolveram se ce fizece termo de dizistencia ao meirinho geral do campo Jozeph de azevedo Peichoto e q' se paçace Provizaõ a Franc.º de Souza pacheco e se lhe dese pose e juramt.º visto estar provido nelle.

Acordaraõ despachar piticomis e deferir as partes e por não aver mais que fazer deraõ a veriaçaõ por acabada mandaraõ fazer este termo de veriasaõ e deram a ver digo de veriasaõ e deram a ver digo de veriasaõ que asinaraõ E eu Bento Cabral Deça escrevaõ da camara o escrevy.

Vivaz — Oliur.ª — Leça.

Termo de veriasaõ digo termo q' mandou fazer o Juis hordinario Ventura fereira vivas.

Aos vinte e sinco do mes de Janeiro de mil e sete sentos e catorze annos nas cazas da camara estando o Juis hordinario Ventura Fereira vivas e o veriador Dos. Franc.º de Oliveira p.ª se fazer veriaçaõ e defirir as partes e como se não ajuntaraõ os mais officiais deste senado se não fes veriaçaõ nem se despacharaõ pitisomis de que o d.º Juis mandou fazer este termo p.ª a todo o tempo constar q' asinou com o d.º veriador E eu Bento Cabral Deça escrevaõ da camara o escrevy.

Vivaz — Oliur.ª

Termo de veriasaõ que fizeraõ os officiais da camara em que Rezolveraõ mandar publicar yditais p.^a se ajuntarem todos os officiais dos officios desta V.^a p.^a se fazerem Juizes de todos os officios aos mais votos e se publicassem yditais para se convocarem os criadores e mais pessoas do povo p.^a se arrematarem os talhos do concelho.

Aos vinte e sete dias do mes de Janeiro de mil e sete sentos e catorze annos em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.^a Vivas e os veriadores Mel. Gomes da Silva Franc.^o Maciel da Costa e o Procurador Ant.^o Martins' Leça Rezolveraõ o seguinte.

Acordaraõ se publicassem yditais para que os officiais de todos os officios moradores nesta V.^a e seu termo se achacem neste Senado da camara segunda feira que se comtam vinte e nove do prezente para se fazerem Juizes de officios aos mais votos na forma do est.^o cuja Rezulsaõ tomaraõ por emtenderem se ceguiuriaõ utilidades a esta Respublica e p.^a á os dos. officiais se lhes darem seus Rigimtos. com cominasaõ de pagarem da cadeya os que faltarem dezaseis outauas de ouro para as Rendas do conselho.

Acordaraõ mais com a mesma vniformidade se publicacem yditais convocando os criadores negociantes dos gados que emtram e se costaõ nesta V.^a para se arrematarem os cortes do comcelho como he ystillo em toda a parte p.^a mayor aumt.^o desta Respublica, servico de Sua mgde. e utilidades de todos estes moradores na forma da regallia que o d.^o Sõr. tem concêdido a todos os conselhos dos seus Reinos e conquistas Rezaõ por que se acordou convocar os povos criadores de gados comdutores e negociantes delles p.^a se aRematarem quinta feira que se am de contar oito de fr.^o proximo que vem com as sonellidades da ley.

Acordaram despachar pitisomis e defirir as partes e se fizece correisaõ geral por se ter completado o tempo dos Iditais para tirar licencas e afilarem na forma do est.^o e por naõ haver mais que despachar deraõ a veriasaõ por acabada de que mandaram fazer este termo de veriaçaõ E eu Bento Cabral Deça escrivaõ da camara o escrivy.

Vivaz — Silua — Costa — Leça.

Termo de dizistencia que fas João Roiz' da Silva do officio de Alcaide desta v.^a e Jozeph de azevedo Peixoto de meirinho geral do campo.

E logo no d.^o dia mes e anno atras declarado estando á hinda juntos os dos. officiais da camara á pareceraõ prezen-tes João Roiz' da Silva e Jozeph de azevedo Peixotto e por elles foi dito que elles vinham dizistir dos officios que por este senado foraõ providos o d.^o João Roiz' do officio de Alcaide desta v.^a e o d.^o Jozeph de Azevedo Peixoto de meirinho do campo o q' visto pellos ditos officiais da camara lhe tomaraõ as das. deichasomis e os ouveraõ por dezemposados dos dos. officios de que mandaraõ fazer este termo q' com elles asina- raõ E eu Bento Cabral Deça escrivaõ da camara o escrivv.

Vivaz — Silua — Costa — Leça — João Roiz' da Sil-ua — Jozeph Azd.^o Peixotto.

Termo de pose e juramento que se deu ao Alcaide novamte. eleito e a Meirinho do campo nova-mente ellegido.

Aos vinte e nove dias do mes de Janeiro de mil e sete sentos e catorze annos em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Ferreira Vivas e os veriadores Mel. Gomes da Silva Franc.^o Maciel da Costa e Dos. Francisco de oliveira e o procurador do comcelho o Cap- pm. Ant.^o Martins' Leça para fazer veriasaõ e definir as partes.

Apreseraõ presentes Caetano de Crasto Guimaromis e Franc.^o de Souza Pacheco e por elles foi ditto que tinham empretado Provizomis deste Senado da camara que apresen- taraõ p.^a servir es dos. officios o que visto digo officios pe- dindo aos dos. officiais da camara lhe desem posse e juramento o q' visto pellos ditos officiais da camara lhe deraõ a d.^a pose A caetano de Crasto Guimaromis do officio de Alcaide desta V.^a avendoõ por emposado nelle e a d.^o Franc.^o de Souza Pá- checo do ôfficio de meirinho geral do campo e a cada hum del- les lhe deferio o d.^o Juis o Juramt.^o dos Santos Evangelhos e debaicho delle lhe emcaregou o serviso de Deos e de S. Mgdê.

direito as partes segredo a Justiça de que mandou fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escripto da Camara o escripto.

Costa — Oliur.^a — Leça — Caetano de Crasto Guimés. — Francisco de Souza Pac.^o

Termo que se rezolveu mandar publicar yditaes p.^a se fazerem os caminhos p.^a a serventia desta V.^a e seu termo e condusaõ dos mantimentos. e se publicarem os iditaes p.^a se arrematarem duas cazas de pasto nesta V.^a

E logo no d.^o dia mes e anno asima atras declarado estando Juntos os officiaes da camara o Juis hordinario Ventura Ferreira Vivas e os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva e o Cappm. Franc.^o Maciel da Costa e o procurador do conselho o Cappm. Ant.^o Martins' Leça.

Acordaraõ se publicarem yditaes p.^a se fazerem os caminhos e estradas desta V.^a e seu termo e pontes nos Rios e pachages delles e os do termo da V.^a p.^a fora se cometese esta diligencia da parte do Rial serviço de S. Mgde. e bern comum ao Mestre de Campo Regente Pascoal da Silva Guimaromis emcaregando lhe da parte do d.^o Sõr. o ponha logo em execuçaõ p.^a mais promptamte. se poderem comduzir os mantimentos. p.^a esta V.^a e seguirem ce vtillidades aos povos e moradores della e com efeito se lhes escreveo emtimando lhe da parte do serviço de Sua Mgde. mandase fazer os caminhos na forma referida.

Acordaram se mandarem publicar yditaes para quinta feira que se ham de contar digo sabado que se contam des de fr.^o proximo q' vem se arrematarem duas cazas de pasto nesta V.^a p.^a os viandantes na forma da hordenasaõ de Sua Magde. e com yfeito se deu bilhete ao Porteiro do comcelho Ant.^o Cabral p.^a as trazer em praça e p.^a se arrematarem a quem por ellas mais dese.

Acordaraõ se mandace fazer duas cancellas p.^a se porem na ponte que vai desta V.^a p.^a o Padre faria digo p.^a o aRayal do padre faria e se proybice o handar gado Vacum por Riba della plo. perjuizo que se cege a d.^a ponte e as Rendas

deste comcelho em as mandar comsertar e p.^a esta Rezulsão ter efeito acordarão vniformte. se notificacem os condutores de gado p.^a o não conduzirem por sima da d.^a ponte e outrosim se fizece a mesma notificação aos vizinhos mais chegados de hum e outra parte da d.^a Ponte p.^a não o deixarem pasar com cominasaõ de pagarem da cadeya seis oitavas de ouro cada hum os que ficarem compreendidos asim vizinhos como condutores do d.^o gado e os dos: comdutores que emcorrerem nesta pruibição mais de hum a ves pagaraõ da cadeya dezaseis oitavas e p.^a os mais ficara no arbitrio deste senado ficando nelle por postura e que os almotases que servirem a faraõ executar na forma asima declarada dando apellasomis e agravo p.^a este senado por exceder da sua alsada.

Rezolveraõ despachar pitiscmis e defirir as partes e por não haver mais que despachar ouveram a veriasaõ por acabada de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Eu Bt.^o Cabral Deça escrivaõ da camara o escrivi.

Vivaz — Silua — Costa — Leça.

Termo de veriação em que se Rezolveu se Rematace a cacerage desta V.^a e com efeito se aRematou a João Fr.^a deNis por 320 8as.

Aos oito dias do mes de digo aos trinta dias do mes de Janeiro de mil e sete sentos e catorze em as cazas da camara estando Juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura fr.^a Vivas e os veriadores o Cappm. Manoel Gomes da Silva o Cappm. Franc.^o Maciel da Costa e o procurador do comcelho o Cappm. Ant.^o Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaraõ se aRematace a caceraje da cadeya desta V.^a a quem por ella mais deçe, e por estar ahinda em mui baicho preço Rezolveram ficace aRemataçaõ da d.^a cacerage p.^a oito do mes de fevr.^o proximo que vem para se aRematar junto com os cortes do comcelho, e se prendecem os officiais que tinham faltado a virem dar os seus votos p.^a os Juizes dos officios.

Acordaram despachar piticomis e defirir as partes e por não aver mais que despachar mandaram fazer este termo de veriação que todos asinaraõ E eu Bento Cabral Deça es-
crivaõ da camara o escrivv.

Vivaz — Silua — Costa — Leça.

Termo de veriação em que se fizeraõ digo em que se tomaraõ os votos p.^a os Juizes dos officios desta V.^a e seu termo.

Aos ttres dias do mes de fevr.^o de mil e sete sentos digo aos trinta e hum dias do mes de Janeiro de mil e sete sentos e catorze em as cazas da camara estando Juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura fr.^a Vivas e os veriadores o Cappm. Manoel Gomes da Silva e o Capitaõ Franc.^o Maciel da Costa e o procurador do conselho o Cappm. Ant.^o Martins Leça Rezolveraõ o seguinte.

Acordaram se mandacem vir da cadeya os officiais que dos officios se achavaõ prezos por não vir votar para Juizes dos officios na forma dos yditais que por este senado se tinham publicado para se fazerem os ditos Juizes, e com efeito se foram trazidos parante os dos. officiais da camara ahonde cada hum delles deu o seu voto a quem o d.^o Juis hordinario deu o Juramento dos santos evangelhos em hum l.^o delles emcarregando lhe debaicho delle vototacem (sic) nos officiais q' mais ygdônios e benèmeritos focem para Juizes dos officios E em quem comcoRecem os Requizitos neceçarios para a d.^a ocupasaõ na forma que os mais officiais o ttinham ja feito, e tomando o d.^o Juis E eu escrivã os dos. votos se achou ser elleito aos mais votos por Juis do officio de carpinteiro Manoel Gonsalves Beça; e por Juis do officio de Alfayate Ignacio de Souza; e por Juis do officio de Sapateiro Ant.^o da Costa Maciel; e por Juis do officio de ferreiro Dos. Gonsalves todos moradores nesta V.^a

Acordaram se lhes pacacem cartas de vzança na forma do est.^o e se lhe taxacem as obras dando lhes Regimtos. na forma da hordenasaõ dando lhe pose e juramt.^o na forma que se pratica em toda a parte e a mesma lei dispoem Registrando

se asim huma couza como a outra nos los. dos Registos deste senado da camara declarando ce nos los. desta veriação as comdicomis dos dos. Reginttos. para a todo o tempo constar.

Acordaraõ com a mes(ma) vniformidade se mandace prezo p.^a a cadeya desta V.^a de honde tinha vindo a Lucas Fernandes official de Ferreiro pello desprezo soberba, e a Rogancia com que se tinha auido na prezença dos dos. officiais da camara a quem o d.^o Juis mandou notificar para hum auto e pera ver jurar tistemunhas, e a mim escrivam pasar sertidaõ de tudo o que tinha ditto o d.^o Lucas Fernandes, em prezença dos dos. officiais da camara para prova do d.^o autto e pera poder sentenciar pello mericimento delle o que com efeito Eu escrivão pasei a d.^a certidaõ e a emtreguei ao taballiaõ Franc.^o da Silva Netto a quem o d.^o Juis mandou autuar o d.^o auto e juntar a elle a d.^a sertidaõ.

Acordaram vniformemente se publicacem yditais nesta V.^a e seu termo convocando os povos e pessoas principais desta Respublica da governança della, criadores, condutores e negociantes de gados para se acharem neste senado quinta feira que se ham de comtar oitto do mes de fevr.^o proximo que vem para se aRematar a carneçaria dos talhos do comcelho a quem mais barato cortar a carne de vaca para o sustento dos moradores desta V.^a e do termo della na forma da ordenação e Regimento dos veriadores e de como se costuma prover pellos mais senados e se pratica em toda a parte, para cujo fim se tinha dado billete ao porteiro do comcelho para trazer na praça os dos. ttalhos p.^a se aRematarem a quem por elles mais der e mais barato cortar a vaca com que se ha de prover toda esta V.^a e todo o seu termo avendo obrigado a dar a vaca nesceçaria em abastança e a cortar pellas taixas que por este senado lhe forem postas atendendo as vtillidades de todos estes moradores.

Acordaram com a mesma uniformidade mandar recolher toda a polvora e chumbo desta V.^a e seu termo para em huma só caza se vender pello dano que se tem seguido aos viandantes nos caminhos e estradas destas minas em que se tem experimentado mortes Robos e firintos. cauzados de se vender polvora e chumbo aos Negros canhamboras e o gravicimo prejuizo que se pode seguir aos mineiros com os seus escravos de quem pendem a comservação destas minas, e os Reais quintos de Sua Magde. para o que se publicacem yditais para que toda a pèsoa que tivece polvora e chumbo o venha declarar com pena de trinta dias de cadeya e pagar della dezaseis oitavas

de ouro para as Rendas do concelho dentro em corenta dias que se completaram a honze do mes de Marco proximo que vem e debaixo da mesma pena que nenhum Fereiro saralheiro concerte armas de fogo nem outra de qualquer genoro que seja ofenciva ou defenciva a Mollato, Negro, Bastardo, ou carijó nem lhe vendaõ facas nem lhe cortem ferros com que seus senhores os tragaõ prezos sem licencas suas, e que nenhuma pessoa de qualquer callidade ou condiçaõ que sejaõ lhe venda as das. armas ahinda que foros sejam nem Recolham escravos em suas cazas nem lhe vendaõ genoro algum senaõ do demonstrador para fora, ficando este acordam por postura do concelho que se declarara aos Almotaces para emteirante. a fazerem comprir e guardar, e ouveram a d.^a veriaçaõ por acabada de que mandaraõ fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escrivaõ da camara o escrevy.

Vivaz — Silua — Costa.

Termo de veriaçaõ em que acordaram o seguinte o Responder a huma carta do Mestre de Campo Regente.

Acordaraõ responder a huma carta do Mestre de Campo Regente Pascoal da Silva Guimarois Resposta de outra que da parte do Reyal serviço e bem comum se lhe tinha escripto por este senado e com efeito se lhe Respondeu adevertindoo' o averce com melhor pullitica nas escritas que pera este senado se lhe offerecerem e hordenaram os dos. officiais da camara a mim iscrivaõ Registace humas e outras nos los. dos Registos deste senado as quais Registei de folha secenta the folhas secenta e duas.

Acordaram com a mesma vniformidade se tomace fiança ao alcaide desta V.^a que por tres annos fora provido por este senado no officio de Alcaide e a seu iscrivam meirinho do campo, E iscrivaõ delle na forma da hordenasaõ E est.^o praticado.

Reconheceram com a mesma vniformidade se defirice a huma apellasaõ que Jozeph Joaõ morador nesta V.^a tinha antreposto dos Almotaces p.^a este Senado por o comdenarem na postura do concelho por não ter afillado huma Balanca, e no perdimt.^o della na forma de huma das comdisomis

com que o afillador tinha aRemattado os officios da fillação e com effeito se lhe defirio absolvendo o apellante das das. comdenasomis com fundamt.º de se ter comcedido mais quinze dias ao afillador por Requerimt.º que a este senado fes para poder afillar os marcos e ballancas desta V.ª e seu termo, e se lhe comcederem allem dos expressados nos yditaes que para hece fim por este senado se publicaram de que ouveram a dita veriação por acabada de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escriptaõ da camara o escrivy.

Vivaz — Silua — Costa — Leça.

Termo de veriasaõ em que se mandaram aRematar as carneçarias desta V.ª e seu termo e a cacerage da cadeya desta V.ª

Aos oito dias do mes de fevr.º de mil e sete sentos e catorze annos em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.ª Vivas e os veriadores o Cappm. Mel Gomes da Silva o Cappm. Franc.º Maciel da Costa e o procurador do comcelho o Cappm. Ant.º Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram se aRematacem as carnecarias comi que se ha de prover esta V.ª e seu termo a quem por ella mais der e mais barato cortar a vaca para o sustento dos moradores della na forma da hordenação e Regimt.º dos veriadores pellas tairas que por este senado lhe forem dadas aRobando a vaca que nesceçaria for na forma que em toda a parte se pratica naRematação dos talhos do comcelho obrigando ce quem áRematar dar a vaca em abastança e cortar desde o sabado athe a terça feira de cada somana em todo o descurço plo. descuco (sic) do ano da sua aRematacam com cominasaõ de se comprar á sua custa por este senado por o preço que for, e com a pena de pagarem os fiadores da cadeya huma livra de ouro por cada ves que faltarem com a vaca nesceçaria ameta(de) p.ª ás Rendas do digo applicadas p.ª as Rendas do comcelho e com effeito se aRematou a d.ª carneçaria a Mel. da Crus Fr.ª com as comdisomis que no termo de aRematação se acham expre-

çadas por duas mil e trezentas oitavas de ouro por ter andado na praça os dias da lei e não aver quem mais barato cortace a vaca e mais por ella dece.

Acordaram se applicarem as ditas duas mil e trezentas oitavas de ouro por que se tinha aRematado a carneçaria para se fazer cadeya e acrescentar as cazas da camara fazendo outro lanço p.^a nelle se fazer audiencia e a d.^a cadeya com a segurança nesceçaria e as pontes caminhos, e fontes desta V.^a e seu termo para a serventia do bem publico serviço de Sua Mgde. e utilidade de todos estes moradores na comdusam dos mantimentos. applicando todas as mais Rendas deste senado para estas obras tão comvinientes ao bem comum e com efeito se deu billete ao porteiro do comcelho p.^a as trazer na praça e nelas se aRematarem a quem mais barato fizer as das. obras.

Acordaram com a mesma vniformidade se aRematace a caceraje da cadeya desta V.^a que ha tempos andava na praça a quem por ella mais dece e com ifeito se aRematou a João fr.^a denis por trezentas e vinte oitavas de ouro com as condisomis que no termo de aRematação se declaram de que ouveram a veriacam por acabada de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escrivão da camara o escrivv.

Vivaz — Silua — Costa — Leça.

Termo. de veriacaõ em que se acordou pedir ao Sõr. General os campos regengos e montes maninhos desta V.^a e seu termo por carta de sismaria.

Aos des dias do mes de fevr.^o de mil e sete sentos e catorze nas cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.^a vivas, e os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva o Cappm. Franc.^o Maciel da Costa, e o procurador do comcelho Ant.^o Martins' Leça acordaram o segte.

Acordaram se pedice ao Sor. Gel. D. Bras Balthezar da Silveira Governador, e cappm. Geral destas minas por carta de sismaria os campos Reguengos e montes maninhos desta V.^a e seu termo para este senado da camara para poder ter

Rendas e posecão o comcelho para o que Rezolveram se lhe fizeze piticaõ e se lhe escrevece huma carta para hece fim e que esta lhe foce mandada pelo Procurador do comcelho.

Acordaram vniformemte. se naõ aRematacem as duas estallages que por este senado nesta V.^a se pertendiaõ aRematar p.^a o que se tinham publicado yditais, e andavaõ em praça mas atemendo a que de alguma sorte poderia prejudicar ao bem comum tomavaõ a nova Rezulsaõ de as naõ aRematar e de se publicarem yditais a hece fim, de que ouveram a d.^a Rezulsaõ por tomada e os dos. yditais por nullos.

Acordaram despachar pitisomis, e defirir as partes de que ouveram a veriasaõ por acabada, e mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escrivaõ da camara o escrivv.

Vivaz — Silua — Costa — Leça.

Termo de veriaçaõ em que se Rezolveu fazer hum jurado na forma da hordenasaõ.

Aos catorze dias do mes de fever.^o de mil e sete sentos e catorze annos em as cazas da camara estando Juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.^a vivas os veriaadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva, o Capm. Franc.^o Maciel da Costa, e o Procurador do comcelho o Cappm. Ant.^o Martins' Leça rezolveram o seguinte.

Acordaram oniformemte. se ellegece hum Jurado para milhor aRecadasaõ das Rendas do comselho na forma da hordenasaõ pellas queixas que avia do Rendeiro de se comcertar com os que tinham emcoRido nas taixas e posturas do comcelho e que os almotaces tomacem conheci^o sumariante. dos dos. comsertos que o d.^o Rendeiro tinha feito com tanto prejuizo do bem comum, e das Rendas deste senado na forma da lei do Reino e com efeito se elegeu o d.^o Jurado e se mandou se lhe paçace Provizam na forma do est.^o para aver pose e Juramt.^o na forma que se pratica, e a ordenasaõ dispoem.

Acordaraõ vniformte. se defirice as partes, e se despachacem pitiçomis de que ouveraõ a veriaçaõ por acabada e mandaraõ fazer este termo que todos asinaraõ E eu Bento Cabral Deça escrivaõ da camara o escrivv.

Vivaz — Silua — Costa — Leça.

Termo de veriação em que se Rezolveu Responder a huma carta do Sr. Gel. D. Bras Balthezar da Silveira Governador e Cappm. Geral de S. Paulo, e minas gerais.

Aos dezanove dias do mes de fevr.º de mil e sete sentos e catorze annos em as cazas da camara estando Juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.ª Vivas, e os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva, o Cappm. Franc.º maciel da Costa e o Procurador do comselho o Cappm. Ant.º Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram Responder a huma carta do Sõr. Gel. em Resposta de outra que delle tinham Recebido em que lhe hordenava dispozem a forma do lancamt.º da parte que a esta V.ª tocace das trinta aRobas de ouro dos Ryais quintos ao que Respondeu o d.º Juis hordinario Representando ao d.º Sr. o quanto hera nesceçario a Repartição das Comarcas, e Villas das minas que com a certeza do termo desta se empregariaõ os dos. officiais da camara no llancamt.º que pelo hórsmat.º que se fizece tocace a esta V.ª vindo sertidomis autenticas dignas de fé de estar lavantado o Registo do caminho novo, e Parati na forma da comdisam do termo que os dos. officiais tinham asinado Junto com os Procuradores e Homns' bons' de todas as mais Villas das minas cuja carta me hordenou a mim iscrivaõ a Registace E em pesoa a llevace ao d.º Sr. Gel. de que mandou fazer este termo que todos asinaraõ E eu Bento Cabral Deça escrivaõ da camara o escrivv.

Vivaz — Silua — Costa — Leça.

Termo de veriação em que se Rezolveu se ellegece huma pesoa principal e da governanca desta V.ª a que mais hignia, e benemerita fose para hir por Procurador desta V.ª junto com o do comcelho asisttir a demarcasaõ das comarcas e termos das Vas. das minas para o orsam.º das trinta aRobas de ouro dos Ryais quintos.

Aos vinte e hum dias do mes de fever.º de mil e sete sentos e catorze annos em as cazas da camara estando Juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura fr.ª vivas e os ve-

riadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva o Cappm. Franc.º Maciel da Costa, e o Procurador do comcelho o Capitão Ant.º Martins' Leça, pelo d.º Juis hordinario foi lida e apresenta(da) aos dos. veriadores a Resposta da carta do Sr. Gel. que o d.º Juis a mim escrivão tinha hordenado levace pesoalmte. ao d.º Sr. cuja resposta hordenava o d.º Sr. Governador aos dos. officiais da camara mandacem a V.ª do Carmo hum Procurador com as instrusomis e poderes nesceçarios p.ª a demarcasaõ das comarcas e termo das Vas. das minas ahonde comvocava os procuradores das mais camaras p.ª a d.ª Repartisam no fim deste prezente mes declarando lhe ser preciso fazer ce a yleicaõ de Procurador para ce achar no Referido tempo na d.ª v.ª de N. S. do Carmo.

Acordaram vniformemte. hirem os dos. officiais da camara, emcorporados Representar ao Sr. Gel. D: Bras Balthazar da Silveira Governador e Cappm. Geral destas minas a Villa de N. S. do Carmo o terem por este Senado aRematado a carnegaria com as formallidades da hordenasaõ e com as sollinidades do seu Regimt.º e com as comdisomis que no termo de aRemataçaõ se achavam exprecadas de que se ceguiam enomeraveis vtillidades aos povos desta V.ª, e seu termo de que estavaõ satisfeitos os moradores principalmte. todos os mineiros nobreza da governança della e a mayor parte dos peulares por se cortar a vaca, em mt.ª abastança, e por preços que nunca nestas minas se tinha cortado dando em dobro o aRematador do que the ao prezente se praticava por Rezam do d.º Sor Governador mandar hordem ao Dezembragador Mel. da Costa de amorim ouvidor, e coRegedor desta comarca fizece Repor o provimt.º das carnes no primeiro estado avendo por nulla aremataçaõ que por este senado se avia feito na forma do seu Regimt.º e com efeito foram os dos. officiais da camara comigo escrivão pesoalmte. fazer lhe a d.ª Representaçãõ e mandando o d.º Sr. ler as comdisomis com que fora aRematado lhe Respondeu tinha queixas dos povos e que peilas das. condisomis Reconhecia as mesmas comviniencias que por este Senado se lhes tinha ao povo granjiado que deferiria como mais justo focce e com esta resposta se Recolheram para esta V.ª os dos. officiais da Camara que mandaram fazer este termo p.ª a todo o tempo constar E eu Bento Cabral Deça escrivão da Camara o escrivv.

Vivaz — Silua — Costa — Leça.

Termo de veriasão em que se Rizolveu se escrevece ao Cappm. Pedro da Rocha Gandabo, e ao Cappm. Mel. Correya Pr.^a para virem tomar pose, e Juramt.^o p.^a servirem de almotases os dous mezes de março e abril que lhe pertencem na forma da hordenasão por veriadores que foram o anno proximo pasado.

Aos vinte e seis dias do mes de fever.^o de mil e sete sentos e catorze annos em às cazas da camara estando Juntos os officiais della o Juiz hordinario Ventura fr.^a vivas, os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva, Domingos Franc.^o de oliveira, e o procurador do comcelho o Cappm. Antonio Martins' Leça Rezolverão o seguinte.

Acordaram se escrevece aos veriadores que tinham sido o anno proximo pasado o Cappm. Pedro da Rocha Gandavo, e o Cappm. Mel. Correa Pr.^a para se acharem neste Senado o primeiro do mes de Março proximo que vem para se lhes dar pose e Juramt.^o para servirem de Almotases na forma da hordenasão p.^a servirem o mes de março, e abril deste presente anno, e ordenarão a mim escrivão lhes fizece saber por carta, esta **Rezolução**.

Acordaram difirir as partes, e despachar pitisomis e por não aver mais que despachar ouveram a veriasam por acabada de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escrivão da Camara o escrivy.

Vivaz — Silua — Costa — Leça.

Termo de abertura de huma carta do Sr. Gel. e de outra do Dezembragador ouvidor, e CoRegedor desta Comarca o Doutor Mel. da Costa de Amorim.

Ao primeiro dia do mes de Março de mil sete sentos e catorze annos em as cazas da camara estando Juntos os officiais della os Juizes hordinarios Ventura fr.^a Vivas e o Tenente Coronel Manoel Antunes de Azevedo, os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva, o Cappm. Franc.^o Maciel da

Costa, Domingos Franc.º de oliveira, e o Procurador do concelho o Cappm. Ant.º Martins' Leça, lhes foram apresentadas duas cartas huma do Governador e cappm. Gel. o Sr. D. Bras Balthezar da Silveira, em que lhe ordenava suspendecem na aRematação de carneçaria que por este Senado se tinha aRematado, que comciderando com a ponderasaõ nescecaria as rezomis que os ditos officiais da camara vocalmte. lhe tinham preposto ein hordem, em continoar a d.ª aRematação dos cortes do concelho com que se avia prover esta V.ª e dezejando achar algum meyo com que podece difirir favoravelmte. se lhe continuavam as queixas dos povos rezam porq' se achava pricizado a hordenar aos dos. officiais da camara suspendesem na dita aRematação por ser asim comviniente ao servico de S. Mgde. que nenhuma outra couza mais apretadamte. lhe encomendava que o socego e quietasaõ dos povos das minas para o que era comviniente, evitar todos os motivos que podecem alterallos; e abrindo ce a carta do Dezembragador desta comarca digo do Dezembragador ouvidor gel. desta comarca o D. Mel. da Costa Amorim, lhe emcinoava aos dos. officiais da camara que pla. hordem emclluza na d.ª sua carta do d.º Sr. Governador avia por nula á arematacaõ da carneçaria emcomendando lhe a fizece Repor no primeiro estado, e que sem embargo de que tinha Replicado á dita hordem o avizava segunda ves a fizece dar logo a execuçaõ sem duvida alguma por ser asim comviniente ao serviço de Sua Mgde. que Ds. gde. o que fazia presente aos dcs. officiais da camara para Removerem a d.ª aRematação fazendo diço termo nos livros da veriaçaõ e o mais que comviniente lhes parecece; e vendo vltimamte. a hordem do d.º Sr. Gel. acharam declarar absolutamte. por nula, e nenhum vigor a d.ª aRematacaõ dos cortes deste senado, q' com as formallidades e sonollidade da lei do Reino se tinham aRematado na forma do Regimt.º dos veriaadores: Rezolveram vniformemte. os dos. officiais da camara aver por Removida a d.ª aRematação e as fianças por dezobrigadas e o aRematador como quem o não hera; visto o d.º Sr. Governador asim o hordenar sendo emsentivo as queixas dos povos para a d.ª Rezolcaõ com protesto de não prejudicar aos dos. officiais da camara, que acordaram publicar iditais com o tehor da hordem do d.º Sr. Gor. em a qual declara a dita aRematação absolutamte. por nula, e outrosim Rezolveram se declarace nos ditos yditais que os criadores comdutores e marchantes de gado vacuum que pertendecem cortar nesta V.ª e em todo o seu termo o não fizecem sem todos os sabados de

cada somana virem a este senado empretarem lc.^a p.^a o poderem cortar pellas taixas que se lhe arbitrarem na forma da hordenasaõ e do seu Regimt.^o com pena de trinta dias de cadeya e de não serem soltos sem primeiro pagarem meya livra de ouro p.^a as Rendas do concelho por cada ves que emcoRerem nas penas dos dos. yditais que se mandaram publicar pello porteiro nesta V.^a e seu termo e fexar na praca publica della, p.^a que chegue a noticia de todos, E em nenhum tempo posam alegar ygnorancia como em toda a parte se pratica, e que esta Rezulcaõ ficara por postura do Comselho, que se fara presente aos almotases para lhe fazerem dar verdadeira execucaõ de que sara fiscal o Rendeiro do ver, e o Jurado que por este senado foi provido, de que mandaram fazer este termo que todos asinaram p.^a a todo o tempo constar, e mandaraõ outrosim a mim escrivaõ registaçe a d.^a hordem e as sobreditas cartas no livro das arematacomis junto a que se fes da d.^a carneçaria, Registando as outrosim nos los. em que se costuma Registrar as cartas de Sua Mgde. que Ds. gde., E eu Bento Cabral Deça Escrivaõ da camara o escrivv.

Acordaram na mesma ocaziaõ se escrevece ao Sor. General, em Resposta da que este senado tinha Recebido dando lhe parte de estar Removida a d.^a aRematacaõ na forma da sua hordem que pello dito Dezembragador ouvidor geral lhes foi continuada de que mandaraõ fazer este termo que todos asinaraõ E eu Bento Cabral Deça escrivaõ da camara o escrivv.

Vivaz — Silua — Costa — Leça.

Termo de huma abertura de huma carta dos officiais da camara de V.^a Reyal.

Aos doze dias do mes de de (sic) Março de mil e sete sentos e catorze annos em as cazas da camara estando Juntos os officiais della o Juiz Hordinario o Tenente Coronel Mel. Antunes de Azevedo e os Veriadores Mel. Gomes digo o Cappm. Mel. Gomes da Silva e Domingos Franc.^o de olivr.^a o procurador do concelho o Cápmm. Ant.^o Martins' Leça por elles foi apresentada huma carta dos officiais da camara de V.^a Rial em que lhe davam parte de hum capitollo da preposta que fi-

zeram os officiaes da Camara da d.^a V.^a ao Sõr. Gel. sobre o por ce a polvora por comtrato por asim ser conviniente ao bem comum a q' Rezolveram Responder lhe.

Acordaram mais despachar piticomis e defirir as partes de que tudo fis este termo que todos asinaraõ E eu Bento Cabral Deça escrivão da Camara o escrivv.

Azeuedo — Silua — Olivr.^a — Leça.

Termo de veriacaõ em que se despacharaõ piticomis.

Aos catorze dias do mes de março de mil e sete sentos, e catorze nesta V.^a Rica em as cazas da Camara estando Juntos os officiaes della o Juis hordinario o tenente coronel Mel. Antunes de Azevedo e os Veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva Domingos Franc.^o de Olivr.^a e o procurador do comcelho o Cappm. Ant.^o Martins' Leça Rezolveram o seguinte — o despachar piticomis e defirir as partes de que tudo fis este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escrivão da camara o escrivv.

Azeuedo — Silua — Olivr.^a — Leça.

Termo de pose e juramt.^o que se deu aos Almotaces que ham de servir este mes de Março e o mes de abril que vem.

Aos catorze dias do mes de Março de mil e sete sentos e catorze annos em as cazas da camara estando Juntos os officiaes della os Juizes hordinarios Ventura fereira Vivas e o tenente coronel Mel. Antunes de azevedo os Veriadores o Capm. Mel. Gomes da Silva o Capitam Franc.^o Maciel da Costa Domingos Franc.^o de oliveira e o Procurador do comcelho o Capm. Ant.^o Martins' Leça, deram pose e Juramt.^o ao Cappm. Pedro da Rocha Gandavo e ao Capm. Mel. Correya Pireira

Veriadores que foram o anno proximo pasado para servirem de Almotações os dous mezes de Março e aBril deste presente anno na forma da hordenação de Sua Magde. a quem os dos. Juizes deRam o Juramt.º dos Santos Evangelhos em hum livro deles emcaRegando lhe debaicho delle o serviço de Ds. e de S. Magde. direito as partes segredo a Justiça de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escriptão da camara o escrivy.

Ventura Ferreira vivaz — Mel. Antunes de Azd.º — Mel. Gomes da Silua — Franc.º Maçiel da Costa — Dos. Franc.º de Oliur.ª — Ant.º Martins Leça — Manoel Correa Pr.ª

Termo em que se elegio Procurador p.ª hir assistir com os Procuradores das mais Camaras p.ª o horsamt.º das trinta aRobas de ouro dos Reais quintos de S. Magde. na Junta que pretende fazer o Excellenticimo Sr. Gel. D. Bras Balthazar da Silveira e se fazer o lancamt.º do que deve caber a cada comarca das minas e termo das Vas. dellas E outrosim assistir a Repartisaõ das das. comarcas e villas das minas.

Aos sinco dias do mes de Abril de mil e sete digo A nove dias do mes de abril de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.ª Rica em as cazas da camara estando Juntos os officiais della os Juizes hordinarios Ventura Fr.ª Vivas e Mel. Antunes de Azevedo e os Veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva e o Capm. Mel. CoReya Pr.ª veriador que foi o ano pasado por auzencia do Capm. Franc.º Maciel da Costa e Domingos Franc.º de oliveira e o Procurador do Comselho o Capm. Ant.º Martins' Leça Rezolveram vniformemente fazer procurador p.ª assistir á Reparticaõ das comarcas e termo das Vas. das minas prencipalmte. p.ª o horçamt.º das quantias que devem tocar a cada huma das tres comarcas das minas no ajuste das trinta aRobas de ouro dos Reais quintos de Sua Magde. na forma da obrigasaõ que as camaras das minas fizeraõ em nome dos povos dellas e fazendo ponderação para se fazer a d.ª yleicaõ em pesoa ydonia, e benemerita, e em quem concorecem

os Requeзитos nesceçarios acharam todas as das. perogativas na pessoa de Paullo Martins' da Gama a quem vniformemente. ellegeram por Procurador deste Senado para a d.^a Reparticaõ das comarcas e termo das Vas. das minas principalnte. para assistir na d.^a Junta ao lancamt.^o das trinta aRobas de ouro dos Reais qtos. nas tres comarcas destas minas na forma da d.^a obrigaçaõ: e com efeito se pasou Procuracaõ bastante ao d.^o Paullo Martins' da Gama e ao Procurador do Comcelho o Capm. Ant.^o Martins' Leça e se lhe deram as Instruncomis nesceçarias, e todos os poderes que nesceçarios focem p.^a o servico de S. Magde. e bem comum de que mandaraõ fazer este termo que todos asinaraõ E eu Bento Cíbral Deça escrevaõ da camara o escrivv.

Vivaz — Silua — Costa — Leça.

Termo de veriaçam em que Rezolveram se fizece vistoria nas cazas emsendiadas no baiRo do ouro pretto para que se aRuacem de sorte que ficace praça suficiente por ser defronte da ygreja pera ficar mais vistoza aquella Rua.

Aos sete dias do mes de Abril de mil e sete sentos e catorze nas cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.^a vivas o veriador o Cappm. Franc.^o Maciel da Costa o Cappm. Ant.^o Martins' Leca Procurador do comcelho.

Acordaram se fizece vesturia no baiRo do ouro preto nas cazas donde tinha socedido o emsendio medindo e aRuando as de sorte que a Recuacem p.^a os fundos e ficace huma praça p.^a melhor aRuamt.^o desta nova V.^a e por ficar defronte da matris daquelle baiRo a qual vesturia fes com efeito o Juis hordinario e os dos. officiais na forma Referida como consta do auto que se fes.

Acordaram despaxar piticomis e defirir as partes de que mandaram fazer este termo que asinaram E eu Bento Cíbral Deça escrevaõ da camara o escrivv.

Vivaz — Costa — Leça.

Termo de veriaçam em que se mandou Registrar o termo que se fes na junta, e Repartiram das comarcas e termo das villas e o orsamt.º das seis aRobas de ouro que coube a esta V.ª das trinta em que se seguraram por este anno os Reais qtos. de Sua Magde. que Ds. gde.

Aos honze dias do mes de Abril de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.ª Rica em as cazas da camara estando Juntos os officiais de(lla) o Juis hordinario Ventura Frr.ª Vivas os Veriadores o Cappm. Manoel Gomes da Silva o Cappm. Franc.º Maciel da Costa Domingos Franc.º de Oliveira e o procurador do comcelho o Cappm. Ant.º Martins' Leça.

Acordaram se Registarem os termos que se fizeram na junta das comarcas, e villas das minas, e das seis aRobas de ouro que pello horsamt.º coube a esta das trinta aRobas em que por este anno se seguraram os Reais qtos. de Sua Magde. que Ds. gde.

Acordaram escrever ao Senhor Gel. pidindo lhe hordens' para que os Capitamis de auxiliares e todos os mais cabos de pé e de cavallo ficarem a este Senado sobalternos asim como o sam os da hordenança para o lançamt.º dos Reais qtos. e aRecadacam delles, pondo em execuçam as hordens' que a ese fim lhes foram cometidas por este Senado.

Acordaram se escrevece a Reverendo Vigario da vara o Doutor Lucas Ribeiro da parte do Real serviso para ordenar aos Parecos desta V.ª e seu termo digo parecos das freguecias desta V.ª e todo seu termo mandarem a este Senado as listas das desobrigas para com mais clareza se poder fazer o lancamt.º dos Reais qtos.

Acordaram despaxar piticomis e defirir as partes de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escrivaõ da camara o escrivv.

Vivaz — Silua — Costa — Oliur.ª

Termo de veriacam em que se Rezolveu se fizece coReicam geral.

Aos catorze dias do mes de Abril de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.^a Rica em as cazas da camara estando Juntos os officiais della em veriaçam o Juiz hordinario Ventura Fr.^a Vivas os Veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva o Cappm. Franc.^o Maciel da Costa e o procurador do comcelho Ant.^o Martins' Leça.

Acordaram se fizece coReicam geral e se notificacem os Juizes de todos os officios que foram elleitos para tirar suas cartas de uzança e se lhe decem os Regintos. e taixas das obras.

Acordaram despaxar piticomis e defirir as partes de que mandaraõ fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escrivaõ da camara o escrivv.

Vivaz — Silua — Costa — Oliur.^a — Leça.

Termo de veriacam em que se mandaram Registrar as hordens' que o Senhor Gel. mandou a este Senaõ para todos os cabos de melli(ci)a ficarem subalternos para melhor aRecadacam dos Reais qtos. de Sua Magestade que Ds. gde.

Acordaram se mandacem Registrar as hordemis que o Sr. Gel. mandou a este Senado pera melhor aRecadacam dos Reais qtos.

Acordaram se Respondece a huma carta do Sr. Gel., e a outra dos officiais da camara de V.^a Rial.

Acordaram difirir as partes, e despaxar piticomis de que mandaram fazer este termo de veriaçam que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escrivaõ da camara o escrivv declaro que esta Veriaçam se fes aos dezoito do mes de abril de mil e sete sentos e catorze sobredito o escrivv.

Vivaz — Silua — Costa — Oliur.^a — Leça.

Termo de veriaçam em que se Rezolveu xamar a este Senado seis pesoas de cada freguizia para com ellas se poder fazer o lançamt.º dos Reais qtos.

Aos vinti e hum dias do mes de Abril de mil e sete sentos annos (sic) nas cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura fr.ª Vivas os Veriadores o Cappm. Mel Gomes da Silva o Capitam Franc.º Maciel da Costa, e o Procurador do concelho Ant.º Martins' Leça.

Acordaram se fizece yleiaçam de seis pesoas de boa e sam consciencia de cada freguezia desta V.ª e todo seu termo para com ellas se comferirem as listas das dezobrigas e se poder fazer o lançamt.º dos Reais qtos. com o aserto nescenario.

Acordaram se mandacem xamar os almotaces para lhes emcaRegar o mandarem dar comprimt.º as posturas e taixas do comcelho; principalnte. o comserto das calçadas e limpeza da Vila na forma dos yditais que por este Senado se publicaram.

Acordaram despaxar piticomis e defirir as partes de que mandaram fazer este termo de veriaçam que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escrivão da camara o escrivv.

Vivaz — Silua — Costa — Leça.

Termo de veriaçam em que se deu prencipio ao lançamento dos Reais qtos.

Aos vinte e oito dias do mes de Abril de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.ª Rica em as cazas da camara estando Juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Frr.ª Vivas os Veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva o Cappm. Franc.º Maciel da Costa Domingos Franc.º de Oliveira e o Procurador do Comcelho o Cappm. Ant.º Martins' Leça.

Acordaram vniformemte. se comfericem as listas das dezobrigas e com as pesoas que foram xamadas se verificace horsamt.º para se poder dar prencipio ao lancamt.º dos Reais qtos.

Acordaram se puzecem em a Recadação as Rendas do comcelho os quarteis vencidos e as meyas patacas do gado como pellos seus antecessores se tem estabalecido.

Acordaram difirir as partes e despaxar piticomis de que mandaram fazer este termo de veriacam que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escripta da camara o escrevy.

Vivaz — Silua — Costa — Oliur.^a — Leça.

Termo de veriacam em que se Rezolveu se escrevece ao Procurador do comcelho do anno proximo pasado pera vir tomar pose, e juramt.^o pera servir de almotace.

Aos dous dias do mes de Mayo de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.^a Rica em as cazas da camara estando Juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.^a Vivas os veriadores o cappm. Mel. Gomes da Silva o cappm. Franco Maciel da Costa e o Procurador do comcelho o Cappm. Ant.^o martins' Leça.

Acordaram vniformemente. se escrevece ao Procurador do comcelho do anno proximo pasado o sargento mor estevaõ de Almeida vicee llogo tomar pose da vara de Almotace para servir os dous mezes de Mayo e Junho na forma da hordenasaõ o que eu escripta logo fis.

Rezolveram que visto se axar abzente o veriador Franc.^o Alves CoReya se fizece elleiçaõ de pessoa ygdonia e benemerita em quem comcoRecem os Requezitos nesceçarios para servir de almotace adejunto com o d.^o Procurador os dous mezes referidos para os quais foi elleito Almotace as mais vozes o cappm. Jozeph da Costa freitas, e hordenaram a mim escripta logo lhe escrevece vicee tomar pose, e juramt.^o na forma do est.^o

Acordaram despaxar piticomis e defirir as partes de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escripta da camara o escrevy.

Vivaz — Silua — Costa — Oliur.^a — Leça.

Termo de pose e juramt.º que se deu aos Almotaces que an de servir os dous mezes de mayo e Junho.

E logo no d.º dia mes e anno estando ainda Juntos os dos. officiais da Camara apareceram os Almotaces q' foram elleitos pera servir os dous mezes de Mayo e junho o sargento mor Estevão de Almeida, e o cappm. Jozeph da Costa Freitas aos quais deram pose e o d.º Juis o juramt.º dos santos evangelhos em hum livro delles debaixo do qual lhe emcaRegou o serviço de Ds. de Sua Magestade direito as partes segredo a Justiça e os ouveram por emposados para que bem e verdadeiramente. servicem as das. ocupasomis e não faltacem as obrigacomis de seus cargos de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escrevão da camara o escrevy.

Ventura Ferreira vivaz — Mel. Gomes da Silua — Franc.º Maçiel da Costa — Dos. Franc.º de Oliur.ª — Ant.º Martins Leça — Jozeph da Costa Freitas.

Termo de veriacam em que se acordou continuar ce no lançamt.º dos Reais qtos. e do governo pollitico da Republica.

Aos Nove dias do mes de Mayo de mil e sete sentos e catorze nesta V.ª Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Ferreira Vivas os veriadores o cappm. Mel. Gomes da Silva, e o Cappm. Franc.º Maciel da Costa o procurador do comcelho o Cappm. Ant.º Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram se continuase no lançamt.º dos Reais qtos. para se poderem por em aRecadacaõ na forma da hordem do Senhor Gel.

Acordaram vniformemente. que os Almottaces tomacem conhecimt.º de huma queixa que o Rendeiro do ver fes neste Senado adejunto com o afillador de estar Domingos Fr.ª de Souza morador nesta V.ª vendendo com pezos falços, e que achando o comprehendido o sentenciacem sumariamte. comforme o Merecimt.º da culpa.

Rezolveram com a mesma vniformedade se despachace huma piticaõ de Gonsallo Roz' para fazer hum moynho que queria irigir por sima das lavras do ouro preto para fazer farinha por se contemplar desta fabrica Vtillidade ao bem comum naõ prejudicando as fabricas de minarar nem aos faiscadores de ouro aforando primeiro por ser terra da pocecam do comselho de que mandaram fazer este termo de veriacam que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escriptaõ da camara o escriptv.

Vivaz — Silua — Costa — Leça.

Termo de Veriacam em que se Rezolveu continuar no llançamt.º dos Reais qtos. despachar piticomis, e defirir as partes.

Aos vinte dias do mes de Mayo de mil sete sentos e catorze annos nesta V.ª Rica em as cazas da camara estando Juntos os officiais della em veriacam o Juis hordinario Ventura Fr.ª Vivas os veriadores, o Cappm. Mel. Gomes da Silva, o Cappm. Franc.º Maciel da Costa, Domingos Franc.º de Oliveira, e o procurador do comcelho o Cappm. Ant.º Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram se ficece o lancamt.º dos Reais qtos. com toda a brividade para se poderem Remeter á villa do Carmo na forma da carta do Sr. Gel.

Rezolveram vniformemte. se mandace Registrar a carta do Sr. Gel. em que hordena se Remetam as seis aRobas de ouro dos Reais qtos. que coube a esta V.ª the quinze do mes de Junho proximo que vem para emtrarem na maõ do tezoureiro geral que tem Ecegido.

Rezolveram com a mesma Vniformedade se despachacem piticomis e se defirice as partes de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escriptaõ da camara o escrevy.

Vivaz — Silua — Costa — Leça.

Termo de veriacam em que se Rezolven expidir hordens' para a cobrança dos Reais qtos. de Sua Magde. que Ds. gde.

Aos vinte e sete dias do mes de Mayo de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.^a Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.^a Vivas os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva o Cappm. Franc.^o Maciel da Costa, Dos. Franc.^o de Oliveira o procurador do comcelho o Cappm. Ant.^o Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram que visto estar feito o Lançamt.^o dos Reais qtos. expedicem as hordens' nesceçarias para cobrarem de cada huns' dos moradores desta V.^a e todo seu termo o que lhe foi llancado conforme seus cabedais e que as das. hordens' se paçacem para se cobrar executivamte. cometendo as aos capitamis de qualquer Regimt.^o que focem para cada hum em seu destrito cobrar em termo de oito dias a emportancia da lista que se lhe emtergar com as penas que comvinientes forem e os poderes nesceçarios, e com efeito assim se executou de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escrivão da camara o escrivv.

Vivaz — Silua — Costa — Leça.

Termo de veriacaõ em que se Rezolveu escrever aos cobradores dos Reais qtos. p.^a os trazerem com toda a segurança a este senado.

Aos seis dias do mes de Junho de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.^a Rica nas cazas da camara estando Juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.^a Vivas os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva o Cappm. Franc.^o Maciel da Costa o procurador do comcelho o Cappm. Ant.^o Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram vniformemente. se escrevece a todos os cobradores dos Reais qtos. os comduzicem a este senado com toda a segurança para com ella se poderem Remeter a Villa do Carmo p.^a emtrarem na mam do tizoureiro geral na forma da hordem do Sr. Gel.

Acordaram com a mesma Vniformidade se Registace hũa carta do Sr. Gel. e se Respondece a ella.

Rezolveram vniformemte. se despaxacem píticomis e se defericem as partes de (que) mandaram fazer este termo de veriacam em que ouveram por acabada que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escriptaõ da camara o escrivv.

Vivaz — Silua — Costa — Leça.

Termo de veriaçam em que se rezolveu expedir as hordens' nesceçarias para aRecadacaõ dos Reais qtos. despaxar pitisomis, e defirir as partes.

Aos dezaseis dias do mes de Junho de mil e sete sentos e catorze annos em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.^a Vivas o veriador o Cappm. Mel. Gomes da Silva o procurador do conselho o Cappm. Ant.^o Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram sexpedissem as hordens' nesceçarias para se por em aRecadaçam as quantias que faltavam para o ajuste da emportancia das listas que se tinha emtregue aos cobradores cometendo as aos officiais de Justiça para juntos com os dõs. cobradores darem a execuçam as que por este senado se llestinam (sic) despensado, e os que focem Remicos, e omiços os trouhecem prezos e bens' para se lhe aRematarem em praça pella emportancia do em que foram lançados e da que deixavam de cobrar por sua omisaõ.

Rezolveram vniformemte. fazer vir a este senado aos almotaces que de prezente serviam para lles emcaRegar o fazerem coReisomis nesta V.^a e em todo o seu termo; que por tendo (sic) queixas que os vendilhois do termo della principalmente. da estrada de povoado vendiam aos viandantes por medidas que naõ heram afilladas pello afillador deste Senado peizando por pezos de mayor, e por afillar sem almotacarias nem licença deste Senado sendo ponidos se evitaria o prejuizo que de semelhante deshordem se cegua ao bem comum.

Acordaram com a mesma vniformedade despaxar píticomis e defirir as partes; e nesta forma ouveram a veriacam

por acabada de que mandaram fazer este termo que todos assinaram E eu Bento Cabral Deça escripto da camara o escripto.
 Vivaz — Silua — Oliur.^a — Leça.

Termo de veriacam em que Rezolveram se pezace o ouro dos Reais qtos. que se axava em poder de Franc.^o de Almeida de Brito que se tinha nomeado para tizoureiro ou guarda d'elle emqt.^o se naõ Remetia ao Senhor Gel. pera emtrar na maõ do tizoureiro geral que tinha nomiado.

Aos vinte e tres dias do mes de Junho de mil e setesentos e catorze annos nesta V.^a Rica em as cazas da camara estando Juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura fr.^a Vivas os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva Dos. Franc.^o de olliveira, e o procurador do comcelho o Cappm. Antonio Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram as mais vozes que se fizece vir a este senado a Franc.^o de Almeida de Brito com o ouro dos Reais qtos. que se tinha cobrado, e em seu poder se achava para se pezar e Remeter a V.^a do Carmo p.^a emtrar na maõ do tizoureiro gel. Trocato Teixeira de Carvalho na forma da hordem do Excellencissimo Sr. Gel. e sendo vindo com effeito o d.^o Franc.^o de Almeida com o ouro dos Reais qtos., sendo pezado Na prezença dos dos. officiais da camara pello afilador desta V.^a Alexandre Pinto de miranda pello padram della se acharam coatro aRobas e meya de ouro; as quais perpondo o d.^o Juis hordinario Veptura Fr.^a Vivas se deviam Remeter á V.^a do Carmo para emtrar na mam do d.^o tizoureiro na forma da hordem de sua excellencia ao outro dia por ser dia de Sam Joaõ e mostrar as suas obidiencias taõ verdadeiro emprego de Remeter os qtos. del Rey noso Senhor em o dia do seu nome, e mostrar a sua prontidam na Recadaçam delles; porque suposto faltava aRoba e meya p.^a o ajuste das seis q' pelo horçamt.^o couberam a esta V.^a se poria logo em aRecadaçam para della se fazer Remeça com mayor brividade, e q' ouve tal variadade de pareceres que ficando os votos empatados os dezempatou o d.^o Juis hordinario Rezolvendo se remetecem as das. coatro aRobas e meya de ouro as quais se emboRacharam e sellaram e

apenando gente com efeito se remeteram pello Cappm. Paulo martins' da gama e pello Cappm. Franc.º da Costa de oulliveira com a guarda suficiente, de que o d.º Juis mandou fazer este termo que asinou E eu Bento Cabral Deça escripto da camara o escripto.

Vivaz — Silua — Oliur.ª — Leça.

Acordaram se fizece yleicam de Almotages para servirem os dous mezes de Julho e agosto e oniformes Rezolveram digo e com a d.ª Remeça se não ellegeram os dos. almotaces deixando a elleicam delles pera a primeira conferencia de que ouveram a veriacam por acabada e mandaram fazer este termo E eu Bento Cabral Deça escripto da camara o escripto.

Termo de veriacam em que se elegeram almotaces para servirem os mezes de Julho e agosto.

Aos sete dias do mes de Julho de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.ª Rica estando juntos os officiais della c. Juis hordinario o tenente coronel Mel. Antunes de Azevedo os Veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva o Cappm. Franc.º Maciel da Costa Dos Franc.º de oliveira e o procurador do comcelho o Cappm. Ant.º martins' Leça, Rezolveram se elegerce Almotaces para servirem os dous mezes de Julho e agosto, e as mais vozes foram elleitos almotaces para servirem os dos. dous mezes Rafael Vas da Silva tilado e Franc.º da Costa taveira que sendo xamados lhe deram pose e juramt.º na forma do estillo emcaRegando lhe debaixo delle o guardarem em tudo o serviço de Ds., e de Sua Magde., direito as partes segredo a justiça de que mandaram fazer este termo que todos asinaraõ E eu Bento Cabral Deça escripto da camara o escripto.

Mel. Antunes de Azevedo — Mel. Gomes da Silva — Franc.º Maciel da Costa — Dos. Franc.º Oliur.ª — Franc.º da Costa Tavera.

Termo de veriacam.

Aos honze dias do mes de Julho de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.^a Rica em as cazas da camara estando Juntos os officiais della o Juis hordinario tenente coronel Mel. Antunes de Azevedo os veriadores o Cappm. Franc.^o Maciel da Costa o procurador do comcelho o Cappm. Ant.^o Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram se abrice hum carta de Sua Excellencia e na primeira ocaziam se respondece a ella.

Rezolveram se escrevece aos cobradores dos Reais qtos. e troucecem o Resto do ouro que faltace pera o ajuste das listas que se lhe tinham entregues de que ouveram a veriacam por acabada de que mandaram fazer este termo q' todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escripto da camara o escripto.

Azeuedo — Silua.

Termo de veriacam em que se mandaram puBilcar yditais pera a Revista.

Aos catorze dias do mes de Julho de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.^a Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario o tenente coronel Mel. Antunes de Azevedo, os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva o procurador do comcelho digo o Cappm. Franc.^o maciel da Costa Dos. Franc.^o de oliveira o procurador do comcelho o Cappm. Ant.^o Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram Vniformemte. se publicacem yditais para a Revista de pezos e marcos, e balancas, varas, e covados, e medidas de ttodos os genoros para que em termo de hum mes os venham Rever pello afilador desta V.^a asim os moradores della como os de todo o seu termo na forma que athe o presente se pratica asim por ser estillo csevado como pellas queixas q' Repetidas vezes tinham vindo a este Senado de venderem no termo da V.^a sem licença nem afillaçam alguma com pena da postura do comcelho os que o não fizerem em termo de quinze dias a pagarem da cadêa ficando por postura do com-

celho esta Rezulção, pellas rezomis referidas e pella ter sido sempre depois da criacam deste senado como se ve do termo a fs.

Rezolveram despaxar piticomis e defirir as partes de que ouveram a veriacam por acabada de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça es-
crivaõ da camara o escrivv.

Azeuedo — Silua. -

Termo de veriaçam.

Aos vinte e oito dias do mes de Julho de mil e sete sentos e catorze annos nestta V.^a Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario o tenente coronel Mel. Antunes de azevedo os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva Domingos Franc.^o de olliveira o procurador do comcelho o Cappm. Ant.^o Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram onifformemte. se pasacem mandados e as hordens nesceçarias p.^a se cobrarem os foros do comcelho e todas as mais Rendas, meyas patacas, e quarteis vencidos.

Rezolveram com a mesma Vniformidade se pasacem hordens' para se cobrarem dos fiadores das caRegaçomis o que lhe foi lançado dos Reais qtos. de Sua Magde. que Ds. gde. de que ouveram a veriacam por acabada de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça es-
crivaõ da camara o escrivv.

Azeuedo — Silua — Oliur.^a

Termo de veriacam em que se elegeram al-
motaces para servirem os dous mezes de setembro
e outubro.

Aos tres dias do mes de Agosto de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.^a Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura fr.^a Vivas o

vereador o Cappm. Mel. Gomes da Silva Dos. Franc.º de Oliveira o procurador do comcelho o Cappm. Ant.º Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram Vniformemente. se ellegerem Almotaces pera servirem os dous mezes de setembro, e outubro para os quaes foraõ elleitos aos mais votos Franc.º da Costa Rios, Mel. Alves de Oliveira e hordenaram a mim escriptaõ lhe escrevece para se acharem neste Senado o primeiro de setembro prochi-mo que vem para se lhe dar pose e juramt.º na forma do es-tillo, que desta sorte se naõ Reteria o exercicio das suas ocu-pasomis de que mandaram fazer este termo que no fim da ve-riacam todos asinaram.

Rezolveram se expedirem as hordeys' neçesarias para executivamte. se cobrar o Resto que faltava para o ajuste da aRoba e meya que dos Reais qutos. se Restava e que para todas as partes se mandasem officiais de justiça, e com efeito assim se executou.

Rezolveram despachar piticomis, e defirir as partes de que ouveram a veriasaõ por acabada de que mandaram fazer este termo que todos asinaraõ E eu Bt.º Cabra' Deça es-crivaõ da camara o escripto.

Vivaz — Silua — Oliur.ª — Leça.

Termo de veriaçam em que se Rezolveu por a Renda Dafiriçaõ em praça e se tratou da aReca-daçaõ das Rendas do comcelho.

Aos oito dias do mes de Agosto de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.ª Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.ª Vivas os vereadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva Dos. Franc.º de Oliveira o procurador do comselho o Cappm. Ant.º Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram vniformemente. se paçacem yditais e se publicacem nesta V.ª por o porteiro do comcelho fexandoce na praça della para se aRematarem os officios dafilaçaõ a quem por elles mais der e com mais comodo afillace aos moradores a qual aRemataçam se devia fazer tendo andado na praça os dias da lley os quaes yditais com efeito se publicaram.

Rezolveram Responder a huma carta de Sua Excellencia em que ouveram a veriaçam por acabada de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escrivão da camara o escrivv.

Vivaz — Silua — Leça.

Termo de vereacam em que R(ez)olveram a melhor forma da Recadação das Rendas do comcelho.

Aos dezaseis dias do mes de Agosto de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.^a Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.^a Vivas os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva Dos. Francisco de olliveira o procurador do comcelho o Cappm. Ant.^o Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Termo de notificacam que fis ao procurador do comcelho por mandado do Juis hordinario.

Notifiquei ao procurador do comcelho o Cappm. Ant.^o Martins' Leça por mandado do d.^o Juis hordinario Ventura Fr.^a Vivas estando em veriança para que sem demora puzese em a Recadaçam todas as Rendas do comcelho, foros, quarteis vencidos, e as meyas patacas do gado que se tin(h)am cortado no descurço deste anno e se cortacem na forma que se tinha estabalecido pello termo folhas doze, treze, the catorze pellos officiais que serviraõ neste Senado o anno de mil e sete sentos e doze, observado pellos que taõ bem serviraõ o de sete sentos e treze seus antesesores asim do gado que se tivece cortado como do q' se cortage no discurço deste prezente anno nesta V.^a e em todo o seu termo a qual notificacaõ fis eu escrivão por todo o comteudo neste termo na forma que nelle se declara com cominasaõ que não o fazendo emcoRer na pena da

hordenação que sobre as Rendas do comcelho trata de que fis este termo que asinei com o d.^o Juis hordinario V.^a Rica e camara de Agosto dezaseis de mil e sete sentos e catorze annos E eu Bento Cabral Deça escriptaõ da camara o escrivi e asiney.

Vivaz — Bento Cabral Deça.

Acordaram na mesma Veriaçam a melhor forma de aRecadaçam das meyas patacas do gado e mais Rendas do comcelho e Rezolveram as mais vozes que pello que tocava a das. meyas patacas se fizecem vir parante os dos. officiais da camara a todos os cortadores de gado e negociantes delle com os livros da Rezam do gado que tivecem cortado para melhor se poder vir no conhecimto.^o do que cada hum hera devedor ao comcelho que sendo este xamamento de Repente seu digo que sendo este xamamento Repintinamte. sem elles terem noticia se cobraria de cada hum pello seu livro o que Rialmte. devecem, que desta sorte não ficaria o comcelho nas suas Rendas prejudicado, mayormte. não avendo omiçam na cobrança do ouro q' estava vencido, e do que se foce vencendo the o fim do anno, e pello que respeitava as mais Rendas se pacacem mandados pera aRecadacam dellas como era istillo e athe o presente se praticava.

Rezolveram uniformemte. se fizecem vir os cobradores dos Reais qtos. com as listas para se çaber o ouro que se Restava, e os fallidos que avia em que ouveram a vereacam por acabada de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escriptaõ da camara o escrivy.

Vivaz — Silua — Oliur.^a — Leça.

Termo de veriaçam em que Rezolveram responder a huma carta de Sua Excellencia e defirir as partes.

Aos vinte e cinco dias do mes de Agosto de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.^a Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura fr.^a Vivas o veriador o Cappm. Mel. Gomes da Silva o procurador do conselho o Cappm. Ant.^b Martins' Leça, Rezolveram o seguinte.

Acordaram Responder a huma carta do Governador, e Cappm. Gel. destas minas sobre os Reais qtos. de Sua Magde. que Ds. gde.

Rezolveram despachar piticomis, e defirir as partes em que ouveram a veriacam por acabada de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escripto da camara o escripto.

Vivaz — Silua — Leça.

Termo em que se Rezolveu em veriação se Registace o Recibo do tizoureiro gel. o Cappm. trocato teixeira de carvalho de aver Recebido as coatro aRobas e meya de ouro dos Reais qtos. de S. Magde. q' Ds. gde.

Aos vinte e nove dias do mes de Agosto de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.^a Rica em as cazas da camara estando juntos os officiaes della em veriacam o Juis hordinario Ventura Fr.^a Vivas o veriador o Cappm. Mel. Gomes da Silva o procurador do comcelho o Cappm. Ant.^o Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram vniformemte. se Registace no 1.^o do Registo deste senado o Recibo do tizoureiro gel. dos Reais qtos. de Sua Magde. o Cappm. Trocato Teixeira de Carvalho em que consta aver Recebido as coatro aRobas e meya de ouro que dos Reais qtos. por este senado se Remeteram a Villa de Nossa Sr.^a do Carmo na forma da hordem do Governador e Cappm. Gel. destas minas a qual hordem Rezolveram tambem no mesmo 1.^o se Registace.

Rezolveram vniformemte. se defirice a humas apellaçomis que dos almotaces se tinha anteposto para este senado em que ouveram a veriacam por acabada com o despacho de algumas piticomis de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escripto da camara o escripto.

Vivaz — Silua.

Termo de veriaçam em que se rezolveu dar pose aos Almotaces q' estavam elleitos pello termo f. 110 vs.º para servirem os mezes de setembro e outubro.

Ao primeiro dia do mes de setembro de mil e setesentos e catorze nesta V.ª Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.ª Vivas o veriador o Cappm. Mel. Gomes da Silva o procurador do comcelho o Cappm. Ant.º Martins' Leça Rezolveram dar pose e Juramt.º aos almotaces que estavam elleitos para servirem o corrente mes de 7br.º e outubro, e estando presentes Francisco da Costa Rios, e Mel. Alves de oliveira elleitos Ja Almotaces pello termo f. 110 vs.º lhe deram os ditos officiais da camara pose, deferindo lhe o d.º Juis hordinario o Juramt.º dos santos avangelhos em hum livro delles emcaRegando lhe debacho delle o guardarem em tudo o serviço de Ds. e de Sua Magde., direito as partes, e segredo a Justiça em que os ouveram por emposados lhe entregaram as varas emcaRegando lhe o fazer emteirante. comprir, e guardar as taixas e posturas do comcelho na forma que heram obrigados de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escrivão da camara o escrivy.

Ventura Ferreira vivaz — Mel. Gomes da Silua — Dos. Franc.º de Oliur.ª — Ant.º Martins Leça — Mel. Aluares de Oliur.ª — Franc.º da Costa Rios.

Termo de veriaçam em que se Rezolveu escrever a camara da V.ª de N. Sra. do Carmo, e a de V.ª Rial do Sabara.

Aos sette dias do mes de Setembro de mil e setesentos e catorze annos nesta V.ª Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.ª Vivas o Veriador o Cappm. Mel. Gomes da Silva o procurador do comcelho o Cappm. Ant.º Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram se Respondece as cartas do Senado da Camara de N. Sr.^a do Carmo e aos officiaes do Senado de V.^a Rial do Sabara em que lhe declarace se acharia pronta no lugar comcinado pesoa com poderes necesarios pera a concluzam do que se tinha tratado por ser particollar que embolvia em ci a fillicidade publica e o verdadeiro aumt.^o deste novo imperio.

Rezolveram Vniformemte. despachar pitisomis, e definir as partes em que ouveram a veriacam por acabada de que mandaram fazer este termo que asinaram E eu Bento Cabral Deça escripto da Camara o escripto.

Vivaz — Silua — Leça.

Termo de veriaçam em que Rezolveram se tomace contas ao escripto dalmotaçaria pello livro das comdenacomis dos Almotacés para se vir no conhecimt.^o do que tinham Rendido, e o que tocava ao comselho E despachar huma piticaõ q' os mineiros fizeraõ a este senado.

Aos catorze dias do mes de Setembro de mil e sette sentos e catorze annos nesta V.^a Rica em as cazas da camara estando juntos os officiaes della o Juis hordinario Ventura Fr.^a Vivas o Veriador o Cappm. Mel. Gomes da Silva o procurador do comcelho o Cappm. Ant.^o Martins Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram despachar huma peticaõ que os mineiros desta V.^a e seu termo fizeram a este Senado.

Acordaram vniformemte. se fizece vir a este Senado o escripto dalmotaçaria com o livro das comdenaçomis dos Almotaces p.^a por elle se vir em o conhecimt.^o do que tinhaõ Rendido ao comcelho para se mandar caRegar em Receita ao tizoureiro das Rendas delle, e as comdenasomis que o Rendeiro não tivece cobrado no termo que hera pella lei permitido se puzecem por este Senado em aRecadaçam na forma do Regimento dos Veriadores.

Rezolveram com a mesma oniformidade se hordena-ce aos almotaces que de prezente serviam fizecem coReicomis nesta V.^a e seu termo como heram obrigados e se comcinace

dia para assistirem a correição geral que por este senado se pertende fazer em que ouveram a veriação por acabada de que mandaram fazer este termo que asinaraõ E eu Bento Cabral Deça escrivaõ da camara o escrivv.

Vivaz — Silua — Leça.

* Termo de veriação em que Rezolveram se Revicem as listas do lançamt.º dos Reais qtos. de Sua Magde. q' Ds. gde., e se fizece a conta do que faltava pera o ajuste daRoba e meya de ouro que ahinda se Restava e se cobrace executivamte. o que faltace das caRegacomis de que avia fianças.

Aos dezanove dias do mes de Setembro de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.ª Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.ª Vivas o veriador o Cappm. Mel. Gomes da Silva o procurador do comcelho o Cappm. Ant.º martins' Leça rezolveram o seguinte.

Acordaram oniformente. se Revicem as listas do llancamt.º dos Reais qtos. de Sua Magde. que Ds. gde. para melhor se poder vir no conhecimt.º do que faltava para ajuste daRoba e meya, que ahinda se Restava, e que para o ajuste della se cobrace executivamte. o ouro das caRegacomis de que avia fianças.

Rezolveram com a mesma vniformidade se fizece a conta dos gastos que se aviam feito das seis Borraxas que se aviam comprado em que tinham hido as quatro aRobas e meya de ouro e as em que avia de hir aRoba e meya que ahinda se Restava p.ª o ajuste das seis que pello orsamnt.º coube a esta V.ª sera lacere papel, e Baeta em que ouveram a veriação por acabada de que mandaram fazer este termo que asinaraõ E eu Bento Cabral Deça escrivaõ da camara o escrivv.

Vivaz — Silua — Leça.

Termo de veriacam em que se Rezolveu se aRematacem os officios da fillação visto terem andado na praca os dias da llei.

Aos vinte, e dois dias do mes de Setembro de mil e sete sentos e catorze nesta V.^a Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.^a Vivas os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva o Cappm. Franc.^o Maciel da Costa Dos. Franc.^o de Oliveira o procurador do comcelho o Cappm. Ant.^o Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram vniformemte. se aRematacem os officios da Afillacam desta V.^a a quem por elles mais dece para as Rendas do comcelho e com mais comodo o fizece aos moradores desta V.^a e seu termo examinando ce as comdicomis com que nelles se lançava, e que as uteis se aseitacem Repudiando as que podiam servir de prejuizo aos povos, visto ter andado em praca os dias da lley.

Rezolveram com a mesma vniformidade despachar pitiçomis, e defirir as partes em que ouveram a veriaçam por acabada de que mandaraõ fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escriptaõ da camara o escriptv.

Vivaz — Silua — Costa — Leça.

Termo de veriaçam em que se Rezolveu se pozem por posturas o despacho de huma piticaõ dos mineiros desta Villa, e todo o seu termo, e dos iditais que a eçe fim se publicaram.

Aos vinte e seis dias do mes de Setembro de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.^a Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.^a Vivas os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva o Cappm. Franc.^o maciel da Costa Domingos Franco de oliveira e o procurador do comcelho o Cappm. Ant.^o Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram vniformemte. se pacace idital por este Senado em virtude do despacho que se tinha proferido em huma dos mineiros desta V.^a e de todo o seu termo em catorze do

corrente mes de setembro em que se acordou Digo em virtude do despacho que se proferio em huma petição que os mineiros fizeram a este senado em catorze do corrente mes de setembro como se ve do termo fs. em que se prohibio o vender ce agoa Ardente, e os mais genoros comestiveis nos Domingos, e dias friados em honra de Ds. visto o que allegavam os dos. mineiros nella asinados e se acharem as suas firmas Reconhecidas pello tabaliaõ Franc.º da Silva neto, e pender deles por mineiros a total comservação destas minas, o verdadeiro aumt.º dellas, fillicidade publica, e as utilidades dos Reais qtos. de Sua Mage. q' Ds. gde. que se mandara pregoar pel'o porteiro do comcelho e fechar no pillourinho da praça desta V.ª com pena de trinta dias de cadeia, e pagarem della os que nelle emcoRerem a postura do cenado da camara applicando ce para as obras da nova cadeia que handa em praça pella primeira ves; ficando a noso arbitrio o castigo das suas comtumazias quando mais vezes malliciozante. nelle comcorram atendendo as suas utilidades e não ao çocego comum dos povos, e emquanto ao mais que ja requereram se dece a providencia nesceçaria pellas obrigacomis de seus cargos de que mandaram fazer este termo ficando por postura do comcelho esta Rezulção E eu Bt.º Cabral Deça escriptaõ da camara o escripto que todos no fim da veriacam asinaram.

Rezolveram com a mesma vniformidade se Respondece a huma carta do governador o Cappm. gel. destas minas em que pede informaçam do motivo que este senado teve para prohibir o vender ce agoas ardentes e genoros comestiveis nos domingos, e dias friados e se lhe Remetece o treslado em publica forma da pitiçam dos mineiros e despachos deste senado, e ouveram a veriacam por acabada de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bt.º Cabral Deça escriptaõ da camara o escripto.

Vivaz — Silua — Costa — Leça.

Termo de veriaçam em que se Rezolveu mandar fazer termo de se terem aRematado os officios da afillaçã des(ta) V.^a por coatrosetas e setenta oitavas de ouro.

460/8vas.

115

575

Aos tres dias do mes de oitubro de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.^a Rica nas cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.^a Vivas os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva Dos. Franc.^o de oliveira, e o Procurador do comcelho o Cappm. Ant.^o Martins' Leça, Rezolveram o seguintte.

Acordaram que visto se ter aRematado os officios da afillaçã desta V.^a por quinhentas e setenta e sinco oitavas de ouro, pera as Rendas do comcelho se fizece termo de aRematação no L.^o dellas em que asinace o aRematador e os fiadores que tinha oferecido com elles officiais da camara na forma do est.^o, e que visto os dos. officios se aRematarem por tempo de quinze mezes por preço de quinhentas, e setenta, e sinco oitavas de ouro se declarece no termo de aRematação a rezam q' p.^a hico ouve.

Rezolveram oniformente. se pacacem ordens' para serem notificadas as pescas que hinda faltavam com o ouro dos Reais qtos. que lhe foram lançados com pena de serem prezos não pagando logo emcontinente para se poder pezar, e Remeter a V.^a de nosa Senhora do Carmo para emtrar na mão do Tizoureiro Gel. na forma da hordem de sua excellencia em que ouveram a veriacam por acabada de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça es-cirvaõ da camara o escrivy.

Vivaz — Silua — Oliur.^a — Leça.

Termo de veriacam em que Rezolveram pezar ce o ouro dos Reais qtos. para se Remeter e com elle ajustar as seis aRobas que por o orsamt.^o couberam a esta V.^a

Aos seis dias do mes de outubro de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.^a Rica nas cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.^a Vivas

os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva Dos. Franc.º de Oliveira e o Procurador do comcelho o Cappm. Ant.º Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram vniformemte. se fizece vir a este senado a Franc.º de Almeida de Brito com o ouro dos Reais qtos. que como Tizoureiro delles tinha em seu poder para se pezar, em-trouzar, lacarar, e sellar, e com a seguranca nescecaria Reme-ter a V.ª de N. S.ª do Carmo para emtrar na mão do tizoureiro gel. com efeito se pezou a aRoba e meya de ouro que se Res-tava, e offerecendo ce duvida a quem se avia de entregar Re-zolveo o d.º Juis hordinario ser della o condutor e llevalla pe-soalmte. a d.ª V.ª de N. S. do Carmo a entregalla ao tizoureiro gel. o Cappm. Trocato Teixeira de Carvalho com a dita Re-meça ficavam ajustadas as seis aRobas que pello horsamt.º couberam a esta V.ª

Rezolveram com a mesma oniformidade despachar piticomis defirir as partes, em que ouveram a veriacam por acabada de que mandaram fazer este termo que todos asina-ram E eu Bento Cabral Deça escrivão da camara o escrivu.

Vivaz — Silua — Oliur.ª — Leça.

Termo de veriacam em que Rezolveram mandar Registrar o Recibo do tizoureiro gel. de aver Recebido a aRoba e meya de ouro que ahinda dos Reais qtos. se Restava, E escrever a Sua Magde. que Ds. gde.

Aos treze dias do mes de outubro de mil e sete sen-tos e catorze nesta V.ª Rica em as cazas da camara estando Juntos os officiais della o Juis hordinario o Cappm. Ventura Fr.ª Vivas o veriador o Cappm. Mel. Gomes da Silva e o Pro-curador do comcelho o Cappm. Ant.º Martins' Leça, Rezolve-ram o seguinte.

Acordaram oniformemte. se Registacem no L.º do Registo o Recibo que o d.º Juis hordinario apresentou em ve-riacam em que constava ter Recebido o Tizoureiro Gel. o Cap-pm. Trocato teixeira de Carvalho a aRoba e meya de ouro que o d.º Juis hordinario levava a V.ª de N. S. do Carmo E estar na Receita do d.º Tizoureiro as seis aRobas de ouro que pello hor-

samt.º couberam a esta V.ª como constava do d.º Recibo que mandaram Registrar e comsertar pello dous tabaliomis desta V.ª, do outro Recibo que se acha Registado no d.º L.º a fs. da Remeca das primeiras coatro aRobas e meya que em vinte e coatro de Junho pello Cappm. Paullo Martins' da Gama se tinham Remetido, e com efeito na mam do d.º Tizoureiro Gel. tinham emtrado.

Rezolveram vniformemente. se escrevece a Sua Magde. que Ds. gde. em que se lhe participe a obidiencia, e prontidam dos Vasallos que tinha nesta V.ª e do zello com que todos tinham comcoRido para a satisfasaõ dos seus Reais qtos. segurando lhe terem emtrado na maõ do tizoureiro gel. delles as seis aRobas de ouro que pello horsamt.º couberam a esta Villa que prencipiando ce nella o lancamto.º em os ultimos de Abril se acharam cobrados e na maõ do d.º Tizoureiro no fim de setembro proximo pasado, utillizando com tal empenho a sua Real fazenda, que bem mostravaõ naõ desmerecerem as honras que a Sua Magde. tinham já suplicado pedindo lhas novamente., e a perogativa dos imfençomis dos sidadomis da cidade do Porto, e o mais que se lhe emsinoace pera o verdadeiro aumt.º destas minas sucego, e comviniencias dos povos dellas principalmt. dos mineiros pois destes pendia a sua total comservaçaõ, e extabalacimt.º dos seus Reais qtos. em que ouveram a veriaçaõ por acabada de que mandaram fazer este termo que todos asinaraõ por chegarem os mais que faltavaõ de que mandaram fazer este termo E eu Bento Cabral Deça escrivaõ da camara o escrivv.

Vivaz — Silua — Leça.

Termo de veriacam em que se Rezolveu diffir a humas apellasomis que se amtepuzeram dos almotaces p.ª este Senado.

Aos vinte dias do mes de outubro de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.ª Rica em as cazas da camara estando Juntos os officiais della o Juis hordinario Ventura Fr.ª vivas e o veriador o Cappm. Mel. da Silva e o procuraror do conselho o Cappm. Ant.º Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram Vniformemte. defirir a humas apellasmis que do Juizo dos almotaces se amtrepuzeram para este Senado.

E Resolveram com a mesma vniformidade despachar piticomis e defirir as partes em que ouveram a veriacam por acabada de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escriptaõ da camara o escripto.

Vivaz — Silua — Leça.

Termo de veriacam em que se Rezolveu se puzece em praça a nova cadea e outro lanço da caza da camara e se escrevece a P. F. Franc.º de Menezes como Procurador deste Senado.

Acordaram vniformemte. Digo aos vinte e sete dias do mes de outubro de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.ª Rica em as cazas da camara estando juntos os officiaes della o Juis hordinario Ventura Fr.ª Vivas os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva e o procurador do comselho o Cappm. Ant.º martins' Leça Resolveram o seguinte.

Acordaram Vniformemte. se puzece em praça a nova cadea e outro lanço ygual ao da caza da camara para nelle se fazerem as audiencias e neste q' de presente serve de senado hum tribunal com a desencia que nas mais partes se praticava e que a d.ª cadea fose por baicho de hum e outro lanço e que pera mais segurança fose de vigarias asoalhada foRada por sima e de pau a pique junto com as mesmas vigarias das paredes de tal sorte que se fize (sic) com a segurança e commodos nessecarios caza de casereiro emchovia pera os homens' e molheres, e hum caza que service de salla livre para os prezos q' tivecem omenage na forma digo, e pera que chegace a noticia dos officiaes de carpinteiro se publicacem iditais para se aRematar a quem por menos a fizece e milhor a segurace na forma da planta que se lhe avia de dar.

Resolveram com a mesma vniformidade se escrevece ao procurador destê senado o P. F. Franc.º de Menezes Remetendo lhe as cartas de S. Magde. e Recomendando lhe o dilligenciar as graças que se lhe tem suplicado e as que lhe suplicaram os nosos amtesesores na comcideracam de serem to-

das muy precisas e nesceçarias em que ouveram a veriacam por acabada de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escriptaõ da camara o escriptv.
Vivaz — Silua — Leça.

Termo de veriacam em que se Rezolveu fazer ce Almotases para servirem os mezes de novembro e dezembro.

Aos quatro dias do mes de Novembro de mil e sete sentos e catorze nesta V.^a Rica em as cazas de camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario o tenente coronel Mel. Antunes de azevedo os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva o Cappm. Franc.^o Maciel da Costa Dos. Franc.^o de oliveira e o procurador do comcelho o Capitaõ Ant.^o Martins' Leça Rezolveram elleger Almotaces para servirem os dous mezes de Novembro e dezembro sendo elleitos o Cappm. Franc.^o da Silva neto e Mel. de Saa Cazado q' sendo presentes lhe deram pose e Juramt.^o o qual logo lho deu o d.^o Juis hordinario emcaRegando lhe debaicho delle o servico de Ds. de Sua Magde. direito as partes segredo a justiça em que ouveraõ a veriacaõ por acabada de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escriptaõ da camara o escriptv.

Mel. Antunes de Azd.^o — Mel. Gomes da Silua — Franc.^o Maciel da Costa — Dos. Franc.^o de Oliur.^a — Ant.^o Martins Leça — Manoel de Saá Cazado — Franc.^o da Silua Netto.

Termo de veriacam em que se Rezolveu por limenarias pello nascimt.^o do senhor emfante.

Aos dezasete dias do mes de Novembro de Mil e sete sentos e catorze annos nesta V.^a Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario o tenente

coronel Mel. Antunes de Azevedo os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva Dos. Franc.º de Oliveira e o procurador do comcelho o Cappm. Ant.º Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram oniformente. andace em praca a nova cadea e outro lanço da caza da camara para se Rematar a quem por menos a fizece em que ouveram a veriacam por acabada de que mandaram fazer este termo que todos asinaraõ E eu Bento Cabral Deça escrivaõ da camara o escriv. Rezolveram se puzecem yditais para luminarias de tres dias pello nasimt.º do Senhor emfante na forma da hordem de sua excellencia sobredito o escriv.

Azeuedo — Silua.

Termo de veriacam em que Rezolveram o seguinte.

Aos vinte e dois dias do mes de Novembro de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.ª Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario o tenente coronel Mel. Antunes de Azevedo os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva Dos. Franc.º de Oliveira e o procurador do comcelho o Cappm. Ant.º Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram vniformente. se fizece andar na praça a nova cadeya e o lanço da caza da camara para se aRematar, e avendo varios lancos hera o ultimo de tres mil e trezentas Rezolveram se aRemataria na primeira conferencia.

Rezolveram com a mesma vniformidade comceder Lc.ª a Andre Ramalho para continoar as cazas por detras das em q' morava sitas defronte da ygreja de nosa Sra. do pillar do ouro preto sem embargo do embargo que se lhe tinha feito des do prencipio do anno por hordem do Juis hordinario o mestre de campo Ventura Fr.ª Vivas em confirmacam do empidi-mt.º que a d.ª obra teve pelles officiais da camara do anno proximo pasado pella desformidade que cauzava ao aRuamt.º desta nova V.ª e a d.ª licença se lhe comcedeu sem a pencaõ de foro com fundamt.º de serem chamados que o d.º Andre Ramalho avia comprado em que ouveram a veriacam por acabada de que

mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escriptaõ da camara o escripto.

Azevedo — Silua — Oliur.^a

Termo de veriacam em que se Rezolveu fazer andar na praça a nova cadea.

Aos vinte e oito dias do mes de novembro de mil e sete sentos e catorze nesta V.^a Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario o tenente coronel Mel. Antunes de Azevedo os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva o Cappm. Franc.^o Maciel da Costa Dos. Franc.^o de oliveira, e o procurador do comcelho o Cappm. Ant.^o Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram Vniformemte. se fizece handar em praça a nova cadea, e o segundo lanço da caza da camara para se aRematar como ja se tinha Rezolvido fazendo vir o Porteiro do comcelho acharaõ ser o ultimo lanço o de duas mil oito sentas e vinte oitavas de ouro hordenando ao d.^o Porteiro afrontace os Lançadores para se aRematar a quem a quem (sic) por menos a fizece.

Rezolveram vniformemente. se pacace as hordens nesceçarias para fazer vir a este Senado todos os cortadores de gado vacum desta V.^a e seu termo com os Los. da Rezam do pr.^o de Janer.^o deste prezente anno para se vir em melhor conhecimt.^o do que cada hum dever das meyas patacas de cada cabeça de gado como Ja se tinha Rezolvido pello termo fs. e acordam delle. e com efeito se pasaram mandados para a cobrança do referido, e nesta forma ouveram a veriacam por acabada de que mandaraõ fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escriptaõ da camara o escripto declaro q' na mesma veriacaõ se tirou a conta do L.^o de Rezam de Algûs dos cortadores sobredito o escripto.

Azevedo — Silua — Oliur.^a — Leça.

Termo de veriacam em que se Rezolveu fazer exame nos Los. dos carniceiros para delles se tirar a conta do que estavaõ a dever das meas patacas pretencentes as Rendas do comcelho, e aRematar as novas obras da cadea, e segundo Lanço da caza da camara.

Ao primeiro dia do mes de Dezembro de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.^a Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario o tenente coronel Mel. Antunes de azevedo e os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva o Cappm. Franc.^o Maciel da Costa, e o procurador do comcelho o Cappm. Ant.^o Martins' Leça, Rezolveram o seguinte.

Acordaram vniformemte. se aRematace a nova cadea que á tanto tempo andava em praça, e tam Re(pe)tidas vezes vieram a esta diligencia e se carecer da obra por ser tão vtil, e comviniente asim para a segurança dos prezos como tão bem para a caza em que se devia fazer audiencia como ja se tinha Rezolvido.

Rezolveram com a mesma vniformidade achando ce tão bem na mesma veriação o Juis hordinario o Mestre de Campo Ventura Fr.^a Vivas çe fizecem vir os lançadores a este serado para asinarem os seus Lanços e nomiarem fiadores chamos, e abonados e sendo com efeito vindos Mel. Gonsalves Beça, e Ant.^o teixeira se lhe tomou o lanço por termo de Duas mil oito sentas, e vinte oitavas de ouro, e como os mais Lançadores se não acharam na praça para serem afrontados como em semelhantes aRematacomis se praticava mandaram se notificacem para na praça se achasem presentes quarta feira que se aviaõ de comtar sinco do coRente dia em que se aviaõ de aRematar as das. cbras, e serem todos afrontados como era est.^o em que ouveram a veriacam por acabada de q' mandaraõ fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escrivão da camara o escrivv.

Vivaz — Silua.

Termo de veriacam em que se rezolveu aRematarem ce as obras da camara que andavam em praça a quem por menos as fizece e melhor as segurace.

Aos sinco dias do mes de dezembro de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.^a Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario o Mestre de Campo Ventura Fr.^a Vivas os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva e o procurador do comcelho o Cappm. Ant.^o Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram vniformemte. se fizece andar em praça a nova cadeya, e segundo lanço da caza da camara para se aRematar a quem mais barato a fizece e milhor a segurace e fazendo exame nos termos dos lançadores se achou o lanço de Dos. de Abreu era de duas mil e seis sentas oitavas de ouro que o porteiro apregooou em praça por grande espacio de tempo, e sendo afrontados os mais Lancadores que presentes se achavam, principalnte. Mel Gonsalves Beça, e não avendo quem mais barato aRematace as das. obras; Rezolveram não aRema(ta)llas ao d.^o Dos. de Abreu no d.^o Lanco de duas mil e seis sentas oitavas por estar ahinda mt.^o cara, e não ser Rezaõ se lhe aRematace por mais do seu justo preço, e que quando se não aRematace neste prezente anno por estarem no fim delle se aRemataria para o anno proximo que vem se aos officiais seus suceçores lhes parecece e com esta Rezolçaõ ouviram a veriacão por acabada ordenando a mim escriptaõ guardace em cartorio os termos em que os lançadores se tinham asinado de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escriptaõ da camara o escripto declaro que a planta das Referidas obras fica em poder de mim escriptaõ por hordem dos dōs. officiais da camara sobredito o escripto.

Vivaz — Silua.

Termo de veriacam em que Rezolveram mandar pagar o pano do bofete em que se fazem as veriacomis, as varas novas que se fizeram e pintaraõ, e douraram, pagar ce o que se Restava da caza (sic) da camara, e huma cancella que se fes na ponte de Ant.º dias; e o mais que se devece.

Aos doze dias do mes de Dezembro de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.ª Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Mestre de Campo Ventura Fr.ª Vivas e os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva o Cappm. Franc.º Maciel da Costa Dos. Franc.º de Oliveira e o Procurador do Comcelho o Cappm. Ant.º Martins' Leça, Rezolveram o seguinte.

Acordaram vniformemte. se pasacem mandados para se pagar o pano do bofete que se mandou fazer, as varas que se fizeram, e douraram, e se pasace mandado para o Tizoureiro deste Senado pagar o que ahinda se Restava a Mel. Gonçsalves Beça da caza da camara, Bufete, Bancos, cabide, e tamburetes, e a cancella que se fes na ponte de Ant.º Dias a pedro Vas oiteiro.

Rezolveram com a mesma vniformidade se mandace pasar mandado para o tizoureiro pagar ao Cappm. Paullo Martins' da Gama o que se lhe Restace a dever das contas do anno proximo pasado.

Acordaram se paçace mandado para o tizoureiro deste senado pagar ao Cappm. Luis de Almdeida sincoenta oitavas de ouro que se lhe prometeram por fazer o caminho da lage do padre faria. Visto ter feito o caminho como tinha ajustado com os dos. officiais da camara.

Rezolveram Vniformemte. se pagacem todas as despesas que se tinham feito com o lançamt.º dos Reais qtos. e se comprace hum L.º para nelle se fazer o lancamt.º Roblicado por hum dos Juizes hordinarios para a qual satisfacam se cobracem os Restos que se deviam asim para a satisfacam das das. despesas como p.ª o ouro que se pedio emprestado em que ouveram a veriaçaõ por acabada que todos asinaram com o Juis o tenente coronel Mel. Antunes de Azevedo que presente se achava de que mandaraõ fazer este termo E eu Bento Cabral Deça escrivaõ da camara o escrivv.

Vivaz — Silua — Oliur.ª

Termo de Abrimt.º de pellouro dos officiaes
que ham de servir no anno de 1715.

Aos vinte e oito dias do mes de dezembro de mil e sete sentos e catorze annos nesta V.^a Rica em as cazas da camara estando juntos os officiaes della em veriacaõ os Juizes hordinarios o Mestre de Campo Ventura Fr.^a Vivas e o tenente Manoel Antunes de azevedo, e os veriadores o Cappm. Franc.º Maciel da Costa Domingos Franc.º de Oliveira e o Procurador do comcelho o Cappm. Ant.º Martins' Leça e logo sendo todos Juntos com hum minino de hidade menor de sete annos foi aberto o cofre da eleicaõ dos officiaes da camara, e pello d.º Minino metendo a maõ no saco que dentro nelle estava e por elle foi tirado hum pillouro o qual sendo aberto em prezença delles ditos officiaes da camara acharam nelle sahir por Juizes os Cappm. Paulo Martins' da Gama e Pedro da Roxa Gandabo e por veriadores o Cappm. Franc.º Viegas Barboza e o Sargento mayor Mel. Dias de menezes o Cappm. Franc.º da Costa de oLiveira e pera Procurador o Cappm. Mel. Martins' Lopes e pera Tizoureiro Franc.º de Almeida de Brito todos pera servirem o anno de mil e sete sentos e quinze aos quais se escreveo para virem tomar pose o pr.º dia de Janeiro de que fis este termo que todos asinaraõ E eu Bento Cabral Deça escrivaõ da camara o escrivy.

Azeuedo — Vivaz — Costa — Silua — Oliur.^a —
Leça.

Termo de vereacam em que Rezolveraõ por
em praça as Rendas do comcelho para se aRematarem pellos officiaes da camara do anno proximo que vem de mil e sete sentos e quinze.

Aos vinte e nove dias do mes de Dezembro de mil e sete sentos e catorze nesta V.^a Rica em as cazas da camara estando juntos os officiaes della o Juis hordinario o Mestre de Campo Ventura Fr.^a Vivas e os veriadores o Cappm. Mel. Gomes da Silva o Cappm. Franc.º Maciel da Costa Dos. Franc.º de oliveira e o Procurador do comcelho o Cappm. Ant.º Martins' Leça Rezolveram o seguinte.

Acordaram oniformente. se pozecẽ em praça a Renda do ver, carcerage, e as meyas patacas do gado para se aRematarem em Janeiro do anno proximo que vem de sete sentos e quinze pellos officiais que neste senado ham de servir o d.º anno seus suceçores pasados os dias da lley a quem por ellas mais der a qual rezulcaõ tomaram com observancia do capitollo que o Dezembargador Ouvidor gel. desta comarca o Doutor Mel. da Costa de Amorim deixou em coReiçaõ, e nas contas que tomou aos officiais que serviram neste senado o anno proximo pasado, e pella mesma Rezam aRemataram os officios dafillaçã por tempo de quinze mezes para que coRecem direitos os quartéis, e tivecem seu vencimt.º de tres em tres mezes, o primeiro em dia de Sam Silvestre ultimo dia deste presente anno, e o ultimo em outro tal dia do anno proximo que vem de mil e sete sentos e quinze como mais largamte. se axa exprecado no termo da aRemataçaõ no 1.º dellas a fs. 26, e 29, cuja aRemataçaõ foi feita por acordam de todos vniformente., e por este o ham por comfirmado, e o d.º termo de aRematacam com a vallidade nesçeçaria que de outra sorte se contemplou grande prejuizo ao comcelho nas suas Rendas por não aver quem quizece aRematar os dos. officios não se aRematando como se aRemataram, em que as Rendas tiveram crescidos aumentos seguindo se lhe a utilidade de serem aRematados por preço e quantia de quin(he)ntas setenta e sinco oitavas de ouro, a saber sento e quinze pellos tres mezes deste anno presente, e as coatrosentas e secenta por todo o anno de sete sentos e quinze, como, e com as comdicoimis que no termo melhor se declaram. 575/8as.

Rezolveram com a mesma vniformidade aRematar hum Rancho de João da Silva sito em o aRayal do ourc Boino pellas meyas patacas de que heia devedor o d.º João da Silva as Rendas do comcelho do gado que cortou naquelle lugar pello discurço deste presente anno por Rezam de se ter aumentado e não ficar o comcelho naquella quantia nas suas Rendas prejudicado; e com efeito se deu billete ao porteiro para trazer em praça as Rendas sobreditas, e se aRematou o Ranxo Referido.

Acordaram sem variedade nas vozes se cobracem todas as Rendas do comcelho, e se fizecem dar a execuçaõ as hordens' que se tinham pasado para á cobrança dos quartéis vencidos, para se poderem dar as contas como he estillo aos seus suceçores; e outrosim se pacacem mandados para se pagarem as despezas que se fizeram com as obras publicas das

estradas, e todos os mais aseçorios sellarios do dezembragador Ouvidor gel. desta comarca o doutor Mel. da Costa de amorim, e pera tudo o mais que das Rendas licitante. se deve pagar na forma do seu Regimt.º emcorporado na ordenação do Reyno, e de como asim o Rezolveram ouveram esta por ultima veriacaõ por acabada de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escripto da camara o escripto.

Vivaz — Silua — Costa — Oliur.ª — Leça.

Vt.º em Corram. Vª Rica 30
de Dezbrº de 714. Amorim.

ANNO DE 1715

Juizes: — Paulo Martins da Gama, Pedro da Rocha Gandavo.

Vereadores: — Francisco Viegas Barbosa, Manuel Dias de Menezes, Francisco da Costa de Oliveira.

Procurador do Concelho: — Manuel Martins Lopes.

Escrivães: — Bento Cabral Deça, Miguel de Andrade Ferreira.

Thesoureiro: — Francisco de Almeida Brito.

Almotaceis: — Ventura Ferreira Vivaz, Manuel Antunes de Azevedo, Manuel Gomes da Silva, Francisco Maciel da Costa, João Domingues de Carvalho, Bento Felix da Cunha, Manuel Vicente Neves, Manuel de Souza Cerqueira, Manuel dos Santos Braga, Antonio Gomes da Silva.

Alcaides: — Caetano de Castro Guimarães, José Rodrigues Leal.

Avaliador: — Sebastião Mosqueira.

Thesoureiro dos quintos reaes: — João Velloso de Carvalho.

Anno de 1715

Termo de pose e juramt.º que se deu aos novos officiaes da camara que sayram elleitos para servirem este presente anno de 1715.

Aos quatro dias do mes de Janeiro de mil e sete sentos e quinze annos nesta V.ª Rica nas cazas da camara della estando Juntos os officiaes que serviram o anno pasado e os que de presente sayraõ no pellouro este anno os Juizes hordinarios o Mestre de Campo Ventura Fr.ª Vivas, e o Tenente Coronel Mel. Antunes de Azevedo o veriador Dos. Franc.º de Oliveira e o procurador do Comcelho o Cappm. Ant.º Martins Leça, e ahi por elles dos. Juizes foi dada a pose e Juramt.º dos santos evangelhos em hu livro delles aos Juizes, e mais officiaes da camara que aviaõ saido no pellouro que se abrio para servirem este presente anno de mil e sete sentos e quinze; o Cappm. Paullo Martins' da Gama o Cappm. Pedro da Roxa Gandabo os veriadores o Cappm. Franc.º Viegas Barboza o Sargento Mor Mel. Dias de menezes o Cappm. Franc.º da Costa de Oliveira e o procurador do comcelho o Cappm. Mel. Martins' Lopes e lhes emcaRegaram que bem e verdadeiramte. servicem os dos. cargos guardando em tudo o serviço de Ds. de S. Magde. direito as partes segredo a Justiça e aos ditos Juizes o Cappm. Paulo Martins' da Gama e o Cappm. Pedro da Roxa Gandabo se lhe deu Juramt.º pose por apresentarem as suas cartas de uzança e de tudo fis este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escrevaõ da camara o escrivvy.

Mel. Antunes de Azd.º — Ventura Ferreira Vivaz — Dos. Franc.º de Oliur.ª — Ant.º Martins Leça — Paulo Miz' da Gama — P.º da Rocha Gandauo — Franc.º Viegas Barboza — Manoel Dias — Franc.º da Costa de Oliur.ª — Mel. Miz' Lopes.

Termo de pose e Juramt.º que se deu aos Almotaces que ham de servir estes dous mezes de Janeiro, e fevereiro.

E logo no d.º dia mes e anno estando junto os officiaes damara que e os que (sic) tinham acabado deram pose e juramt.º de Almotaces aos Juizes que tinham acabado o Mestre de Campo Ventura Fr.ª Vivas, e ao Tenente Coronel Mel. Antunes de azevedo a qual lha deu o Juis hordinario o Cappm. Paullo Martins' da Gama em hum 1.º dos santos evangelhos e lhes encaRegou debaixo d'elle que bem e verdadeirante. servicem a dita ocupacam de Almotaces por lhe pertencerem servirem estes dous mezes na forma da hordenação guardando em tudo o serviço de Ds. e de Sua Magde. direito as partes segredo a Justiça, de que mandaram fazer este termo de pose e Juramt.º que com os dos. officiais da camara asinaram E eu Bento Cabral Deça escriptão da camara o escrivy.

Paulo Miz' da Gama — Franc.º Viegas Barboza — Manoel Dias de Menezes — Franc.º da Costa de Oliur.ª — Mel. Miz' Lopes.

Termo de veriaçam em que Rezolveram mandar publicar iditais para se tirar Licencas, affillar marcos, Ballanças, e medidas, e outrosim mandar ce publicar yditais para se elegerem Juizes, e Escrivamis de ventena em todas as freguizias.

Aos sinco dias do mes de Janeiro de mil e sete sentos e quinze annos nesta V.ª Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della o Juis hordinario o Cappm. Paullo martins' da Gama os veriadores o Cappm. Franc.º Viegas Barboza o Sargento Mayor Manoel Dias de Menezes o Cappm. Franc.º da Costa de oLiveira e o Procurador do Comcelho o Cappm. Mel. Martins' Lopes acordaram vniformemte. o seguinte.

Rezolveram mandar publicar yditais para que todas as pessoas moRadoras nesta V.ª e seu termo, que tivecem Logis, e vendages viecem tirar Licenças a este senado em termo de hum mes, e os officiais de todos os officios, com pena da postura do comcelho, e fazerem Juizes dos dos. officios.

Acordaram com a mesma uniformidade que debaixo da mesma pena e no d.º tempo declarado afillacem pello afillador marcos, ballancas, varas, covodos, e medidas de qualquer genoro, e os Homens' de caRegacomis em tres dias parantorios fizecem a d.ª afillacam de marcos e ballancas, e tiracem Licenças despois dê hum mes de sua chegada.

Rezolveram com a mesma vniformidade se mandace publicar yditais para se ellegerem Juizes, e escrivamis de ventena, nas freguizias do termo desta V.ª

Acordaram despaxar piticomis e defirir as partes e por não aver mais que fazer ouveram a veriaçam por acabada de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escriptaõ da camara o escriptv.

Gama — Viegas — Oliur.ª — Lopes.

Termo de Abretura de huma carta de Sua Exsellencia E mandarem vir os Lançadores das Rendadas do Senado sexta feira que se ham de comtar dezacete do corrente para se aRematarem nese tal dia.

*Aos dezaseis dias do mes de Janeiro de mil e sete sentos e quinze annos nesta V.ª Rica em as cazas da camara estando Juntos os officiais della os Juizes hordinarios o Cappm. Paulo Martins' da Gama e o Cappm. Pedro da Rocha Gandabo os veriadores o Cappm. Franc.º Viegas Barboza o Cappm. Franc.º da Costa de Oliveira Rezolveram o seguinte; e lhe apresentaram huma carta do excellentissimo Sr. Gel. em que lhe hordenava queria fazer huma junta que emportava ao serviço de Sua Magde. e q' nomeassem Procurador ou focem asisttir por ser mt.º comviniente ao serviço do d.º Sr.

Acordaram vniformemente. mandar vir os lancadores das Rendas deste senado que andaõ na praça para se aRematarem sexta feira que se ham de comtar dezasete do coRente e trouhecem fiadores chamos e abonados.

Rezolveram despachar piticomis e defirir as partes e por não aver mais que fazer ouveram a veriacam por acabada de que mandaram fazer este termo que todos asinaraõ E eu Bento Cabral Deça escriptaõ da camara o escriptv.

Gama — Gandauo — Viegas — Oliur.ª — Lopes.

Termo de veriacam em que se Rezolveu se ellegecem dous Procuradores para hirem assistir a junta que Sua Excellencia q' tem detreminado fazer p.^a o que avizou a este Senado.

Aos dezoito dias do mes de Janeiro de mil e sete sentos e quinze annos nesta V.^a Rica em as cazas da camara estando juntos os officiais della os Juizes hordinarios o Cappm. Paullo Martins' da Gama e o Cappm. Pedro da Rocha Ganda-bo os veriadores o Cappm. Franc.^o Viegas Barboza e o Cappm. Franc.^o da Costa de Olivr.^a e o procurador do comcelho o Cappm. Ant.^o Martins' Lopes Rezolveram uniformemte. ellegerem procuradores pesosas ydonias e benemeritas e em quem concoRecem os Requezitos nessecarios axaram todos as ditas perogativas nas pessoas do Mestre de Campo Ventura Fr.^a Vivas e na do tenente coronel Mel. Antunes de azevedo Juizes que tinham cido o anno proximo pasado e com efeito lhes escreveram dando lhe parte, os tinham ellegido por procuradores para hirem assistir a junta que o Senhor Gel. detrimina fazer no ffin deste mes juntos com os mais Procuradores das Villas destas minas e que tres dias antes de hirem viriam a este Senado para se lhe dar procuração bastante e as extru-comis nesceçarias p.^a o serviço de Sua Magde. e bem comum de que mandaram fazer este termo que todos asinaram E eu Bento Cabral Deça escriuaõ da camara o escrivv.

Aos uinte e seis dias do mes de Janeyro de mil e sete sentos e quinze annos nesta uilla Rica em o senado da Camera della estando hay prezente o prezedente do dito Senado o Juiz ordinario, o Capitam da nobreza Paullo Martins' da gama, e os mais ueriadores com o procurador do dito Senado, e llogo pello dito Juiz prezedente e mais ueriadores e procurador do dito Senado foi dado pose ao escriuam da Camera Miguel de Andrade ferreira que prezente estaua em vertude de huma prouizam em que Sua Magestade que Deus gde. lhe fazia mcê. da seruentia do dito officio, com o cumpra se nella posto do Gouvernador e Capitam Jeral da sidade de Sam Paullo e minas em uertude da cual lhe deram a dita pose de que de tudo fis este termo em que asinou o dito Juiz prezedente com os

mais ueriadores e procurador com o dito escriuam. E eu Franc.º da Silua Neto tabaliam do publico Judisial e notas que o escreuy.

Gama — Oliur.ª — Lopes — Miguel de Andre. Fr.ª

Termo de Veriaçam feita em 26 de Janr.º de i715.

Aos vinte e seis dias do mes de Janeiro de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica nas Cazas da Camara della ahi sendo perzentes o Juis e Veriadores fizeraõ conferencia e nella acordaraõ o seguinte.

Mandaraõ andar as Rendas do Cons.º em pergam, que se não aRemataraõ por não hauer lanço conveniente.

Mandaraõ q' foçem chamados o Juis do off.º e todos os mais offes. de Carptr.º para fazerem e votarem em pessoa capas p.ª Juis do seu off.º este anno perzente os quais sendo perztes. lhe aseitaraõ seus votos a cada hu por si; e por sahir na Elleição q' se fes a mais vctos Andre Alueres lhe mandaraõ passar sua carta de Juis do seu off.º e de tudo mandaraõ fazer termo que asinaraõ.

E outrosim na sobredita forma fizeram Elleiçam de Juis do off.º de sapateiro e sahio a mais votos Joseph Roiz' a quem mandaram passar carta.

Outrosim fizeraõ na sobredita forma Elleição do Juis do off.º de ferreiro e sahio a mais votos Antonio Coresma a quem mandaram passar carta.

E Por esta maneira Ouueram a variaçam por feita e mandaram se cumprice inteiramte. tudo asima acordado de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira escriuaõ da Camera que o escreuy.

Gama — Viegas — Menezes — Oliur.ª — Lopes.

Termo de Eleição feita em 29 de Janr.º de mil e sete sentos e quinze i7i5.

Aos vinte e noue dias do mes dè Janeiro de mil e sete sentos e quinze annos nesta V.ª Rica em as cazas da camera della ahi sendo perzentes os Juizes e Veriadores fizeraõ Veriaçam em que asentaraõ varias couzas p.ª o bem comũ que ficaraõ p.ª em outra Camera e Junta efeituarem de que mandaram fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade Ferreira escriuaõ da Camera que o escreuy.

Gama — Viegas — Menezes — Oliur.ª — Lopes.

Veriaçam feita em 30 de Janr.º de i7i5.

Aos trinta Dias do mes de Janeiro de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica e seu termo nas Cazas da Camera desta dita Villa ahi os ditos Juis e Veriadores fizeraõ conferencia e nella determinaraõ o seguinte.

Mandaraõ chamar todos os Marchantes desta Villa os quais sendo perzentes ajustaraõ e se obrigaraõ a vender nestas Villas carne aRobada dando por huma outaua de ouro meya aRoba sendo este o mais inferior pezo e daqui para sima tudo o que cada hum quizer; E que outrosim seriaõ obrigados a dar carne duas vezes na semana sabados e tercas feiras e que seriaõ obrigados a tirar licenças deste Senado para poderem cortar a dita Carne, aferindo pezos e tirando seus esCritos que Rezistaraõ como taõ bem as ballanças; com Cominacam que faltando os ditos Marchantes a qualquer das Condiçois deClaradas pagaraõ da cadeya o que lhes parecer a seu arbitrio de que tudo o dito Juis e Veriadores mandaraõ fazer este termo que os ditos Marchantes asinaraõ Miguel de Andrade ferreira o esCreuy. Outrosim se deClara que querendo alguma pessoa comprar aos ditos Marchantes quarto de Carne inteiro sem ser aRobado o poderaõ vender sem por isso terem penna dito o esCreuy dis o emendado a seu dito o escreuy.

Bento Martis Marques — Luis Nunes da Horta — Lucas Gularte — Domingos Correa Pr.ª — Mel. da Crus Frr.ª — De Dcs. Mor.ª de † Jezus — De Ant.º † Antunes.

E Por esta maneira Ouueraõ elle Juis e Veriadores a Veriaçam por feita e mandaraõ se cumprisse Inteiramente tudo o asima determinado de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da Camera que o esCreuy.

Gama — Viegas — Menezes — Oliur.^a — Lopes.

Veriaçaõ feita pello Juis e Veriadores em 9 de feur.^o de mil i7i5.

Aos noue dias do mes de feureiro de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica nas cazas da Camera della ahi o Juis e Veriadores e Procurador do Conselho fizeraõ camera e Veriaçam e nella comferiraõ e determinaraõ o seguinte.

Mandaraõ q' toda a pessoa que pessue cazas foreiras a este Senado foçem obrigadas, querendo vendellas o não podem fazer para digo fazer sem primeiro o fazerem por humapeticam a saber a este Senado pedindo lhe para isso licença e não o fazendo assim ficariam os Ranchos devollutos p.^a se aforarem a quem parecer E que outrosim seriam obrigados os ditos foreiros aquelles que se acharem com terras aforadas p.^a nellas fazerem cazas a fazellas no termo de quatro mezes com a sobredita penna e que para milhor vir a noticia de todos se passassem iditais para serem lidos nas partes publicas desta V.^a e se fichasem no Pelourinho della pello porteiro do conselho os quais seriam Rezistados nos Livros nos livros (sic) desta Camera com sertidaõ ao pê delles passada por mi esCriuaõ por que conste hauer ce satisfeito a todo o sobredito.

E Por esta maneira Ouueraõ por satisfeita a Veriaçaõ e mandaraõ que tudo em ella determinado se Cumprice como hera dito Inteiramente, de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Gandaou — Menezes — Oliur.^a — Lopes.

A' margem: — Sobre os foros. Pasou ce Iditais q' o portr.^o publicou e fichou no pellour.^o de q' me deu sua fe. — Andre.

Veriação feita em treze de feur.º de i715.

Aos treze dias do mes de feureiro de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa de S digo Villa Rica em as Cazas da Camera della ahi o Juis e Variadores della fizeram camera e Conferencia e nella acordaraõ o seguinte.

Mandaraõ que visto a Renda do ver deste Senado andar em praça desde o principio deste anno e naõ hauer quem nella lance mais de nouenta outauas de ouro como o porteiro deu sua fe e ser tempo de se correr que se emtregaçe aos officiais deste senado e se lhe emCarregaçe a cobranca dellas para o que foçem chamados para asinarem termo por ser assim mais conveniente.

E Logo sendo perzentes Fortuozo Barboza esCrivaõ dalmotacaria e Jozeph Mendes esCrivaõ do alcaide e o Alcaide Caethano de Crasto guimaroes pello dito Juis e Variadores e procurador lhe foi emcarregado que com todo o cuidado correçem a Renda do ver e que com o mesmo fizessem entrega do porçedido della neste Senado por cujo trabalho lhe consediaõ a quarta parte da dita Renda. E pellos ditos officiais foi dito se obrigauaõ a correr a dita Renda na forma do Estillo e se obrigauaõ a entregar o porsedido della na forma dita de

Jozeph Mendes — Frutuozo Bar. Barreyros — Caetano de Crasto Gmres.

E Por esta maneira Ouueraõ a Veriação por feita e mandaraõ se cumprisse todo asima aCordado de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira esCrivaõ da Camera o esCreuy.

Gandauo — Menezes — Oliur.^a — Lopes — Viegas.

A' margem: — q' se cobrem a Renda do ver pellos offes.

Veriação Feita pellos Juizes e Veriadores

deste Senado em 23 de Feur.º de i715.

Aos Vinte e tres dias do mes de Feur.º de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em as Cazas da Camera della ahi os Juizes e Veriadores do Sennado fizeraõ comferençia e nella Rezoluerão o seguinte.

Deferiraõ a varias petiçois e Requerimtos. q' lhe foraõ feitos e asim Ouueraõ a Veriação por feita de que mandaram fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Gandauro — Viegas — Menezes — Oliur.^a
— Lopes.

Veriação feita em 25 de Feur.º de i715.

Aos Vinte e sinco dias do mes de feüereiro de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica nas cazas da camera della ahi o juis e Veriadores fizeraõ comferencia e nella Rezoluerão o seguinte.

Mandaraõ chamar os Juizes dos offos. de Alfayates Ant.º Coresma de Sapateiros Jozeph Rodrigues de Souza de Carpenteiros Andre Alueres de ferreiros Manoel de Freitas os quais sendo perzentes o dito Juis lhe deu o juramento dos Santos Evangelhos debaxo do qual lhe emCarregou fizessê sua obrigação como Juizes de seus offiçios e elles asim o pormeteraõ fazer debaixo do d.º Juramento e asinaraõ Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da Camera o esCreuy.

De André * Alueres — Ant.º Coresma de Ald.º Lx.º
— Manoel * de Freitas — Jozeph Roz' de Souza.

Mandaraõ que o esCrivaõ da Camera leuaçe somente por Cada carta de Juizes de offiçio que passasse seis Outuas sem ter dellas mais algum sellario.

Mandaraõ se pozesse Idital para que toda a pessoa que se quizer obrigar a fazer os Caminhos desde Fellix de gusman athe o principio desta Villa e do principio da Lage e corrego do Pe. Faria athe se findar o destrito desta Villa aonde

partir a do Ribeirão venha a esta Camera aonde se ha de aRematar com as Condições e apontamentos. que se lhe daraõ e deClaracão no termo que se ha de fazer; athe des de mc.º deste anno prezte.

E Por esta maneira Ouveraõ elle Juis e Veriadores a Veriação por feita e mandaraõ que tudo se cumpriçe guardaçe asim como esta determinado de que fis este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira o esCreuy.

Gandaio — Viegas — Menezes — Oliur.^a — Lopes.

A' margem: — pasouçe Idital q' o porteiro publicou na forma do tr.º e no dia delle de q' me deu sua fee. — Andre.

Veriação feita pello Juis e Veriadores que seruem este prezte. em 26 de Feur.º de i715.

Aos vinte e seis dias do mes de Feuereiro de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em as Cazas da Camera della ahi os Juizes e Veriadores e procurador do Cons.º fizeraõ comferência e nella consultaram varias couzas sobre o bem comũ desta V.^a pella forma seguinte.

E Logo no mesmo dia e hera asima sendo preztes. todos os Marchantes que nestas Villas e seu termo cortam carne; por serem chamados para se lhe emCarregar a forma que haviaõ de ter no Corte della; mandaraõ o dito Juis e Veriadores que os ditos Marchantes seriaõ obrigados todo o que cortar carne dar ao pouo vinte libras por huma Outaua de ouro e hum quarto de boy para tres Outuas e de vaca, por duas outuas e meya de ouro e só a cortaraõ tendo liçença deste Senado, e aferindo pezos cada dous mezes na forma da Ley com penna de que faltando a qualquer das Condições aqui expresas seraõ prezos e pagaraõ da Cadea /em que estaraõ trinta dias/ meya Libra de ouro, e debaxo da mesma penna seraõ obrigados a ter pezos de ferro aferidos como fica dito, e asim o ajustaraõ o dito Juis e Variadores Uniformente. pellos marchantes se naõ quiserem ajustar Raçionalinte. em ordem a ficar o pouo mais satisfeito, e que haõ por Reuogado o termo

que sobre esta materia ja se fes neste L.º a folhas sento e trinta e outo e so querem que este valha e se lhe de inteiro cumprimento.º e mandaraõ se passasem Iditais e que o porteiro o publicace nos lugares publicos desta V.ª e se fichace no pelour.º della de que passaria sertidaõ e que outrosim seriaõ obrigados a cortar a Carne duas vezes na somana aos sabados e tersas feiras tudo debaxo da mesma penna.

E Por esta maneira Ouveraõ a Veriaçaõ por feita e mandaraõ se cumprisse tudo o nella contheudo sem duuida alguma de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira o esCreuy.

Gandauo — Viegas — Oliur.ª — Lopes.

A' margem: — passouçe Idital e o porteiro publicou e fixou no pelour.º de q' deu sua fé no dia do termo. — Andre.

Veriaçaõ feita pellos Juizes e Veriadores do Senado da Camera desta V.ª Rica em o pr.º de mc.º de i7i5.

Ao Primeiro dia do mes de março de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica nas Cazas da Camera della ahi o Juis e Veriadores e procurador do Cons.º fizeraõ conferencia em que praticaraõ e Rezolueraõ varias couzas do bem comum deste pouo e se abriraõ quatro cartas de Sua Magestade que trataõ de varias materias, como taõ bem se abrio humado sr. general em que manda se Remeta procurador por parte deste Senado ao Ribeiraõ para assistir por parte do pouo á conferencia que por Ordẽ de Sua Magestade quer fazer sobre os Reais quintos sem embargo da que Ja esta feita, cujas cartas vaõ todas Rezistadas no L.º do Rezistro deste Senado cujas folhas se deClarem a marge deste termo com o que ouveraõ a variaçaõ por feita e asinaraõ Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da camera o esCreuy.

Gandauo — Menezes — Oliur.ª — Lopes.

Veriação feita pellos Juizes e Veriadores em 2 de mac.º de i7i5.

Aos dois dias do mes de março de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa de Santarem em as cazas da camera della digo Villa Rica em as Cazas da Camera ahi o Juis Veriadores e procurador do Conselho fizeraõ comferencia e nella Rezolueraõ o seguinte.

Mandaraõ se passasse Ordẽ para ser prezo Manuel da Crus por se ter emformaçaõ de que foi com hũ negro seu Impedir os gados que vinham para poruimt.º deste Pouo, em ordẽ a se lhe por a carne por mais alto preço, e o metessem na Cadea com o dito negro chamado manoillo donde naõ seria solto sem ordẽ deste Senado.

E Logo sendo przte. o Cappm. Manoel Gomes da Sylua por ser chamado pello dito Juis e Veriadores para como Veriador que foi o anno passado seruir de Almotaze das Execussois deste Senado e lhe emcarregaraõ seruisse o dito cargo debaixo do Juramt.º que lhe foi dado para seruir de Variador, guardando em tudo o seruisso de Sua Magestade e as partes seu direito e dando em tudo cumprimento e satisfazendo a tudo o que lhe tocar por Rezaõ de seu cargo o que o dito Almotaze asim pormeteu fazer de que fis este termo que asinou Miguel de Andrade ferreira escriuaõ da Camera o escreuy.

Mel. Gomes da Silua

E Por esta maneira ouueraõ a Variaçaõ por feita e mandaraõ q' tudo nella determinado se Cumprisse como nella se conthem de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira o Escreuy.

Gandauo — Viegas — Menezes — Oliur.* — Lopes.

Veriação Feita pellos Veriadores do Senado digo pellos Juizes e Veriadores do Senado da Camera desta V.* Rica em 5 de m.º de i7i5.

Aos sinco dias do mes de março de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em as Cazas da Camera ahi os Juizes e Veriadores della fizeraõ comferencia e nella averiguaraõ o seguinte.

Mandaraõ que porqt.º havia not.ª que Manoel da Crus não tinha comcorrido p.ª impedir intrar o gado nesta V.ª mas sim o negro chamado Manoillo que fosse este so o prezo e o dito Maõel da Crus foçe logo solto e asim o mandaraõ.

E Por esta maneira cuueraõ a Variaçaõ por feita em que mandaraõ se cumprisse de que Mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira esCriuiuaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Viegas — Menezes — Oliur.ª — Lopes.

Veriaçaõ feita em 8 de m.º de i7i5 pellos Juizes e Veriadores e Procurador do Cons.º

Aos oito dias do mes de março de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica nas Cazas da Camera della ahi o Juis e Veriadores fizeraõ comferença e nella determinaraõ o seguinte.

Deferiraõ a varias couzas e despacharaõ Petiçois que lhe foraõ porpostas com o que ouueraõ a Variaçaõ por feita de que Mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Viegas — Menezes — Oliur.ª — Lopes.

Veriaçaõ feita em i5 de m.º de i7i5.

Aos quinze dias do mes de março de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em as Cazas da Camera ahi o Juis e Veriadores e o Procurador do Senado fizeraõ comferença e nella mandaraõ o segte.

E Logo Sendo perzte. o Cappitaõ Francisco Maciel da Costa Veriador que foi o anno passado o dito Juis lhe em-carregou seruisse de Almotace os mezes de março e Abril na forma da Ley debaxo do Juramento que lhe fora dado p.ª servir de Veriador guardandõ em tudo o seru.º de S. Magde. e as partes seu dirt.º E o dito Almotaçẽ asim o pormeteu fazer de-

baxo do dito Juramt.º de que mandaraõ fazer este termo q' asinaraõ Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Franc.º Maçiel da Costa

E nesta forma Ouueraõ a Variaçaõ por feita deferindo a varias petiçois de que fis este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Gandauro — Menezes — Oliur.ª — Lopes.

Veriaçaõ feita pello Juis e Veriadores Procurador deste Senado em 26 de m.º de i7i5.

Aos vinte e seis dias do mes de março de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica nas cazas da Camera ahi o Juis e Veriadores e Procurador della fizeraõ Veriaçaõ e nella comferiraõ o seguinte.

Deferiraõ a varias pitiçois e Requerimtos. que mandaraõ se cumpriçem de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira o esCreuy.

Gandauro — Menezes — Oliur.ª — Lopes.

Veriaçaõ feita em 3 de Abril de i7i5.

Aos tres dias do mes de Abril de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em as Cazas da Camera ahi o Juis e Veriadores Procurador do Cons.º fizeraõ Veriaçaõ e comferencia e nella averiguaraõ o seguinte.

Deferiraõ a varias petiçois e Requerimentos que mandaram cumpir e nesta forma Ouueraõ a Variaçaõ por feita acabada de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Oliur.ª — Menezes — Lopes.

Veriação feita em des de Abril de i715.

Aos des dias do mes de Abril de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica ahi o Juis e Veriadores e Procurador do Senado da Camera della fizeraõ Veriação e Conferença e nella determinaraõ o seguinte.

Deferiraõ petiçois e Requerimentos e mandaraõ que o portr.º noteficaçe os Lancadores da Renda das meas patacas para se aRematar no pr.º dia de camera e nesta forma Ouveraõ a Variaçaõ por feita de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira EsCriuaõ da Camera o esCreuy.

Gandauo — Viegas — Menezes — Oliur.ª

Veriaçam feita pellos Juis e Veriadores e Procurador do Cons.º em 15 de Abril de i7i5.

Aos quinze dias do mes de Abril de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em as Cazas da Camera della ahi o Juis e Veriadores Procurador do Conselho fizeraõ Variaçaõ e nella determinaraõ o seguinte.

Mandaraõ aRematar a Renda das meyas patacas e deferiraõ a varias petiçois de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Menezes — Oliur.ª — Lopes.

Veriação Feita pello Juis Ordinario e Veriadores da Camera em 27 de Abril de i715.

Aos vinte e sete Dias do mes de Abril de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em as Cazas da Camera della ahi o Juis e Veriadores e Procurador fizeraõ Veriação e nella determinaraõ o seguinte.

Deferiraõ a varias petiçois e Requerimtos. que lhe foraõ feitos; e apellaçois com o que Ouueraõ a Variaçaõ por feita e mandaraõ se Cumprice de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade Frr.^a esCriuaõ da Camera o escreuy.

Gama — Menezes — Oliur.^a — Lopes.

Veriaçaõ feita pello Juis e Veriadores em dois 2 de Mayo de i7i5.

Aos dois dias do mes de Mayo de mil sete sentos e quinze annos nesta V.^a Rica em as Cazas da Camera della ahi o Juis e Veriadores Procurador do Conselho em perzença do Ouuidor desta comarqua fizeraõ Veriaçaõ e comferencia digo comarqua o Doutor Dezembargador Manoel da Costa de Amorim fizeraõ comferencia p.^a nella elegerem e Votarem em pessoa capas p.^a seruir de thezoureiro do cofre dos orphaos' e fazendo eleiçaõ sahio a mais Votos Joaõ Vellozo morador no Ouro preto ao qual mandou o dito Ouuidor q' asinando termo se lhe entregaria o Cofre cujo seria feito com tres chaves das quais se lhe entregaria huma e outra ficaria ao Juis de Orphaos' e outra na mão do esCriuaõ mais velho delles e se faria hum liuro para as emtras e sahidas do dito Cofre o qual emtra digo o qual andaria dentro delle para asim se porê em mi-lhor aRecadaçam os bens' dos ditos Orphaos' de que de tudo mandaraõ fazer este termo que asinou o dito Ouuidor com o Juis e Veriadores e Procurador do Conselho E eu Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Mel. da Costa de Amorim

E Nesta forma ouueraõ a Veriaçaõ por feita em que deferiraõ a varios Requerimtos. que mandaraõ se cumprisse de que fis este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Menezes — Oliur.^a — Lopes.

Veriação feita pellos Juizes e Veriadores e procurador do Cons.^o em 4 de Mayo de i7i5.

Aos quatro dias do mes de Mayo de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica nas Cazas da Camera della ahi os Juizes e Veriadores da Camera fizeraõ Veriação e comferença e nella determinaraõ o seguinte.

Deferiraõ a varias petiçois e Requerimtos. que mandaraõ se cumprissem e asim Ouueraõ a variaçaõ por feita de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira esCriaõ da camera o esCreuy.

Gama — Menezes — Oliur.^a — Lopes.

Veriação feita em i0 de Mayo de i7i5.

Aos des dias do mes de Mayo de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em as cazas da camera ahi o Juis e Veriadores della fizeraõ comferença e nella determinaraõ o seguinte.

E Logo sendo perzente no dito dia Manoel Coelho ferreira por elle foi aperzentada em camera a Juis e Veriadores huma sua patente por donde o hauia feito Cappitaõ da Ordenança do districto de Itoubira termo desta Villa o Exm.^o Sr. Geral. D. Bras Balthazar da Silueira; Requerendo com ella ao dito Juis e Variadores lhe dessem posse do dito posto na forma que na dita patente se determinaua. E visto seu Requerimento lhe ouueraõ a posse por dada; e lhe deraõ Juramento dos Santos Evangelhos para debaxo delle fazer o que deue e bem seruir o dito cargo e posto de capitaõ tudo na forma da dita Patente; e sendo aseito o dito Juramento pello apossado de Baxo delle asim o pormeteu fazer de que tudo mandaraõ fazer este termo que asinou o dito apossado E eu Miguel de Andrade Ferreira esCriaõ da Camera o esCreuy.

Manoel Coelho Fri.^a

Aos des dias do mes de Mayo de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em as Cazas da Camera della ahi sendo perzentes o juis e Veriadores e procurador do Conselho appareceu perzente Manoel Fernandes Barboza por elle foi dito perante os ditos Juis e Veriadores que elle pessuiha hum Rancho no aRayal dos Paullistas da freguezia de nossa Senhora do Pillar as quais partiaõ com o ajudante Manoel gomes as quais asim E maneira que as pessuhia fazia dellas dexação a este Senado e nelle sedia e trespassaua todo o poder que tinha no dito Rancho p.^a o aforarem a pessoa que lhe parecer cuja dexação fazia por Remuneração de huma coima que a Camera lhe hauia feito pello mesmo Rancho o qual pessuhia por titollo de Compra que fizera delle de que de tudo fis este termo que asinou com os ditos Veriadores e que o despejaria por tempo de hum mes E eu Miguel de Andrade ferreira o esCreuy.

Mel. Frz' Barboza

Deferiraõ a correição que hauiaõ feito nesta Villa os dias Outo e noue deste mes asoluendo e condenando como lhes pareceu Justissa e asim Ouueraõ a veriação por feita de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da camera o esCreuy.

Gama — Oliur.^a — Menezes — Lopes.

Veriação feita em 25 de Mayo de i715.

Aos vinte e sinco dias do mes de Mayo de mil sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica e as cazas da camera ahi o juis e Veriadores e Procurador della fizeraõ Veriação e conferencia em que determinaraõ o seguinte.

Deferiraõ a varios Requerimentos e petições e asim Ouueraõ a variação por finda que mandaraõ se cumpriçe e guardaçe de que mandaram fazer este termo que asinaram E eu Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Oliur.^a — Menezes — Lopes.

Veriaçam Feita em i7 de Junho de i7i5 pello
Juis e Veriadores e procurador do Cons.º

Aos dezassete dias do mes de Junho de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em Camera ahi sendo perzentes o Juis e Veriadores e procurador do cons.º fizeraõ conferencia e nella determinaraõ o seguinte.

Deferiraõ a varias petiçois e Responderaõ a Cartas do Senhor genal. e camera do Rebeiraõ que tudo Ouueraõ por feito e mandaraõ se cumprisse de que Mandaraõ fazer este termo Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da camera o esCreuy.

Gama — Oliur.ª — Menezes — Lopes.

Veriaçaõ feita em i2 de Julho de i715 pellos
Juizes Veriadores e procurador do cons.º

Aos doze dias do mes de Julho de mil e sete sentos e quinze annos nesta V.ª Rica em as Cazas da camera della ahi o juis Veriadores e procurador do cons.º que este perzte. anno seruem fizeraõ cmferencia e nella determinaraõ o seguinte.

Fizeraõ Illeiaçaõ p.ª almotações que seuissem os mezes de Julho e agosto e sahiraõ a mais votos Joaõ Domingues; e o Sargt.º mor Bento felix aos quais mandaraõ se esCreuesse p.ª virem a este Senado tomar posse e asim Ouueraõ a eleiaçaõ por feita e a veriaçaõ por acabada em que deferiraõ a varios Requerimtos. e petiçois e mandaraõ que tudo se cumprisse como nella se conthem de que mandaram fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade Frr.ª esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Viegas — Oliur.ª — Lopes.

Veriação feita pello Juis e Veriadores que neste anno perzte. seruem em i3 de Julho de i7i5.

Aos treze dias do mes de Julho de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em a caza da Camera ahi o juis e Vereadores della fizeram vereação e comferencia e nella Determinaraõ o seguinte.

Mandaraõ chamar Joaõ Domingues para se lhe dar posse e juramento para bem siruir o Cargo de Almotaze para que fora Ileito em camera de doze do perzente. A qual sendo perzente o dito Juis lhe deu Juramento dos Santos Evangelhos para que bem e verdadeiramente seruisse o cargo de Almotaze guardando o seruisso de Sua Magestade e as partes seu direito e dando a execussão com pontualidade as Ordens' que deste Senado lhe forem emCarregadas: e sendo por elle aseito o dito Juramento asim o pormeteu fazer em vertude do que o dito Juis lhe deu posse que aseitou; de que Mandou fazer este termo que assignou com o dito Almotaze em perzç.^a dos ditos Veriadores E eu Miguel de Andre. Fr.^a o esCreuy.

Gama — Joaõ Domingues de Carualho.

E logo sendo outrosim perzte. Bento felix da Cunha por ser chamado pello dito Juis e Veriadores para se lhe dar posse e juramt.^o do Cargo de Almotaze p.^a que fora Ileito o dito Juis lhe deu posse e juramento para debaxo d'elle seruir o dito cargo guardando em tudo o seru.^o de Sua Magestade e as partes seu direito e sendo por elle aseito asim o pormeteu fazer e dar com pontualidade a execussão as Ordens' que se lhe expedirem deste Sennado de que fis este termo que asinou com o dito Juis Miguel de Andre. ferreira esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Bento Fellis da Cunha.

E Por esta maneira Ouueraõ esta Veriação por feita e acabada deferindo a varias petiçois e Requerimentos que mandaraõ se cumpriçe de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andre. Frr.^a esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Gandauo — Viegas — Menezes — Oliur.^a
— Lopes.

Veriação feita pello Juis e Veriadores e procurador do Conselho em quatorze de Julho de 1715.

Aos quatorze dias do mes de Julho de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica e seu termo em as Cazas da camera ahi o juis e Veriadores e procurador della fizeraõ veriação e nella determinaraõ o seguinte.

E Logo em o dito dia sendo perzente o Capitaõ arcanjallo da silua por elle foi dito que elle hera fiador da Renda da carserage este anno perzente que hauia aRematado Joaõ ferreira Denis e porquanto este se achaua Criminozo e auzente desta Villa se lhe seguia graue perjuizo que queria que a dita Renda se puzesse em praça pello tempo que faltaua para se Cumpletar o anno de sua fiança e que por este se obrigaua a baxa e demenuição que Ouuesse nella. O que visto pello dito Juis Veriadores e Procurador do Conselho asim o ouueraõ por bem e mandaraõ se puzesse a Renda em pergaõ de que mandaraõ fazer este termo que asinou o dito fiador e elles a Variação E eu Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da Camera o escreuy.

Archangelo da Silua v.^a

E Logo sendo perzte. o Alcaide Caethano de Crasto por elle foi dito que elle por varias oCupaçois com que se achaua naõ podia exercer o d.^o off.^o e que por este dezistia e fazia dexação delle para se prouer na pessca que o Sennado foçe seruido e sendo Vt.^o pello dito Juis e Veriadores e procurador do conselho asim o ouueraõ por bem e lhe aseitaraõ sua dezistença: de que fis este termo, que asinou Miguel Andrade ferreira o esCreuy.

Caetano de Crasto guimes

E Logo sendo perzente Jozeph Rodrigues Leal por elle foi dito que porquanto estaua provido no off.^o de Alcaide desta Villa para o que lhe hera nessessario dar fiança na forma da Ley daua por seu fiador ao Leçençado francisco pestanna o qual sendo perzente disse ficaua por fiador do sobredito Alcaide na forma da Ley e se obrigaua como seu fiador e principal pagador do que fizesse e mal leuasse no dito offiço de que fis este termo que asinaraõ Miguel de Andre. Ferr.^a esCriuaõ da Camera o escreuy.

Franc.^o Pestana — Jozeph Roz' Lial.

Deferiraõ a varias petiçois e Requerimtos. que mandaraõ se cumprice com tudo o mais nesta variaçaõ de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Viegas — Menezes — Lopes.

Variaçaõ feita Pellos Juizes Veriadores e Procurador do Cons.º em 24 de Julho de i7i5.

Aos Vinte e quatro dias do mes de Julho de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em as Cazas da Camera ahi os Juizes Veriadores e procurador della fizeraõ veriaçaõ e nella averiguaraõ o seguinte.

Deferiraõ a varias petiçois e requerimtos. que mandaraõ se cumprice e asim ouueraõ a variaçaõ por feita de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andre. ferreira esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Viegas Menezes — Lopes.

Veriaçam feita pello Juis Veriadores e Procurador do Cons.º em 3i de Julho de 17i5.

Aos trinta e hum dias do mes de Julho de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em as Cazas da Camera ahi o juis Veriadores e procurador do conselho della fizeraõ Veriaçaõ e nella determinaraõ o seguinte.

Deferiraõ a varias petiçois e Requerimentos que mandaraõ se cumprice e asim Ouueraõ a Variaçaõ por feita de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andre. Frr.º esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Menezes — Oliur.º — Lopes.

Veriaçam feita pello Juis e Veriadores e procurador do Cons.º em 3i de Agt.º de i7i5.

Aos trinta e hum dias do mes de Agosto de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em as cazas da Camera ahi o juis Veriadores e procurador do Conselho fizeraõ Veriaçaõ e nella determinaraõ o seguinte.

Mandaraõ que se puzesse em pergaõ na praça desta Villa a obra da Agoa que se quer trazer a praça della na forma dos apontamtos. que estaõ feitos neste Sennado.

Deferiraõ a varias petiçois e Requerimtos. e mandaraõ que tudo se cumprisse Inteiramente de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira es-Cruiaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Menezes — Oliur.ª — Lopes.

Variaçaõ feita pello Juis e Veriadores e Procurador do Conselho em 7 de Setr.º de i7i5.

Aos sete dias do mes de Setembro de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em as Cazas da Camera ahi o juis e Veriadores della com o proCurador fizeraõ veriaçam e nella determinaraõ o seguinte.

Fizeraõ Eleiçaõ dos Almotaceis p.ª seruirem os mezes de Setembro e outubro e sahiraõ a mais votos o Cappm. Manoel Vissente Lopes digo Manoel Vissente Neues e Manoel de Souza Serqr.ª e mandaraõ se lhe desse posse para o que fõcem chamados a este Sennado e nesta forma ouueraõ a veriaçaõ por feita de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andre. Ferr.ª escriuaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Menezes — Oliur.ª — Lopes.

Variação feita pello Juis Veriadores Procurador do Cons.^o em 9 de Setr.^o de i7i5.

Aos noue dias do mes de Setembro dé mil e sete sentos e quinze annos nesta V.^a Rica em as cazas da Camera ahi o juis veriadores Procurador do Cons.^o que de perzente seruem fizeraõ Variação e nella determinaraõ o seguinte.

E Logo no dito dia mandaraõ chamar o Cappm. Manoel Vissente Neues e Manoel de Souza Serqr.^a por hauerem sahido na conferencia passada para seruirem de Almotações o perzente mes; e o de Outubro. E sendo os sobreditos perzentes o dito Juis lhe deu o juramento dos Santos Evangelhos debaxo do qual lhe emcarregou seruisssem o dito Cargo com boas e sans consciências guardando em tudo o seruisso de Sua Magestade e as partes seu direito e dando a execussão com pontualidade as Ordens' que se lhe expedirem deste Sennado. E sendo por elles aseito o dito Juramento debaxo delle asim o pormeteraõ fazer e de tudo mandaraõ fazer este termo que asinaraõ com o dito Juis Miguel de Andre. Frr.^a esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Manoel Vicente Neues — Gama — Mel. de Souza Serqr.^a

Requeru o Procurador do conselho se fizesse correição pella V.^a asentaraõ o dito Juis e Veriadores que se fizesse em des do corrente e asim ouueraõ a Variação por feita e mandaraõ se cumprice tudo nella determinado de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira o esCreuy.

Gama — Gaudauo — Viegas — Oliur.^a — Lopes.

Variação Feita pello Juis e Veriadores e Procurador do Cons.^o em 11 de Setr.^o de i7i5.

Aos onze dias do mes de Setembro de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em as Cazas da Camera della ahi o juis e Veriadores e Procurador do Cons.^o que de perzente serue fizeraõ Variação e nella determinaraõ o seguinte.

Deferiraõ a varias petiçois e Requerimentos que mandaraõ se cumprice e asim Ouueraõ a Variaçaõ por feita de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Gandauro — Viegas — Oliur.^a — Lopes.

Veriaçaõ feita pello Juis e Veriadores e Procurador do Conselho em 14 de Setr.^o de i7i5.

Aos quatorze dias do mes de Setembro de mil e setesentos e quinze annos nesta Villa Rica em as Cazas da camera della ahi o juis e Veriadores e procurador do Conselho que de perzente serue fizeraõ veriaçaõ e nella determinaraõ o seguinte.

Deferiraõ a varias peticois e Requerimentos que mandaraõ se cumprisse e asim Ouueraõ a variaçaõ por feita.

E outrosim Requereu O Procurador do Conselho Manoel Martins Lopes que as Cazas digo que nesta Villa ha humas terras que se aforaraõ neste Sennado ao Padre frey Hyronimo Pr.^a foraõ aforadas com muito perjuizo do bem Comum e deste Sennado e outrosim tem notissa que o dito foreiro hauia feito venda das ditas terras sem ter licença do Sennado para vender como hera obrigado na forma da Ley e que Outrosim o pesuhidor que de perzente está de posse se acha fazendo subintefificaçois sem tambem ter licença deste Sennado como direito Senhorio que he das ditas Terras que Requeria aos ditos Juizes e Veriadores mandaçem tomar posse das ditas terras e olarias que se tinhaõ feito nas sob emfiteuticadas porquanto as tinhaõ perdidas na forma da Ley por falta das ditas licenças e as Ouuessem por devolutas para este Sennado a quem pertencem como direito Senhorio dellas para as aforar a quem lhe parecer E Visto seu Requerimento pellos ditos Juizes e Variadores ouueraõ as ditas terras por devolutas e mandaraõ se tomase posse dellas por este Sennado na forma que Requeria o Procurador do Conselho O qual Requereu mais que em camera de noue de feureiro se asentara que ninguem que tiuesse porpriedade a esta Camera foreira a podesse vender sem tirar licença deste Senado e que disto se pasaraõ Iditais que se publicaraõ de que o porteiro do Conselho dera sua fe e que

tambem por esta Rezaõ tinha Incurrido na penna do dito Idital a que deferiraõ os ditos Juizes e Variadores que se fizesse tudo na forma que Requeria o procurador do Conselho de que mandaraõ fazer este termo com que ouueraõ a Variaçaõ por feita e mandaraõ que tudo se cumprisse como aqui se conthem Mi digo se conthem e todos asinaraõ Miguel de Andrade ferreira o esCreuy.

Gama — Gandauro — Viegas — Oliur.^a — Lopes.

Veriaçaõ feita pellos Juizes Variadores e procurador do cons.^o em 15 de 8br.^o de 1715.

Aos quinze dias do mes de Outubro de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica de Nossa Senhora do Pillai nas cazas da Camera ahi os Juizes e Variadores e procurador della fizeraõ veriaçaõ e nella determinaraõ o seguinte.

Fizeraõ Eleiçaõ em pessoa para seruir de avalliator do Cons.^o e sahio a mais votos Sebastiaõ Mosqueira a quem mandaram passar poruimento.

Deferiraõ a varias petiçois e Requerimtos. que mandaraõ cumprir com o que ouueraõ a Variaçaõ por feita de que mandaram fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Gandauro — Menezes — Oliur.^a — Lopes.

Veriaçaõ feita pellos Juiz Variadores e Procurador do Conselho em 26 de 8br.^o de mil e sete sentos e quinze 1715.

Aos vinte e seis dias do mes de Outubro de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica de Nossa Senhora do pellar nas Cazas da camera della ahi o juiz e Variadores e mais officiais da camera fizeraõ veriaçam e nella deferiraõ a varios

Requerimtos. e despachos que mandaraõ se cumpriçem de que fiz este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira es-Criuaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Gandauro — Viegas — Menezes — Lopes.

Veriaçam feita pellos Juizes e Veriadores e procurador do conselho em 6 de Nouer.º de i715.

Aos seis dias do mes de nouembro de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em mi digo Rica em as Casas da camera ahi os Juizes e Veriadores e Procurador do Conselho fizeraõ veriaçaõ e nella determinaraõ o seguinte.

Fizeraõ Eleiçaõ dos Almotages dos Almotages (sic) que haõ de seruir o prezente mes de Nouembro e dezembro deste perzente anno e sahiraõ a mais votos Manoel dos Santos Braga e Antonio Gomes da Silua aos quais mandaraõ dar parte para virem tomar posse e Juramento a este sennado.

Deferiraõ Outro Sim a varios Requerimentos e petiçois que lhe foraõ apezantadas com outras mais couzas tocantes aos qtos. de S. Magde. q' Ds. gde.

E Logo no dito dia sendo perzte. Manoel dos Santos Braga e Antonio Gomes da Silua Eleitos para almotages do perzente mes e o dezembro a quem o Juis deu o Juramento dos Santos EVangelhos para que bem e Verdadeiramente seruissem os cargos de Almotages os mezes deClarados com boas e Sans' consienças guardando em tudo o seruisso de Sua Magestade e as partes seu direito e dando em tudo Cumprimento as ordens' que se lhe expedirem deste Sennado e sendo por elles aseito o dito Juramt.º assim o pormeteraõ fazer de que fis este termo que asinaraõ com o dito Juis Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Manoel dos Stos. Braga — Ant.º Gomes da Silua.

E por esta maneira Ouueraõ a Variaçaõ por feita de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade Ferreira esCriuaõ da Camera o esCreuy. .

Gama — Gandauro — Viegas — Oliur.ª — Lopes.

Veriação feita pellos Juizes e Veriadores e procurador do Cons.^o em 16 de nour.^o de i7i5.

Aos dezaseis dias do mes de nouembro de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em as Cazas da camera della ahi os Juizes e Veriadores e procurador do conselho fizeraõ veriação e conferencia e nella determinaraõ o seguinte.

Deferiraõ as varias petiçois e Requerimtos. que mandaraõ se cumprice e asim Ouueraõ a veriação por feita de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andre. Frr.^a esCriaõ da camera o esCreuy.

Gama — Gandauro — Viegas — Menezes — Lopes.

Veriação Feita pellos Juizes e Veriadores e Procurador do Cons.^o desta V.^a Rica em 23 de Novembro de i7i5.

Aos Vinte e tres dias do mes de novembro de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em as cazas da Camera della ahi sendo perzentes os Juizes e Veriadores e Procurador do Conselho mandaraõ chamar parante si os lançadores que foraõ Ileitos para se fazer o lançamento dos quintos de Sua Magde. que Ds. gde. os quais sendo todos juntos perzentes o Juis Ordinario vindo digo ordinario Paullo Martins da Gama por elle em perzença em perzc.^a (sic) de todos lhes foi dito e deClarado que para Efeito de se porseder ao dito lancamt.^o com Igualdade e sem motivo de quecha dezejaua com os mais da Mensa se elegese a melhor forma e que para este sugeitando ce ao parêçer de todos lhes porpunha sendo conveniente que o dito lançamt.^o se fizesse com separaçam das freguezias e do que a cada hum pertencia pagar da quanthia de seis aRobas e vinte e quatro libras e setenta e duas outauas de ouro e que pertence pagar a estas freguezias e seu termo na forma da determinação e Rezulção que se tomou em Junta sobre o pagamento que se devia fazer dos quintos de Sua Magestade este perzte. anno em que acresceu ao do anno passado vinte e quatro libras e setenta e duas outauas, cujo aCrêsimo ouue por se ajustar em Junta que os gados que no anno passado se cobraraõ na comarqua do Rio das Velhas cuja Impor-

tancia foi a de duas aRobas se determinou que estas se Repartirem por aCressimo a todas as Villas das tres comarquas e que a estas ficasse liure o poderem fazer aRecadação dos direitos dos gados que nellas entraçem por cuja cauza Ouue de aCressimo a esta Villa as vinte e quatro libras e setenta e duas Outauas. E sendo todos conformes que o dito Lançamt.º se fizesse com separação das freguezias e lotação do que a cada humas dellas pertença pagar na atençaõ do lançamento passado e do acressimo que neste deve haver Reputando o Rendimento dos gados e carregacois de fazendas secas e molhadas que tem dado emtrada nesta Villa e seu termo, cujo Rendimento faz para este lançamento que se tem Orsado pelos mezes passados a Respeito do que poderaõ Render nos futuros acharaõ que a dita Importancia poderá ser a de humas aRoba e vinte e quatro libras e setenta e duas outauas de ouro que abatidas do Compto principal de seis aRobas e vinte e quatro libras e setenta e duas outauas que deve pagar esta Villa e seu termõ fica liquido para se Repartir por todos os moradores a quantia de sinco aRobas e orsando o que pertence a pagar a cada freguezia acharaõ deuer pagar a freguezia de Nossa Senhora da Conceiçam de Antonio Dias quatro mil sete sentas e vinte e duas outauas que a Respeito do lançamt.º do anno passado leua de abatimento quatorze por sento que faz a emportancia sete sentas e sesenta e oito outauas de ouro || A freguezia de Nossa Senhora do Pillar do Ouro preto; coatro mil e noue sentas e vinte e humas outauas que a Respeito do lançamt.º passado leua de abatimento quatorze por sento que faz a emportancia de oito sentas e humas outauas || A freguezia de Sam Bertholameu duas mil e setesentas e outenta e noue Outauas que a Respeito do lançamento passado leua de Abatimento quatro sentas e sincoenta e quatro outauas. A freguezia de Nossa Senhora de Nazarê da Cachoeira e Itobira sinco mil e quattrosentas e outenta e noue que a Respt.º do lançamento do anno passado leua de abatimento a quatorze por sento que fas a importancia de outosentas e nouenta e quatro outauas. A freguezia de Santo Antonio da Ititiaya e ouro Branco mil e quinhentas e quarenta outauas que a Respeito do lancamt.º do anno passado leuam dabatimt.º quatorze por sento que importa duzentas e sincoenta outauas || A freguezia de Nossa Senhora da Consepção das Congonhas mil e sento e quarenta e oito outauas que a Respeito do lançamento do anno passado leua de Abatimento a quatorze por sento que fas a emportancia de sento e outenta e seis outauas de ouro.

E nesta forma foraõ foraõ (sic) todos coinformes e comcor-des que este lançamt.º se fizesse por asim ser mais conveniente, com deClaração que se algum dos moradores que o focem do anno passado em alguma das freguezias deClaradas e neste se achem moradores em outras ou parte de alguma das freguezias se deuedisse seriaõ estes sempre lançados na mesma freguezia AOnde hauiaõ sido moradores para fazer para o Compto em que a dita freguezia Vay lançada o produto do que a cada hum for Repartido e por asim o terem ajustado e determinado por bem comum de todos mandaraõ elles ditos Juizes Ordinarios fazer este termo que asinaraõ com os ditos lançadores das ditas freguezias E eu Miguel de Andrade Ferreira esCriuaõ da Camera o escreuy.

Paulo Miz' da Gama — P.º da Rocha Gandauro — Franc.º Viegas Barboza — Mancel Dias de Menezes — Franc.º da Costa de Oliur.ª — Mel. Miz' Lopes — Mel. Gomes da Silva — Ant.º Martins Leça — Archangelo da Sylua, vr.ª — Dos. mello de faixa — Raphael Vas da Silua Telhado — Joam Syqr.ª — Dos. Carualho de Barros — Caetano Alz' de Araujo — Domingos Roiz' Neues — Franc.º Ferr.ª — Ant.º Gomes Lima — Ant.º da Costa Freitas — Santos mz' — Mel. Pires de Carualho — João Montr.º Santiago — Franc.º Dalmeida de Britto — Franc.º da Costa Rios — Franc.º Vianna Farto — Franc.º da Silua Machado — Bento Martis Marques — Ant.º Dinis Costa — Ant.º dos Reis — João Alz' da Rocha — Franc.º da Costa Tavares.

Veriação feita pellos Juizes e Veriadores do Sennado da Camera desta V.ª Rica e seu termo em 9 de dez.º de i7i5.

Aos noue dias do mes de dezembro de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em as Cazas da camera della ahi os Juizes e Veriadores e Procurador do Conselho fizeraõ Veriação e conferencia e nella determinaraõ o segte.

Determinaraõ fazer thezoureiro que Reçebeçe o ouro dos qtos. que esta V.ª e seu termo ha de pagar. E fazendo Eleição do d.º sahio a voto de todos João Vellozo morador no Ouro preto ao qual mandaraõ chamar para asinar termo.

E Logo sendo perzte. o dito João Vellozo de Carvalho o dito Juiz e Veriadores e Procurador do conselho lhe emcarregaraõ recebeçe todo o Ouro que lhe foçe entregue dos qtos. de S. Magde. por Ordem deste Senado; asinando termo de seu Reçebimt.º ficando obrigado por si e seus bens' a satisfaçam de todo o dito Ouro; e pello dito João Vellozo foi dito que elle se obrigaua a dar conta de todo o Ouro dos ditos quintos que lhe foçe entregue por termos asinnados por elle no 1.º de seu Reçebimt.º para o que obrigaua sua pessoa e bens' de que o dito Juiz mandou fazer este termo que asinou o dito thezour.º Miguel de Andre. Frr.ª esCriuaõ da Camera o esCreuy.

João Vellozo de Carualho

E Logo na dita Veriaçaõ mandaraõ se pozesse em praça a Renda da Afiriçam por ser percizo ser Rematada antes de Janr.º para no principio delle compessar logo a exercer, cuja determinação fizeraõ com parecer do Doutor Ouvidor Geral desta Comarca.

E Por esta maneira Ouueraõ a Veriaçaõ por feita e mandaraõ se cumprisse tudo nella determinado de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade Frr.ª escriuaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Menezes — Oliur.ª — Lopes.

Veriaçam feita pellos Juizes e Veriadores e procurador do Conselho em i7 de Dez.º de i7i5.

Aos dezassete dias do mes de dezembro de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica e seu termo nas Casas da camera della ahi os Juizes Veriadores e procurador do conselho fizeraõ Veriaçaõ e nella determinaraõ o seguinte.

Deferiraõ a varias petiçois e Requerimentos. que mandaraõ se cumprisse como nelle se conthem de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andre. Frr.ª esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Gandauro — Viegas — Menezes — Lopes.

Veriaçam feita pellos Juizes e Veriadores em 28 de Dez.º de i7i5.

Aos Vinte e oito dias do mes de Dezembro de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica nas Cazas da Camera ahi os Juizes e Veriadores e procurador della fizeraõ Veriaçam e nella determinaraõ o segte.

Determinaraõ abrir o pellouro p.^a os offes. que ham de servir o anno que vem de mil e sete sentos e dezaseis e o fizeraõ pela forma e theor seguinte.

E Logo no dito dia sendo apergoado pello porteiro do Conselho por ordem dos ditos Juizes pellas ruas publicas desta Villa, que se abria o pillouro dos officiais de mil e sete sentos e dezaseis mandaraõ vir perante si o Cofre dos pillouros e por hum menino de menor hidade depois de aberto o dito cofre foi tirado delle o ultimo pillouro que nelle se achaua que entregou na mão do Juis mais Velho o qual abrindoo achou serem os Juizes e Veriadores procurador do Conselho e thezoureiro delle os seguintes para Juizes o Sargento mayor João Carualho da Silua, e o Cappitam Leonel da Gama para Veriadores o guardamor Antonio Alueres de Magalhoes'; o Cappitaõ Domingos de Araujo dantas; João Pinto da Silua. Procurador do conselho o thenente Jozeph Luis Sol thezoureiro João de Salles de Caru.º E asim ouueraõ por aberto o dito pellouro e mandaraõ se cumpriçe e se esCreuesse aos sobreditos para no primeiro de Janeiro virem tomar posse e outrosim meteraõ as pautas e pellouros no Cofre que se fichou ficando com huma chave delle o juis mais velho e outra o veriador mais velho e com a outra eu esCriuaõ e de tudo mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andrade ferreira esCriuaõ da Camera o esCreuy.

Gama — Gandauo — Viegas — Menezes — Lopes.

Veriaçaõ feita pellos Juizes e Veriadores e procurador do conselho em 30 de Dez.º de i7i5.

Aos trinta dias do mes de dezembro de mil e sete sentos e quinze annos nesta Villa Rica em as Cazas da Camera ahi os Juizes e Veriadores della fizeraõ Veriaçaõ e nella determinaraõ o seguinte.

E Logo sendo perzente o Doutor Ouuidor Geral desta Comarca fez Correição no liuro dellas ao dito Sennado pro- uendo como se uerá do dito Liuro que mandou cumprir por estar em correição nesta Villa.

Fizeraõ Eleição das pessoas que hauiaõ de Cobrar os quintos nesta V.^a e termo pella for(ma) e theor segte.

Que o Cappm. Paullo Borges e Mel. de Souza Serqr.^a cobraçem no aRayal de Ant.^o Dias the o asento de Donna Leonor folhas huma verço digo folhas doze verço do 1.^o do Lançamt.^o

Que o Cappm. Ant.^o Ramos cobraçe no morro que principia de fs. 12 v.^o the fs. 14 v.^o do d.^o liuro e asento do Sargt.^o mayor Archangelo da S.^a

Que o Cappam. Ant.^o Martins Leça cobraçe no Ouro bueno.

Que o Cappitam Antonio Fernandes cobraçe no padre Faria e Bom Sussesso.

Frg.^a do Ouro preto

Que o Cappam. Manoel gomes da Sylua e João Pires Duarte cobraçẽ todo o aRayal do Ouro preto. Em lugar dos dos. o Alferes Jozeph Pires Vianna.

Que Antonio Netto cobraçe da Fazenda de Vlanna the o trepuy. Em seu lugar Ant.^o da Silua.

Que João Montr.^o Santhiago cobraçe no Rodeyo da Ititiaya. Em seu lugar Simaõ da Cunha mor. no mesmo Rodeyo.

Que o d.^o João Montr.^o Santhiago cobraçe no capaõ do Forno. Francisco da Rocha Barboza em lugar do d.^o

Que o Cappam. Ant.^o da Costa de Gouueya cobraçe ouro podre Rio das pedras campinho the o fim do Lançamt.^o

Freg.^a de Sam Beri.^{em}

Que o Cappm. Manoel de Mattos cobraçe do principio do Lançamt.^o athe Manoel da Costa.

Que Antonio Ribr.^o Franco e o Alferes João Machado cobraçe athe Manoel Glz' Pego.

Que Belthezar Frz' Sargedas cobraçe o mais deste Lançamt.^o the o fim.

Frg.^a da Cachoeira

Que o Cappam. Jozeph Simois Roza cobraçe athe Jacinto Ribr.^o

Que o Cappam. Ant.^o Antunes tranquilla cobraçe o mais do lançamt.^o the o fim.

Frg.^a das Congonhas

Que cobrara Pedro da Silua toda esta freguezia.

Ouro Branco

Que cobraria o Alferes Domingos Moreira toda esta freguezia.

Itatiaya

Que cobraria toda esta freguezia Bertholameu Fialho.

Itaubira

Que cobraria toda esta freguezia Vallerio Pinto.

E Por esta maneira Ouuerão por nomeadas as pessoas que hão de cobrar o Lançamt.^o dos quintos por intenderem ser capazes e mandaraõ que se passassem ordens' com o que a cada hum dos nomeados toca na forma deClarada para que logo cobrem metade de sua importancia e a outra metade no termo de tres mezes e asim ouuerão a variação por feita de que mandaraõ fazer este termo que asinaraõ Miguel de Andre. Frr.^a esCriuaõ da camera o esCreuy.

Menezes — Gama — Gandauo — Viegas — Oliur.^a
— Lopes.

ANNO DE 1716

Juizes: — João Carvalho da Silva, Leonel da Gama.

Vereadores: — Antonio Alves de Magalhães, Domingos de
Araujo Antas, João Pinto da Silva.

Procurador do Concelho: — José Luiz Sol.

Thesoureiro: — João Salles de Carvalho.

Informação sobre alguns periodicos da Bibliotheca Nacional

por

CASSIUS BERLINK

(Director da Secção de Publicações Periodicas)

Informação sobre alguns periodicos da Bibliotheca Nacional

por

CASSIUS BERLINK

(Director da Secção de Publicações Periodicas)

Foi com accentuada hesitação que nos resolvemos a contribuir para o presente volume dos "Annaes da Bibliotheca Nacional". Neste monumento, erigido pelo eminente e venerando Ramiz Galvão, honra da cultura brasileira, deixaram trabalhos indeleveis Capistrano de Abreu, Valle Cabral, Teixeira de Mello, e tantos outros nomes illustres. Pareceu-nos ousadia firmar o nosso no mesmo Annuario em que fulguraram aquelles; mas, por outro lado, era tambem dever de officio fazer alguma cousa pelo periodico que representa as tradições e o esforço desta Casa. Examinadas com attenção algumas publicações que fazem parte do nosso opulento acervo, e que interessam ao Brasil, entendemos constituir com esse exame a materia da nossa "Informação". Não encontrarão os que lerem, cousas relevantes, mas talvez lhes deparem nugas curiosas no dominio da hemeroteca, ou da "hemeriotheca", conforme o vocabulo cunhado pelo Dr. Ramiz Galvão, na sua carta ao "Jornal do Commercio", em 16 de Janeiro de 1935: "A proposito de Hemeroteca". (1) Cousas curiosas no sentido restricto da nossa profissão ás vezes não são assim julgadas pela maioria; mas não temos intenção de bordar themas literarios, e, assim, permaneceremos em os nossos arraiaes.

Que a "Gazeta do Rio de Janeiro" foi o primeiro periodico impresso no Brasil, e a "Idade D'Ouro"... o segundo, tem sido dito e repetido; e ainda o lemos recentissimamente na interessante synthese publicada no "Jornal do Commercio" de domingo, 9 de Fevereiro de 1936, da lavra do bom conhecedor Dr. Mario A. Freire. Apenas nesta synthese está escripto "Edade de Ouro", talvez por um lapso de impressão, quando o titulo

(1) Ver tambem: *Hemereotheca*, communicado ao *Jornal do Commercio*, de 4 e 5 (terça-feira) de Fevereiro de 1935.

exacto do bi-hebdomadario é "Idade D'Ouro do Brazil", conforme os exemplares existentes na Bibliotheca Nacional, e a reproducção photographica do 1.º numero, existente apenas no Instituto Historico, que occorre na "Genese e Progressos da Imprensa Periodica" pelo Dr. Alfredo de Carvalho", no tomo especial da "Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro". Parte I - 1908.

"Idade de Ouro" o chamam geralmente os que se occuparam do assumpto, como José Verissimo, no 1.º volume do Livro do Centenario (citado em Rocha Pombo, Historia do Brasil, vol. IX), o qual diz que foi publicado em "7 de Janeiro de 1812", quando sahiu dos prélos em "14 de Maio de 1811", conforme se pôde vêr na reproducção photographica a que alludimos.

Confiou o autor provavelmente em informações que reputou abalisadas, sem examinar o proprio documento. Isto é até certo ponto natural, porque, só quem nunca teve necessidade de recorrer a archivos e bibliothecas, é que não sabe os obstaculos que se deparam, e que ás vezes annullam uma serie de esforços tenazes para uma verificação.

A "Gazeta do Rio de Janeiro", sahida a 10 de Setembro de 1808, continua a ser o primeiro jornal impresso no Brasil, apesar da tentativa feita pelo Dr. Hermeto Lima, no "Jornal do Brasil" de 10 de Setembro de 1935, para demonstrar ao contrario. ("O primeiro jornal do Rio").

Diz o distincto articulista:

"A primeira publicação com feição de jornal que nasceu no Rio de Janeiro appareceu a 13 de Maio de 1808, quatro meses antes de ter saído a "Gazeta do Rio de Janeiro", e tinha por titulo "Relação dos despachos publicados na Côrte pelo expediente da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros. Saiu da Impressão Regia de onde tambem saiu a "Gazeta".

Justificando a sua opinião continua:

"A "Relação dos despachos" durou até 1815 e não tinha dia certo para sair. Durante toda a sua existencia foi publicada 22 vezes. Saía quasi sempre nas datas festivas da familia imperial. Assim é que foi publicada nos anniversarios de D. João VI, da rainha D. Maria I, do Principe da Beira e da Princesa Maria Benedicta. "Dir-se-á (prosegue) que a "Relação dos despachos" não era propriamente um jornal, mas mudar-se-á de ideia, sabendo-se que com

esse nome de “Relação”, appareceu em Portugal, em 1625 a primeira publicação com feição de jornal. Chamava-se *Relação Universal do que succede em Portugal e mais provincias do Occidente e Oriente*”.

“Alem disso, em Strasburgo, havia por esse tempo um jornal com o nome de “*Relation Aller Furnemmen und gedenckwurdgen Historien*”. Em Madrid, havia tambem outra publicação denominada “*Relacion o Gazeta de alcunos casos particulares, tanto politicos como militares succedidos en la mayor parte del mundo*”. “Isto posto tudo faz crer que o termo “Relação” era naquelle tempo dado ao que hoje chamamos “jornal” que nada mais é, afinal, senão a relação dos fatos do dia. Portanto o seu ao seu dono: — O primeiro periodico publicado nesta cidade, não foi a “*Gazeta do Rio de Janeiro*” mas sim a “*Relação dos despachos*”.

A publicação de Strasburgo a que se refere o autor do artigo, deve ser a descoberta por Opel, na Universidade de Heidelberg, em 1876, (*Fuernehmmen und Gedenckwurdigen Historien*), 52 numeros, do anno de 1609.

E’ muito razoavel suppor que o termo “Relação” fosse dado ao que hoje chamamos “jornal; mas não é tão logico comparar o feitio desta publicação no seculo 17 com o de um periodico do seculo XIX. Surgida a “*Relação dos despachos*” entre a data em que se publicou o “*Correio Braziliense*”, (1 de Junho de 1808) em Londres, e a *Gazeta do Rio de Janeiro* (10 de Setembro de 1808), apresenta-se com um aspecto inteiramente diverso daquelles jornaes, mostrando claramente não ser um periodico, na accepção synonyma de “gazeta”, mas, quando muito, “uma publicação periodica”, o que é cousa muito diversa.

Para que se não argumente com o atraso da cultura da ex-colônia, na epoca, ponderamos que a côrte de D. João VI ia dotar o Rio de Janeiro de todo o aparelhamento administrativo e intellectual que constituia a cultura portugueza na época; e que o pericdismo em Lisboa, embora atrasado no momento, não era constituído de boletins, onde só fossem registrados decretos nobiliarchicos, ou medidas de caracter administrativo apenas.

Quanto á feição do jornalismo em Portugal, nos diz Mendes dos Remedios, referindo-se aos do seculo XVIII: “Mas para avaliar o que eram taes jornaes basta dizer-se que a espantosa catástrophe do terremoto de Lisboa em 1755 é

contada em seis linhas apenas, assim: **Lisboa, 6 de novembro de 1755. O dia primeiro do corrente ficará memoravel a todos os séculos, pelos terramotos e incêndios que arruinaram uma grande parte d'esta cidade; mas tem havido a felicidade de se acharem nas ruinas os cofres da fazenda real e da maior parte dos particulares. E a 13 do mesmo mês outras oito linhas e nada mais.**

Só com as idéas liberais, depois de 1820, é que o jornalismo se propaga e se engrandece..." (Historia da Literatura Portuguesa... sexta edição, 1930 pag. 345).

Mesmo com essa citação, e tomando por hypothese exactamente o periodismo logo no começo do seculo XIX em Lisboa, nas condições referidas, encontra-se "o commentario, a opinião, opinião do redactor", um julgamento elementar do facto, e não apenas a nota official, o decreto, a ordem regia, uma especie de "ACTA DIURNA" transplantada para o seculo XIX... Quem examinou a "Relação dos despachos" existentes na Bibliotheca Nacional, não pode ter outra impressão, ao confrontal-a mesmo com a elementar "Gazeta do Rio de Janeiro", que não seja estar em presença de um boletim, de um méro boletim official, talvez, com boa vontade, "publicação periodica", (visto não ser nem mesmo um "Diario Oficial" pela ausencia de numeração da serie e outros caracteristicos de jornal), mas nunca "periodico", no sentido do jornal, gazeta, diario, hebdomadario, ou mensario.

Em a nossa Secção da Bibliotheca Nacional (Secção de periodicos) temos uma infinidade de publicações que saem em prazos fixos, regularmente, periodicamente, como os annuarios, boletins, mensagens, relatorios, orçamentos, e que nada tem com o "periodismo" ou jornalismo, geralmente aqui chamada "Imprensa".

Essas divagações que fizemos são apenas para fixar as ideias sobre o assumpto.

O segundo jornal publicado no Brasil, foi, como já o tem repetido numerosos trabalhos sobre a especialidade, a "Idade D'ouro do Brazil". Convém, para o rigor da informação, que seja gravado o titulo exactamente como se lê no pe-

riodico. E' preciso abolir "Idade de Ouro", e "Edade de Ouro", que se encontram a meude, pois não dá a impressão verdadeira do cabeçalho do jornal.

Conhecemos apenas duas collecções deste jornal: a da Bibliotheca Nacional, e a do Instituto Historico.

Possue o "Instituto" o "unico numero 1" conhecido deste jornal, que sahiu da Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva, na cidade da Bahia. Publicado pela 1.^a vez em 14 de Maio de 1811, foi, affirmam, (1) até 1823. E' o primeiro jornal da Bahia.

A serie onde figura o seu primeiro numero é mais importante e mais numerosa do que a da Bibliotheca Nacional. Consta dos annos de 1811 e 1812 em dois volumes encadernados, e faz parte da collecção "Thereza Christina" da quasi secular e benemerita instituição fundada por Januario da Cunha Barbosa. O 1.^o volume vae do n.^o 1 ao 67; este em 31 de Dezembro de 1811; ao 2.^o falta o n.^o 1; e vae do n.^o 2 de 7 de Janeiro de 1812 ao 104, em 29 de Dezembro de 1812.

Na Bibliotheca Nacional, no tempo da publicação do Catalogo de Cimelios (1885), constatavam-se apenas dois exemplares: um de 1814, e outro de 1816. Hoje, fazem parte do nosso acervo 44 números, entre 1812 e 1818, havendo numerosas lacunas.

O n.^o mais antigo é o 15, de 21 de Fevereiro de 1812; o mais adiantado é o 92; de 20 de Novembro de 1818. Pertencem quasi todos a "Collecção Benedicto Ottoni", e não estão encardnados. Estado de conservação, bom.

A "Minerva Brasiliense" (n.^o 5140 do Catalogo da Exposição de Historia do Brasil da Bibliotheca Nacional) é um periodico interessantissimo que appareceu de 1843 a 1845. Tinha por titulo **Minerva Brasiliense**, Jornal de Sciencias, Lettras e Artes, publicado por uma Associação de Litteratos".

Esses literatos conforme diz o referido "Catalogo", e se vê no mesmo periodico chamavam-se: Domingos José Gonçalves de Magalhães, Francisco de Salles Torres Homem,

(1) — Alfredo de Carvalho — *Annaes da Imprensa da Bahia* — 1811-1910.

Francisco Bernardino Ribeiro, Francisco José Pinheiro Guimarães, Emilio Joaquim da Silva Maia, Joaquim Caetano da Silva, Joaquim Noberto de Sousa Silva.

Apesar da critica do "Ostensor Brasileiro", era uma preciosa publicação, mantida com os maiores sacrificios.

Das tres collecções que conheciamos a mais incompleta era a do Instituto Historico, onde o ultimo numero é de 15 de Outubro de 1844, indo do n.º 1 (15 de Novembro de 1843) ao n.º 24.

Suppunhamos a collecção da Bibliotheca Nacional terminando em 12 de Junho de 1845; e unica completa a do Itamaraty, que vae até julho de 1846; mas nos enganavamos:

Com as pesquisas para o presente trabalho ficou averiguado que o fim da "Minerva" se achava no fichario da sala de consulta, ao passo que o começo se encontrava no catalogo do "Reservado". Assim se integrou a collecção que ficou no local destinado aos exemplares raros e preciosos. A numeração de 15 de Novembro de 1844 até 12 de Junho de 1845 é singular: vemos a serie 1, 3, 5, 7, 9, 11, dando a impressão de falha; e segue-se o n.º 12. Quem examinar os trabalhos que traz verá que está completa. O exemplar integral do periodico deve constar de tres volumes grandes, em formato in-4.º e dois de formato apparente de 8.º, mas com a marcação de 4.º em quasi todos os cadernos.

As dimensões em milímetros tomadas na primeira pagina são: volumes de formato in-4.º 273 x 204; os de formato in-8.º 213 x 135. Bom estado de conservação o nosso exemplar. Nos dois ultimos volumes a "Minerva Brasiliense" torna-se mais accentuadamente "revista", termo que ocorre accidentalmente no proprio periodico. Augmenta o número de paginas; desaparece a data e a numeração da serie. Em um trabalho sobre botanica descobre-se uma data: "8 de Julho de 1845". A luz que se ia extinguir lança clarões mais vivos.

Estes dois ultimos volumes são preciosos. A elles se refere Arthur Motta a pag. 290 do 2.º vol. da sua "Historia da Literatura Brasileira" sob o titulo "Bibliotheca Brasileira" sob o patrocínio da Minerva Brasiliense; mas é preciso não perder de vista que é a propria "Minerva".

A "Minerva" começa a publicar a "Bibliotheca Brasileira", que é a materia principal da revista. São trabalhos de brasileiros e de traducções referentes ao Brasil. No volume IV encontramos as "Cartas Chilenas" (ahi apenas 7). O vene-

rando ancião que confiou o manuscrito á “Minerva” lhes deu um attestado de autoria nestes termos: “Tenho motivos para certificar que o Dr. Thomaz Antonio de Gonzaga he o autor das Cartas Chilenas. Francisco das Chagas Ribeiro”.

Apesar disso, Caio de Mello Franco, na sua obra: “O Inconfidente Claudio Manoel da Costa — O Parnazo Obsequioso e as “Cartas Chilenas” — (1931) provou que a autoria cabe ao autor de “Villa Rica”. Resolveu a questão definitivamente, conforme diz Rodolpho Garcia, em annotação á Historia Geral do Brasil, de Varnhagen, 3.^a edição integral, tomo quarto, pg. 425.

Ainda no tomo IV occorrem: “Uruguay”, de José Basilic da Gama, publicado em 1845; “Do Estado Conjugal”, de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes (Discursos Politico-Moraes).

No tomo V destaca-se: “Literatura Romantica da Poesia Popular” — contribuição de Joaquim Norberto de Sousa Silva; e a collaboração de Antonio Francisco Dutra e Mello “Huma Visão” trechos de prosa; “A Noite”, poesia notavel.

Dutra e Mello promette a publicação das “Inspirações poeticas”.

E’ nome de relevo em a nossa literatura o do poeta lutador, fallecido exaustao aos 23 annos de idade, e deixando um sulco luminoso.

Temos lido na “Historia da Litteratura Brasileira” de Sylvio Roméro, que Luiz Francisco da Veiga lhe dedicou excellente estudo. O eminente sergipano destaca Dutra e Mello singularmente. Foi com praser que ouvimos em fins do anno passado o Dr. Luiz Phelippe Vieira Souto communicar, em uma das suas interessantes conferencias literarias que tinha a publicar um trabalho completo sobre Dutra e Mello, calcado em numerosos documentos originaes. Será uma preciosa contribuição para a nossa cultura intellectual.

Vamos encerrar as nossas considerações sobre a Minerva transcrevendo a sua despedida do publico. Reconhecemos monotono para o leitor ler largas transcripções, mas, repetimos, o que vae escripto não é literatura, nem recreio de espirito: é contribuição bibliographica, e portanto arida, ainda que talvez util para algumas pesquisas:

“Aos nossos assignantes:

Com este volume (que assim cumpre chamal-o, por conter a materia de tres ou mais numeros) termina o terceiro

anno da "Minerva Brasiliense". Quando empreendemos continual-a com a nova serie que deste modo acaba, não previamos as contrariedades que deviam transtornar as nossas combinações e utilizar os esforços da nossa boa vontade, e desejo de promover por certa fôrma a maxima illustração e o licito recreio das pessoas dadas á leitura. Promessas nos foram feitas de artigos que deviam satisfazer a huma das necessidades literarias da epoca e do paiz, novos assignantes, auxilios de toda especie, e por fatalidade em cousas ou cousas que inutil seria assignalar, esses artigos tão preconisados, esse auxilio e animação de todos os generos, ficarão ahi no mundo dos possiveis, na vontade indeterminada e sómente deliberativa de quem tanto nos quiz fazer. Em taes circumstancias a "Minerva" deve retirar-se e deixar o campo a quem mais habil ou mais feliz, podesse preencher a missão de propagar luzes. Não quiz todavia fazel-o sem procurar de algum modo indemnisar aquelles dos seus assignantes que subscreveram annualmente da perda que teriam se ella cedesse desde logo. Pouco temos que dizer sobre o conteudo das tres series que ficão publicadas: a "Minerva Brasiliense" merece benevolencia e encomios a muitos e muitos sabios nacionaes e estrangeiros, consignou variada e amena literatura, erudições de mais de um genero, e finalmente deo o exemplo abrindo nova estrada através dos abrolhos... Oxalá que outros mais felizes o explorem...

Antes de terminar estas poucas linhas, he nosso dever fallar de uma proposição mal soante, heterodoxa, digamos assim, e temeraria, no conceito dos que em S. M. o Imperador reconhecem, louvam e exalçam o mais egregio e munifico Protector das letras, das artes e das sciencias. No precedente numero, tratando da grande composição épica consagrada á Independencia pelo nosso amigo o Sr. Teixeira e Sousa, diz o autor do artigo a que alludimos, ou parece dizer, que esperando o poeta alento e auxilios pelo menos indirectos, nada alcançou do favor imperial, e póde ahi temer a sorte de Camões, igualmente desfavorecido pelos reis de Portugal. Como a nossa "opinião" a respeito do alto patrocínio que S. M. dispensa ás letras, e ás corporações scientificas está exarada nos nossos discursos proferidos no Collegio Imperial Pedro II, e de um modo sobejamente explicito; como essa opinião é diametralmente opposta a precitada, só por inadvertencia podíamos consentir na impressão de artigo semelhante. Não he de crer que quisessemos comprometter-nos de proposito para dar publicidade á hum para-

doxo desta laia, ~~prophecia~~ ^{prophecia} afflictiva que annuncia a pobreza, hospital e morte de Camões a hum amigo, no momento em que as suas obras circulam e quando seus amigos se associam com elle em empresas commerciaes”.....

Tratemos agora um pouco do “Ostensor Brasileiro”, mais ou menos nos moldes da “Minerva Brasiliense” e que teve menos vida, falecendo dos mesmos males. Publicou-se de 1845 a 1846, sahindo aos sabbados. O seu julgamento sobre o collega desaparecido foi o seguinte:

“O primeiro numero da “Minerva Brasiliense” desagradou-nos; não gostamos de fallar dos mortos, porem assim é preciso; o primeiro numero desagradou-nos, porque mostrava clara e distinctamente não preencher a falta em que estavamos de um jornal popular; seu plano foi mal pensado, ou mal executado e essas trinta paginas deviam certamente aborrecer os leitores para quem foram escriptas, era muito alimento para estomagos fracos, e era muitissimo forte o alimento...”

O “Ostensor Brasileiro” luctou contra a mesma falta de recursos da “Minerva”. E’ um jornal interessante, illustrado com algumas lithographias cujo desenho e execução lhe custaram sacrificios, dissabores e atrasos de publicação.

A folha de rosto do successor no genero, do jornal extinto, no exemplar do “Reservado” 1, 1, 11, diz: **“Ostensor Brasileiro.”** Collecção de Produções originaes em prosa e verso sobre aspectos pertencentes á historia politica e geographica da terra de Santa Cruz por Vicente Pereira de Carvalho Guimarães e João José Moreira. Ornado com numerosas gravuras.

“Rio de Janeiro. A’ venda em casa de Eduardo e Henrique Laemmert”.

Não occorre data.

O frontispicio lithographado, com figuras allegoricas, e um oval no 2.º plano com uma vista da entrada da bahia do Rio de Janeiro traz os dizeres mais ou menos constantes do n.º 5163 do nosso “Catalogo da Exposição de Historia...”.

Jornal litterario e pictorial publicado por Vicente Pereira de Carvalho Guimaraens e João José Moreira 1845-1846. (in-4.º com est. B. N.)

Os numeros não têm data.

A Bibliotheca Nacional possui no seu “Reservado” 4 exemplares do “Ostensor, mas não são exactamente iguaes. O

exemplar 1, 1, 12 não tem folha de rosto, mas conserva a de frontispício, com o título que já transcrevemos, e mais a indicação: "Lith. Ludwig & Briggs".

No 1, 1, 13 o n.º 1 começa na pg. 7 e termina na 410, quando o exemplar completo tem 416 pg. Occorre ainda no mesmo uma nota a lapis (alem de outras a tinta) dizendo: "Parece que este exemplar se publicou em 1846. Vid. pag. 378, artigo Oração, onde se encontra esta data". A data a que se refere a nota é: 7 de Março de 1846: e vê-se a falta que faz ao volume a folha de frontispício, onde está impressa a data claramente, 1845 - 1846, como já vimos.

O exemplar localizado em 1, 1, 14 não tem frontispício nem folha de rosto.

O facto mais interessante occorrente nestes exemplares é o seguinte: dos que terminam normalmente com o seu índice alphabetico de materias, e se encerram pela palavra "Fim", destaca-se o 1, 1, 11, no qual, abaixo da palavra "Fim" ocorre impressa uma "Observação, que constituindo interessantissima "variante" bibliographica, é de grande valor para quem pesquisa. Vamos transcrevel-a, conservando a disposição propria.

"Observação

"A Redação do Ostensor Brasileiro, obrigada por varias circumstancias, teve que suspender a publicação do seu Periodico, achando-se portanto completa esta Obra com os 52 numeros contidos no presente volume.

Typ. do Ostentor Brasileiro.

Rua de Santa Theresa, 86".

Ora, no fim do volume (1846) podemos ler uma apreciação do estado da revista, as difficuldades que encontrou (como a "Minerva"), e estas palavras: "o publico decidirá se o Ostensor deve continuar ou não. As subscrições para o 2.º volume continuam a receber-se em casa dos Srs. Agostinho de Freitas Guimarães... e Paula Brito. Sahirá á luz sob novas condições que levamos declarado..."

Quem estudar um assumpto qualquer da epoca, que dependa dos seus jornaes, gazetas e revistas, e precise seguir-o em uma ordem logica e chronologica terá necessidade de ficar certo si determinadas publicações que assim acabam, estão completas. Si por accaso não existirá a continuação em outras bibliothecas e archivos. O pesquisador que precisasse seguir um

assumpto, como por exemplo a collaboração completa de Dutra e Mello naquelle jornal, esse, começando a pesquisa no Instituto Historico, passaria á Bibliotheca Nacional, e teria talvez de completal-o na Bibliotheca do Itamaraty antigamente, antes da integração do exemplar.

Si no caso do Ostensor lhe pusessem na mão, o “único exemplar” da Bibliotheca Nacional que tem a “Observação,” elle não se cansaria, ou não perderia o seu tempo precioso em outros logares. Departamentos publicos ou particulares que possuam collecções de jornaes antigos são raros. Ha casos em que existindo esses jornaes, a consulta só é possível a quem não faça outra cousa.

Outro periodico interessante é a “Luz Brasileira”.

N.º 5122 do nosso “Catalogo da Exposição de Historia do Brasil”, serviu de objecto a uma interessante informação firmada pelo Sr. Sylvio Cravo, a quem não temos o prazer de reconhecer, mas que dedica aos assumptos que nos interessam a mais intelligente attenção. O seu trabalho “Controversias bibliographicas” (Jornal do Commercio de 6 de Outubro de 1935), trouxe-nos uma achega interessante no terreno particular da hemeriotheca. alem do mais. Revelou a existencia de um n.º 90 da “Luz Brasileira”, publicado 6 meses depois de findo o jornal, e que parece não possuirmos; numero que consta da collecção completa que o Sr. Sylvio Cravo possui.

Ccm effeito o n.º 5122 do Catalogo acima citado diz: “O n.º 1 é de 11 de Setembro de 1829, e o ultimo (n.º 89) de 15 de Setembro de 1830”.

Pedimos venia ao autor da curiosa nota bibliographica para transcrever o trecho que reproduz, e o que parece não possuirmos: “Ao respeitavel Publico Brasileiro” (n.º 89 de 15 de Setembro) “as continuadas molestias, precisões e falta do necessario, que experimentei, sem remedio, quasi diariamente; a despeza da folha, e outras misérias, que por vergonha minha omitto; todas estas razões são motivo mais que sufficiente para não poder continuar a honrosa missão de defender os Direitos de minha Patria, o malfadado Brasil”. O fecho que não conhecemos é o seguinte:

“Outra vez toma seu clarão ainda que por pouco tempo a “Luz Brasileira”, esse papelucho temivel que tanto odiavam os mochos, ou vampiros sangui-sedentos, que só amam as trevas”.

Como diz o revelador desse numero desconhecido, a "Luz Brasileira" era contra "os Negros Absolutistas Recolonizadores, Inimigos do Brasil", e o seu proprietario o patriota Silverio Marianno Quevedo de Lacerda.

Contamos na Bibliotheca Nacional um volume incompleto do periodico em apreço, e outro que vae até o numero 89. Não se pode affirmar a inexistencia do jornal 90, embora desconhecessemos. Ha duas livrarias que ainda não estão incorporadas ao catalogo — a Bibliotheca Fluminense e a Colleção Guinle, esta organizada pelo grande bibliophilo Francisco Ramos Paz, e comprada e doada á Bibliotheca Nacional pela familia Guinle. Parece ter chegado o momento em que esta incorporação se vae fazer. Nestas livrarias ha numerosissimos volumes de jornaes, e exemplares commemorativos preciosos. E' bem possivel que entre esses peridicos surja o n.º 90 da Luz Brasileira.

Alem disso a separação dos jornaes, revistas, etc., realisada por occasião de se crear na Bibliotheca a Secção de Periodicos, em substituição da de Numismatica que passou para o Museu Historico (Dec. n.º 15.670, de 6 de Setembro de 1922) ainda se continua a fazer.

Da Secção de Impressos, onde estavam incorporadas as publicações periodicas antes de 1922, continuam a vir jornaes que vão sendo remettidos a proporção que se encontram, portanto mais uma probabilidade para nós de possuirmos o precioso n.º 90. Os 104.314 volumes encontrados em a nossa secção na ultima contagem summaria (Maio de 1934) se vão singularmente accrescendo.

Até aqui temos tratado dos periodicos, anatomicamente, se nos permitem a expressão. Com elles á vista, escarpelando-os. O mesmo não poderemos fazer com o "Compilador Mineiro". Não temos esse jornal á mão.

A elle se prende ou se prendia uma controversia que não tem mais motivo de ser. Tendo a "Revista do Instituto Historico" no tomo consagrado á Exposição Commemorativa do Primeiro Centenario da Imprensa Periodica no Brasil — 1908 "Parte I", reproduzido photographicamente o 1.º numero desse jornal, que é de 13 de Outubro de 1823, e sendo o 1.º numero o da "Abelha do Itacolumy" de 12 de Janeiro de 1824 estava morta a questão de prioridade. Entretanto, para dirimir a não precisava isto. Está claramente resolvida no primeiro numero da mesma "Abelha do Itacolumy", e admira que José

Verissimo em 1900, no seu trabalho "A Imprensa" — "Livro do Centenario" (4.º) da descoberta do Brasil, dissesse, a pg. 63 da sua Memoria: "Da Officina Patricia, sahiu em 14 de Janeiro de 1824, **o primeiro jornal mineiro** (o negrito é nosso): cousa que foi repetida em Rocha Pombo, como já falámos, e outros autores.

A "Abelha de Itacolomy", cuja colleção completa possuímos, faltando apenas a 1.ª pg. do 2.º volume, resolve no seu primeiro numero, logo de inicio, essa duvida, nos termos que vamos citar: "Trabalhar para o bem geral hé a mais imperiosa obrigação, que a Natureza e a Religião impõe ao homem na sociedade. Este dever principalmente, e a instigação de algumas pessoas zelosas da ordem e prosperidade publica nos forçarão a emprehender a redacção da presente folha **substituindo com notavel desigualdade ao Compilador Mineiro, cujo illustre redactor, tanto por incommodo de saude, como occupado no louvavel, e patriotico empenho de um Estabelecimento de primeira necessidade no Paiz, deixou de continuar no seu tão bem começado trabalho...**" Isto posto, parece que só o desconhecimento do jornal podia trazer á baila por tanto tempo assumpto tão facil de resolver...

Em um retalho de jornal que chegou ás nossas mãos sem data, e no qual se lê apenas "A. N." (...), no centro; e a esquerda (...) "A E S", tivemos uma interessante informação de **Sandoval Campos**, que tem por titulo: "O primeiro jornal publicado em Minas Geraes". Diz o artigo:

"Sob o titulo acima estampeei a 25 de Abril passado, nas columnas do "Minas Geraes", de Bello Horizonte, ligeiro commentario relativamente á fundação do "Compilador Mineiro", primeiro periodico apparecido em Villa Rica, em 1823, conforme o documento de maior segurança que conservo em meu poder.

Só agora entretanto tive conhecimento por informação vagamente prestada por um amigo, de que illustre confrade do Rio contestára, aliás cavallhereiscamente, a prioridade daquelle periodico, citando o titulo de outra folha que, primeiro, teria apparecido na antiga provincia de Minas Geraes. Por mais de uma vez tenho desfeito esta controversia amplamente debatida pela imprensa de Bello Horizonte, além de uma memoria que publiquei, em 1922, em edição Commemorativa do Centenario da Independencia, exclusivamente dedicada ao histori-

co da imprensa mineira, creada em Villa Rica, ha 103 annos pelo genio artistico da padre José Joaquim Viegas de Menezes...

O "Compilador Mineiro" surgiu entre as aureas montanhas de Villa Rica, a 13 de Outubro de 1823, conforme se vê no cabeçalho do seu primeiro numero. Se anteriormente se publicára ali outro periodico, ou em qualquer outra localidade mineira, como teria dito o meu illustre contendor, não ha desse facto a menor noticia no Archivo Publico Mineiro, a melhor e a mais legitima fonte de informações, em cujo acervo de preciosos documentos, estudei demoradamente o interessante assumpto, penetrando na mais longinqua extensão do passado para conhecer, com segurança os factos que determinaram a fundação da imprensa em Minas Geraes, e sobre os quaes tive oportunidade de publicar, no volume Imprensa Mineira, curiosas notas historicas, de par com abundante commentario, re-memorando o esforço dos que primeiro implantaram nesta terra a invenção luminosa de Gutemberg..."

Neste assumpto, o trabalho publicado no Jornal do Commercio de 9 de Fevereiro do corrente anno, elaborado pelo Dr. Mario Freire, é um pouco obscuro na sua redacção, quando podia ter feito logo uma affirmacção positiva, dando claramente ao "Compilador Mineiro" o lugar que lhe compete.

Um dos melhores trabalhos de conjuncto que temos lido sobre o periodismo brasileiro é o do Dr. Max Fleiuss, secretario perpetuo do Instituto Historico. Começa á pg. 589 das "Paginas de Historia", collectanea de trabalhos seus, publicados em jornaes, na Revista do Instituto Historico, e em outros logares. Intitula-se: "Subsidios para a historia da imprensa no Brasil".

Trata longamente da Illustração Brasileira, reimprimindo as celebres chronicas que Machado de Assis escreveu com o pseudonymo de "Manassés". primeiro intitulas "Historias dos Quinze Dias" e depois "Historias dos trinta dias", que são como diz o autor dos "Subsidios", "uma verdadeira resenha d'aquelles tempos".

Anteriormente aos trabalhos por ventura publicados sobre o periodismo do Rio Grande do Sul, por occasião do Centenario da Revolução Farroupilha, e que ainda não chegaram ás nossas mãos, veio á luz a separata do vol. XXX das publicações do Archivo Nacional (1934) intitulado o "Colono Alle-

mão”, (1) trabalho do Dr. Aurelio Porto sobre a imprensa periodica do Rio Grande do Sul. E’ trabalho de grande interesse e que citamos, embora o “Colono Allemão” não se encontre em nossas series.

No “Colono Allemão” occorrem as “Notas para a Historia da Imprensa Riograndense” da lavra do Dr. Aurelio Porto, e se estuda o primeiro periodico daquella então provincia: “Diario de Porto Alegre” (1827-1828); e a Tipographia Imperial do Exercito.

Antes de concluir e pondo de parte as injuncções severas do methodo, como si fôssemos adeptos do “marinettismo”, digamos ainda alguma cousa sobre a “Relação dos despachos”, e “Gazeta do Rio de Janeiro”. Quem primeiro lançou a questão da Relação dos Despachos ser uma publicação periodica, e a primeira sahida á luz no Brasil, foi a bella intelligencia de Antonio Cicero Peregrino da Silva, redactor do Jornal do Commercio. Isto foi exposto no folheto: “A Imprensa hontem e hoje, no Brasil, na America, Europa, Asia...”, separata mandada fazer pela Associação Brasileira da Imprensa com permissão do Jornal do Commercio, do trabalho do mesmo titulo, publicado por occasião do centenario do extraordinario orgão da nossa imprensa periodica, 1 de Outubro de 1927.

Tivemos o folheto nas mãos, de relance, lemos as passagens que interessam ao assumpto, mas até agora não conseguimos obtel-o para mais demorada analyse. E, cousa singular, cansamos de procurar no “Jornal do Commercio”, numero commemorativo, os trechos lidos no folheto, e não houve meio de achal-os. Pressa e difficuldade de manuseio do jornal, com certeza.

Antonio Cicero declara entretanto que as suas considerações não tiram á “Gazeta do Rio de Janeiro” as honras do primeiro jornal impresso no Brasil. (2)

Para encerrar o assumpto, pedimos licença ao Dr. Mario de Sousa Ferreira, tão profundo conhecedor do nosso periodismo, para reproduzir aqui a preciosa “informação” que deu á Secção de Periodicos da Bibliotheca Nacional, sobre as publicações que se prendem á Gazeta do Rio de Janeiro, quan-

(1) Vide *in-fine* « Última Informação ».

(2) Exemplar do *Archivo Nacional*, reproduzido photographicamente, e de summa raridade.

to á publicação de actos officiaes. Ella tem um character pratico da maxima utilidade: “De 1808 á 1841 foram publicadas as seguintes folhas officiaes, isto é, jornaes que, com a devida autorisação, publicavam os actos officiaes do Governo:

“Gazeta do Rio de Janeiro” — 10 de Setembro de 1808 a 31 de Dezembro de 1822.

“Diario do Governo” — 2 de Janeiro de 1823 a 20 de Maio de 1824.

“Diario Fluminense — 21 de Maio de 1824 a 23 de Abril de 1831.

“Diario do Governo” — de 25 de Maio de 1831 a 28 de Junho de 1833.

“Correio Official” — de 1 de Julho de 1833 a 14 de Agosto de 1841, e, **não 31 de Dezembro de 1839**, como se lê a paginas 97 da “Memoria Historica da Imprensa Nacional” (o negrito é nosso).

Desde esta ultima data os actos do Governo foram publicados no “Jornal do Commercio”. De facto em seu numero de 15 e 16 de Agosto deste anno appareceu o seguinte “Aviso”: “Tendo cessado o Correio Official, serão publicados d’ora em diante no Jornal do Commercio todos os actos do Governo” — E assim foi, annos a fio, mesmo depois de haver terminado o respectivo contracto e, ainda, após o apparecimento da “Gazeta Official do Imperio do Brasil” — de 1 de Setembro de 1846 a 31 de Julho de 1848. Nova interrupção, durante a qual os actos officiaes eram publicados no “Diario do Rio de Janeiro” e tambem no Jornal do Commercio, e que cessou com o apparecimento do “Diario Official do Imperio do Brasil” — 1 de Outubro de 1862, que, com mudança de titulo, dura até hoje.

O Dr. Mario de Sousa Ferreira, nome bem conhecido, a quem a Secção de Periodicos deve tão preciosa indicação, é um dos nossos assiduos consultantes, e escolhe os factos curiosos relatados pelo “Jornal do Commercio” de um seculo atrás, na columna actual, a isso consagrada. Organizou o “Catalogo Plancher”, que acompanha a obra de Felix Pacheco “Un Français Brésilien”, 1924; e uma resenha da imprensa periodica na cidade do Rio de Janeiro até 1840 em o numero especial do “Jornal do Commercio”, do centenario do mesmo, ao qual já nos referimos.

"A Vida Fluminense" é um jornal cuja menção nos tem escapado naquelles que se consagraram a estudos de conjunto do periodismo. Refiro-me á publicada entre 15 de Setembro de 1889 e 20 de Abril de 1890, á que temos entre estas duas datas, em nossas colleções; porquanto José Verissimo cita uma de 1869 — 1875.

E' uma illustração de um feitiço artistico notavel, e cuja collaboração era excellente. Contava nos seus arraiaes: redactores artisticos: Teixeira da Rocha Valle. Redactores litterarios: França Junior, Arthur Azevedo, Oscar Pederneiras, Oscar Guanabary, Gastão Bousquet. O director era Henrique Stepple.

Uma das suas boas paginas artisticas é a chegada do Conde d'Eu da sua Excursão ao Norte, onde foi, ao passo que Silva Jardim tambem o seguia, na sua propaganda republicana. Outra é o tiro do Barão do Ladario, que resistio ao ser preso.

Traz ainda o modelo da bandeira republicana do Brasil, o retrato de Martins Junior. Em 26 de Novembro de 1889 estampa o retrato de Antonietta Dias, a primeira moça que se formou em medicina no Brasil, ao que parece. Alem do retrato ha o commentario em texto.

A Bibliotheca possui dois exemplares desta revista, sendo este a que nos referimos o mais completo.

"O Paquete do Rio", citado em o n.º 4371 do "Catalogo da Exposição de Historia do Brasil", é raro. A sua colleção completa não sabemos onde pára, embora alguma coisa houvesse feito para encontral-a. O exemplar da Bibliotheca Nacional vae do n.º 96, em 2 de Maio de 1836, ao 216; 30 de Setembro do mesmo anno.

De grande formato, é bastante noticioso esse periodico, que tem informes e proclamações da insurreição farroupilha. Consta haver nos primeiros numeros referencias interessantes sobre Garibaldi, o que não foi possivel verificar pela falta da materia prima.

Ao Dr. Rodolpho Garcia, nosso director, devemos poder aqui mencionar "O Defensor da Legalidade". Na capa que o resguarda ocorre a nota: "Rarissimo. Figurou na Exposição de Imprensa. Não citado no Cat. da Exp. de Hist. Bras."

O perspicaz exame que desta publicação fez o nosso companheiro, sub-bibliothecario Adolpho Camara da Motta, revelou uma particularidade que ia escapando. Quem analysa este jornal, vê distinctamente a collecção decorrer entre o n.º 1 e 12; de 27 de Janeiro de 1835, a 2 de Setembro do mesmo anno. Pois é engano, conforme descobriu o Sr. Motta. O algarismo que parece 1 e se apresenta com um nitidez notavel, é o 4; tendo havido, ao que parece, erro de impressão. Occorre em outro numero a data 20 de Janeiro, depois da de 27 do mesmo mez. Folheado o exemplar verifica-se a existencia de um duplicado do n.º 4, e não haver na collecção o n.º 1.

A grande publicação desta Casa, o "Catalogo da Exposição de Historia do Brasil", cita (n.º 4746) "O Rio Grandense... Rio Grande Typ. de B. Berlink..." in-fol.

Está ligado ás nossas recordações este nome. Fundado pelo avô paterno, de quem escreve esta "Informação", nelle trabalhou como typographo Eudoro Berlink, ou Eudoro Brasileiro Berlink, seu filho, e que nos legou seu nome como herança. De typographo passou Eudoro, uma creança quasi, a redactor. A collecção completa deste jornal estava incorporada á sua bibliotheca, cedo dispersa. Esta collecção completa cremos não existir no Rio de Janeiro; e talvez só se encontre com difficuldade no Rio Grande do Sul. Examinamos os dois numeros da secção de periodicos. Diz o Cabeçalho:

"O Rio Grandense", propriedade de B. (1) Berlink publica-se nos dias que não forem de guarda: subscreve-se no escriptorio da typographia rua da Praia 174 a 18\$ por anno e 6\$ por trimestre pagos sempre adiantados. Os annuncios pagam 40 rs. a linha, sendo de assignantes, e 80 rs. não o sendo: communicados, publicações e correspondencias pelo que se ajustar".

Os exemplares que tivemos em mão foram: "60", de 16 de Março de 1853; e "214" de 29 de Setembro de 1853. Neste ultimo, em uma transcripção do "Mercantil da Bahia", lança a redacção a seguinte nota: "A navegação a vapor foi

(1) Bernardino.

introduzida na Bahia primeiro que em nenhuma parte do Brasil, pelo Sr. Marquez de Barbacena em 1818 ou 19: o vazo ou vapor era uma barca que navegava para a então Villa da Cachoeira hoje cidade”.

Foi nessa modesta folha que manejou a penna pela primeira vez Eudoro Berlink, passando depois ao semanario “O Guaiba”, collaborando em seguida na “Revista do Parthenon Litterario de Porto Alegre”; em Almanacks, e varios jornaes. Militando no Partido Conservador, escreveu aqui, no Rio, com o pseudonymo de “Cassius”, no “Jornal do Commercio”, em 1878, uma serie de artigos politicos como: “Banco Nacional, o Governo e a Magistratura” e “Ministerio Bancarroteiro”, “A Debandada Ministerial”, artigos que fizeram impressão.

Falaram do jornalista e escriptor, alem de outros: (1) Achyles Porto Alegre, em “Homens Illustres do Rio Grande do Sul” (1916); Damasceno Ferreira, em “Revivencias” (1928); Vilhena de Moraes no prefacio da obra de Berlink: “Apontamentos para a Historia Militar do Duque de Caxias...” (1934) e muito recentemente, como documentação, Luiz Vieira Souto no seu excellente trabalho “Arthur de Oliveira” (fins de 1935), o qual começou a sua educação no “Collegio Brasileiro”, de Eudoro Berlink, em Porto Alegre, conforme o Boletim reproduzido photographicamente no citado volume. Eudoro Berlink, o directr do Collegio, tinha então 19 annos. O trabalho do Dr. Vieira Souto pertence á “Collecção Afranio Peixoto”, bio-bibliographia.

Sabemos que neste trecho nos afastamos um tanto do terreno da “hemeriotheca”; mas o facto humano, o factor individual, tem que apparecer sempre em qualquer trabalho. A “impersonalidade” e a “impassibilidade” não foi sempre mantida rigorosamente, nem pelos proprios “parnasianos”; e por isso ahi fica um reflexo caracteristico...

Seria de desejar um estudo desenvolvido e rigorosamente exacto sobre o periodismo brasileiro em conjunto; mas feito com elementos sob analyse directa. A maior difficuldade

(1) Como Alfredo Varella, na sua grande obra sobre a guerra dos Farrapos.

é “reunir o esparso”, e desencantar o escondido ou esquecido. Os catalogos das differentes bibliothecas sobre as suas collecções de jornaes deviam ser feitos o mais depressa possivel, e tambem tendo esse fim em vista. Mas parecê que desandamos. Pelò numero especial da “Revista do Instituto” vemos que figuram como expositores, em 1908, a Bibliotheca Municipal e a Bibliotheca da Marinha. Na ultima não existem mais jornaes antigos, conforme nos informou o seu prestimoso bibliothecario, pois é especializada. Pena é que esses jornaes antigos não tivessem vindo para as nossas collecções.

Quanto aos da Municipal estão em organização...

A Bibliotheca do Itamaraty tambem especializada, trata de remetter para a Nacional os seus jornaes antigos, e duplicados de interesse, para se restringir ao seu campo proprio. Em nossa Bibliotheca vão se concentrando na secção de periodicos os que ainda se achavam em outras collecções. São estes os materiaes para escrever a historia do periodismo no Brasil, que pode ter varios aspectos. — Mas indispensavel é, que o autor saiba onde é que vae encontrar os alicerces da sua construção, e não se veja forçado a repetir, ás vezes, o que já foi affirmado, tambem por informação.

ULTIMA INFORMAÇÃO

Ao terminar a nossa contribuição, veio-nos ás mãos o opusculo “A Imprensa hontem e hoje no Brasil”..., de Antonio Cicero, e vamos transcrever alguns dos seus trechos para corroborar as nossas afirmativas. Que o leitor tenha paciencia com as transcrições... e o mais...

In-fine: “A primeira publicação periodica no Brasil.”

As “Relações dos Despachos.” Pag. 115:

“Antes da “Gazeta do Rio de Janeiro,” o primeiro jornal publicado no Brasil.... e antes mesmo do “Correio Brasiliense”... foi editado nesta Capital um avulso, que sem apresentar os verdadeiros caracteristicos do jornal em seu exacto sentido de informação geral, era um repositorio de actos officiaes, que se approximava pelo seu feitio das folhas primitivas e, como essas, sahia irregularmente.

Em 13 de Maio de 1808, antecedendo de pouco tempo aquelles dous periodicos, apparecia, ao inaugurar-se a Imprensa Regia, a "Relação dos Despachos publicados na Côrte pelo expediente da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, no faustissimo dia dos annos de S. A. R. o Principe Regente N. S. e de todos os mais, que se têm expedido pela mesma Secretaria desde a feliz chegada de S. A. R. aos Estados do Brazil até o dito dia."

Pgs. 116 - 118. "A Relação dos Despachos"... era, sem duvida, uma simples lista de actos assignados pelo regente, que mais se assemelhava, com um intervallo de 2 milénios, ás "Acta diurna" dos Cesares do que aos jornaes então em curso no mundo. Se porem verificarmos que essa publicação iniciou uma longa serie de "relações de decretos das diversas secretarias de Estado, editadas em datas certas, as dos anniversarios de membros da familia real, e valor bibliographico da primeira "Relação" cresce de vulto, não sendo unicamente a primeira obra impressa oficialmente no Brasil, mas o começo de um trabalho typographico publicado durante annos divulgando informes governamentaes que, sem elle, permaneceriam inteiramente desconhecidos.

"No mesmo anno de 1808 foram editadas outras "Relações dos Despachos das secretarias dos negocios do Brasil, da marinha e domínios ultramarinos, no dia 4 de Julho, anniversário da infanta D. Isabel Maria e no dia 25 desse mez, natalicio da princeza D. Maria Benedicta. Apesar de iniciada em Setembro de 1808 a "Gazeta do Rio de Janeiro," as Relações continuaram a circular até 1815, ultimo anno da sua publicação. Sahiam em datas festivas da familia real. No dia 13 de Maio, genethliaco de D. João VI, seu apparecimento era obrigatorio, havendo sómente deixado de publicar-se em 1812. O anniversario da rainha D. Maria I foi commemorado com essas edições em 1810 e de 1812 a 1815. Outras datas natalicias, como a do Principe da Beira em 1810 e 1812, da Princeza Maria Benedicta, em 1808 e 1814, provocaram a publicação das "Relações" que em 8 annos appareceram 22 vezes. A periodicidade desse embryo do "Diario Official" era, como se vê, muito estranha.

As "Relações" tão distanciadas do jornal de noticiario e de commentario, não arrebatam á "Gazeta do Rio de Janeiro" a gloria de primeira folha regular impressa no paiz, e ao "Correio Brasiliense", embora editado em Londres, a primazia no jornalismo brasileiro.

Seu proprio titulo recorda as primitivas folhas, que se publicaram na Europa no seculo XVII. Um dos mais antigos periodicos allemães, impresso em 1609 em Strasburgo por Joham Carolus, denominava-se "Relation aller Fuernehmmen und Gedenckwurdigen Historien." A Gazeta de Madrid, de 1661, desaparecida recentemente, intitulava-se em seu numero inicial "Relacion ó Gaceta de alcunos casos particulares tanto politicos como militares succedidos en la mayor parte del mundo." O primeiro jornal portuguez foi a Relação Universal do que succede em Portugal e mais provincias do Occidente e Oriente," impresso em Lisboa em 1625 e redigida por Manoel Severim de Faria. Parece portanto que o nome da "Relação", mesmo com esse atrazo de quasi dois seculos, queria indicar que a publicação fôra com a intenção de a tornar periodica, divulgando actos officiaes, que de outro modo, não chegariam ao conhecimento geral."

Gonzagueana

da

BIBLIOTHECA NACIONAL

Catalogo organizado pelo bibliothecario

Emmanuel Eduardo Gaudie Ley

DIRECTOR DA 1.^a SECÇÃO

INTRODUÇÃO

Joaquim Norberto, organizador da edição de **MARILIA DE DIRCEU** publicada em 1862 pela Livraria Garnier, dirigiu energica censura á então Bibliotheca Publica e Nacional:

“A maior parte destas edições (de Marília de Dirceu) são hoje raras e até desconhecidas no Rio de Janeiro; a Bibliotheca Publica e Nacional desta Côrte apenas possui um exemplar da segunda parte, e esse mesmo troncado, de uma das primeiras edições e nada mais! Ignoro qual a qualificação que se possa dar a tanta falta de zelo pelas cousas da patria!”

Seria injusta tal accusação ou, severa e justa, teria despertado “o zelo pelas cousas da patria”?

Alguns annos mais tarde, em 1881, Teixeira de Mello, nas suas **Ephemerides Nacionaes**, tomo II, pag. 115-117, citava as edições conhecidas então da obra de Gonzaga, das quaes affirmava existirem 18 na Bibliotheca Nacional.

Hoje já não teme confronto a nossa **Gonzagueana**; além de grande mêsse de referencias bio-bibliographicas ao autor e das traducções das lyras em francez, italiano e latim, possui a Bibliotheca Nacional 25 edições em portuguez de **MARILIA DE DIRCEU** das 30 conhecidas.

Virá tarde este catalogo? Como resposta a Joaquim Norberto, talvez; como informação bibliographica, não o acreditamos: Gonzaga não morreu!

Aproxima-se o bi-centenario do nascimento do poeta e o Brasil apresta-se a resgatar a divida de honra contrahida com esse filho adoptivo, restituindo os seus despojos á terra onde viveu e amou, onde cantou e soffreu.

Embora já não andem como outr’ora na boca do povo, as lyras de Gonzaga ainda seduzem historiadores, poetas e bibliographos. Os estudos de Thomaz Brandão, o romance de Orestes Rosolia, as evocações poeticas de Augusto de Lima Junior, a bibliographia de Oswaldo Mello Braga de Oliveira,

o trabalho de Simões dos Reis, são as provas mais recentes de que Marília ainda vive em todo o fulgor de sua belleza na harmonia das lyras de Dirceu.

Não tem este catalôgo pretensões a estudo bio-bibliographico. Sejam-nos, entretanto, permittidas algumas considerações preliminares sobre a bibliographia de MARILIA DE DIRCEU. Que nos perdoem, em nome da verdade bibliographica, os admiradores do poeta, se, em vez de augmentar a lista já bem longa das edições de sua obra, tentarmos reduzi-la ás suas justas proporções.

A gloria de Gonzaga não depende do numero das edições de suas lyras!

GONZAGUEANA

I. — A BIBLIOGRAPHIA DE “MARILIA DE DIRCEU”

Embora muito estudada desde Varnhagen, que pode ser considerado o primeiro, até Simões dos Reis, o ultimo em data dos bibliographos que se occuparam de Gonzaga, a bibliographia de MARILIA DE DIRCEU ainda hoje não se encontra definitivamente firmada.

Antes de Varnhagen a bibliographia de Marília limita-se a algumas noticias nas gazetas, annunciando o apparecimento das primeiras edições, aos prologos de algumas impressões e ás ligeiras citações feitas por Balbi (**Essai statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve**, 1822), Adamson (**Bibliotheca Lusitana**, 1836), Ferdinand Denis (**Résumé de l'histoire littéraire du Portugal...**, 1826) e Quérard (**La France Littéraire**, 1829). Assim mesmo os dois ultimos tratam apenas da traducção franceza de Monglave.

Spix e Martius (1824), Saint-Hilaire (1830), Januario da Cunha Barboza (1832), Abreu e Lima (1835), Joaquim Norberto (1841), Costa e Silva (1844), Freire de Carvalho (1845) e Pereira da Silva (1847) fazem apenas citações ou referencias biographicas ao autor sem a menor preocupação bibliographica.

Varnhagen, em seu **Florilegio da Poesia brasileira**, 1850-53, apontando 16 edições de MARILIA DE DIRCEU, apresentou, nos seguintes termos, o primeiro estudo de bibliographia gonzagueana:

“A edição original de *Bulhões* publicada aos cadernos continha só a 1.^a e 2.^a parte. — A’ 2.^a se accrescentou pela 1.^a vez em 1800 uma parte 3.^a que se reimprimiu na edição *Nunesiana* de 1802. — As edições da imprensa régia de 1812 e da lacerdina de 1811 e 1819 dirigidas por criticos conspicuos não contém a tal 3.^a parte, o que julgamos que seguiu *Serva* na *Bahia* em 1813. Posteriormente como o publico entrou a ter por menos completas essas edições, a que presidia um razoavel escrupulo, começaram os editores a publicar sempre a 3.^a parte, que se encontra nas edições de *Rolland* de 1820, 1827 e 1840; na de 1824; nas de 1825 e 1828 de *Nunes*; na de 1827 da régia; bem como na de 1835 da *Bahia*, na de 1846 do *Rio de Janeiro*. — Nenhuma obra em portuguez, a não ser o *Camões*, tem tido mais edições neste seculo. Foi traduzida em francez pelo sr. *Monglave* e em italiano com todo o esmero pelo sr. *Ruscalla*. ”

Que *Varnhagen*, illudido pelo prologo da edição de 1800 (3.^a parte) e desconhecendo as primeiras impressões das lyras de *Gonzaga*, as attribuisse a *Joaquim Thomaz de Aquino Bulhões*, justifica-se; mas o que se não justifica é a permanencia até hoje na bibliographia de *MARILIA DE DIRCEU* dessas edições fantasmas que ninguem viu.

As duas primeiras edições da obra de *Gonzaga*, hoje bem conhecidas, foram impressas em Lisboa pela *Typographia Nunesiana* em 1792 e 1799. A primeira, reimpressa no anno seguinte, continha apenas 33 lyras. A segunda appareceu dividida em duas partes. *Bulhões*, em 1800, imprimiu a terceira parte e nada mais.

Do prologo dessa edição de 1800, causa do equivoco de *Varnhagen*, vamos transcrever aqui os trechos mais importantes:

“Prologo. — Sem nos constituirmos ingratos, não nos podiamos subtrahir á publicação desta Terceira parte de *Marilia de Dirceo*. A acceitação com que o respeitavel Público recebeu a Primeira, e Segunda Parte, exigia huma impreterivel correspondencia; por cujo motivo não nos quizemos poupar ao excessivo trabalho de **recolher com a mais exacta legalidade os Versos, de que se compoem este Folheto**, obtidos das mãos de alguns curiosos.....”

“A prompta extracção de quasi dous mil exemplares da **Primeira, e Segunda Parte destas Lyras** em menos de seis mezes, he hum irrefragavel armento, do que acabamos de dizer; **apenas appareceu a Primeira Parte**, de tal sorte foi rece-

bida dos que amão os encantos da Poesia, que nos vimos precisados **a reimprimi-la**, para satisfazermos a quem no-la buscava; motivos estes, que cooperarão para a publicação **desta Terceira Parte...**"

Esse prologo, attribuido por Varnhagen a Bulhões, não é de Bulhões; é do editor literario, do compilador anonymo das lyras de Gonzaga, que soube tão bem esconder a sua identidade que até hoje continúa desconhecido. Bulhões, cujo nome se encontra na folha de rosto, não tinha razões para deixar sem assignatura um prologo de sua autoria.

Aliás, "ab absurdo", se Varnhagen, em lugar da edição de Bulhões (3.^a parte), tivesse em mãos a de Serva da Bahia, na qual se reproduz o referido prologo, o attribuiria, pelo mesmo raciocinio, ao primeiro impressor bahiano.

As palavras: "que nos vimos precisados a reimprimi-la" não prejudicam a nossa hypothese, pois sabemos perfeitamente que, no seculo XVIII. era frequente o uso do verbo "imprimir" no sentido de "mandar imprimir". (Vide: Loreto Couto: **Desaggravos do Brasil e Glorias de Pernambuco**, Rio, 1904. Pag. 357, 378, 390, etc.)

Sendo o prologo do editor literario, torna-se muito facil a sua interpretação: "A prompta extracção de quasi dous mil exemplares da Primeira e Segunda Parte destas Lyras (ed. de 1799)... apenas appareceu a Primeira Parte (ed. de 1792), de tal sorte foi recebida... que nos vimos precisados a reimprimi-la (reimpressão em 1793, da ed. de 1792, como consta da **Gazeta de Lisboa**)... desta Terceira Parte (ed. de 1800). E ahi temos toda a bibliographia de MARILIA DE DIRCEU no seculo XVIII.

Quanto ás edições de Bulhões da primeira e segunda parte, de data ignorada para uns, como Varnhagen, ou sem data, o que não é a mesma coisa, para outros, como Theophilo Braga, somos de opinião que nunca existiram.

Nenhum bibliographo conseguiu ver um exemplar sequer dessas edições. As citações variam e não indicam o formato nem o numero de paginas. Consultando centenas de catalogos de bibliothecas e livrarias, não encontramos vestigios de sua existencia. Finalmente a **Gazeta de Lisboa** que annuncia escrupulosamente as edições de 1792 (e sua reimpressão), de 1799 e 1800, não se refere ás de Bulhões.

Confirmando essas provas negativas, temos as declarações da edição nunesiana (Lisboa, 1802): "Primeira parte: Terceira edição"; "Segunda Parte: Segunda edição", como

bases seguras para rejeitar da lista das edições de Marília no seculo XVIII, as edições de Bulhões (1.^a e 2.^a partes).

Continuamos a anotar Varnhagen:

— A edição de 1800 (Lisboa, Bulhões) contém apenas a 3.^a parte, que não foi reimpressa na edição nunesiana de 1802 (2 partes).

— A edição da Impressão Régia (Lisboa) de 1812 limita-se a uma 3.^a parte inteiramente diversa da publicada por Bulhões em 1800.

— A lacerdina de 1811 não tem, é facto, a 3.^a parte que se encontra entretanto na de 1819-1820, assim como na de Serva, na Bahia (1812-1813).

— A rollandiana de 1820 só traz a 3.^a parte.

— A edição de 1824 (Lisboa, J. F. M. de Campos) tem apenas duas partes.

— Não existe edição do Rio de Janeiro de 1846. Deve provavelmente referir-se á de 1845, organizada por Pereira da Silva.

Em conclusão a lista bibliographica de MARILIA DE DIRCEU, apresentada por Varnhagen no seu **Florilegio da poesia brasileira**, está muito deficiente, não só nas citações, como também no numero das edições que já eram vinte e duas.

Joaquim Norberto segue chronologicamente Varnhagen na bibliographia de MARILIA DE DIRCEU e reproduz, quasi nos mesmos termos, as informações de seu predecessor. Corrige, é verdade, a data da edição do Rio de Janeiro (1845 em lugar de 1846). Em compensação contribúe para a confusão futura, alterando para **SERRA** o nome de Manoel Antonio da Silva **SERVA**, attribuindo erradamente á Typographia Nunesiana a edição de Lisboa, 1824, cujo impressor J. F. M. de Campos não havia sido apontado por Varnhagen e substituindo a edição de 1828 (Nunesiana) por outra de 1823. Erros de cópia ou typographicos constituíram falsas edições, que consignadas na introdução á edição de 1862, persistem até hoje, aceitas, entre outros, por Sacramento Blake, Theophilo Braga, Oswaldo M. B. de Oliveira e Simões dos Reis.

No **Diccionario Bibliographico Portuguez**, Innocencio, cujo estudo está baseado em Varnhagen e Joaquim Norberto, substitúe a edição nunesiana de 1823 de Norberto (1828 de Varnhagen) por outra de 1833!

Ricardo Pinto de Mattos (**Manual Bibliographico Portuguez**, Porto, 1878), Alfredo do Valle Cabral (**Cartas bibliographicas**, I. 1879 e **Annaes da Imprensa Nacional**, 1881) e

Teixeira de Mello (**Ephemerides Nacionaes**, 1881) pouco contribuíram para a bibliographia fantastica de MARILIA DE DIRCEU. O primeiro repetiu o que dissera Joaquim Norberto, o segundo, que cuidou especialmente das edições nacionaes, descreveu, em primeira mão, a edição original (Lisboa, 1792) e a da Impressão Régia do Rio de Janeiro (1810), o terceiro é responsavel por uma edição da **VIUVA SERVA** (Bahia, 1813), da qual não temos noticia.

Já podemos verificar que, logo de inicio, foram frequentes na bibliographia gonzagueana as interpolações, que, aceitas, mantidas e accrescentadas, foram pouco a pouco alongando a lista das impressões de MARILIA DE DIRCEU.

Theophilo Braga, em 1901 (**Filinto Elysio e os dissidentes da Arcadia...**) já citava 36 edições; Sacramento Blake (**Diccionario Bibliographico Brasileiro**, 1902), 30; José Verissimo (ed. de Marília, 1910), 33; Tancredo de Barros Paiva (**Achêgas a um Diccionario de pseudonyms...**, Rio, 1929), apenas 22; Arthur Motta (**Historia da Literatura Brasileira**, 1930), 35; Oswaldo M. B. de Oliveira (**As edições de Marília de Dirceu**, 1930), 47; Arthur Motta (**Boletim Bibliographico Brasileiro**, n.º 4, 1934), 47; e finalmente Simões dos Reis (artigos no **Jornal do Commercio**, do Rio, Out.º 1934), 69! mais do dobro das edições conhecidas.

Dizemos conhecidas, pois outras podem existir, que, hoje ignoradas, ainda venham a ser encontradas e descriptas.

II - EDIÇÕES DE MARILIA DE DIRCEU

(Em portuguez)

1792

1. — MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Lisboa:/ Na Typografia Nunesiana/ Anno M.DCC.XCII./ Com Licença da Real Meza da Commissão/ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

In-8.º 118 p. n. Reclamos. — Na f. f. de r.: "Marília/ de/ Dirceo."

A p. 20 vem numerada: "02".

Contem 33 lyras numeradas:

- I. — Eu, Marilia, não sou algum vaqueiro,
- II. — Pintão, Marilia, os Poetas
- III. — De amar, minha Marilia, a formosura
- IV. — Marilia, teus olhos
- V. — Acaso são estes
- VI. — Oh! quanto póde em nós a varia Estrella!
- VII. — Vou retratar a Marilia,
- VIII. — Marilia, de que te queixas?
- IX. — Eu sou, gentil Marilia, eu sou captivo,
- X. — Se existe hum peito,
- XI. — Não toques, minha Musa, não, não toques
- XII. — Topei hum dia
- XIII. — Oh! quantos riscos
- XIV. — Minha bella Marilia, tudo passa;
- XV. — A minha bella Marilia
- XVI. — Eu. Glauceste, não duvido
- XVII. — Minha Marilia
- XVIII. — Não ves aquelle velho respeitavel
- XIX. — Em quanto pasta alegre o manso gado
- XX. — Em huma frondosa
- XXI. — Não sei, Marilia, que tenho,
- XXII. — Muito embora, Marilia, muito embora
- XXIII. — N'um sitio ameno
- XXIV. — Encheo, minha Marilia, o grande Jove
- XXV. — O cego Cupido hum dia
- XXVI. — O déstro Cupido hum dia
- XXVII. — Alexandre, Marilia, qual o rio
- XXVIII. — Cupido tirando
- XXIX. — O tyranno amor risonho
- XXX. — Junto a huma clara fonte
- XXXI. — Minha Marilia,
- XXXII. — N'uma noite socegado
- XXXIII. — Pega na lyra sonora,

Edição original das lyras de Thomaz Antonio Gonzaga, que por muito tempo ficou inteiramente desconhecida dos bibliographos. embora seu apparecimento tivesse sido noticiado na **Gazeta de Lisboa**, de 10 de Novembro de 1792, segundo supplemento:

“Sahio á luz:

Marilia de Dirceo, primeira parte das Poesias lyricas de T. A. G. — Vende-se por 240 reis na loja da Gazeta, e na do Livreiro da Academia”.

Note-se a indicação: "primeira parte" demonstrando já a intenção do editor de proseguir na publicação das lyras de Gonzaga.

O exemplar de procedencia ignorada, que ha muito se encontra na B. N., já não tem a falsa folha de rosto, está restaurado e deve ser o que provocou a exclamação de Valle Cabral: "Até que afinal deparei com a primeira edição da Marilia de Dirceu..."

E' digno de nota o erro typographico na numeração da pag. 20: 02.

1 - A — MARILIA/ DE/DIRCEO./ Pcr T. A. G./ Lisboa:/ Na Typografia Nunesiana/ anno M. DCC. XCII./ Com Licença da Real Meza da Commissão/ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.
In-8.º 118 p. n. Reclamos. Na f. f. de r.: "Marilia/ de/ Dirceo".

Reimpressão da edição original. Vem mencionada na **Gazeta de Lisboa**, de 29 de Junho de 1793, supplemento extraordinario:

"Sahirão á luz:

As Lyras do Doutor Thomaz Antonio Gonzaga, cuja obra tem merecido geral applauso. Vendem-se a 240 reis em Lisboa na loja da Gazeta, e na da Academia; e no Porto na d'Antonio Alvares Ribeiro."

Note-se que o nome do autor já não era segredo.

A unica differença existente nesta reimpressão é, além do papel mais encorpado, a correcção do erro da numeração da p. 20.

Possue a B. N. dois exemplares: um na "Coll. B. Ottoni" (Bibl. J. C. Rodrigues), outro na "Coll. Guinle" (Bibl. Ramos Paz).

Existe na Bibliotheca do Ministerio das Relações Exteriores (Coll. Varnhagen).

Alberto de Oliveira possui tambem um exemplar da 1ª ed. Não o tendo visto, não podemos precisar a impressão a que pertence.

Valle Cabral, na **Revista Brasileira**, primeiro anno, Tomo I, 1879, (**Cartas Bibliographicas**, I.) foi o primeiro a assignalar como primeira edição de Marilia de Dirceu a de 1792. Varnhagen já a vira e citára anteriormente (**Supplemento II ao Florilegio da Poesia Brasileira**, Vienna, 1872) mas a considerava segunda.

1799

2. — MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Primeira parte./ Lisboa :/ Na Officina Nunesiana./ Anno M. DCC. XCIX./ Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Segunda parte./ Lisboa :/ Na Officina Nunesiana./ Anno M. DCC. XCIX./ Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

2 vols. 8º de 118 p. n., 1 b. e 108 p. n.—1 b. Reclamos.

Na f. f. de r. : “Marilia/ de/ Dirceo.” In fine : “Vende-se na Loja da Gazetta.”

Segunda edição das lyras de Gonzaga; primeira contendo duas partes.

A 1ª parte é semelhante á ed. de 1792.

A 2ª parte contem 32 lyras numeradas :

- I. — Já não cinjo de loiro a minha testa
- II. — Esprema a vil calúnia muito embora
- III. — Succede, Marilia bella
- IV. — Já, já me vai, Marilia, branquejando
- V. — Os mares, minha bella, não se movem
- VI. — De que te queixas
- VII. — Meu prezado Glauceste
- VIII. — Eu vejo, ó minha bella, aquelle Numen
- IX. — A estas horas
- X. — Arde o velho barril, arde a cabeça
- XI. — Se acaso não estou no fundo Averno
- XII. — Ah, Marilia, que tormento
- XIII. — Ves, Marilia, hum cordeiro
- XIV. — Alma digna de mil Avós Augustos
- XV. — Eu, Marilia, não fui nenhum vaqueiro
- XVI. — Vejo, Marilia
- XVII. — Dirceo te deixa, o bella
- XVIII. — Não molho, Marilia
- XIX. — Nesta triste masmorra
- XX. — Se me viesses com teus olhos
- XXI. — Que diversas que são, Marília, as horas
- XXII. — Por morto, Marilia

- XXIII. — Não praguejes, Marília, não praguejes
 XXIV. — Eu vou, Marília, vou brigar co'as feras
 XXV. — Minha Marília
 XXVI. — Aquelle, a quem fez cego a Natureza
 XXVII. — A minha amada
 XXVIII. — Detem-te, vil humano
 XXIX. — Eu descubro procurar-me
 XXX. — O pai das Musas
 XXXI. — Roubou-me, o minha amada, a sorte
 impia
 XXXII. — Se o vasto mar se encapella

Da **Gazeta de Lisboa**, de 22 de Novembro de 1799, suplemento, extrahimos a seguinte noticia referente a esta edição :

“Sahio á luz :

Marília de Dirceo, obra Poetica, que tem merecido huma geral acceitação, 2 vol. de 8º, seu preço 480 reis. Achase na loja da Gazeta.”

Oswaldo M. B. de Oliveira, apontando esta ed., disse que não fora mencionada pelos bibliographos de Gonzaga, inclusive J. C. Rodrigues. Entretanto, Th. Braga e Tancredo de Barros Paiva, embora conhecessem apenas a 1ª parte, já a haviam citado. Alberto de Oliveira (Revista de Lingua Portuguesa, 1923, n.º 26. Pag. 81-85) foi o primeiro a dar noticia da existencia de duas partes.

Possue a B. N. 2 exemplares, um dos quaes pertence á “Coll. Guinle” (Bibl. Ramos Paz).

1800

3. — MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Terceira parte./ Lisboa :/ Na Offic. de Joaquim Thomas de Aquino/ Bulhoens. Anno de 1800./ Com licença da Real Meza do Dezembargo do Paço.

In-8.º 110 p. n. (as primeiras, I-VIII). Reclamos.

Diz Oswaldo M. B. de Oliveira : “In-16, de 3 fls. preliminares com titulo e prologo e mais 110 pags.”

Simões dos Reis repete : “In-8º de 3 fls. preliminares com titulo e prologo e mais 110 pp. — Oswaldo n. 4.”

O formato é in-8º.

As fls. preliminares são quatro, paginação romana (I-VIII) e estão incluídas na numeração das 110 p.

Da **Gazeta de Lisboa**, de 13 de Dezembro de 1800, segundo suppl. :

“Sahio á luz :

Terceira parte da obra poetica Marilia de Dirceo, composta por T. A. G., cuja geral acceitação he huma boa prova do seu merecimento. Vende-se por 240 reis na loja da Gazeta, onde tambem se acha a primeira e segunda parte por 480 reis.”

O prologo que, nesta edição, precede as lyras e foi attribuido a Bulhões, é da autoria do editor literario. Parece, entretanto, pouco provavel ser elle o mesmo que publicou as edições de 1792 e 1799. Acreditamos tratar-se de um impostor que por elle quiz passar.

Contém 15 lyras e 2 sonetos:

- I. — Como alegre vem nascendo
- II. — N’uma escura gruta
- III. — Leo-se-me em fim a sentença
- IV. — Que vezes julga, que morre
- V. — Fulgidas Estrellas
- VI. — Vaidosa a Fortuna
- VII. — Em quanto o sordido avaro
- VIII. — Hum dia que o gado
- IX. — Como correm brandamente
- X. — A bella Cyth’rea
- XI. — Ergastulo cruento
- XII. — De Cresso as riquezas
- XIII. — Em carro de branca neve
- XIV. — Contentente promette
- XV. — Já quando baixava Febo
- Son. — Marilia chega, que Dirceo t’espera
- O Marilia gentil, ao templo vamos

Notamos á pag. 25 a Lyra VI numerada IV e á cabeça da pag. 80: “Marieia” por Marilia.

Possue a B. N. 5 exemplares, incluídos um da “Coll. B. Ottoni” e outro da “Coll. Guinle”.

1802

4. — MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Primeira Parte./ Terceira edição./ Lisboa:/ Na Officina Nunesiana./ Anno M.DCCCII./ Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

In-8.º 110 p. n.

MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Segunda parte./ Segunda edição mais accrescentada./ Lisboa:/ Na Officina Nunesiana./ Anno M. DCCCII./ Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

In-8.º 108 p. n.

Como avaliação desta edição destacamos do "Catalogo da Livraria Lusitana de José dos Santos, Lisboa". — 1914. N.º 9. Pag. 55, sob o numero 484 o preço de 12\$00 pelos 2 vols.

Do "2.º Catalogo extraordinario de livros á venda na Livraria de Manoel dos Santos. Lisboa" 1925, pag. 87:

"522. — Gonzaga (Thomaz Antonio) — Marilia de Dirceo. Por T. A. G. Terceira edição. Lisboa. Na Officina Nunesiana, 1802. in-8.º peq. 2 partes de 110 e 108 pags. E. ... 50\$00.

Poema muito estimado. Optimo exemplar. Edição muito rara."

Existem na B. N. 9 exemplares dos quaes 3 na "Coll. Guinle" e 1 na "Coll. B. Ottoni".

Quanto á primeira parte semelhante ás edições de 1792 e 1799; a segunda parte contém 37 lyras:

- I. — Já não cinjo de loiro a minha testa
- II. — Esprema a vil calumnia muito embora
- III. — Succede, Marilia bella,
- IV. — Já, já me vai, Marilia, branquejando
- V. — Os mares, minha bella, não se movem
- VI. — De que te queixas
- VII. — Meu presado Glauceste
- VIII. — Eu vejo, o minha bella, aquelle Numen
- IX. — A estas horas
- X. — Arde o velho barril, arde a cabeça
- XI. — Se acaso não estou no fundo Averno
- XII. — Ah, Marilia, que tormento
- XIII. — Ves, Marilia, hum cordeiro
- XIV. — Alma digna de mil Avós Augustos
- XV. — Eu, Marilia, não fui nenhum vaqueiro
- XVI. — Vejo, Marilia
- XVII. — Dirceo te deixa, o bella
- XVIII. — Não molho, Marilia,
- XIX. — Nesta triste masmorra
- XX. — Se me visses com teus olhos
- XXI. — Que diversas que são, Marilia, as horas

- XXII. — Por morto, Marília,
 XXIII. — Não praguejes, Marília, não praguejes
 XXIV. — Eu vou, Marília, vou brigar co'as feras
 XXV. — Minha Marília
 XXVI. — Aquelle, a quem fez cego a natureza
 XXVII. — A minha amada
 XXVIII. — Detem-te, vil humano,
 XXIX. — Eu descubro procurar-me
 XXX. — O pai das Músas
 XXXI. — Roubou-me, o minha amada, a sorte impia
 XXXII. — Se o vasto mar se encapella
 XXXIII. — Morri, o minha bella
 XXXIV. — Vou-me, o bella, deitar na dura cama
 XXXV. — Se lá te chegarem
 XXXVI. — Não has de ter horror, minha Marília
 XXXVII. — Meu sonoro Passarinho.

Alberto de Oliveira, em primoroso estudo sobre as edições de **MARILIA DE DIRCEU**, publicado na **Revista de Lingua Portuguesa** (Anno V. Num. 26, de Novembro de 1923), descreve uma edição que não existe na collecção da Bibliotheca Nacional:

“A edição de Galhardo não a vejo mencionada por nenhum bibliographo nem a possui a Bibliotheca Nacional. O meu exemplar que supponho unico, adquiri-o ha alguns annos por preço vil, mandando-o vir de Coimbra, da antiga livraria á rua do Anjo, n.º 86, de José Joaquim Lopes da Cunha, que o annunciou em um dos seus catalogos. Transcrevo-lhe os dizeres do frontispicio:

**MARILIA
DE
DIRCEU**

Por T. A. G.

Primeira Parte

Lisboa:

Na Off. de Antonio Rodrigues Galhardo,
 Impressos dos Conselhos de Guerra
 e do Almirantado
 Anno MDCCCIII

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço
 Contém as mesmas 118 paginas e 33 lyras das edições anteriores.”

Infelizmente não declara o formato.

Tem toda razão o illustre bibliophilo; a edição não foi mencionada anteriormente por nenhum bibliographo nem a possui a Bibliotheca Nacional; foi, entretanto, annunciada no "Catalogo da Livraria Lusitana de José dos Santos & Irmão. Lisboa, 1911, N.º 4" á pag. 58, sob o numero 740, onde se lhe declara o formato: in-8.º peq.

Será esse o exemplar que veio ter ás mãos do Sr. Alberto de Oliveira?

1804

5. — MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Segunda parte./ Lisboa:/ Na Typografia Lacerdina./ 1804./ Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

In-8.º 108 p. n. Reclamos. In fine: "Vende-se na Loja da Gazeta".

Contém as 32 lyras da edição de 1799 observando a mesma ordem.

Pertence á "Coll. Guinle".

Se foi impressa a 1.ª parte, continúa desconhecida até hoje.

1810

6. — MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Primeira parte./ Nova edição./ Rio de Janeiro./ Na Impressão Regia./ Com Licença de S. A. R./ 1810.

In-8.º 118 p. n. Reclamos.

MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Segunda parte./ Nova edição./ Rio de Janeiro./ Na Impressão Regia./ Com Licença de S. A. R./ 1810.

In-8.º 108 p. n. Reclamos.

MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Terceira parte./ Nova edição./ Rio de Janeiro./ Na Impressão Regia./ Com Licença de S. A. R./ 1810.

In-8.º 110 p. n. Reclamos.

In fine: "Vende-se na Loja de Paulo Martin por 2400".

Sobre esta edição encontramos na **Gazeta do Rio de Janeiro**, n.º 49, de 20 de Junho de 1810:

"Sahirão á luz: Marilia de Dirceo por T. A. Gonzaga, 3 vols. elegantemente impressos por 2.400 reis... vendem-se nas lojas de Manoel Pereira de Mesquita e na da Gázeta".

Na mesma Gazeta, n.º 96 de 1.º de Dezembro de 1810:

“Avisos”

“Na loja da Gazeta se achão as obras seguintes.... Marília de Dirceu por Gonzaga, 3 vol. encadernado por 3\$200 reis; em brochura 2\$400 reis...”

E’ a primeira ed. brasileira e a primeira em que se encontram as tres partes.

A 1.ª contém as 33 lyras da ed. de 1792.

A 2.ª as 32 lyras da ed. de 1799.

A 3.ª as 15 lyras e os dois sonetos da ed. de 1800, precedidos do mesmo prologo.

E’ o n.º 196 do **Catalogo da Exposição Permanente dos Cimelios da Bibliotheca Nacional**, 1885.

Sobre esta edição, veja: A. do Valle Cabral. **Annaes da Imprensa Nacional** do Rio de Janeiro... 1881, pag. 41, n.º 144.

Oswaldo M. B. de Oliveira estudou detalhadamente esta edição em **O Bibliographo**, Anno III, N.º 1, de Maio de 1932, sob o titulo: “A primeira edição brasileira de Marília de Dirceu”.

Desse trabalho destacamos:

“...E’ uma bela edição...”

“Innocencio não a conhecia e a nossa Bibliotheca Nacional, como se pôde vêr do seu **Catalogo da Exposição Permanente de Cimelios**, p. 349, n. 196, possuia-a, pelo menos até o ano de 1885, data do supracitado catalogo, infelizmente extraviou-se e tive que me valer, para a sua descrição, do bellissimo exemplar do illustre bibliografo e poeta sr. Alberto de Oliveira”.

“Vale a pena transcrever o Prologo desta terceira parte que nos dá noticia de duas edições desta primeira edição brasileira...”

Num exame superficial a edição é bella; não ha duvida. O papel é de qualidade, os caracteres elegantes e de boas dimensões, a impressão nitida e a divisão do texto harmoniosa. Num exame mais detalhado, porém, encontramos paginas e lyras com a numeração errada: a pag. 25 da II.ª parte traz o numero 52; na I.ª parte a lyra XVII está numerada XXIII; na II.ª parte as lyras VIII, XXVI, XXVIII e XXXI têm respectivamente os numeros XVI, XVI, XVIII e X. Da-se o mesmo na III.ª parte com as lyras I, VI e XIII, numeradas III, IV e XI.

No alto das pags. 85, da II.^a parte e 109 da III.^a encontramos: "**DIRBEO**" e finalmente, erro muito mais grave, os versos que deviam ser impressos na pag. 48, da I.^a parte, foram substituídos por uma repetição da pag. 46, faltando assim 4 estrophes: as duas ultimas da lyra XII e as duas primeiras da lyra XIII!

O exemplar da Bibliotheca Nacional infelizmente extraviado, isto é deslocado, foi felizmente encontrado: é o 1.^o e aqui descrevemos.

Quanto ao prologo da terceira parte, é, nada mais, nada menos, que o célebre "Prologo de Bulhões" que não pode dar noticia alguma "de duas edições desta primeira edição brasileira", a não ser que o queiram agora attribuir á Impressão Regia do Rio de Janeiro!

1811

7. — MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Parte I./ Nova edição./ Lisboa:/ Na Typografia Lacerdina./ 1811./ Com licença da Meza do Desembargo/ do Paço.

In-12. 226 p. n.

A parte I termina á pag. 122. A' pag. 123: "Marilia/ de/ Dirceo./ Parte II." que termina á pag. 222, seguindo-se o "index das lyras" e "erratas".

Numa **Advertencia** preliminar o editor declara:

"Tambem devemos prevenir o mesmo Publico que supposto fosse impresso em Lisboa hum folheto figurando a Terceira Parte das obras do mesmo Author, he inteiramente apocrifo e até feito por pessoa do nosso conhecimento..."

A 1.^a parte tem 37 lyras.

1. — Eu, Marilia não sou algum vaqueiro
2. — Pintam, Marilia, os Poetas
3. — De amar, minha Marilia, a formosura
4. — Marilia, teus olhos
5. — Oh! quanto pode em nós a varia Estrella
6. — Acaso são estes
7. — Vou retratar a Marilia
8. — Eu sou, gentil Marilia, eu sou captivo
9. — Marilia, de que te queixas?
10. — Se existe um peito
11. — Não toques, minha Musa, não, não toques

12. — Topei hum dia
13. — Minha bella Marilia, tudo passa
14. — Oh! quantos riscos
15. — A minha bella Marilia
16. — Minha Marilia
17. — Não vês aquelle velho respeitavel
18. — Eu, Glauceste, não duvido
19. — Em quanto pasta alegre o manso gadô
20. — Em huma frondosa
21. — Não sei, Marilia, que tenho
22. — Muito embora, Marilia, muito embora
23. — N'um sitio ameno
24. — Encheo, minha Marilia, o grande Jove
25. — O cego Cupido hum dia
26. — Tu não veras, Marilia, cem captivos
27. — O destro Cupido hum dia
28. — Alexandre, Marilia, qual o rio
29. — Tu formosa Marilia já fizestes
30. — Cupido tirando
31. — O tyranno amor risonho
32. — Junto a huma clara fonte
33. — Minha Marilia
34. — N'uma noite socegado
35. — Em cima dos viventes fatigados
36. — Pega na lyra sonora
37. — Convidou-me a ver seu Templo

A parte II contém 38 lyras:

1. — Já não cinjo de loiro a minha testa
2. — Morri, ó minha bella
3. — Esprema a vil calumnia muito embora
4. — Succede, Marilia bella
5. — Já, já me vai, Marilia, branquejando
6. — Os mares, minha bella, não se movem
7. — Vou-me, o bella, deitar na dura cama
8. — De que te queixas
9. — Meu prezado Glauceste
10. — Eu vejo, o minha bella, aquelle Numen
11. — A estas horas
12. — Se acaso não estou no fundo Averno
13. — Arde o velho barril, arde a cabeça
14. — Ah, Marilia, que tormento
15. — Vês, Marilia, hum cordeiro

16. — Alma digna de mil avós augustos
17. — Se lá te chegarem
18. — Eu, Marília, não fui nenhum vaqueiro
19. — Vejo, Marília,
20. — Dirceo te deixa, o bella
21. — Não molho, Marília
22. — Nesta triste masmorra
23. — Se me viras com teus olhos
24. — Que diversas que são, Marília, as horas
25. — Por morto, Marília,
26. — Não praguejes, Marília, não praguejes
27. — Eu vou, Marília, vou brigar co'as feras
28. — Minha Marília
29. — Aquelle a quem fez cégo a Natureza
30. — A minha amada
31. — Detem-te, vil humano
32. — Eu descubro procurar-me
33. — O pai das Musas
34. — Roubou-me, o minha amada, a sorte impia
35. — Não has de ter horror, minha Marília,
36. — Meu sonoro Passarinho
37. — Se o vasto mar se encapella
38. — Eu vejo aquella Deosa

Soneto:

Obrei quanto o discurso me guiava,

Possue a B. N. 2 exemplares: "Coll. B. Ottoni" e
"Coll. Guinle".

1812

8 — MARILIA DE DIRCEO. / Por/ F. A. G. /
Terceira parte. / Lisboa :/ Na Impressão Regia. Anno 1812. /
Com licença. / Vende-se na loja da Gazeta.

In-8°. 72 p. n.

Contém: "Ao Leitor" — Prologo em que se declara
apocrypha a ed. da 3ª parte impressa por Bulhões em 1800.

8 lyras:

1. — Convidou-me a vêr seu Templo
2. — Em vão do amado
3. — Tu não verás, Marília, cem captivos
4. — Amor por acaso
5. — Eu não sou, minha Nize, pegureiro

6. — Amor que seus passos (traducção)

7. — Tu, formosa Marília, já fizestes

8. — Em cima dos viventes fatigados.

XVI sonetos.

2 Odes.

As lyras 1, 3, 7 e 8 são, respectivamente, as lyras 37, 26, 29 e 35 da Parte I da edição Lacerdina de 1811.

O Soneto XIII :

“Obrei quanto o discurso me guiava”
já acompanhára a 2ª parte da mesma edição.

Essa edição nunca mais foi reimpressa. Existem na B. N. 3 exemplares.

Menciona Theophilo Braga, (Filinto Elysio e os dissidentes da Arcadia, pag. 625) outra edição desse anno:

“Marília de Dirceo. Rio de Janeiro, 1812. Contém a Parte terceira. (Na Bibl. nac. de Lisboa).”

Se existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa, não foi examinada por T. Braga, cujo verbete é muito deficiente. Qual o titulo exacto? Qual a officina impressora? Qual o formato? O numero de paginas?

Uma edição de Marília de Dirceu, impressa no Rio de Janeiro em 1812, só poderia sahir da Impressão Regia e o consciencioso Valle Cabral em seus **Annaes** não a deixaria no esquecimento.

Só a confirmação de sua existencia em Lisboa nos forçaria a aceitar essa edição.

1812 - 1813

9 — MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Primeira parte./ Quarta edição./ Bahia :/ Na Typog. de Manoel Antonio da Silva Serva./ Anno de 1812./ Com as licenças necessarias.

In 8°. 90 p. n. — 3 f. in.

In fine : “Fim da 1ª parte.” Segue, na fol. seguinte, uma lista de “Livros poeticos que se vendem na Loja da Gazeta.”

Contém 33 lyras. Não é 4ª, é 7ª edição da 1ª parte.

MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Segunda parte./ Terceira edição./ Bahia :/ Na Typog. de Manoel Antonio da Silva Serva./ Anno de 1813./ Com as licenças necessárias.

In-8.º 86 p. n.

Contém 37 lyras. Não é 3ª; é 6ª edição da 2ª parte.

MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Terceira parte./ Segunda edição./ Bahia :/ Na Typog. de Manoel Antonio da Silva Serva./ Anno de 1813./ Com as licenças necessárias.

In-8.º 56 p. n.

Precede esta 3ª parte o prologo da edição de Bulhões (Lisboa, 1800).

Contém 15 lyras e 2 sonetos. Não é 2ª; é 3ª edição da 3ª parte.

1ª edição bahiana, 2ª brasileira.

Encontram-se na B. N. 2 exemplares : um na "Coll. B. Ottoni", outro na "Coll. Guinle".

Joaquim Norberto, ao citar esta edição, modificou o nome do impressor : **Serra** em vez de **Serva**, declarando ser de 1813 e ter 2 partes.

O Patriota, jornal litterario, politico, mercantil &c. do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro. Na Impressão Regia. — 1813), publicou algumas lyras de Gonzaga :

N. 1. — Janeiro. — Pag. 88-90 :

"Lira inedita de T. A. Gonzaga, author da celebre Marilia de Dirceo.

Tu, formosa Marilia, já fizeste
Com teus olhos ditosas as campinas
..... "

N. 4. — Abril. — Pag. 8-9 :

"Lyra inedita de Gonzaga

Tu não verás, Marilia, cem cativos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
..... "

Ineditas ? Apenas no Brasil; pois não foram incluídas nas edições de 1810 e 1812 impressas, respectivamente, no Rio pela Impressão Regia e na Bahia pela Typ. de Serva.

Tão pouco apparecem nas edições Nunesianas de Lisboa de 1792, 1799 e 1802 e na de Galhardo (Lisboa) de 1803.

Vêm, entretanto, impressas na edição Lacerdina de 1811 em Lisboa; são as lyras XXIX e XXVI da Parte 1.^a, embora com algumas variantes.

Vêm também na 3.^a parte (Lyras VII e III) impressa em Lisboa pela Impressão Regia em 1812.

1817

10 — MARILIA/ DE/ DIRCEO/ Por T. A. G./ Parte I./ Nova edição./ Lisboa :/ Na Impressão Regia./ 1817./ Com licença da Meza do Desembargo/ do Paço.

In-12. 226 p.

Parte I. p. 1-122. — Parte II. p. 123-222. — Index das lyras.

Contém : Parte I — 37 lyras. Parte II — 38 lyras e um soneto, segundo a ed. de 1811.

Esta edição, feita sobre a de 1811, traz a mesma “Advertencia”.

Pertence o exemplar á “Coll. Guinle”.

1819 - 1820

11. — MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Parte I./ Nova edição./ Lisboa :/ Na Typografia Lacerdina./ 1819./ Com Licença da Meza do Desembargo/ do Paço.

In-12. 226 p.

Parte I (37 lyras) da p. 1 á 122. — Parte II. (38 lyras e um soneto) da p. 123 á 222. “Index das lyras”.

Para completar essa edição, foi impressa posteriormente, segundo todas as probabilidades em 1820, uma terceira parte contendo 15 lyras, 2 sonetos e um indice.

Não tem f. de r. especial, nem indicação de lugar e officina, nem data. Apenas uma f. f. de r., com os dizeres : “MARILIA/ DE/ DIRCEO./ — Parte III.” a separa das duas primeiras partes. A paginação segue normalmente de 227 a 280 e as assignaturas continuam a serie iniciada na impressão anterior.

Nota-se grande differença no papel e nos caracteres.

Dos 4 exemplares, que possui a B. N., apenas um tem esta terceira parte. Nos dois exemplares da "Coll. Guinle", provenientes da Bibliotheca de F. Ramos Paz, a terceira parte é a da Typographia Rollandiana (Lisboa, 1820).

Sobre esta edição, veja: Simões dos Reis, "Notas Bibliographicas. — Gonzagueana" artigos no **Jornal do Commercio**, do Rio de Janeiro, Outubro de 1934.

1820

12 — MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Parte III./ Nova Edição./ Lisboa,/ Na Typografia Rollandiana./ 1820./ Com licença da Meza do Desembar-go do Paço.

In-12. 76 p. n.

E' nova edição da impressão de Bulhões 1800, reproduzindo o prologo, as 15 lyras e os dois sonetos. Dois sonetos e não tres como indica Oswaldo M. B. de Oliveira.

Citado por J. C. Rodrigues: **Bibliotheca Brasiliense**, scb o n. 1139.

Possue a B. N. 5 exemplares. (Um pertence á "Coll. B. Ottoni", dois á "Coll. Guinle").

1824

13 — MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Primeira parte./ Lisboa :/ Na Typ. de J. F. M. de Campos. 1824.

In-8°. 112 p. n. Reclamos.

In fine: "Fim da 1.ª parte".

MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Segunda parte./ Lisboa : 1824./ Na Typ. de J. F. M. de Campos.

In-8°. 108 p. n. Reclamos.

Contem as 33 e 32 lyras das ed. de 1792 e 1799.

A palavra: "Fim", ao terminar a 2.ª parte, deixa perceber que não foi impressa a 3.ª nesta edição, contrariando assim as declarações de varios bibliographos, entre os quaes J. C. Rodrigues.

Possue a B. N. 2 exemplares.

14. — MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Parte I./ Nova edição./ Lisboa./ Na Typographia Rollandiana./ 1827./ Com Licença da Meza do Desembargo/ do Paço.

In-16. 252 p. n.

Parte I. p. 1-104. — Parte II. p. 105-192. Parte III. p. 193-245.

Index das lyras.

Contem as 37 lyras da ed. de 1811, as 38 lyras e o soneto da ed. de 1811 e as 15 lyras e os 2 sonetos da ed. de 1800. Não transcreve o prologo.

Possue a B. N. 3 exemplares (um na "Coll. Guinle", outro na "Coll. B. Ottoni").

Outra edição desta data, attribuida á Impressão Regia (Lisboa), embora citada, é inteiramente desconhecida.

Em 1828 foram as lyras de Gonzaga reimpressas em Lisboa na typographia de João Nunes Esteves. Essa edição não existe na Bibliotheca Nacional. Simões dos Reis, que a possui, assim a descreve em suas "Notas Bibliographicas. — I. Gonzagueana" publicadas no Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro, 1934:

"38 — Marilia/ de Dirceo./ Por T. A. G./ Parte I./ Nova edição./ Gravura/ Lisboa: 1828./ Na Impressão de João Nunes Esteves./ Com Licença da M. do Desembargo do Paço./ Vende-se na loja dos Pobres, rua dos Ca-/pellistas, n. 27 F..... o exemplar compõe-se de 269 pp. Segue-se o indice que possui 2 pp. não numeradas, e é, todavia, da 1.^a parte, indicando a XXX lyra a p. 80. — Faltam paginas, portanto, a este exemplar, o que julgo acontecer com o indicado no "Arquivo" In-16....."

O "Catalogue de la Bibliothèque Eduardo Prado. São Paulo, 1916" também dá noticia dessa edição, á pag. 187. sob o numero 306: "Gonzaga (T. A. G.) — ... Marilia de Dirceo. Nova edição. 1828".

Encontramos ainda a referida edição no catalogo: "Bibliographia. — Alguns livros rares e curiosos á venda na Livraria de Manoel dos Santos. Lisboa". 1920. — N.º 5. (Pag. 650, sob o n.º 8027) no qual se declara: "in-8.º peq. de 269 pags. uma em branco e duas mais in. de indice... edição pouco frequente no mercado... Enc. 2\$50."

1835

15. — MARILIA DE DIRCEO./ Por/ T. A. G./ Parte I./ Nova edição./ Bahia./ Typ. do Diario, Rua do Tijolo,/ Casa n.º 34. — 1835.

In-8.º 4 p. in. — 196 n. — 2 in. (erratas). In fine: “Bahia. Typ. do Diario. — Imp. F. T. d’A. 1837.”

Diferente da edição de Serva (1812-1813).

Contem as 3 partes: 37 lyras, 38 lyras e um soneto, 15 lyras e 2 sonetos.

As duas primeiras partes segundo a edição de Lisboa, 1811; a terceira segundo a de Lisboa, 1800, menos o prologo.

A paginação está errada da p. 177 em diante.

A data impressa in fine deu lugar á creação de duas falsas edições bahianas: uma de 1827 (?), outra de 1837, considerada differente da que aqui transcrevemos.

Oswaldo M. B. de Oliveira (As edições de Marilia de Dirceu), corrigindo Valle Cabral, declara que as iniciaes do impressor são —: “F. T. e A.” e não “F. T. d’A.” Valle Cabral estava entretanto com a razão.

Possúe a B. N. 2 exemplares, um dos quaes pertence á Coll. B. Ottoni.

Segundo Valle Cabral, esta edição teria sido posta á venda mais tarde com uma nova capa e os dizeres: “Em casa de Carlos Poggetti, — 1850”. Não constitúe, entretanto, nova edição.

Do **Jornal do Commercio** do Rio de Janeiro, anno XIII, n.º 234, de 19 de Outubro de 1838, pag 3.ª, quarta col., transcrevemos o seguinte:

“Annuncios. — Vende-se na rua do Ouvidor n. 65: Marilia de Dirceo. Por T. A. G. Preço 1\$000 reis. — Breve noticia sobre o autor”...

Seguem informações muito defidientes e falsas sobre Gonzaga, Marilia e as Lyras, traduzidas da noticia preliminar da traducção francesa de Monglave!

Como prova do que adiantamos citaremos apenas algumas linhas: “O chefe d’obra (?) de Gonzaga, não forma mais que hum volume dividido em duas partes, composta cada hum de 37 a 38 lyras (!) A primeira parte foi composta em Villa Rica, e a segunda na prisão do Rio de Janeiro. Na primeira ha muita graça, simplicidade.....”

Essa edição, que os bibliographos citam sem descrever e denominam “do Jornal do Commercio” de data ignorada, (183?), é hoje inteiramente desconhecida.

1840

16. — MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Parte I./ Nova edição./ Lisboa./ Na Typographia Rollandiana./ 1840.

In-32. 252 p. n. Contem as 3 partes.

Parte I p. 1-104. Parte II p. 105-192. Parte III. p. 193-246.

Index das lyras.

Reproducção das lyras da ed. de 1811 (1.^a e 2.^a partes) e da de 1800 (3.^a parte) menos o prologo.

Pertence á “Coll. Guinle”.

1842

17 — MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por T. A. G./ Parte I./ Nova edição./ Rio de Janeiro./ Na Typographia de J. J. Barroso e C.^a/ Rua d’Alfandega n. 6./ 1842.

In-16. 252 p. n.

Pag. 105 termina a 1.^a parte 37 (lyras); pag. 192, termina a 2.^a (38 lyras e 1 soneto) e pag. 245, a 3.^a (15 lyras e 2 sonetos). Segue o “Index das lyras”.

Do mesmo anno (1842) existe outra edição que não se encontra na B. N.; está mencionada no “Catalogo da Livraria do Gabinete Portuguez de Leitura em Pernambuco” (Havre, Typ. Alf. Lemale, 1863) pag. 76 sob o n.º 653: “Gonzaga (Thomaz Antonio): Marilia de Dirceo. — Pernambuco 1842”.

O “Catalogo de livros antigos e modernos... Folhas 1-8 (Letra A-J) Lisboa, Livraria de João d’Araujo Moraes Lda. 1920” á pag. 114, entre outras edições de Marilia de Dirceu, apresenta a seguinte: “1140 — Outro ex. — Pernambuco, Typ. de Santos e Companhia, 1842. in-32.º de 253 pag. E. Pouco vulgar”.

Valle Cabral, na **Revista Braliseira**, 1.º Anno, T. I. pag. 410-418. — **Cartas bibliographicas**. I. — Rio, 30 de julho de 1879” affirmava existir na B. N. um exemplar dessa edição.

1845

18. — MARILIA/ DE DIRCEO/ por/ Thomaz Antonio Gonzaga/ Nova edição/ mais correcta e augmentada/ de uma/ introdução historica e biographica/ pelo/ Dr. J. M. P. da Silva./ Rio de Janeiro/ Eduardo e Henrique Laemmert/ Rua da Quitanda n. 77./ 1845.

In-12. XL — 242 p. n.

(Bibliotheca dos poetas classicos da lingua portugueza T. V).

In fine: "Rio de Janeiro. 1845 — Typographia Universal de Laemmert, rua do Lavradio, N. 53".

Contem: 1.^a parte: 37 lyras; 2.^a, 38 e um soneto; 3.^a, 15 lyras e 2 sonetos.

Desta edição que é a primeira trazendo por extenso o nome do autor, possui a B. N. 4 exemplares, incluindo um da "Coll. Guinle".

A. F. Dutra e Mello, na revista "**A Nova Minerva**, periodico dedicado ás sciencias, artes, litteratura e costumes" Tomo I. n.º 1, de dezembro de 1845, pag. 7 (2.^a col.) publica, sob o titulo: "Bibliographia. Algumas reflexões a proposito da nova edição de Marilia de Dirceu", um estudo critico sobre esta edição organizada por Pereira da Silva.

1855

19. — MARILIA/ DE/ DIRCEO./ Por/ T. A. G. Parte I./ Nova edição./ Rio de Janeiro./ Typographia Commercial de Soares e C.^a/ Rua da Alfandega N. 6./ 1855.

In-8.º 222 p. n.

Parte I. p. 1-94. Parte II. p. 95-174. Parte III. p. 175-222.

Na capa: "Marilia/ de Dirceo./ Liras/ de/ T.A. Gonzaga./ Parte I./ Nova edição./ Rio de Janeiro./ Typographia de Soares & Irmão/ Rua da Alfandega N. 6."

In fine: "Typographia Commercial de Soares e C.^a Rua da Alfandega N. 6".

Não tem, como dizem Valle Cabral, Oswaldo de Oliveira e Simões dos Reis, nova folha de rosto; apenas uma nova capa, sem data, vem disfarçar a edição que continúa sendo a de

1855, posta á venda depois do apparecimento da edição de Joaquim Norberto (1862) como se pode concluir pelo annuncio que apresenta.

Faltam infelizmente as pags. 113 e 114 do nosso exemplar.

1862

20. — MARILIA/ DE DIRCEU/ Lyras/ de/ Thomaz Antonio Gonzaga/ precedidas/ de uma noticia biographica/ e do juizo critico dos auctores estrangeiros e nacionaes/ e das lyras escriptas em resposta as suas/ e acompanhadas/ de documentos historicos/ por/ J. Norberto de Souza S./ Ornada de uma estampã/ Tomo primeiro (Tomo segundo)/ Rio de Janeiro/ Livraria de B. L. Garnier/ Rua do Ouvidor, 69/ Pariz, Garnier Irmãos, editores, Rua des Saint-Pères, 5/-1862/ Todos os direitos de propriedade reservados.

2 vols. in-18. 348; 348 p. Em prontispicio no 1.º vol. o retr. de Gonzaga.

Na f. f. de r.: "Brasilia Bibliotheca/ dos melhores auctores nacionaes/ antigos e modernos/ — T. A. Gonzaga/ I." No verso da mesma f.: "Pariz, — Typ. de S. Raçon e Comp. Rua d'Erfurth, 1." Esta indicação vem repetida no pé da ultima pag. em ambos os vols.

O 1.º vol. contém: Introdução (I. — Advertencia sobre a presente edição. II. — Reflexões sobre as diversas edições. II. (sic) — Juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros. IV. — Noticia sobre Thomaz Antonio Gonzaga e suas obras. V. — Notas) Peças justificativas — Dirceu de Marilia.

O 2.º vol. contém as tres partes de Marilia de Dirceu, segundo as edições de 1811 (37 e 38 lyras e 1 soneto) e 1800 (15 lyras e 2 sonetos.)

Possue a B. N. nada menos de 7 exemplares, dos quaes 3 já não têm o retrato de Gonzaga.

A proposito desta edição, publicou o romancista luso-brasileiro Augusto Emilio Zaluar um estudo na **Revista Popular**, Jornal illustrado. Rio de Janeiro, B L. Garnier, editor-proprietario. Tomo decimo quarto. Anno quarto. Abril a Junho de 1862. Pags. 53-56 e 116-120.

Pag. 56: "A **Marilia de Dirceu** é um dos livros mais populares da lingua portugueza. Pertence a duas nacionalidades, e por consequencia a duas litteraturas."

"As queixas ingenuas e sentidas do poeta, que tantas vezes ouvi nos serões de minha infancia repetir na intimidade do lar, e aprendi de cór na idade em que melhor começava a comprehendel-as, vim escutal-as a duas mil leguas de distancia em todos os labios brasileiros, como se a graciosa religião da poesia fosse mais um laço de fraternidade para vincular os dois povos....."

Reproduz (pag. 118-120) o "**Adeus de Gonzaga**" de José Bonifacio de Andrada e Silva, e um fragmento do poema "**Gonzaga**", de Quintino Bocayuva.

Essa popularidade das lyras de Gonzaga já tinha sido affirmada por Spix e Martius, Saint-Hilaire, Monglave e outros.

Diz Tancredo de Barros Paiva (**O Bibliographo**, anno II, n.º 2, Agosto de 1931. — "Marilia de Dirceu (Notas á margem): "Ha tambem outra edição de Garnier, de 1862 com o titulo:

— "Marilia de Dirceu — Lyras de Thomaz Antonio Gonzaga acompanhadas de documentos historicos por J. Norberto de Souza S. Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier, (Paris, Typ. de S. Racon (sic) & C.), 1862. in-8.º"

Permitta-nos o sr. Tancredo discordar da sua affirmativa: conhecemos apenas uma ed. de 1862 organizada por J. Norberto, editada pela Livr. Garnier no Rio de Janeiro e impressa em Paris na typ. de S. Raçon & C.

Esta edição foi reimpressa alguns annos mais tarde:

Marilia/ de Dirceu/ Lyras/ de/ Thomaz Antonio Gonzaga/ precedidas/ de uma noticia biographica/ e do juizo critico dos auctores estrangeiros e nacionaes/ e das lyras escriptas em resposta ás suas/ e acompanhadas/ de documentos historicos/ por J. Norberto de Souza S./ Ornada de uma estampa/ Tomo primeiro (Tomo segundo)/ Rio de Janeiro/ Livraria de B. L. Garnier/ 71, rua do Ouvidor, 71/ Paris, E. Mellier, Livreiro, Rua Seguiet, 17/ 1884/ Todos os direitos de propriedade reservados.

2 vols. in-18. 348 p.

Na f. f. de r. "Brazileira Bibliotheca"/ dos melho- res auctores nacionaes/ antigos e modernos/ T. A. Gonzaga/ I (II)."

No verso da mesma f. "Havre. — Imprimerie du Commerce, 3 Rue de la Bourse."

Esta indicação vem repetida no pé da ultima pag. em ambos os vols.

Não existe na B. N. Encontra-se no "Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro".

1888

21 — BIBLIOTHECA UNIVERSAL/ antiga e moderna/ — MARILIA DE DIRCEU/ por/ Thomaz Antonio Gonzaga/ Com uma noticia biographica do auctor/ 2ª serie — numero 6/ Lisboa/ Casa Editora David Corazzi/ 40, Rua da Atalaya, 52/ Filiaes/ Porto: 127, Praça de D. Pedro, 1.º andar/. Brazil: 38, Rua da Quitanda, Rio de Janeiro/ 1888.

In-16. 124 p. n. — 4 in. (indice).

Contém:

"Noticia biographica".

"Marilia de Dirceu" — As duas primeiras partes das lyras segundo a edição de 1811.

"Addenda" — As lyras I, III e IV e dois sonetos da 3ª parte, considerada apocrypha.

"Indice".

Edição popular de "Marilia de Dirceu".

1910

22 — THOMAZ ANTONIO GONZAGA/ Marilia de Dirceo/ Nova edição revista/ e/ prefaciada/ por/ José Verissimo/ H. Garnier, Livreiro-editor/ 109, Rua do Ouvidor, 109 — 6, Rue des Saints-Peres, 6/ Rio de Janeiro — Paris/ 1910. in-18: 340 p. n. Na f. f. de r. : "Marilia de Dirceo". In fine : "H. Garnier, Livreiro-Editor."

Contém :

"Advertencia do editor literario" assignada: "J. V. Rio, 2 de Setembro de 1908."

"Gonzaga e a "Marilia de Dirceo" assignado : "José Verissimo."

"Marilia de Dirceo. — Parte I" : 37 lyras.

"Marilia de Dirceo. — Parte II" : 38 lyras e um soneto.

"Marília de Dirceu. — Parte III": 15 lyras e 2 sonetos.

"Índice".

O exemplar da B. N. foi doado pelo Sr. Abdon de Carvalho Lima.

(1916)

23 — BIBLIOTHECA UNIVERSAL/ Antiga e Moderna/ Marília de Dirceu/ por/ Thomaz Antonio Gonzaga/ Com uma noticia biographica do auctor/ 2.^a serie — numero 6/ 2.^a edição/ Lisboa/ "A Editora"/ Largo do Conde Barão, 50/ Agencia no Porto — Clerigos 96 e 98.

S. d. in-16 124 p. e índice (4 p.).

Identica á ed. de 1888; modificada apenas a f. de r.

1922

24 — ANTHOLOGIA UNIVERSAL/ Thomaz A. Gonzaga/ Marília de Dirceu/ (Seleção das lyras authenticas)/ Editor literario/ Alberto Faria, da Academia Brasileira/ Editores/ Anuario do Brasil — Rio de Janeiro/ (Almanak Laemmert)/ Renascença Portuguesa — Porto/ (1922) in-16.

160 p. n., índice, errata, retr. de Gonzaga.

In fine: "Acabou de se imprimir/ na typographia do Anuario do Brasil,/ (Almanak Laemmert)/ R. D. Manoel, 62 — Rio de Janeiro/ aos 24. de Maio de 1922.

Contem:

Advertencia — Escorço biographico.

Parte I: lyras I, II, IX, XI, XII, XIII, XVI, XVII, XVIII, XIX, XXI, XXII, XXIV, XXVI, XXVII, XXIX, XXXIV, XXXV, XXXVI.

Parte II: lyras III, IV V, VI, VII, IX, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XXII, XXIV, XXXIV, XXXVI, XXXVIII.

Appendice (Notas e documentos).

(1928)

25 — POETAS DO AMOR/ Cristóvão Falcão — Crisfal/ Tomás António Gonzaga — Marília de Dirceu/ Almeida Garrett — Folhas cahidas/ Edição organizada por/ José

Pereira Tavares/ Reitor do Liceu de Aveiro./ Livraria Chardron de Léo & Irmão,/ Lda., edit. Rua das Carmelitas, 144.
— Pôrto.

In-16 s. d. 288 p. n. retr. de Garrett. O Prologo traz a data : "Aveiro, Janeiro de 1928. J. T."

Na f. f. de r.: "Colecção Lusitania..."

P. 61 — "Tomás António Gonzaga. — Marília de Dirceu.

P. 63-66. Notícia bio-bibliographica sobre Gonzaga donde extrahimos :

"Este livro de amor consta de duas partes bem distintas : na primeira, que se compõe de trinta e sete liras, mostra-se o poeta cheio de felicidade, a transbordar de alegria pela esperança da realização dos seus sonhos; na segunda parte, 38 liras, a alegria cede o lugar á tristeza e desalento, filhos da prisão aonde o infortunio o conduziu. A primeira parte da **Marília** foi publicada em 1792, em Lisboa, no proprio ano da ida do poeta para o destêrro de Moçambique. A segunda parte appareceu com a primeira numa edição sem data, mas que é anterior a 1800, ano da publicação duma **terceira parte**, que por muitos criticos é, com tôda a razão, julgada apócrifa."

"Ainda se não fez uma edição definitiva, indispensavel para bem nos podermos pronunciar ácerca da matéria poética do infeliz poeta e das circumstancias em que as diferentes liras foram produzidas. Na presente edição sómente se reproduzem as duas partes sôbre cuja autenticidade não há duvidas."

"Além das edições acima citadas há as de 1801, 1802, 1810 (Rio de Janeiro), 1811, 1812, 1812 (Rio), 1812 (Baía), 1813 (Baía), 1817, 1818, 1819, 1820, 1822, 1823, 1824, 1825, 1827 (Lisboa, 2 ed. diferentes), 1827 (Baía), 1833, 1835, 1840, 184? (Rio), 1842 (Rio), 1842 (Pernambuco), 1845 (Rio), 1845 (Rio), 1850 (Baía), 1855 (Rio); outra do Rio sem data; 1862 (Paris), 1862 (Rio), 1882 e 1912 (Rio). — Existem tambem traduções : franceza (1825) e italianas (1844 e 1855), e latina (1868)."

Anotando :

— A segunda parte appareceu com a primeira numa edição datada (1799).

— 1801 ?

— 1818 ?

— 1822 ?

— 1823 ?

- 1825 ?
- 1827 (Lisboa). — Conhecemos uma apenas.
- 1833 ?
- 1835 — Conhecemos uma da Bahia, Typ. do Diário. Existe na B. N.
- 1845 (Rio). Existe apenas a de Pereira da Silva (Laemmert, ed.).
- Outra do Rio, s. d. — Refere-se provavelmente á de Soares & Irmão.
- 1862 (Paris) — E' a edição de J. Norberto, impressa em Paris.
- 1882 ? — Deve ser a de 1884. (Rio, Garnier).
- 1912 (Rio) ? — Deve ser a de 1910, de José Verissimo. Originou-se de um erro de Theophilo Braga, "Os Arcades", pag. 401: "O critico brasileiro José Verissimo, na biographia de Gonzaga, que acompanha a sua edição de **Marilia** de 1912..."

Pags. 67-216: As duas primeiras partes de Marilia de Dirceu, segundo a ed. de 1811. (37 lyras; 38 lyras e um soneto.

III — TRADUÇÕES DE MARILIA DE DIRCEU

As lyras de Gonzaga, dizem os bibliographos, foram traduzidas em seis linguas. Dessas traducções tres já foram editadas e são hoje perfeitamente conhecidas: a franceza, por Monglave e P. Chalas; a italiana, por Vegezzi-Ruscalla, e a latina, do Dr. Castro Lopes. As tres outras, citadas e não descriptas, são a ingleza, de traductor desconhecido; a allemã, de Iffland ou Uhland, e a castelhana, de Enrique Vedia, que teriam ficado ineditas ou, publicadas em periodicos, são difficeis de encontrar.

Adrien Balbi, o primeiro a mencionar as traducções de MARILIA DE DIRCEU, diz, em seu "Essai statistique sur le Royaume de Portugal...", editado em 1822: "Thomas Antonio Gonzaga... a été traduit en français, en italien, en allemand et en anglais".

Ora, se as edições de Paris (1825) e Turim (1844) vieram confirmar plenamente as suas declarações quanto ás

traduções franceza e italiana, falta-nos autoridade para negar as suas afirmações quanto ás traduções em allemão e inglez.

Do mesmo modo, não podemos, sem argumentos poderosos, duvidar da existencia da traducção castelhana que Varnhagen annuncia no seu "Florilegio da Poesia brazileira", T. I., pag. XL, da Introducção: "Gonzaga, cuja Marilia de Dirceu já vai sendo traduzida em todas as linguas, acabando de sê-lo em castelhano, a rogo nosso, pelo amigo o Sr. D. Henrique Vedia, distingue-se..."

1. — Em francez :

MARILIE/ Chants élégiaques/ de Gonzaga/ traduits du portugais/ par/ E. de Monglave et P. Chalas/ Paris/ C. L. F. Panckoucke, éditeur/ M DCCC XXV.

In-32. XXVI — 192 p.

Na f. f. de r. : "Marilie". No verso : "Paris, Imprimerie de C. L. F. Panckoucke, Rue des Poitevins, n. 14."

Traducção em prosa das duas primeiras partes (37 e 38 lyras).

Transcrevemos da noticia preliminar, como notas bibliographicas; Pag. XXII : "Le chef-d'œuvre de Gonzaga ne forme qu'un volume de deux cent vingt pages petit in-18... Ce volume est divisé en deux livres, composés chacun de trente-sept a trente-huit lyres ou élégies toutes différentes..."

Pag. XXV : "On a imprimé il y a quelques années à Lisbonne un prétendu troisième livre de Gonzaga; il suffit d'y jeter un coup d'oeil pour reconnaître la supercherie d'un maladroît imitateur."

Possue a B. N. 3 exemplares.

"MONGLAVE (François — Eugène Garay de). — Ancien officier supérieur, d'abord au service du Brésil, ensuite du Portugal, membre de plusieurs académies françaises et étrangères, fondateur de l'Institut Historique à Paris, et son secrétaire perpétuel; né a Bayonne (Basses Pyrenées) le 5 mars 1796."

"Ouvrages Traductions : 1) Marilie (1925) — 2) Correspondance de D. Pedro I. Emp. du Brésil (1827) — 3) Caramurú (1829) — 4) Palmeirim d'Angleterre. 4 vols. (1829). Inédits : Les Souvenirs du Brésil."

(Quérard. — La France Littéraire, T. VI. — 1834.)

Monglave esteve no Brasil de 1814 a 1819. Falleceu em 1873.

CHALAS (Prosper) — écrivain français mort vers 1833, á l'âge d'environ trente ans. Il a composé, en collaboration avec E. de Monglave, **Une Histoire des Conspirations des jésuites contre la maison de Bourbon en France** (1825).

(Larousse. — Grand Dictionnaire universel du XIX siècle. T. III. — 1867.)

2. — Em italiano

MARILIA DI DIRCEO/ Lire/ di/ Tommaso Antonio Gonzaga/ brasiliano tradotte dal portoghese/ da/ Giovenale Vegezzi-Ruscalla/ Torino Stamperia Sociale degli Artisti/ 1844.

In-12. XVIII — 240 p.

2ª ed. Torino Stamperia Sociale degli Artisti, 1855.
in-12. (N. hab.)

VEGEZZI - RUSCALLA, Giovenale, — publicista italiano n. em Turim em 1799 e fal. em 1865.

Conhecia varias linguas modernas e dirigiu durante algum tempo a "Revista Contemporanea", em cujas columnas publicou a maior parte de seus estudos.

Possue a B. N. 3 exemplares.

3. — Em latim

CASTRO LOPES./ Musa latina./ Amaryllidos Dircae/ aliquot selecta lyrica/ latinum sermonem translata/ ad usum scholarum brasiliensium/ accomodata/ Editio/ correctissima mendisque purgatissima,/ notis opportune adhibitis./ ...Potamopoli/ Ex Typis Quirini & Fratris — Via Quitanda 27./ MDCCCLXVIII. 8º.

IV — 68 p.

Contém :

"A' memoria de minha muito amada mulher..."

Prólogo. — "Algumas noções sobre o verso latino. e sua medição..."

1ª Parte : lyras I, II, V, XIII, XXII, XXIV, XXVI, XXVIII, XXIX, XXXII e XXXIV.

2ª Parte : lyras IV, V, VII, XII, XIII, XV, XX, XXIII, XXIV, XXVI e XXVII.

3ª Parte : lyras III, IV e VII.

Um appendice contendo varias poesias.

A tradução da primeira lyra já havia sido publicada no "Correio Mercantil" de 29 de Setembro de 1857, pag. 2, 2ª e 3ª col. : "Publicações a pedido. — Amaryllis, Ecloga. — Offerecida ao Exm. Sr. Conselheiro Candido Baptista de Oli-

veira... (trad. da lyra)... V Idus Augusti MDCCCLVII.
— Dr. A. de Castro Lopes." Segue o original portuguez.

Antonio de CASTRO LOPES nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 5 de janeiro de 1827. Formado em medicina, professor de grammatica latina no Imperial Collegio de Pedro II, foi poeta e um dos nossos primeiros latinistas. Falleceu em 1901.

Dr. CASTRO LOPES/ — Musa Latina/ — Algumas lyras escolhidas de/ Marilia de Dirceô/ traduzidas para verso latino/ — Segunda edição/ correctá, e augmentada,/ ... Rio de Janeiro/ Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Ouvidor 31/ — 1887.

In-8.º XXX — 140 p. n.

As palavras "Musa latina" e "traduzidas para verso latino" em vermelho.

Na f. f. de r.: "Musa latina"; no verso: Dr. Castro Lopes/ **Musa latina**/ — Amaryllidos Dircei/ aliquot selecta lyrica/ **in latinum sermonem translata**/ — Editio secunda/ correctissima, aucta, mendisque purgatissima,/ notis opportune adhibitis,/ ... Potamopoli/ Excuderunt G. Leuzingerius & Filii Typographi./ — MDCCCLXXXVII. (As palavras em negrito em vermelho.)

Contém :

"A' memoria de minha muito amada mulher...", precedendo a f. de r.

"Aos meos amigos"...

Carta-prefacio do Barão de Paranapiacaba.

"Prologo da primeira edição."

"Algumas noções sobre o verso latino..."

"Carta proemial" de José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha.

Traducção das lyras.. (Em confronto com o original.

"Appendice" com varias outras poesias.

O nosso exemplar pertence á "Coll. Guinle".

4. — Em Allemão :

A traducção allemã de "Marilia de Dirceu", já citada por Balbi em 1822, foi attribuida, ora a Iffland, por Pereira da Silva, Teixeira de Mello, Blake e Motta, ora a Uhland, por Fernandes Pinheiro, Velho da Silva e outros.

Ficam na alternativa Innocencio e Oswaldo Braga. O primeiro diz, textualmente: "Das traduções hespanhola e ingleza e da allemã por Iffland ou Uhland (que de ambos os modos anda escripto o appellido) (?) nada posso dizer por não haver tido meio de examinar exemplares de qualquer d'ellas".

O unico que declara ter visto a traducção allemã que attribue a Iffland é Pereira da Silva. Parece, entretanto, pouco provavel que Iffland, actor, director theatral e autor dramatico, fallecido em 1814, traduzisse as lyras de Gonzaga, que tanto se afastam do seu genero.

Uhland, poeta lyrico, professor de literatura, estudioso da poesia fosse nacional ou estrangeira, teria maiores probabilidades de ser o traductor da obra de Gonzaga. Percorrendo a bibliographia do primeiro e as poesias do segundo nada conseguimos encontrar sobre o assumpto.

O que temos como certo é que a lyra I da 1ª parte de Marilia de Dirceu foi traduzida em allemão por Ferdinando Schmid, que, em 1873, publicou suas poesias sob o pseudonymo de Dranmör.

DRANMOR'S/ gesammelte Dichtungen./ ... Dritte vermehrte Auflage./ Mit dem Portrait des Verfassers./ Berlin, Verlag von Gebruder Paetel, 1879. in-8°. XXII — 270 p. Dedicatoria autogr. do autor a D. Pedro II. (Coll. Th. Ch.) A 1ª ed. é de 1873.

A' pag. 75: "XV. Marilia de Dirceo. (Nach Thomas Antonio Gonzaga)..."

Traducção da lyra I. da 1.ª parte.

DRANMOR, pseudonymo do poeta Ferdinando Schmid (1823-1888), negociante no Rio de Janeiro e durante os ultimos annos do reinado de D. Pedro II, consul geral do Imperio Austriaco para o Brasil.

5. — Em castelhano:

Nenhum bibliographo, até hoje, conseguiu ver a traducção castelhana de MARILIA DE DIRCEU, annunciada por Varnhagen.

Enrique Vedia y Goossens, literato espanhol do meado do seculo XIX, a quem foi attribuida, publicou, entre outras obras: "Historia de la Coruña" (1845) e "Historiadores primitivos de Indias" (Madrid, 1858-62), traduziu a Historia da literatura hespanhola, escripta em inglez por Ticknor e distinguuiu-se como excellente traductor de poesias inglesas.

Antonio Palau y Dulcet (Manual del Librero Hispano-americano) não menciona tradução alguma de Gonzaga em castelhano.

Apenas conhecemos e mencionamos:

GARCIA MEROU, Martin, — El Brasil intelectual. Impresiones y notas literarias. Buenos Aires, Felix Lajouane, editor, 1900. In-8.º VIII — 470 p.

Pag. 240, nota: “1) Traduzco una estrofa de las **Lyras** citada por Araripe:

Pintan que estoy bordándote un vestido
Y que un niño brillante, ciego, alado,
Me enhebra en las agujas, el flexible
Hilo de oro delgado.”

Pag. 244-245, versão das quatro primeiras estrophes da Lyra XXVI da 1.ª parte:

“Tu no verás, Marilia, cien cautivos
Traer el casco y la opulenta tierra,
O’ del cauce de ríos caudalosos,
O’ de las rocas de minada sierra.

No verás separar al hábil negro
Del pesado esmeril que centellea
La gruesa arena, y las penitas de oro
En el fondo brillar de la batea.

No verás derribar la virgen selva
Ni arder el nuevo mattoral lozano;
Su ceniza abonar el blando suelo
Y en el surco sembrar el fértil grano.

No verás enrollar negros paquetes
Del tabaco fragante con la hoja
Ni en las ruedas dentadas exprimir-se
El dulce zumo que la caña arroja.”

Em nota, o original.

6. — Em inglez:

Não nos foi possível encontrar a tradução ingleza mencionada por Balbi. Adamson não a possuía em sua “Bibliotheca Lusitana” e Lowndes não a cita.

Não deixaremos entretanto de apresentar a tradução ingleza de alguns versos de Gonzaga. Encontram-se em:

GOLDBERG, Isaac, — Brazilian literature. Isaac Goldberg, Ph. D. With a foreword by J. D. M. Ford. New York, Alfred A. Knopf, MCMXXII. In-8.º. XIV-304 p.

Pag. 64-65, transcreve e traduz a ultima estrophe da lyra V (1.ª parte)

“Noto, gentil Marília, os teus cabellos;

E noto as faces...”

“I gaze, comely Marilia, at your tresses; and I behold in your cheeks the jessamine and the rose; I see your beautiful eyes, your pearly teeth and your winsome features. He who created so perfect and entrancing a work, my fairest Marilia, likewise could make the sky and more, if more there be.”

IV — REFERENCIAS A GONZAGA, SUA VIDA

E SUA OBRA

ABREU, Jorge O. e Almeida, — Historia da Literatura nacional. Rio, Officina Graphica do Mundo Medico. 1930. In-8.º. 390 p.

Na capa: 1931.

Pag. 134-145. Pag. 136: “Suã obra capital é a collecção denominada **Liras** (?) São carmes suavissimos que já foram traduzidos em latin pelc dr. Castro Lopes, como vertidos para o inglês, francês, espanhol e italiano.”

“Das trinta enumeradas pelo dr. Sacramento Blake, contam as **Liras** mais quatro edições.”

ABREU E LIMA, José Ignacio de, — Bosquejo historico, politico e literario do Brasil; ou analyse critica do projecto do Dr. A. F. França, offerecido em sessão de 16 de Maio ultimo á Camara dos Deputados, redusindo o sistema Monarquico constitucional, que felismente nos rege, á uma Republica democratica: seguida de outra analyse do Projecto do Deputado Rafael de Carvalho, sobre a separação da Igreja Brasileira da Santa Séde Apostolica. Por um Brasileiro... Cidade de Nictheroy, Na Typographia Nictheroy de Rego e Comp. 1835. In-4.º. 180 p.

Pag. 71: “...ainda hoje são conhecidos pelos **seus titulos** o Caramurú, o Uruguay, a Marilia de Dirceo, &c.,...”

ADAMSON, John, — *Bibliotheca Lusitana*; or Catalogue of books and tracts, relating to the history, literature, and poetry of Portugal; forming part of the library of John Adamson. Newcastle on Tyne: printed by T. and J. Hodgson, MDCCCXXXVI. in-8.° peq. IV-116 p. illust.

Pag 85:

"Marília de Dirceu por T. A. G. 8 vo. Rio de Janeiro 1810. All the three parts."

ALMEIDA GARRETT, J. B. de, — *Bosquejo da Historia da poesia e lingua portugueza. Outros escriptos. — Impressões e viagens.* (Obras completas de Almeida Garrett. Edição revista, coordenada e dirigida pelo dr. Theophilo Braga. XXI) Edição illustrada. Lisboa, Empreza da Historia de Portugal. 1904. in-16. 244 p.

Pag. 30-31.

ALVARENGA PEIXOTO, Ignacio José de, — *Obras poeticas de Ignacio José de Alvarenga Peixoto colligidas, annotadas, precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros e de uma noticia sobre o autor e suas obras, com documentos historicos por J. Norberto de Souza S.* Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier, Paris, Augusto Durand, 1865 In-18. 270 p.

Varias referencias a Gonzaga na "Introducção" e nas "Peças justificativas".

ARARIPE JUNIOR, T. A., — *Litteratura brasileira. Dirceu.* Rio de Janeiro, Typ. Universal de Laemmert & C. 1890. In-8.° 32 p.

Estudo critico sobre Gonzaga, Marília e as Lyras.

BALBI, Adrien, — *Essai statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres états de l'Europe...* Paris, chez Rey et Gravier 1822. 2 vols. In-8.°.

Tomo II. — Pag. clxvii:

"Thomas Antonio Gonzaga. surnommé avec raison l'Anacréon portugais, et mort en exil á Angola en Afrique. Sa collection de Lyras, sous le titre de Marília de Dirceu, est un chef d'oeuvre pour le style, le (sic) pureté de langage, l'harmonie des vers et le choix des sujets. Il a été traduit en français, en italien, en allemand et en anglais".

Pag. ccxliv: (1802)

“Marilia de Dirceo: pcesias novamente impressas e accrescentadas com algumas Liras que ainda se não tinham estampado”.

Pag. cclxxxv: (1812)

“Marilia de Dirceo. Reimpresão”.

BARBUDA, Pedro Julio, — *Lingua Portugueza*. — Quinta parte: *Chrestomathia colligida em Portugal e no Brasil* pelo Dr. Pedro Julio Barbuda... Bahia, Officinas dos Dois Mundos, 1909. in-8.º. 392 p.

Pag. 149-152: *Lyra I* (2.ª parte) — 3 estrophes.

Lyra I (1.ª parte) — 2 ultimas estrophes.

Lyra VI (1.ª parte) — 4 primeiras éstrophes.

BARRETO, Fausto, e Carlos de Laet. — *Anthologia nacional ou collecção de excerpts dos principaes escriptores da lingua portugueza do 19.º ao 16.º seculo por Fausto Barreto e Carlos de Laet precedida de uma introducção grammatical e entremeiada de breves noticias bio-bibliographicas. Refundição completa da selecção litteraria...* Rio de Janeiro, J. G. de Azevedo, editor. 1895. in 8.º. XVIII-386 p.

Ultima ed. (19.ª) Rio Liv. Francisco Alves, 1934.

Pag. 307-309: “Thomaz Antonio Gonzaga (Porto 1747-1809)...” ligeira nota biographica seguida da *lyra XXVIII*: “Alexandre, Marilia, qual o rio...”

BARROS PAIVA, Tancredo de, — *Achêgas a um Diccionario de pseudonyms, iniciaes, abreviaturas e obras anonymas de auctores brasileiros e de estrangeiros, sobre o Brasil ou no mesmo impressas*. Rio de Janeiro, J. Leite & Cia., 1929. in 8.º. 248 p.

Pag. 44. n.º 295.

Pag. 49. n.º 333.

Pag. 140. n.º 1080. — Cita 22 edições de “*Marilia de Dirceu*”.

BELL, Aubrey F. G., — *A Literatura portugueza (História e Critica)*. Tradução do inglês por Agostinho de Campos e J. G. de Barros e Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931. in-8.º. XXIV-508 p.

Pag. 366.

Pag. 373.

BILAC, Olavo, — *Crítica e Fantasia*. (Em Minas. — *Chronicas Fluminenses*. — *Notas Diarias*. — Na Academia). — (Prosadores e poetas brasileiros. — II) Lisboa, A. M. Teixeira, 1904. In-8.º 432 p.

Pag. 9-24: "Em Minas. — I. Marília"...

BRAGA, Theophilo, — *A Arcadia Lusitana: Garção — Quita — Figueiredo — Diniz*. Por Theophilo Braga. Porto, Livraria Chardron, casa editora, Successores Lello & Irmão. 1899. In-8.º. 644 p.

Ligeiras referencias a Gonzaga e ás "Cartas Chilenas".

BRAGA, Theophilo, — *Curso de Historia da Litteratura portugueza*, adaptado ás aulas de instrucção secundaria por Theophilo Braga. Lisboa, Nova Livraria Internacional — editora, 1885. In-8.º. 412 p.

Pag. 358-360:

"A Arcadia ultramarina"...

BRAGA, Theophilo, — *Historia da litteratura portugueza*. — Filinto Elysio e os dissidentes da Arcadia. — A Arcadia brasileira. Francisco de Mello Franco, José Basílio da Gama, Frei José da Santa Rita Durão, Alvarenga Peixoto, Gonzaga, por Theophilo Braga. Porto, Livraria Chardron, Successores Lello & Irmão, 1901. In-8.º 736 p.

Pag. 525-628: "VII Thomaz Antonio Gonzaga"

Cita 36 edições de Marília de Dirceu em portuguez, traducções e ineditos de Gonzaga.

BRAGA, Theophilo, — *Manual da Historia da Litteratura portugueza desde as suas origens até o presente* por Theophilo Braga... Porto, Livraria Universal de Magalhães e Moniz, 1875. In-8.º. VIII-474 p.

Pag. 442: referencias a Gonzaga e ás suas lyras.

BRANDÃO, Thomaz, — *Marília de Dirceu*. Bello Horizonte, Typographia Guimarães, 1932. In-16. 478 p. illustr.

Estudo historico documentado sobre Marília e Gonzaga. Refutação "das falsidades divulgadas com referencia a ambos".

Muitos excerptos de Gonzaga.

BRANT HORTA, (prof.) — Analise literaria e noções de Literatura. Rio de Janeiro, J. R. de Oliveira & C. s. d. In 16. 238 p.

Pag. 169: "Tomás Antonio Gonzaga... nasceu em 1774 (?) e morreu em 1807. Dizem uns que êle nasceu no Pôrto, mas Pereira da Silva afirma que no Brasil (?)... Faleceu no exilio com 63 anos deixando, além da tradução do **Pastor Fido** de Guarini (?), os versos amorosos intitulados **Marilia de Dirceu**...

BROCKHAUS. Der Grosse Brockhaus. Handbuch des Wissens in zwanzig Banden. Fünfte, völlig neubearbeitete Auflage von Brockhaus' Konversations-Lexicon. Leipzig, F. A. Brockhaus, 1928-1935. 21 vols. in-8°. illustr.

Vol. VII. Pag. 493, 1.ª col.

Não se refere á tradução allemã. — Attribute a Gonzaga as "Cartas Chilenas".

BURTON, Richard F., — The Highlands of the Brazil, by Captain Richard F. Burton. London Tinsley Brothers, 1869. 2 vols. in-8°. XII-444; VIII-478 p. illustr. e map.

Vol. I. Pag. 344 e seg. "Ch. XXXV. — Villa Rica, now Ouro Preto (West End)".

CANSTATT, Oscar, — Kritisches Repertorium der Deutsch-Brasilianischen Literatur von Oscar Canstatt. Berlin, Dietrich Reimer (Ernst Vohsen) 1902. In-8°. VIII-124 p.

Pag. 45; referindo-se a Ferdinando Schmid, declara: "In seinen "Poetischen Fragmenten", Leipzig, F. A. Brockhaus, 1860, ist unter anderem eine sehr gelungene metrische Uebersetzung der ersten Lyra des ersten Teiles der Marilia von Dirceu, einer Lieblingsdichtung der Portugiesen und Brasilianer, enthalten".

Não menciona tradução alguma de Iffland ou Uhland.

CARTAS CHILENAS (treze) em que o poeta Critillo conta a Dorotheo os factos de Fanfarrão Minezio, governador do Chile. Copiadas de um antigo manuscripto de Francisco Luiz Saturnino da Veiga, e dadas á luz com uma introdução por Luiz Francisco da Veiga. Rio de Janeiro, Eduardo & Henrique Laemmert, 1863. In-16. 222 p.

Da inclusão das "Cartas Chilenas" neste catalogo não se conclua que as attribuímos a Gonzaga.

Julgamos mui convincentes os argumentos de Caio de Mello Franco que lhes dá como autor Claudio Manoel da Costa.

Sobre as "Cartas Chilenas" veja o estudo bibliographico publicado na "Revista do Archivo Publico Mineiro" anno II, 1897, pag. 403-424, que as attribue a Gonzaga.

CARVALHO, Alfredo de, — Bibliotheca Exotico-brasileira por Alfredo de Carvalho publicada... sob a direcção de Eduardo Tavares. Rio de Janeiro, Paulo Pongetti & C. 1929-1930. 3 vols. in-8.º.

Vol. II. Pag. 244.

Cita as edições de 1792 (Lisboa) e 1842 (Pernambuco), assim como as traducções em francez e italiano.

CARVALHO, Ronald de, — Pequena historia da litteratura brasileira. Prefacio de Medeiros e Albuquerque (Premio Academia Brasileira). 5.ª edição revista e augmentada. Rio de Janeiro, F. Briguiet & Cia., 1935. In-16. VI-390 p. illustr. retr. do autor.

A 1.ª ed. é de 1919.

Pag. 46, 151, 169, 171, 172, 173, 181, 182, 268.

Pag. 169: "...**Marilia de Dirceu** é o livro de amor mais estimado da lingua portugueza. Nada menos de 34 edições já se fizeram das Liras de Gonzaga, depois da primeira de 1792..."

Pag. 170: Lyra XXVI da 1.ª parte.

Outras citações.

CARVALHO RAMOS, Manuel L. de, — Os Genios. Goyaz, (Porto, Typ. de Arthur José de Souza & Irmão) 1895. In-8.º. 20 p. in.-252 n.

Pag. 151: "Thomaz Gonzaga" poemeto.

CASTELLO BRANCO, Camillo, — Curso de Litteratura portugueza por Camillo Castello Branco. Continuação e complemento do Curso de Litteratura portugueza por José Maria de Andrade Ferreira. Lisboa, Livraria editora de Matos Moreira & C.ª 1876. In-8.º. 366 p.

Pag. 249-250.

Pag. 250: "... As lyricas de Gonzaga, colligidas no livro intitulado **Marilia de Dirceu**, multiplicadas em successivas edições..."

CASTRO ALVES, A. de, — Gonzaga ou a Revolução de Minas. Drama historico brasileiro por A. de Castro Alves. Precedido de uma carta do Exmo. Sr. Conselheiro (sic) José de Alencar e de outra do Illmo. Sr. Machado de Assis. Rio de Janeiro, A. A. da Cruz Coutinho, 1875. In-8.º. XXII-90 p.

CATALOGO da Bibliotheca de Francisco Ramos Paz (Fallecido no Rio de Janeiro, em 31 de Janeiro de 1918) Rio de Janeiro, Typ. d'O Imparcial, 1920. In-4.º. 8 p. in.-422. Pags.: 121-122: "Gonzagueana".

CATALOGO da Exposição permanente dos Cimelios da Bibliotheca Nacional publicado sob a direcção do Bibliothecario João de Saldanha da Gama. Rio de Janeiro, Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1885. In-8.º. 1070 p. e est. Pag. 394. N.º 196.

CATALOGUE général des livres imprimés de la Bibliothèque Nationale. Auteurs. Tome LXII: Goncourt — Goutzwiller. (Ministère de l'Instruction publique et des Beaux-arts) Paris, Imprimerie Nationale, MDCCCXV. In-8.º. 1242 col. (624 p.)

Col. 157. — Apresenta tres edições do original e a traducção franceza de Monglave e Chalas .

CHICHORRO DA GAMA, A. C., — Breve Dictionario de Autores classicos da literatura brasileira. Edição da Revista de Lingua Portuguesa. Rio de Janeiro, S. A. Litho-Typographia Fluminense, 1921. In-8.º. 88 p.

Pag. 43-44: cita as seguintes edições: 1792 (1.ª), 1810, 1862, 1910, 1921; e as traducções latinas de Castro Lopes (Rio, 1868, 1887).

CHICHORRO DA GAMA, A. C., — Miniaturas biographicas (Apontamentos de litteratura classica brasileira). Rio de Janeiro, Francisco Alves, Paris, Aillaud, Alves & Cia., 1914. In-8.º. 192. p.

Pag. 75-77: noticia bio-bibliographica. Cita as edições de 1792, 1800, 1810, 1862, 1910 e as traducções latinas (Rio, 1868 e 1887).

COSTA HONORATO, Manoel da, — These para o concurso ao logar de substituto da cadeira de rhetorica, poe-

tica e litteratura nacional do Imperial Collegio Pedro II por Manoel da Costa Honorato. Rio de Janeiro, Typ. Cosmopolita de A. G. do Valle. 1879. In-4.º. peq. 98 p.

Pag. 65: as 2 primeiras estrophes da lyra XXXVI da Parte I.

Pag. 75: "Thomaz Antonio Gonzaga, filho legitimo do fluminense Dr. João Bernardo Gonzaga, que nasceo na cidade do Porto, em 1754, e sendo complicado na mesma conjuração do Tiradentes, foi desterrado para Africa, onde dizem ter fallecido em 1807, foi excellente poeta pastoril e lyrico, compôz muitas lyras, sonetos, ódes, hymnos, endeichas e outras poesias que foram publicadas em um volume denominado **Marilia de Dirceô**".

COSTA E SILVA, José Maria da, — O Passeio. Poema de José Maria da Costa e Silva. Segunda edição Correcta, e consideravelmente augmentada pelo author... Lisboa, Imprensa de Candido Antonio da Silva Carvalho, 1844. In-4.º. peq. XXVIII-194-108 p.

2.ª parte: "Notas. — Notas do passeio". Pag. 33:

"O Bacharel Thomé Joaquim Gonzaga, Brasileiro, author da Marilia de Dirceô, e traductor do Pastor Fido de Guarini" (?)

Entretanto em 1853, no "Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetâs portuguezes, Lisboa". Tomo VI, pag. 285, escrevia Costa e Silva: "Livro XIII. — Conclusão da eschola italiana. Cap. I. — Thomé Joaquim Gonzaga Neves, primo do celebre poeta erotico Thomaz Antonio Gonzaga, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 20 de Abril de 1728... trad. do "Pastor Fido"... não se referindo á Marilia de Dirceô.

CRUZ, Estevão. — Antologia da lingua portuguesa para uso dos alunos das cinco séries do curso de português... Porto Alegre, Edição da Livraria do Globo, 1934. in-16. 828 p. Pag. 504-508: Lyra XXVI (1.ª Parte).

CRUZ, Estevão, — História Universal da Literatura para uso das escolas, e de acôrdo com os programas officiaes vigentes. Porto Alegre, Edição da Livraria do Globo, Barcellos, Bertaso & Cia., 1936. 2 vols. in-8.º. 418; 722 p. illustr.

Segundo vol. Pag. 468-469: biographia, bibliographia e critica.

CUNHA BARBOZA, Januario da, — Parnazo Brasileiro cu collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil tanto ineditas, como já impressas. Rio de Janeiro, Na Typographia Imperial e Nacional, 1829-1830 (Vol. 1.º) e na Typographia Nacional, 1831-1832 (Vol. 2.º). 8 cadernos em 2 vols. in - 4.º. peq.

Vol. II. Caderno 8.º Pag. 32: "Breve noticia sobre a vida de Thomaz Antonio Gonzaga, (natural de Pernambuco.)..."

Seguem as lyras XXIV, XXVI, XXVIII da parte I e III, XII, XVI, XX, XXVII e XXVIII da parte II. E mais o "Soneto despedindo-se para a Bahia, quando foi despachado Desembargador daquella Relação:

Obrei quanto o discurso me ditava".

....."

Muitas variantes.

DENIS, Ferdinand, — Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil, par Ferdinand Denis. Paris, Lecoq et Durey, libraires, 1826. In-18. XXVI-626 p.

Pag. 568-572: "Chapitre V. — MARILIE, chants élégiaques de Gonzaga da Costa (?)..."

Cita a traducção franceza de Monglave e P. Chalas, da qual reproduz a lyra XXVIII (2.ª parte).

Denis, que conhecia perfeitamente o nome de Gonzaga, foi victima de um erro typographico. Citando oito vezes o poeta elle escreve apenas **Gonzaga**, sem accrescentar o **da Costa**, que, no titulo do capitulo, devia pertencer a Claudio Manoel, cujo nome foi omittido. Claudio, assumpto do capitulo, deveria, como diz Diniz, Caldas e Alvarenga, ser mencionado no resumo inicial.

Infelizmente esse erro foi repetido por Saint-Hilaire, Dezobry e Bachelet e outros.

DENIS, Ferdinand, — P. Pinçon et De Martonne. — Nouveau Manuel de Bibliographie universelle par Messieurs Ferdinand Denis, P. Pinçon et De Martonne. Paris, A la Librairie Encyclopédique de Roret, (Manuel Roret) 1857. 3 vols. in-12.

Tomo II Pag. 515 (sob o titulo: "Portugal. — VI — Poètes"):

"211. — Thomas Antonio Gonzaga. Marilia de Dirceo. Lisboa, 1811. in-18.

"Nous signalerons une excellente edit. avec vie de l'auteur donnée par M. P. da Sylva, Rio de Janeiro, 1845. Gonzaga né à Minas; (?) est mort fou à Mozambique, en 1809; il est enterré dans la cathédrale de cette ville".

"Après le Camoens, c'est le poète qui a été le plus frequemment réimp. en Portugal et au Brésil. A partir de 1800, on a inséré dans quelques édit. une troisième partie qui n'appartient nullement a Gonzaga."

"212. Marilie, chants élégiaques de Gonzaga, trad. du portugais par MM. E. de Monglave et P. Chalas. Paris, 1825. in-32".

DEZOBRY, Ch., — Th. Bachelet — Dictionnaire général de biographie et d'Histoire, de mythologie, de géographie ancienne et moderne comparée, des antiquités et des institutions grecques, romaines, françaises et étrangères... par MM. Ch. Dezobry — Th. Bachelet et une société de littérateurs, de professeurs et de savants. Deuxième édition corrigée.

Paris, Dezobry, E. Magdeleine et Cie., éditeurs. 1861. 2 vols. In-8.^o VIII-1466; 2922-10 p.

Varias ed. sendo a 1.^a de 1857.

Vol. I. Pag. 1206, 2.^a col:

"Gonzaga (Thomas Antonio Costa de), (?), Poète brésilien, né au commencement du XVII.^e (?) siècle, m. en 1760, (?) en exil, après avoir été impliqué dans une conspiration. On l'a surnommé **l'Anacréon portugais**. Son talent a de la grâce, de la naïveté et de la chaleur, son style est pur, sa poésie harmonieuse. MM. de Monglave et Chalas ont traduit ses poésies en français. Paris, 1825. In-32".

DINIZ, Almachio, — Anthologia da lingua vernacula organisada como curso de literatura brasileira pelo Dr. Almachio Diniz. Bahia, Livraria Catilina de Romualdo dos Santos, 1913. In-8.^o 604 p.

Pag. 175-178, em nota bio-bibliographica: "... A sua principal obra foi uma collecção de versos sob o titulo de **Marilia de Dirceu**, que conta perto de vinte edições."

Segue a Lyra 1.^a da Parte II.

DIRCEU DE MARILIA. Lyras attribuidas á Snr.^a D. M. J. D. de S. (Natural de Villa Rica.) Rio de Janeiro, Typ. de J. E. S. Cabral, 1845. In-16. 12 p. in.-120 n.

Obra dividida em duas partes: I — Amores (15 lyras)
II — Saudades (26 lyras), precedidas de uma noticia e uma dedicatoria assignadas J. Norberto de S. S., geralmente considerado como autor.

DUQUE-ESTRADA, Osorio, — Thesouro poetico brasileiro. Collectanea das melhores poesias nacionaes. 1750-1900. Rio de Janeiro. Francisco Alves & Cia. Paris, Aillaud Alves & Cia. 1913. In-8.º. 452 p.

Pag. 27-32: lyra I (1.ª parte).

ENCICLOPEDIA ITALIANA di scienze, lettere ed arti, pubblicata sotto l'alto patronato di S. M. il Re d'Italia. Roma, Treccani, 1929-1935. 27 vols. in-4.º. illustr. (Em continuação).

Vol. XVII. Pag. 544, 2.ª col.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA (The). Fourteenth edition. A new survey of universal knowledge. London, The Encyclopaedia Britannica Company, Ltd. — New York, Encyclopaedia Britannica. Inc. (1929-1932) 24 vols. in-4.º. illustr.

A 1.ª ed. é de 1768.

Vol. 10. pag. 517, 2.ª col. Não se refere á traducção ingleza.

ENCYCLOPEDIA E DICCIONARIO INTERNACIONAL, organizado e redigido com a collaboração de distintos homens de sciencia e de lettras brasileiros e portuguezes. Edição ricamente illustrada com milhares de gravuras muitas em côr. Rio de Janeiro, Nova York, W. M. Jackson, Inc. editores, s. d. 20 vols. in-4.º.

Vol. IX. Pag. 5211-5212.

FARIA, Alberto, — Accendalhas. Literatura e folklore. Rio de Janeiro, Livraria Editora de Leite Ribeiro & Maurillo, 1920. in-16. 394 p.

Pag. 80, em nota: "(3)...Ora, até 1827 fizeram-se, em Portugal e Brasil, nada menos, que 21 edições de **Marilia de Dirceu**, a contar da **princepe**, 1792, anno do degreço do vate..."

A' pag. 231, nota, referindo-se á edição de 1802 (2.ª da 2.ª parte), confessa nunca ter visto a 1.ª dessa parte.

FARIA, Alberto, — *Aérides. Literatura e folk-lore.* Rio de Janeiro, Jacintho Ribeiro dos Santos, editor, 1918. in-16. 308 p.

Pag. 95, 217, 249-255.

FARIA, Alberto, — “*Cartas Chilenas*”. — Seus principaes cryptonymos. São Paulo, Typogr. Flli. Canton, 1913. in-16. 40 p.

FERNANDES PINHEIRO, Joaquim Caetano, — *Curso elementar de Litteratura nacional pelo Conego Doutor Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro...* Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier. — Paris, Garnier Irmãos, 1862. in-8.º. VIII-568 p.

Pag. 329-336:

Pag. 330: “...Sua **Lyrice**, conhecida debaixo da denominação de **Marilia de Dirceo**, e dividida em duas partes, tem tido numerosas edições; e nem-uma obra em portuguez, diz o Sr. Varnhagen, á excepção dos **Lusiadas**, mais se tem reproduzido neste seculo”.

— Em nota:

“1 — Propendemos para a opinião dos que julgam espuria a terceira parte; com excepção d’algumas poesias, que visivelmente pertencem ás duas primeiras”.

Pag. 331: “Summamente populares em Portugal e no Brasil mereceram as **Lyras** de Gonzaga a subida honra de serem vertidas em francez pelo Sr. Monglave, em italiano pelo Sr. Ruscala, em allemão por Uhland, e não sabemos si mais em algum idioma moderno”.

“1. — Sabemos que algumas das melhores lyras de Gonzaga estão sendo vertidas em latim pelo nosso douto amigo o Sr. Dr. A. de Castro Lopes. Da superioridade d’este trabalho podem avaliar os leitores pelos specimens publicados no **Correio Mercantil**”.

Transcreve: 4 estrophes da lyra XXVI; 3 da lyra XXIV; 4 da lyra XXVIII; 4 da lyra VIII (1.ª parte); e 4 da lyra V da 2.ª parte.

FERNANDES PINHEIRO, Joaquim Caetano, — *Resumo de Historia Litteraria pelo Conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro...* Rio de Janeiro, B. L. Garnier, s. d. 2 vols. in-8.º. 497-VII; 480 p. retr. do autor.

Vol. II. Pag. 327-336: "GONZAGA (Thomaz Antonio)... nasceu na cidade do Porto em agosto de 1774... graduando-se em jurisprudencia quando apenas contava dezenove annos... até que em 1782 recebeu o predicamento d'ouvidor de Villa Rica..."

Transcreve quatro estrophes da Lyrra XXXVIII (2.^a Parte) que iulga allusivas a Tiradentes.

"Nenhum outro livro em lingua portugueza (se exceptuarmos os Lusiadas de Camões) tem tido tantas e tão repetidas edições: prova indefectivel da sua popularidade".

Pag. 332. Nota 3. "Seguindo as indicações do Sr. Innocencio da Silva (Dicc. Bibliogr.) calculamos em quinze as edições d'esta obra sendo a ultima a de 1862, edictorada pelo Sr. B. L. Garnier em dois vol. in-12".

FONSECA, Martinho Augusto da, — Subsidios para um Diccionario de pseudonymos, iniciaes e obras anonymas de escriptores portuguezes. Contribuição para o estudo da litteratura portugueza por Martinho Augusto da Fonseca. Com poucas palavras servindo de prologo pelo academico Dr. Theophilo Braga. Lisboa, por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias. 1896. In-4.^o peq. XII-298 p.

Pag. 21, N.^o 215:

"Dirceu — Thomaz Antonio Gonzaga, natural do Porto e n. em agosto de 1744".

Pag. 155: N.^o 381:

"T. A. G. — Thomaz Antonio Gonzaga, natural do Porto e n. em agosto de 1744. Marilia. Lisboa. 1802. 8.^o".

FORJAZ DE SAMPAIO, Albino, — Historia da Litteratura portugueza illustrada publicada sob a direcção de Albino Forjaz de Sampaio da Academia das Ciências de Lisboa, com a colaboração dos Senhores A. Botelho da Costa Veiga... Paris, Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1929-1932. 3 vols. in-4.^o 388, 386, 378 p. illustr.

Vol. III. Pag. 327-330:

Tomás António Gonzaga e os poetas de Minas..."
Cita 35 edições de "Marilia de Dirceu".

Pag. 352, retrato de Gonzaga.

FRANCIONI DE SOUZA, Cacilda, — Resumo da Historia litteraria. Rio de Janeiro, Laemmert & C. — Editores, 1902. in-8.^o. VIII-440 p.

Pag. 237: "Thomaz Antonio Gonzaga... As celebres — Lyras a Marilia de Dirceu, de estylo suave e natural, foram vertidas para o francez, italiano e allemão".

Algumas citações: lyra XIX da 1.^a parte, 3.^a estrophe; lyra XVIII da 2.^a parte, 5.^a e 9.^a estrophes; lyra III da 3.^a parte, 1.^a estrophe.

FRANCIONI DE SOUZA, Cacilda, — Noções de litteratura nacional por Cacilda Francioni de Souza 2.^a edição, revista e melhorada. Rio de Janeiro, Laemmert & C. — Editores, 1902. in- 8.^o. XXVI-384 p.

A 1.^a ed. é de 1895.

Pag. 61: "Thomaz Antonio Gonzaga. Nascido em Portugal no anno de 1744, passou Thomaz Antonio Gonzaga sua infancia na Bahia e sua mocidade em Minas, donde partio para bacharelar-se em Coimbra".

"...morreu louco em 1807".

"As lyras, divididas em duas partes, foram vertidas para o francez, italiano e inglez".

"Maria Joaquina Dorothea morreu solteira em 1854".

Pag. 152-156: as lyras XVIII da 2.^a parte e III da 3.^a.

FREIRE, Laudelino, — Sonetos brasileiros. Seculo XVII-XX. Collectanea organizada por Laudelino Freire. Rio de Janeiro, F. Briguier & Cie. s. d. in-4.^o. VIII-514 p. com retr.

Pag. 9: "Thomaz Antonio Gonzaga. — Filho de paes brasileiros, nasceu no Porto em 1747. Na Bahia passou sua infancia, e grande parte do resto de sua vida em Minas, onde occupou o cargo de ouvidor de Villa Rica, cargo que exercia quando, envolvido na inconfidencia mineira, foi preso e degredado para a Africa, ahi fallecendo em 1807. — Bacharel em direito".

"Bibliog. — Marilia de Dirceu, publicação dirigida por Norberto de Souza S. Rio, 1862".

Segue o soneto: "Obrei quanto o discurso me guiava,
....."

Illustrando a noticia: o retrato de Gonzaga.

FREIRE DE CARVALHO, Francisco, — Primeiro ensaio sobre historia litteraria de Portugal, desde a sua mais remota origem até o presente tempo, seguido de differentes opusculos, que servem para sua maior illustração, e offerecido

aos amadores da litteratura portugueza em todas as nações, por Francisco Freire de Carvalho, ... Lisboa, na Typographia Rolandiana. 1845. in-8.º. 446 p.

Pag. 255: "... Entre os poetas acima indicados merecem especial commemoração os dous Alvarengas (Manoel Ignacio e Ignacio José), Claudio Manoel da Costa, José Basílio da Gama, o célebre e desditoso **Thomé Joaquim Gonzaga autor da bem conhecida collecção de poesias lyricas, intituladas Marilia de Dirceô, e...**" (?)

FREITAS, José Antonio de, — Estudos criticos sobre a Litteratura do Brasil por José Antonio de Freitas... I. — O Lyrismo brasileiro. Lisboa, Typographia das Horas Romanticas. 1877. in-18. 142 p.

Varias referencias e transcripção de algumas lyras.

FREITAS, Leopoldo de, — Literatura Nacional. Curso do Instituto de Sciencias e Letras de accordo com o programma official. São Paulo, Est. Graph. Magalhães, 1910. in-8.º. 144 p.

Pag 33-34: Ligeiro resumo bio-bibliographico e 3 estrophes da lyra III da 3.ª parte.

GALANTI, Raphael Maria, — Biographias de Brasileiros illustres resumidamente expostas pelo Padre Raphael Maria Galanti. São Paulo, Duprat & C. 1911. in-8.º. 368 p.

Pag. 46-47. N.º 76.

GARCIA MEROU, Martin, — El Brasil intelectual. Impresiones y notas literarias. Buenos Aires, Felix Lajouane, editor, 1900. in 8.º. VIII-470 p.

Pag. 239-245: estudo literario e algumas traducções.

GOLDBERG, Isaac, — Brazilian Literature. Isaac Goldberg, Ph. D. With a foreword by J. D. M. Ford. New York, Alfred A. Knopf, MCMXXII. in 8.º. XIV-304 p.

Pag 61-68: estudo o lyrismo dos poetas mineiros.

Pag. 63: "... No other book of love poems has so appealed to the Portuguese reader; the number of editions through which the **Marilia de Dirceu** has gone is second only to the printings of **Os Lusíadas**, and has, since the original issue in 1792, reached to thirty-four..."

Pag 64-65. Transcreve e traduz a ultima estrophe da lyra V (Parte 1.ª).

GONÇALVES DE MAGALHÃES, D. J., — Suspiros poeticos e Saudades por D. J. G. de Magalhaens. Segunda edição correcta e augmentada. Pariz, Morizot. Rio de Janeiro, mesma Casa, 1859. in-18. 360 p.

A 1.^a ed. é de 1836.

Pag. 209 e nota á pag. 354.

— GONZAGA, poema por... Com uma introdução por J. M. Pereira da Silva. Rio de Janeiro, B. - L. Garnier, 1865. In-12. 242 p.

Poema attribuido a Pereira da Silva.

GRANDE ENCYCLOPÉDIE. — Inventaire raisonné des sciences, des lettres et des arts par une Société de savants et de gens de lettres... Paris, H. Lamirault et Cie. s d 31 vols. in - 8.^o illustr.

Vol. XIX. Pag. 2, 2.^a col.: "Gonzaga (Thomaz-Antonic), célèbre poète brésilien... Le nombre des éditions qui en ont été publiées ne le cède qu'à celui des oeuvres de Camoens. La première (Marilia de Dirceu), donnée avant 1800, ne contient que deux parties; une troisième partie, dont l'authenticité n'est pas admise intégralement, a été ajoutée à la seconde édition, celle de 1800. Les meilleures sont celles de Pereira da Silva (Rio de Janeiro, 1845, in - 12), et celle de J. - N. de Scuza Silva (Paris, 1862, 2 vol. in - 12). Les poésies de Gonzaga ont été traduites dans la plupart des langues européennes, et en français par E. de Monglave et P. Chalais (Marilie, Paris, 1825, in - 32)".

GUERRA, Alvaro, — Thomaz Gonzaga (sua vida e suas obras) (Galeria de Grandes Homens. — Literatura brasileira. 1.^a série, organizada sob a direcção do Prof. Alvaro Guerra). S. Paulo, Companhia Melhoramentos de S. Paulo, 1923. in - 16. retr. de Gonzaga. 56 p.

Resumo biographico extrahido do trabalho de Joaquim Norberto.

Lyras VI, XXVI, XXXIV e XXVIII da 1.^a parte.

— I, II, IV, V, XXII, XXIII, XXIX, XXXI, XXXV, XXXVI e XXXVII da 2.^a parte.

Lyra III da 3.^a parte.

Soneto: "Obrei quanto o discurso me guiava"

GUERRA, Alvaro, — Introdução ao estudo da Literatura, contendo a biographia e estudo critico dos mais nota-

veis literatos brasileiros, representativos de sua época. S. Paulo, Comp. Melhoramentos de S. Paulo, s. d. in-16. 180 p.

Pag. 93 - 101: Resumo bio-bibliographico e as lyras VI e XXVI da 1.^a parte.

LAROUSSE, Pierre, — Grand Dictionnaire Universel du XIX Siècle. . . par M. Pierre Larousse. Paris, Librairie Classique Larousse et Boyer. 1866 - 1878. 17 vols. in - 4.^o

Vol. 8.^o pag. 1368, 1.^a col.

LAROUSSE DU XX.^e SIÈCLE en six volumes, publié sous la direction de Paul Augé. Paris, Librairie Larousse, s. d. 6 vols. illust.

T. III. pag. 823: "GONZAGA (Thomas - Antonio), poète brésilien, surnommé Dirceo, né à Porto (Portugal) em 1747, mort à Mozambique en 1793. Il se rendit au Brésil, ou il suivit la carrière du barreau, puis entra dans la magistrature. Impliqué dans la conjuration de Minas (1789), il fut exilé au Mozambique, et y perdit la raison. Ses poésies amoureuses, écrites en l'honneur de sa fiancée, Marie de Seixas, sont très populaires dans les pays de langue portugaise. Elles se distinguent para une inspiration a la fois passionnée, mélancolique et gracieuse".

LELLO UNIVERSAL em 2 volumes. Novo Dicionario encyclopédico luso-brasileiro organizado e publicado pela Livraria Lello sob a direcção de João Grave e Coelho Netto. Volume primeiro. Pôrto, Livraria Lello Limitada, s. d. in-8.^o VIII - 1458 p. illustr.

LIMA, Augusto de, — Noites de Sabbado. Rio de Janeiro, Alvaro Pinto, editor (Anuario do Brasil) 1923. in - 16. 414 p.

Pag. 236 - 239; "LX. A Casa de Marilia. . . ."

2 estrophes da Lyra XXXV. (?) Essas estrophes pertencem á lyra XXXVI da 2.^a parte.

Do mesmo autor: "Tiradentes", opera lyrica em 4 actos publicada na "Revista do Archivo Publico Mineiro", anno II, 1897, pag. 187 - 232.

LIMA, Mario de, — Collectanea de auctores mineiros organizada por Mario de Lima. — Poetas. Volume I. Escola Mineira — Pre-romanticos. (Publicações do Centenario em Minas Geraes) Bello Horizonte, Imprensa Official, 1922. In-8.^o 400 - IV p.

Pag. 69: "...Suas lyras contam 34 edições e foram traduzidas em hespanhol, francez, italiano e latim..." Alguns criticos põem em duvida a authenticidade da terceira parte das lyras publicadas na 2.^a edição de 1800, em Lisboa. Escreveu tambem, sob o pseudonymo **Critillo**, o poema satyrico **Cartas Chilenas**..."

Transcrição das lyras I, II, XII, XIII, XVII, XIX, XXI, XXVI, XXVII, XXXIV e XXXVI da 1.^a parte. III, V, VII, XIV, XVII, XXII, XXIV e XXVI da 2.^a e a 10.^a das "Cartas Chilenas".

LIMA JUNIOR, Augusto de, — O Amor infeliz de Marília e Dirceu. Illustrações de Seth. Rio de Janeiro, Editora: Sociedade Anonyma "A Noite," 1936. In-16. 188 p. com est.

LIMA JUNIOR, Augusto de, — Thomaz Antonio Gonzaga (O poeta de Marília). No "Jornal do Commercio", do Rio de Janeiro, 1936.

Coll. de retalhos.

LOISEAU, A., — Histoire de la Littérature portugaise depuis ses origines jusqu'a nos jours par A. Loiseau. Paris, Ernest Thorin, 1886. In-18. VIII-404 p. dedic. autog. do autor a D. Pedro II. (Coll. Th. Ch.)

Pag. 346-347:

"...Gonzaga, qui, dans ses Lyres, encadre les plus nobles pensées dans les plus riants paysages;..."

Pag. 348:

"...le Brésil revendique avec orgueil ses Sousa Caldas... Gonzaga..."

LOPES DE MENDONÇA, A. P., — Memorias de Litteratura contemporanea por A. P. Lopes de Mendonça. Lisboa, Em casa de A. J. F. Lopes, 1853. In-8.º X-388 p.

Pag. 372: "Morte de Marília de Dirceu"...

LORETO COUTO, Domingos do, — Desaggravos do Brasil e Glorias de Pernambuco por D. Domingos do Loreto Couto. Rio de Janeiro, Officina Typographica da Bibliotheca Nacional, 1904. in-4.º. 566 p.

Pag. 230. n.º 172: uma noticia sobre o Doutor João Bernardo Gonzaga, pae de Thomaz Antonio Gonzaga.

MACEDO, Joaquim Manoel de, — Anno Biographico brasileiro per Joaquim Manoel de Macedo. Rio de Janeiro, Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artistico. 1876. 3 vols. in-4.º peq. 538-IV; 538-VI; 622-VI p.

Tomo III. Pag. 5-8.

Pag. 8: "... A primeira edição dessas lyras sob o titulo **Marilia de Dirceu** contem 1.ª e 2.ª partes".

"A segunda edição feita em 1800 se apresenta com o augmento da **3.ª parte** que a maior parte dos criticos não considera authentica".

Repetição do que disse Varnhagen.

MARQUES DA CRUZ. — Historia da literatura oriental, grega, latina, franceza, etc. e, especialmente, portugueza e brasileira. Com um appendice sobre composição litteraria e versificação... Quarta edição. 12.º milheiro. S. Paulo, Cáyeiras, Rio, Comp. Melhoramentos de S. Paulo, s. d. (1932) in-16. 584 p.

6.ª ed. s. d. (1935).

Pag. 277-278. (4.ª ed.). Attribute a Gonzaga a traducção do Pastor Fido de Guarini (?) e 34 edições á "Marilia de Dirceu".

Pag. 534: (4.ª ed.) Lyra I — 3 estrophes.

MELLO BRAGA DE OLIVEIRA, Oswaldo, — As edições de Marilia de Dirceu. Bibliographia completa organizada por Oswaldo Mello Braga de Oliveira. Rio de Janeiro, (Edição Benedicto de Souza) 1930. In-16. 58 p.

Optimo estudo bibliographico sobre "Marilia de Dirceu". Muito auxiliou a organização deste Catalogo.

MELLO FRANCO, Caio de, — O Inconfidente Claudio Manoel da Costa. — O Parnazo Obsequioso e as "Cartas Chilenas". Rio, Schmidt, editor, 1931. in-16. 252 p. com est.

Pag. 28, 144-146, 152-155...

Pag. 154: Baseado em Teixeira de Mello ("Ephemerides Nacionaes"), conclue que Gonzaga "só em 1783 ou mais plausivelmente em 1784, poderia ter chegado a Villa Rica". Sabemos entretanto por Xavier da Veiga (Ephemerides Mineiras. Vol. III. pag. 311) que elle "tomou posse em Villa Rica a 12 de Dezembro de 1782, conforme consta do Livro 6.º das ordens régias (fs. 115 v. a 117) da Junta da Real Fazenda de Minas Geraes..."

MELLO MORAES, A. J. de, — Historia do Brasil-Reino e Brasil-Imperio. Compreendendo a historia circumstanciada... Rio de Janeiro, Typ. de Pinheiro & C. 1871-1873. 2 vols. em um in-4.º 442-VIII; 50-II p. retr. e map.

Tomo I Pag. 6-7:

“...O desembargador Thomaz Antonio Gonzaga escreveu, na cadêa de Villa-Rica, á sua Marília as lyras 3, 26 e 35, da 2.ª parte das suas poesias.

Quando, em viagem, pediu a Botelho para lhe tirar as algemas. escreveu a lyra 17, que do caminho e por intermedio de Botelho, mandou á D. Maria Dorothea, que assim se exprimia:

“Se lá te chegarem
Aos ternos ouvidos
.....”

MELLO MORAES FILHO. — Curso de litteratura brasileira ou escolha de varios trechos em prosa e verso de autores nacionaes antigos e modernos por Mello Moraes Filho. 3.ª edição consideravelmente melhorada. Rio de Janeiro, H. Garnier, Paris. s. d. in-8.º. 556 p.

A 1.ª ed. de 1876. 2.ª de 1881. 4.ª de 1902.

Pag. 325: Lyra IV da 2.ª parte.

Pag. 352: “Adeus de Gonzaga”, por José Bonifacio.

MELLO MORAES FILHO. — Parnaso brasileiro. — Seculo XVI — XIX. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, editor (Typ. de G. Leuzinger & Filhos). 1885. 2 vols. in-8.º XII-508-18-10; 624-22-10 p. n.

Vol. I. pag. 134-146: 8 lyras de Gonzaga.

Vol. II. pag. 4 (fin.) nota biographica.

MENDES DOS REMÉDIOS.—História da Literatura portugueza desde as origens até a actualidade. Sexta edição. Coimbra. “Atlântida”, livraria editora. 1930. in-8.º. XX-710 p.

Pag. 413: “151. — Tomás António Gonzaga... seguiu a carreira da magistratura, passando á Baía no cargo de desembargador. Aí, quando estava para casar com aquella que depois cantou sob o nome de **Marília** salteou-o uma ordem de prisão motivada por o acusarem de fazer parte capital da chamada conjuração dos **Confidentes**, suposta rebelião republicana de Minas (?).....”

Em nota: "(3)... São numerosas as ed. Apreciavel é a de Paris, 1862, 2 vols. ... Ha uma ed. de 1888, de Lisboa. Mas a todas sobreleva a revista e prefaciada por José Verissimo, Rio de Janeiro, 1910. E' a 33.^a edição! Gonzaga traduziu o **Pastor Fido de Guarini**." (?)

Pag. 454-455: a Lyra XXVIII (da 1.^a parte).

MIDOSI, Henrique, — Poesias selectas para leitura, recitação e analyse dos poetas portuguezes em conformidade com os programmas adoptados para o curso de portuguez por Henrique Midosi... Decima edição. Lisboa, Imprensa Nacional, 1875, in 8.^o 328 p.

Pag. 184-186: uma lyra de Gonzaga (XXVIII da 1.^a parte).

MOTTA, Arthur, — Historia da Litteratura brasileira... São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1930. 2 vols. in-8.^o 496; 492 p. Exempl. n.^o 95.

Vol. II. Pag. 286-298: cita 35 edições de "Márlia de Dirceu".

No "Boletim Bibliographico Brasileiro", S. Paulo, anno I, n.^o 4, de fevereiro de 1934, sob o título: "Consultas bibliographicas", cita Arthur Motta 47 edições em portuguez.

OLIVEIRA, Alberto de, — Paginas de ouro da poesia brasileira. Rio de Janeiro, Paris, H. Garnier, 1911. in-18. VI-420 p.

Pag. 25-32: Lyras XXVI e XXXII da 1.^a parte e V da 2.^a.

OLIVEIRA, Alberto de, e Jorge Jobim. — Poetas brasileiros por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim. (Collecção Aurea. — Paginas escolhidas dos melhores escriptores). Rio de Janeiro, Paris, Livraria Garnier, 1921-1922. 2 vols. in-8.^o VIII-396; 374 p.

Vol. I. pag. 55: "Thomaz Antonio Gonzaga... passou a infancia na Bahia. Bacharelou-se em Coimbra, na faculdade de direito em 1763... A primeira parte da collecção de suas **Lyras**, sob o título **Marília de Dirceu**, foi publicada em 1792".

Seguem as lyras II, XXVI, XXVIII e XXX da parte I, e as lyras V, VII e XVIII da parte II.

OLIVEIRA LIMA. — Aspectos da litteratura colonial brasileira. Leipzig, F. A. Brockhaus, 1896. in-8.º: XVI-302 p.

Pag. 256-268 e outras.

Estudo literario e varias citações.

ORBAN, Victor, — Littérature brésilienne. Préface de M. de Oliveira Lima. Frontispice d'Antonio Parreiras. Paris, Garnier Frères, Rio de Janeiro, Porto, s. d. in-8.º 370 p. com retratos.

Existe 2.ª ed.: 1914. in-12 de XI-529 p.

Pag. 26-28: Nota biographica — retrato de Gonzaga. Cita a tradução de Monglave da qual trascreve a lyra XXVIII, da 2.ª parte, com algumas variantes.

PARNASO LUSITANO ou poesias selectas dos auctores portuguezes antigos e modernos, illustradas com notas. Precedido de uma historia abreviada da lingua portugueza. Paris, Em casa de J. P. Aillaud, 1826-1834. 6 vols. in-32. CXXXIV-284;... 380 p.

Pag. XLVI-XLVII. — Estudo attribuido a Varnhagen.

Vol. III — pag. 194-207. — Cinco lyras de Gonzaga.

PEIXOTO, Afranio, — Noções de Historia da Litteratura brasileira. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1931. n-16. 352 p. illustr.

Pag. 20, 118, 119, 134, 129, 167.

Pag. 167: "...Seu grande livro "Marilia de Dirceu", Lisboa, 1792, teve numerosas reedições, até agora, 35 (Motta), talvez mais, 47 (O. Oliveira), como apenas até agora só lograsse Casemiro de Abreu, e certamente, Castro Alves, nas nossas letras. ...Attribuem-lhe a autoria das **Cartas Chilenas**, Rio 1845, (sete cartas), 2.ª ed., 1863 (treze cartas) pamphleto ou satyra politica, em versos, guardadas as distancias, no genero das **Cartas Persas**, de Montesquieu, satyra social".

PERDIGÃO, Henrique, — Dicionário Universal de Literatura (Bio-bibliográfico e cronológico). Barcelos, Portucalense Editora, Lda. 1934. in-8.º XXIV-792 p.

Pag. 257, 2.ª col.: "...Numerosas são as edições que tem tido; a 1.ª é de 1792, sendo conhecidas actualmente para

cima de trinta, sem contar as traduções que ha em francês, inglês, alemão, italiano, espanhol e latim (a desta última lingua é do Dr. Ramiz Galvão) (?)...”

“Gonzaga, de quem há, ainda, vários versos inéditos, é também, segundo provas apresentadas por Alberto Faria, o autor das **Cartas Chilenas**...”

PEREIRA DA SILVA, J. M., — Parnaso Brasileiro ou selecção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil, precedida de uma introdução historica e biographica sobre a litteratura brasileira por J. M. P. da Silva. (Bibliotheca dos poetas classicos da lingua portugueza T. IV e VII) Rio de Janeiro, Eduardo e Henrique Laemmert, 1843-1848. 2 vols. in-12. 298; X-324 p.

Vol. I. — Introducção e pags. 263-293: 14 lyras de Gonzaga.

PEREIRA DA SILVA, J. M., — Plutarco Brasileiro por J. M. Pereira da Silva. Rio de Janeiro, Eduardo e Henrique Laemmert, 1847. 2 vols. in-4.º peq. VIII-342; 268 p.

Vol. I. Pag. 167-206: “VI — Thomaz Antonio Gonzaga”.

PEREIRA DA SILVA, J. M., — Os Varões illustres do Brazil durante os tempos coloniaes por J. M. Pereira da Silva. Pariz, Livraria de A. Franck. — Livraria de Guillaumin et Cie., 1858. 2 vols. em um in-8.º. 394; 372 p.

Vol. II. Pag. 43-80. “VII. — Thomaz Antonio Gonzaga...”

Pag. 79. — Notas: “(7) Temos visto diversas traduções das Lyras de Gonzaga em linguas estrangeiras; entre ellas a de M. de Monglave, em francez, do senhor Ruscala em italiano, e de Iffland em allemão; infelizmente para estas traduções não passou a maviosidade original dos seus canticos.”

PEREIRA DA SILVA, J. M., — Os Varões illustres do Brazil durante os tempos coloniaes por J. M. Pereira da Silva. Terceira edição muito mais augmentada e correctá. Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier. Pariz, A. Durand e Pedone-Lauriel, 1868. 2 vols. in-18. 342; 368 p.

Tomo segundo. Pag. 69-104. Estudo biographico e critico acompanhado de varias citações e transcrições.

PERIÉ, Eduardo, — A litteratura brazileira nos tempos coloniaes. Do seculo XVI ao começo do XIX. Esboço-historico seguido de uma bibliographia e trechos dos poetas e prosadores d'aquelle periodo que fundaram no Brazil a cultura da lingua portugueza por Eduardo Perié. Buenos Ayres, Eduardo Perié, editor. 1885. in-8.º 442 p.

Pag. 220-227 e 425-429.

PINHEIRO CHAGAS. — Brasileiros illustres. Segunda edição, revista e accrescentada. Porto, Livraria internacional de Ernesto Chardron, casa editora. Lugan & Genelioux, successores. 1891. in-8.º. VIII-168 p.

Segundo Innocencio a 1.ª ed. sahiu em "1879 (?)"

Pag. 67-68.

PINTO DE MATTOS, Ricardo, — Manual bibliographico portuguez de livros raros, classicos e curiosos coordenado por Ricardo Pinto de Mattos, revisto e prefaciado pelo Snr. Camillo Castello Branco. Porto, Livraria Portuense-Editora, 1878. in 8.º. XII-582 p.

Pag. 312-313: "GONZAGA (Thomaz Antonio)... De todas as edições que das poesias de Gonzaga se tem feito até hoje a mais bella e nitida tem o titulo seguinte:" (cita a edição de J. Norberto de 1862)... "Desta edição de 1862 passamos a extractar a noticia das mais edições d'estas poesias:..."

"Apesar de ser obra tantas vezes reimpressa não é vulgar qualquer das impressões apontadas, e as primeiras são até muito raras. A Bibliotheca Publica do Porto possui uma edição não mencionada ainda; é de Lisboa, impr. Regia 1817, e as de 1840 e 1862. Da edição de 1862 vendeu-se um exemplar por 1\$000, Sousa Guimarães; mas vem annunciada por 1\$500, no Cat. de Viuva Bertrand, e outro exemplar com data de 1804 in-12 por 220 reis."

POPE, Alexandre, — Ensaio sobre o Homem de Alexandre Pope, traduzido verso por verso por Francisco Bento Maria Targini, Barão de São Lourenço... Londres, C. Whittingham, 1819. 3 vols. in-4.º. XXIV-380; 232; 332 p. com est.

Vol. I. Pag. 156-157: "O infeliz Thomaz Antonio Gonzaga nas suas Lyras tem huma do seguinte theor, que he

bella, e optima imitação do poeta Grego". (Anacreonte) Segue a lyra:

"Encheo, minha Marilia, o grande Jove
De immensos animaes..."

Parte I.-Lyra XXIV

QUÉRARD, J.-M., — La France littéraire ou Dictionnaire bibliographique des savants, historiens et gens de lettres... par M. J. — M. Quérard. Paris, chez Firmin Didot, père et fils, libraires, 1827-1839. 10 vols. in-8.° XXX-582; ... 576 p.

Vol. III. Pag. 408, 2.ª col.:

"GONZAGA. Marilie, chants élégiaques, trad. du portugais par E. de Monglave e P. Chalas. Paris, Panckoucke, 1825. in-32. 3 fr."

"Faisant partie de la "Traduction de tous les chefs-d'œuvre classiques."

Vol. IV. Pag. 207; col. 2.ª:

"Monglave (François-Eugène Garay de)... Traductions..."

RIBEIRO, João, — O Fabordão. Cronica de vario assunto. Rio de Janeiro, Paris, H. Garnier, livreiro-editor, 1910. in-18. 366 p.

Pag. 315-324: "Gonzaga e Anacreonte"...

RIO BRANCO, (Barão do) — Ephemerides brasileiras pelo Barão do Rio Branco. 1.º volume. Rio de Janeiro, Typographia do "Jornal do Brazil", de H. de Villeneuve & C. 1892. in 4.º peq. 378 p.

Pag. 301. "2 de Setembro... 1744..."

RODRIGUES, J. C., — Bibliotheca Brasiliense. — Catalogo annotado dos livros sobre o Brasil e de alguns autographos e manuscriptos pertencentes a J. C. Rodrigues. Parte I. — Descobrimento da America: Brasil colonial 1492-1822. Rio de Janeiro, Typ. do "Jornal do Commercio" de Rodrigues & C. 1907. in-4.º. VI-680 p.

Pag. 269-273. (n.º 1130-1147).

RODRIGUES DA FONSECA JORDÃO, João,—Flo-rilegio brasileiro da infancia destinado para exercicio de leitura de verso e de manuscriptos nas escholas publicas primarias por João Rodrigues da Fonseca Jordão, professor publico no Muni-

cipio da Côrte... Rio de Janeiro, vende-se na Livraria Classica do editor Nicoláo-Alves, 1874. 2 vols. in-8.º.

Possue a B. N. apenas o segundo vol. (282 p.)

Pag. 39-41: duas lyras de Gonzaga.

ROMÉRO, Sylvio, — Introdução á historia da litteratura brasileira por Sylvio Roméro. Primeiro volume. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1882. in-8.º VI in.-252 p. n. Pag. 221-231.

ROMÉRO, Sylvio, — Historia da litteratura brasileira por Sylvio Roméro. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1888. 2 vols. in-8.º. XXVIII-1490 p.

ROSOLIA, Orestes, — Marilia, a Noiva da Inconfidência. Romance historico. A Inconfidência mineira envolveu em suas tramas o mais comovente amor da nossa história. São Paulo, Unitas-Limitada, 1933. in-16. 318 p.

RUELA POMBO, Manuel, — O Brasil colonial. — Inconfidência — mineira (1789). Os conspiradores que vieram deportados para os presídios de Angola, em 1792, pelo Padre Manuel Ruela Pombo, missionário secular português e antiquário amador. Edição ilustrada da revista "Diogo-Cão". Angola-Luanda, Composto e impresso na Tipografia Mondego, 1932-1933. 8 fasc. 64 p. illustr.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves, — Dictionario bibliographico brasileiro. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1883-1902. 7 vols. in-8.º.

Vol. VII. Pag. 276-281.

SAINT-HILAIRE, Auguste de, — Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes: Paris, Grimbart et Dorez, 1830. 2 vols. in-8.º.

Vol. I. Pag. 204:

"... Une victime célèbre de cette **prétendue conspiration** fut le poète **Thomaz Antonio Gonzaga da Costa**, ouvidor de S. João del Rey. (1) En vain ses talens plaidaient en sa faveur, il fut exilé sur la côte d'Afrique; mais ses chants sont devenus populaires, et bien longtemps encore ils charmeront le voyageur jusque sous l'humble **rancho** et dans les lieux les plus solitaires."

"1) c'est du moins le titre que lui donnent Spix et Martius."

SANTOS, José dos, — Catálogo da importante e preciosíssima livraria que pertenceu aos notáveis escritores e bibliófilos Condes de Azevedo e de Samodães. Enriquecido de notas bibliográficas e notícias de varias edições de muitas das obras descritas. E também de numerosos “fac-similes” de portadas, frontispícios, paginas, gravuras, registos de lugar e de data de impressão das mesmas obras, etc. Redigido por José dos Santos, com uma introdução pelo erudito escritor e bibliófilo Sr. Anselmo Braamcamp Freire. Porto, Tip. da Empresa Literária e Tipográfica. M CM XXI - M CM XXII. 2 vols. in 8.º gr. XII in.-692; VIII in.-872 p. illustr. dedicatoria autogr. do autor a Solidonio Leite.

Vcl. I. Pag. 412: “1443. — GONZAGA (Tomás Antonio). — Marília de Dirceo. Por T. A. G. Parte I. Nova edição. (Escudo d’armas reais portuguesas). Lisboa: Na Imp. Regia. 1817. Com licença da Meza do Desembargo do Paço. In-12.º de 226 Pags. E.”

“Poema lirico muito interessante e estimado, em que Tomás Antonio Gonzaga patenteou bem o seu peregrino talento poetico. As mimosas e graciosissimas poesias que compõe o poema estão hoje traduzidas e publicadas em quasi todas as linguas cultas da Europa; e foram inspiradas ao infeliz poeta, que alguém já apelidou de **Luso Anacreonte**, pela dama que muito amou D. Maria Dorothea de Seixas Brandão — a sua querida Marília.”

“A edição primitiva do original português (Primeira e segunda parte), por muito tempo ignorada dos bibliógrafos e biógrafos do poeta, e cujos exemplares são hoje rarissimos, foi impressa em **Lisboa: Na Typographia Nunesiana. Anno M. DCC. XCII**, constituindo um peq. 8.º de 118 pags.”

“Na segunda edição impressa também em **Lisboa**, nos prelos da mesma **Typ. Nunesiana, 1800**, aparece uma terceira parte das poesias, a qual é por muitos considerada apócrifa, e por isso não tem sido incluída em muitas das numerosas edições que posteriormente teem aparecido deste harmonioso e sentido poema”.

SANTOS, Lucio José dos, — A Inconfidencia mineira. Papel de Tiradentes na Inconfidencia mineira por Lucio José dos Santos. São Paulo, Escolas Profissionaes do Lyceu Coração de Jesus, 1927. in 8.º. XX-630 p. com est. e fac-sim.

Pag. 279-296 e outras.

SCHMID, Ferdinand, (sob o pseudonymo de DRANMOR. — Dranmor's gesammelte Dichtungen... Dritte vermehrte Auflage. Mit dem Portrait des Verfassers. Berlin. Verlag von Gebrüder Paetel, 1879. in-8.º. XXIV-270 p. Com dedic. do autor a D. Pedro II.

Pag. 75-77: "XV. — MARILIA DE DIRCEO (Nach Thomas Antonio Gonzaga)". Segue a tradução da lyra I, da 1.ª parte.

SÉGUIER, Jayme de, — Dicionário prático illustrado. Novo dicionário encyclopédico luso-brasileiro, publicado sob a direcção de Jayme de Séguier. Rio de Janeiro, Administração do Jornal do Commercio, s. d. in-16. VIII-1756 p.

Pag. 1473, 2.ª col. "Gonzaga..."

Pag. 1.561, 1.ª col.: "Marília de Dirceu..."

SILVA, Innocencio Francisco da, — Dictionario Bibliographico portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil. Lisboa, Na Imprensa Nacional, 1858-1923. 22 vols. in 8.º LVIII-404;... LXIV-548 p.

Vol. VII, Pag. 320-325. Cita 16 edições das lyras de Gonzaga.

SILVA, Theodoro José da, — Miscellanea historico-biographica extrahida de uma infinidade de obras antigas e modernas contendo mais de 1.200 biographias pelo professor e agrimensor Theodoro José da Silva. Lisboa, Editor-proprietario Francisco Arthur da Silva, 1877. In-8.º. XVI-346 p.

Pag 180: "Thomaz Antonio Gonzaga..."

SIMÕES DA FONSECA — Novo Dictionario encyclopedico illustrado da lingua portugueza... Organizado primitivamente por Simões da Fonseca. Inteiramente refundido, accrescentado e melhorado por João Ribeiro. Rio de Janeiro, Paris, Livraria Garnier, 1926. in-8.º. illustr.

Pag. 652, 1.ª col.:

"Gonzaga (Thomaz Antonio). Insigne poeta portuguez que deixou a perpetuar-lhe o nome as deliciosas lyras de Marília de Dirceu. Dos poemas publicados com este titulo fizeram-se numerosas edições, se bem que por isso não sejam menos raras. As mais vulgares são as que se imprimiram em Paris em 1862 e no Rio de Janeiro em 1865, constando-nos que

ha uma outra ultimamente feita em Portugal. Nasceu Gonzaga na cidade do Porto, em agosto de 1744, e depois de concluir a sua formatura na Universidade de Coimbra, exerceu diversos cargos na magistratura em Portugal e no Brasil. Implicado na conjuração mineira, foi preso e desterrado para Moçambique, onde falleceu em 1807”.

SIMÕES DOS REIS, Antonio, — Notas Bibliographicas. I. Gonzagueana (A Escragnoille Doria). Jornal do Commercio do Rio de Janeiro de 21 e 28 de Outubro de 1934. Coll. de retalhos.

Conta 69 edições de Marília de Dirceu. Trabalho paciente em que o autor colligiu todas as edições citadas pelos bibliographos, fossem falsas ou verdadeiras.

SOUZA SILVA, J. Norberto de, — Brasileiras celebres por J. Norberto de S. S. . . . Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier. Paris, Garnier Irmãos, 1862. in-18. VIII-232 p.

Pag. 176: “V. Poesia e amor. — A conjuração mineira — os poetas de Villa Rica — Dona Maria Dorothea ou a Marília de Dirceu — Dona Barbara Heliodora”.

SOUZA SILVA, J. Norberto de, — Historia da conjuração mineira. — Estudos sobre as primeiras tentativas para a independencia nacional baseados em numerosos documentos impressos ou originaes existentes em varias repartições por J. Norberto de Souza Silva. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, s. d. in-8.º. 436 p.

SOUZA SILVA, Joaquim Norberto de, — Modulaçoens poeticas. Precedidas de um bosquejo da historia da poesia brasileira, per (sic) Joaquim Norberto de Souza Silva. Rio de Janeiro, Typographia Franceza, 1841. in-4.º peq. 166 p.

Pag. 31 (IV.ª Epocha):

“Gonzaga, o apaixonado Gonzaga, cuja gloria de lhe haver dado o berço é ao presente disputada por Minas Geraes, Baia, Rio de Janeiro e Lisboa, nasceu em Pernambuco, como nos asseveram intimos parentes seus. (1) Eternisou sua paixão ardente, mas candida, em bellas poesias, porem sendo de todos os nossos poetas d’essa epocha o mais elegante, feiticeiro e harmonioso, foi o que menos Brasileiro se mostrara em suas composiçoens.”

"(1) — Entre outras muitas pessoas, o Exmo. Sr. Lopes Gama, primo segundo do illustre poeta".

Pag. 114-117: "XIV. — O Poeta desgraçado" referencia a Gonzaga:

Pag. 116: "O fido amante da gentil Marilia
Ai mesto vaga nos adustos campos!"

SPIX, Joh. Bapt. von, and C. F. Phil. von Martius. — Travels in Brazil, in the years 1817-1820. Undertaken by command of His Majesty the King of Bavaria. Translated by H. E. Lloyd. London, Longman, Hurst... 1824. 2 vols. in-8°. illust.

Vol. II. Pag. 136:

"The most celebrated poet of Minas is Gonzaga, **formely ouvidor of S. João d'El Rey**; but having, at the beginning of the French Revolution, taken part in a seditious tumult, he was banished **to Angola, where he died**. Besides the songs of this poet, which have been published under the title of "Marilia de Dirceo," numbers of others are current in the mouths of the people, which afford equal proof of the delicacy of the muse of the unfortunate poet. Such in the little song "No regaço, &c." which we here caught as it was sung to us. When Brazil shall have one day a literature of its own, Gonzaga will have the glory of having attempted the first anacreontic tones of the lyre on the banks of the pastoral Rio Grande, and of the romantic Jequitinhonha."

Id. — Pag. 295 e seg.:

"Specimen of brazilian popular songs. N. 1. — From São Paulo." (?)

1. —

"A caso são estes
Os sitios formosos.

....."

by Gonzaga

E' a lyra V. da 1.^a parte (ed. 1792).

TEIXEIRA DE MELLO, J. A.; — Ephemerides nacionaes colligidas pelo Dr. J. A. Teixeira de Mello e publicadas na Gazeta de Noticias. Rio de Janeiro, Typographia da Gazeta de Noticias, 1881. 2 vols. in-8°. IV-436; 332-110 VI p.

Tomo II. pag. 115-117. — Setembro 2. — 1744. —
 “Baptisa-se na igreja parochial de S. Pedro de Miragaia, no Porto, o afamado e desditoso poeta Thomaz Antonio Gonzaga, por muito tempo considerado natural do Brazil.”

Pag. 116, 2.^a col.: “As **Lyras de Dirceu** foram impressas pela primeira vez em vida. portanto, do poeta, em 1792 (Typ. Nunesiana, Lisboa) e em 1800, e foram depois successivamente reimpressas, ora uma das suas partes, ora duas, ora as tres, em Lisboa (na Typ. Nunesiana) em 1802, no Rio de Janeiro (Imprensa Regia) em 1810, em Lisboa (Typ. Lacerdina) em 1811, 1819 e 1820, na mesma cidade (Typ. de J. F. M. de Campos) em 1824. id (Typ. Lacerdina) em 1804, id. (Imprensa Regia) em 1812. id. (Typ. Rollandiana) em 1827, id. (Typ. de João Nunes Esteves) em 1828, na Bahia (Typ. do Diario) em 1835, em Lisboa (Typ. Rollandiana) em 1840, em Pernambuco (Typ. de Santos & C.) em 1842, no Rio de Janeiro (Typ. de J. J. Barroso & C.) no mesmo anno de 1842, id. (Typ. de E. & H. Laemmert) em 1845, na Bahia (Typ. de Carlos Pogetti) no anno de 1850. no Rio de Janeiro (Typ. Commercial de Soares & C.) em 1855, ibi, na mesma casa (sem data), ibi, B. L. Garnier (Paris, S. Raçon & C.) em 1862.”

“Cumpre advertir que a presente relação é da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, que possui todas essas edições das **Lyras** de Gonzaga, exceptuando-se a primeira e a da Viuva Serva (Bahia 1813). Ainda foram ellas reimpressas por João Nunes Esteves em 1824, 1825 e 1833 (Segundo Innocencio da Silva) e na Imprensa Regia (Lisboa) em 1827.”

“Foram traduzidas para o francez por Eugenio de Monglave e P. Chalas; para o italiano por Giovenale Vegezzi Ruscalla e para o hespanhol por D. Enrique Vedia. Diz o Sr. Conselheiro Pereira da Silva que ha ainda uma traducção para a lingua allemã por Iffland. O Sr. Dr. Antonio de Castro Lopes traduziu-as (todas cu em parte) para o latim”.

“As afamadas **Cartas Chilenas**... são pelo primeiro bibliothecario da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro (Dom frei Antonio de Arrabida, bispo de Anemuria) lançadas em conta de Gonzaga, como se vê do pequeno **Catalogo alfabetico dos Manuscriptos** da mencionada Bibliotheca, no qual se lê:

“Cartas Chilianas (sic), Traduzidas em verso por Thomaz Antonio Gonzaga.”

THESOIRO DA JUVENTUDE. — Encyclopedia em que se reúnem os conhecimentos que todas as pessoas cultas necessitam possuir, offerecendo-os em forma adequada para o proveito e entretenimento dos meninos. Com introdução por Clovis Bevilacqua. Rio de Janeiro, Nova York, W. M. Jackson, Inc. editores, s. d. 18 vols. 5904 p. illustr.

Varias referencias, citações e retrato .

VALLE CABRAL, Alfredo do, — Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822 por Alfredo do Valle Cabral. Rio de Janeiro, na Typographia Nacional, MDCCCLXXXI. in 4.º.

Pag. 41-43.

VARNHAGEN, F. A., — Carta ao Sr. Dr. L. F. da Veiga acerca do autor das "Cartas Chilenas" escripta por F. A. Varnhagen. S. l. s. of. s. d. in-8.º peq. XVI p.

Declara Varnhagen ser Claudio Manoel da Costa o autor das "Cartas Chilenas."

VARNHAGEN, Francisco Adolpho de, — Florilegio da Poesia brasileira, ou collecção das mais notaveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biographias de muitos delles, tudo precedido de um ensaio historico sobre as lettras no Brazil. Lisboa, na Imprensa Nacional — Madrid. Imprensa da V. de D. R. J. Dominguez, 1850-1853. 3 vols. in-12. LVI-720; IV-288p.

Vol. I. Pag. XL-XLI.

Vol. II. Pag. 407-439.

VEIGA, Bernardo Saturnino da, — Encyclopedia popular (Leituras uteis) Noções, excerptos e notas referentes aos mais interessantes conhecimentos humanos; noticias relativas ás cousas e instituições do Brazil; apontamentos historicos, geographicos, estatisticos, biographicos, industriaes, litterarios, etc., etc. Editor Bernardo Saturnino da Veiga. Campanha, Typographia do "Monitor Sul-Mineiro" de Bernardo Saturnino da Veiga, 1879. in-4.º em 2 col.

A pag. 622, sob o titulo: "Notas biographicas".

VELHO DA SILVA, José Maria, — Homens e factos da Historia patria. Estudos biographicos segundo a ordem estabelecida no programma das escolas primarias pelo Dr. José Maria Velho da Silva. Segunda edição. (Bibliotheca

da Livraria do Povo). Rio de Janeiro, Livraria do Povo. — Quaresma & C. s. d. In-8.º. 204 p.

Pag. 157-161, resumo bio-bibliographico: "...Esta collecçãosinha lyrica é um dos livros em portuguez que maior numero de edições conta; o complexo das lyras é dividido em tres partes; as duas primeiras são com certeza o producto genuino da inspiração e do sentimento do nosso mavioso e infeliz Dirceu; quanto porém á terceira, sua legitimidade tem andado em letigio entre investigadores mais ou menos autorisados".

"A **Marilia de Dirceu** tem merecido ser traduzida para diversas linguas, como a franceza por E. Manglave (sic) e P. Chalas, para a italiana por G. Vegezzi Ruscalla, para a allemã por Uhland e dizem que, tambem para a hespanhola e a ingleza."

"Finalmente o Sr. Dr. Castro Lopes, estudioso philologo e profundo latinista, dando á estampa em 1887, o seu precioso livro, que tem por titulo: **Musa Latina**, fez criteriosa selecção entre as lyras do malfadado poeta e trasladou essas lyras escolhidas, á versos latinos, que têm toda a pureza classica de Horacio e toda a musica harmoniosa de Ovidio".

VERISSIMO, José, — Estudos brasileiros (1877-1885) Pará, Editores Tavares Cardoso & C.ª, Livraria Universal, 1889. in-8.º. XXIV-224 p.

Pag. 25 ...: "III. — O Lyrismo brasileiro..."

Pag. 27: "...A **Marilia de Dirceu**, a mais notavel producção do nosso lyrismo, é eminentemente subjectiva, completamente individual, como são as composições de Claudio Manoel da Costa, Alvarenga, e de todos os vates da Arcadia brasileira."

VERISSIMO, José, — Estudos de Literatura brasileira. (Segunda serie)... Rio de Janeiro, H. Garnier, 1901. in-18. 298 p.

Pag. 211-223: "VIII. — Gonzaga... A sua vida, onde ha talvez um interesse romantico, apesar dos meritorios trabalhos do Conego Januario da Cunha Barbosa, de Varnhagen, de Pereira da Silva e, sobre todos, de Joaquim Norberto, tem ainda pontos escuros e hiatos. A sua obra corre impressa em edições que não satisfazem por fórmula alguma as exigencias da critica. A melhor é ainda a de Garnier, dirigida por Norberto Silva; essa mesma não póde contentar o leitor cuidadoso de ler uma versão, escoimada de vícios, do grande

poeta do amor que foi Gonzaga. Não só a disposição das lyras que constituem o livro de **Marilia de Dirce** é discutivel, e o editor lisamente o confessa, mas toda uma parte delle, a terceira é quasi certo que seja apocrypha...

Referindo-se ás edições de "Marilia de Dirce" —: "A primeira não a conhecia Norberto; não lhe indica a data e dil-a do impressor Bulhões, quando de facto é da Typographia Nunesiana, de Lisboa. O mesmo Innocencio não a conheceu; Varnhagen a veria, sem tel-a talvez estudado attentamente e chama-lhe, sem dizer porque, e sem fundamento talvez, segunda."

"Pertence ao mallogrado e ainda não substituido Valle Cabral (veja **Revista Brasileira**, direcção Midpsi, tomo I, pags. 410 e seg.) a indicação exacta dessa primeira edição, de 1792, isto é, conforme nota Cabral, do mesmo anno da condemnação do poeta ao degredo. Como elle só partiu daqui para a Africa a 22 de Maio e só chegaria ali por meados do anno, deve-se crer que desde o carcere enviou a Lisboa o seu manuscrito. Dez annos depois saía da mesma imprensa a segunda edição, com a segunda parte. No mesmo anno 1802, saíu ainda da Typographia Nunesiana uma terceira edição da primeira parte. Naquella primeira edição, segundo Valle Cabral, eram as lyras 33; são na ultima edição do Sr. Norberto Silva, 37; na segunda edição (primeira da segunda parte) tinha esta parte 37 lyras; tem na de Norberto, 38. Só este confronto está indicando interpolações posteriores ás edições feitas ainda em vida do autor... Com a primeira edição brasileira, da Imprensa Regia, e de 1810, sinão com alguma anterior portugueza, appareceu a terceira parte, que, nada obstante a sua duvidosa authenticidade, compõe desde então a encantadora **Marilia de Dirce**."

"Este livro foi um dos mais populares da nossa lingua. "Excepção feita de Camões, assegura o sciente autor do **Diccionario bibliographico portuguez**, Innocencio da Silva, nenhum outro portuguez alcançou no presente seculo as honras de tamanha popularidade." Teve no Brazil, neste seculo, dez ou doze edições..."

Continúa o estudo critico literario e faz algumas citações.

VERISSIMO, José. — Historia da Literatura brasileira. — De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves & Cia. Paris, Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1916. in-8.º. VIII-436 p.

Pag. 136-138.

Pag. 137: "A primeira edição de suas *liras*, sob o título que se devia tornar famoso de **Marília de Dirceo**, appareceu em Lisboa, em 1792, no mesmo ano da sua condenação e desterro. E desde então se tem feito delas, aumentadas de duas partes, cuja autenticidade é questionavel, trinta e quatro edições. (1) Nenhum outro poema da nossa lingua, com a só excepção dos **Lusiadas**, teve tão grande numero de edições."

"(1) — Na que dirige e publicou (Rio de Janeiro, 1910) a casa Garnier, contei até 33. Vi depois com o nosso distinto poeta e grande cultor das boas letras portuguezas, o Sr. Alberto de Oliveira, uma outra edição que tem escapado a todos os bibliografos e traz este titulo: **Marília de Dirceo**, por T. A. G. Primeira parte, Lisboa. Na officina de Antonio Rodrigues Galhardo, impressor dos Conselhos da Guerra e do Almirantado. Ano MDCCCIII. Com licença da Meza do Desembargo do Paço, 118 pag."

VIEIRA, Damasceno, — *Memorias historicas brasileiras (1500-1837)* por Damasceno Vieira. Bahia, Officinas dos Dois Mundos, 1903. 2 vols. in-4.º. LVI-526; 412 p.

Vol. I. Pag. 386-390, notas.

"Muitas **Lyras** mereceram traducção em varias linguas: em francez, de Monglave; em italiano, de Ruscala, e em allemão, de Iffland."

WERNECK, Eugenio, — *Anthologia brasileira*. Collectanea de excerptos em prosa e verso de escriptores brasileiros, precedidos de noticias bio-bibliographicas dos autores... Segunda edição. Petropolis, Emygdio Silva, s. d. in-8.º. 564 p.

Pag. 384-387: Nota biographica e as *lyras* XXVIII da 1.ª parte, e XXXVI da 2.ª.

WOLF, Ferdinand, — *Le Brésil Littéraire*. Histoire de la littérature brésilienne suivie d'un choix de moceaux tirés des meilleurs auteurs brésiliens par Ferdinand Wolf... Berlin, A. Asher & Co. 1863. 2 partes. in-8.º. XVI-242-334 p.

1.ª parte, pag 66-70

2.ª parte, pag 62-77 — 9 *lyras* de Gonzaga.

XAVIER DA VEIGA, José Pedro, — *Ephemerides Mineiras (1664-1897)* colligidas, coordenadas e redigidas por

José Pedro Xavier da Veiga. Ouro Preto, Imprensa Official do Estado de Minas, 1897. 4 vols. in-8.º. LXXXVI-418... 454 p.

Vol III. pag. 310-319.

Do mesmo: "Cartas Chilenas, estudo bibliographico" publicado na "Revista do Archivo Publico Mineiro", fasc. 2.º do anno II, 1897.

INDICE

INDICE

Historia de la Fvndacion del collegio de la capitania de Pernanbuco	5
Antonio Rodrigues, soldado, viajante e jesuita portu- guez na America do Sul, no seculo XVI.	55
Livro das Denunciações que se fizerão na Visitação do Santo Officio á Cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos do Estado do Brasil, no anno de 1618	75
Actas da Camara de Villa Rica. (1711-1715)	199
Informação sobre alguns periodicos da Bibliotheca Na- cional	393
Gonzagueana da Bibliotheca Nacional	417